MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MARIA DE ÁGREDA

TOMO
SEGUNDO
MARIA NO MISTÉRIO DE CRISTO
(na vida oculta de Jesus)

118. Encontrava-se Maria santíssima, na hora em que chegou o anjo São Gabriel, puríssima na alma, perfeitíssima no corpo, nobilíssima nos pensamentos, sublime na santidade, cheia de graça, toda divinizada e agradável aos olhos de Deus. Deste modo pôde ser digna Mãe sua e eficaz instrumento para atraí-lo do seio do Pai ao seu virginal ventre.

Ela foi o poderoso veículo de nossa redenção, que lhe ficamos devendo por muitos títulos. Merece, portanto, que todos os povos e gerações (Lc. 1, 48) a bendigam e eternamente a louvem.

Mística Cidade de Deus - 2° Tomo - Cap. 10

Pedidos ao:
Mosteiro Portaceli
Caixa Postal, 595
84001-970 - Ponta Grossa - Paraná

Impressão e Acabamento:

Gráfica Lagoa Dourada

Av. Monteiro Lobato, 1265 - Jardim Carvalho

e-mail: graficalagoa@uol.com.br - Fone/Fax: (42) 3223-8259

Ponta Grossa - Paraná

Registro: 284.420 Livro: 514 Folha: 80 da Fundação BIBLIOTECA NACIONAL/RJ
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UEPG/Pr.

Ágreda, Soror Maria de
A277 Mística cidade de Deus (Obra clássica do séc.XVII) : 1655-1660./Soror Maria de Ágreda; tradução de Irmã Edwiges Caleffi. 2.ed. Ponta Grossa, Mosteiro Portaceli, 2000.
4v. il.

Conteúdo : v. 1. Maria no Mistério da Criação. v. 2. Maria no Mistério de Cristo. v.3. Maria no Mistério da Redenção. v.4 Maria no Mistério da Igreja

1- Religião. 2- Maria - mãe de Jesus. 3- Maria - Mistérios.

CDD : 232.91

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

SOROR MARIA DE ÁGREDA

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

(Obra clássica do séc. XVII)
1655 - 1660

VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS

SEGUNDO TOMO
4ª Edição

Maria no Mistério de Cristo
(na vida oculta de Jesus)

Edição brasileira em 4 Tomos

Tradução de Irmã Edwiges Caleffi
da Ordem da Imaculada Conceição

Mosteiro Portaceli
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
Ano 2011

MISTICA

Ciudad de Dios. Milagro
de su Ommpotencia y abis-
mo de la gracia

HISTORIA DIVINA,

y Vida de la Virgen Madre
de Dios, Reyna, y Señora
nuestra MARIA Santissima
Restauradora, de la culpa de
Eua, y medianera de la gracia

Dictada, y manifestada en estos vltimos Si-
glos por la misma Señora a su esclaua Sor
MARIA de IESVS Abadesa indigna de
este Conuento de la Immaculada Con-
cepcion de la Villa de Agreda, para nueua luz
del Mundo alegria de la Yglesia Catolica y confian-
za de los mortales

Primera Parte

Primeira página do manuscrito original, até hoje conservado
no Mosteiro Concepcionista de Ágreda — Espanha.

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MILAGRE DE SUA ONIPOTÊNCIA E ABISMO DA GRAÇA.

HISTÓRIA DIVINA E VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS, RAINHA E SENHORA NOSSA **MARIA SANTÍSSIMA** RESTAURADORA DA CULPA DE EVA E MEDIANEIRA DA GRAÇA.

Ditada e manifestada nestes últimos séculos pela mesma Senhora à sua escrava **Soror Maria de Jesus,** humilde Abadessa deste Convento da Imaculada Conceição da Vila de Ágreda, para nova luz do mundo, alegria da Igreja Católica e confiança dos mortais.

Ilustrações pelas Irmãs Servas do Espirito Santo.
Extraídas da edição alemã, 1954

Capa: "Nossa Senhora da Confiança"
Escultura de F. Maria Bernard

Imprimatur.
13.05.94
+ Murilo Sr. Krieger, scj
Bispo de Ponta Grossa

Agradecimentos da Tradutora:

- às minhas cô-irmãs que colaboraram na impressão deste 2° Tomo, com sua fraterna e dedicada laboriosidade.

- aos estimados amigos Paulo Schiniegoski e sua irmã Beatriz que transcreveram os originais em computador e forneceram o disquete.

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli

INTRODUÇÃO

À SEGUNDA PARTE DA DIVINA HISTÓRIA E VIDA SANTÍSSIMA DE MARIA, MÃE DE DEUS.

A Escritora consulta a vontade de Deus para continuar a composição da obra.

1. Terminada a primeira parte da Vida santíssima de Maria Mãe de Deus, ofereci ao Senhor o pequeno serviço de a ter escrito; para que a corrigisse com a divina luz, mediante a qual a havia composto, apesar de minha ignorância; e se me ordenava continuar ou suspender obra tão superior à minha capacidade. A esta proposição, respondeu-me o Senhor: Escreveste bem e nos agradamos com isso. Quero, porém, entendas que para manifestar os altíssimos mistérios encerrados no restante da vida de nossa única e dileta Esposa, Mãe de nosso Unigênito, necessitas de nova e maior disposição. Queremos que morras a tudo quanto é imperfeito e visível, e vivas segundo o espírito; que todas as tuas operações e costumes não sejam de criatura terrena mas sim de anjo, com maior pureza e semelhança com o que irás entender e escrever.

Temores da Escritora

2. Por esta resposta do Altíssimo compreendi que me era exigido tão novo modo de praticar as virtudes, e tão alta perfeição de vida e costumes que, desconfiando de mim mesma, fiquei perturbada e temerosa de empreender negócio tão árduo e difícil para uma criatura terrena. Senti grandes combates entre a carne e o espírito. Este me chamava com interior energia, impelindo-me a procurar a grande disposição que me era pedida, apresentando-me os motivos do maior agrado do Senhor e meu interesse. A lei do pecado que sentia em meus membros ***(Gal 5, 17; Rom 7, 23)****, pelo contrário, me contradizia e se opunha à divina luz, criando-me desconfiança e temores de minha inconstância. Este conflito era forte rêmora que me detinha e covardia que me aterrava. Tal perturbação me fazia mais crível que eu não era idônea para tratar de coisas tão elevadas, ainda mais sendo elas tão alheias à condição e ofício de mulheres.*

Resolve não continuar a obra

3. Vencida pelo temor e dificuldade, determinei não prosseguir esta obra, e usar de todos os meios possíveis para conseguí-lo. Percebeu o comum inimigo meu temor

e covardia, e como sua péssima crueldade se enfurece mais contra os fracos e desprotegidos, aproveitando a ocasião, assaltou-me com incrível sanha, parecendo-lhe que me achava desamparada de quem me podia livrar de suas mãos. Para disfarçar sua malícia procurava transformar-se em anjo de luz, fingindo-se muito zeloso de minha alma e acerto. Sob este falso pretexto, lançava-me porfiadamente contínuas sugestões e pensamentos. Ponderava-me o perigo de minha condenação, ameaçava-me com castigos semelhantes ao do primeiro anjo ***(Is 14, 10)****, pois representava-me que eu desejara soberbamente compreender, contra a vontade de Deus, o que estava acima de minhas forças.*

Oposição do demônio

4*. Propunha-me o exemplo de muitas almas que, professando virtude, tinham sido enganadas por alguma oculta presunção, consentindo nos enganos da serpente. Do mesmo modo, esquadrinhar eu os segredos da Majestade divina* ***(Prov 25, 27)*** *só podia resultar de presumida soberba na qual estava metida. Encareceu-me que os tempos presentes eram muito impróprios para estes assuntos. Confirmava-o com sucessos de pessoas conhecidas que foram encontradas em engano; com o terror que outras cobraram para empreender a vida espiritual; com o descrédito que ocasionaria qualquer coisa desedificante em mim e a má impressão que teriam os de pouca piedade. Tudo isto eu haveria de experimentar para meu dano, se prosseguisse escrevendo sobre tais matérias. Isto prova que a oposição à vida espiritual e a depreciação do mundo pelos carismas místicos, vem a ser obra deste mortal inimigo. Para extinguir a devoção e piedade cristã em muitos, procura enganar alguns e semeia sua cizânia entre a pura semente do Senhor* ***(Mat 13, 25)****, para escurecê-la, deformar-lhe o verdadeiro sentido e tornar mais difícil o discernimento entre as trevas e a luz. Desta dificuldade não me admiro, pois é ofício de Deus e de quem participa da verdadeira sabedoria e não se governa apenas pela sabedoria terrena.*

O perfeito discernimento dos espíritos é raro.

5*. Não é fácil na vida mortal discernir entre a verdadeira e a falsa prudência, e às vezes até a boa intenção e o zelo levam o julgamento humano a se enganar, se lhe falta o acordo e luz do alto. Tive ocasião para conhecer isso no que vou dizendo.*

Certas pessoas conhecidas e devotas; algumas que por sua piedade me estimavam desejando meu bem; outras com desprezo e menos afeto; procuraram, ao mesmo tempo, afastar-me desta ocupação e até do caminho que trilhava, como se fora escolhido por mim. Não me perturbou pouco o inimigo por meio destas pessoas, porque o medo de algum descrédito que podia produzir aos que comigo praticavam a piedade, à minha Ordem religiosa, aos parentes, e em particular ao convento onde vivo, davalhes cuidado e a mim aflição. Inclinava-me muito à segurança que, me parecia, havia de gozar seguindo o caminho ordinário das demais religiosas. Confesso que isto se ajustava mais à minha vontade, natural inclinação e desejo, e mais ainda à minha timidez e grandes temores.

Perplexidade da Escritora

6*. Flutuando meu coração entre estas impetuosas ondas, procurei alcançar o porto da obediência, que podia me oferecer segurança no mar amargo de minha confusão. Mas, para que minha tribulação fosse maior, aconteceu nessa ocasião estarem tratando na Ordem de investir de cargos superiores a meu prelado e pai espiritual. Há*

muitos anos que ele dirigia meu espírito, conhecia meu interior e suas dificuldades, e me ordenara que escrevesse tudo que fora combinado, prometendo-me, mediante sua direção, acerto, paz e conforto. Não se realizou o que pretendiam, mas ficando nessa ocasião ausente por muitos dias, de tudo se valia o grande dragão ***(Apoc 12, 15)*** *para derramar contra mim o furioso rio de suas tentações. Deste modo, nesta ocasião como em outras, trabalhou com malícia extrema, embora inutilmente, para me desviar da obediência e instrução de meu superior e mestre.*

Vexações diabólicas espirituais e corporais

7. A todas às contradições e tentações que digo e outras muitas que não posso referir, acrescentou o demônio tirar-me a saúde do corpo, causando-me muitos achaques, indisposição e descontrolando-me toda. Instilou-me invencível tristeza, perturbou-me a cabeça, e parece que desejava obscurecer o entendimento, impedir a reflexão, debilitar a vontade e trasfegar-me completamente na alma e no corpo. Isto aconteceu porque, no meio desta confusão, cometi algumas faltas e culpas, para mim muito graves, ainda que foram menos de malícia que de fragilidade humana. Valeu-se delas a serpente para destruir-me, mais do qualquer outro meio. Tendo-me cerceado a atividade das boas operações para me fazer cair, depois libertou-me e empregou seu furor para que com maior ponderação eu conhecesse as faltas que cometera. Nisto ajudou-me ainda com ímpias e mui subtis sugestões, querendo me persuadir que tudo quanto havia acontecido comigo no caminho espiritual que percorro, era falso e mentiroso.

Tentações com falsa aparência de virtude

8. Como esta tentação vinha com tão aparente cor de virtude, resistia-lhe menos do que às outras, em conseqüência tanto das faltas que cometera como de meus contínuos temores e sobressaltos. Não desfalecer inteiramente na esperança do socorro foi singular misericórdia do Senhor. Apesar disso, encontrei-me tão submergida na confusão e trevas que, posso dizer, cercaram-me os gemidos da morte, envolveram-me as dores do inferno ***(Sl 17, 5, 6)*** *levando-me à beira do abismo. Resolvi queimar os manuscritos da primeira parte desta divina história, e não prosseguir a segunda.*

A esta resolução, inspirada por satanás, ele acrescentou também a sugestão de me afastar de tudo: que não cuidasse mais de caminho e vida espiritual, não cogitasse mais de vida interior nem a tratasse com ninguém; deste modo poderia fazer penitência de meus pecados, aplacando o Senhor irritado comigo.

Para garantir mais sua dissimulada iniquidade, propos-me fazer voto de não escrever e assim me livrar do perigo de ser enganada e enganar; que corrigisse minha vida, evitasse imperfeições e abraçasse a penitência.

Intuitos diabólicos

9. Com esta máscara de aparente virtude, pretendia o dragão acreditar seus condenáveis conselhos e cobrir-se de pele de ovelha, sendo sangrento e carniceiro lobo. Continuou algum tempo neste combate, e estive particularmente quinze dias em tenebrosa noite, sem sossego nem consolo divino ou humano. Sem este, porque me faltava o conselho e alívio da obediência; sem aquele, porque o Senhor havia suspendido o influxo de seus favores, as inteligências e contínua luz interior.

Além de tudo, oprimia-me a falta de saúde, e com ela a persuasão de que se me aproximava a morte e o perigo de minha condenação. Tudo isto tramava e representava o inimigo.

Os efeitos da ação diabólica traem sua procedência

10. *Como, porém, seus sabores são tão amargos e todos acabam em desesperação, a própria turbação que alterava todo o conjunto de minhas faculdades e hábitos adquiridos, me inclinou a não fazer coisa alguma das que me propunha. Valia-me continuamente do temor que me mantinha crucificada sobre se ofenderia a Deus e perderia sua amizade, por me aplicar, sendo tão ignorante, às coisas divinas das quais me devia recear.*

Este mesmo temor me fazia duvidar de quanto o astuto dragão me sugeria e, duvidando, não lhe dava consentimento. Ajudava-me também o respeito à obediência, que me havia mandado escrever, e resistir e anatematizar quanto de contrário a isso sentisse em minhas sugestões e persuasões.

Acima de tudo, era a oculta proteção do Altíssimo que me defendia, e não queria entregar às feras a alma que no meio de tais tribulações (ao menos com gemidos e suspiros) a Ele recorria.

Não tenho palavras para encarecer as tentações, combates, desconsolos, despeitos e aflições que nesta batalha padeci. Vi-me em tal estado que, a meu juízo, entre ele e o dos condenados, interiormente, não havia outra diferença senão de que no inferno não há redenção, e no outro podia haver.

A Escritora recorre a Deus e é ouvida

11. *Num desses dias, para respirar um pouco, clamei do fundo de meu coração dizendo: Ai de mim, que em tal estado cheguei, e ai da alma que nele se encontrar! Onde irei, se todos os portos de minha salvação estão fechados? Logo me respondeu uma voz forte e suave, em meu interior: Onde queres ir fora de Deus? Senti, nesta resposta, que meu socorro estava preparado no Senhor. Com o alento desta luz comecei a me levantar daquele confuso abatimento em que me via oprimida, sentindo uma força que me afervorava nos desejos e em atos de fé, esperança e caridade. Humilhei-me na presença do Altíssimo e, com firme confiança em sua infinita bondade, chorei minhas culpas com amarga contrição. Confessei-me delas muitas vezes, e com suspiros do íntimo de minha alma, fui em busca de minha antiga luz e verdade. Como a divina Sabedoria se antecipa a quem a chama* ***(Sab 6, 17)****, saiu-me ao encontro com alegre semblante e serenou a noite de minha confusa e dolorosa tormenta.*

Termina a luta espiritual

12. *Amanheceu-me o claro dia que eu desejava, e voltei à posse de minha tranqüilidade, gozando a doçura do amor e presença de meu Senhor. Nela conheci as razões que tinha para crer, aceitar e reverenciar os benefícios e favores que seu poderoso braço em mim operava. Agradeci-lhos quanto pude; compreendi quem sou eu, quem é Deus e o que pode a criatura sozinha sendo nada, porque nada é o pecado. Por outro lado vi quanto pode, se elevada e sustentada pela divina destra que, sem dúvida, é muito mais do que imagina nossa capacidade terrena.*

Vencida pelo conhecimento destas verdades, na presença da luz inacessível (grande, forte, sem engano nem dolo), desfazia-se meu coração nessa inteligência, em doces afetos de amor, louvor e agradecimento. Fora ela que me guardara e defendera para que minha luz não se extinguisse ***(Prov 31, 18)*** *durante a confusa noite de minhas tentações. Nesta gratidão apegava-me ao pó, humilhando-me até a terra.*

Recebe novas luzes espirituais

13. Para ratificar este benefício recebi, em seguida, uma interior exortação, sem ter clara visão de quem procedia. Repreendia severamente minha deslealdade e mau proceder e, ao mesmo tempo, com amável majestade admoestava-me, esclarecia-me, deixando-me corrigida e instruída. Deu-me novas inteligências sobre o bem e o mal, a virtude e o vício, sobre o certo, útil, bom, e do que lhe é contrário. Mostrou-me o caminho da eternidade, dando-me notícia dos princípios, meios e fins, do apreço da vida eterna e da infeliz miséria e pouco lembrada desdita da eterna perdição.

Esperança e temor

14. No profundo conhecimento destes extremos, emudeci e fiquei quase transtornada pelo temor e desalento de minha fragilidade e o desejo de conseguir o que não merecia, por me achar sem méritos. A piedade e a misericórdia do Altíssimo me animava e o temor de perdê-la me afligia. Via a eterna glória e a eterna pena, os dois fins tão opostos da criatura. Para conseguir um e evitar o outro me pareciam leves todas as penas e tormentos do mundo, do purgatório e até do inferno. Entendia que a criatura dispõe, com toda a certeza e segurança, do favor divino. Não obstante, com a mesma luz compreendia que a morte e a vida estão em nossas mãos ***(Ecli 15, 18)****, que nossa malícia ou fraqueza pode inutilizar a graça, e que a árvore permanecerá* ***(Ecle 11, 3)*** *por toda a eternidade onde cair. Aqui desfalecia de dor, cuja amargura transpassava meu coração e minha alma.*

Decisão absoluta pela virtude

15. Aumentou sumamente esta aflição uma enérgica pergunta que o Senhor me dirigiu. Achava-me tão aniquilada no conhecimento de minha fraqueza e perigo, e pelo quanto ofendera sua justiça, que não me atrevia a levantar os olhos em sua presença. Naquele aniquilamento, dirigi meus gemidos à sua misericórdia. Respondeu-me dizendo: Que queres, alma? Que procuras? Qual destes caminhos escolhes? Qual tua resolução?

Estas perguntas foram uma flecha para meu coração, e apesar de saber com certeza que o Senhor conhecia meu desejo melhor do que eu mesma, a pausa entre a pergunta e a resposta era de incrível dor. Teria preferido que, se possível, o Senhor se antecipasse e não se mostrasse ignorante do que eu haveria de responder.

Impelida, porém, por uma grande força, clamei interiormente e disse: Senhor e Deus todo poderoso, escolho e desejo a senda da virtude, o caminho da eternidade na vida, por onde me guiais. Se não mereço de vossa justiça, apelo à vossa misericórdia, e apresento em meu favor os infinitos merecimentos de vosso Filho santíssimo e meu redentor Jesus Cristo.

Deus aceita a escolha e apresenta condições

16. Compreendi então que este sumo Juiz lembrou-se da palavra dada à sua Igreja, de conceder quanto se lhe pedisse em nome de seu Unigênito ***(Jo 16, 23)****. Segundo meu pobre desejo, n' Ele e por Ele era concedida minha petição, sob certas condições declaradas por uma voz intelectual, que me disse interiormente: Alma, criada pela mão do onipotente Deus, se pretendes ser escolhida para seguir o caminho da verdadeira luz, e chegar a ser caríssima esposa do Senhor que te chamou, convém que guardes as leis e preceitos do amor que de ti Ele quer.*

O primeiro será negar efetivamente a ti mesma e a todas tuas inclinações terrenas, renunciando a todo e qualquer amor do que é transitório; não deves amar nem aceitar amor de nenhuma criatura, por mais útil, formosa e agradável que te pareça. De nenhuma conservarás lembrança ou afeição, nem tua vontade deverá repousar em coisa criada, mais do que for ordenado por teu Senhor e Esposo, para a prática da caridade bem ordenada, ou enquanto te possam ajudar a amar somente a Ele.

Completa renúncia

17. Quando estiveres cumprido perfeitamente esta negação e renúncia, e ficares livre e só, afastada de todo o terrestre, deseja o Senhor que, com asas de pomba, eleves velozmente o vôo a um alto estado, no qual sua dignação quer colocar teu espírito, para que ali permaneças e tenhas morada. Este grande Senhor é esposo zelosíssimo ***(Ex 20, 5)*** *e seu amor e ciúmes, fortes como a morte* ***(Cant 13, 6)****. Deste modo te quer guardar em lugar seguro para dele não saires, e te afastar de onde não te convém estar, para gozares de seus carinhos. Quer também determinar pessoalmente com quem podes te comunicar sem receios, e esta lei justíssima deve ser observada pelas Esposas de tão grande Rei, pois até as do mundo (para serem fiéis) a seguem.*

A nobreza de teu Esposo exige que te mantenhas à altura da dignidade e título que d' Ele recebes, sem atenderes a coisa alguma que seja indigna de teu estado, e te torne incapaz do adorno que Ele te dará para entrares em seu tálamo.

Segunda condição

18. *Em segundo lugar quer que, diligentemente, te despojes da vileza dos andrajos de tuas culpas e imperfeições, imundos pelos efeitos do pecado, e repugnantes pelas inclinações da natureza. Quer lavar tuas manchas, purificar-te e reformar-te com sua formosura. Não obstante, nunca deverás perder de vista as vis e pobres vestes de que te despojam, para que a lembrança desse benefício faça o nardo* ***(Cant 1, 11)*** *da humildade desprender suave perfume para este grande Rei. Jamais esqueças da obrigação que deves ao Autor de tua salvação que, com o precioso bálsamo de seu sangue, quis purificar-te, curar tuas chagas e copiosamente iluminar-te.*

Terceira condição. O traje da perfeição espiritual.

19. *Depois de tudo isto (acrescentou aquela voz), esquecida de todo o terrestre, para que o sumo Rei cobice tua formosura* ***(Sl 44, 11)****, quer que te adornes com as jóias que se agradou te preparar: a veste, que te cobrirá inteiramente, será mais branca do que a neve, mais refulgente que o diamante, mais resplandecente que o sol, mas tão delicada que, se te descuidares, facilmente a mancharás. Se isto acontecer, desgostarás a teu Esposo, mas se a conservares na pureza que Ele deseja, teus passos serão formosíssimos* ***(Cant 7, 1)*** *como os da filha do Príncipe, e Sua Majestade se agradará de teus afetos e ações. Por cinto deste vestido, comunica-te o conhecimento de seu poder divino e o santo temor a fim de que, cingidas tuas inclinações, te ajustares ao seu agrado. As jóias e colar que adornarão o colo de tua humilde submissão, serão as pedras da fé, esperança e caridade. Aos altos e eminentes cabelos de teus pensamentos e divinas inteligências, servirá de diadema a sabedoria e ciência infusa que te comunica, e toda a beleza e riqueza das virtudes será o realce que adornará teu traje. Por sandálias te servirá a solícita diligência em fazer o mais perfeito, e os laços deste calçado serão a atenção e vigilância que te guardarão do mal. Os anéis que tornarão belas tuas mãos, serão os sete dons do divino Espírito. O resplendor de teu rosto será*

a participação da divindade que pelo santo amor te iluminará. De tua parte acrescentarás o rubor da confusão por tê-lo ofendido, e sirva-te de brio, para não voltar a ofendê-lo, a comparação entre o grosseiro e desprezível traje que deixaste, com este formoso que recebes.

O dote da esposa

20. *Já que pelo teu próprio haver és miserável e pobrezinha para tão alto desposório, quer o Altíssimo tornar mais firme este contrato, dando-te por dote os infinitos merecimentos de teu esposo Jesus Cristo, como se existissem para ti só. Faz-te participante de sua riqueza e tesouros que contém tudo quanto encerram os céus e a terra. Tudo é propriedade deste supremo Senhor* ***(Est 13, 11)*** *e de tudo serás senhora, como esposa, de tudo usando para Ele mesmo, e para mais amá-lo. No entanto lembra-te, alma, que para conseguir tão raro benefício, teu Senhor e Esposo quer que te recolhas toda dentro de ti mesma, sem jamais deixares teu interior, porquanto - aviso-te do perigo - mancharás esta formosura com qualquer pequena imperfeição. Se por fraqueza a cometeres, levanta-te logo com energia, e chora arrependendo-te de tua pequena culpa como se fora a mais grave.*

O mundo da vivência espiritual

21. *Para que também tenhas habitação conveniente a tal estado, não quer teu Esposo restringir tua morada. Apraz-lhe, pelo contrário, entregar para habitares os intermináveis espaços de sua divindade, e aí espaireceres nos imensos campos de seus atributos e perfeições. Neles a vista se estende sem encontrar horizonte, a vontade se deleita sem preocupação e o gosto se sacia sem amargura. Este é o sempre ameno paraíso onde se recreiam as esposas caríssimas de Cristo, onde colhem as flores e a mirra fragrantes e onde se encontra o todo infinito, por se haver renunciado ao imperfeito nada. Aqui habitarás com segurança. Tua convivência e conversação será com os anjos, tendo-os por amigos e companheiros, e de sua frequente conversação e trato copiarás e imitarás suas virtudes.*

Tais graças são recebidas pela intercessão de Maria Ssma.

22. *Adverte, alma, (continuou a voz) na grandeza deste benefício. A Mãe de teu Esposo e Rainha dos céus te adota novamente por sua filha, te recebe por discípula e se constitui tua Mãe e Mestra. Por sua intercessão recebes tão singulares favores, os quais te são concedidos para escreveres sua santíssima Vida. Por este motivo recebes o perdão que não merecias, e te é concedido o que, se não fora essa missão, não receberias.*

Que seria de ti se não fora a Mãe de piedade? Já terias perecido se sua intercessão te faltasse. E se, pela divina condescendência, não tivesses sido escolhida para escrever esta História, pobres e inúteis seriam tuas obras.

No entanto, tendo em vista este fim, o eterno Pai te escolhe por sua filha e esposa de seu Filho unigênito, o Filho te recebe para participares de seus estreitos amplexos, e o Espírito Santo para gozares de suas iluminações.

A escritura deste contrato e desposório, escrita pelo dedo do Altíssimo, será impressa no alvo papel da pureza de Maria santíssima, com a tinta do sangue do Cordeiro. O executor é o Pai eterno, o vínculo que te unirá com Cristo é o divino Espírito, e o fiador serão os méritos do mesmo Jesus Cristo e sua Mãe, pois tu és um vil bichinho, nada tens para oferecer, e só te é pedida a vontade.

A escritora recebe nova ordem para escrever

23. Até aqui chegou a voz e admoestação que me foi dada. Julgava ser de um anjo, mas não sabia ao certo, porque não o via como noutras vezes. O revelarem-se ou encobrirem-se estes favores, depende da disposição da alma que os recebe, como sucedeu aos discípulos de Emaús ***(Luc 24, 16)****.*

Outros muitos sucessos se me ofereceram para vencer a oposição da serpente na composição desta divina História; referi-las agora seria alongar muito. Continuei alguns dias em oração pedindo ao Senhor me dirigisse e ensinasse para não errar, expondo-lhe minha insuficiência e retraimento.

Mandou-me o Senhor que ordenasse minha vida com toda pureza e grande perfeição e continuasse o que começara. A Rainha dos anjos, principalmente, intimou-me sua vontade muitas vezes com grande doçura e carinho, mandando-me que, como filha, lhe obedecesse em escrever sua vida santíssima como havia começado.

Recorre à obediência

24. A tudo isto, quis ajuntar a segurança da obediência e, sem manifestar o que entendia do Senhor e de sua Mãe santíssima, perguntei ao prelado e confessor o que me ordenava fazer nesta matéria. Respondeu mandando-me, por obediência, que escrevesse continuando a segunda parte.

Vendo-me obrigada pelo Senhor e pela obediência, voltei à presença do Altíssimo na oração. Despindo-me de qualquer vontade própria, no conhecimento de minha pequenez e perigo de errar, prostrada ante o divino tribunal, disse à sua Majestade: Senhor meu, Senhor meu, o que quereis fazer de mim?

A esta proposição tive a inteligência do que segue:

Maria intercede por sua serva

25. Pareceu-me que a divina luz da beatíssima Trindade me revelava pobre e cheia de defeitos e, repreendendo-me por eles, com severidade me admoestava, dando-me altíssima doutrina e salutares instruções para a perfeição da vida. Para isto fui purificada e iluminada novamente.

Conheci que a Mãe da graça, Maria santíssima , estando presente ao trono da divindade, intercedia por mim. Com aquele amparo animei minha confiança e valendo-me da clemência de tal Mãe, voltei-me para Ela e disse só estas palavras: Minha Senhora e meu refúgio, socorrei, como verdadeira Mãe, a pobreza de vossa escrava.

Pareceu-me que ouvia a minha súplica, e que falando com o Altíssimo lhe dizia: Senhor meu a esta inútil e pobre criatura quero receber de novo por filha e adotá-la para mim (ação de Rainha liberalíssima e poderosa).

Respondeu-lhe, porém, o Altíssimo: Esposa minha, para tão grande favor como esse, que alega essa alma de sua parte, pois não o merece, sendo bichinho inútil e pobre, ingrata a nossos dons?

A escritora almeja ser escrava de Maria

26. Oh! incomparável poder da divina palavra! Como explicarei os efeitos que me causou esta resposta do Todo-poderoso? Humilhou-me até o meu nada, conheci a miséria da criatura e minhas ingratidões para com Deus, e desfazia-se meu coração entre a dor de minhas culpas e o desejo de conseguir aquela imerecida e grande felicidade de ser filha desta soberana Senhora.

Com temor elevava meus olhos ao trono do Altíssimo e meu rosto se alterava entre a ansiedade e a esperança. Voltava-me à minha intercessora e, desejando me recebesse por escrava, pois não merecia o título de filha, sem palavras falava-lhe no íntimo de minha alma. Entendi que a grande Senhora dizia ao Altíssimo:

Maria pede essa graça

***27**. Divino Rei e Deus meu, é verdade que de sua parte esta pobre criatura nada tem que oferecer à vossa justiça. Mas eu apresento os merecimentos e o sangue que por ela derramou meu Filho santíssimo, e com eles a dignidade de Mãe de vosso Unigênito que recebi de vossa inefável piedade. Acrescento ainda o que fiz em seu serviço, o tê-lo trazido em meu seio, alimentado com meu leite, e acima de tudo vos apresento vossa mesma divindade e bondade. Suplico-vos tenhais por bem que esta criatura seja adotada por minha filha e discípula, e eu responderei por ela . Com meu ensinamento emendará suas faltas e aperfeiçoará suas obras para vosso agrado.*

Deus concede o pedido de sua mãe

***28**. Concedeu o Altíssimo esta petição. Seja eternamente louvado por ter ouvido a grande Rainha, intercedendo pela menor das criaturas! Senti em minha alma grande júbilo, que não é possível explicar. De todo coração me dirigi às criaturas do céu e da terra e, sem poder conter meu alvoroço, convidei-as a louvarem por mim o Autor da graça. Parecia-me que lhes bradava: Ó moradores e cortesãos do céu e todas as criaturas viventes, formadas pela mão do Altíssimo! Vede esta maravilha de sua liberal misericórdia, e por ela bendizei-O e louvai-O eternamente, pois elevou do pó a mais vil do universo, enriqueceu a mais pobre, e honrou a mais indigna, como sumo e poderoso Rei. E vós, filhos de Adão, se vêdes a mais órfã amparada, a mais pecadora perdoada, saí de vossa ignorância, erguei-vos de vosso desalento e animai vossa esperança. Se a mim o poderoso braço favoreceu, chamou e perdoou, todos vós podeis esperar a salvação. Se a quiserdes assegurar buscai, buscai o amparo de Maria santíssima, solicitai sua intercessão e a tereis por Mãe de inefável misericórdia e clemência.*

Agradecimento da Escritora

***29**. Voltei-me para esta poderosíssima Rainha e lhe disse: Eia, Senhora minha, já não me chamarei órfã, pois tenho mãe, e Mãe Rainha de toda a criação. Já não serei ignorante (a não ser por minha culpa), pois tenho mestra da divina sabedoria. Não mais serei pobre, pois tenho senhora que o é de todos os tesouros do céu e da terra. Já tenho mãe que me ampare, mestra que me instrua e corrija, senhora que me governe. Bendita sois entre todas as mulheres, maravilhosa entre as criaturas, admirável no céu e na terra, e todos confessem vossa grandeza com eternos louvores. Não é fácil, nem possível que a menor das criaturas, o mais vil bichinho da terra, vos possa dar retribuição. Recebei-a da divina destra na visão beatífica onde estais em Deus, gozando por toda eternidade. Ficarei reconhecida e obrigada escrava, louvando ao Todo-poderoso enquanto me durar a vida, por sua liberal misericórdia me ter favorecido dando-me a Vós, Rainha minha, por mãe e mestra. Meu afetuoso silêncio vos louve, porque minha língua não tem palavras nem termos adequados para o fazer, sendo todos insuficientes e limitados.*

Recebe graças para sua missão

30. Não é possível explicar o que sente a alma em tais mistérios e benefícios. Este foi de grandes bens para a minha, pois logo se me transmitiu grande perfeição de vida e obras, que me faltam termos para explicar conforme entendi.

Disse-me o Altíssimo que tudo me era concedido por Maria santíssima, a fim de escrever sua Vida. Conheci que, confirmando o Eterno Pai este favor, escolhia-me para manifestar os sacramentos de sua Filha; o Espírito Santo com sua influência e luz, para declarar os ocultos dons de sua Esposa; e o Filho santíssimo me destinava para revelar os mistérios de sua Mãe, a imaculada Maria.

Para me dispor a esta obra, conheci que a beatíssima Trindade iluminava e banhava meu espírito com especial luz da divindade, e que o poder divino me tocava as faculdades como um pincel e as iluminava com novos hábitos para realizar atos perfeitos nesta matéria.

Deverá imitar Nossa Senhora

31. Mandou-me também o Altíssimo que com todo desvelo procurasse imitar, o quanto conseguissem minhas fracas forças, tudo que entendesse e escrevesse sobre as virtudes heróicas e atos santíssimos da divina Rainha, ajustando minha vida a esse modelo.

Reconhecendo-me tão inapta como sou para cumprir esta obrigação, a mesma clementíssima Rainha ofereceu-me novamente seu auxílio e ensino para tudo o que o Altíssimo mandava e me destinava. Pedi a bênção da santíssima Trindade para começar a segunda parte desta divina História e entendi que a recebia de cada uma das três Pessoas.

Saindo desta visão, procurei lavar minha alma com os Sacramentos e a contrição de minhas culpas e, em nome do Senhor e da obediência, pus mãos à obra, para a glória do Altíssimo e de sua Mãe santíssima, a sempre imaculada Virgem Maria.

Resumo da segunda parte da obra

32. Esta segunda parte compreende a vida da Rainha, desde o mistério da Encarnação até a subida de Cristo, Senhor nosso, aos céus, inclusive. Além disso, que é o principal, contém toda a vida e mistérios do mesmo Senhor, com sua paixão e morte santíssima.

Aqui só quero advertir que os benefícios e graças concedidas à Maria santíssima com o fim de prepará-la ao mistério da Encarnação, principiaram desde o instante de sua imaculada conceição, porque então, na mente e decreto de Deus, já era Mãe do eterno Verbo.

Na medida, porém, em que se aproximava o fato da Encarnação, iam crescendo os dons e favores da graça. E, ainda que estes pareçam, desde o princípio, todos de uma mesma espécie e gênero, iam aumentando e crescendo, e eu não tenho termos novos e diferentes, adequados a estes aumentos e novos favores.

Assim, é necessário em toda esta História, remeter-nos ao infinito poder do Senhor que, dando muito, lhe fica infinito que dar. Por sua vez, a capacidade da alma, e muito mais a da Rainha do céu, tem seu gênero de infinidade para receber cada vez mais, como a Ela aconteceu, até chegar ao cúmulo da santidade e participação da divindade, como nenhuma outra criatura chegou, nem chegará jamais. O mesmo Senhor me ilustre para prosseguir esta obra com seu divino beneplácito. Amém.

SEGUNDA PARTE

da divina história da Rainha do céu

MARIA SANTÍSSIMA

Contém os mistérios desde a Encarnação do Verbo Divino em seu virginal seio, até a Ascensão do Senhor ao céu.

TERCEIRO LIVRO

desta divina história e primeiro da segunda parte.

CONTÉM A ALTÍSSIMA DISPOSIÇÃO QUE O TODO-PODEROSO OPEROU EM MARIA SANTÍSSIMA PARA A ENCARNAÇÃO DO VERBO; O QUE SE REFERE A ESTE MISTÉRIO; O EMINENTÍSSIMO ESTADO EM QUE FICOU A FELIZ MÃE; A VISITAÇÃO A SANTA ISABEL E SANTIFICAÇÃO DO BATISTA; A VOLTA À NAZARÉ E UMA GRANDE BATALHA QUE TRAVOU COM LÚCIFER.

CAPÍTULO 1

DURANTE NOVE DIAS PRECEDENTES, COMEÇA O ALTÍSSIMO A DISPOR MARIA SANTÍSSIMA PARA O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO. DECLARA-SE O QUE SUCEDEU NO PRIMEIRO DIA.

Vida oculta de Maria Santíssima

1. Estabeleceu o Altíssimo nossa Rainha e Senhora em meio aos deveres de esposa de São José e da convivência social, para sua ilibada vida ser a todos exemplo de suma santidade. Encontrando-se a divina Senhora neste novo estado, planejou tão altamente e organizou os atos de sua vida com tal sabedoria, que foi admirável emulação para a angélica natureza e magistério nunca visto para a humana. Poucos a conheciam e menor ainda era o número dos que com Ela tratavam; estes, mais felizes, recebiam divinas influências daquele céu vivente. Com admirável júbilo e peregrinos conceitos, queriam publicar altamente a luz que se lhes acendia no coração, sentindo que a recebiam da presença de Maria puríssima. Não ignorava a prudentíssima Rainha estes efeitos da mão do Altíssimo, mas não era tempo de confiá-los ao mundo, nem sua profundíssima humildade o consentia. Continuamente pedia ao Altíssimo a escondesse dos homens, e que todos os favores de sua destra redundassem somente em Seu louvor. Quanto à Ela, permitisse fosse ignorada e desprezada de todos os mortais, para não ficar lesada sua infinita bondade.

Atração por Maria

2. Grande parte destas súplicas de sua Esposa eram atendidas pelo Senhor, dispondo por sua providência que a mesma luz emudecesse aos que se inclinavam a enaltecê-la. Movidos pela virtude divina, recolhiam-se e louvavam o Senhor pelo que interiormente sentiam. Com esta secreta admiração, suspendiam o julgamento e deixando a criatura voltavam-se ao Criador. Muitos, só ao vê-la, abandonavam o pecado, outros melhoravam a vida, e todos se compunham em sua presença, mediante as celestiais influências que suas almas recebiam. Em seguida, logo se esqueciam do original que as produzia, porque, se conservassem sua imagem e lembrança, ninguém conseguiria afastar-se d'Ela, e se Deus não o impedisse, todos a procurariam ansiosamente.

Suas virtudes antes da Encarnação

3. Nas obras que tais frutos produziam e em aumentar os méritos e graças donde tudo procedia, ocupou-se nossa Rainha, esposa de José, durante seis meses e dezessete dias, desde seu desposório até a Encarnação do Verbo. Não me posso deter a referir pormenorizadamente os heróicos atos de suas virtudes interiores e

exteriores: caridade, humildade, religião, esmolas, benefícios e outras obras de misericórdia, porque tudo excede à pena e à capacidade. O melhor modo de as traduzir, é dizer que o Altíssimo encontrou em Maria santíssima a plenitude de seu agrado e desejo, e a inteira correspondência de pura criatura a seu Criador. Vendo esta santidade e merecimentos, Deus sentiu-se como que obrigado (a nosso modo de entender) a apressurar o passo e a estender o braço de sua onipotência, na realização da maior das maravilhas que nem antes nem depois seria vista: assumir o Unigênito do Pai carne humana nas virginais entranhas desta Senhora.

Inexplicável a preparação de Maria para a Encarnação.

4. Para executar esta obra com o decoro digno de Deus, Maria santíssima foi por Ele preparada de modo especial, durante os nove dias que imediatamente precederam ao mistério. Soltou a correnteza **(Sl 45, 5)** do rio da divindade, para inundar com seus influxos a esta cidade de Deus, comunicando-lhe tantos dons, graças e favores que, ao conhecê-los, emudeço. Minha baixeza se acovarda para explicar o que entendo. A língua, a pena e todas as faculdades das criaturas são instrumentos desproporcionados para revelar tão elevados mistérios.

Assim, desejo fique entendido, que quanto aqui se disser, não passa de obscura sombra da menor parte desta maravilha e inexplicável prodígio que não deve ser medido com a restrição de nossos limites, mas com o poder divino que não os tem.

Primeiro dia das preparações.

5. No primeiro dia desta felicíssima novena, a divina princesa Maria, depois de breve descanso, levantou-se à meia-noite **(Sl 118, 62)** à imitação de seu pai Davi (pois este era o regulamento que lhe dera o Senhor) e prostrada na presença do Altíssimo começou sua costumada oração e santos exercícios. Chamaram-na os santos anjos que a assistiam, dizendo-lhe: Esposa de nosso Rei e Senhor, levantai-vos que sua Majestade vos chama. Levantou-se com fervoroso afeto, respondendo: O Senhor manda que do pó se levante o pó; e dirigindo-se ao Senhor que a chamava: Altíssimo e poderoso Dono meu, que quereis fazer de Mim? A estas palavras sua alma santíssima foi transportada em espírito a elevado estado, o mais imediato a Deus e afastado de todo o terrestre e momentâneo.

Recebe visão abstrativa da divindade.

6. Sentiu que a dispunham com aquelas iluminações e purificações de outras vezes, quando recebia a mais alta visão da divindade. Não me detenho a referi-las por tê-las explicado na primeira parte (1). Com isso lhe foi revelada a divindade por visão não intuitiva e sim abstrativa, mas com tanta clareza e evidência que, por esta visão, a Senhora entendeu mais sobre aquele objeto incompreensível, do que todos os bem-aventurados que o vêm e gozam intuitivamente.

Foi-lhe esta visão mais alta e profunda que outras dessa espécie, pois cada dia a Senhora se tornava mais apta para elas. Umas graças (aproveitadas tão perfeitamente) a dispunham para outras e as repetidas notícias e visões da divindade a tornavam mais forte para atos mais intensos a respeito daquele objeto infinito.

Maria pede a vinda do Verbo ao mundo.

7. Nesta visão, conheceu nossa princesa Maria altíssimos segredos da divindade e suas perfeições, especialmente sua comunicação ad extra na obra da criação. Viu que esta procedeu da liberal bondade de Deus, pois seu ser divino de infinita glória não tinha necessidade das criaturas; sem elas era glorioso desde suas intermináveis eternidades antes da cria-

1 - nº 623 a 629 e 632

ção do mundo. Foram comunicados à nossa Rainha muitos segredos e sacramentos que não podem nem devem ser manifestados a todos, porque Ela foi a única escolhida (**Cant. 6, 8**) para estas delícias do sumo Rei e Senhor da criação. Conheceu Sua Alteza, nesta visão, aquela propensão da divindade para comunicar-se ad extra, mais do que a têm todos os elementos para o seu próprio centro. Mergulhada e abrasada na esfera daquele divino fogo, pediu ao Pai eterno enviasse ao mundo seu Unigênito, dando aos homens seu remédio e à sua mesma divindade e perfeições, a satisfação (a nosso modo de entender) que desejavam e a realização do que pediam.

late (**Cant 4,3**) que atraía e cativava seu amor. Para chegar à execução de seus desejos, quis preparar de perto o tabernáculo ou templo onde queria descer, quando saísse do seio de seu eterno Pai. Determinou dar à sua amada, que escolhera para Mãe, conhecimento claro de todas as obras ad extra, assim como sua onipotência as formara. Na visão desse dia, manifestou-lhe tudo o que fez no primeiro da criação do mundo, como refere o Gênesis. Maria conheceu-as todas com mais clareza e compreensão do que se as tivesse ante os olhos corporais, porque primeiro as conheceu em Deus e depois em si mesmas.

Maria conhece as obras do primeiro dia da criação.

8. Eram para o Senhor mui doces estas palavras de sua Esposa, e fita escar-

Exposição desse conhecimento.

9. Entendeu como, no princípio (**Gen 1, 1 a 5**), o Senhor criou o céu e a terra, quanto e de que modo esteve vazia

e as trevas na face do abismo; como o espírito do Senhor era levado sobre as águas, e como pelo divino mandato foi feita a luz com suas propriedades; e que, separadas, as trevas foram chamadas noite, e à luz dia; em tudo isto passou-se o primeiro dia. Conheceu o tamanho da terra, sua longitude, latitude e profundidade, suas cavernas, inferno, limbo e purgatório com seus habitantes; as regiões, climas, meridianos e divisão das quatro partes do mundo e todos os que as habitam. Viu com a mesma clareza os orbes inferiores, o céu empíreo, quando foram criados os anjos no primeiro dia, conhecendo sua natureza, qualidades, diferenças, jerarquias, ofícios, graus e virtudes. Foi-lhe revelada a rebeldia dos anjos maus e sua queda com as causas e ocasiões dela (mas sempre lhe ocultava o Senhor o que se referia a Ela). Entendeu o castigo e efeitos do pecado nos demônios, conhecendo-os como são em si mesmos. Ao terminar este favor do primeiro dia, manifestou-lhe o Senhor que Ela era formada daquela baixa matéria terrestre e da mesma natureza de todos os que se convertem em pó (mas não lhe disse que se converteria nele). Deu-lhe tão alto conhecimento do ser terreno, que a grande Rainha humilhou-se às profundezas do nada e, sendo sem culpa, abateu-se mais que todos os filhos de Adão cheios de misérias.

A humildade de Maria deveria corresponder à sua elevação.

10. Esta visão e seus efeitos eram ordenados pelo Altíssimo, a fim de abrir no coração de Maria os profundos alicerces exigidos para o edifício que nela queria elevar e iria tocar até à união substancial e hipostática da divindade. Como a dignidade de Mãe de Deus era sem medida e de certo modo infinita, convinha ter por base uma humildade proporcionada, embora sem passar os limites da razão. Chegando ao supremo da virtude, tanto se humilhou a bendita entre as mulheres, que a santíssima Trindade sentiu-se como paga e satisfeita, e a nosso modo de entender, obrigada a elevá-la ao grau e dignidade eminente entre as criaturas e o mais imediato à divindade. Com este beneplácito lhe disse:

Maria pede a vinda do Salvador.

11. Esposa e pomba minha, grandes são meus desejos de redimir o homem do pecado, e minha imensa piedade está como que constrangida, enquanto não desço para salvar o mundo. Pede-me continuamente, com grande afeto, nestes dias a realização destes desejos, e prostrada em minha real presença, não cessem tuas súplicas e clamores para que realmente desça o Unigênito do Pai, para se unir com a natureza humana. A esta ordem, respondeu a divina Princesa: Senhor e Deus eterno, de quem é todo o poder e sabedoria, e a cuja vontade ninguém pode resistir **(Est 12, 9)**; quem impede vossa onipotência, quem detém a corrente impetuosa de vossa divindade, para não executar vosso beneplácito em benefício de toda a linguagem humana? Se, por acaso, amado meu, sou o obstáculo para benefício tão imenso, antes morrer do que resistir a vosso gosto. Este favor não poderá ser merecido por criatura alguma, não espereis, pois Dono e Senhor meu, que o desmereçamos sempre mais. Os pecados dos homens se multiplicam e crescem as ofensas contra vós. Como então chegaremos a merecer o mesmo bem do qual nos tornamos cada dia mais indignos? Em Vós mesmo, Senhor, está a razão e motivo de nosso remédio: vossa bondade infinita, vossas misericórdias sem número vos obrigam. Os gemidos dos profetas e pais de vosso povo vos suplicam, os Santos o desejam, os pecadores aguardam e todos juntos clamam. Se eu, vil bichinho, não desmereço vossa dignação com minhas ingratidões, suplico-vos do íntimo de minha alma, apresseis o passo e realizeis nossa salvação para vossa glória.

Maria reza em posição de cruz.

12. Terminada esta oração, a Princesa do céu voltou a seu estado ordinário e natural. De acordo com a ordem do Senhor, continuou em todo aquele dia as pe-

tições pela Encarnação do Verbo, e com profundíssima humildade repetiu os exercícios de se prostrar em terra e orar na forma de cruz. O Espírito Santo que a guiava lhe ensinara essa posição que tanto haveria de comprazer a beatíssima Trindade. Como se, do real trono, visse no corpo da futura Mãe do Verbo a pessoa crucificada de Cristo, assim recebia aquele matutino sacrifício da puríssima Virgem, no qual antevia o de seu Filho santíssimo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

O conhecimento de Maria sobre a criação.

13. Minha filha, não são os mortais capazes de entender as indizíveis coisas que o braço do Onipotente operou em Mim, preparando-me para a Encarnação do eterno Verbo. Principalmente durante os nove dias que precederam mistério tão sublime, foi meu espírito elevado e unido ao ser imutável da divindade. Mergulhou naquele pélago de infinitas perfeições, participando de seus eminentes e divinos efeitos, de modo tal que jamais poderá ser cogitado pelo coração humano. A ciência que me comunicou sobre as criaturas fazia-me penetrar o íntimo de todas elas, com maior clareza e privilégios que todos os espíritos angélicos, apesar de serem estes tão admiráveis no conhecimento da criação, em seguida ao que têm do Criador. As espécies de tudo que entendi me permaneceram fixas, para depois usar delas à minha vontade.

A humildade.

14. O que agora desejo de ti é que, atenta ao que Eu fiz com esta ciência, me imites segundo tuas forças e a luz infusa que para isto recebes. Aproveita a ciência das criaturas, usando-a como de uma escada que eleve ao teu Criador, de maneira que em todas procures o princípio donde se originam e o fim para o qual se ordenam.

Que elas te sirvam de espelho onde se reflete a divindade; sejam recordação de sua onipotência e incentivo do amor que Deus de ti deseja. Admira-te, com louvor, da grandeza e magnificência do Criador. Em sua presença, humilha-te até o pó e nada te seja difícil fazer ou padecer para chegar a ser mansa e humilde de coração. Observa caríssima, como esta virtude foi o inabalável fundamento de todas as maravilhas que o Altíssimo operou em Mim. Para que aprecies esta virtude adverte que, assim como entre todas, é tão preciosa, também é delicada. Se faltares a ela em algum ponto, não sendo humilde em todos, não o serás verdadeiramente em nenhum. Reconhece o ser terreno e corruptível que tens. Não ignores que o Altíssimo, com grande providência, criou o homem de maneira que seu mesmo ser e formação lhe demonstrasse, e repetidamente lhe ensinasse, a importante lição da humildade. Para nunca lhe faltar este magistério, não o formou de matéria mais nobre, e interiormente lhe deixou o peso do santuário (**Ex 30, 24**).

Num dos lados da balança coloque o ser infinito e eterno do Senhor e no outro o de sua matéria vilíssima, dando a Deus o que é de Deus (**Mt 22, 21**) e a si mesmo o que lhe pertence.

O exemplo de Maria.

15. Para exemplo e instrução dos mortais, fiz perfeitamente este discernimento e quero que tu o faças, à minha imitação. Emprega teu cuidado e estudo em ser humilde, e agradarás ao Altíssimo e a Mim, que desejo tua verdadeira perfeição. Que esta se estabeleça sobre os alicerces de teu conhecimento próprio, e quanto mais o aprofundares, mais alto e sublime subirá o edifício da virtude. Tua vontade se unirá mais intimamente à do Senhor, porque das alturas do seu trono (**Sl 112, 6**) Ele descansa o olhar sobre os humildes da terra.

Santíssima Trindade

CAPÍTULO 2

CONTINUA O SENHOR O SEGUNDO DIA DA PREPARAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA PARA A ENCARNAÇÃO DO VERBO.

Paralelo entre a Criação e a Encarnação

16. Na primeira parte desta divina História (1), falei como o corpo puríssimo de Maria santíssima foi concebido e formado com toda a perfeição no tempo de sete dias. Operou o Altíssimo este milagre, para aquela alma santíssima não ter que esperar o tempo ordinário dos demais nascidos. Quis fosse criada e infundida antecipadamente porque, sendo o princípio da reparação do mundo, deveria corresponder ao princípio de sua criação.

Este paralelo repetiu-se outra vez, no tempo que imediatamente precedeu à vinda do Redentor ao mundo. Deste modo, formado Cristo o novo Adão, Deus repousaria como se houvesse empregado todas as forças de sua onipotência na maior das proezas; neste descanso celebraria o suave sábado de todas suas delícias.

Como nestas maravilhas teria de intervir a Mãe do divino Verbo, para lhe dar forma humana visível, era necessário que, estando Ela entre os dois extremos, Deus e os homens, tocasse em ambos. Em dignidade seria inferior somente a Deus e superior a tudo o mais que não fosse Deus. A esta dignidade pertencia, na devida proporção, a ciência e o conhecimento, assim da suprema divindade como de todas as criaturas inferiores.

Conhecimento das obras do segundo dia da criação

17. Para atingir este intuito, o supremo Senhor foi continuando os favores, com os quais preparou Maria santíssima durante os nove dias (que vou explicando) imediatos à Encarnação.

Chegando o segundo dia, na mesma hora, à meia noite, foi visitada Sua Alteza de igual forma que deixei dito no capítulo passado: elevou-a o poder divino com aquelas disposições, qualidades ou iluminações que a dispunham para as visões da divindade. Neste dia, como no precedente, manifestou-se-lhe abstrativamente, mostrando-lhe as obras do segundo dia da criação do mundo. Conheceu como e quando operou Deus a divisão das águas **(Gn 1, 6, 7)**, umas sobre o firmamento e outras debaixo dele; entre ambas formou-se o firmamento e das superiores fez-se o céu cristalino. Penetrou a grandeza, ordem, propriedades, movimentos e todas as qualidades e condições dos céus.

Maria recebe participação da onipotência divina

18. Esta ciência não era ociosa nem estéril em nossa prudentíssima Virgem.

1 - 1ª parte, nº 219

Da claríssima luz da divindade n'Ela redundavam, quase imediatamente, admiração, louvor e amor da bondade e poder divino. Transformada em Deus, fazia heróicos atos de todas as virtudes, comprazendo plenamente Sua Majestade.

No primeiro dia, Deus a fez participante do atributo de sua sabedoria. Neste segundo, lhe comunicou o da onipotência, dando-lhe poder sobre as influências dos céus, planetas e elementos, com ordem para estes a Ela obedecerem. Ficou esta Rainha com domínio sobre o mar, terra, elementos e orbes celestes, e todas as criaturas que eles contém.

Primeira razão que justifica os privilégios de Maria

19. Este domínio e poder pertencem também à dignidade de Maria santíssima, pela razão que acima disse. Além daquela razão, por mais outras duas especiais: uma, porque esta Senhora e Rainha era privilegiada e isenta da comum lei do pecado original e seus efeitos. Não devia ser incluída no padrão universal dos insensatos filhos de Adão, contra quem o Onipotente armou as criaturas **(Sab 5, 18)** para vingar suas injúrias e castigar a loucura dos mortais. Se eles não se houvessem tornado desobedientes ao seu Criador, tampouco os elementos lhes seriam rebeldes e molestos, nem voltariam contra eles o rigor de sua inclemência.

Sendo esta rebelião das criaturas castigo do pecado, não devia atingir Maria santíssima, imaculada, sem culpa. Tampouco deveria Ela, neste privilégio, ser inferior à natureza angélica, que não é atingida por esta pena do pecado, nem pela força dos elementos. Sendo Maria de natureza corpórea e terrena, n'Ela foi mais estimável (por ser mais singular e difícil) elevar-se acima de todas as criaturas terrenas e espirituais e fazer-se, por seus méritos, condigna Rainha e Senhora de toda a criação. Era justo ser concedido mais à Rainha do que aos vassalos, e mais à Senhora do que aos servos.

Segunda razão: Maria não usava dos privilégios para seu proveito

20. A segunda razão era porque esta divina Rainha seria obedecida, como à Mãe, por seu Filho santíssimo, criador dos elementos e de todas as coisas. Era razoável que todas elas obedecessem a quem o mesmo Criador prestava obediência, pois a pessoa de Cristo, enquanto homem, seria governada por sua Mãe, por obrigação e lei da natureza. Este privilégio era de grande conveniência para realçar as virtudes e méritos de Maria santíssima, pois para Ela seria voluntário e meritório, o que para nós é inevitável e, ordinariamente, contra nossa vontade.

Não usava a prudentíssima Rainha desse poder, indistintamente, sobre os elementos e criaturas, ou para seu próprio proveito e descanso. Pelo contrário, mandou a todas as criaturas que sobre Ela agissem com sua ação naturalmente penosa e molesta, porque nisto desejava ser semelhante a seu Filho santíssimo, padecendo como Ele. Não sofria também o amor e humildade desta Senhora que as inclemências das criaturas fossem suspensas, privando-a do mérito do sofrimento que sabia tão estimável aos olhos do Senhor.

Quando usava do poder sobre as criaturas

21. Somente em algumas ocasiões, não para si mas a favor de seu Filho e Criador, imperava a doce Mãe sobre a força dos elementos e sua ação, como veremos adiante (2) nas peregrinações do Egito. Nestas e em outras ocasiões, prudentemente julgava que as criaturas deveriam reconhecer seu Criador reverenciando-o (3), abrigando-o e servindo-o em alguma necessidade.

Quem dos mortais não se admirará de tão nova maravilha? Uma mulher, pura criatura terrestre, com domínio sobre toda a criação; e em sua própria estima se reputar pela mais indigna e vil de todas elas. Nesta consideração, mandar ao rigor dos ventos que exercite sua ação contra Ela. Temerosos e corteses, porém, com tal Senhora, agiam mais por lhe honrar a autoridade do que para vingar a causa do seu Criador, como o fazem com os demais filhos de Adão.

Os mortais não têm razão em se queixarem do que é penoso

22. Diante da humildade de nossa invicta Rainha, nós, os mortais, não podemos negar nossa estultíssima arrogância, para não dizer atrevimento. Quando merecíamos que todos os elementos e forças agressivas do universo se rebelassem contra nossas insânias, nos queixamos de seu rigor, como se fora agravo nos molestarem assim. Condenamos o rigor do frio, não queremos que nos canse o calor. Detestamos tudo quanto é penoso e todo nosso cuidado é culpar estes ministros da divina justiça. Procuramos para nossos sentidos as comodidades e deleites como se nos pudessem valer para sempre e não houvesse certeza de que deles seremos privados, para mais duro castigo de nossas culpas.

Predicados da ciência e do poder de Maria

23. Voltemos aos dons de ciência e poder dados à Princesa do céu, e aos demais favores que a preparavam para digna Mãe do Unigênito do Eterno Pai. Entenderemos sua excelência, considerando neles uma espécie de infinidade ou compreensão participada daquela de Deus e semelhante à que depois recebeu a alma santíssima de Cristo. Não somente conheceu todas as criaturas em Deus, mas as encerrava na própria capacidade e poderia conhecer outras muitas se existissem. A isto chamo infinidade, porque se parece com as propriedades da ciência infinita: de uma só vez, sem sucessão, via o número dos céus, sua latitude, profundidade, ordem, movimentos, qualidades, matéria e forma. Ao mesmo tempo conhecia os elementos com todas suas propriedades e acidentes. A única coisa que ignorava a

2 - nº 543, 590, 633
3 - nº 185, 485, 636; 3ª parte nº 471

sapientíssima Virgem era a finalidade próxima de todas essas graças, até chegar a hora do seu consentimento e da inefável misericórdia do Altíssimo. Continuava nesses dias suas fervorosas súplicas pela vinda do Messias, como lhe ordenara o Senhor, e lhe dera a conhecer se aproximava o tempo marcado para sua chegada.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

A ordem na qual foi criado o homem

24. Minha filha, pelo que vais conhecendo das graças e benefícios que eu recebia para minha preparação à dignidade de Mãe de Deus, quero que entendas a admirável ordem de sua sabedoria na criação do homem. Lembra-te que o Criador o fez do nada, não para servo mas como rei e senhor de todas as coisas (**Gn 1, 26**), das quais poderia dispor com autoridade e senhorio. Deveria, entretanto, reconhecer-se obra e imagem de seu Criador, para estar, mais submisso a Ele e mais atento à sua vontade, do que as criaturas à vontade humana, pois assim o exige a ordem da razão.

Para que não faltasse ao homem o conhecimento do Criador e dos meios para conhecer e executar sua vontade, deu-lhe além da luz natural outra maior, mais rápida, mais fácil, mais certa, gratuita e geral para todos, a luz da fé divina. Por ela conheceria o ser de Deus, suas perfeições e suas obras. Com esta ciência e senhorio ficou o homem bem ordenado, honrado e enriquecido, sem desculpa para não se dedicar inteiramente à divina vontade.

Os homens faltam à ordem na qual foram criados

25. A estultice dos mortais, porém, altera esta ordem e destrói esta divina harmonia. Tendo sido criado para senhor e rei das criaturas, delas se faz vil escravo, sujeita-se à sua servidão e desonra a própria dignidade. Usa das coisas visíveis, não como senhor prudente, mas como inferior indigno. Não se faz superior, pois se coloca muito abaixo do ínfimo das criaturas.

Toda esta perversidade se origina de não usar as coisas visíveis ao serviço do Criador, ordenando-as para Ele mediante a fé. De tudo usa mal, quando somente procura saciar as paixões e sentidos com o deleite das criaturas. Em conseqüência, detesta as que não lhe oferecem tal proveito.

Liberdade espiritual

26. Tu caríssima, contempla pela fé teu Senhor e Criador e procura copiar em tua alma a imagem de suas divinas perfeições. Não percas o domínio sobre as criaturas e que nenhuma roube tua liberdade. Quero que triunfes de todas e nada se interponha entre tua alma e teu Deus. Sujeita-te com alegria, não ao deleite das criaturas, pois te obscurecem o entendimento e enfraquecem a vontade, mas ao molesto e penoso de suas inclemências, padecendo-o com alegre vontade. Assim fiz eu para imitar meu Filho santíssimo, ainda que podia escolher o descanso, não tendo pecados a reparar.

CAPÍTULO 3

PROSSEGUE O QUE O ALTÍSSIMO CONCEDEU A MARIA SANTÍSSIMA NO TERCEIRO DIA DOS NOVE QUE PRECEDERAM A ENCARNAÇÃO.

Maria penetra cada vez mais a divindade

27. Tendo a destra do Onipotente franqueado a Maria santíssima a entrada em sua divindade, ia enriquecendo e adornando, a expensas de seus infinitos atributos, aquele puríssimo espírito e corpo virginal que escolhera para tabernáculo, templo e cidade santa onde habitar. Mergulhada no oceano da divindade, a divina Senhora distanciava-se cada vez mais do ser terrestre, transformando-se em outro celestial e conhecendo novos sacramentos que o Altíssimo lhe manifestava.

Sendo a divindade objeto infinito e voluntário, ainda que o apetite se sacie com o que conhece, sempre fica mais para desejar e entender. Nenhuma pura criatura chegou, nem chegará jamais, até onde subiu Maria santíssima. Penetrou no conhecimento de Deus e das criaturas, em grandes profundidades, mistérios e segredos. Todas as jerarquias dos anjos e homens juntos, não chegariam à menor parcela do que recebeu a Princesa do céu para ser Mãe do Criador.

Crescia a semelhança de Maria com a Divindade

28. No terceiro dia, dos nove que vou descrevendo, precedendo as mesmas preparações que disse no capítulo primeiro, manifestou-se-lhe a divindade em visão abstrativa, como nos outros dias. Muito rude e desproporcionada é nossa capacidade para entender os aumentos que iam recebendo estes dons e graças acumulados pelo Altíssimo na divina Maria. Faltam-me novos termos para poder traduzir apenas um pouco do que me foi manifestado.

Explico-me com dizer que a sabedoria e poder divino iam proporcionando aquela que seria Mãe do Verbo, para que, sendo pura criatura, chegasse a ter quanto possível a conveniente semelhança com as divinas Pessoas.

Quem melhor entender a distância destes dois extremos, Deus infinito e criatura humana limitada, poderá melhor calcular os meios necessários para uní-los e proporcioná-los.

Conhecimentos recebidos por Maria sobre a criação

29. Ia reproduzindo a divina Senhora, do original da divindade, novos retratos de seus infinitos atributos e virtudes. Sua beleza ia crescendo com os retoques, tinturas e luzes que lhe dava o pincel da infinita sabedoria.

Neste terceiro dia, se lhe manifestaram as obras do terceiro da criação do mundo. Conheceu como e quando as águas que estavam debaixo do céu se reuniram **(Gn 9, 13)**, separando o elemento

árido que se chamou terra, do conjunto das águas que se chamou mar. Conheceu como a terra germinou a fresca relva e todos os demais gêneros de plantas e árvores frutíferas com as respectivas sementes de cada espécie. Conheceu e penetrou a grandeza do mar, sua profundidade e divisões, sua relação com os rios e fontes que dele se originam e para ele correm; as espécies de plantas, as ervas, flores, árvores, raízes, frutos e sementes. Conheceu a utilidade de cada uma para o homem. Tudo entendeu e penetrou nossa Rainha, mais clara, distinta e extensamente que Adão e Salomão.

Em comparação d'Ela, todos os médicos do mundo, depois de longos estudos e experiências, não passariam de ignorantes. Maria santíssima aprendeu tudo de improviso, como diz a Sabedoria (**Sab 7,21**). Como a aprendeu, sem ficção, também a comunicou sem inveja, (**Idem 5, 13**). Tudo quanto Salomão escreveu nesse livro, n'Ela se realizou com incomparável elevação.

Uso que a Virgem fazia desses conhecimentos

30. Usou nossa Rainha desta ciência em algumas ocasiões, no exercício da caridade com os pobres e necessitados, como se dirá no restante desta História (1). Mas possuiu-a permanentemente, com liberdade para dela dispor, com a mesma facilidade de um músico que tocasse um instrumento em cuja arte e execução fosse exímio. O mesmo poderia fazer com as demais ciências, se quisesse ou fosse necessário para o serviço do Altíssimo. Era mestra que possuía todas as artes e

1 - abaixo nº 668, 867, 868, 1048; 3ª parte nº 159, 423

ciências, melhor do que os mortais quando especializados em alguma delas. Era também invulnerável às propriedades e forças das pedras, ervas e plantas. A promessa feita por Cristo nosso Senhor a seus Apóstolos e primeiros fiéis de não lhes fazer mal os venenos quando os bebessem **(Mc 16, 18)**, era também livre privilégio da Rainha. Sem sua permissão, nenhum veneno ou qualquer outra coisa lhe poderia fazer mal.

Maria oculta seus privilégios

31. Sempre ocultou estes privilégios e favores a prudentíssima Princesa e Senhora e não os usava para si, como se disse, a fim de não evitar o sofrimento que seu Filho santíssimo escolhera. Antes de O conceber e ser mãe, era nisso inspirada pela divina luz e notícia que tinha da passibilidade que o Verbo humano assumiria. Ao se tornar Mãe sua e vendo, por experiência, esta verdade em seu Filho e Senhor, permitiu mais ou, por dizer melhor, ordenou às criaturas que a afligissem com sua natural influência, do mesmo modo como o faziam ao seu Criador.

Como nem sempre queria o Altíssimo que sua única Esposa e eleita fosse molestada pelas criaturas, às vezes as impedia, para que durante certos tempos a divina Princesa gozasse das delícias do sumo Rei.

Deus suscita em Maria o desejo da salvação dos homens

32. Outro singular privilégio, a favor dos mortais, recebeu Maria santíssima na visão da divindade no terceiro dia. Manifestou-lhe Deus, por especial modo, a inclinação do amor divino para salvar os homens e ergue-los de todas suas misérias. Prevenindo a missão de Maria santíssima, deu-lhe o Altíssimo, junto com o conhecimento desta infinita misericórdia, certo gênero de mais elevada participação de seus atributos, pois no futuro a Virgem deveria interceder pelos pecadores, como sua Mãe e advogada.

Tão divina e poderosa foi para Maria santíssima a influência desta participação no amor de Deus pelos homens que, se daí em diante a virtude do Senhor não a fortalecesse, não poderia suportar o ardente desejo de salvar todos os pecadores. Por este amor e caridade, se fosse necessário ou conveniente, ter-se-ia entregue infinitas vezes às chamas, ao cutelo, a requintados tormentos e à morte. Sem os recusar, mas com grande gozo, teria padecido todos os martírios, angústias, tribulações, dores e enfermidades pela salvação dos mortais. Todos os sofrimentos das criaturas, desde o princípio até o fim do mundo, teriam sido poucos para o amor desta Mãe misericordiosíssima. Vejam, portanto, os mortais e pecadores quanto devem à Maria santíssima.

A Mãe de misericórdia

33. Poderemos dizer que neste dia, a divina Senhora se transformou em Mãe de piedade e misericórdia, e grande misericórdia, por duas razões: a primeira, porque desde essa ocasião desejou, com especial afeto e sem ciúmes, comunicar os tesouros de graça que recebera. Resultou-lhe deste benefício tão admirável ternura e bondade de coração, que o quisera dar a todos e encerrá-los n'ele, para se tornarem participantes do amor divino em que ardia. A segunda razão consistiu em que este amor pela salvação humana foi uma das maiores disposições que a proporcionaram para conceber o Verbo em suas virginais entranhas.

Era muito conveniente que fosse toda misericórdia, benignidade, piedade e clemência, aquela que engendraria e daria ao mundo o Verbo humanado, que, por sua misericórdia, clemência e amor quis humilhar-se até nossa natureza, e de Maria nascer passível pelos homens. Dizem que os nascidos trazem a semelhança do seio que os abrigou, por lhe herdarem as qualidades, assim como a água carrega os minerais do solo que percorre. Ainda que neste nascimento houve a prevalência da divindade, levou também, em grau possível, as qualidades da Mãe. Ela não teria sido apta para colaborar com o Espírito Santo nesta concepção (na qual não houve

concurso de homem), se não se assemelhasse ao filho nas suas qualidades humanas.

34. Cessando esta visão, preencheu Maria santíssima o resto do dia com as orações e súplicas que o Senhor lhe ordenara. Seu crescente fervor feria sempre mais o coração do Esposo, de tal sorte que (a nosso modo de entender) já lhe tardava o dia e hora de se ver nos braços de sua amada.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA SANTÍSSIMA

Amor agradecido e doloroso

35. Minha filha caríssima, grandes foram os favores que o Altíssimo me comunicou pelas visões de sua divindade, nos dias que precederam sua Encarnação em meu seio. Ainda que sua manifestação não era imediata e clara, sem véu algum, revelava-se de modo altíssimo e com efeitos que somente sua sabedoria compreende.

Mediante as espécies que me ficavam, renovava o conhecimento do que vira e elevava meu espírito na consideração do procedimento de Deus para com os homens e destes para com Ele. Inflamava-se meu coração e partia-se de dor, vendo a inclinação do imenso amor divino pelos homens, e da parte deles o ingratíssimo esquecimento de tão incompreensível bondade. Nesta consideração teria morrido muitas vezes, se Deus não me fortalecesse e conservasse.

Este sacrifício de sua Serva foi gratíssimo a Deus, que o aceitou com maior agrado do que todos os holocaustos da antiga lei, por causa de minha humildade, na qual Ele muito se comprazia. Quando eu realizava estes atos, concedia grandes misericórdias para Mim e meu povo.

Meditar no que devemos a Deus

36. Caríssima, revelo-te estes mistérios para te animares a me imitar como teu modelo nestes atos, segundo permitirem tuas fracas forças, auxiliadas pela graça. Pondera muito e pesa repetidas vezes, com a luz da fé e da razão, como devem os mortais corresponder a essa imensa piedade e benevolência de Deus em socorrê-los. A esta verdade, compara o pesado e duro coração dos filhos de Adão. Quero que o teu se desfaça e se transforme em afetos de agradecimento ao Senhor, e compaixão pela infelicidade dos homens. Asseguro-te, minha filha, que no dia do juízo final, a maior indignação do justo Juiz será pelo esquecimento que os ingratíssimos homens tiveram desta verdade. Tão grande será a indignação com que os argüirá e tal a confusão dos acusados, que se lançariam no abismo das penas, caso não houvesse ministros para executar a justiça divina.

Imitar a gratidão da Virgem

37. Para te livrares de tão detestável culpa e te preservares daquele horrível castigo, renova a memória dos benefícios que recebeste daquele amor e clemência, advertindo que te beneficiou mais do que a muitas gerações. Não penses que tantos favores e singulares dons te foram dados só para ti, mas o foram também para teus irmãos, pois a todos se estende a divina misericórdia. A gratidão que deves ao Senhor será primeiro por ti e depois por eles. Visto que és pobre, oferece a vida e méritos de meu Filho santíssimo, e com eles tudo o que Eu amorosamente sofri para ser agradecida a Deus e lhe oferecer alguma compensação pela ingratidão dos mortais. Em tudo isto te exercitarás muitas vezes, lembrando-te quais eram meus sentimentos nos mesmos atos e exercícios.

CAPÍTULO 4

GRAÇAS CONCEDIDAS PELO ALTÍSSIMO À MARIA SANTÍSSIMA NO QUARTO DIA DA NOVENA.

Cresciam de intensidade as graças concedidas a Maria santíssima

38. Prosseguiam os favores do Altíssimo à nossa Rainha e Senhora, e os eminentes sacramentos com que o poder divino a ia preparando para a próxima dignidade de Mãe sua.

Chegando o quarto dia desta preparação, à mesma hora dos precedentes, foi elevada à visão abstrativa da divindade, na forma que já ficou explicada, mas com novos efeitos e mais elevadas iluminações de seu puríssimo espírito.

Para o poder e sabedoria divinos não existem limites, criam-nos os atos de nossa vontade ou nossa estreita capacidade de criatura finita. Em Maria santíssima o poder divino não encontrou obstáculo por parte das obras. Foram todas plenas de santidade e agrado do Senhor, de tal modo que, como Ele mesmo disse (**Cant 4, 9**), O atraíam ferindo seu coração de amor. Só o fato de ser pura criatura é que pôde, em Maria, oferecer limites ao poder de Deus. Não obstante, dentro da esfera de pura criatura, Deus nela operou sem medida e lhe fez beber as puríssimas e cristalinas águas da sabedoria, na fonte da divindade.

A lei evangélica é revelada à Maria

39. Nesta visão, manifestou-se-lhe o Altíssimo com especialíssima luz e lhe revelou a nova lei da graça que o Salvador do mundo estabeleceria. Deu-lhe a conhecer os Sacramentos e a finalidade de sua instituição em a nova Igreja evangélica; os auxílios, dons e favores que preparava para os homens, desejando que todos fossem salvos mediante os frutos da redenção.

Foi tanta a sabedoria que nestas visões recebeu Maria santíssima, instruída pelo Mestre supremo, emendador dos sábios (**Sab 7, 15**), que se, por um impossível, algum homem ou anjo a pudesse descrever, só da ciência desta Senhora se fariam mais livros que todos quantos têm escrito no mundo sobre todas as artes, ciências e faculdades inventadas.

Não nos admiremos, pois, sendo a maior maravilha em pura criatura, no coração e mente desta Princesa derramou-se o oceano da divindade que os pecadores e pouca disposição das demais criaturas haviam detido e represado em si mesmo. Uma só coisa se lhe ocultava, enquanto não chegava o tempo oportuno: ser Ela a escolhida para Mãe do Unigênito do Pai.

O amor de Deus pelos homens e a ingratidão destes

40. Mesclada à doçura da ciência divina recebida neste dia, sofreu a Senhora, amorosa e íntima dor que a mesma ciência lhe despertou. Viu os indizíveis tesouros de graças e benefícios que o Altíssimo preparava aos mortais, com aquela divina propensão para se dar a todos. Ao

mesmo tempo, conheceu a má disposição do mundo e quão cegamente se privavam os mortais da participação da divindade. Daqui lhe resultou novo gênero de martírio, entre a dor pela perdição humana e o desejo de reparar tão lamentável ruína. Fez altíssimas orações, súplicas, oferecimentos, sacrifícios, humilhações e heróicos atos de amor de Deus e dos homens, para que nenhum, se fosse possível, se perdesse daí em diante, mas que todos conhecessem, adorassem e amassem a seu Criador e Redentor. Tudo se passou na visão da divindade e, como estas petições foram no modo das outras já explicadas, não me alongo em referí-las.

As obras do quarto dia da criação

41. Em seguida, na mesma ocasião, manifestou-lhe o Senhor as obras do quarto dia da criação (**Gn 1, 14, 17**). Conheceu a divina princesa Maria quando e como foram formados no firmamento os luminares do céu, para a separação entre o dia e a noite e para marcar as estações, dias e anos. O maior luminar do céu, o sol, foi criado para presidir o dia, e ao mesmo tempo foi formado o menor, a lua, para iluminar as trevas da noite. As estrelas foram formadas no oitavo céu, para com sua brilhante luz alegrarem a noite e com suas várias influências presidirem tanto ao dia como à noite. Conheceu a matéria destes orbes luminosos, sua forma, qualidades, tamanho, movimentos, e a ordenada diversidade dos planetas. Soube o número das estrelas e todos os influxos que comunicam à terra e a ação que exercem sobre seus seres animados e inanimados.

Poder de Maria sobre os orbes celestes

42. Isto não discorda do que declarou o profeta no salmo 146, v. 4, quando diz que Deus conhece o número das estrelas e as chama pelos seus nomes. Não nega Davi que Deus, com seu poder infinito, pode conceder por graça, a uma criatura, o que Ele possui por natureza. Sendo possível comunicar esta ciência que redundaria na maior excelência de Maria, Senhora nossa, é indubitável que não lhe haveria de negar este benefício. Outros maiores lhe foram concedidos, para ser Rainha das estrelas como das demais criaturas. Esta graça vinha a ser como conseqüente ao domínio que lhe deu sobre as virtudes, influências e operações de todos os orbes celestes, quando a estes ordenou a Ela obedecerem como à sua Rainha e Senhora.

Obediência dos astros e planetas à Maria

43. Por este preceito que o Senhor impos às criaturas celestes e pelo domínio que sobre elas deu à Maria santíssima, ficou a Senhora com tanto poder, que se mandasse às estrelas deixarem o lugar que ocupavam no céu, imediatamente lhe obedeceriam para ir onde a Senhora lhes ordenasse. Outro tanto fariam o sol e os planetas. Ao império de Maria todos in-

terromperiam seu curso, movimentos e suspenderiam suas influências e ação.

Já disse acima (1) que às vezes usava Sua Alteza desse poder. Veremos adiante que no Egito, onde o calor é intenso, mandou ao sol moderar seu veemente ardor, para não molestar e fatigar com seus raios ao Menino Deus, seu Senhor. Obedecia-lhe o sol, não a poupando, conforme Ela o desejava, e respeitando o Sol de justiça que Ela trazia nos braços. O mesmo acontecia com os outros planetas e algumas vezes deteve o sol, como falarei em seu lugar.

Correspondência de Maria aos favores divinos

44. Outros muitos sacramentos ocultos manifestou o Altíssimo nesta visão à nossa grande Rainha. O quanto disse e direi sobre eles deixa-me o coração insatisfeito. Vejo que conheço uma parte mínima do que a divina Senhora recebeu, e deste pouco que entendo quase nada posso explicar. Muitos de seus mistérios serão manifestados por seu Filho santíssimo só no dia do juízo universal, porque agora não os podemos compreender.

Saiu Maria santíssima desta visão ainda mais inflamada e transformada naquele objeto infinito, e nos atributos e perfeições que nele conhecera. Ao passo que aumentavam os favores divinos ia crescendo nas virtudes. Multiplicava os rogos, ânsias, fervor e méritos com que apressava a Encarnação do Verbo divino e nossa salvação.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA RAINHA

Dor pela ingratidão humana

45. Caríssima filha, quero que faças muita ponderação e apreço pelo que entendeste de quanto fiz e padeci ao me dar o Altíssimo tão elevado conhecimento de sua bondade, infinitamente propensa a enriquecer os mortais e, ao mesmo tempo, da má correspondência e tenebrosa ingratidão deles.

Quando, naquela liberalíssima condescendência, passei a penetrar a estulta dureza dos pecadores, meu coração foi transpassado por uma flecha de mortal amargura que me durou a vida toda.

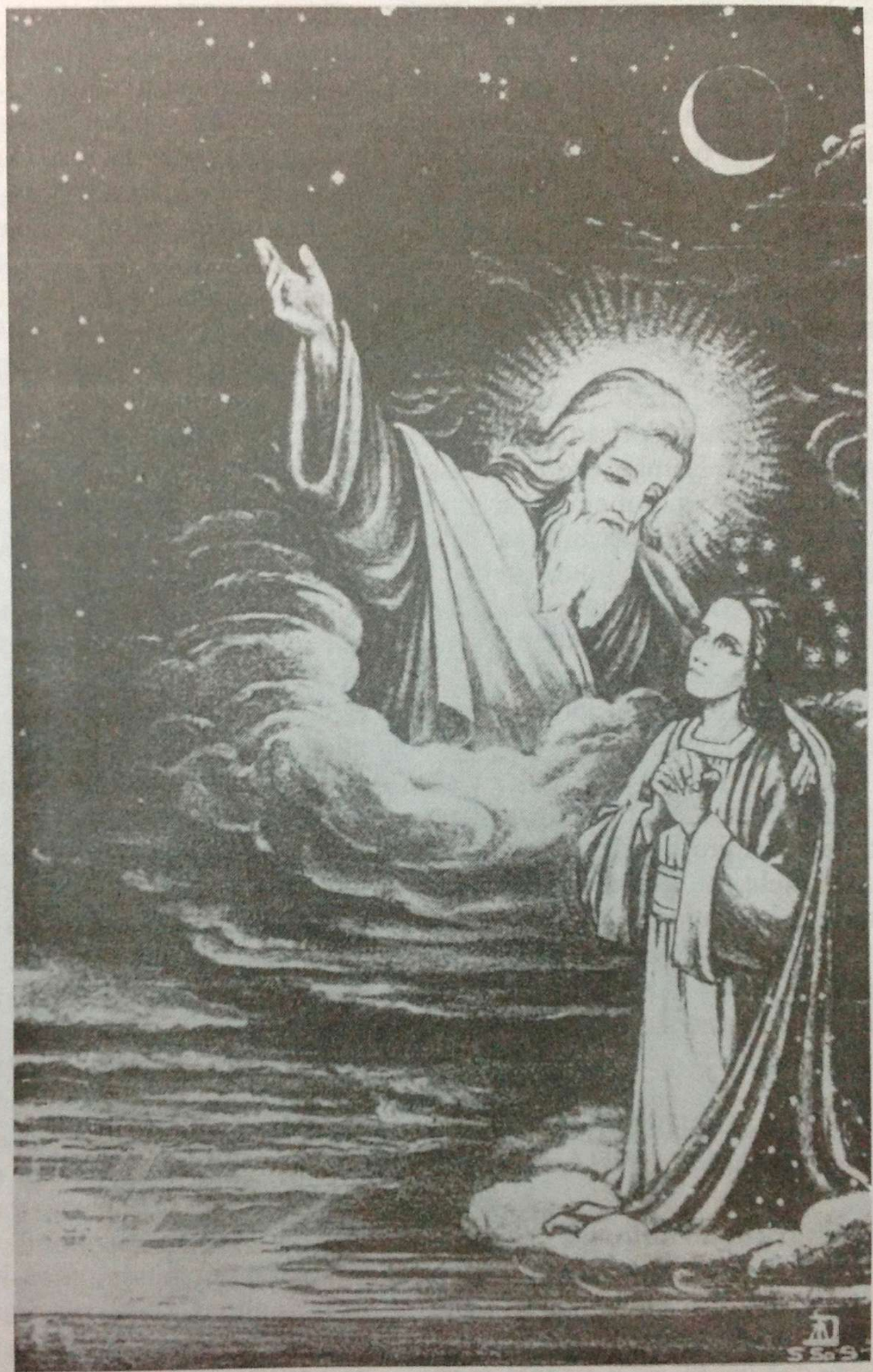
Quero manifestar-te ainda outro mistério: muitas vezes, para curar a angústia e desfalecimento de meu coração, o Altíssimo costumava dizer-me: Recebe tu, minha esposa, o que o mundo ignorante e cego despreza e é indigno de receber e conhecer. Com estas palavras, soltava o caudal de seus tesouros que letificavam minha alma, de um modo que toda a capacidade humana não pode compreender, nem língua alguma explicar.

Chorar a perda das almas

46. Agora quero, minha amiga, que me acompanhes nesta dor que padeci pelos viventes, e é tão pouco advertida por eles. Para me imitares nela e nos efeitos que te causar tão justa pena, deves renunciar-te e esquecer-te em tudo e cercar teu coração como de espinhos pela dor que tal procedimento dos mortais desperta. Quando eles riem e se deleitam para sua eterna condenação (**Sab 2**) deves chorar, pois este é o ofício mais legítimo das verdadeiras esposas de meu Filho santíssimo. Só lhes é permitido se deleitarem nas lágrimas derramadas pelos seus pecados e os do mundo ignorante. Prepara o coração com esta disposição, para o Senhor te fazer participante de seus tesouros. Seja não tanto para te enriqueceres, como para dar ensejo ao Senhor de satisfazer seu liberal amor em comunicá-los e em justificar as almas. Imita-me em tudo o que te ensino, pois sabes ser esta a minha vontade a teu respeito.

---

1 - nº 21



Maria e a criação do universo

CAPÍTULO 5

MANIFESTA O ALTÍSSIMO À MARIA SANTÍSSIMA OS MISTÉRIOS E OBRAS DO QUINTO DIA DA CRIAÇÃO. SUA ALTEZA PEDE NOVAMENTE A ENCARNAÇÃO DO VERBO.

Quinto dia da novena

47. Chegou o quinto dia da novena que a beatíssima Trindade celebrava no templo de Maria santíssima, para o Verbo eterno n'Ela assumir nossa forma humana. Correndo o véu da infinita sabedoria, des- cobriu-lhe novos segredos. Como nos dias antecedentes, elevou-a à visão abstrativa da divindade. Mas as disposições e iluminações se renovavam com maiores raios de luz e carismas, a transbordarem dos tesouros infinitos nas faculdades de sua alma santíssima. Deste modo, ia a divina Senhora se aproximando e se assimilando ao ser divino, cada vez mais transformada n'Ele, a fim de chegar a ser digna Mãe de Deus.

A divina bondade e a ingratidão humana

48. Para manifestar outros segredos à divina Rainha, falou-lhe o Altíssimo, com indizível ternura: Esposa e pomba minha, conheceste em meu íntimo a imensa liberalidade que me inclina ao amor da espécie humana, e os ocultos tesouros que preparei para sua felicidade. Tão grande força tem este amor sobre mim, que lhes desejo dar meu Unigênito para seu Mestre e Salvador. Conheceste também um pouco da má correspondência, grosseira ingratidão e desprezo que fazem os homens de minha clemência e amor.

Ainda que te manifestei parte de sua malícia quero, minha amiga, que novamente conheças em meu ser o limitado número dos escolhidos que me conhecerão e amarão, e quão grande é o dos ingratos e réprobos. Estes pecados sem número, e as abominações de tantos homens imundos e tenebrosos (que em minha ciência infinita prevejo) detém minha liberal misericórdia e fecham com fortes cadeados a saída dos tesouros de minha divindade, tornando o mundo indigno de os receber.

49. Por estas palavras do Altíssimo, conheceu a Princesa Maria grandes sacramentos sobre o número dos predestinados e dos réprobos; sobre a resistência e óbice que os pecados dos homens opunham à intenção divina de enviar ao mundo o Verbo eterno humanado. Admirada à vista da infinita bondade e justiça do Criador e da imensa iniquidade e malícia dos homens, toda inflamada na chama do divino amor, disse a prudentíssima Senhora:

Intercessão de Maria pedindo a Encarnação

50. Senhor meu, Deus infinito na sabedoria e incompreensível na santidade, que mistério é este que me manifestais? Sem medida é a maldade dos

homens, pois somente vossa sabedoria a compreende. Mas todas elas, e outras muito maiores, poderão porventura extinguir vossa bondade e amor ou competir com ele? Não, Senhor meu, não pode ser assim; a malícia dos mortais não deverá deter vossa misericórdia. Sou a mais inútil de toda a linhagem humana, mas em nome dela faço demanda à vossa fidelidade. É verdade infalível que faltarão o céu e a terra **(Is 51, 6)**, antes que faltem vossas palavras. Já que por vossa boca a destes aos santos profetas e por eles ao mundo, muitas vezes, prometendo-lhes o Redentor, como, Deus meu, deixar-se-ão de cumprir essas promessas garantidas pela vossa infinita sabedoria que não pode se enganar, e pela vossa bondade que ao homem não engana? Para lhes fazer esta promessa e oferecer-lhes sua eterna felicidade em vosso Verbo humanado, da parte dos mortais não houve merecimentos, nem criatura alguma vos pode obrigar a isso. Se este bem pudesse ser merecido, não ficaria tão exaltada vossa infinita e liberal clemência.

Para Deus fazer-se homem, somente em Deus pode ser encontrada a razão. Somente em Vós está a razão e o motivo de nos terdes criado e de nos reparardes depois de caídos. Para a Encarnação não procureis, meu Deus e Rei altíssimo, mais méritos nem mais razões, além de vossa misericórdia e da exaltação de vossa glória.

Resposta do Altíssimo

51. Verdade é, minha esposa, respondeu o Altíssimo, que por minha bondade imensa prometi aos homens vestir-me de sua natureza para habitar com eles, e que ninguém pôde merecer esta promessa. Não obstante, desmerece seu cumprimento o ingratíssimo procedimento dos mortais, tão odioso à minha equidade. Quando somente pretendo sua felicidade, só encontro a dureza que os levará a perder e desprezar os tesouros de minha graça e glória. Em lugar de frutos, me darão espinhos. Aos benefícios, corresponderão com grandes ofensas, às minhas liberais misericórdias, com detestável ingratidão. O cúmulo de todos estes males será, para eles, a privação de minha visão nos eternos tormentos. Considera, minha amiga, estas verdades escritas no segredo de minha sabedoria, e pondera estes grandes mistérios. Para ti está aberto meu coração, e nele conheces as razões de minha justiça.

Maria conhece a predestinação das almas

52. Não é possível manifestar os ocultos mistérios que Maria santíssima conheceu no Senhor. N'Ele viu todas as criaturas presentes, passadas e futuras, a disposição de suas almas, as obras boas e más que fariam, e o fim que todas teriam. Se não fosse confortada pela virtude divina, não teria podido conservar a vida, em conseqüência dos efeitos e sentimentos que esta ciência e visão, de tão recônditos mistérios, nela produziram.

Como, porém, estes milagres e graças eram-lhe concedidos para altos fins, Deus não se mostrava parcimonioso, mas sim liberalíssimo com a escolhida para Mãe sua.

Desta ciência que recebia diretamente do ser divino, dimanava-lhe também o fogo da caridade eterna que a inflamava no amor de Deus e do próximo. Assim continuou suas petições dizendo:

Advoga a causa dos mortais

53. Senhor, Deus eterno, invisível e imortal, confesso vossa justiça, engrandeço vossas obras, adoro vosso ser infinito e reverencio vossos juízos. Meu coração se desfaz em afetos de amor, vendo vossa ilimitada bondade pelos homens e a pesada ingratidão deles para convosco. A todos quereis, meu Deus, dar a vida eterna. Poucos agradecerão este inestimável benefício, e muitos o perderão por malícia. Se por isso vos desobrigais, Bem meu, estamos perdidos. Se, com vossa ciência divina estais prevendo as culpas e malícia dos homens que tanto vos desobrigam, com a mesma ciência vêdes vosso Unigênito humanado, seus atos de infinito valor e apreço para vossa aceitação e que, sem comparação, ultrapassam e excedem as ofensas dos pecados. A este

Homem-Deus deveis considerar e, por atenção a Ele, nô-lo dar.

Para novamente solicitá-lo em nome do gênero humano, visto-me do espírito do Verbo feito homem em vossa mente, peço sua encarnação e por Ele a vida eterna para todos os mortais.

Continuam as objeções divinas

54. A esta petição de Maria santíssima, representou-se (a nosso modo de fa-

lar) ao Pai eterno, como seu Unigênito desceria ao virginal seio desta grande Rainha e rendeu-se aos seus amorosos e humildes rogos. Ainda que prosseguia mostrando-se indeciso, isto era artifício de seu amor para continuar ouvir a voz de sua amada, permitindo que seus doces lábios (**Cant 4, 11**) destilassem mel suavíssimo e suas emissões (**idem, 13**) fossem do paraíso. Para prolongar esta deliciosa contenda, respondeu-lhe o Senhor: Dulcíssima esposa, pomba escolhida, é muito o que me pedes e pouco o que os homens merecem. Como a indignos se há de conceder tão raro benefício? Deixa-me, amiga, tratá-los conforme sua má correspondência.

Respondia nossa poderosa e clemente advogada: Não, Senhor meu, não vos deixarei com minha insistência; se peço muito, peço-o a Vós, rico em misericórdia, poderoso nas obras, veríssimo nas palavras. Falando de Vós e do Verbo eterno, declarou meu pai Davi: O Senhor jurou e não se arrependerá, tu és sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (**Sl 109, 4**). Venha, pois, este sacerdote e vítima para o sacrifício de nosso resgate; não podeis vos arrepender de vossa promessa, porque não prometeis com ignorância. Doce amor meu, revestida da virtude deste Homem-Deus não cessará minha porfia, até me concederes a bênção como a meu pai Jacó (**Gn 32, 26**).

Deus deixa-se vencer pelas súplicas da Virgem

55. Como a Jacó, perguntou-se neste combate divino à nossa Rainha e Senhora, qual era seu nome. Respondeu: Sou filha de Adão, feita por vossas mãos da humilde matéria do pó.

Respondeu-lhe o Altíssimo: De hoje em diante teu nome será "escolhida para Mãe de meu Unigênito". Estas últimas palavras, porém, foram entendidas só pelos cortezãos do céu, e Ela só entendeu que era escolhida, sendo-lhe as demais ocultas até o tempo oportuno.

Tendo persistido nesta amorosa contenda o tempo disposto pela Sabedoria divina, e conveniente para abrasar o fervoroso coração da eleita, a Santíssima Trindade deu-lhe sua real palavra que, em breve, enviaria ao mundo o Verbo eterno feito homem.

Alegre e cheia de incomparável júbilo por este "fiat", nossa Rainha pediu e recebeu a bênção do Altíssimo. Deste combate com Deus, Maria alcançou maior vitória do que Jacó. Saiu rica, forte e cheia de despojos, enquanto Deus ficou ferido e vencido (ao nosso modo de entender) pelo amor desta Senhora, para vestir-se em seu sagrado tálamo da fraqueza humana de nossa carne passível. Com esta encobriria a fortaleza de sua divindade, para vencer sendo vencido, e dar-nos a vida morrendo. Vejam os mortais como, depois de seu bendito Filho, Maria santíssima é causa de sua salvação.

Revelação das obras do quinto dia da criação

56. Em seguida, nesta visão, foram manifestados à nossa grande Rainha as obras do quinto dia da criação do mundo, na mesma forma em que se realizaram. Conheceu como, mediante a força da divina palavra, foram engendrados e produzidos das águas de sob o firmamento **(Gn 1, 20-22)**, os imperfeitos animais répteis que rastejam sobre a terra, os voláteis que voam pelos ares e os aquáticos que vivem nas águas. De todas estas criaturas conheceu a origem, matéria, forma e figura, em seu gênero e ainda todas as espécies de animais silvestres, suas qualidades, utilidades e harmonia. Conheceu as aves do céu (que chamamos ar) com a variedade e forma de cada espécie, sua beleza, plumas, velocidade; os inumeráveis peixes do mar e dos rios, a diversidade dos monstros marinhos, sua estrutura, qualidades, lugares que habitam, alimento que recebem do mar, os fins para que servem, a forma e a utilidade de cada um neste mundo. A todo este exército de criaturas ordenou Deus reconhecer e obedecer a Maria santíssima, a quem deu poder para dominar e delas se servir, como aconteceu em muitas ocasiões, conforme direi em seus lugares. Com isto, terminou a visão deste dia que Ela preencheu com os exercícios e petições que o Senhor lhe ordenou.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA

Agradecer as graças concedidas à Virgem

57. Minha filha, o conhecimento mais completo das maravilhosas obras que o poder do Altíssimo comigo realizou, preparando-me com visões abstrativas da divindade à dignidade de Mãe sua, está reservado para os predestinados na celestial Jerusalém.

Ali o entenderão vendo-o em Deus, com especial alegria e admiração, assim como gozaram os anjos louvando e exaltando o Altíssimo por lhes haver manifestado essas maravilhas.

Neste benefício, Deus mostrou-se contigo mais liberal e amoroso que a todas as gerações, dando-te notícia e luz destes mistérios tão ocultos. Por isto quero, minha amiga, que excedas a todas as criaturas em louvar e engrandecer seu santo nome, por tudo o que seu poder realizou em mim.

O combate da oração

58. Com todo o cuidado deves imitar-me nos atos que eu fazia durante esses grandes e admiráveis favores. Pede e suplica pela eterna salvação de teus irmãos e para que o nome de meu Filho seja exaltado e conhecido em todo o mundo.

Farás estas súplicas com grande confiança, apoiada em fé viva e com profunda humildade, sem perder de vista tua miséria. Assim equipada, peleja com o amor divino pelo bem de teu povo, lembrando-te que ele tem por mais gloriosa vitória, deixar-se vencer pelos humildes que sinceramente o amam.

Eleva-te acima de ti mesma e agradece-lhe os especiais benefícios concedidos a ti e ao gênero humano. Exercitando-te assim no divino amor, merecerás receber outros novos para ti e teus irmãos. E sempre que te encontrares na presença do Senhor pede-lhe sua bênção.

CAPÍTULO 6

O ALTÍSSIMO MANIFESTA A MARIA, SENHORA NOSSA, AS OBRAS DO SEXTO DIA DA CRIAÇÃO E OUTROS MISTÉRIOS.

A oração de Maria

59. Continuava o Altíssimo a preparação próxima para nossa divina Princesa receber o Verbo em seu virginal seio, enquanto Ela prosseguia em fervorosos afetos e orações pedindo sua vinda ao mundo.

Chegada a noite do sexto dia, dos que vou descrevendo, chamada pela mesma voz e atraída pela mesma força que acima disse, foi elevada em espírito. Precedendo mais intensas iluminações, manifestou-se-lhe a divindade em visão abstrativa, pelo modo das outras vezes, mas sempre com efeitos mais divinos e mais profundo conhecimento dos atributos do Altíssimo.

Costumava passar nove horas nesta oração e terminava na hora de terça, quando se interrompia a visão do ser divino, mas nem por isso cessava para Maria a sua presença e oração. Permanecia noutro grau que, embora inferior ao precedente, era altíssimo e absolutamente superior ao que tiveram todos os santos e justos. Estes favores e dons eram muito mais deificados nos últimos dias que precederam à Encarnação, sem serem prejudicados pelas ocupações ativas de seus deveres de estado. Aí Marta não podia se queixar de que Maria a deixava só no trabalho **(Luc 10, 40)**.

Obras do sexto dia da criação

60. Nesta visão de Deus, foram-lhe manifestadas as obras do sexto dia da criação. Como se estivera presente, conheceu no Senhor, como pela sua divina palavra a terra produziu os animais viventes segundo suas espécies **(Gn 1, 24)**, conforme narra Moisés. Por esta denominação, entendia os animais terrestres mais perfeitos nas operações da vida animal do que os peixes e as aves, e por isso chamados "ánima vivente". Conheceu e penetrou todos estes gêneros e espécies de animais criados no sexto dia, assim como seus nomes que encerram suas respectivas propriedades; os muares para o serviço do homem; as feras; os répteis rastejantes. De todos e de cada um conheceu distintamente as qualidades, ferocidade, forças, utilidades e finalidades. Sobre todos estes animais foi-lhe dado poder e domínio, e a eles preceito para lhe obedecerem. Sem receio algum poderia pisar sobre a áspide e o basilisco, pois todos se renderiam a seus pés. A seu mandato, muitas vezes, assim fizeram alguns animais, como aconteceu por ocasião do nascimento de seu Filho santíssimo; por sua ordem o boi e a jumentinha prostraram-se e com o alento aqueceram o Deus menino.

Maria satisfaz a dívida de gratidão das criaturas pelo Criador

61. Nesta plenitude de ciência entendeu nossa Rainha, com suma perfeição, o oculto modo com que Deus encaminha tudo o que criou para o serviço e benefício do gênero humano e a grande

dívida que esta graça faz o homem contrair com seu Criador.

Foi muito conveniente que Maria santíssima tivesse este gênero de sabedoria e compreensão, para ser capaz de oferecer digno agradecimento por estes benefícios, pois nem os homens, nem os anjos o deram, tanto por lhes faltar gratidão, como por não compreenderem o quanto deviam. Todas estas lacunas foram preenchidas pela Rainha que por nós satisfez o que não poderíamos ou não queríamos satisfazer. Mediadora nossa, indenizou com sua gratidão a equidade divina, porque sua inocência e agradecimento foram-lhe mais agradáveis que em todas as demais criaturas. Por este modo tão misterioso ia-se dispondo a vinda de Deus ao mundo e removendo-se o óbice que a impedia, mediante a santidade daquela que seria sua Mãe.

A criação do homem

62. Depois da criação de todas as criaturas irracionais, conheceu na mesma visão como, para complemento e perfeição do mundo, disse a santíssima Trindade: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança (**Gn 1, 26**), e que, pela virtude deste divino decreto, foi formado da terra o primeiro homem para origem dos demais. Conheceu profundamente a harmonia do corpo humano, a alma com suas faculdades, sua criação e infusão no corpo, e a união resultante na composição do todo. Conheceu a estrutura do corpo humano e cada uma de suas partes, o número dos ossos, veias, artérias, nervos e articulações; a participação dos quatro humores em cada temperamento, a faculdade de se alimentar, desenvolver e locomover-se; como, pela alteração desta harmonia,

produziam-se as enfermidades e como podiam ser debeladas. Tudo entendeu e penetrou, sem erro, nossa prudentíssima Virgem, mais que todos os filósofos do mundo e até do que os anjos.

O estado de graça de Adão e Eva e a queda no pecado

63. Manifestou-lhe também o Senhor, o feliz estado da justiça original em que havia criado nossos primeiros pais Adão e Eva. Conheceu as propriedades, formosura e perfeição da inocência e da graça, e quão pouco nela perseveraram. Entendeu o modo como foram tentados **(Gn 3, 1)** e vencidos pela serpente, os efeitos do pecado, o furor e ódio dos demônios contra a linhagem humana.

Na visão de tudo isto, fez nossa Rainha grandes e sublimes atos, de sumo agrado para o Altíssimo. Reconheceu ser filha daqueles primeiros pais, descendente de uma natureza tão ingrata a seu Criador e, neste conhecimento, humilhou-se na divina presença, ferindo o coração divino e obrigando-o a elevá-la acima de toda a criação. Tomou por sua conta chorar aquela primeira culpa, com todas as mais que dela resultaram, como se de todas fosse culpada. Por isso, se pôde chamar feliz aquela culpa que mereceu ser pranteada com lágrimas tão preciosas na estima do Senhor, fiadoras e penhor certo de nossa Redenção.

Maria agradece a criação

64. Agradeceu dignamente ao Criador pela magnífica obra da criação do homem. Considerou atentamente a desobediência deste, a sedução e ilusão de Eva, e em sua mente propos guardar perpetuamente a obediência que aqueles primeiros pais negaram a seu Deus e Senhor.

Tão agradável foi esta submissão aos seus olhos que ordenou se realizassem neste dia, diante dos cortezãos do céu, o que fora figurado na história do rei Assuero **(Est 1, 2)**: a reprovação da rainha Vasti, privada da dignidade real por sua desobediência, e a elevação da humilde e graciosa Ester, para substituí-la como rainha.

Maria substitui Eva

65. Concordavam estes mistérios com admirável harmonia. O sumo e verdadeiro Rei, para ostentar a grandeza de seu poder e tesouros de sua divindade, organizou o banquete da criação. Preparada a mesa gratuita para todas as criaturas, chamou o convidado, o gênero humano, pela criação dos primeiros pais. Desobedeceu Vasti, nossa mãe Eva, rebelde ao divino preceito. Com aprovação e admirável louvor dos anjos, mandou o verdadeiro Assuero que fosse elevada à dignidade de Rainha a humilíssima Ester, Maria santíssima, cheia de graça e beleza, escolhida entre todas as filhas da posteridade humana, para sua restauradora e Mãe do Criador.

Conclusão da comparação entre Maria e Ester

66. Para realizar plenamente este mistério, infundiu o Altíssimo no coração de nossa Rainha, nessa visão, nova aversão pelo demônio, como a de Ester por Aman **(Est 7, 10)**. Derribou-o do poder que tinha no mundo, esmagou a cabeça de sua soberba e arrastou-o até o patíbulo da cruz, onde foi vencido, quando pretendia destruir e vencer o Homem-Deus.

Em tudo isto interveio Maria santíssima, como diremos em seu lugar (1). Assim como a inimizade deste grande dragão começou no céu, contra a mulher **(Apoc 12, 4)** que lá viu vestida de sol, e que dissemos ser esta divina Senhora (2), assim também a luta durou até ser por Ela privado de seu tirano domínio. E, como no lugar do soberbo Aman foi honrado o fiel Mardoqueu **(Est 6, 10)**, assim foi elevado o castíssimo e fidelíssimo José, que cuidava do bem-estar de nossa divina Ester. A Ela sempre pedia que rezasse pela libertação de seu povo, sendo este o assunto das frequentes palestras entre São José e sua esposa puríssima. Por causa dela, foi elevado a tão alta santidade e excelente dignidade que o supremo Rei

1 - adiante nº 1364
2 - 1ª parte nº 95

lhe deu o anel (**Est 8, 2**) de seu selo, com autoridade sobre o próprio Homem-Deus que lhe era submisso, como diz o Evangelho (**Lc 2, 51**). Depois disto, cessou a visão de nossa Rainha.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA

Devemos ser humildes, porque pecadores

67. Minha filha, admirável foi o dom da humildade que o Altíssimo me concedeu no sucesso que descreveste. Como não despreza o Senhor a quem O chama, nem recusa seu favor a quem se dispõe a recebê-lo, quero que tu me imites e sejas minha companheira no exercício desta virtude.

Eu não tinha parte na culpa de Adão, pois não fui envolvida em sua desobediência. Mas, porque tive parte em sua natureza, e só por ser filha sua, humilhei-me até aniquilar-me em minha própria estima.

Com este exemplo, como se deverá humilhar quem participou não só na primeira culpa, mas depois cometeu ainda outras muitas? O motivo e finalidade deste humilde conhecimento não deve ser tanto evitar a pena grangeada por estas culpas, mas sim reparar a honra que, por elas, se recusou ao Criador e Senhor de todos.

Sentimento pelas ofensas a Deus e reparação pelos pecados do próximo

68. Se um teu irmão ofendesse gravemente a teu pai natural, não serias filha agradecida, nem verdadeira irmã, se não sentisses a ofensa e não chorasses a desgraça como se fosse tua, pois ao pai se deve toda reverência, e ao irmão amor como a ti mesma. Examina, pois, caríssima, na verdadeira luz, quanta diferença há entre o Pai celestial e o natural, e considera que todos são filhos seus, obrigatoriamente unidos com o vínculo de irmãos e servos do verdadeiro Senhor. Assim como te humilharias e chorarias, com grande confusão e vergonha, se teus irmãos naturais cometessem alguma culpa ignominiosa, assim quero que o faças pelas que os homens cometem contra Deus, sentindo tristeza e vergonha, como se a ti fossem atribuídas.

Foi isto que fiz ao conhecer a desobediência de Adão e Eva, e os males que dela se seguiram para a descendência do gênero humano. Meu reconhecimento e caridade agradou o Altíssimo, porque Ele muito se compraz em quem chora os pecados dos que os cometem e depois os esquecem.

Cumprimento do dever, caridade fraterna e obediência

69. Além disto, deves ficar avisada: por grandes e elevados que sejam os favores que recebes do Altíssimo, não deves te descuidar do perigo, nem considerar desprezível o cumprimento de teus deveres de estado e de caridade. Isto não será deixar a Deus, pois a fé te ensina e a luz espiritual te guia para o levares contigo em qualquer ocupação e lugar. Somente a ti mesma e a teu gosto deves deixar, para cumprir o de teu Senhor e Esposo. Não te deixes levar pela inclinação, nem pela boa intenção e gosto interior porque, muitas vezes, sob esta capa se esconde grande perigo.

Em tais dúvidas e perplexidades sempre serve de padrão e mestre a santa obediência, pela qual regerás com segurança tuas ações, sem fazer outra escolha. À verdadeira submissão e sujeição do próprio ditame ao alheio, estão prometidas grandes vitórias e aumento de méritos. Jamais hás de ter querer ou não querer, e com isso cantarás vitória (**Prov 21, 28**) sobre os inimigos.

CAPÍTULO 7

CELEBRA O ALTÍSSIMO NOVO DESPOSÓRIO COM A PRINCESA DO CÉU, A FIM DE PREPARÁ-LA PARA AS BODAS DA ENCARNAÇÃO.

A Encarnação, a maior de todas as obras divinas

70. Grandes são as obras do Altíssimo (**Sl 110, 2**), porque todas foram e são feitas com plenitude de ciência e bondade, justiça e medida (**Sab 11, 21**). Nenhuma é incompleta, inútil, defeituosa, supérflua e vã: todas são primorosas e magníficas como o Senhor que, segundo a medida de sua vontade, as quis fazer e conservar do modo mais conveniente, para nelas ser conhecido e glorificado. Fora do mistério da Encarnação, porém, todas as obras de Deus ad extra, ainda que sejam grandes, estupendas e mais admiráveis que compreensíveis, não passam de pequenina centelha (**Ecli 42, 23**) projetada do imenso abismo da divindade.

Somente o inefável sacramento de Deus fazer-se homem passível e mortal, pode ser chamado obra-prima do infinito poder e sabedoria, aquela que excede, sem comparação, às suas demais obras e maravilhas. Neste mistério, não foi comunicada aos homens apenas uma faísca da divindade, mas todo aquele vulcão de imenso incêndio, que se uniu com indissolúvel e eterna aliança, à nossa natureza humana e terrena.

A grandeza de Maria foi proporcionada à dignidade de Mãe de Deus

71. Se esta sagrada maravilha do Rei deve ser medida por sua mesma grandeza, era conseqüente que a mulher, em cujo seio tomaria forma de homem, fosse perfeita e adornada de todas suas riquezas. Deveria ter todos os dons e graças possíveis, com tal plenitude, que nenhum lhe fosse incompleto ou defeituoso.

Sendo isto racional e conveniente à grandeza do Onipotente, assim Ele o realizou com Maria santíssima, melhor do que Assuero com a graciosa Ester (**Est 2, 9**), quando quis elevá-la ao trono de sua grandeza.

Preparou o Altíssimo nossa Rainha Maria com favores, privilégios e dons jamais imaginados pelas criaturas. Quando Ela surgiu à vista dos cortezãos deste grande Rei imortal dos séculos (**Tim 1, 17**), todos louvaram o poder divino que, ao escolher uma mulher para Mãe, pôde e soube torná-la digna de o receber por Filho.

Visão e graças do sétimo dia

72. Chegou o sétimo dia próximo a este mistério e, à mesma hora que nos anteriores, a divina Senhora foi chamada e elevada espiritualmente, com certa diferença dos dias precedentes. Neste, foi levada corporalmente pelos santos anjos ao céu empíreo, ficando um deles em seu lugar, representando-a com corpo aparente. Chegada ao supremo céu, viu a divindade com visão abstrativa como nos outros dias, mas sempre com nova e mais intensa

luz e mistérios mais profundos, que aquela Vontade sabe e pode esconder ou revelar.

Ouviu uma voz que saía do trono real dizendo: Vem, esposa e pomba escolhida, nossa graciosa e amada, que achaste graça a nossos olhos, eleita entre milhares, vem para novamente seres recebida por nossa única Esposa. Para isto, queremos te conferir o ornato e formosura dignos de nossos desejos.

Atitude e humildade da Virgem

73. A estas palavras, a humilíssima entre os humildes abateu-se e aniquilou-se na presença do Altíssimo, além de quanto possa compreender a humana capacidade. Toda entregue ao divino beneplácito, com aprazível retraimento, respondeu: Aqui está, Senhor, o pó e vil vermezinho, vossa pobre escrava, para que nela se cumpra vosso maior agrado. Servi-vos do humilde instrumento de vosso querer, governai-o com vossa destra.

Mandou o Altíssimo aos serafins, mais excelentes em dignidade e próximos ao trono, que assistissem aquela Mulher. Acompanhados por outros, colocaram-se em forma visível ao pé do trono onde se encontrava Maria santíssima, mais inflamada no divino amor que todos eles.

Sentimentos dos Anjos

74. Era espetáculo de nova admiração e júbilo para todos os espíritos angélicos ver naquele lugar, jamais pisado por outros pés, uma humilde donzela, consagrada sua Rainha, mais próxima a Deus que todas as demais criaturas. Viam no céu, tão apreciada e considerada, aquela mulher **(Prov 31, 10)** que o mundo desprezava por desconhecê-la. Viam o penhor e princípio da elevação da natureza humana acima dos coros celestiais, e já estabelecida entre eles.

Oh! que santa e doce inveja poderia causar esta peregrina maravilha aos antigos cortezãos da celeste Jerusalém! Que conceitos formariam para louvar seu Autor! Que afetos de humildade repetiriam, sujeitando seus elevados entendimentos à vontade e ordenação divina! Reconheceriam ser justo e santo que Ele elevasse os humildes e favorecesse a humana humildade, dando-lhe preferência à angélica.

Maria recebe a graça no mais alto grau

75. Estando os moradores do céu nesta digna admiração, a santíssima Trindade(a nosso modo de entender) conferia consigo mesma quão agradável era a seus olhos a princesa Maria. Correspondera perfeita e inteiramente aos benefícios e dons que lhe foram confiados. Mediante eles havia conquistado a glória que adequadamente fazia reverter na do Senhor, e não tinha falta, defeito ou impedimento para receber a dignidade de Mãe do Verbo, para a qual fora destinada.

Determinaram as três divinas Pessoas acrescentar-lhe ainda o supremo grau de graça e amizade com Deus, grau que nenhuma outra criatura tivera nem teria jamais. Naquele momento conferiram-lhe mais graça do que possuíam todas as demais criaturas reunidas. Vendo realizada a suprema santidade, que para Maria ideara e concebera sua mente divina, grande foi por Ela seu agrado e complacência.

A manifestação visível da santidade de Maria

76. Correspondente a esta santidade, e em testemunho da benevolência com que o Senhor lhe comunicava novas influências de sua divina natureza, mandou que Maria fosse visivelmente ornada de veste e jóias misteriosas, significando os dons interiores, graças e privilégios que lhe outorgava como Rainha e Esposa. Não obstante este ornato e desposório lhe terem sido concedidos outras vezes (1), como quando foi apresentada no templo, nesta ocasião foram acompanhados de novas excelências e admiração, porque constituíam a preparação próxima para o milagre da Encarnação.

1 - 1ª parte nº 435

A túnica, símbolo de sua pureza e graça

77. Por ordem divina, os serafins vestiram Maria santíssima com ampla túnica, símbolo de sua pureza e graça. Era de tão singular alvura e refulgente beleza, que se um só de seus raios luminosos brilhasse no mundo, daria maior claridade que todas as estrelas juntas, mesmo que estas fossem outros tantos sóis. Comparada com a sua, a luz que conhecemos para compreendia e por tudo se humilhava com indizível prudência, pedindo o auxílio divino para corresponder a tais benefícios e favores.

O cinto, símbolo do temor de Deus

78. Colocaram-lhe os serafins sobre a veste um cinto, símbolo do santo temor que lhe era infundido. Riquíssimo, feito de pedras diversas, extremamente refulgentes, que muito o embelezavam. Ao mesmo tempo, foi a divina Princesa iluminada pela fonte de luz, em cuja presença se encontrava, para altamente entender as razões pelas quais Deus deve ser temido por toda criatura.

receria obscuridade. Enquanto era assim vestida pelos serafins, recebeu do Altíssimo profunda inteligência que aquela graça lhe ocasionava a obrigação de corresponder a Deus com a fidelidade, o amor, e o excelente e o elevado modo de praticar tudo quanto compreendia.

Somente não lhe era revelada a intenção do Senhor tomar carne em seu seio virginal. Tudo o mais nossa grande Senho-

Com este dom do temor do Senhor, ficou convenientemente cingida e preparada, como era necessário a uma pura criatura, que tão familiarmente trataria e

conversaria com o Criador, sendo verdadeira Mãe sua.

Os cabelos, o diadema e as sandálias

79. Em seguida, conheceu que a ornavam com formosos e longos cabelos, mais brilhantes que o ouro refulgente, presos por rico diadema. Por este ornato, lhe era concedido que todos seus pensamentos, durante toda a vida, fossem elevados e divinos, inflamados em sublime caridade significada pelo ouro. Ao mesmo tempo, foram-lhe infundidos novos hábitos de sabedoria e ciência claríssima, para que estes cabelos ficassem graciosamente reunidos e presos por inexplicável participação na ciência e sabedoria do mesmo Deus.

Deram-lhe por sandálias a graça de que todos seus passos e movimentos fossem formosíssimos **(Cant 7)**, dirigidos sempre para os mais altos e santos fins da glória do Altíssimo. Prenderam-lhe este calçado, com especial graça de solicitude e diligência no agir para com Deus e com o próximo. Assim sucedeu quando, apressadamente **(Lc 1, 39)**, foi visitar Santa Isabel e São João. Deste modo, os passos desta filha do Príncipe **(Cant 7, 1)** tornaram-se formosíssimos.

Pulseiras, anéis e colar

80. Adornaram-na com pulseiras, infundindo-lhe nova magnanimidade para grandes obras, pela participação do atributo da magnificência. Assim, sempre aplicava suas mãos **(Prov 31, 19)** em coisas árduas. Embelezaram-lhe os dedos com anéis, novos dons do Espírito Santo, para que nas pequenas ações, em coisas de menor importância, agisse de modo superior, com intenções e circunstâncias que as tornavam todas admiráveis e grandiosas.

Acrescentaram-lhe um colar de inestimáveis e brilhantes pedras preciosas. Dele pendia um conjunto de três pedras mais excelentes, as virtudes da fé, esperança e caridade, correspondentes às três divinas Pessoas. Por este ornato, renovaram-lhe os hábitos destas nobilíssimas virtudes, conforme deveria exercitá-las nos mistérios da Encarnação e Redenção.

As arrecadas

81. Colocaram-lhe nas orelhas arrecadas de ouro **(Cant 1, 10)**, salpicadas de prata, preparando seus ouvidos para a embaixada que em breve receberia do santo arcanjo Gabriel. Foi-lhe dada especial ciência, para ouvir com atenção e responder discretamente com argumentos prudentíssimos e agradáveis à divina vontade. Do metal sonoro e puro da prata de sua candura, ressoaria aos ouvidos do Senhor, e ficariam gravadas em seu peito divino, aquelas esperadas e santas palavras: "*Fiat mihi secundum verbum tuum*" **(Lc 1, 38)**.

O ornato de sua túnica

82. Semearam sua veste de cifras em relevo, semelhantes a bordados de finíssimos matizes e ouro. Algumas diziam: Maria, Mãe de Deus; outras: Maria, Virgem e Mãe. Por então, não lhe foram revelados estes misteriosos dísticos, mas somente aos santos Anjos. Os matizes eram os excelentes hábitos de todas as iminentes virtudes e de seus atos correspondentes, ultrapassando tudo quanto têm praticado as criaturas inteligentes.

Para complemento de toda esta beleza deram-lhe, qual água perfumada para banhar o rosto, muitas iluminações e resplendores, que a proximidade e participação do infinito ser e perfeições de Deus refletiam nesta divina Senhora. Convinha que, para recebê-lo real e verdadeiramente em seu ventre virginal, o houvesse recebido por graça, no sumo grau possível a pura criatura.

Impossível explicar a santidade da Virgem

83. Com este adorno e beleza, ficou nossa princesa Maria tão encantadora e cativante que o supremo Rei pôde cobiçá-la **(Sl 44, 12)**. Pelo que em outros

lugares tenho dito de suas virtudes (2) e pelo que será forçoso repetir nesta História, não me detenho mais em explicar este adorno, que foi superior pelas suas circunstâncias e efeitos mais divinos. Tudo cabe no poder infinito e no imenso campo da perfeição e santidade, onde sempre fica muito que acrescentar e entender. Aproximando-nos deste mar de Maria puríssima, ficamos sempre muito à margem de sua grandeza, e meu entendimento sempre permanece repleto de conceitos que não consigo traduzir.

DOUTRINA QUE ME DEU MARIA, A RAINHA SANTÍSSIMA

Deus deseja agraciar as almas

84. Minha filha, as ocultas oficinas e recâmaras do Altíssimo são de Rei divino e Senhor onipotente. Sem medida e sem número são as ricas jóias que nelas guarda, para compor o adorno de suas esposas escolhidas. Assim como enriqueceu minha alma, poderia fazer com outras inumeráveis, e sempre lhe sobraria infinitamente. Ainda que a nenhuma criatura dará tanto como a mim, não será por não poder ou não querer, mas sim porque nenhuma se disporá para a graça como eu. Apesar disso, com muitas o Todo- poderoso é liberalíssimo e as enriquece grandemente, por terem menos impedimento e mais disposição que outras.

Disposições para elevar-se na graça

85. Desejo, caríssima, que não oponhas obstáculos ao amor do Senhor por ti. Quero que te disponhas a receber os dons e jóias com que te quer preparar e te fazer digna de seu tálamo de esposo. Saiba que todas as almas recebem dele este ornato de sua amizade e graça, mas cada qual no grau de que é capaz. Se desejas chegar aos mais elevados graus desta perfeição e ser digna da presença de teu Senhor e Esposo, procura crescer e ser forte no amor, que aumenta na medida da renúncia e mortificação. Esquece e deixa todas as coisas terrenas; extingue a inclinação por ti mesma e pelas coisas visíveis. Lava-te freqüentemente no Sangue de Cristo, teu Redentor, renovando a amorosa dor da contrição de tuas culpas. Deste modo encontrarás graça a seus olhos, Ele cobiçará tua beleza **(Sl 44, 12)** e teu adorno será cheio de perfeição e pureza.

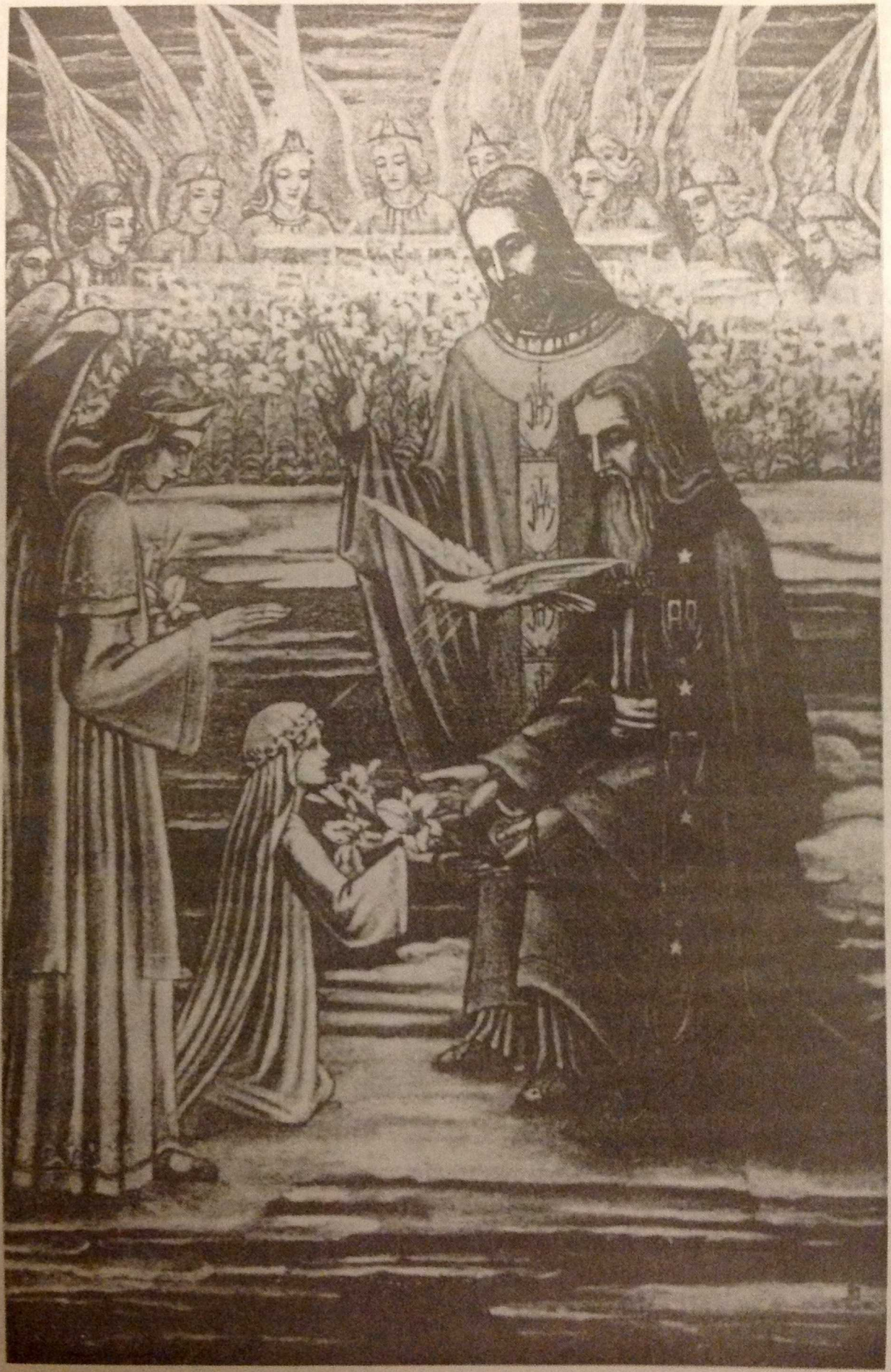
Gratidão e humildade

86. Como foste pelo Senhor tão distinguida nestes favores, é razão que sejas mais agradecida que muitas gerações, louvando-o e engrandecendo-o incessantemente pelo que contigo se dignou realizar. Se o vício da ingratidão é tão repreensível nas criaturas que devem menos e que, terrenas e grosseiras, desprezam e esquecem os benefícios do Senhor, maior será esta vilania em ti.

Não te enganes com pretexto de humildade, porque há muita diferença entre humildade agradecida e ingratidão erradamente humilhada. Deves lembrar que muitas vezes o Senhor fez grandes favores a indignos, para manifestar sua bondade e grandeza, e para que ninguém se exalte por causa deles.

O conhecimento da própria indignidade serve de contrapeso e antídoto contra o veneno da presunção. Isto não deve impedir a gratidão e o reconhecimento que todo dom perfeito **(Tgo 1, 17)** pertence e desce do Pai das luzes, e por si mesma a criatura nunca os pode merecer. Se tudo lhe é dado unicamente pela bondade divina, deve penetrar-se toda de gratidão.

2 - 1ª parte nº 226 a 235 e 482 a 911



Desposório da Virgem com a Santíssima Trindade

CAPÍTULO 8

É ATENDIDA A SÚPLICA QUE NOSSA GRANDE RAINHA FAZ, DIANTE DO SENHOR, PARA A REALIZAÇÃO DO MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO E DA REDENÇÃO HUMANA.

Maria será Mãe do Verbo e medianeira da redenção dos homens

87. Encontrava-se a divina princesa, Maria santíssima, tão cheia de graça e beleza, e o coração de Deus tão ferido **(Cant 4, 9)** por seus ternos afetos que, por fim, O obrigaram a voar do seio do eterno Pai ao tálamo de seu virginal seio. Assim rompeu com aquela prolongada rêmora, que por mais de cinco mil anos o detinha de vir ao mundo.

Como esta nova maravilha deveria se executar com plenitude de sabedoria e equidade, o Senhor a dispos de tal modo, que a Princesa do céu viesse a ser digna Mãe do Verbo humanado e, ao mesmo tempo, eficaz medianeira de sua vinda, muito mais do que Ester o foi do resgate de seu povo **(Est 7, 8)**.

Ardia no coração de Maria santíssima o fogo que Deus nele acendera, pedindo-lhe sem cessar a salvação para a linhagem humana. Ao mesmo tempo, retraía-se a humilíssima Senhora, sabendo que, pelo pecado de Adão, estava promulgada para os mortais sentença de morte e eterna privação da presença de Deus.

Sua amorosa e humilde oração pedindo a Encarnação

88. O amor e a humildade travavam divina luta no puríssimo coração de Maria, que com amorosos e humildes afetos repetia muitas vezes: "Oh! quem pudera conseguir o remédio para meus irmãos! Oh! quem tirara do seio do Pai o seu Unigênito para o transportar à nossa mortalidade! Oh! quem o obrigara a dar à nossa natureza aquele ósculo de sua boca **(Cant 1, 1)** pedido pela Esposa! Mas, como podemos nós pedir isso, filhos e descendentes do malfeitor que cometeu a culpa? Como poderemos atrair aquele que nossos pais afastaram tanto? Oh! amor meu, tomara ver-vos aos peitos **(Cant 8, 1)** de vossa mãe, a natureza! Oh! Luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, se descesses **(Sl 143, 5)** inclinando vossos céus e iluminando os que vivem assentados nas trevas **(Is 9, 2)**! Se apaziguasses vosso Pai e se o soberbo Aman **(Est 14, 13)**, nosso inimigo, o demônio, fosse derribado por vosso divino braço, o vosso Unigênito! Quem será a medianeira para tirar com a tenaz de ouro do altar celestial **(Is 6, 6)** aquela brasa da divindade (como o Serafim de que nos fala o vosso Profeta), para purificar o mundo?

Resposta divina

89. No oitavo dia dos que vou descrevendo, estava Maria santíssima fazendo esta oração, quando, à meia noite, arrebatada em Deus, ouviu-O responder: Vem, minha pomba, esposa escolhida, que não estás dentro da lei comum **(Est 15, 13)**; és isenta do pecado e livre de seus

efeitos, desde o instante de tua conceição. Quando te dei o ser, desviei de ti a vara de minha justiça e aproximei de teu colo a de minha grande clemência, para que não te atingisse o geral edito do pecado. Vem a Mim e não desfaleças por humildade e conhecimento de tua natureza. Eu levanto ao humilde e encho de riquezas o pobre. Estou contigo e minha liberal misericórdia ser-te-á benigna.

Admiração dos anjos

90. Intelectualmente ouvia estas palavras nossa Rainha e compreendeu que era levada corporalmente ao céu, como no dia precedente, pelos anjos, ficando em seu lugar um dos de sua guarda. Subiu novamente à presença do Altíssimo, tão rica dos tesouros de sua graça, tão próspera e tão formosa que, especialmente nesta ocasião, admirados, diziam entre si os soberanos espíritos, louvando ao Altíssimo: Quem é esta que sobe do deserto, tão inebriada de delícias (**Cant 6, 9-8, 5**)? Quem é esta que se apóia em seu amado e o cativa para levá-lo consigo à vida terrena? Quem é esta que se levanta como a aurora, mais formosa que a lua, singular como o sol? Como sobe tão refulgente, da terra mergulhada em trevas? Como, sendo de natureza tão frágil, é tão forte e corajosa? Como é tão poderosa, até querer vencer o Onipotente? E como, estando o céu fechado aos filhos de Adão, é franqueado para esta singular Mulher, sendo ela de sua mesma descendência?

O amor de Deus por Maria

91. Recebeu o Altíssimo, em sua presença, a sua eleita e única Esposa, Maria santíssima. Embora não tenha sido por visão intuitiva da divindade, mas só abstrativa, foi acompanhada de incomparáveis graças de iluminações e purificações, que o Senhor lhe reservara para este dia.

Tão divinas foram estas disposições que (a nosso modo de entender) o próprio Deus se admirou, apreciando a obra de seu poderoso braço. Como que enamorado por Ela, lhe disse: "*Revertere, revertere, Sunamitis, ut intueamur te*" (**Cant 6, 12**). Minha perfeitíssima Esposa, minha pomba e amiga, agradável a meus olhos, volta-te para nós te contemplarmos e nos deleitarmos em tua formosura. Não me arrependo de ter criado o homem, alegro-me de sua formação, porque tu dele nasceste. Vejam meus espíritos celestiais, quão merecidamente quis e quero escolher-te por Esposa minha e Rainha de todas minhas criaturas. Conheçam com quanta razão me deleito em teu tálamo, onde meu Unigênito será mais glorificado, depois da glória que possui em mim. Entendam todos que, se com justiça repudiei Eva, a primeira rainha da terra, por causa de sua desobediência, elevo-te à suprema dignidade mostrando-me poderoso e magnífico para com tua profunda humildade.

Os anjos reconhecem Maria por sua Senhora

92. Este foi o dia de maior júbilo e gozo acidental para os anjos, do que qualquer outro desde a criação. Quando a beatíssima Trindade escolheu e declarou sua Esposa e Mãe do Verbo eterno, por Rainha e Senhora de todas as criaturas, os espíritos celestiais a reconheceram por Superiora e Senhora, entoando maviosos hinos de glória e louvor do Senhor.

Nestes admiráveis mistérios, encontrava-se a divina rainha Maria absorta no abismo da divindade e na luz de suas infinitas perfeições. Assim dispunha o Senhor, para que Ela não notasse o que ia acontecendo, e ignorasse, até o tempo oportuno o mistério de sua escolha para Mãe do Unigênito de Deus.

Com nação alguma jamais fez o Senhor tais coisas (**Sl 147, 20**), nem com qualquer outra criatura se mostrou tão magnífico e poderoso, como com Maria santíssima neste dia.

Maria suplica a vinda do Messias

93. Disse-lhe ainda o Altíssimo, com extrema benevolência: Minha Esposa eleita, já que achaste graça a meus olhos, pede-me sem receio o que desejas, e asseguro-te como Deus veríssimo e Rei poderoso que não desprezarei tuas súplicas, nem negarei o que pedires. Humilhou-se profundamente nossa grande Princesa e, sob a real palavra do Senhor, levantou-se com inabalável confiança e respondeu: Senhor meu e Deus altíssimo, se encontrei graça a vossos olhos (**Gn 18-3, 27**), apesar de ser pó e cinza, falarei e derramarei meu coração em vossa real presença (**Sl 61, 9**). Garantiu-lhe novamente Sua Majestade, na presença dos cortezãos celestes, que lhe daria tudo o que pedisse, ainda que fosse parte de seu reino (**Est 5, 3**).

Não vos peço - respondeu Maria puríssima - parte de vosso reino para mim; mas peço-o todo inteiro para os homens, meus irmãos. Peço, altíssimo e poderoso Rei, envieis, por vossa imensa piedade, vosso Unigênito e nosso Redentor para satisfazer os pecados do mundo. Alcance vosso povo a liberdade que deseja, fique satisfeita vossa justiça. Proclame-se a paz na terra para os homens (**Ez 34, 25**) e lhes seja franqueada a entrada no céu, fechado por suas culpas. Veja toda carne vossa salvação (**Is 52, 10**); dêem-se a paz e a justiça aquele estreito abraço e ósculo que Davi desejava (**Sl 84, 11**). Tenhamos nós, os mortais, mestre, guia, redentor, chefe a conviver conosco (**Is 30, 20**). Chegue finalmente, meu Deus, o dia que prometestes, cumpram-se vossas palavras e venha nosso Messias por tantos séculos desejado. Estes são meus ardentes anelos, que a dignação de vossa infinita clemência me animou a transformar em rogos.

Deus promete para breve a Encarnação

94. O altíssimo Senhor que inspirava as súplicas de sua amada Esposa, para se ver obrigado a atendê-las, recebeu-as benignamente e respondeu com singular clemência: Teus rogos são agradáveis à minha vontade, faça-se como pedes. Quero, minha filha e esposa, o mesmo que tu. Em confirmação desta verdade, com minha palavra, te prometo que brevemente meu Unigênito descerá à terra e se vestirá da natureza humana, realizando-se teus desejos.

Alegria e gratidão de Maria

95. Com a segurança da divina palavra, sentiu nossa grande Princesa, em seu interior, nova luz e certeza de que chegava ao fim aquela prolongada noite do pecado e das antigas leis, achando-se próxima a nova claridade da redenção humana. E, como sobre Ela se refletiam tão próximos e intensos os raios do Sol da justiça que em breve nasceria de seu seio, mostrava-se como belíssima aurora, abrasada e refulgente pelo arrebol (digo-o assim) da divindade. Toda transformada em Deus, e desfeita em afetos de amor e gratidão pelo benefício da próxima redenção, dava incessantes louvores ao Senhor, em seu nome e no de todos os mortais. Nesses atos passou aquele dia, depois que os anjos a trouxeram de volta à terra.

Lamento-me sempre de minha ignorância e incapacidade para explicar arcanos tão elevados. Se os doutos e grandes letrados não o poderão fazer adequadamente, como o conseguirá uma pobre e vil mulher? Supra minha ignorância a luz da piedade cristã e a obediência sirva de desculpa à minha ousadia.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SANTÍSSIMA

Gratidão e correspondência às graças divinas

96. Minha filha caríssima, quão distantes estão da sabedoria mundana, as admiráveis obras que o poder divino comigo realizou preparando a Encarnação do Verbo eterno em meu seio! A carne e o sangue não os podem perscrutar. Nem sequer os anjos e os mais elevados serafins, por si mesmos, poderiam conhecer mistérios tão ocultos e acima da ordem da graça comum das demais criaturas. Tu, minha amiga, louva ao Senhor por eles, com incessante amor e agradecimento. Não sejas remissa para compreender a grandeza de seu divino amor, e o muito que faz por seus íntimos amigos, desejando levantá-los do pó e enriquecê-los por muito modos. Se aprofundares esta verdade, ela te incitará à gratidão e a realizar grandes coisas, dignas de fiel esposa e filha.

Deus ama as almas generosas

97. Para te dispores e animares, advirto-te que às suas escolhidas diz o Senhor, muitas vezes, aquelas palavras: Volta-te, volta-te, para que nós te contemplemos **(Cant 6, 12)**. Tanto se agrada em ver seus dons nas almas que escolhe para suas delícias, que nelas se compraz incomparavelmente mais do que o pai a contemplar muitas vezes, com carinho, o filho único cheio de graça e beleza; ou mais do que um rei admirando bela cidade que conquistou; ou do que o artista deleitando-se em sua obra prima; ou do que alguém alegrando-se com o amigo que muito ama.

À medida que as almas se dispõem e progridem, aumentam também os favores e benevolência do Senhor. Se os mortais que gozam da luz da fé conseguissem compreender isso, somente por este prazer do Altíssimo deveriam não apenas evitar o pecado, mas realizar grandes obras e até dar a vida para servir e amar a quem é tão liberal em recompensar, tornar feliz e beneficiar.

Maria agradou a Deus mais do que todas as criaturas

98. Quando, nesse oitavo dia que descreveste, o Senhor do céu me disse aquelas palavras: volta-te para que os espíritos celestes me contemplassem, foi tão grande o prazer de Sua Majestade, que excedeu ao agrado e complacência que lhe causaram todas as almas santas chegadas ao supremo grau de perfeição. Sua benevolência comprazeu-se mais em mim do que em todos os apóstolos, mártires, confessores, virgens e demais santos. Deste agrado e aceitação do Altíssimo, redundaram tantas moções de graças e participação da divindade para meu espírito, que não podes compreender nem explicar perfeitamente, em teu estado de criatura mortal.

Nã o obstante, revelo-te este misterioso segredo para louvares a Deus. Esforça-te para, em meu nome e em meu lugar, enquanto te durar o desterro da pátria, estenderes e empregares teu braço **(Prov 31, 19)** em realizar grandes coisas.

Assim darás ao Senhor o agrado que de ti deseja, agrado que deves sempre ter em vista, para alcançar suas graças e pedi-las, com perfeita caridade, para ti e teu próximo.

CAPÍTULO 9

PREPARAÇÃO FINAL DE MARIA SANTÍSSIMA PARA A ENCARNAÇÃO. CONCEDENDO-LHE NOVAS GRAÇAS E DONS, O ALTÍSSIMO CONFIRMA-A NO TÍTULO DE RAINHA DE TODA A CRIAÇÃO.

As imensas distâncias vencidas pela Encarnação

99. No último dos nove dias que o Altíssimo empregara para, mais de perto, preparar seu tabernáculo, a fim de santificá-lo com sua vinda (**Sl 45, 5**), determinou renovar suas maravilhas e multiplicar seus sinais, recapitulando os favores e benefícios que até aquele dia comunicara à princesa Maria.

De tal modo operava nela o Altíssimo que, quando tirava de seu tesouro coisas antigas (**Mt 13, 52**), sempre lhes acrescentava muitas novas. Esta progressão e maravilhas cabem na distância que vai entre a humilhação de Deus fazer-se homem e a exaltação de uma mulher à dignidade de Mãe sua.

Para Deus descer ao extremo de se fazer homem não pôde nem precisava mudar, porque permanecendo imutável em si, pôde unir à sua pessoa nossa natureza. Mas, para uma mulher de corpo terreno dar sua própria substância, com a qual Deus se unisse e se fizesse homem, parecia necessário vencer distância infinita. Em conseqüência, a sua mesma proximidade com Deus criaria a medida da distância entre Ela e todas as demais criaturas.

Lugar de Maria junto a Deus

100. Chegou, pois, o dia no qual Maria santíssima chegaria à máxima disposição de proximidade a Deus, para ser Mãe sua. Naquela noite, à mesma silenciosa hora, foi chamada pelo Senhor, como se disse das precedentes. Respondeu a humilde e prudente Rainha: Preparado está meu coração (**Sl 107, 2**), Senhor e Rei altíssimo, para que em mim se cumpra o vosso divino beneplácito.

Logo foi levada pelos anjos, em corpo e alma, como nos dias antecedentes, ao céu empíreo, e colocada na presença do trono real do Altíssimo. Sua Majestade a pôs a seu lado, marcando-lhe o lugar que, para sempre, teria em sua presença. Este lugar foi o mais elevado e próximo de Deus, fora do que estava reservado para a humanidade do Verbo. Excedia, sem medida, aos dos demais bem-aventurados reunidos.

Maria conhece toda a criação em conjunto

101. Daquele lugar, viu a Divindade por visão abstrativa, como nas outras vezes. Ocultando-lhe a dignidade de Mãe de Deus, manifestou-lhe o Senhor tão altos e novos mistérios que, por sua profundidade e por minha ignorância, sou incapaz de os explicar. Viu novamente a Divindade, todas as coisas criadas e muitas possíveis e futuras. As corpóreas foram-lhe reveladas por espécies sensíveis, como se as tivera presente aos sentidos

exteriores e como se as percebesse com olhos corporais. Conheceu, em conjunto, toda a estrutura do universo, que antes havia conhecido em partes, e as criaturas que nele existem, distintamente, como se as tivera presentes em uma tela. Viu a harmonia, ordem, conexão e dependência que todas têm entre si e da vontade divina que as cria, governa e conserva, cada qual em seu lugar e ser. Viu os céus e estrelas, os elementos com seus habitantes, o purgatório, limbo, inferno, com todos os que viviam naquelas cavernas.

Os escolhidos, fruto especial da redenção

102. Estando a divina Senhora absorta na admiração do que o Altíssimo lhe revelava, correspondendo-lhe com o devido louvor e glória, disse-lhe o Senhor: Minha escolhida e minha pomba, todas as criaturas visíveis que contemplas criei, com tanta diversidade e beleza, e conservo com minha providência, somente pelo amor que tenho aos homens. De todas as almas que até agora criei e que até o fim determinei criar, será escolhido um grupo

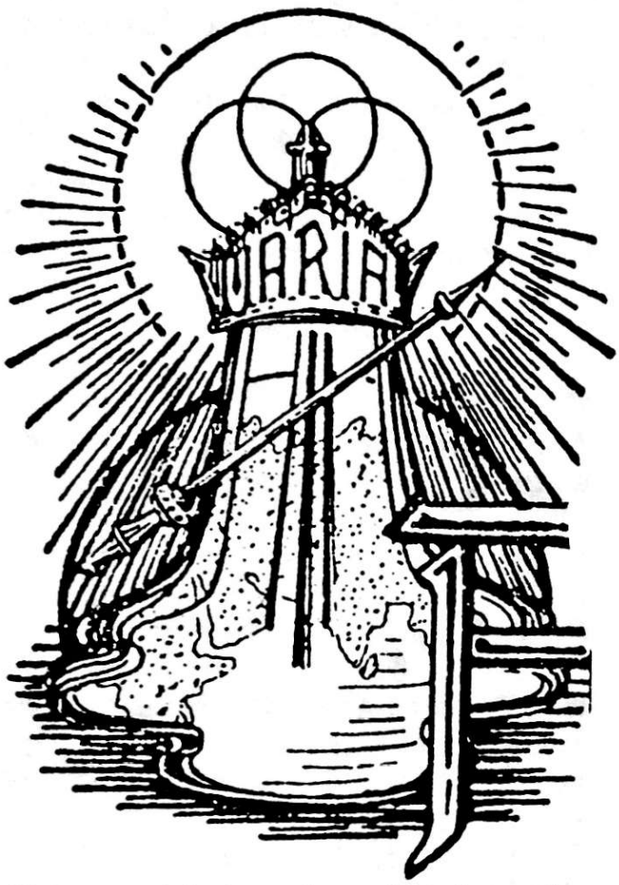
Estando a Rainha das criaturas em lugar que ultrapassava a todas, inferior somente a Deus, assim também foi a ciência que recebeu, inferior apenas à divina, e superior a tudo o que é criado.

de fiéis. Serão separados e lavados no sangue do Cordeiro (**Apoc 7, 14**) que tirará os pecados do mundo. Estes serão o fruto especial da sua redenção e gozarão de seus efeitos por meio da nova lei da graça e sacramentos que nela lhes dará seu Reparador.

Por fim, os que perseverarem receberão a participação de minha eterna glória e amizade. Para estes escolhidos, principalmente, criei tantas e tão maravilhosas coisas. Se todos quisessem me servir, adorar e conhecer meu santo nome, de minha parte, para todos e para cada um criaria tantos tesouros e os ordenaria para sua posse.

Maria é coroada rainha

103. Ainda que houvesse criado uma só criatura capaz de minha graça e



glória, torná-la-ia senhora de toda a criação, porque tudo isto é muito menos que fazê-la participante de minha amizade e felicidade eterna.

Tu, minha Esposa, és minha escolhida e achaste graça em meu coração. Faço-te senhora de todos estes bens, dando-te o domínio sobre eles. Se fores esposa fiel como desejo, distribui-los-às e os dispensarás a quem nos pedir por tua intercessão. Para isto os deposito em tuas mãos.

Consagrando Maria por suprema Rainha de toda a criação, a santíssima Trindade colocou-lhe na cabeça uma coroa, onde estavam gravados caracteres que diziam: "Mãe de Deus". Ela, porém, ainda não os compreendeu.

Os espíritos celestes, que os entendiam, admiravam-se com a magnificência do Senhor por esta ditosíssima donzela, bendita entre as mulheres, e a reverenciaram e veneraram por sua legítima Rainha e Senhora de toda a criação.

Os anjos reconhecem Maria por sua Rainha e Senhora

104. Todos estes portentos eram realizados pelo Altíssimo, segundo a conveniente ordem de sua infinita sabedoria. Convinha que, antes de assumir carne humana no virginal seio desta Senhora, os cortezãos deste grande Rei reconhecessem e reverenciassem Sua Mãe como Rainha e Senhora. Era justo e conveniente à boa ordem, que primeiro Deus a fizesse Rainha e depois Mãe do Príncipe das eternidades, pois quem havia de dar à luz ao Príncipe, necessariamente deveria ser Rainha, reconhecida pelos vassalos. Não havia inconveniente que os anjos já tivessem conhecimento disso, nem era preciso que lhes fosse oculto.

Para honra da majestade divina, o tabernáculo escolhido para morada sua deveria ser preparado e enriquecido com todas as excelências de dignidade e perfeição, sublimidade e magnificência que se lhe pudessem comunicar, sem faltar nenhuma. Assim, foi pelos anjos reconhecida e honrada como Rainha e Senhora.

Semelhança entre Maria e o Pai eterno

105. Para rematar sua prodigiosa obra, estendeu o Senhor seu braço poderoso e, diretamente, renovou o espírito e potências desta grande Senhora, dando-lhe novas iluminações, hábitos e qualidades, cuja grandeza e predicados não cabem em termos terrestres. Era o último retoque e pincelada nesta viva imagem de Deus, para nela e dela ser feita a substância da qual se iria vestir o Verbo eterno, imagem por essência **(2Cor 4, 4)** do Pai eterno e figura de sua substância **(Heb 1, 4)**.

Mais do que o de Salomão, ficou este templo revestido, por dentro e por fora, do ouro puríssimo **(3 Reis, 6, 30)** da divindade, sem que se pudesse nela vislumbrar um átomo sequer de descendente terrena de Adão. Ficou toda deificada com visos de divindade, pois tendo o Verbo divino que sair do seio do eterno Pai para descer ao de Maria, preparou-a de modo que houvesse a possível semelhança entre a mãe e o pai.

Prodigiosa humildade de Maria

106. Não me ficam novas razões para explicar (como quisera) os efeitos que estes favores produziram no coração de nossa grande Rainha e Senhora. Não sendo capaz de concebê-los a inteligência humana, como chegarão as palavras para explicá-los?

O que, porém, me causa maior admiração, pela luz que me foi concedida sobre tão elevados mistérios, é a humildade desta divina mulher e a porfia entre ela e o poder divino. Raro prodígio e milagre de humildade é ver esta donzela, Maria santíssima, elevada à suprema dignidade e santidade depois de Deus, humilhando-se e aniquilando-se abaixo de todas as criaturas, sem lhe vir ao pensamento de que poderia ser mãe do Messias! E, não apenas isto. Nem sequer se julgou algo de grande ou acima do que se considerava **(Sl 130, 1)**. Não se elevaram seus olhos e seu coração, e quanto mais era exaltada pelos dons do Senhor, tanto mais humilde era o sentir de si mesma. Justo foi, certamente, que Deus todo-poderoso olhasse sua humildade **(Lc 1, 48)** e que por causa desta virtude, todas as gerações a chamassem feliz e bem-aventurada.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

Amor fiel e desinteressado

107. Minha filha, não é digna esposa do Altíssimo quem lhe tem amor interesseiro e servil. A esposa não o há de amar e temer como escrava, nem tampouco servi-lo pelo salário. Seu amor deverá ser filial e generoso, exatamente por sabê-lo tão rico e liberal. Foi por amor das almas, que criou tanta diversidade de bens visíveis para que sirvam a quem serve a Deus.

Acima de tudo, a esposa deve apreciar os tesouros escondidos que Ele prepara **(Sl 30, 20)**, na abundância de sua doçura, para os que o temem. Quero que sejas muito agradecida a teu Senhor e Pai, Esposo e Amigo, sabendo quão ricas são as almas que por graça chegam a ser caríssimas e filhas suas. Pai poderoso, preparou tantos e tão diversos bens para seus filhos, disposto a dar tudo para um só, se deles tiver necessidade. Não tem justificativa o desamor dos homens em meio de tantas razões e incentivos, nem desculpa para sua ingratidão, pois conhecem e recebem sem medida tantos benefícios.

Agradecer a Deus os dons concedidos a Maria

108. Lembra-te, pois, caríssima, que não és estrangeira na casa do Senhor **(Ef 2, 19)**, a santa Igreja, mas de sua família, entre os santos, esposa de Cristo, alimentada com seus favores e carinhos. Já que todos os tesouros e riquezas do esposo pertencem à legítima esposa, considera de quanto és participante e senhora. Goza, pois, de todos, como membro da família, e zela por sua honra como filha e esposa tão beneficiada.

Agradece todas as coisas como se o Senhor as houvesse criado somente para ti. Ama-o e reverencia-o por ti e pelo próximo a quem se mostrou tão liberal. Em tudo isto imita, segundo tuas fracas forças, o que entendeste que Eu fazia. Sabe, filha, que me será muito agradável engrandeceres e louvares ao Todo-poderoso com fervoroso afeto, pelas graças que seu poder me concedeu nesta novena e que superam qualquer humana ponderação.

CAPÍTULO 10

O ARCANJO SÃO GABRIEL É ENVIADO PELA BEATÍSSIMA TRINDADE PARA ANUNCIAR À MARIA SANTÍSSIMA QUE FORA ESCOLHIDA PARA MÃE DE DEUS.

A Encarnação no plano divino

109. Desde infinitos séculos estavam determinados, embora escondidos no segredo da eterna Sabedoria, o tempo e hora oportunos para ser manifestado na carne o grande mistério de piedade (**1° Tim 3, 16**), justificado pelo espírito, pregado aos homens, revelado aos anjos e crido no mundo. Chegou, pois, a plenitude dos tempos (**Gal 4, 4**) que, apesar de conter muitas profecias e promessas, estavam demasiado vazios. Faltava-lhes a plenitude de Maria santíssima, por cuja vontade e consentimento todos os séculos teriam seu complemento: o Verbo humanado, passível e redentor. Antes dos séculos estava predestinado este mistério (**1ªCor 2, 7**) a ser realizado no tempo, por meio de nossa divina donzela. Achando-se Ela no mundo, não deveria ser adiada a redenção humana e a vinda do Unigênito do Pai. Deus já não andaria, provisoriamente, em tabernáculos (**2°Reis 7, 6**) e casas alheias, mas habitaria definitivamente em seu templo e casa própria, antecipadamente edificada e enriquecida a suas próprias expensas (**1°Par 22, 5**), mais do que o templo de Salomão com os tesouros de seu pai Davi.

Chega o tempo para se operar o mistério

110. Na plenitude deste tempo preestabelecido, o Altíssimo determinou enviar seu Filho unigênito ao mundo. Conferindo (a nosso modo de entender e falar) os decretos de sua eternidade, as profecias e promessas feitas aos homens desde o princípio do mundo, com o estado e santidade a que elevara Maria santíssima, achou tudo concorde para a exaltação de seu santo nome. Manifestaria aos santos anjos a execução de sua eterna vontade, e por eles começaria a realizá-la.

Falou Deus ao arcanjo São Gabriel com a voz ou palavra que lhes intima sua santa vontade. A ordem comum usada por Deus para iluminar seus espíritos é começar pelos superiores, os quais, por sua vez, vão transmitindo essa purificação e iluminação aos inferiores. Assim chega aos últimos o que foi revelado aos primeiros. Desta vez, porém, abriu exceção, porque o arcanjo recebeu diretamente do Senhor a embaixada de que seria investido.

O arcanjo S. GABRIEL é encarregado de anunciar o mistério à Maria

111. Ao primeiro sinal da vontade divina, São Gabriel atendeu prontamente, como aos pés do trono, para ouvir o ser imutável do Altíssimo. Declarou-lhe Deus a mensagem que deveria levar a Maria santíssima, com as próprias palavras que o anjo deveria empregar. Deste modo, o primeiro autor desta embaixada foi o próprio Deus, que a compos em sua mente divina. Desta, passaram ao santo arcanjo, que a transmitiu a Maria puríssima. Juntamente com essas palavras, revelou o Senhor ao santo príncipe Gabriel muitos e ocultos sacramentos sobre a Encarnação.

A santíssima Trindade mandou-o anunciar à divina donzela que, entre as

mulheres, fora escolhida para Mãe do Verbo eterno: que o conceberia em seu virginal seio, por obra do Espírito Santo, permanecendo sempre virgem; e tudo o mais que o mensageiro celeste deveria transmitir à sua grande Rainha e Senhora.

Todos os anjos recebem revelação da realização do mistério

112. Em seguida, declarou o Senhor aos demais anjos, que havendo chegado o tempo da redenção humana, dispunha-se para descer ao mundo sem mais demora. Todos tinham presenciado a preparação de Maria santíssima para a suprema dignidade de Mãe sua.

Ouviram os espíritos celestiais a voz de seu Criador e, com incomparável gozo e ação de graças pelo cumprimento de sua eterna e perfeita vontade, cantaram novos cânticos de louvor, repetindo sempre aquele hino de Sião: Santo, Santo, Santo, ó Senhor Deus de Sabbaoth **(Is 6, 3)**. Justo e poderoso és Senhor Deus nosso, que vives nas alturas e olhas aos humildes da terra **(Sl 112, 5)**. Admiráveis são todas as tuas obras, altíssimos os teus pensamentos.

São Gabriel arcanjo

113. Com singular alegria, obedeceu o príncipe Gabriel ao divino mandato, e desceu do supremo céu acompanhado por muitos milhares de belíssimos anjos em forma visível. A figura do legado angélico era de jovem garbosíssimo, de rara beleza. Seu rosto refulgente emitia raios de esplendor. Semblante grave e majestoso, passos serenos, gestos de grande compostura, palavras ponderadas e eficazes. Entre severo e aprazível, apresentava maior deificação do que os demais que até aquele dia a Senhora vira naquela forma. Trazia diadema de singular brilho, e suas vestes roçagantes desprendiam refulgência furta-cor. Engastada no peito, uma cruz belíssima que representava o mistério da Encarnação, ao qual se referia sua embaixada. Todas estas circunstâncias despertaram mais a atenção e afeto da prudentíssima Rainha.

Idade de Maria

114. Este celestial exército, com seu chefe São Gabriel, dirigiu o vôo para a habitação de Maria santíssima, em Nazaré, cidade da província da Galiléia. Na humilde casa, encaminharam-se para o seu aposento, estreito quarto, despido dos adornos que os mundanos usam para encobrir a própria miséria e privação de maiores bens. Tinha a divina Senhora, nesta ocasião, catorze anos de idade, seis meses e dezessete dias. Completara anos a oito de setembro, havendo-se passado os seis meses e dezessete dias até aquele em que se operou o maior dos mistérios que Deus realizou no mundo.

Retrato físico de Maria

115. O talhe desta divina Rainha era mais alto que ordinariamente têm as mulheres nesta idade. Corpo de grande elegância e perfeita proporção. O rosto oval, gracioso, moreno claro, fronte espaçosa, sobrancelhas arqueadas. Olhos verde escuros, grandes e graves, de indizível beleza e encanto. Nariz afilado, boca pequena de lábios corados. Nestes dons naturais era tão bem proporcionada e formosa, como jamais o foi nenhuma criatura humana. Contemplá-la causava ao mesmo tempo alegria e reverência, afeição e respeito. Atraía o coração e o detinha em suave veneração. Despertava louvor que emudecia ante tantas graças e perfeições. Produzia divinos e inexplicáveis efeitos. Enchia o coração de celestes influxos e divinos impulsos para Deus.

Oração de Maria ao receber a anunciação do anjo

116. Seu traje era humilde, pobre e asseado, de cor cinza prateada, composto sem vaidade, com suma honestidade e modéstia. Quando se aproximava a embaixada celeste, que não esperava, encontrava-se em altíssima contemplação sobre os mistérios que o Senhor realizara com ela durante os nove dias anteriores.

Tendo-lhe o Senhor confirmado **(como acima dissemos, nº94)** que em breve seu Unigênito desceria para tomar

forma humana, a grande Rainha, confiante nesta palavra, com fervorosa alegria, renovava seus humildes e ardentes afetos, dizendo em seu coração: É possível ter chegado o tempo tão feliz em que o Verbo descerá do Pai para nascer e conviver com os homens? **(Bar 3, 38)**. O mundo irá possuí-lo e os homens ve-lo-ão com seus olhos corporais? **(Is 40, 5)**. Despontará aquela luz inacessível para iluminar os que se encontram nas trevas? **(Is 9, 2)**. Oh! quem merecerá vê-lo e conhecê-lo? Quem beijará a terra pisada por seus divinos pés! gos Pais e profetas, com todos os justos que esperam no seio de Abraão detidos no limbo, logo chegará vosso desejado e prometido redentor **(Ag 2, 8)**. Exaltemo-lo todos e cantemos hinos de louvor! Feliz quem vier a ser serva de suas servas! Ditosa a que for escrava daquela que Isaias vaticinou **(Is 7, 14)** para sua Mãe. Ó Emanuel, Deus e homem verdadeiro! Ó chave de Davi **(Idem 22, 22)** que abrirá os céus! Ó sabedoria eterna, legislador da nossa Igreja! Vem, vem, Senhor a nós, e libertai a escravidão de

Oração de Maria

117. Céus alegrai-vos **(Sl 95, 11)**, console-se a terra, e todos eternamente O louvem e bendigam; pois sua felicidade eterna já está próxima. Oh! filhos de Adão, sofredores por causa do pecado, mas sempre obras de meu Amado, logo erguereis a cabeça e sacudireis o jugo de vossa antiga servidão! **(Is 14, 25)**. Aproxima-se vossa redenção, e já vem chegando vossa salvação! Ó anti- teu povo: veja toda carne **(Id 40, 5)** tua salvação.

118. Nestes atos, de súplica e de outros muitos, que palavras não conseguem explicar, encontrava-se Maria santíssima na hora em que chegou o anjo São Gabriel. Estava puríssima na alma, perfeitíssima no corpo, nobilíssima nos pensamentos, sublime na santidade, cheia de graça, toda divinizada e agradável aos olhos de Deus. Deste modo,

pôde ser digna Mãe sua e eficaz instrumento para atraí-lo do seio do Pai ao seu virginal ventre. Ela foi o poderoso veículo de nossa redenção, a qual lhe ficamos devendo por muitos títulos. Merece, portanto, que todos os povos e gerações (**Lc 1, 48**) a bendigam e eternamente a louvem.

No capítulo seguinte direi o que sucedeu com a chegada do embaixador celeste.

A Encarnação se opera em Maria no estado ordinário da fé.

119. Agora, advirto apenas uma coisa digna de admiração: para receber a anunciação do santo arcanjo, e para a realização do alto mistério que se ia efetuar nesta divina Senhora, deixou-a o Senhor no estado ordinário das virtudes, como disse na primeira parte (1). Assim dispos o Altíssimo, porque este mistério deveria se realizar como sacramento de fé, mediante os atos desta virtude, em conjunto com os da esperança e caridade. Por esta razão, o Senhor deixou-a no estado ordinário das virtudes, para que acreditasse e esperasse nas divinas palavras. Precedido por estes atos, aconteceu o que direi com a curteza de meus termos e limitadas razões. A grandeza dos mistérios torna-me pobre delas para explicá-los.

DOUTRINA DA RAINHA E SENHORA DO CÉU

Familiaridade com Deus

120. Minha filha, com especial interesse, te manifesto agora quanto desejo que te tornes digna do trato íntimo e familiar com Deus. Prepara-te para isso com grande cuidado e solicitude, chorando tuas culpas, esquecendo e renunciando a todas as coisas visíveis, de modo a não procurares senão Deus. Para isto te convém pôr em prática toda a doutrina que até agora te dei, e o mais que para a frente eu te manifestar. Eu te ensinarei como proceder nesta familiaridade com o Senhor e com os favores que de sua benignidade receberes, concebendo-o em teu coração pela fé, luz e graça que te conceder. Se antes não te dispuseres de acordo com o que te admoesto, não alcançarás o cumprimento de teus desejos, nem Eu o fruto da doutrina que dou como tua mestra.

Valor do ensinamento de Maria

121. Já que achaste, sem o merecer, o tesouro escondido (**Mat 13, 44-45**), a preciosa pérola de meu ensinamento e doutrina, despreza quanto puderes possuir, para só adquirir esta jóia de inestimável valor. Com ela receberás todos os outros bens, e serás digna da íntima amizade do Senhor e de sua morada eterna em teu coração. Em troca desta grande felicidade, quero que morras a tudo que é terrestre e ofereças tua vontade penetrada de afetos de agradecido amor. Procurando imitar-me, sê tão humilde, até persuadir-te de que nada vales, nem podes, nem mereces, nem sequer és digna de ser aceita por escrava das servas de Cristo.

Humildade

122. Lembra-te como Eu estava longe de imaginar que o Altíssimo me destinava à dignidade de Mãe sua, na própria ocasião em que me prometera sua próxima vinda ao mundo, e me incitava a desejá-la com tão ardente amor.

Nas vésperas deste maravilhoso sacramento, pareceu-me que morreria, e que meu coração se dissolveria nestas amorosas ânsias, se a divina Providência não me sustentasse. Aliviava meu espírito com a certeza de que logo desceria do céu o Unigênito do eterno Pai. Por outro lado, minha humildade inclinava-se a recear que o fato de Eu viver no mundo, retardaria sua vinda.

Considera, pois, caríssima, os segredos de meu coração e que exemplo é ele para ti e para todos os mortais. E, porque é difícil receber e escrever tão alta sabedoria, contempla-me no Senhor, e em sua divina luz meditarás e entenderás minhas ações perfeitíssimas. Imita-me e anda em minhas pegadas.

---

1 - nº 677 a 717

CAPÍTULO 11

MARIA SANTÍSSIMA RECEBE A ANUNCIAÇÃO DO ANJO. REALIZA-SE O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO.

Dificuldade da escritora em escrever o mistério

123. Na presença dos habitantes do céu e da terra, e do Deus eterno Criador universal, quero confessar que ao tomar a pena, para escrever sobre o arcano mistério da Encarnação, perturbo-me: desfalecem minhas fracas forças, emudece-me a língua, paralisa meu raciocínio, pasmam minhas potências, e sentindo-me totalmente inibida, com a inteligência submersa, volto-me para a divina luz que me governa e instrui. Nela tudo se conhece e se entende claramente sem qualquer engano. Vejo minha incapacidade, percebo o vácuo das palavras e a limitação dos termos para exprimir os conceitos de um sacramento que, em resumo, encerra o próprio Deus e a maior obra e maravilha de sua onipotência. Vejo, neste mistério, a divina e admirável harmonia da infinita providência e sabedoria com que o ordenou e preparou desde a eternidade. Desde a criação o veio encaminhando, usando de todas as suas obras e criaturas como ajustados meios a contribuírem para o altíssimo fim de sua descida ao mundo como Deus e homem.

Estado da humanidade ao tempo da Encarnação

124. Vejo que, para descer do seio de seu Pai, o Verbo eterno aguardou e escolheu a hora propícia da silenciosa meia-noite (**Sab 18, 14**) da ignorância dos mortais. Encontrava-se toda a posteridade de Adão sepultada no sono do esquecimento e ignorância de seu verdadeiro Deus. Não havia quem abrisse a boca para confessá-lo e bendizê-lo, salvo alguns poucos dentre seu povo escolhido. O resto do mundo achava-se no silêncio e nas trevas, havendo transcorrido a longa noite de quase cinco mil e duzentos anos. Sucederam-se os séculos e neles as gerações, cada qual no tempo preestabelecido pela eterna Sabedoria, para que todos pudessem conhecer e encontrar seu Criador, pois lhes estava tão próximo que n'Ele (**At 18, 27-28**) tinham vida e movimento. Como, porém, não chegara o claro dia da luz inacessível, andavam os mortais mais ou menos às cegas, sem atinarem com a Divindade. Desconhecendo-a (**Rom 1, 23**), atribuíam-na às coisas sensíveis e mais vis da terra.

As operações das três Pessoas divinas no mistério da Encarnação

125. Chegou, portanto, o feliz dia em que o Altíssimo, não levando em conta os longos séculos de tão profunda ignorância (**At 17, 30**), determinou manifestar-se aos homens e dar princípio à redenção do gênero humano, assumindo a natureza humana nas entranhas de Maria santíssima, preparada para este mistério, como se disse. Para melhor explicar o que dele me é manifestado, é forçoso antecipar

alguns ocultos sacramentos sucedidos antes que o Unigênito do eterno Pai descesse do seu seio.

Fica suposto que entre as divinas Pessoas, conforme ensina a fé, não há desigualdade de sabedoria, onipotência e demais atributos, como tampouco a pode haver na substância da divina natureza. Sendo iguais na infinita dignidade e perfeição, também o são nas operações chamadas: "ad extra", porque saem de Deus para produzir alguma criatura ou coisa temporal. Estas operações são comuns às três divinas Pessoas; são feitas pelas três enquanto são um mesmo Deus, com a mesma sabedoria, entendimento e vontade. Assim como o Filho sabe, quer e faz o mesmo que o Pai sabe, quer e faz; também o Espírito Santo sabe, quer e faz o mesmo que o Pai e o Filho.

Petições do Verbo a favor dos homens

126. Com esta união inseparável, as três Pessoas realizaram a Encarnação num mesmo ato, embora somente a pessoa do Verbo haja assumido a natureza humana, unindo-a a Si hipostaticamente. Por isto, dizemos que o Filho foi enviado pelo eterno Pai, de cujo entendimento procede, e que o Pai o enviou por obra do Espírito Santo, que interveio nesta missão.

Antes de sair do seio do Pai, descer dos céus e vir encarnar-se no mundo, a pessoa do Filho fez, naquele divino consistório, um pedido: Em nome da humanidade, à qual iria unir sua Pessoa, apresentou seus merecimentos previstos para, mediante eles, ser concedido a todo gênero humano a redenção e perdão dos pecados, pelos quais satisfaria a justiça divina. Pediu o **fiat** da santíssima vontade do Pai que o enviava, aceitando o resgate por meio de suas obras, paixão santíssima e dos mistérios que desejava realizar em a nova Igreja e lei da graça.

A redenção universal

127. Aceitou o eterno Pai esta petição e méritos previstos do Verbo, concedeu-lhe quanto pedira para os mortais, e confiou-lhe sua herança, os escolhidos e predestinados. Por isto, disse Cristo nosso Senhor, por São João **(28, 9)**, que não tinham perecido os que o Pai lhe dera, pois guardara a todos **(idem 18, 12)** exceto Judas, o filho da perdição. Disse ainda, noutra vez, que ninguém arrebataria de suas mãos, nem de seu Pai, uma só de suas ovelhas **(idem 10, 28)**. O mesmo valeria para todos os nascidos, se cooperassem para merecer a eficácia da Redenção, suficiente para todos. Ninguém seria excluído pela divina misericórdia, se por meio do Redentor a quisesse aceitar.

O Verbo desce do céu

128. Tudo isto (a nosso modo de entender) passava-se no céu, em o trono da Ssma. Trindade, antes do fiat de Maria santíssima, como logo direi. No momento do Unigênito do Pai descer a suas virginais entranhas, abalaram-se os céus e todas as criaturas. Por causa de sua união inseparável, as três divinas Pessoas desceram com a do Verbo, que seria a única a encarnar. Com o Senhor e Deus dos exércitos, saíram todos os da celestial milícia, cheios de invencível fortaleza e esplendor. Não era necessário abrir caminho, porque a Divindade tudo enche e está em todo o lugar, não podendo ser por nada estorvada. Apesar disto, os céus materiais, respeitando o seu Criador, fizerem-lhe reverência e abriram-se os onze (1) com os elementos inferiores. As estrelas renovaram sua luz, a lua, o sol e demais planetas apressaram o curso em homenagem ao seu Criador, e para se acharem presentes à maior de suas obras e maravilhas.

Poucas pessoas perceberam a vinda do Verbo ao mundo

129. Não perceberam os mortais esta comoção e novidade das criaturas, tanto por haver acontecido à noite, como porque Deus queria manifestá-la apenas aos anjos. Com nova admiração louvaram-no, conhecendo tão ocultos como ve-

1 - onze céus

neráveis mistérios escondidos aos homens, que estavam longe de tais maravilhas e admiráveis benefícios. Por então, somente os anjos estavam incumbidos de dar por eles glória, louvor e veneração ao Criador. Apenas no coração de alguns justos, infundiu o Altíssimo, naquela hora, particular moção de extraordinário júbilo. Sentindo-a, conceberam novos e grandes conceitos do Senhor. Alguns foram inspirados, suspeitando que tal novidade seria talvez efeito da vinda do Messias para salvar o mundo. Todos, entretanto, guardaram silêncio, pois cada qual imaginava ter sido o único a sentir tais novidades e pensamentos. Tudo era assim disposto pelo poder divino.

Efeitos na criação no limbo e no inferno

130. Houve renovação e mudança também nas demais criaturas. As aves agitaram-se com cantos e alvoroço extraordinário. As árvores e plantas melhoraram seus frutos e fragrâncias e todas as demais criaturas, respectivamente, foram reanimadas com alguma oculta mudança. A maior comoção, porém, foi a dos Pais e Santos que estavam no limbo. O arcanjo São Miguel foi enviado para lhes transmitir a feliz notícia que muito os consolou, deixando-os repletos de júbilo e louvores.

Somente para o inferno houve novo pesar e dor. Ao descer das alturas o Verbo eterno, sentiram-se os demônios arrastados pela impetuosa força do poder divino, como ondas do mar, e precipitados no fundo daquelas tenebrosas cavernas, sem poderem resistir nem se levantar. Depois que lhes permitiu a vontade divina, saíram e percorreram o mundo, investigando se haveria alguma novidade para justificar o que haviam sofrido. Não puderam, contudo, suspeitar a causa, ainda que tivessem feito alguns conciliábulos para descobri-la. O poder divino ocultou-lhes o mistério da Encarnação e o modo como Maria santíssima concebera o Verbo, conforme adiante veremos (2). Somente quando Cristo morreu na Cruz é que souberam, com certeza, que Ele era Deus e homem verdadeiro, como nessa passagem explicaremos.

2 - nº 326

S. Gabriel na presença de Maria

131. Passo a narrar como o Altíssimo realizou este mistério. Acompanhado de inumeráveis anjos em forma humana visível, de refulgente e incomparável beleza, São Gabriel arcanjo, na forma que disse no capítulo passado (3), entrou no aposento onde rezava Maria santíssima. Era quinta-feira, pelas sete horas da tarde, ao cair da noite. Viu-o a divina Princesa dos céus e olhou-o com grande modéstia e retraimento, apenas o necessário para reconhecê-lo. Vendo que era um anjo do Senhor, quis fazer-lhe reverência. Não lho permitiu o santo Príncipe, mas ele é que lhe fez profunda vênia como à Rainha e Senhora, em quem adorava os divinos mistérios do Criador. Além disso, estava ciente que, desde esse dia, mudavam-se os antigos tempos e o costume dos homens adorarem (4) os anjos, como o fez Abraão **(Gn 28, 2)**. Elevada a natureza humana, na pessoa do Verbo, à dignidade divina, ficavam os homens adotados por filhos seus e companheiros ou irmãos dos anjos. Assim disse a São João **(Apoc 19, 10)** aquele anjo que também não consentiu em ser adorado pelo Evangelista.

Saudação do arcanjo. Perturbação da Virgem.

132. Saudou o santo Arcanjo à sua e nossa Rainha, dizendo-lhe: "*Ave, cheia de graça* **(Lc 1, 28)**, *o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres*". Perturbou-se, sem agitação, a mais humilde das criaturas, ao ouvir esta singular saudação do anjo.

Duas foram as causas desta perturbação. Primeira, a profunda humildade com que se reputava inferior a todos os

3 - nº 113

4 - Aqui como em outras passagens, "adoração"significa profunda veneração. Não se confunda com a adoração de latria, devida só a Deus. (Nota da Tradutora)

mortais. Julgar de si tão baixamente e ser saudada como bendita entre todas as mulheres, causou-lhe surpresa. A segunda causa foi porque, enquanto ouvia e ponderava interiormente a saudação, recebeu do Senhor inteligência de que a escolhera para sua Mãe. Isto a perturbou muito mais, por causa do conceito que de si formara.

Por causa desta perturbação o anjo prosseguiu, declarando-lhe a ordem do Senhor: "*Não temas, Maria, porque achaste graça diante do Senhor* **(Lc 1, 30, 31, 32)**; *conceberás um filho em teu seio, dá-lo-às à luz e lhe porás o nome de Jesus; Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo*". E o mais que disse o santo Arcanjo.

Maria expõe ao anjo seu compromisso de perpétua virgindade

133. Entre todas as criaturas, somente nossa prudentíssima e humilde Rainha foi capaz de avaliar devidamente tão prodigioso sacramento: e porque compreendeu sua grandeza, dignamente se admirou e perturbou. Voltou, porém, seu humilde coração ao Senhor que nada lhe podia recusar e, em silêncio, pediu-lhe nova luz e assistência para se orientar em tão ingente empreendimento.

Como disse no capítulo passado (5) ao se realizar este mistério, deixou-a o Altíssimo no estado comum da fé, esperança e caridade, suspendendo outros gêneros de favores e elevações interiores, que freqüentemente, ou continuamente, recebia.

Nestas disposições, respondeu a São Gabriel o que narra São Lucas **(1, 24)**: Como sucederá isto de conceber e ter um filho, se não conheço varão, nem o posso conhecer? Ao mesmo tempo, expunha interiormente ao Senhor o voto de castidade que fizera, e o desposório que com Ele celebrara.

Esclarecimento do anjo

134. Respondeu-lhe o príncipe São Gabriel **(Lc 1, 35)**: Senhora, sem conhecer varão é fácil ao poder divino fazer-vos mãe. O Espírito Santo virá sobre vós, a força do Altíssimo vos fará sombra, para de vós nascer o Santo dos santos, que se chamará Filho de Deus. Sabei que vossa prima Isabel **(Lc 1, 36)**, em sua velhice estéril, também concebeu um filho, encontrando-se no sexto mês da concepção, porque nada é impossível para Deus. Quem faz conceber e dar à luz a estéril, pode fazer que vós, Senhora, chegueis a ser Mãe, ficando sempre Virgem, com vossa grande pureza ainda mais consagrada. Ao Filho que vos nascer, Deus dará o trono de seu pai Davi; e seu reino será eterno na casa de Jacó **(Lc 1, 32)**. Não ignorais, Senhora, a profecia de Isaias **(7, 14)** que uma Virgem conceberá e terá um filho que se chamará Emanuel, que quer dizer Deus conosco. Esta profecia infalível se cumprirá em vossa pessoa. Conheceis também o grande mistério da visão de Moisés: a sarça ardente **(Ex 3, 2)** sem se consumir pelo fogo, significando as duas naturezas, divina e humana. Esta não será aniquilada pela divina, como não será violada a virginal pureza da Mãe do Messias, que o conceberá e dará à luz. Lembrai-vos também, Senhora, da promessa feita por nosso eterno Deus ao patriarca Abraão **(Gn 15, 16)**, que depois do cativeiro de sua posteridade no Egito, na quarta geração voltariam a esta terra. O mistério desta promessa consistia em que nesta quarta geração (6), por vosso intermédio, Deus humanado resgataria toda a linguagem humana da tirania do demônio.

A escada que Jacó viu em sonhos **(Gn 28, 13)** foi clara figura do caminho real que o Verbo eterno em carne humana abriria para os mortais subirem ao céu, e os anjos descerem à terra. A esta desceria o Unigênito do Pai para conviver com os homens e comunicar-lhes os tesouros de sua divindade, concedendo-lhes a participação nas virtudes e perfeições de seu ser imutável e eterno.

5 - nº 119

6 - À margem de seu autógrafo, Sor Maria de Jesus acrescentou o seguinte: "O mistério desta quarta geração procede do fato de existirem quatro espécies de gerações: 1ª a de Adão, sem pai nem mãe; 2ª a de Eva, sem mãe; 3ª a concepção de pai e mãe comum a todos; 4ª de mãe sem pai, que é a de Jesus Cristo, nosso Senhor."

Maria reflete na magnitude do mistério

135. Com estas e muitas outras razões, procurou o Embaixador celeste desvanecer a perturbação de Maria santíssima. Seus argumentos se resumiam à fé nas antigas promessas e profecias da Escritura, e no infinito poder do Altíssimo. Todavia, como a Senhora excedia aos próprios anjos em sabedoria, prudência e santidade, prorrogava a resposta para dá-la com a justeza com que a deu. Foi tal como convinha ao maior dos mistérios e sacramentos do poder divino. Ponderou esta grande Senhora que de sua resposta dependia o desempenho da santíssima Trindade no cumprimento de suas promessas e profecias, o mais agradável e aceitável sacrifício de quantos lhe haviam sido oferecidos. Dependia a abertura das portas do paraíso, a vitória sobre o inferno, a redenção de todo gênero humano. Dependia a satisfação e desagravo da justiça divina, a fundação de nova lei da graça, a glória dos homens, o gozo dos anjos, e tudo quanto significa a encarnação do Unigênito do Pai, ao tomar forma de servo **(Filp 2, 7)** em suas virginais entranhas.

Maria teve perfeita consciência do que significava a Encarnação

136. Grande maravilha, certamente, e digna de nossa admiração, é que todos estes mistérios e os que cada um encerra, fossem pelo Altíssimo confiados às mãos de uma humilde donzela, e que ficassem dependendo do seu fiat. Não foi sem acerto que os remeteu à sabedoria e fortaleza desta Mulher forte **(Prov 31, 11)**, pois os tratou com tal magnificência e elevação que não decepcionou a confiança que nela depositou. As obras que ficam em Deus não necessitam da cooperação de criaturas, nem Deus a espera para operar ad intra. Diferentes são as obras contingentes ad extra, das quais a maior e mais excelente foi Deus fazer-se homem. Não quis executá-la sem a cooperação de Maria santíssima, dada com livre consentimento. Com Ela e por Ela, colocou este complemento a todas as obras que trouxe à luz, fora de si mesmo. Deste modo, ficamos devendo este benefício à nossa Reparadora, a Mãe da sabedoria.

Resposta da Virgem

137. Esta grande Senhora considerou profundamente o extenso campo **(Prov 31, 16)** da dignidade de Mãe de Deus, para comprá-lo com um fiat. Revestiu-se de fortaleza **(Prov 31, 17-18)** sobrehumana, experimentou e viu quão boa era a negociação e comércio com a divindade. Compreendeu os caminhos de seus ocultos favores, adornou-se de fortaleza e formosura. Refletiu consigo e com Gabriel, o embaixador celeste, a grandeza de tão sublimes e divinos sacramentos. Plenamente consciente do que representava a embaixada que recebia, seu puríssimo espírito foi absorto e elevado em admiração, reverência e intensíssimo amor de Deus. Com a força destes soberanos afetos, e efeito conatural deles, foi seu castíssimo coração apertado com tal intensidade que destilou três gotas de sangue puríssimo. Delas se realizou, no órgão natural, a concepção do corpo de Cristo, Senhor nosso, pela virtude do Espírito Santo. Deste modo, a matéria para a formação da humanidade santíssima do Verbo e de nossa redenção, real e verdadeiramente foi administrada pelo Coração de Maria puríssima, à força de amor. Ao mesmo tempo, com humildade jamais devidamente encarecida, inclinando um pouco a cabeça e de mãos postas, pronunciou aquelas palavras que foram o princípio de nossa redenção: "*Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*" **(Lc 1, 38).**

Opera-se a Encarnação do Filho de Deus

138. Ao pronunciar este "faça-se", tão doce aos ouvidos de Deus e tão feliz para nós, num instante realizaram-se quatro coisas: primeira, a formação do corpo santíssimo de Cristo, Senhor nosso, daquelas três gotas de sangue administradas pelo coração de Maria santíssima; segun-

da, a criação da alma santíssima do Senhor, criada como as demais; terceira, união da alma ao corpo, compondo-se sua humanidade perfeitíssima; quarta, a divindade, na pessoa do Verbo, uniu-se com a humanidade e num suposto ficou realizada a Encarnação e formado Cristo, Deus e homem verdadeiro, Senhor e Redentor nosso. Isto sucedeu a 25 de março, sexta-feira, ao romper da aurora, na mesma hora em que foi formado nosso primeiro pai Adão. Foi no ano de cinco mil, cento e noventa e nove da criação do mundo, conforme o cômputo que a Igreja romana, dirigida pelo Espírito Santo, consignou no Martirológio.

Havendo perguntado, por ordem da obediência, foi-me declarado que esta contagem é verdadeira e certa. De acordo com isto, o mundo foi criado pelo mês de março. Sendo todas as obras do Altíssimo perfeitas e completas (**Dt 32, 4**), as plantas e as árvores saíram de sua mão com frutos, e sempre os teriam sem os perder se o pecado não houvesse alterado toda a natureza, como direi em outro tratado, se for vontade do Senhor. Deixo-o agora, por não pertencer a este.

Cristo no seio de sua Mãe

139. No mesmo instante em que o Todo-poderoso celebrou as núpcias da união hipostática, no tálamo virginal de Maria santíssima, foi a divina Senhora elevada à visão beatífica. Na divindade em que se lhe manifestou, intuitiva e claramente, conheceu altíssimos sacramentos de que falarei no capítulo seguinte.

Foi-lhe particularmente revelado o segredo das cifras daquele ornato que recebeu, e foi descrito no capítulo 7 (7), e também as trazidas pelos seus anjos.

O divino infante ia crescendo no útero naturalmente, como os demais homens, alimentado pela substância e sangue da Mãe santíssima. Estava, todavia, mais livre e isento das imperfeições que os demais filhos de Adão sofrem nesse estado. Algumas, acidentais, que não pertencem à substância da geração e são efeitos do pecado, não atingiram a Imperatriz do céu. Também não tinha as imperfeitas superfluidades, que nas mulheres são naturais e comuns, e das quais as crianças se formam, sustentam e desenvolvem. Faltando-lhe a matéria da natureza contaminada das descendentes de Eva, a Senhora administrava-a exercitando atos heróicos de virtudes, especialmente de caridade. Visto que as operações fervorosas da alma e os afetos amorosos alteram naturalmente os humores e o sangue, a divina Providência encaminhava-as ao sustento do divino Infante. Deste modo, a humanidade de nosso redentor era naturalmente alimentada e sua divindade recreada com a complacência de sublimes virtudes. Assim, para a formação do corpo de Cristo, Maria santíssima administrou, ao Espírito Santo, sangue puro, limpo, como concebido sem pecado, e livre de suas conseqüências. O imperfeito e impuro, com que as outras mães alimentam seus filhos, era na Rainha do céu o mais puro, substancial e delicado, comunicado sob a ação de afetos de amor e das demais virtudes. Outro tanto acontecia com o alimento que a divina Rainha tomava. Sabendo que, sustentando-se, alimentava ao Filho de Deus e seu, enquanto comia realizava sublimes atos espirituais. Admiravam-se os espíritos angélicos, vendo ações tão comuns com tão soberanos realces de merecimento e agrado para o Senhor.

Maria, templo da Ssma. Trindade

140. De posse da maternidade divina, ficou esta Senhora com tais privilégios que, quanto disse até agora e direi para a frente, não chega a ser a mínima parte de suas excelências. Impossível explicar com palavra, o que o entendimento não consegue devidamente conceber, nem os mais doutos e sábios encontrariam termos adequados para traduzir. Os humildes que entendem a arte do amor divino compreenderão, através de luz infusa e pelo sabor interior com que se percebem tais sacramentos.

---

7 - nº 82; 1ª parte nº 208, 364, 365

Ficou Maria santíssima transformada em céu, templo e habitação da santíssima Trindade, elevada e deificada pela nova e especial presença da divindade em seu seio puríssimo. Também sua humilde morada e oratório ficaram consagrados como santuários do Senhor. Os espíritos celestiais, testemunhas desta maravilha, contemplando-a exaltavam o Onipotente com indizível júbilo e novos cânticos de louvor. Juntamente com a felicíssima Mãe O bendiziam, no próprio nome e no do gênero humano que ainda ignorava o maior de seus benefícios e misericórdias.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA RAINHA MARIA

Cristo encarnou-se para cada um de nós

141. Minha filha, vejo-te admirada, e com razão, por teres conhecido com nova luz o mistério pelo qual a divindade se humilhou a unir-se com a natureza humana, no seio de uma pobre donzela como eu. Quero, caríssima, que ponderes atentamente que Deus se humilhou descendo às minhas entranhas tanto para ti, quanto para mim. O Senhor é infinito em misericórdia e seu amor não tem limites. De tal modo atende e assiste qualquer alma que O recebe, e se recreia com ela, como se fosse a única que criara e somente por ela se houvesse feito homem. Por esta razão, deves te considerar sozinha no mundo, para agradecer, de todo teu coração, a vinda do Senhor. Em seguida, lhe darás graças por ter vindo também para os outros. Se, com viva fé entendes e confessas que Deus, infinito em atributos e eterno na majestade, desceu para tomar carne em minhas entranhas; que esse Deus te procura, chama, recreia, acaricia e se dá todo a ti **(Gal 2, 20)** como se fosses a única criatura sua, pondera e considera bem a quanto te obriga tão admirável condescendência. Transforma esta admiração em atos de viva fé e amor, pois tudo deves a tal Rei e Senhor que se dignou vir a ti, quando ainda não podias procurá-lo e muito menos possuí-lo.

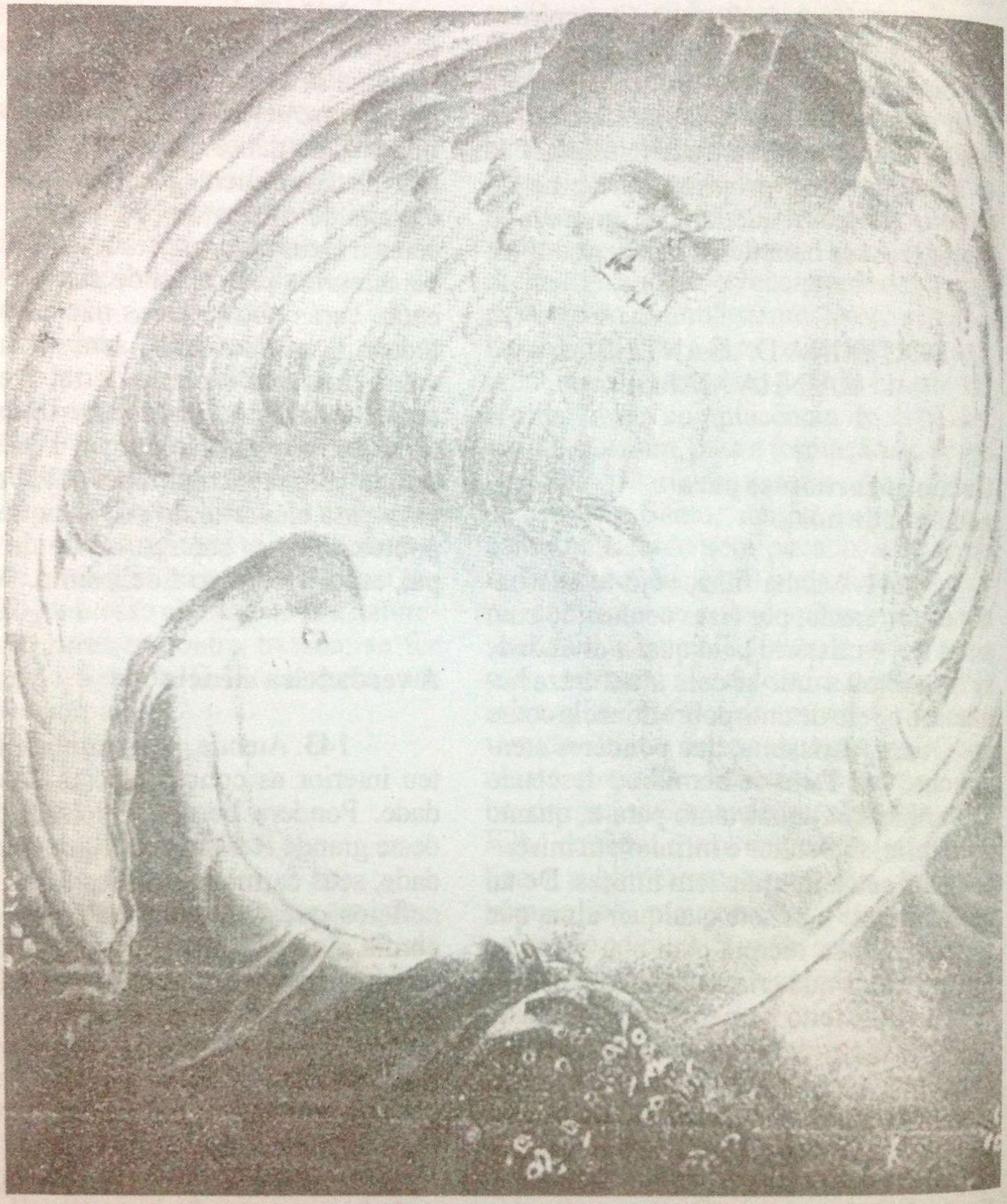
O homem só se satisfaz com Deus

142. Tudo quanto este Senhor te pode dar, fora de Si mesmo, te parecerá bastante se considerares as coisas apenas humanamente, sem te elevares às superiores. Não deixa de ser verdade que da mão de tão eminente Rei, qualquer dádiva é digna de estimação. Se, porém, conheceres a Deus com luz sobrenatural e souberes que te fez capaz de sua divindade, então verás que se Deus não se der a ti, todo o resto da criação será nada e sem valor. Somente a posse de tal Deus, tão amoroso e amável, poderoso, rico e suave, te poderá alegrar e sossegar. Pois, sendo infinito, digna-se humilhar-se até tua baixeza para elevar-te do pó, enriquecer tua pobreza e fazer contigo ofício de pastor, pai, esposo e amigo fidelíssimo.

A verdadeira ciência

143. Atende, pois, minha filha, em teu interior as conseqüências desta verdade. Pondera bem o dulcíssimo amor deste grande Rei para contigo: sua fidelidade, seus carinhos e delicadezas, os benefícios que te faz, os trabalhos que te confia. Acendeu em teu coração a luz da divina ciência para conheceres a infinita grandeza de seu ser, o admirável e a veracidade de suas obras e de seus mais ocultos mistérios, e o não ser das coisas visíveis.

Esta ciência é o princípio, base e fundamento da doutrina que te tenho dado para chegares a conhecer o decoro e magnificência com que deves tratar os favores e dons deste Senhor e Deus, teu verdadeiro bem, luz e guia. Contempla-o como Deus infinito, ao mesmo tempo amoroso e terrível. Ouve, caríssima, minhas palavras, ensino e direção, que nelas encontrarás a paz e a luz para teus olhos.



Anunciação de Nossa Senhora

CAPÍTULO 12

OPERAÇÕES REALIZADAS PELA ALMA SANTÍSSIMA DE CRISTO SENHOR NOSSO, NO PRIMEIRO INSTANTE DE SUA CONCEIÇÃO E O QUE ENTÃO REALIZOU SUA MÃE PURÍSSIMA.

Cristo nunca foi só homem

144. Para entender melhor as primeiras operações da alma santíssima de Cristo, nosso Senhor, supomos o que no capítulo passado (1) fica declarado: todo o substancial deste divino mistério - formação do corpo, criação e infusão da alma, união inseparável da humanidade com a pessoa do Verbo - realizou-se no mesmo instante. Daqui não se poder dizer que, em algum lapso de tempo, Cristo tenha sido puro homem. Sempre foi homem e Deus verdadeiro, pois quando, pela humanidade, começaria a ser homem, já era Deus eterno. Deste modo, nem um instante sequer foi apenas homem, mas sim Homem-Deus e Deus-Homem. Visto que, ao ser natural (sendo operativo) logo se pode seguir a operação ou atos de suas potências, no mesmo instante em que se executou a Encarnação, a alma santíssima de Cristo nosso Senhor foi glorificada com a visão e o amor beatífico. Seu entendimento e vontade encontraram imediatamente (a nosso modo de entender) a Divindade, que seu ser natural também encontrara. Uniu-se a ela pela sua substância, e as potências por suas operações perfeitíssimas, ficando todo deificado no ser e agir.

1 - nº 138

Cristo, viador e compreensor, glorioso e passível

145. O admirável deste sacramento é que tanta glória, ou melhor, toda a grandeza da Divindade imensa, estivesse resumida em tão pequeno epílogo, como um corpozinho no tamanho de uma abelha ou de uma amêndoa não muito grande. Não era maior que isso o corpo santíssimo de Cristo, Senhor nosso, quando se realizou a concepção e união hipostática. Nesta grande pequenez se encerrava a suma glória e também a passibilidade, porque sua humanidade foi juntamente gloriosa e passível, compreensora e viadora.

Deus, infinito em poder e sabedoria, pôde estreitar e encolher tanto sua divindade que, sem deixar de ser infinita, por novo e admirável modo de presença, ficou encerrada na limitada esfera de um corpo tão pequeno. Com a mesma onipotência fez que a alma santíssima de Cristo, nosso Senhor, na parte superior das mais nobres operações, fosse gloriosa e compreensora. E, que toda aquela glória sem medida ficasse como que represada no vértice da alma, e suspensos os efeitos que naturalmente deveria comunicar ao corpo. Deste modo, veio a ser também passível e viador, para tornar possível nossa redenção por sua Cruz, paixão e morte.

A humanidade de Cristo tem a plenitude de todas as virtudes e graças

146. Para realizar todas estas operações e as demais que faria a santíssima humanidade, foram-lhe infundidos, no mesmo instante de sua concepção, todos os hábitos **(Is 11, 1)** convenientes a suas potências e necessários para os atos e operações, tanto de compreensor como de passível e viador. Assim, teve ciência beatífica infusa; graça justificante e dons do Espírito Santo que, como disse Isaias, repousaram em Cristo. Teve todas as virtudes, exceto a fé e esperança que não se coadunavam com a visão e posse beatífica. Se existe alguma virtude que supõe imperfeição em quem a tem, esta não podia estar no Santo dos santos, que não pôde cometer pecado **(Is 53, 9; 1 Ped 2, 22)** nem houve dolo em sua boca. Da excelência e dignidade da ciência e graça das virtudes e perfeições de Cristo nosso Senhor, não é necessário fazer aqui relação, porque os santos doutores e mestres de teologia o ensinam largamente. Para mim basta saber que tudo foi tão perfeito quanto pode realizar o poder divino e onde não chega a inteligência humana. Estando na mesma fonte, a Divindade **(Sl 35, 10)**, aquela alma santíssima deveria beber sem medida, como diz Davi **(Sl 109, 7)**, tendo a plenitude de todas as virtudes e perfeições.

Primeiros atos de Cristo

147. Deificada e adornada com a divindade e seus dons, a alma santíssima de Cristo nosso Senhor, realizou seus primeiros atos na seguinte ordem: primeiro, viu e conheceu a Divindade intuitivamente, como é em si e como estava unida à sua humanidade santíssima, e a amou com sumo amor beatífico. Em seguida reconheceu o ser da humanidade, inferior ao ser de Deus; humilhou-se profundissimamente, e nesta humildade agradeceu ao ser imutável de Deus por tê-lo criado, e pelo dom da união hipostática que o elevou ao ser de Deus, permanecendo homem. Conheceu como sua humanidade santíssima era passível, e o plano da Redenção. Ofereceu-se, então, livremente, em sacrifício **(Sl 39, 8, 9)** para Redentor do gênero humano e, aceitando o ser passível, deu graças ao eterno Pai, em seu nome e no de todos os homens. Reconheceu a estrutura física de sua humanidade santíssima, a matéria de que fôra formada, e como Maria santíssima lhe administrara à força de caridade e heróicas virtudes. Tomou posse daquele santo tabernáculo e morada. Agradou-se de sua beleza sublime, e cheio de complacência adjudicou como sua propriedade eterna a alma da mais perfeita e pura das criaturas. Louvou ao eterno Pai por tê-la criado com tão excelentes primores de graças e dons e por tê-la isentado da comum lei do pecado, apesar de ser filha de Adão, cujos descendentes tinham sido todos atingidos pela culpa **(Rom 5, 12)**. Orou pela puríssima Senhora e por São José, pedindo para eles a salvação eterna. Estes e outros atos foram altíssimos, porque realizados por homem e Deus verdadeiro. Independente dos que se referem à visão e amor beatífico, com qualquer um deles mereceu tanto que seu valor poderia redimir infinitos mundos, se existissem.

Valor infinito dos atos de Cristo

148. Apenas o ato de obediência, da santíssima humanidade unida ao Verbo, em aceitar a passibilidade, e que a glória de sua alma não redundasse no corpo, teria sido superabundante para nossa redenção. Não obstante, o que era superabundante para nossa salvação, não satisfazia o seu imenso amor pelos homens. Este só estaria saciado quando nos amasse até o fim do amor **(Jo 13, 1)** que era o mesmo fim de sua vida, entregando-a por nós com demonstrações e provas do afeto jamais imaginado pelo entendimento humano ou angélico. Se, no primeiro instante de sua entrada no mundo nos enriqueceu tanto: que tesouros, que riquezas de merecimentos nos deixaria, quando saiu dele por sua paixão e morte na cruz, depois de trinta e três anos de trabalhos e ações tão divinas? Oh! imenso amor, caridade sem fim, misericórdia sem medida, piedade liberalíssima! Oh! ingratíssimo esquecimento dos mortais, por be-

neficio tão inaudito e capital! Que seria de nós sem ele? Que faríamos por este Senhor e Redentor nosso, se houvesse feito menos por nós, pois não nos comovemos, depois d'Ele ter feito tudo o que pôde? Se não lhe correspondemos como Redentor, que nos deu vida e liberdade eterna, ouçamo-lo como Mestre, sigamo-lo como chefe, luz e guia que nos ensina o caminho da verdadeira felicidade.

dos os santos e puras criaturas merecem para si e trabalham com o fim de alcançar recompensa. Somente o amor de Cristo por nós foi inteiramente desinteressado. Se exercitou-se e progrediu na escola da experiência (**Lc 2, 52**), também isto foi para nos ensinar e enriquecer-nos com a prática da obediência (**Heb 5, 8**) e com os méritos infinitos que adquiriu. Deu-nos exemplo (**1Ped 2, 21**) para nos tornar sá-

Cristo mereceu só para nós

149. Não trabalhou este Senhor e Mestre para si, nem para merecer recompensa ou aumento de graça para sua alma santíssima. Tudo quanto mereceu foi para nós. Ele de nada tinha necessidade, não podia receber aumento de graça e glória, porque de tudo estava cheio, como diz o Evangelista (**Jo 1, 14**), por ser juntamente homem e Deus, Unigênito do Pai. Nisto não teve, nem pôde ter semelhante, pois to-

bios na arte do amor que não se aprende, perfeitamente, só com afetos e desejos desacompanhados de atos verdadeiros e efetivos.

Por minha incapacidade, nos mistérios da vida santíssima de Cristo, nosso Senhor, não me alongarei e me remeterei aos Evangelistas. Só tomarei o que for necessário para esta divina História de sua Mãe e Senhora nossa. Estando tão unidas e concatenadas as vidas do Filho e Mãe, não posso escusar-me de tomar alguma coisa dos Evangelhos, acrescentando ou-

tras que não disseram, porque não eram necessárias para a narração deles, nem para os primeiros tempos da Igreja católica.

Maria, verdadeira Mãe de Deus

150. A todos os referidos atos que Cristo, Senhor nosso, realizou no primeiro instante de sua concepção, seguiu-se noutro instante a visão beatífica da divindade concedida à sua Mãe santíssima, como fica dito no capítulo passado (2). Num mesmo instante, podem-se fazer muitos atos chamados da natureza.

Nesta visão conheceu a divina Senhora, com clareza e distinção, o mistério da união hipostática das duas naturezas, divina e humana, na pessoa do Verbo eterno. A santíssima Trindade confirmou-a no título e direitos de Mãe de Deus, como era em todo o rigor da verdade, sendo Mãe natural de um filho verdadeiramente homem e Deus eterno.

Ainda que esta grande Senhora não cooperou diretamente para a união da divindade com a humanidade, não perdia, por isto, a prerrogativa de verdadeira Mãe de Deus. Concorreu, quanto lhe cabia como genitora, com a matéria e potências para isso. Muito mais mãe que as outras, pois naquela concepção e geração concorreu sozinha, sem cooperação de varão. Nas outras gerações, são chamados pai e mãe os agentes que contribuem com o que a natureza deu a cada um, ainda que não concorram diretamente na criação da alma e sua infusão no corpo do filho. Com maior razão deve Maria santíssima chamar-se Mãe de Deus, pois na geração de Cristo, Deus e homem verdadeiro, apenas Ela concorreu como genitora, sem outra causa natural, e mediante este concurso e geração nasceu Cristo, homem e Deus.

Visão da Virgem Mãe após a Encarnação

151. Nesta visão, a Virgem Mãe recebeu também conhecimento dos mistérios futuros, da vida e morte de seu amabilíssimo Filho, da redenção humana, da nova lei do Evangelho, que pela redenção seria fundada, e de outros muitos e ocultos segredos, que a nenhum outro santo foram manifestados.

Viu-se a prudentíssima Rainha na presença clara da divindade. Com a plenitude de ciência e dons correspondentes à sua dignidade de Mãe do Verbo, humilhou-se ante o trono da imensa Majestade. Toda transformada em humildade e amor, adorou o Senhor em seu ser infinito e na humanidade santíssima à qual se unira. Agradeceu-lhe a dignidade de Mãe que recebera e os benefícios que operava em favor de toda a linhagem humana, dando-lhe louvores e glória em nome de todos os mortais. Ofereceu-se em sacrifício para servir, criar e alimentar seu amado Filho e para acompanhá-lo e cooperar (quanto de sua parte fosse possível) na obra da Redenção.

Aceitou a santíssima Trindade este oferecimento e designou-a para coadjutora nesse mistério. Para isso Ela pediu nova graça e luz divina, como também para proceder na dignidade e ofício de Mãe do Verbo Encarnado, a fim de tratá-lo com a veneração e magnificência devidas a Deus. Ofereceu a seu Filho santíssimo todos os futuros filhos de Adão e os santos Pais detidos no limbo. Em nome d'Ela e deles, fez muitos atos heróicos de virtude e grandes petições. Não me detenho a referi-los, por havê-las descrito em outras diferentes passagens (3). Por estas passagens se pode coligir o que faria a divina Rainha nesta ocasião, que ultrapassava a tudo quanto lhe sucedera até esse feliz dia.

Efeitos da Encarnação em Maria

152. Na petição para proceder dignamente como genitora do Unigênito do Pai, foi mais instante e afetuosa. A isto era compelida por seu humilde coração que se confundia em santa timidez, desejando ser orientada em todas as ações deste ofício de mãe.

Respondeu-lhe o Todo-poderoso: Não temas, minha Pomba, que eu te assistirei e guiarei, ordenando-te tudo o que tiveres que fazer com meu Filho unigênito.

2 - nº 139

3 - 1ª parte nº 233, 334, 438 e 2ª parte nº 50, 53, 88, 93

Com esta promessa voltou do êxtase, no qual aconteceu tudo o que narrei, tendo sido o êxtase mais admirável que teve. Restituida a seus sentidos, a primeira coisa que fez foi prostrar-se em terra para adorar seu Filho santíssimo, Deus e homem, concebido em seu virginal ventre, pois ainda não o havia feito com os sentidos corporais exteriores. Todo ato que pôde realizar em obséquio de seu Criador, não o deixou de executar a Mãe prudentíssima. Desde a Encarnação, sentiu novos efeitos divinos em sua alma santíssima e em todas suas potências interiores e exteriores. Apesar de, em toda sua vida, ter possuído nobilíssima disposição em sua alma e corpo santíssimos, desse dia em diante ficou mais espiritualizada e divinizada, com novos realces de graça e indisíveis dons.

Gozo e sofrimento do coração de Maria

153. Ninguém pense, entretanto, que tais favores, e sua união com a humanidade e divindade de seu Filho santíssimo, fossem causa para a Mãe puríssima viver sempre em delícias espirituais, só gozando sem sofrer. Assim não foi. À imitação de seu amabilíssimo Filho, na medida que lhe era possível, esta Senhora vivia gozando e padecendo juntamente. Transpassava-lhe o coração a memória e elevado conhecimento que recebera sobre os sofrimentos e morte de seu Filho santíssimo. Esta dor era medida pela ciência e amor que tal Mãe devia e tinha a tal Filho, e freqüentemente despertada por sua presença e conversação.

Toda vida de Cristo e de sua Mãe santíssima foi contínuo martírio e exercício de cruz, no padecimento de incessantes penalidades e trabalhos. Além disso, o sofrimento do candidíssimo e amoroso coração da divina Senhora teve o característico especial de sentir sempre atuais a paixão, tormentos, ignomínias, e morte de seu Filho. Com a dor de trinta e três anos contínuos, celebrou a tão longa vigília de nossa redenção, sozinha, sem alívio de criaturas, porque o mistério, só de seu coração era conhecido.

Afetos de Maria na previsão do mistério da Redenção

154. Com este doloroso amor, cheia de amarga doçura, costumava muitas vezes contemplar seu Filho santíssimo, antes e depois do nascimento. Dizia-lhe do íntimo do coração: Senhor de minha alma, Filho amantíssimo de meu seio, porque me fizestes vossa Mãe, com a dolorosa previsão de ter que vos perder, ficando órfã, sem vossa desejável companhia? Apenas tendes corpo para receber a vida, já conheceis a sentença de vossa dolorosa morte para resgate dos homens. O primeiro de vossos atos seria superabundante preço para satisfazer seus pecados. Oxalá com isto se desse por satisfeita a justiça do eterno Pai, e a morte e tormentos ficassem para mim! De meu sangue e ser tomastes corpo, sem o qual Vós, Deus impassível e imortal, não poderíeis sofrer. Pois se eu vos administrei o instrumento da dor, padeça eu também convosco a mesma morte. Ó desumana culpa, tão cruel e causa de tantos males, e no entanto mereceste a feliz sorte de ter por Reparador Aquele que, sendo o sumo bem, até a ti tornou feliz! Oh! querido e amado Filho, quem vos servira de escudo, quem vos defendera dos inimigos! Oh! se fosse vontade do Pai que eu vos livrasse da morte ou morresse em vossa companhia, para não ficar sem Vós! Agora, porém, não acontecerá o mesmo que ao Patriarca Abraão **(Gn 22, 11, 12)**; há de se executar o que está determinado. Seja feita a vontade do Senhor.

Estes amorosos suspiros eram muitas vezes repetidos por nossa Rainha, como direi adiante (4). Aceitava-os o eterno Pai como agradável sacrifício, e o Filho santíssimo como doce consolo.

DOUTRINA QUE ME DEU NOSSA RAINHA E SENHORA

Culto e reverência a Deus

155. Minha filha, já que pela fé e luz divina chegaste a conhecer a grandeza da divindade e sua inefável dignação em

4 - nº 513, 601, 611, 685, etc

descer do céu para ti e para todos os mortais, não recebas estes favores inutilmente e sem fruto. Adora o ser de Deus com profunda reverência e louva-o pelo que conheces de sua bondade. Não recebas em vão **(2Cor 6, 1)** a luz e a graça. Sirva-te de exemplo e estímulo o que fez meu Filho santíssimo, verdadeiro Deus, e eu Mãe sua. Reconhecemos nosso ser humano porque, enquanto homem, tinha uma humanidade criada, e eu era pura criatura. Humilhamo-nos e exaltamos a divindade, mais do que qualquer criatura possa compreender. Esta reverência e culto deverás render a Deus em todo tempo e lugar, mas principalmente quando recebes o Senhor sacramentado. Neste admirável sacramento vem e permanecem em ti, por misterioso modo, a divindade e humanidade de meu Filho santíssimo. É a manifestação de sua magnífica liberalidade pelos mortais, que pouco nela advertem. Não estimam nem correspondem a tanto amor.

Ingratidão dos filhos da Igreja

156. Sê, pois, reconhecida com toda a humildade, reverência e culto, que conseguirem tuas forças, pois tudo será menos do que deves a Deus e do que Ele merece. Para suprires, no possível, tua insuficiência, oferecerás o que meu Filho santíssimo e eu fizemos. Unirás teu espírito e afetos aos da Igreja triunfante e militante, e, oferecendo tua própria vida, pedirás que todas as nações cheguem a conhecer, confessar e adorar seu verdadeiro Deus, pois para todos se fez homem. Agradece os benefícios que concede a todos: aos que o conhecem, aos que o ignoram, aos que o confessam e aos que o negam. Acima de tudo, caríssima, quero de ti uma coisa muito aceita ao Senhor, e a mim muito agradável: desejo que, de coração, sintas e lamentes a grosseria, ignorância, negligência e perigo em que incorrem os filhos dos homens; a ingratidão dos filhos da Igreja, que receberam a luz da fé divina e vivem de coração tão esquecidos destas obras e benefícios da Encarnação, e até do mesmo Deus, que parecem se diferenciar dos infieis apenas por algumas cerimônias e observâncias do culto externo. Praticam-nas sem alma e sentimento do coração e, muitas vezes, por elas mais ofendem e provocam a divina justiça do que a aplacam.

Gratidão pelas graças divinas

157. Esta ignorância e dureza nasce-lhes de não se disporem para adquirir a verdadeira ciência do Altíssimo. Assim merecem que a divina luz deles se afaste e os deixe mergulhados em densas trevas, com que se fazem mais indignos que os próprios infieis, e merecedores de castigo, sem comparação, muito maior.

Do íntimo do coração, chora e suplica remédio para esta enorme infelicidade de teu próximo. E, para fugires de tão formidável perigo, não recuses as graças e favores que recebes nem, sob pretexto de humildade, os desprezes e esqueças. Lembra-te e medita em teu coração, de quão longe **(Sl 18, 7)** começou a graça do Altíssimo a chamar-te. Considera como te esperou, consolou, esclareceu tuas dúvidas, apaziguou teus temores, dissimulou e perdoou tuas faltas, multiplicou os favores, carinhos e benefícios. Asseguro-te, minha filha que, de coração, deves confessar que o Altíssimo não fez a mesma coisa com nenhuma outra geração. Nada valias nem podias, sendo mais pobre e inútil que as outras. Seja, pois, tua gratidão maior que a de todas as criaturas.

CAPÍTULO 13

ESTADO DE MARIA SANTÍSSIMA DEPOIS DA ENCARNAÇÃO DO VERBO DIVINO EM SEU VIRGINAL SEIO.

Dificuldade para tratar do assunto

158. Quanto mais vou conhecendo os divinos efeitos que a concepção do Verbo eterno produziu na Rainha do céu, tanto mais dificuldade encontro para continuar esta Obra. Sinto-me submergida em altíssimos mistérios, dispondo apenas de razões e termos de todo desproporcionados ao que entendo.

Não obstante, sente minha alma tal suavidade e doçura nesta mesma incapacidade, que não me permite arrepender de quanto empreendi. A obediência me encoraja, e até me constrange, a superar o que para o fraco ânimo de uma mulher seria demasiado, se me faltasse esta segurança e apoio para me explicar. Mais ainda em se tratando, neste capítulo, dos dotes da glória que os bem-aventurados gozam no céu, e que me foram propostos para declarar o que entendo sobre o estado no qual ficou a divina imperatriz Maria, depois que se tornou Mãe de Deus.

Dotes dos bem-aventurados

159. Para chegar ao que pretendo, considero nos bem-aventurados, duas coisas: uma da parte deles, outra da parte de Deus. No Senhor, há de se considerar a divindade clara e manifesta, com todas suas perfeições e atributos, chamado objeto beatífico, glória e felicidade objetiva, último fim onde termina e repousa toda criatura. As operações beatíficas da visão e amor, e outras que se seguem a estas, encontram-se nos santos e constituem aquele estado felicíssimo que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem pode ser concebido pelo pensamento humano **(Is 64, 4; 1 Cor 2, 9)**. Entre os dons e efeitos desta glória fruída pelos santos, há alguns chamados dotes. São-lhes dados como à Esposa, para o estado do matrimônio espiritual que hão de consumar no gozo da eterna felicidade. Assim como a esposa temporal adquire o domínio e posse de seu dote, e o seu usufruto é comum à ela e ao esposo, também na glória estes dotes são dados aos santos como sua propriedade. O uso deles, porém, é em comum com Deus. Enquanto o Senhor se glorifica em seus santos, estes gozam daqueles inefáveis dons, mais ou menos excelentes segundo os méritos e dignidade de cada eleito. Os anjos não recebem mais do que os santos da natureza humana porque estes são da mesma natureza do Esposo, Cristo nosso bem. O Verbo humanado não contraiu com os anjos o desposório **(Heb 2, 16)** que celebrou com a natureza humana, unindo-se com ela naquele sacramento que o Apóstolo **(Ef 5, 32)** disse ser grande em Cristo e na Igreja. Como o esposo Cristo, enquanto homem, consta como os demais, de alma e corpo, por essa razão os dotes da glória pertencem à alma e ao corpo. Ambos serão glorificados na presença de Cristo. Três dotes pertencem à alma: visão, compre-

ensão e fruição. Quatro pertencem ao corpo: claridade, impassibilidade, subtileza e agilidade, os quais são propriamente efeitos da glória da alma.

Razão de Maria Santíssima participar dos dotes da glória

160. De todos estes dotes, teve nossa rainha Maria alguma participação nesta vida, especialmente depois da Encarnação do Verbo eterno em seu ventre virginal. Aos bem-aventurados estes dotes são dados como a compreensores, em penhor e garantia da eterna e inamissível felicidade daquele estado que jamais há de mudar. Por este motivo, não são concedidos aos viadores. Não obstante, à Maria santíssima foram outorgados em certa medida, não como a compreensora, mas como a viadora; não de modo permanente, mas em certas ocasiões, de passagem, e com outras diferenças que explicaremos. Para se entender melhor a conveniência de ser dado à soberana Rainha este raro favor, advirta-se quanto dissemos no capítulo 7 (1), e o mais, até o capítulo sobre a Encarnação. Neles descreve-se a preparação e desposório com que o Altíssimo preveniu sua Mãe santíssima para elevá-la a essa dignidade. No dia em que o divino Verbo assumiu carne humana em seu virginal seio, este matrimônio espiritual, (2) de certo modo, ficou consumado nesta divina Senhora, por intermédio da visão beatífica, tão excelente e sublime, que naquele dia lhe foi concedida, como fica dito (3). Para os demais fiéis entretanto, a Encarnação constitui um desposório **(Os 2, 19)** que só será consumado na pátria celestial.

Outras justificativas

161. Possuía nossa grande Rainha e Senhora outra disposição para estes privilégios: estava isenta de toda culpa original e atual, confirmada em graça, com impecabilidade atual. Nestas condições, tinha capacidade para celebrar este matrimônio em nome da Igreja militante, como representante de toda a humanidade, estreando-se n'Ela os merecimentos previstos do Redentor, no momento em que se tornou sua Mãe.

Aquela visão da divindade, embora transitória, tornou-a fiadora garantida de que o mesmo prêmio não seria recusado a todos os filhos de Adão, se se dispusessem para merecê-lo com a graça de seu Redentor. Era também, muito agradável ao divino Verbo humanado, que seu ardentíssimo amor e infinitos merecimentos, fossem logo aplicados naquela que era, ao mesmo tempo, sua Mãe, primeira Esposa e tálamo da divindade; e, que o prêmio seguisse ao mérito, em quem para isso não tinha impedimento. Por estes privilégios e favores que Cristo, nosso bem, concedia à sua Mãe santíssima, satisfazia em parte ao amor que lhe dedicava, e n'Ela a todos os mortais. Esperar trinta e três anos para manifestar sua divindade à sua Mãe, era prazo muito longo ao amor divino. Ainda que outras vezes lhe concedera este favor, (4) nesta ocasião da Encarnação, foi com diferentes propriedades. Equivalia à glória recebida pela alma santíssima de seu Filho, embora a Virgem não a tenha recebido permanentemente, mas de passagem, o quanto era possível ao seu estado comum de viadora.

Maria, protótipo dos redimidos e dos glorificados

162. De acordo com isto, no dia em que Maria santíssima tomou posse da real dignidade de Mãe do Verbo eterno, ao concebê-lo em suas entranhas, e no desposório que então Deus celebrou com nossa natureza, foi-nos dado o direito à redenção. Na consumação deste matrimônio espiritual, beatificando sua Mãe santíssima, e dando-lhe os dotes da glória, foi-nos prometido o mesmo como recompensa de nossos merecimentos, em virtude dos de seu Filho santíssimo, nosso Redentor. Mas, neste dia de tal modo elevou o Senhor sua Mãe acima de toda a

1 - nº 70 a 123
2 - Desposório correspondente ao noivado. Matrimônio, acasamento (Nota da Tradutora)
3 - Acima nº 39
4 - como se disse na primeira parte, nº 333 e 430

glória dos santos, que todos os anjos e homens, no cume de sua visão e amor beatíficos, não chegaram ao desta divina Senhora. Outro tanto aconteceu com os dotes que da glória da alma redundam no corpo, porque tudo era correspondente à sua inocência, santidade e méritos, os quais, por sua vez, correspondiam à dignidade suprema, entre todas as criaturas, de Mãe do Criador.

O dote da visão de Deus

163. Passo a falar dos dotes em particular. O prêmio da alma é a clara visão beatífica, total desabrochar do conhecimento obscuro da fé dos viadores. Esta visão foi concedida à Maria santíssima nas ocasiões e no grau que tenho descrito e que para a frente direi. (5). Fora desta visão intuitiva, teve outras muitas abstrativas da Divindade, como acima se disse (6). Ainda que todas foram de passagem, deixavam-lhe no entendimento diferentes e mui claras espécies. Por elas gozava de notícia e luz da divindade tão elevadas, que não encontro termos para explicá-las. Nisto, esta Senhora foi singular entre todas as criaturas. Por este modo, compatível com seu estado de viadora, gozava o efeito do dote da visão de Deus. Quando, às vezes, o Senhor se lhe ocultava para outros altos fins, e suspendia-lhe o gozo destas espécies, ficava-lhe só a fé infusa que n'Ela era sobre excelente e eficacíssima. Desta sorte, por um ou outro modo, jamais perdeu de vista aquele objeto divino e sumo bem, nem afastou dele os olhos da alma, por um instante sequer. E, durante os nove meses que trouxe em seu seio o Verbo encarnado, gozou muito mais da vista e carícias da divindade.

O dote da compreensão

164. O segundo dote é a compreensão, que consiste em alcançar e chegar a possuir, inamissivelmente, o fim que pela esperança buscamos. Em Maria santíssima esta posse e compreensão eram correspondentes às visões supraditas: vendo a divindade, a possuía. Quando permanecia na fé pura, que n'Ela era maior que em qualquer pura criatura, assim também grande e inabalável era sua esperança. Além disto, por parte da criatura, a segurança da posse depende muito da sua santidade e impecabilidade. Neste particular, nossa divina Senhora vinha a ser tão privilegiada, que sendo viadora, sua segurança em possuir a Deus, podia competir de certo modo, com a segurança da posse dos bem-aventurados. Por sua impecável santidade tinha certeza de jamais perder a Deus, ainda que n'Ela, viadora, a causa desta certeza não era a mesma que nos santos da glória. Durante os meses de sua gravidez gozou desta posse de Deus, por vários modos de graças especiais e miraculosas, mediante as quais o Altíssimo se lhe manifestava e se unia à sua alma puríssima.

O dote da fruição

165. O terceiro dote é a fruição, correspondente à caridade que não se acabará **(1 Cor 13, 8)**, mas será aperfeiçoada na glória. A fruição consiste em amar ao sumo Bem possuído. Isto é feito na glória celeste pela caridade, onde conhecendo-O e possuindo-O como Ele é em si mesmo, também O ama por Ele mesmo. Embora, enquanto viadores, também amamos a Deus por Ele mesmo, há grande diferença no modo. Agora O amamos com desejo, e não O conhecemos como é em Si, mas como nos é apresentado por imagens alheias e por enigmas **(Idem 13, 12 - I João 3, 2)**. Por esta razão nosso amor não é perfeito, não nos dá completo repouso, nem recebemos a plenitude do seu gozo, ainda que o sintamos muito em amar a Deus. Mas na clara visão e posse de Deus, ve-lo-emos como Ele é em Si mesmo, n'Ele mesmo e não por enigmas. Então O amaremos quanto pudermos e como deve ser amado. Fruindo o amor em sua completa perfeição **(Sl 16, 15)** encontraremos o repouso, sem nada mais ter para desejar.

---

5 - Acima lugar citado n nº 161, e abaixo nº 473, 956, 1471, 1523 - 3ª parte nº 62, 494, 603, 616, 654, 685

6 - nº 6 a 101

O dote da fruição em Maria

166. Este dote em Maria santíssima, de certo modo, teve propriedades superiores a todos os bem-aventurados. Seu amor ardentíssimo, embora inferior ao deles quando não gozava da visão clara da divindade, foi superior em outras muitas excelências, mesmo no estado comum de viadora. Ninguém teve ciência divina como esta Senhora, para conhecer como Deus devia ser amado por Si mesmo. Além disso, a esta ciência acrescentava-se as espécies e memória da divindade que vira e gozara em mais alto grau que os anjos. Como o amor era medido por este conhecimento, era conseqüente que ele ultrapassasse aos bem-aventurados. O amor destes só tinha a vantagem da posse imediata de Deus e a diferença de se encontrar consumado sem possibilidade de aumentar. Condescendia o Senhor com a profundíssima humildade da Senhora, permitindo-lhe, como viadora, temer com reverência e andar solícita por não desgostar seu Amado. Todavia, este amor receoso era perfeitíssimo, por Deus mesmo, e n'Ela causava incomparável gozo e deleite, na medida da excelência deste afeto.

Dotes do corpo glorioso

167. Os dotes do corpo, resultam dos dotes e glória da alma, e fazem parte da glória acidental dos bem-aventurados. Aperfeiçoam os sentidos e o movimento dos corpos gloriosos, para que no mais possível se assemelhem às almas. Sem impedimento da terrena materialidade, ficam dispostos a obedecer à vontade dos santos, naquele estado felicíssimo onde esta vontade não pode ser imperfeita nem contrária à divina. Para os sentidos são necessários dois dotes; o dote da claridade para aperfeiçoar a recepção das espécies sensitivas, e o dote da impassibilidade que torna o corpo invulnerável ao que lhe é nocivo ou corruptível. Outros são necessários para o movimento: o da agilidade que faz o corpo superior a resistência de sua gravidade; o da subtileza, que vence a resistência dos outros corpos. Com estes dotes, os corpos gloriosos tornam-se luminosos, incorruptíveis, ágeis e subtis.

O dote da claridade em Maria santíssima

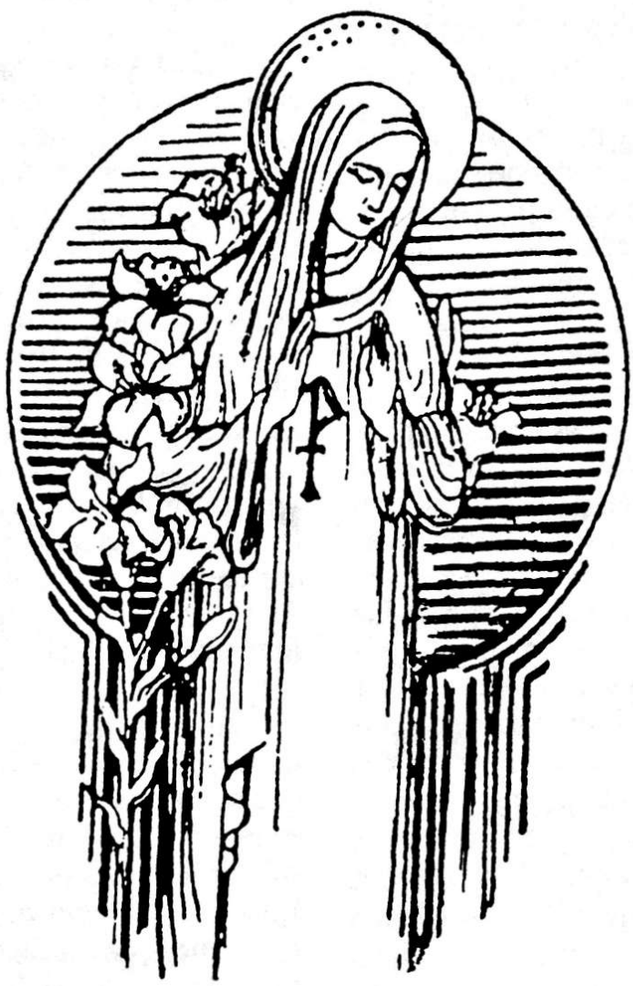
168. Durante sua vida mortal, teve parte nossa grande Rainha e Senhora, em todos estes privilégios. O dote da claridade dá ao corpo glorioso a capacidade de, ao mesmo tempo, receber e irradiar luz, perdendo sua obscuridade opaca e impura para se tornar mais translúcido que um cristal claríssimo. Quando Maria santíssima gozava da clara visão beatífica, seu virginal corpo participava deste privilégio, além do quanto pode compreender o entendimento humano. Passadas aquelas visões, ficava-lhe certo gênero de claridade e pureza que teria causado insólita admiração, se pudesse ser percebida pelos sentidos. Transparecia um pouco em seu belíssimo rosto, como direi adiante, especialmente na terceira parte (7). Poucos dos que a viram e tratavam com Ela percebiam esta claridade, porque o Senhor a encobria para que não fosse vista sempre nem indiferentemente. Ela, porém, sentia por certos efeitos, o privilégio deste dote oculto para os outros, e não tinha como nós o embaraço da opacidade terrena.

Efeitos deste dote em Maria

169. Santa Isabel divisou um pouco esta claridade quando, ao ver Maria santíssima, exclamou admirada: Donde a mim esta felicidade, que a mãe de meu Senhor venha ter comigo? **(Lc 1, 43)**. Não tinha o mundo capacidade para conhecer este segredo do Rei **(Tob 12, 7)**, nem era tempo oportuno para ser revelado. Apesar disso, o rosto da Senhora era sempre mais brilhante que o das outras criaturas. Todo seu físico era disposto de modo superior à ordem natural dos demais corpos, dando-lhe compleição delicadíssima e espiritualizada. Era como um suave cristal animado que, para o tato, não tinha aspereza de carne, mas certa suavidade como de seda muito leve, macia e fina, pois não encontro outras comparações para me fa-

7 - Abaixo nº 219, 329, 422, 560; e 3º; e 3ª parte nº 3, 6, 4, 449, 586, etc

zer entender. Não deve isto parecer muito para a Mãe de Deus, pois o trazia em seu seio, e o havia visto tantas vezes, face a face. Moisés que se comunicara com Deus no monte (**Ex 34, 29, 30**), em grau muito inferior ao de Maria santíssima, ao descer trazia o rosto tão resplandecente que os hebreus não podiam fixar nele o olhar. Não há dúvida que, se o Senhor com especial providência, não encobrisse a claridade que a face e o corpo de sua Mãe



puríssima refletiam, teriam iluminado o mundo mais do que mil sóis, e nenhum dos mortais poderia, naturalmente, suportar seus refulgentes esplendores. Mesmo encobertos, transpareciam em seu divino rosto o suficiente para produzir em todos que a vissem, o arrebatamento que causou em São Dionisio Areopagita (8).

8 - *S. Dion. In epist, ad Paulum* - Nessa carta declara o areopagita que vira pessoalmente Maria Santíssima. Tal foi sua impressão que, se a fé cristã não lhe houvera ensinado a existência de um único Deus, teria tomado a Virgem por uma divindade. (Nota da Tradutora).

O dote da Impassibilidade

170. A impassibilidade produz no corpo glorioso certa disposição pela qual nenhum agente, a não ser Deus, o pode alterar, por mais poderosa que seja sua força ativa. Deste privilégio participou nossa Rainha por dois modos: quanto ao temperamento do corpo e seus humores, porque os teve com tal peso e medida que não podia contrair nem sofrer enfermidades, nem outras penalidades humanas originadas do desequilíbrio dos quatro humores. Neste ponto era quase impassível. O outro modo foi seu grande domínio sobre todas as criaturas, como acima se disse (9). Nenhuma a ofenderia sem seu consentimento. Podemos acrescentar uma terceira participação na impassibilidade, procedente da assistência da proteção divina equivalente à sua inocência. Se os primeiros pais no paraíso tivessem perseverado na justiça original, teriam gozado

9 - Acima nº 18, 30, 43, 56, 60

deste privilégio, não por virtude intrínseca ou inerente (porque se uma lança os ferisse poderiam morrer), mas sim por virtude da assistência do Senhor que os preservaria de serem feridos. Com maiores títulos, esta proteção era devida à inocência da soberana Maria. Gozava como Senhora, o que os primeiros pais e seus descendentes teriam recebido como vassalos.

Maria não se servia dos dotes que lhe impediriam o sofrimento

171. Não usou destes privilégios nossa humilde Rainha. Imitando seu Filho santíssimo, renunciou a eles para merecer e cooperar em nossa redenção e assim padeceu mais que os mártires. De seus sofrimentos falaremos em toda esta História, sendo muito mais do que se pode compreender, porque a razão humana não consegue ponderá-los devidamente, nem as palavras descrevê-los. Advirto, porém, duas coisas: o padecer de nossa Rainha não tinha relação alguma com culpas pessoais das quais estava livre. Sofria a amargura e a depressão de que estão embebidas nossas penas, lembrando-se de nossos pecados e dos sujeitos que os cometem. Por outro lado, Maria santíssima foi fortalecida divinamente, na medida de seu ardentíssimo amor. Naturalmente não poderia sofrer tanto quanto seu amor lhe pedia, e por causa do mesmo amor, o Altíssimo lhe concedia essa possibilidade.

O dote da subtileza

172. A subtileza é um privilégio que liberta o corpo glorioso da densidade de sua matéria quantitativa, e do impedimento que isso lhe traz de penetrar-se com outro semelhante e ocupar o mesmo lugar. O corpo subtilizado do bem-aventurado assume qualidades do espírito que pode, sem dificuldade, penetrar outro corpo quantitativo e, sem dividi-lo nem afastá-lo, colocar-se no mesmo lugar. Assim aconteceu com o corpo de Cristo Senhor nosso quando saiu do sepulcro (**Mt 28, 2**), e entrou onde estavam os apóstolos de portas fechadas (**Jo 20, 19**), penetrando os corpos que fechavam aqueles lugares. Participou deste dote Maria santíssima, não apenas enquanto gozava das visões beatíficas, mas também depois, podendo usar dele à sua vontade. Adiante diremos (10) como se serviu desta subtileza, penetrando outros corpos, em algumas aparições que fez corporalmente durante sua vida.

O dote da agilidade

173. O último dote, a agilidade, comunica ao corpo glorioso o poder para mover-se de um lugar a outro sem impedimento da gravidade terrestre; de um instante a outro, se deslocará a diferentes lugares, ao modo dos espíritos sem corpo, que se movem só pela vontade. Teve Maria santíssima admirável e contínua participação desta agilidade que lhe resultou especialmente das visões divinas.

Não sentia no corpo a pesada gravidade terrena dos outros. Caminhava sem a lentidão nossa e, sem dificuldade e fadiga, poderia mover-se velozmente. Isto era conseqüente ao estado e propriedade de seu corpo tão espiritualizado e perfeitamente formado. Durante os nove meses de sua gravidez, sentiu menos o gravame do corpo, ainda que para sofrer o que convinha, permitia às penalidades que agissem sobre Ela e a fatigassem. Por estes admiráveis modos e perfeições, possuía todos esses privilégios e usava deles. Encontro-me sem palavras para explicar o que me foi manifestado, porque é muito mais de quanto eu disse ou possa dizer.

Pergunta da escritora

174. Rainha do céu e Senhora minha, depois que vossa dignação me adotou por filha, empenhastes vossa palavra para ser minha guia e mestra. Confiada em vossa bondade, atrevo-me a vos propor a dúvida seguinte: Vossa alma santíssima chegou a ver e gozar de Deus, diversas vezes, como dispos sua Majestade altíssima. Sendo assim, por que não ficastes

10 - 3ª parte nº 193, 325, 352, 399, 560, 562, 568

estabelecida no estado da bem-aventurança? E, por que não dizemos que sempre fostes bem-aventurada, já que em vós não havia culpa alguma, nem outro óbice para o ser, de acordo com a luz que me foi dada sobre vossa excelente dignidade e santidade?

Resposta e doutrina da Rainha e Senhora nossa

175. Minha filha caríssima, tua dúvida procede do amor que me tens, e tua pergunta do que ignoras. Sabe, pois, que a estabilidade perpétua é uma das condições da perfeita bem-aventurança destinada aos santos. Se ela fosse só por algum tempo, faltar-lhe-ia o complemento e adequação necessária para ser suma e perfeita felicidade. Por lei comum e ordinária, tampouco é compatível que a criatura seja gloriosa e ao mesmo tempo sujeita a padecer, mesmo que não tenha pecado. Se nisto se abriu exceção para meu Filho santíssimo **(Jo 1, 18; Tim 6, 16; Jo 6, 46)**, foi porque, sendo homem e Deus verdadeiro, sua alma santíssima unida hipostaticamente à divindade, não devia carecer da visão beatífica. Além disso, sendo Redentor do gênero humano não poderia padecer e pagar a dívida do pecado, a pena, se não fosse passível no corpo. Eu, porém, era pura criatura, e não devia gozar permanentemente da visão devida só a quem era Deus. Por isto, tampouco poderia ser chamada sempre bem-aventurada, pois o era só de passagem. Nestas condições, era bem que ora gozasse e ora padecesse, e mais contínuo era o padecer e merecer que o gozar, ser viadora e não compreensora.

Cristo e sua Mãe, exemplos para nós

176. Dispos o Altíssimo, com justa lei, que não se goze na vida mortal os privilégios da vida eterna **(Ex 33, 20)**. Entra-se na imortalidade passando pela morte corporal, precedida pelos méritos adquiridos no estado passível da vida terrena. Para todos os filhos de Adão, a morte é estipêndio e castigo do pecado, **(Rom 6, 23)**. Neste sentido, Eu não tinha parte na morte, nem nos outros efeitos e castigos do pecado. Contudo, ordenou o Altíssimo que Eu também entrasse na vida e felicidade eterna por meio da morte corporal **(Lc 24, 26)**, como o fez meu Filho santíssimo. Nisto não havia inconveniente para Mim, e sim muita conveniência: seguiria o caminho palmilhado por todos, e conquistaria grandes frutos de méritos e glória através do sofrimento e da morte. Para os homens serviria de prova que, mortais como eles, meu Filho santíssimo e Eu, sua Mãe, éramos verdadeiramente da natureza humana. Esta certeza tornaria mais eficaz o exemplo que deixávamos para os homens. Poderiam imitar, na carne passível, o que nela tínhamos feito, e tudo redundaria na maior glória e exaltação de meu Filho e minha. Tudo isto se frustraria em grande parte, se minhas visões da divindade fossem contínuas. Não obstante, depois que concebi o Verbo eterno, os benefícios e favores que recebi foram maiores e mais frequentes, pois O tinha com mais proximidade e maior posse.

Deus deseja comunicar-se com as criaturas

177. Respondi tuas dúvidas, mas por muito que hajas entendido e esforçado para descrever os privilégios que Eu gozava na vida mortal, não será possível que abranjas tudo o que em Mim operava o poderoso braço do Altíssimo. E, ainda menos do que entendes, poderás declarar com palavras materiais. Agora, adverte à continuação da doutrina que te dei nos capítulos precedentes. Fui o modelo que deves imitar, para receber a vinda de Deus às almas e ao mundo, com a reverência, culto, humildade, gratidão e amor que lhe são devidos. Se tu, e as demais almas, fizerem como Eu, o Altíssimo virá para comunicar suas divinas influências, como fez em Mim, embora para ti e os demais sejam inferiores e menos intensas. Se, desde o princípio do uso da razão, a criatura começasse a se encaminhar para o Senhor, dirigindo seus passos pelas sendas retas da salvação e vida, o Altíssimo, que ama suas obras, lhe viria ao encontro **(Sab**

6, 15) antecipando sua comunicação e favores. Esperar o fim da peregrinação terrestre para se manifestar a seus amigos, parece-lhe prazo muito longo.

A presença e posse do Senhor nesta vida

178. Daqui procede que, por meio da fé, esperança, caridade, e pela frequência dos sacramentos dignamente recebidos, são comunicados às almas muitos e divinos efeitos concedidos por sua benevolência. Uns pelo modo comum da graça, outros por ordem mais sobrenatural e milagrosa, a cada qual na medida da própria disposição e dos fins que o Senhor tem em vista, e que nem sempre se conhecem de imediato. Se as almas não pusessem obstáculo, o amor divino seria tão liberal com elas, quanto com as que se dispõem. A estas dá maior luz e conhecimento de seu ser imutável, com doce e divino ilapso as transforma em Si e lhes comunica certa participação da bem-aventurança. Deixa-se prender e deleitar por aquele íntimo abraço que a esposa sentiu quando disse: Encontrei-o, apeguei-me a Ele e não o deixarei mais (**Cant 3, 4**). Desta presença, o Senhor dá muitos penhores e sinais para ser possuído no amor de quietude como os santos da glória, ainda que seja por tempo limitado. Assim liberal é Deus, nosso Senhor, em remunerar os afetos de amor e os trabalhos que a criatura aceita para atraí-lo, prendê-lo e não o perder.

Efeitos do amor divino

179. Esta suave violência do amor faz a criatura desfalecer e morrer a tudo que é terrestre, e por isto se diz que o amor é forte como a morte (**Cant 8, 6**). Esta morte a faz ressurgir para mais intensa vida espiritual, e a torna capaz de nova participação da bem-aventurança e seus dotes, e ao gozo mais frequente da sombra e dos doces frutos do sumo Bem que ama (**Cant 3, 2**). Destas ocultas graças, redunda para a parte inferior e animal um gênero de claridade que a purifica das trevas espirituais e seus efeitos. Torna-a forte e como que impassível para sofrer tudo quanto repugna à carne e à natureza. Com subtilíssima sede apetece todas as dificuldades e violências que padece o reino dos céus (**Mt 11, 12**). Torna-se ágil, livre da gravidade terrena, de modo a sentir este privilégio até no corpo, de si mesmo tão pesado; com isto, vêm a ser fáceis os trabalhos que antes lhe pareciam árduos. De todos estes efeitos, minha filha, tens ciência e experiência. Se os descrevi e expliquei, é para que mais te esforces e disponhas para o Altíssimo, agente divino e poderoso, encontrar em ti matéria disposta e dócil onde realizar seu beneplácito.

CAPÍTULO 14

PROCEDIMENTOS DE MARIA SATÍSSIMA DURANTE O PERÍODO DE SUA GESTAÇÃO E ALGUNS FATOS DESSE TEMPO.

Maria vive para seu divino Filho

180. No capítulo 12, número 152, ficou dito que nossa Rainha e Senhora, ao sair do êxtase que tivera na concepção do Verbo eterno humanado, prostrou-se em terra e O adorou em seu seio. Esta adoração se lhe tornou contínua por toda a vida. De meia-noite, até a meia-noite seguinte, costumava fazer trezentas genuflexões, ou mais, se tinha oportunidade. Durante os nove meses de sua divina gravidez foi mais assídua nesta prática. Para desempenhar plenamente as novas obrigações que lhe sobrevieram com o novo dom do eterno Pai em seu virginal tálamo, sem faltar às de seu estado, concentrou toda sua atenção no exercício de fervorosas súplicas, para a guarda do tesouro que o céu lhe confiara. Aplicou novamente sua alma santíssima e potências, praticando atos de virtudes em grau tão heróico e sublime, que causava admiração aos próprios anjos.

Consagrou também os demais atos corporais para obséquio e serviço do Deus infante que trazia em seu corpo virginal. Comendo, dormindo, trabalhando ou descansando, sempre tinha em vista a nutrição de seu amabilíssimo Filho, e por estes atos abrasava-se no amor divino.

Os mil anjos da guarda oferecem-lhe seus serviços.

181. No dia seguinte ao da Encarnação, manifestaram-se-lhe em forma corpórea, os mil anjos que a assistiam, e com profunda humildade adoraram seu Rei humanado no seio da Mãe. Reconheceram-na de novo por Rainha e Senhora e, dando-lhe o devido culto e reverência, disseram-lhe: - Eis, Senhora, que vos tornastes a verdadeira arca do testamento **(Heb 9, 4)**, que encerrais o Legislador, a lei, e guardais o maná celestial, nosso verdadeiro pão. Aceitai, Rainha nossa, felicitações por vossa dignidade e suma felicidade, pela qual enaltecemos o Altíssimo, pois com justiça vos escolheu para sua Mãe e tabernáculo. Oferecemo-nos novamente ao vosso serviço e obséquio, prontos para vos obedecer como vassalos e servos do supremo Rei onipotente, de quem sois verdadeira Mãe. - Este oferecimento e veneração dos santos anjos tornaram a despertar na Mãe da sabedoria incomparáveis sentimentos de humildade, gratidão e amor divino. Aquele puríssimo coração, onde se encontrava a balança do santuário para dar a todas as coisas o valor e preço devido, estimou grandemente o ver-se reconhecida e reverenciada como Senhora e Rainha dos espíritos angélicos. Ainda que, ser Mãe do próprio Rei e Senhor da criação tudo ultrapassava, as demonstrações e obséquios dos santos anjos manifestavam ainda mais todos estes benefícios e dignidade.

Os anjos auxiliam a Virgem

182. Desempenhavam eles estes ministérios como executores e ministros

(Heb 1, 14) da vontade do Altíssimo. Quando sua Rainha e Senhora nossa estava só, assistiam-na em forma corpórea e a serviam em suas tarefas exteriores; se fazia trabalho manual, administravam-lhe o que era necessário. Se, ocasionalmente, na ausência de São José, tomava sozinha a refeição, eles a serviam como mestres-sala de sua pobre mesa e modestos manjares. Em toda a parte acompanhavam-na, servindo-lhe de escolta e ajudavam-na a servir São José. Assim auxiliada, não esquecia a divina Senhora de pedir ao Mestre dos mestres licença e orientação para tudo o que tinha de fazer. Todos os seus atos eram ordenados e praticados com tal plenitude de justeza, que só o Senhor os pode ponderar e compreender.

Visões de Maria durante a gestação

183. Durante o tempo que trouxe em seu ventre santíssimo o Verbo humanado, além desta comunicação ordinária, Ela sentia a presença divina por diversos modos, todos admiráveis e dulcíssimos. Umas vezes se lhe revelava por visão abstrativa, como acima disse (1). Outras via-o como se encontrava em seu virginal templo, unido hipostaticamente à natureza humana. Via também a humanidade santíssima, como que através do cristal de seu puríssimo seio materno, sendo este modo de visão de especial consolo e alegria para a grande Rainha. Outras vezes conhecia que da divindade, se refletia no corpo do Menino Deus, um pouco da glória de sua alma santíssima, comunicando-lhe alguns efeitos da glória da bem-aventurança. Esta claridade e luz do corpo natural do Filho refletiam-se na Mãe com inefável e divino ilapso.

Este favor a transformava toda noutro ser, com tais efeitos, que nenhuma

1 - Vejam-se os lugares citados na nota de nº 633, 1ª parte

capacidade de criatura os pode explicar. Dilate-se o mais elevado julgamento dos supremos serafins, e ficará oprimido por esta glória (**Prov 25, 27**). Esta divina Rainha era um céu intelectual e animado, e nela se concentrava a grandeza e glória que os ilimitados céus não podem encerrar nem conter (**3º Rs 8, 27**).

Trabalho e oração de Maria

184. Estas graças, e outras, alternavam-se com os exercícios da divina Mãe, segundo a variedade e diferença dos atos que praticava: espirituais, corporais e manuais, quer servindo a seu esposo São José, quer beneficiando o próximo. Reunidos e ordenados pela sabedoria desta donzela, constituíam harmonia dulcíssima para o Senhor e admirável para os espíritos angélicos. Quando o Altíssimo permitia que a Senhora do mundo ficasse em seu estado mais natural, a força e violência de seu amor causavam-lhe desfalecimentos. Com toda a verdade, em seu nome, pode escrever Salomão o que disse a esposa: Socorrei-me com flores porque estou enferma de amor (**Cant 2, 5**). E, acontecia que a ferida penetrante desta dulcíssima flecha quase lhe arrebatava a vida, se logo o poder do Altíssimo não a reconfortasse de modo sobrenatural.

Saudação das aves à Mãe de Deus

185. Para lhe dar algum alento sensível, às vezes, por ordem do Senhor vinham visitá-la muitas avezinhas. Como se tivessem inteligência, saudavam-na com meneios, cantavam-lhe em conjunto, e esperavam sua bênção antes de se despedirem. Aconteceu-lhe isto, principalmente, quando concebeu o Verbo divino, depois da saudação dos santos anjos, como para a felicitarem por sua dignidade. Neste dia, a Senhora das criaturas lhes falou, mandando a diversas espécies de aves que saudassem seu Criador, e O louvassem com cânticos, para agradecer o ser e beleza que lhes dera e lhes conservava. Obedeceram-lhe, e em coros cantavam com doce harmonia. Inclinando-se até o solo faziam reverência ao Criador e à sua Mãe que O trazia no seio. Costumavam, outras vezes, trazer-lhe flores no bico, depositando-as nas mãos e esperando que as mandasse cantar ou calar, conforme quisesse. Acontecia também nas inclemências da atmosfera, virem avezinhas à procura do abrigo de sua divina Senhora. Glorificando ao Criador de tudo, Ela as recebia e sustentava, afeiçoada por sua inocência.

Devemos ver a Deus em todas as criaturas

186. Nossa tíbia ignorância não deve estranhar tais maravilhas, na aparência insignificantes e sem importância. As obras do Excelso são todas grandes e veneráveis em seus fins, e grandiosas também as de nossa prudentíssima Rainha, quaisquer que fossem elas. Quem haverá tão ignorante ou temerário, em não concordar quão digno é para o homem reconhecer em todas as criaturas a participação do ser e das perfeições de Deus? Quem não vê quão justo é procurá-lo, encontrá-lo e enaltecê-lo em todas elas, confessando-o admirável, poderoso, liberal e santo como o fazia Maria santíssima, sem que houvesse tempo, lugar ou criatura visível que lhe fosse inútil para isso? Como não se confundirá nosso ingratíssimo esquecimento? Como não se abrandará nossa dureza? Como não se despertará nosso frio coração, com a censura e o exemplo das criaturas irracionais?

Só por terem recebido a participação da vida, louvam a Deus sem ofendê-lo; e os homens que participam da sua própria imagem e semelhança, com capacidade para conhecê-lo e gozá-lo, esquecem-no por não O conhecer; se O conhecem não o louvam e recusando-se servi-lo O ofendem. Com nenhum direito poderão se preferir aos animais brutos (**Sl 13, 21**), pois vêm a ser piores que estes.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA RAINHA E SENHORA NOSSA

Decoro e reverência no trato com Deus

187. Minha filha, pela doutrina que te dei até agora, estás preparada para de-

sejar e procurar a ciência divina que muito desejo que aprendas; entender quão profundo deve ser o decoro e reverência no trato com Deus.

Advirto-te novamente que, entre os mortais, é difícil encontrar-se esta ciência. Por poucos é ambicionada e seu desconhecimento lhes traz grandes prejuízos e danos. Quando se aproximam para tratar com o Altíssimo, ou para se aplicar ao seu culto e serviço, não o fazem com o devido conceito de sua infinita grandeza. Não se despojam das lembranças tenebrosas e da maneira de ser terrena que os faz grosseiros, carnais, indignos, e sem disposição para o magnífico trato com a soberana divindade. A esta grosseria segue-se outra desordem: ao tratar com o próximo, se entregam sem ordem, nem medida e modo, aos atos sensíveis, perdendo totalmente a lembrança e atenção de seu Criador. Deste modo, com o frenesi de suas paixões engolfam-se em tudo o que é terrestre.

Vida de união com Deus

188. Quero, pois, caríssima, que te afastes deste perigo, e aprendas a ciência que tem por objeto o imutável ser de Deus e seus infinitos atributos. De tal modo deves conhecê-lo e unir-te a Ele, que nenhuma coisa criada se interponha entre teu espírito e o verdadeiro e sumo Bem. Em todo tempo, lugar e ocupação, guarda sua presença prendendo-O com aquele íntimo abraço de teu coração **(Cant 3, 4)**. Para isto, lembro-te e ordeno-te que o trates com magnificência, decoro, respeito e íntimo temor. Quero que trates com toda atenção e apreço, qualquer coisa referente ao seu culto. Antes de tudo, ao te pores em sua presença para a oração e prece, despoja-te de todas as reminiscências sensíveis e terrenas. Visto que a humana fragilidade não pode permanecer sempre no intenso exercício do amor divino, e suas moções, fortes demais para o ser terreno, toma algum repouso honesto no qual também encontres a Deus. Louva-o na beleza dos céus e das estrelas, na variedade das plantas, no aprazível panorama dos campos, na força dos elementos, e ainda mais na angélica natureza e na glória dos santos.

Conforto e repouso em Deus

189. Fica, porém, avisada, sem esquecer jamais esta advertência: por nenhum sucesso ou sofrimento, procures alívio ou distração com criaturas humanas, e menos ainda do sexo masculino. Com teu temperamento meigo e inclinado a não penalizar os outros, corres o perigo de te excederes. Passarás os limites do lícito e justo para o gosto sensível, mais do que convém às religiosas, esposas de meu Filho santíssimo. Para todas as criaturas humanas há risco neste descuido. Largando as rédeas da natureza frágil, ela não atenderá à razão, à verdadeira luz do espírito. Esquecendo-se de tudo, larga-se às cegas, ao ímpeto da paixão e esta ao seu deleite. Para evitar este geral perigo, ordenou-se o encerramento e retiro das almas consagradas a meu Filho e Senhor. Corta-se pela raiz as ocasiões perigosas e infelizes às religiosas que voluntariamente as procuram e a elas se entregam. Teu repouso, caríssima, e o de tuas irmãs, não deve ser cheio de perigo e mortal veneno. Com empenho, busca-o sempre no interior de teu coração, e no retiro com teu Esposo **(Sl 40, 15)** que é fiel em consolar ao triste e amparar o atribulado.

CAPÍTULO 15

MARIA SANTÍSSIMA CONHECE SER VONTADE DO SENHOR QUE ELA VISITE SANTA ISABEL; PEDE PERMISSÃO A SÃO JOSÉ, SEM NADA LHE MANIFESTAR.

O mistério da visitação e suas razões

190. Pela relação do embaixador celeste, São Gabriel, **(Lc 1, 36)** soube Maria santíssima que sua prima Isabel, que se considerava estéril, concebera e estava no sexto mês da gravidez. Além desta informação, revelou-lhe o Altíssimo, por meio de visões intelectuais, que o miraculoso filho de Santa Isabel seria grande diante do Senhor **(idem 15, 17)**, profeta e precursor do Verbo encarnado. Acrescentou ainda outros grandes mistérios sobre a santidade e missão de São João. Nesta visão, e em outras, conheceu também a divina Rainha o beneplácito do Senhor para que fosse visitar sua prima Isabel. Esta, e o filho que trazia no seio, seriam santificados pela presença do Redentor. Deste modo, dispunha o Senhor estrear no precursor os efeitos de sua vinda ao mundo e de seus méritos. Comunicando-lhe o caudal de sua divina graça, fá-lo-ia fruto temporão e antecipado da redenção humana.

Deus ordena que Maria santíssima visite Santa Isabel

191. Com admirável gozo de seu espírito, a prudentíssima Virgem deu graças a Deus por este novo mistério, e porque se dignava fazer aquele favor a seu futuro profeta e precursor, e à sua mãe Isabel. Oferecendo-se a cumprir a divina vontade, disse ao Senhor: Altíssimo Senhor, princípio e causa de todo o bem, seja vosso santo nome eternamente glorificado, conhecido e louvado por todas as nações. Eu, a menor das criaturas, dou-vos humildes graças pela misericórdia que tão liberalmente quereis usar com vossa serva Isabel e o filho de seu seio. Se vos apraz instruir-me no que devo fazer nesta ocorrência, aqui estou, meu Senhor, preparada para obedecer prontamente a vossas divinas ordens. - Respondeu-lhe o Altíssimo: Minha pomba e amiga, escolhida entre as criaturas, em verdade te digo, que por tua intercessão e por ter amor, olharei como Pai e Deus liberalíssimo tua prima Isabel e o filho que dela nascerá. Escolho-o para meu profeta e precursor do Verbo em ti feito homem, e os considero meus, por estarem ligados a ti. Por isto, quero que meu e teu Unigênito vá visitar a mãe e libertar o filho da prisão do pecado original. Antes do tempo comum e ordinário dos outros homens **(Cant 2, 14)**, soe aos meus ouvidos a voz de sua palavra e louvores, e com a santificação de sua alma lhe sejam revelados os mistérios da Encarnação e redenção. Para este fim, quero, esposa minha, que visites Isabel, pois as três Pessoas divinas escolhemos o filho dela para grandes obras de nosso agrado.

Resposta da Virgem

192. A esta ordem do Senhor, respondeu a obedientíssima Senhora: Bem

sabeis, Senhor meu, que todo meu coração e meus desejos se inclinam ao vosso divino beneplácito, e cumprirei diligentemente tudo quanto mandardes à vossa humilde serva. Permiti que peça licença a meu esposo José, para fazer esta viagem de acordo com sua vontade e gosto. Para não me afastar de vosso agrado, durante ela, dirigi-me em todos meus atos, e guiai meus passos **(Sl 118, 113)** para a maior glória de vosso santo nome. Aceitai o sacrifício que faço em deixar o recolhimento da solidão para sair em público. Quisera, Rei e Bem de minha alma, oferecer-vos mais do que desejo, encontrando ocasiões de sofrer por vosso amor tudo quanto fosse de maior agrado e serviço vosso, para assim não ficar frustrado o afeto de minha alma.

Maria santíssima pede a proteção dos anjos de sua guarda

193. Saindo desta visão, nossa grande Rainha chamou os mil anjos de sua guarda. Aparecendo eles em forma corpórea, declarou-lhes a ordem do Altíssimo, e pediu-lhes que naquela viagem a assistissem, cuidadosa e diligentemente, para ensiná-la a se desincumbir daquela obediência, do modo mais agradável ao Senhor. Pediu-lhes também que a guardassem e defendessem dos perigos, para proceder com perfeição em tudo quanto ocorresse naquele itinerário. Com admirável submissão, ofereceram-se os santos príncipes para lhe obedecer e servir. O mesmo costumava fazer em outras ocasiões a Mestra da prudência e humildade. Sendo mais sábia e perfeita que os anjos, pelo fato de se encontrar no estado de viadora e ter natureza inferior à angélica, os chamava e consultava, para dar a seus atos a plenitude de perfeição. Inferiores a Ela em santidade, os anjos a guardavam e assistiam-e, sob a direção deles, a Virgem dispunha suas ações humanas que, além disso, eram governadas pelo impulso do Espírito Santo. Os espíritos celestiais lhe obedeciam com a presteza e fidelidade própria de sua natureza e devidas à sua Rainha e Senhora. Entretinham com Ela doces colóquios, e alternavam cânticos de sumo louvor e glória do Altíssimo. Outras vezes, conferiam os soberanos mistérios do Verbo encarnado, da união hipostática, da redenção humana, dos triunfos que obteria e dos frutos e benefícios que das obras do Redentor resultariam para os mortais. Muito me alongaria se fosse escrever tudo quanto me foi manifestado sobre este particular.

A Virgem solicita a permissão de São José

194. Resolveu logo a humilde Esposa solicitar permissão a São José, para executar as ordens do Altíssimo. Sendo em tudo prudentíssima, sem lhe manifestar o mandato que recebera, disse-lhe certo dia: Meu Senhor e esposo, conheci por luz divina que a dignação do Altíssimo favoreceu minha prima Isabel, mulher de Zacarias, concedendo-lhe o filho que ela tanto pedia. Espero em sua bondade imensa que, sendo minha prima estéril concedendo-lhe este singular favor, o Senhor tem em vista sua glória e agrado. Julgo que, em tal ocasião, compete-me a obrigação de visitá-la e tratar com ela algumas coisas convenientes para seu consolo e bem espiritual. Se isto for de vosso gosto, irei com vossa permissão, mas estou pronta a fazer o que julgardes melhor e me ordenardes.

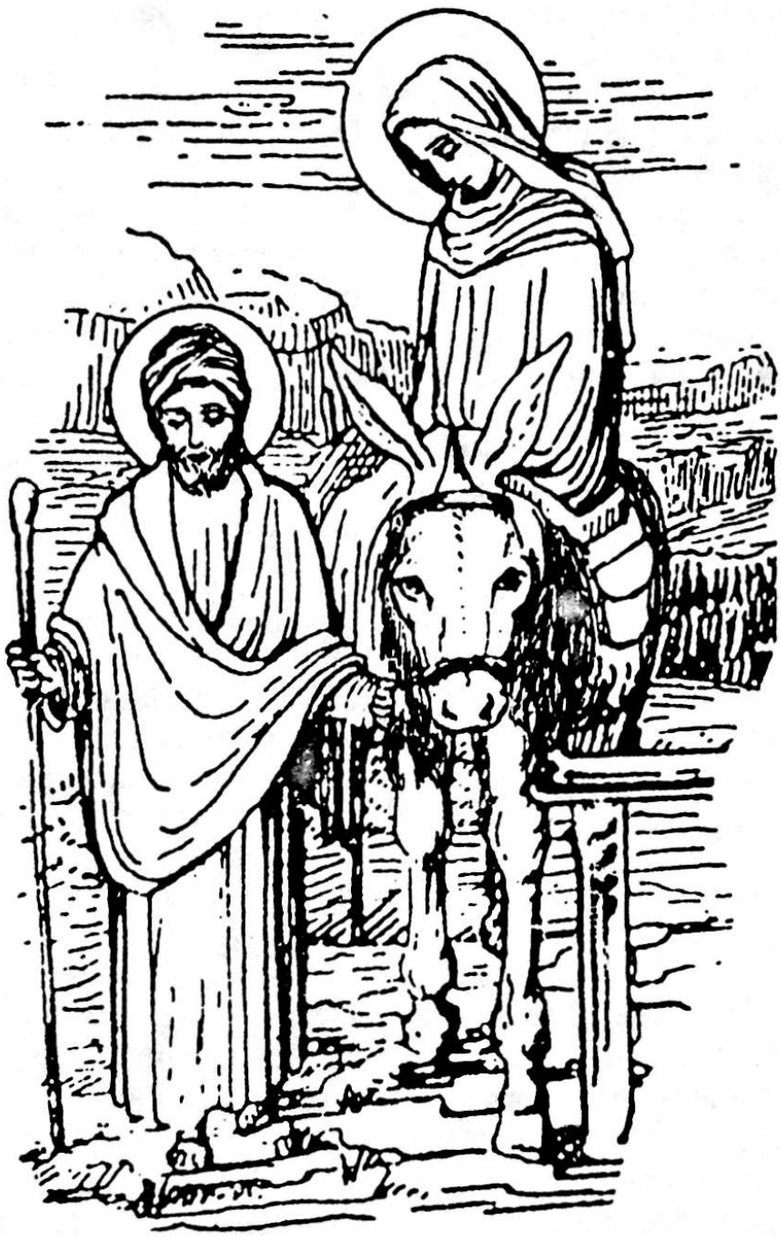
Resposta de S. José

195. Muito agradável a Deus foi esta discreção de Maria santíssima, tão cheia de humilde submissão, digna de sua capacidade para ser depositária dos grandes segredos do Rei **(Tob 12, 7)**. Por isto e pela confiança que depositava na fidelidade desta Senhora, dispos o Senhor o coração de São José, dando-lhe luz para agir de acordo com sua divina vontade. Esta é a recompensa do humilde que pede conselho **(Ecli 32, 24)**; encontrá-lo acertado e seguro. É também conforme ao santo e discreto zelo, dá-lo com prudência **(Ecli 32, 22)**. Com esta orientação, respondeu o santo esposo à nossa Rainha: Sabeis, minha Senhora e esposa, que meu desejo é

servir-vos com toda minha dedicação, atenção e solicitude. Confio em vossa grande virtude, que vossa retíssima vontade não se inclinará a coisa alguma que não seja do maior agrado e glória do Altíssimo, como creio ser esta viagem. Para não causar estranheza em irdes desacompanhada de vosso esposo, irei também, com muito gosto, para vos servir durante o trajeto. Marcai o dia e iremos juntos.

mou de empréstimo uma humilde montaria para levar a bagagem e sua Esposa, a Rainha de toda a criação.

Com estes preparativos, partiram de Nazaré para a Judéia, e no capítulo seguinte falarei sobre a viagem. Ao sair de sua pobre casa, a grande Senhora do mundo ajoelhou-se aos pés de São José, pedindo-lhe a bênção, para, em nome do Senhor, começar a jornada. Retraiu-se o



Preparativos da viagem

196. Agradeceu Maria santíssima o cuidadoso afeto de seu prudente esposo José, e a docilidade com que cooperava com a vontade divina no que sabia ser para seu serviço e glória. Determinaram ambos partir logo para a casa de Isabel **(Lc 1, 39)**. Sem demora, prepararam o farnel que consistiu em frutas, pão e alguns peixes. São José to-

Santo perante a rara humildade de sua Esposa, por ele tantas vezes evidenciada, duvidando em lhe dar a bênção. A mansidão e doce insistência de Maria acabaram por vencê-lo e abençoou-a em nome do Altíssimo. Aos primeiros passos, elevou a divina Senhora os olhos ao céu e o coração a Deus, para cumprir o divino beneplácito, levando em si o Unigênito do Pai e seu, para santificar João no seio de sua mãe Isabel.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA RAINHA E SENHORA

Deus manifesta sua vontade por meios exteriores

197. Minha filha caríssima, muitas vezes te manifesto o amor de meu coração, porque tenho grande desejo que ele se acenda no teu, e aproveites da doutrina que te dou. Feliz é a alma a quem o Altíssimo revela sua santa e perfeita vontade! Mais feliz e bem-aventurada aquela que, depois de conhecê-la, a põe em prática. Deus usa de muitos meios para ensinar aos mortais as sendas e caminhos da vida eterna: os Evangelhos, a sagrada Escritura e outros livros; sacramentos e preceitos da santa Igreja; os exemplos dos santos e principalmente a doutrina e orientação de seus ministros, a respeito dos quais disse o Senhor: Quem vos ouve a Mim ouve (**Lc 10, 16**). Logo, obedecer a eles é obedecer ao mesmo Deus. Quando, por algum destes caminhos, chegares a conhecer a divina vontade, quero que com as asas da humildade e da obediência em rápido vôo, ou até com a velocidade de um raio, estejas pronta para cumprir o divino beneplácito.

Manifestação da vontade divina por graças interiores

198. Além destes meios de ensino, o Altíssimo dispõe de outros para dirigir as almas, manifestando-lhes sobrenaturalmente sua perfeita vontade e revelando-lhes muitos sacramentos. Este modo tem graus muito diversos, e nem todos são comuns a todas almas, porque o Altíssimo distribui sua luz com medida e peso (**Sab 11, 21**). Umas vezes, fala com energia ao coração e sentidos interiores; noutras corrige; ora admoesta e ensina, ora move o coração a rogá-lo. Há ocasiões em que expõe claramente o que deseja para a alma se mover a executá-lo; em outras, costuma mostrar em Si mesmo, como em claro espelho, grandes mistérios para o entendimento conhecer e a vontade amar. De qualquer modo, este grande Deus e sumo Bem é suavíssimo no mandar, forte para dar a força de obedecer, justo em suas ordens, pronto em dispor as coisas para ser obedecido, e poderoso para vencer os obstáculos ao cumprimento de sua vontade santíssima.

Docilidade à graça

199. Quero, minha filha, sejas muito atenta para receber esta luz divina, pronta e diligente para executá-la. Para ouvir o Senhor e perceber esta voz tão delicada e espiritual, é necessário que as faculdades da alma estejam purificadas da grosseria terrena e que a criatura toda viva segundo o espírito, pois o homem animal não percebe (**1Cor 2, 14**) as coisas elevadas e divinas. Atende pois ao teu íntimo (**Is 24, 16**) e esquece o exterior; ouve, minha filha, e inclina o teu ouvido (**Is 44, 11**), desprendida de todo o visível. Para seres diligente, ama. O amor é fogo e não sabe protelar seus efeitos quando encontra matéria propícia, como quero que seja teu coração, sempre disposto e preparado. Quando o Altíssimo te ordenar ou ensinar alguma coisa em benefício das almas, principalmente para sua salvação eterna, oferece-te com docilidade. Elas são o inestimável preço do sangue do Cordeiro (**I Ped 1, 18, 19**) e do amor divino. Não te embaraces com tua baixeza e timidez, mas vence tua covardia. Se pouco vales e és inútil para tudo, o Altíssimo é rico (**Rom 10, 12**), poderoso, grande, e por Si mesmo faz todas as coisas (**Is 44, 24**). Tua prontidão e boa vontade não ficarão sem recompensa, embora eu deseje que só tenhas em vista o bel-prazer de teu Senhor.

CAPÍTULO 16

A VIAGEM DE MARIA EM VISITA A SANTA ISABEL E SUA CHEGADA NA CASA DE ZACARIAS.

Razões do mistério da Visitação

200. Diz o texto sagrado de S. Lucas **(1, 39)**: Naqueles dias, levantando-se Maria santíssima dirigiu-se com muita pressa às montanhas e cidade de Judá. Este levantar-se de nossa divina Rainha e Senhora, não foi apenas a disposição exterior em partir de Nazaré, mas significa também o movimento de seu espírito e vontade. Sob o impulso divino, levantou-se interiormente do humilde retiro onde a colocava o conceito que de si fazia. Dos pés do Altíssimo, onde aguardava sua vontade e beneplácito, levantou-se como a mais humilde serva que conserva os olhos nas mãos de sua senhora, a espera de suas ordens, como disse Davi **(Sl 122, 2)**. Levantando-se à voz do Senhor, dirigiu seu amorosíssimo afeto ao cumprimento da divina vontade que era apressar, sem dilação, a santificação do Precursor do Verbo encarnado, como que encarcerado na prisão do pecado original, no seio de Isabel. Esta era a finalidade daquela feliz viagem, e foi em vista disso que a Princesa dos céus levantou-se e partiu, com a presteza e diligência de que fala o evangelista S. Lucas.

Como se transportaram Maria e José

201. Deixando, pois, a casa de seus pais **(Sl 44, 11)** e esquecendo seu povo, partiram os castíssimos esposos Maria e José, para a casa de Zacarias. Estava ela situada nas montanhas da Judéia, vinte e sete léguas distante de Nazaré, e grande parte do caminho era difícil e escabroso para tão delicada e jovem donzela. Para tão duro itinerário tinham apenas a comodidade de um humilde jumentinho. Ainda que estava destinado só para servi-la, a mais humilde e modesta das criaturas apeava-se dele muitas vezes e rogava a seu esposo se servisse dele para descansar um pouco, e assim repartirem entre ambos a fadiga e o descanso. Nunca aceitou o prudente esposo, mas para condescender de algum modo com os rogos da divina Senhora, consentia que percorresse alguns trechos à pé, e quanto sua delicadeza pudesse suportar sem demasiada fadiga. Em seguida, com grande respeito e amabilidade lhe pedia não recusar aquele pequeno alívio. Obedecia a celestial Rainha e tornava a montar.

Acompanhamento dos anjos

202. Competindo nesta humildade, continuavam a caminhada preenchendo o tempo, sem inutilizar um só instante. Caminhavam sozinhos, sem companhia de criaturas humanas, mas assistidos pelos mil anjos que guardavam o leito de Salomão **(Cant 3, 7)**, Maria santíssima. Iam em forma visível, servindo a grande Rainha e ao Filho santíssimo que levava no seio, mas apenas Ela os via. Atendendo a eles e a José, caminhava a Mãe da graça, embalsamando os campos e montes com a fragrância suavíssima de sua presença e dos divinos louvores nos quais sem interrupção, se ocupava. Algumas vezes falava

aos anjos e, com eles alternava cânticos sobre os mistérios da divindade e suas obras: a criação e a encarnação. Nestes atos, o cândido coração da puríssima Senhora abrasava-se sempre mais nos divinos afetos. São José colaborava com o discreto silêncio que guardava, recolhendo o espírito em alta contemplação, e permitindo à devota Esposa fazer o mesmo.

Sentimentos de S. José

203. Outras vezes, conversavam sobre o aproveitamento de suas almas, sobre as misericórdias do Senhor, a respeito da vinda do Messias, das profecias que O anunciaram aos antigos pais, e de outros mistérios divinos. José amava ternamente sua Esposa com amor santo e castíssimo, ordenado com especial graça **(Cant 2, 4)** e influência do amor divino. Além deste privilégio, possuía o Santo índole nobilíssima, cortês e aprazível, que lhe inspirava prudentíssima e amorosa solicitude pela grandeza e santidade de sua divina Esposa, por cujo intermédio reconhecia ter recebido aqueles dons do céu. Ia o Santo solícito por Maria perguntando-lhe, freqüentemente, se estava fatigada e o que podia fazer para aliviá-la e servir. No entanto, como a Rainha do céu já levava em seu tálamo virginal o divino fogo do Verbo humanado, percebia S. José (ignorando a causa) novos sentimentos na alma, através das palavras e conversação com sua amada Esposa. Sentia-se mais inflamado no amor divino, e sobre os mistérios que comentavam, nova luz e chama interior que o renovava e espiritualizava todo. Na medida em que prosseguiam no caminho e nas celestiais palestras, mais cresciam estes favores dos quais percebia ser veículo as palavras de sua Esposa. Penetravam-lhe o coração e lhe inflamavam a vontade no divino amor.

Discrição de Maria santíssima

204. Tão sensível era esta novidade que despertou a atenção do discreto José. Sabia que tudo lhe vinha através de Maria santíssima e ter-se-ia consolado com saber a causa. Poderia ter procurado sabê-la, mas sua grande modéstia o impediu de perguntar qualquer coisa. Assim dispos o Senhor, porque ainda não era tempo de ser revelado o segredo do Rei **(Tob 12, 7)** que se escondia no seio virginal. A divina Princesa conhecia tudo o que se passava no interior de seu esposo. Em sua prudência refletia que, forçosamente, sua gravidez chegaria a ser notada e não poderia escondê-la de seu dileto e castíssimo esposo. Por enquanto Ela não sabia como Deus iria encaminhar os fatos a respeito do mistério. Ainda que não recebera ordem sua para ocultá-lo, sua divina prudência e discrição aconselharam-na que melhor era guardar reserva sobre um fato que constituía o maior de todos os mistérios. Deste modo, o manteve em segredo, sem dizer palavra a S. José nesta ocasião, nem antes na anunciação do Anjo, e ainda depois, na difícil situação quando S. José chegou ao conhecimento de sua gravidez.

Apreensões de Maria

205. Oh! admirável discrição e sobre-humana prudência! Entregou-se totalmente a grande Rainha à divina providência, esperando suas disposições. Sentiu, contudo, alguma apreensão prevendo a pena que seu esposo sofreria, sem poder afastá-la ou evitá-la. Aumentava-lhe esta apreensão o amor e solicitude do Santo em servi-la, atenções que mereciam correspondência, enquanto prudentemente fosse possível. Fez especial oração ao Senhor, apresentando-lhe seu cuidado, desejo e acerto para si e para S. José, nas circunstâncias que os esperavam. Para tudo pediu assistência e direção divina. Nesta espera praticou grandes e heróicos atos de fé, esperança, caridade, prudência, humildade, paciência e fortaleza, dando plenitude de santidade a tudo o que acontecia, porque fazia o mais perfeito em todas as coisas.

Maria, carruagem do Verbo encarnado

206. Esta viagem foi a primeira peregrinação que o Verbo humanado fez

neste mundo, quatro dias depois de nele ter entrado. Seu ardentíssimo amor não pôde esperar mais para começar a atear o fogo (**Lc 12, 49**) que vinha nele acender, dando princípio à justificação dos mortais na pessoa de seu Precursor. Comunicou esta pressa à sua Mãe santíssima, que, com presteza, levantou-se e foi visitar Isabel (**Lc 1, 39**). Nesta ocasião, a diviníssima Senhora serviu de carruagem ao verdadeiro Salomão, carruagem mais rica, adornada e rápida que a do primeiro monarca, com a qual foi por ele comparada em seus Cânticos (**Cant 3, 9**). Deste modo, foi esta jornada, para o Unigênito do Pai, de mais glória, júbilo e magnificência. Era conduzido no tálamo virginal de sua Mãe, onde repousava, gozando de suas amorosas delícias. Ela adorava-o, bendizia-o, via-o, falava-lhe e ouvia-o. Cofre deste real tesouro, confidente de tão sublime sacramento, só Ela o venerava e agradecia, por si e por toda a linguagem humana, muito mais do que todos os homens e anjos reunidos.

Benefícios de Maria e José ao próximo

207. No decurso da viagem que durou quatro dias, exercitaram os peregrinos, Maria santíssima e José, não apenas as virtudes que tinham a Deus por objeto e outras interiores, mas também muitos atos de caridade com o próximo, pois não podiam ficar indiferentes diante dos que necessitavam socorro. Nos pousos, nem sempre encontravam o mesmo acolhimento; por algumas pessoas inconsideradas eram despedidos rusticamente; outros, movidos pela divina graça, os recebiam afetuosamente. A ninguém, entretanto, negava a Mãe de misericórdia, o bem que lhe podia fazer. Observava atenciosamente se podia, sem inconveniente, visitar ou se encontrar com pobres, enfermos e aflitos, e a todos socorria, consolava ou curava de suas doenças. Não me detenho a referir todos os casos ocorridos. Narro apenas a feliz sorte de uma pobre donzela enferma que encontrou nossa grande Rainha no primeiro dia da viagem. Viu-a, movendo-se de ternura e compaixão pelo seu estado que era gravíssimo. Usando o poder de Senhora das criaturas, ordenou à febre que deixasse aquela mulher, e ao seu organismo que voltasse ao estado normal. A esta ordem e pela doce presença de Maria santíssima, instantaneamente ficou a doente curada de sua enfermidade corporal e aperfeiçoada no espírito. Foi progredindo, chegando a ser perfeita e santa, pois lhe ficaram intimamente gravados na memória e no coração a lembrança e o amor da autora de sua felicidade, apesar de não ter visto mais a divina Senhora, nem se ter divulgado o milagre.

A cidade de Judá

208. Continuando sua caminhada chegaram, no quarto dia da viagem, Maria santíssima e seu esposo José à cidade de Judá, onde residiam Isabel e Zacarias. Este era o nome próprio e particular daquele lugar onde, naquela ocasião, viviam os pais de São João, como especificou o evangelista São Lucas, chamando-a Judá (**Lc 1, 39**). Os expositores do Evangelho comumente acreditaram que este nome não pertencia à cidade onde viviam Isabel e Zacarias, mas sim à província que se chamava Judá ou Judéia. Pela mesma razão, chamam-se montanhas da Judéia os montes que da parte austral de Jerusalém descem para o meio-dia. Não obstante esta opinião, a mim foi manifestado que a cidade é que se chamava Judá, e que o Evangelista a nomeou por seu próprio nome. A razão dos expositores terem atribuído este nome à província, é porque após alguns anos da morte de Cristo, Senhor nosso, aquela cidade arruinou-se. Como os expositores não tiveram conhecimento da memória de tal cidade, entenderam que por Judá, São Lucas referia-se à província e não ao lugar. Daqui resultou a diversidade de opiniões sobre a cidade em que sucedeu a visita de Maria SSma. à Santa Isabel.

Desaparecimento da cidade de Judá

209. Visto que a obediência me ordenou explicar mais exatamente este ponto, pela surpresa que pode causar, e tendo

feito o que sobre isto me foi ordenado, digo que a casa de Zacarias e Isabel, onde sucedeu a Visitação, foi no mesmo lugar onde agora são venerados estes mistérios divinos pelos fiéis e peregrinos que vão ou residem nos santos lugares da Palestina. Apesar da cidade de Judá, onde se encontrava a casa de Zacarias haver se arruinado, não permitiu o Senhor que desaparecesse a memória de tão veneráveis lugares onde se realizaram tantos mistérios, consagrados pela presença de Maria santíssima, de Cristo, Senhor nosso, do Batista e seus santos pais.

Por luz divina e certa tradição, edificaram os antigos fiéis aquelas igrejas e restauraram os lugares santos para renovar a memória de tão admiráveis mistérios. Deste modo, viemos a gozar o benefício de venerá-los e adorá-los, confessando a fé católica nos mesmos lugares sagrados de nossa redenção.

Pretensão do demônio em destruir os santos lugares

210. Para maior clareza, advirta-se que na morte de Cristo Senhor nosso, o demônio acabou de ter certeza, que Ele era Deus e Redentor dos homens. Concebeu incrível furor e pretendeu apagar sua memória, como diz Jeremias **(11, 19)** da terra dos viventes, e assim também a de sua Mãe santíssima. Para o conseguir, uma vez contribuiu para que a santa Cruz fosse escondida e soterrada; outra, que ficasse prisioneira na Pérsia. Com a mesma intenção, procurou que fossem destruídos muitos dos santos lugares. Daqui resultou as diversas trasladações da santa casa de Loreto, pelos anjos, pois o dragão que perseguia esta divina Senhora **(Apoc 12, 13)** tinha convencido aos moradores do lugar a destruir aquele sagrado oratório, onde se realizou o altíssimo mistério da Encarnação. Por esta mesma astúcia do inimigo, foi arruinada a antiga cidade de Judá, tanto pela negligência de seus moradores que a foram abandonando, como por outros acontecimentos adversos. Apesar de tudo, não permitiu o Senhor que se arruinasse totalmente a casa de Zacarias, em vista dos sacramentos que ali se efetuaram.

Afirmação da existência de Judá

211. Distanciava-se esta cidade vinte e sete léguas de Nazaré, e aproximadamente duas léguas de Jerusalém, para o lado onde nasce a torrente de Sorec nas montanhas da Judéia. Depois do nascimento de São João **(Mt 11, 16)**, voltando Maria Ssma. e José para Nazaré, teve Santa Isabel revelação divina que grande calamidade iria brevemente atingir as crianças de Belém e sua comarca. Ainda que esta revelação fosse geral, sem mais clareza ou especificação, moveu a mãe de São João a retirar-se com Zacarias, seu marido, para Hebron, a oito léguas mais ou menos, de Jerusalém. Sendo nobres e abastados, tinham casas e propriedades, não somente em Judá e Hebron, mas também em outros lugares. Quando Maria santíssima e José, fugiram de Herodes e se dirigiram ao Egito **(Mt 11, 14)**, alguns meses após o nascimento do Verbo e do Batista, Isabel e Zacarias encontravam-se em Hebron. Zacarias faleceu quatro meses depois do nascimento de Cristo, Senhor nosso, dez depois do nascimento de seu filho João. Isto agora me parece suficiente para esclarecer a dúvida: a casa da visitação não estava em Jerusalém, nem em Belém, nem em Hebron, e sim na cidade chamada Judá. Assim o entendi com a luz do Senhor, como entendo os demais mistérios desta divina História. O mesmo me foi repetido pelo santo Anjo, tendo-me a obediência ordenado que lhe perguntasse outra vez.

Chegada à casa de Sta. Isabel

212. Nesta cidade de Judá e na casa de Zacarias, chegaram Maria santíssima e José. O santo esposo foi um pouco na frente e saudou os moradores: O Senhor esteja convosco e encha vossas almas de sua divina graça. Santa Isabel já os esperava porque o Senhor lhe revelara que Maria de Nazaré, sua prima, estava a caminho para visitá-la. Por esta visão conhecera que a divina Senhora era muito agradável aos olhos do Altíssimo, não porém o mistério de ser Mãe de Deus. Isto só lhe foi revelado quando ambas se cum-

primentaram a sós. Saiu logo Isabel com alguns familiares para receber Maria santíssima que, sendo mais humilde e mais nova em idade, a saudou primeiro dizendo: O Senhor esteja convosco, minha querida prima.- O mesmo Senhor, respondeu Isabel, vos recompense por ter vindo me dar este prazer. Depois desta saudação entraram, e retirando-se as duas primas a sós, aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU NOSSA RAINHA E SENHORA

A obediência e seus frutos

213. Minha filha, quando a criatura faz digno apreço das boas obras e da obediência ao Senhor que as ordena para sua glória, sente muita facilidade para praticá-las, grande e suave doçura no empreendê-las e diligente presteza em continuá-las. Estes efeitos provam que são legítimas e úteis. Mas, não pode a alma fazer esta experiência se não estiver muito submissa ao Senhor, com desejo de conhecer sua divina vontade, ouvi-la com alegria e executá-la prontamente. Esqueça a própria inclinação e comodismo, como servo fiel que só quer a vontade de seu Senhor e não a própria. Este é o frutuoso modo com que todas as criaturas devem obedecer a Deus e muito mais as religiosas que assim lhe prometeram. Para o conseguires perfeitamente, nota, caríssima, com que estima Davi fala em muitos lugares sobre os preceitos do Senhor **(Sl 118-18-16-32 etc.)**; de suas palavras, de suas justificações e dos efeitos que nele produziram e que ainda agora produzem nas almas. Confessa o Profeta que os preceitos do Senhor faz sábios **(Sl 18, 8)**, que alegram o coração do homem **(idem 9)**, que iluminam os olhos da alma e para os pés são luz claríssima **(Sl 118, 105)**; que são mais doces que o mel **(Sl 18, 11)**, mais desejáveis e estimáveis que o ouro e as pedras mais preciosas.

Esta prontidão em obedecer à divina vontade e sua lei tornou Davi conforme ao coração de Deus **(1 Rs 13, 14)**. É com tais predicados que o Senhor deseja seus servos e amigos.

Compaixão e amor do próximo

214. Pratica, pois, minha filha, com toda a estima, as obras de virtude e perfeição que sabes serem do beneplácito de teu Senhor. A nenhuma desprezes, nem te oponhas, nem deixes de a empreender por maior que seja a dificuldade que apresentarem às tuas inclinações e fraqueza. Confia no Senhor, aplica-te à execução, que logo seu poder vencerá todas as dificuldades e depressa sentirás a feliz experiência de quão leve é o peso do Senhor e suave o seu jugo **(Mt 11, 30)**. Ele não se enganou quando o disse, como quer supor a dureza e desconfiança dos tíbios e negligentes que recriminam esta verdade. Desejo também que, imitando minha perfeição, advirtas a graça que me concedeu a dignação divina, ao me dar ternísima piedade e afeição pelas criaturas, obras suas, participantes de sua bondade. Com este sentimento desejava consolar, aliviar e encorajar todas as almas e com natural compaixão procurava-lhes todo bem espiritual e corporal. A ninguém desejava mal, por grande pecador que fosse; a estes com ainda mais força se inclinava meu compassivo coração, para lhes alcançar a eterna salvação. Daqui me resultou a pena pela aflição que meu esposo José iria sentir, quando me visse no estado de gravidez, pois a ele eu devia mais obrigações que aos outros. Sentia esta suave compaixão particularmente pelos aflitos e enfermos, e para todos procurava conseguir algum alívio. Quero que nisto me imites, usando prudentemente desta virtude, como vês em mim.

CAPÍTULO 17

A SAUDAÇÃO DA RAINHA DO CÉU A SANTA ISABEL E A SANTIFICAÇÃO DE SÃO JOÃO.

Privilégios de São João Batista

215. Ao chegar Maria santíssima à casa de Zacarias, Santa Isabel se encontrava no sexto mês de gravidez, do futuro Precursor de Cristo, nosso bem. O corpo do menino João era naturalmente muito perfeito, mais do que em outras crianças, tanto por causa de sua milagrosa concepção de mãe estéril, como porque Deus lhe destinara a maior santidade entre todos os nascidos **(Mt 11, 11)**. Mas, por enquanto, sua alma ainda se achava nas trevas do pecado contraído em Adão como os demais filhos deste pai comum do gênero humano. Por lei geral, não podem os mortais receber a luz da graça **(Rom 5, 12)** antes de vir à luz do sol deste mundo. Por isto, depois do primeiro pecado que se contrai com a natureza, o ventre materno vem a servir, por assim dizer, de cárcere para todos nós que nos tornamos réus em nosso pai Adão. A seu grande Profeta e Precursor determinou Cristo, senhor nosso, antecipar-lhe a luz da graça e justificação aos seis meses de sua concepção em Santa Isabel, para que sua santidade fosse privilegiada, assim como o seria sua missão de Precursor e Batista.

A santificação do Precursor

216. Depois dos primeiros cumprimentos, retiraram-se Maria santíssima e Santa Isabel a sós, como disse no fim do capítulo passado (1). (A mãe da graça saudou **(Lc 1, 40)** novamente sua prima, dizendo-lhe: Deus te salve, prima caríssima, e sua divina luz te comunique graça e vida. À voz de Maria santíssima ficou Santa Isabel repleta do Espírito Santo **(Lc 1, 41)**, e interiormente tão iluminada, que num momento conheceu altíssimos mistérios. Estes efeitos, e os percebido pelo menino João em seu seio, originaram-se da presença do Verbo humanado no tálamo de Maria. Servindo-se da voz de sua Mãe, começou a usar do poder que lhe dera o Pai eterno para salvar **(Mt 9, 6)**, e justificar as almas. Exercendo este poder como homem, aquele corpozinho concebido há oito dias (coisa maravilhosa), se pôs no seio materno em posição humilde de súplica e orou ao Pai pedindo e obtendo da Santíssima Trindade a justificação de seu futuro Precursor.

Oração de Cristo por São João

217. São João, no seio materno, foi a terceira pessoa por quem nosso Redentor orou particular e especialmente, estando Ele também no seio de Maria santíssima. Ela foi a primeira por quem agradeceu, pediu e orou ao Pai. Em segundo lugar foi São José, como dissemos no capítulo 12 (2), e o terceiro a gozar de tanta felicidade e de tais privilégios foi São João. Apresentou Cristo, Senhor nosso, ao eterno Pai seus méritos, paixão e

---

1 - nº 212
2 - nº 147

morte que vinha sofrer pelos homens, pedindo a santificação daquela alma. Nomeou o menino que devia nascer santo, destinado para seu Precursor a fim de testemunhar sua vinda ao mundo (**Jo 1, 7**), e preparar os corações (**Lc 1, 17**) para o reconhecerem e receberem. Para tão elevado ministério, pediu que lhe fossem concedidas todas as graças, dons e favores convenientes e proporcionados. Concedeu o Pai tudo quanto lhe solicitou seu Unigênito humanado.

que estava a receber, Nesta disposição foi santificado do pecado original e constituído filho adotivo do Senhor, cheio do Espírito Santo, com abundantíssima graça e plenitude de dons e virtudes. Suas faculdades ficaram santificadas pela graça, subordinadas à razão, e assim se cumpriu o que dissera o anjo São Gabriel a Zacarias (**Lc 1, 15**): que seu filho seria cheio do Espírito Santo desde o ventre materno. Ao mesmo tempo o feliz menino viu o Verbo encarnado no seio de Maria santíssima,

Graças recebidas por São João

218. Esta oração precedeu a saudação de Maria santíssima. Ao pronunciar a divina Senhora as palavras referidas, olhou Deus para o menino no seio de Santa Isabel. Deu-lhe perfeitíssimo uso da razão e ilustrou-o com especial auxílio da divina luz, preparando-o para conhecer a graça como se o espaço uteral, as virginais entranhas, fossem vidraça, e cristal puríssimo. De joelhos adorou seu Redentor e Criador. Este foi aquele movimento de júbilo (**Lc 1, 44**), sentido por sua mãe Santa Isabel. Outros muitos atos praticou o menino João nessa ocasião, exercitando as virtudes da fé, esperança, caridade, culto, agradecimento, humildade, devoção e as

demais que ali podia praticar. Desde aquele momento, começou a merecer e a crescer na santidade, sem perdê-la jamais, nem deixar de praticá-la com todo o vigor da graça.

Revelações recebidas por Santa Isabel

219. Conheceu, então, Santa Isabel o mistério da Encarnação, a santificação de seu filho e a razão desta maravilha. Conheceu também a dignidade e virginal pureza de Maria santíssima. Nesta ocasião, estando a divina Rainha absorta na visão destes mistérios e da divindade de seu Filho santíssimo, ficou toda divinizada, cheia da luz e claridade dos dotes divinos de que participava. Viu-a Santa Isabel nessa majestade, e como através de uma redoma de vidro puríssimo, o Verbo humanado como em liteira de vivo e luminoso cristal. Todos estes efeitos foram produzidos através da voz de Maria santíssima, tão doce como forte e poderosa aos ouvidos do Altíssimo. Toda esta virtude era como participação do poder daquela outra palavra **(Lc 1, 38)**: *Fiat mihi secundum verbum tuum*, com a qual atraiu o eterno Verbo do peito do Pai para sua mente e seio virginal.

Elogios de Santa Isabel à Maria santíssima

220. Arrebatada Santa Isabel pelo que sentia e reconhecia sobre tão admiráveis sacramentos, encheu-se de júbilo no Espírito Santo. Olhou para a Rainha do mundo e a Quem n'Ela via, e em alta voz prorrompeu naquelas palavras referidas por São Lucas **(1, 42-45)**. "Bendita és entre as mulheres e bendito o fruto de teu ventre. Donde me vem a felicidade de ser visitada pela Mãe de meu Senhor? Assim que tua saudação chegou a meus ouvidos, exultou de alegria a criança em meu seio. Bem-aventurada és porque acreditaste, e em ti se cumprirão perfeitamente todas as coisas que o Senhor te disse". Nestas palavras proféticas, resumiu Santa Isabel grandes excelências de Maria santíssima, conhecendo com divina luz o que o poder divino n'Ela fizera, fazia no presente e faria no futuro. Tudo conheceu e entendeu o menino João que percebia as palavras de sua mãe, iluminada através da santificação do filho. Por ambos, exaltou ela Maria santíssima, como instrumento de sua felicidade, e a quem ele ainda não podia, por sua própria boca, louvar e bendizer.

O Cântico de Maria

221. Às palavras de louvor de Santa Isabel, respondeu nossa grande Rainha e Mestra da sabedoria e humildade, remetendo-as ao seu próprio Autor, e com suavíssima voz entoou o cântico Magnificat referido por São Lucas **(1, 47-57)**: Minha alma engrandece ao Senhor, e meu espírito se alegra em Deus meu salvador: porque olhou para a humildade de sua serva, e por isso todas as gerações me chamarão bem-aventurada. Fez em Mim grandes coisas o Poderoso cujo nome é Santo. Sua misericórdia se estende de geração em geração sobre todos os que o temem. Manifestou a força de seu braço, destruiu os soberbos. Encheu de bens aos que tem fome, e os ricos deixou sem nada. Reergueu seu servo Israel lembrado de sua misericórdia, conforme prometeu a Abraão e a seus filhos por todos os séculos.

Comentário do Magnificat: a Deus toda a glória

222. Sendo a primeira a ouvir este cântico, foi também Santa Isabel a primeira a entendê-lo e a interpretá-lo com inteligência infusa. Compreendeu grandes mistérios nele encerrados pela Autora em tão resumidas frases **(Lc 1, 47)**. O espírito de Maria santíssima exaltou ao Senhor pela excelência de seu ser infinito. A Ele referiu toda a glória e louvor **(I Tim 17-Apoc 1, 8)**, como princípio e fim de tudo o que existe, confessando que só em Deus **(II Cor 10, 17)**, deve-se gloriar e se alegrar qualquer criatura, pois somente n'Ele está todo seu bem e salvação **(Lc 1, 48)**. Confessou também a equidade e magnificência do Altíssimo em olhar aos humildes **(Sl 137, 6)**, e neles colocar abundantemente seu espírito e divino amor: e quão vantajoso é que os mor-

tais ponderem que, por esta humildade, Ela mereceu que todas as nações a chamassem bem-aventurada. Com Ela obterão esta mesma felicidade todos os humildes, cada qual na própria medida. **(1, 49)**. Numa só palavra declarou todas as misericórdias, favores e dons que operou n'Ela o Todo-poderoso cujo nome é santo e admirável: chamou-as grandes coisas, porque nenhuma foi pequena para a imensa capacidade da grande Rainha e Senhora.

Exaltação dos humildes, humilhação dos soberbos

223. Da plenitude de Maria santíssima transbordam as misericórdias do Altíssimo para todo o gênero humano. Ela foi a porta do céu por onde todas se derramaram, e pela qual devemos entrar à participação da divindade. Por isto confessou que a misericórdia do Senhor, por Ela, se estenderia a todas as gerações e se comunicaria aos que o temem **(Lc 1, 50)**. Assim como as misericórdias infinitas elevam os humildes e procuram aos que o temem, assim também o poderoso braço de sua justiça dissipa **(Lc 1, 51)**, e destrói aos soberbos nos pensamentos de seus corações, derruba-os de seu trono **(Lc 1, 52)** para neles colocar os pobres e humildes. Esta justiça do Senhor estreou-se gloriosa e admiravelmente no chefe dos soberbos, Lucifer, **(Is 14 Apoc 12)** e em seus sequazes. O braço do Altíssimo os dissipou e derrubou (por que eles mesmos se precipitaram) daquele elevado lugar e assento da natureza e da graça que possuíam segundo a primeira intenção da mente e do amor de Deus, pelo qual deseja que todos se salvem **(ITim 2, 4)**. Sua queda lhes proveio de intencionarem subir **(Is 14, 13)** onde não podiam nem deviam. Nesta arrogância chocaram-se contra os justos e insondáveis juízos do Senhor que os dissipou e derrubou **(Apoc 12, 8)**. No lugar deles foram colocados os humildes, por intermédio de Maria Santíssima, mãe e reservatório das antigas misericórdias.

A riqueza dos pobres espirituais, a indigência dos ricos de orgulho

224. Por esta mesma razão diz a divina Senhora que Deus enriqueceu aos pobres **(Lc 1, 53)** enchendo-os abundantemente de seus tesouros de graça e glória. Aos ricos da própria estima, e dos bens que o mundo considera riqueza e felicidade, a estes o Altíssimo despediu e despede vazios d'Ele e da verdade que não pode caber em corações abarrotados de mentira e falácia. Recebeu a seu servo e filho Israel **(Lc 1, 54)** lembrando-se de sua misericórdia. Ensinou-lhe onde está a prudência **(Bar 3, 14)**, a verdade e o entendimento: onde a longa vida e seu sustento, a luz dos olhos e a paz. A ele ensinou o caminho da prudência **(Bar 3, 37)**, as ocultas sendas da sabedoria e disciplina, que foram escondidas aos príncipes das gentes, nem foram conhecidas pelos poderosos **(Bar 11, 16, 2)** que dominam os animais da terra, se entretém e divertem com as aves do céu e amontoam tesouros de ouro e prata. Não a receberam os filhos de Agar e habitantes de Temam que são os sábios e os prudentes segundo este mundo. Concede-a o Altíssimo aos filhos da luz **(Gal 3, 7)** e de Abraão, pela fé, **(Lc 1, 55)** esperança e obediência. Assim o prometera a ele e à sua posteridade e geração espiritual, pelo bendito e feliz fruto do virginal ventre de Maria santíssima.

Comparação com uma passagem de Isaias

225. Ao ouvir a Rainha das criaturas, compreendeu Santa Isabel estes ocultos mistérios. Não apenas o que posso explicar, entendeu a feliz matrona, mas muitos outros e maiores mistérios que meu entendimento não alcança. Tampouco quero alongar-me em tudo o que me foi declarado, pois prolongaria demasiado esta explicação. As doces e divinas palavras destas duas santas e prudentes senhoras, Maria puríssima e Santa Isabel, lembraram-me os dois serafins que Isaias viu junto ao trono do Altíssimo **(Is 10, 2, 3)** alternando aquele divino cântico sempre novo, Santo, Santo, Santo, cobrindo com duas asas a ca-

beça, com duas os pés e voando com outras duas. Claro está que o ardente amor destas Senhoras excedia ao de todos os serafins, e só Maria santíssima amava mais que todos eles. Neste divino incêndio abrasavam-se, estendendo as asas do coração para o comunicarem misteriosamente e para voar à mais elevada inteligência dos mistérios do Altíssimo. Com outras duas asas de rara sabedoria cobriam a cabeça, porque ambas propuseram guardar em segredo, por toda a vida, o sacramento do Rei (**Tob 12, 7**), e submeteram seus entendimentos para crer com docilidade, sem altivez nem curiosidade. Cobriam também os pés do Senhor e os delas com asas de serafins, mantendo-se humildes e alheias à própria estima na presença de tanta majestade. Encerrando Maria santíssima em seu virginal seio o Deus de majestade, com razão e toda a verdade diremos que cobria o trono onde se assentava o Senhor.

A amizade entre Maria e Isabel

226. Ao deixar seu retiro, Santa Isabel ofereceu-se como escrava à Rainha do céu, e pôs à sua disposição sua casa e família para servi-la. Pediu-lhe aceitar, para repousar e se recolher, um aposento que ela usava como oratório, por estar mais retirado e ser mais cômodo para isso. A divina Princesa aceitou agradecida e destinou o aposento para orar e dormir, e nele ninguém entrou a não ser as duas primas. No mais, ofereceu-se para servir e assistir Santa Isabel como serva, pois para isto viera visitá-la. Oh! que doce amizade, tão íntima e sincera, unida pelo mais forte vínculo do amor divino! É admirável como o Senhor manifestou o grande mistério de sua Encarnação a três mulheres, antes que a qualquer outra criatura humana. A primeira foi Sant'Ana, como ficou dito em seu lugar (3). A segunda, sua Filha e Mãe do Verbo, Maria santíssima. A terceira, Santa Isabel e seu filho, que por se encontrar ainda no seio materno não se considera pessoa dela distinta. Isto confirma o que disse São Paulo (**I Cor 1, 25**): o que é estulto segundo Deus, é mais sábio que os homens.

Volta de São José a Nazaré

227. Depois de permanecerem grande espaço de tempo a sós, entrada já a noite, Maria santíssima e Isabel saíram do aposento. A Rainha encontrou-se então com Zacarias, ainda mudo, e lhe pediu a bênção como a sacerdote do Senhor. Apesar de sentir grande compaixão por seu estado, a Senhora não procurou sua cura. Apenas fez oração por ele, porque sabia o mistério encerrado naquela provação. Santa Isabel que já conhecia a felicidade do castíssimo esposo José, por ele ainda ignorada, tratou-o com grande reverência e estima. Depois de três dias de estada na casa de Zacarias, o Santo pediu permissão à sua divina Esposa para voltar à Nazaré, deixando-a para assistir Sta. Isabel em seu estado de gestação. Despediu-se, ficando combinado que viria buscar a Rainha quando ela o avisasse. Santa Isabel ofereceu-lhe alguns presentes para levar para casa. Aceitou algumas coisas, mais por atenção à insistência da santa, porque era homem cheio de Deus, não apenas amante da pobreza, mas de coração magnânimo e desprendido. Voltou à Nazaré no jumentinho que trouxera. Em casa, na ausência de sua Esposa, foi servido por uma parenta vizinha que costumava trazer de fora as coisas que Maria santíssima necessitava.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA, SENHORA NOSSA

Valor da graça

228. Minha filha, para que em teu coração mais se acenda a chama do constante desejo de alcançar a graça e amizade de Deus, faço questão que conheças a dignidade, excelência e felicidade de uma alma quando chega a receber essa formosura. É tão admirável e de tanto valor, que não poderás compreender, ainda que eu te manifeste; mais impossível ainda será ex-

3 - 1ª parte, nº 184

plicá-la com tuas palavras. Considera o Senhor, contempla-o com a divina luz que recebes, e nela conhecerás que para Deus é maior glória justificar uma só alma, do que haver criado todo o orbe do céu e da terra com as perfeições que encerram. Se, por estas maravilhas criadas **(Rom 1, 20)** que, em grande parte, as criaturas percebem através dos sentidos, chegam ao conhecimento do poder e grandeza de Deus, que diriam e que pensariam se vissem, com os olhos da alma, o quanto vale e importa a formosura da graça em tantas criaturas capazes de a receber?

Beleza da graça, fealdade do pecado

229. Não há termos e palavras de comparação para dar idéia do que em si é a participação de Deus e suas perfeições, contidas na graça santificante. Muito pouco é chamá-la mais pura e branca do que a neve, mais refulgente do que o sol, mais rica do que o ouro e as pedras preciosas, mais amável e agradável que todos os deleites, prazeres e gozos, mais formosa que tudo quanto possa imaginar o desejo das criaturas. Por outro lado, pensa na fealdade do pecado, para que o contraste te sugira mais clara idéia da graça: nem as trevas, nem a putrefação, nem o mais hediondo e repugnante chega a comparar-se com ele e seu mau odor. Grande percepção disto tiveram os mártires e santos **(Heb 11, 36-37)**, que para conseguir a beleza da graça e evitar cair na infeliz ruína do pecado, não temeram o fogo, os cutelos, as feras, os tormentos, os cárceres, as ignomínias, as penas, as dores, nem a mesma morte, nem o prolongado padecer até ela. Tudo isto pesa menos e não chega ao valor de um só grau de graça que uma alma, ainda que seja a mais desprezada pelo mundo, pode obter e fazer crescer. Tudo isto é ignorado pelos homens que só estimam e ambicionam a fugaz e aparente beleza das criaturas, considerando vil e desprezível o que não a tem.

Esforço para não perder e para aumentar a graça

230. Agora entenderás algo do favor que o Verbo humanado concedeu a seu precursor João no seio de sua mãe. Por tê-lo compreendido é que ele saltou de alegria e júbilo. Conhecerás também quanto deves fazer e padecer para conseguir a felicidade da graça; para não perder tão apreciável beleza, nem manchá-la com culpa alguma por leve que seja, nem retardá-la com qualquer imperfeição. Desejo que, à imitação de minhas relações com minha prima Isabel, não aceites nem dês entrada a amizades humanas. Trata somente com quem pode e deve falar do Altíssimo e seus mistérios, e possa te ensinar o verdadeiro caminho de seu divino beneplácito. Ainda que tenhas muito trabalho e preocupação, não deixes, nem esqueças os exercícios espirituais e o regulamento da vida perfeita. Tudo se há de observar, não só quando haja comodidade, mas também na contradição, dificuldade e ocupações, pois a natureza imperfeita serve-se de qualquer pretexto para se relaxar.

CAPÍTULO 18

MODO DE VIDA QUE MARIA SSMA. SEGUIU NA CASA DE ZACARIAS, E ALGUNS FATOS COM SANTA ISABEL.

Maria pede orientação a Deus para distribuir seu tempo

231. As principais finalidades da visitação já estavam realizadas: a santificação do Precursor São João, e o aprofundamento espiritual de Santa Isabel pelas novas graças recebidas nessa ocasião.

Depois disso, determinou a grande Rainha ordenar suas ocupações na casa de Zacarias, pois não podiam ser iguais às que tinha na sua. Para agir em tudo sob a direção do Espírito divino, recolheu-se e prostrou-se na presença do Altíssimo. Pediu-lhe, segundo costumava, a orientasse no que devia fazer durante sua permanência na casa de seus servos Isabel e Zacarias, a fim de lhe ser agradável em tudo e cumprir exatamente seu beneplácito. Ouviu o Senhor sua oração e respondeu-lhe: Esposa e pomba minha, Eu governarei tuas ações e dirigirei teus passos para meu maior agrado e serviço, e te avisarei o dia em que deverás voltar para casa. Enquanto estiveres na de minha serva Isabel conviverás com ela, e continuarás teus exercícios e orações pela salvação dos homens. Impede que Eu descarregue sobre eles minha justiça, por causa das incessantes ofensas que multiplicam contra minha bondade. Ao fazer este pedido me oferecerás, por eles, Aquele que trazes no seio: o Cordeiro sem mancha **(1 Ped 1, 19)** que tira os pecados do mundo **(Jo 1, 29)**. Estas serão tuas atuais ocupações.

As ocupações espirituais e corporais de Maria

232. De acordo com estas ordens do Altíssimo, a Princesa dos céus distribuiu seu tempo na casa de Isabel. Levantava-se à meia-noite, como sempre fazia, para se entregar à contínua contemplação dos mistérios divinos dando, quer ao sono como à vigília, o que perfeitíssima e proporcionadamente exigia seu físico. Nestes exercícios sempre recebia novas graças, iluminações, elevações e carícias do Altíssimo. Teve naqueles três meses muitas visões da Divindade, mais freqüentemente pelo modo abstrativo. Ainda mais assídua era a visão da santíssima humanidade do Verbo e sua união hipostática, cujo altar e oratório era o virginal tálamo. Via como ia crescendo o sagrado corpo, e esta visão, como os mistérios que se lhe manifestavam no imenso campo da divindade e de seu poder, faziam crescer também o espírito desta grande Senhora. Muitas vezes teria desfalecido e morrido vítima do incêndio de seu amor e ardente afeto, se não fosse confortada pela virtude do Senhor. Sem interromper estes invisíveis ofícios, prestava-se a todos os que se ofereciam para o serviço e consolo de sua prima Santa Isabel. Sem lhes dar um momento sequer a mais do que a caridade reclamava, voltava logo a seu retiro e solidão, onde com maior liberdade expandia seu espírito na presença do Senhor.

Maria confeccionou o enxoval do recém-nascido João Batista

233. Por se ocupar assim interiormente, nem por isso deixava-se ficar ociosa, porque ao mesmo tempo, muitas vezes fazia algum trabalho manual. Tão feliz foi o precursor João, envolto e criado nas faixas e mantilhas feitas pelas mãos desta grande Rainha. Obteve-lhe esta felicidade sua mãe Santa Isabel que, por devoção, humildemente suplicou este favor à divina Senhora. Com admirável amor e obediência aquiesceu Maria Santíssima, para exercitar esta virtude, submetendo-se a quem desejava servir como a menor de suas criadas. Assim, sempre vencia a todos na humildade e obediência. Em muitas coisas Isabel procurava antecipar-se para servi-la. Ela, porém, com rara prudência e incomparável sabedoria, prevenia as coisas para sempre obter o triunfo na virtude.

Competições de humildade entre Maria e Isabel

234. Sobre isto, travavam as duas primas grandes e amáveis competições de sumo agrado para o Altíssimo e admiração para os anjos. Santa Isabel mostrava-se muito solícita e cuidadosa para, ela e sua família, servirem a grande Senhora e Rainha. A mestra das virtudes, porém, Maria santíssima, mais previdente e atenta, desviava os cuidados de sua prima e

lhe dizia: Prima e amiga minha, meu prazer é ser mandada e obedecer toda a minha vida. Sendo mais nova que vós, não fica bem que vossa afeição me prive deste consolo. Pela mesma razão, além de servir a vós, como à minha própria mãe, devo servir também a todos de vossa casa. Peço-vos tratar-me como vossa serva, enquanto estiver em vossa companhia - Respondeu santa Isabel: Minha amada Senhora, a mim é que toca obedecer-vos e a vós me mandar e governar em todas as coisas.

Peço-vos isto com mais justiça, porque se vós, Senhora, quereis praticar a humildade, eu devo dar o culto e reverência a meu Deus e Senhor que se encontra em vosso seio, e vos confere dignidade merecedora de toda honra e reverência-Replicava a prudentíssima Virgem. Meu Filho e meu Senhor não me escolheu por Mãe, para que me venerassem como a Senhora. Seu reino não é deste mundo (**Jo 18, 36**); não veio a ele para ser servido, mas para servir (**Mt 20, 8**), sofrer e ensinar aos mortais a obedecer e a se humilhar (**Mt 11, 29**), reprovando o fausto e soberba. Quando sua Majestade altíssima me ensina isso, e quer ser o opróbrio dos homens (**Sl 21, 7**), como Eu, que sou sua escrava e não mereço sequer estar entre as criaturas, irei consentir em ser servida pelas que são sua imagem e semelhança (**Gn 1, 27**)?

Razões apresentadas por Santa Isabel

235. Insistia Santa Isabel: Senhora e amparo meu, isto será para quem ignora o sacramento em vós encerrado. Eu, porém, que sem o merecer, recebi do Senhor este conhecimento, serei muito repreensível em sua presença, se não lhe der a veneração que lhe devo como a Deus, e a Vós como sua Mãe. É justo que sirva a ambos como serva a seus senhores. - Respondeu Maria santíssima: Minha irmã e amiga, esta reverência que deveis e desejais dar, é devida ao Senhor que trago em Mim, nosso Salvador, verdadeiro e sumo Bem. A Mim, porém, que sou pura criatura, e entre elas um pobre bichinho, olhai o que sou por Mim mesma, ainda que adoreis o Criador que escolheu minha pobreza para sua morada. Na luz da verdade dareis a Deus o que se lhe deve, e a Mim o que me toca, que é servir e estar abaixo de todos. Peço-vos isto para meu consolo e pelo mesmo Senhor que levo em meu seio.

Maria triunfa. Isabel manda com humildade

236. Nestas virtuosas contendas passavam alguns momentos Maria e Isabel. Contudo, a divina sabedoria de nossa Rainha tornava-a tão engenhosa em matéria de humildade e obediência, que sempre vencia, encontrando meios e caminhos para obedecer e ser mandada. Assim o fez com Santa Isabel todo o tempo que estiveram juntas. Isso era de tal modo que ambas tratavam, com a respectiva magnificência o mistério que o Senhor confiara a Maria santíssima, Mãe e Senhora das virtudes, e à sua prima Santa Isabel, matrona prudentíssima cheia da luz divina do Espírito Santo. Nesta luz determinava como proceder com a Mãe de Deus, dando-lhe prazer e obedecendo-lhe no que podia, reverenciando, ao mesmo tempo, sua dignidade e n'Ela ao Criador. Propos em seu coração que, se ordenasse alguma coisa à Mãe de Deus, seria para satisfazer-lhe a vontade. Quando isto acontecia, pedia licença e perdão ao Senhor, e nunca mandava coisa alguma ordenando com autoridade, mas pedindo. Só no que servia para aliviar a Rainha, como no comer e dormir, usava de mais liberdade. Pediu-lhe também que lhe fizesse uns trabalhos manuais, que nunca usou, mas guardou com veneração.

Maria, serva humilíssima

237. Por este modo, conseguia Maria santíssima praticar a doutrina que o Verbo humanado vinha ensinar. Forma do Pai eterno (**Heb 1, 3**), figura de sua substância e Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, humilhou-se tomando a forma e ofício de servo. Mãe de Deus, Rainha de toda a criação, superior em excelência e dignidade a todas as criaturas, esta Senhora foi sempre humilde serva da menor delas. Jamais aceitou serviço ou obséquio como se lhe fora devido, nem se envaideceu ou deixou de fazer humilíssimo juízo de si. Que dirá aqui nossa execrável presunção e soberba? Cheios de abomináveis culpas, somos tão insensatos que com detestável loucura julgamos que o mundo todo nos deva servir e venerar. E, quando isso nos recusam, nos irritamos e esquecemos de usar o pouco juízo que nossas paixões ainda nos deixaram. Toda esta divina História é espelho de humildade e condenação de nossa soberba. Não me

compete o ofício de ensinar e corrigir, mas de ser instruída e governada. Por isto, rogo e suplico a todos os fiéis, filhos da luz, que ponhamos este exemplo diante dos olhos, para nos humilharmos em sua presença.

Julgamento de Deus e dos homens sobre a humildade

238. Não seria difícil para o Senhor, evitar à sua Mãe santíssima tantos excessos de humildade e os atos com que a praticava. Poderia exaltá-la ante as criaturas, ordenando que fosse aclamada, honrada e respeitada por todas, com as demonstrações que o mundo sabe oferecer àqueles que quer honrar e louvar **(Est 6, 10)**, como fez Assuero a Mardoqueu. Se a questão fosse deixada ao critério dos homens, estes ordenariam que a mulher mais santa que todos os bem-aventurados do céu, que trazia no seio o Criador dos mesmos anjos e céus, fosse sempre guardada separada, e venerada por todos. Parecelhes-ia indigno que se ocupasse em coisas humildes e servis, e que em vez de tudo ordenar se submetesse a qualquer autoridade. Até aqui chega a humana sabedoria, se assim se pode chamar tão estreita visão. Na verdadeira ciência dos Santos, porém, não cabe este engano. Ela participa da sabedoria infinita do Criador que dá o justo nome e valor às honras e não troca a sorte das criaturas. Muito recusaria e pouco daria o Altíssimo à sua querida Mãe, nesta vida, se a tivesse privado das ações de profundíssima humildade, e lhe concedera o aplauso exterior dos homens. Muito teria perdido o mundo, se lhe tivesse faltado esta escola para se instruir, e este exemplo para humilhar e confundir sua soberba.

Graças recebidas por Santa Isabel

239. Muito beneficiada foi Santa Isabel pelo Senhor, desde o dia em que o teve por hóspede de sua casa, no seio de sua Virgem Mãe. Com a familiar convivência da divina Rainha, e as palestras que entretinham sobre o mistério da Encarnação, ia a grande matrona crescendo em todo gênero de santidade, como quem a bebia em sua própria fonte. Algumas vezes, merecia ver Maria santíssima em oração, arrebatada e elevada do solo, toda repleta de divinos resplendores e formosura. Não teria podido suportar-lhe a presença nem ver-lhe o rosto, se não fosse fortalecida pela virtude divina. Nestas ocasiões e noutras em que, sem ser vista, contemplava Maria santíssima, prostrava-se de joelhos em sua presença, e adorava o Verbo encarnado no templo do virginal ventre da bem-aventurada Mãe. Todos os mistérios que conheceu, pela divina luz e pelo trato com a grande Rainha, guardou-os Santa Isabel em seu coração, como depositária fidelíssima, e secretária muito discreta de quanto lhe haviam confiado. Somente com seu filho João e com Zacarias, no tempo que este viveu depois do nascimento do filho, pode Santa Isabel conferir algo do mistério que eles também haviam conhecido. Em todos os pontos, foi mulher forte, sábia e muito santa.

DOUTRINA QUE ME DEU A SANTÍSSIMA RAINHA MARIA

Humildade e sabedoria

240. Minha filha: os benefícios do Altíssimo e o conhecimento de seus divinos mistérios, produzem nas almas atentas particular inclinação para a humildade. Com eficaz energia esta virtude as atrai, semelhante à rapidez e a gravidade com que o fogo e a pedra são arrastados para seu centro natural. Isto faz a verdadeira luz que coloca a criatura no claro conhecimento de si, refere as graças à origem donde vem todo o dom perfeito. **(Tgo 1, 17)**, e estabelece cada coisa em seu devido lugar. Esta é a retíssima ordem da boa razão que a presunção dos mortais perturba e quase destrói. Por isto, a soberba, e o coração por ela dominado, não é capaz de apetecer nem suportar o desprezo: não tolera quem lhe seja superior, não tem paz com os iguais, e tudo atropela por se considerar único e acima de todos. O coração humilde, porém, tanto mais se abate quan-

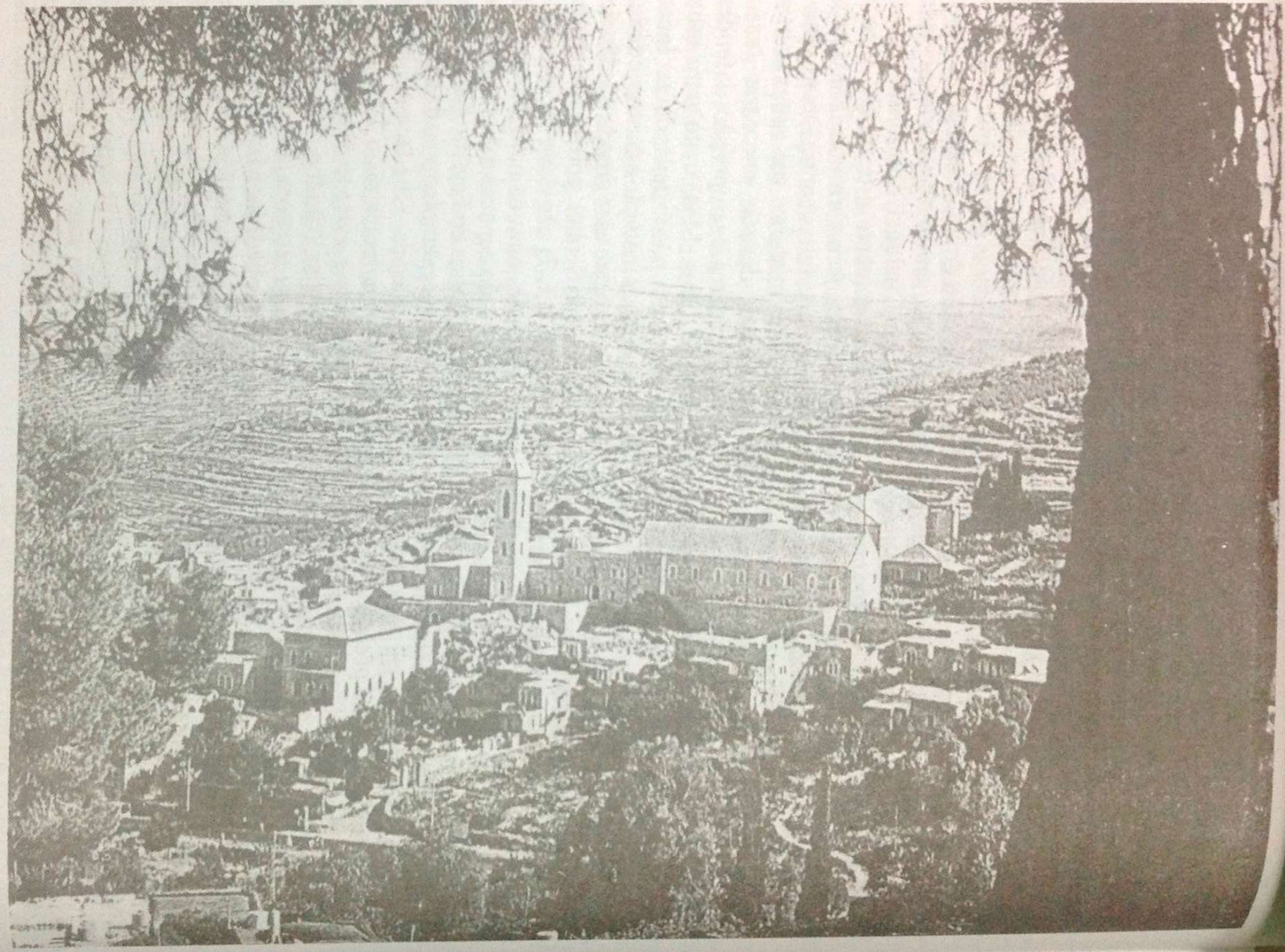
to maiores são as graças que recebe. Delas nasce-lhe ambição e ardente afã, para, em sua quietude, se aniquilar e procurar o último lugar. Sente-se constrangido quando não é tido por inferior a todos, ou quando lhe falta a humilhação.

Maria, modelo de humildade

241. Em Mim aprenderás, caríssima, a verdadeira prática desta doutrina. Nenhum dos favores que Deus me concedeu foi pequeno. Meu coração, entretanto, nunca se exaltou presunçosamente **(Sl 130, 1)**, nem soube cobiçar senão o abaixamento e o último lugar entre as criaturas. Nisto, desejo muito que me imites, e que tua solicitude esteja em ser menor que todos, em ser mandada e reputada por inútil. Na presença do Senhor e dos homens, hás de te julgar menos que o pó da terra. Não podes negar que jamais houve alguém tão beneficiada como tu, e que menos o haja merecido. Como então, poderás saldar esta grande dívida, se não te humilhares a todos, e mais que todos os filhos de Adão, e se não conceberes reta e afetuosa estima da humildade? Bom é obedecer a teus prelados e mestres, e assim o deves fazer sempre. De ti quero, porém, que te adiantes mais e obedeças ao menor, em tudo o que não for culpável, assim como obedecerias ao maior superior. É minha vontade que sejas muito aplicada nisso, assim como Eu era.

Humildade com os súditos e nas ofensas

242. Apenas com tuas súditas moderarás esta sujeição para que, conhecendo teu desejo de obedecer, não pretendam alguma vez que faças o que não convém. Contudo, sem que elas percam a submissão poderás ganhar muito, dando-lhes o exemplo de condescender sempre que seja justo, sem derrogar a autoridade de prelada. Qualquer contrariedade ou ofensa feita somente a ti, recebe-a com grande apreço, sem abrir teus lábios para te queixares. As faltas contra Deus, repreende-as sem misturar tua causa com a d'Ele. Jamais deverás encontrar razão para te defenderes, e sempre para defender a honra de Deus. Mas, tanto para uma como para outra, não te deves deixar levar por desordenada irritação e contrariedade. Também quero que uses grande prudência em as graças do Senhor, porque o segredo do Rei **(Tob 12, 7)** não deve ser levianamente revelado, nem os homens carnais **(1 Cor 2, 14)** são capazes e dignos de conhecer os mistérios do Espírito Santo. Em tudo segue meu exemplo, pois desejas ser minha filha querida. Obedecendo-me o conseguirás, e empenharás o Todo-poderoso a fortalecer e guiar teus passos para o que de ti desejar. Não lhe resistas, mas dispõe e prepara teu coração para, suave e prontamente, obedecer à luz de sua graça. Esta não seja vã em ti, **(2 Cor 6, 1)**, mas coopera com ela diligentemente e tuas ações sejam cheias de perfeição.



AIN KÁRIM *(panorama)*
É a vila da zona montanhosa da Judéia situada cerca de 7 km a oeste de Jerusalém, indicada pela antiga tradição (séc. VI) como o lugar de residência de Zacariaś. Na Idade Média era chamada "São João da Montanha".

CAPÍTULO 19

COLÓQUIOS DE MARIA SANTÍSSIMA COM OS ANJOS E COM SANTA ISABEL

Maria santíssima, céu e sacrário de Deus

243. A plenitude da sabedoria, da graça e a imensa capacidade de Maria santíssima não podiam deixar sem proveito qualquer tempo, lugar e ocasião. Tudo enchia de perfeição praticando, em todo tempo e ocasião, o mais santo e excelente da virtude.

Peregrina em qualquer parte desta terra, sua verdadeira habitação estava no céu. Ela própria era o céu intelectual mais glorioso para Deus, o templo vivo em que Ele habitava. Sempre trazia consigo seu oratório e sacrário, e nisto não lhe fazia diferença estar em sua casa ou na de sua prima. Nenhum lugar, tempo ou ocupação podia estorvá-la. A tudo era superior, e nada lhe impedia permanecer incessantemente na presença e sob a ação do amor. Nas ocasiões oportunas tratava com as criaturas o que pediam as circunstâncias, e o que a prudentíssima Senhora via que convinha dar à cada coisa. Visto que nestes três meses de permanência na casa de Zacarias sua conversação mais contínua era com Santa Isabel e com os santos anjos de sua guarda, direi neste capítulo algo sobre estes colóquios e outras coisas que sucedeu com sua santa prima.

Colóquios da Virgem com os anjos

244. Nos tempos livres em que se encontrava só, nossa divina Princesa passava muitos momentos abstraída e elevada nas contemplações e visões divinas. Durante elas, ou depois, costumava conferir com seus santos anjos os mistérios e segredos de seu amoroso coração. Certo dia, logo após sua chegada à casa de Zacarias, disse-lhes: Espíritos celestiais, meus custódios e companheiros, embaixadores do Altíssimo e reflexos de sua divindade, vinde e confortai meu coração preso e ferido por seu divino amor. Está aflito por sua pequenez, incapaz de chegar até onde o levam seus desejos, e de corresponder devidamente à dívida que reconhece ter. Vinde, príncipes soberanos, louvai comigo o admirável nome do Senhor, e exaltemo-lo por seus desígnios e santíssimas obras. Ajudai este pobre bichinho a bendizer o Criador que se dignou olhar piedosamente para esta pequenez. Falemos das maravilhas de Meu Esposo; discorramos sobre a formosura de meu Senhor e Filho amantíssimo; desafogue-se este coração, achando a quem confiar seus íntimos suspiros, a vós, amigos e companheiros meus, conhecedores de meus segredos e do tesouro que o Altíssimo depositou na estreiteza deste vazo frágil e limitado. Grandes são estes sacramentos: divinos e admiráveis estes mistérios. Ainda que os contemple com suave afeto, sua soberana grandeza me aniquila, sua profundidade me afoga, e a própria força de meu amor me oprime e me fortalece. Jamais se satisfaz meu ardente coração: não consegue completo repouso, porque meus desejos vão além do que posso fazer e minha obrigação é maior do que posso desejar. Queixo-me de mim mesma porque não

faço o que desejo, nem desejo tudo o que devo, e sempre me sinto vencida e insuficiente para a retribuição. Soberanos serafins, ouvi minhas amorosas ânsias: estou enferma de amor (**Cant 2, 5**): mostrai-me em vosso íntimo os reflexos da formosura de meu Senhor reverberados em vós, para que os resplendores de sua luz e os vestígios de sua beleza mantenham a vida que desfalece por seu amor.

Resposta dos Anjos

245. Mãe de nosso Criador e Senhora nossa, respondiam-lhes os santos anjos. Vós tendes a verdadeira posse do Todo-poderoso e Sumo bem: a Ele estais unida com o estreito laço de verdadeira Esposa e Mãe. Possui-o e gozai-o eternamente. Sois esposa e Mãe do Deus de amor, e se em Vós está a causa única e fonte da vida, ninguém está com Ela como vós, Rainha e Senhora nossa. Mas, não espereis que vosso abrasado amor encontre repouso. A condição e estado de viadora não permite agora que vossos afetos cheguem ao termo e sejam privados de crescer e de adquirir maiores méritos e coroa. Vossa obrigação excede a tudo quanto se possa imaginar, mas irá sendo sempre maior e jamais vosso amor, ainda que tão ardente, poderá ser à medida de seu objeto, pois este é eterno e nas perfeições infinito. Sempre sereis ditosamente vencida por sua grandeza, pois ninguém, fora d'Ele mesmo, o pode compreender e amar o quanto deve ser amado. Vós, Senhora, sempre encontrareis n'Ele o que mais desejar e o que mais amar. Isto constitui grandeza para Ele e glória para nós.

Em Maria jamais se apagará o fogo do amor

246. Neste colóquio, inflamava-se cada vez mais o fogo do amor divino no coração de Maria santíssima. Nela cumpriu-se exatamente a ordem do Senhor na antiga lei: que, em seu tabernáculo e altar ardesse continuamente o fogo do holocausto, para ser perpétuo (**Lev 6, 12-13**), devendo o sacerdote alimentá-lo. Isto executou-se em Maria santíssima onde se encontravam o tabernáculo, o altar e o sumo e novo sacerdote Cristo Senhor nosso. Ele alimentava este divino incêndio e o fazia crescer todos os dias com os favores, benefícios e influxos de sua divindade. De sua parte, a excelsa Senhora contribuía com suas obras, a cujo incomparável valor vinham juntar-se novos dons do Senhor, aumentando sua santidade e graça. Desde que esta Senhora entrou no mundo, foi o altar onde se acendeu o fogo do amor divino, para jamais se extinguir por toda a eternidade em Deus. Tão perpétuo e contínuo foi e será o fogo deste vivo santuário.

Maria prevê os sofrimentos de Cristo

247. Outras vezes conversava com os santos anjos que se lhe manifestavam em forma humana, conforme expliquei em diversos lugares (1). O assunto que mais freqüentemente tratavam era o dos mistérios do Verbo humanado. A profundidade com que discorria sobre eles, citando as Escrituras e os Profetas, causava admiração aos mesmos anjos. Em certa ocasião, conferindo com Eles estes veneráveis sacramentos, disse-lhes: Meus senhores, servos e amigos do Altíssimo, ferido está meu coração e transpassado de dolorosas setas, considerando o que de meu Filho santíssimo falam as Escrituras (**Gn 22, 2; Num 21, 8; Sl 21; Dan 9, 26**), e o que nelas deixaram escrito Isaias (**23, 2**), Jeremias (**11, 17 e seg**) sobre as acerbíssimas dores e tormentos que o esperam. Salomão diz: (**Sab 2, 20**) que o condenarão a ignominioso gênero de morte. Sempre falam os Profetas, de modo impressionante, sobre a paixão e morte que Ele sofrerá. Oh! se fora sua vontade que eu vivesse então, para me entregar à morte no lugar do Autor de minha vida! Contrista-se meu espírito, meditando em meu coração estas verdades infalíveis, e pensando que meu Bem e Senhor deixará meu seio para padecer. Oh! se houvesse alguém para o guardar e defender de seus inimigos! Dizei-me, príncipes soberanos, com que obras ou por que meios obrigarei ao Eterno Pai para voltar contra mim o

1 - 1ª parte nº 329, 421, 761 e nesta, nº 181, 202, etc

rigor de sua justiça, e poupe o inocente que não pode ter culpa? Sei, porém, que para satisfazer a Deus infinito, ofendido pelos homens, exigem-se obras de Deus-Homem. Mas, com o primeiro de seus atos, meu Filho santíssimo já mereceu mais do que toda a linguagem humana pode perder por suas ofensas. Pois, se isto é suficiente, dizei-me: seria possível Eu morrer para evitar sua morte? Não se agastará com meus humildes desejos, nem lhe desgostarão minhas angústias. Mas, que estou a dizer e onde me leva a pena e o afeto? Pois, em tudo quero que se cumpra a vontade divina à qual estou entregue.

Resposta dos anjos

248. Estes e outros semelhantes colóquios mantinha Maria santíssima com os anjos, principalmente durante sua gravidez. Com grande reverência, os divinos espíritos respondiam às suas ansiedades. Confortavam-na relembrando-lhe os mistérios que Ela já conhecia, apresentando-lhe as razões e conveniências da morte de Cristo, Senhor nosso, para resgate do gênero humano **(Tito 2, 14; João 12, 31; 14, 13)**, para vencer e despojar a tirania do demônio e para a glória do eterno Pai e exaltação do altíssimo Senhor seu Filho. Tantos e tão elevadas foram as relações desta grande Rainha com seus Anjos, que é impossível à língua humana referir-los, nem temos capacidade para os perceber nesta vida. No gozo de Deus veremos o que agora não compreendemos. Pelo pouco que deixo dito, pode nossa piedade conjecturar muito mais.

Colóquios entre Maria e Isabel

249. Santa Isabel era também muito ilustrada nas sagradas Escrituras, e desde a hora da Visitação aumentou-se-lhe muito esta capacidade. Nossa Rainha conferia com a santa matrona os mistérios que ela conhecia. Pela doutrina de Maria santíssima foi ainda mais instruída e por intercessão dela, recebeu grandes favores e dons do céu. Muitas vezes admirava-se com ver e ouvir a profunda sabedoria da Mãe de Deus, e novamente a bendizia dizendo-lhe: Bendita sejais entre todas as mulheres, minha senhora e Mãe de meu Senhor, **(Lc 1, 42)** e todos os povos conheçam e exaltem vossa dignidade. Sois felicíssima pelo riquíssimo tesouro que levais em vosso virginal ventre. Dou-vos humildes e afetuosos parabéns pelo gozo que sentireis em vosso espírito, quando o sol de justiça estiver em vossos braços e se alimentar de vosso virginal leite. Lembrai-vos então, Senhora minha de vossa serva, e oferecei-me a vosso Filho santíssimo, meu Deus verdadeiro na carne humana, para que receba meu coração em sacrifício. Oh! quem merecera assistir-vos e servir-vos! Se não mereço esta felicidade, goze a de levardes meu coração em vosso peito, pois tenho motivo para temer que ele fique partido quando me separar de Vós - Outros suaves afetos de ternissimo amor manifestava Santa Isabel quando estava na companhia de Maria santíssima. A prudentíssima Senhora, com suas divinas e eficazes razões, a consolava e confortava.

A tão excelentes e soberanos atos, entremeava outros muitos de humildade, servindo não só à sua prima, como ainda às criadas da casa. Quando tinha ocasião, varria a casa, e sempre o oratório que lhe servia de aposento. Auxiliava as criadas a lavar os pratos e fazia outras coisas de profunda humildade. Não se estranhe o fato de eu particularizar ações tão pequenas: a santidade de nossa Rainha as torna grandes para nosso ensino e para que, diante de seu exemplo, se desvaneça nossa soberba e se abata nossa vilania. Quando Santa Isabel sabia destes trabalhos humildes feitos pela Mãe da piedade, ficava sentida e os procurava impedir. Por isto, a divina Senhora, quanto possível, os fazia sem sua prima saber.

Consulta da Escritora

250. Rainha, Senhora dos céus e da terra, amparo e advogada nossa, não duvido que sois mestra de toda santidade e perfeição. Mas, admirada com vossa humildade, atrevo-me, minha Mãe, a vos pedir esclarecimento sobre o seguinte: Sabieis que em vosso seio virginal encontrava-se o Unigênito do Pai, e querieis agir

em tudo como digna Mãe sua. Como então, se humilhava vossa grandeza a tão rústicas ações, como varrer o chão e outras? Por reverência a vosso Filho santíssimo não vos podieis delas dispensar, sem que faltasseis à virtude? Desejo, Senhora, saber qual era vosso parecer.

RESPOSTA E DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU

Nada impede servir, amar e adorar a Deus

251. Minha filha, para responder à tua dúvida, além do que já escreveste no capítulo precedente, deves advertir que nenhum trabalho ou ato exterior, em matéria de virtude, por mais humilde que seja, pode ser impedimento, se for bem ordenado, para se dar culto, reverência e louvor ao Criador de todas as coisas. Estas virtudes não se excluem umas às outras. São compatíveis nas criaturas, e mais ainda em Mim que sempre tive presente ao sumo Bem, sem perdê-lo de vista por qualquer motivo que fosse. Deste modo, adorava-o e respeitava-o em todas as ações, dirigindo-as sempre à sua maior glória. O Senhor que fez e ordenou todas as coisas, a nenhuma despreza, nem tampouco é ofendido pelas coisas ínfimas. A alma que o amar deveras não se embaraça de fazer coisas humildes em sua presença, pois todas se encaminham a Ele, como ao princípio e fim de toda criatura. Na terra não é possível viver sem estas ações humildes e outras inseparáveis da frágil condição e conservação da natureza. Por isto, é necessário entender bem esta doutrina, para saber agir nesse caso. Se, acudindo a estas ações e necessidades, não se pensasse no Criador, far-se-iam muitas e longas interrupções na prática das virtudes, nos méritos, e no exercício dos atos interiores. Isto é falta e defeito repreensível, pouco notado pelas criaturas terrenas.

Excelência da humildade e de seus atos

252. Por esta doutrina deves regular tuas ações terrenas, quaisquer que sejam, para não perderes um tempo que jamais se recupera. Comendo (**1 Cor 10, 31**), trabalhando, descansando, dormindo ou velando, em qualquer tempo, lugar e ocupação: adora, reverencia, e vê a teu Senhor grande e poderoso que tudo enche e conserva (**Mt 11, 29**). Agora quero que entendas o seguinte: a Mim, o que mais movia e excitava a praticar atos de humildade, era a consideração da humildade de meu Filho santíssimo. Com sua doutrina e exemplo vinha ensinar ao mundo esta virtude, para destruir a soberba dos homens, e arrancar esta semente que Lucifer, com o primeiro pecado, semeou entre os mortais. Concedeu-me o Senhor tão alto conhecimento do quanto esta virtude lhe agrada, que para fazer um só ato dos que tens referido como varrer o chão ou beijar os pés de um pobre, eu padeceria os maiores tormentos do mundo. Não encontrarás palavras para traduzir este meu afeto e a excelência e nobreza da humildade. Em Deus conhecerás e entenderás o que não podes explicar.

A humildade exterior procede da interior

253. Grava esta doutrina em teu coração e guarda-a para norma de tua vida. Exercitando-te sempre em tudo o que é desprezado pela vaidade humana, despreza-a tu por execrável e odiosa aos olhos do Altíssimo. Neste proceder humilde, sejam teus pensamentos sempre nobilíssimos e tua conversação nos céus (**Filip 3, 20**), e com os espíritos angélicos. Trata e conversa com eles, e te darão nova luz sobre a Divindade e os mistérios de Cristo, meu Filho santíssimo.

Tuas conversações com as criaturas sejam tais, que delas recebas maior fervor e incitamento à humildade e ao amor divino. Põe-te, em teu íntimo, no último lugar entre todas as criaturas, e quando chegar ocasião e tempo para exercitar os atos de humildade, estarás disposta para isso. Serás Senhora de tuas paixões, se em teu próprio conceito te tens pela menor, mais frágil e inútil das criaturas.

CAPÍTULO 20

ALGUNS SINGULARES FAVORES FEITOS POR MARIA SANTÍSSIMA, NA CASA DE ZACARIAS, A DETERMINADAS PESSOAS.

O amor de Deus gera o do próximo

254. É sabido que, por natureza, o amor é industrioso e ativo como o fogo quando encontra matéria em que se inflamar. Ainda mais o é o fogo do amor espiritual que, se não tem onde agir, vai à procura disso. Aos amantes de Cristo, este amor foi mestre que lhes ensinou tantas indústrias e artes que não lhes permitiu ficar ociosos. Não sendo cego nem insensato, conhece bem os predicados de seu nobilíssimo objeto. Só tem zelos de que todos o não amem, e por isto, sem ciúmes nem inveja, procura a quem se comunicar. Comparando com o amor que Maria santíssima tem a Deus, o das demais criaturas, ainda das mais fervorosas e santas, é sempre limitado. Pois, se nelas, ele criou tão admirável e intenso zelo pelas almas, quanto não faria esta Rainha em benefício do próximo? Era a Mãe do amor divino **(Ecle 24, 24)**, e trazia em si o próprio fogo, vivo e verdadeiro, que vinha se acender no mundo **(Lc 12, 40)**. Em toda esta divina História verão os mortais quanto devem a esta Senhora. Impossível seria referir todos os casos particulares e favores que dispensou às almas. Não obstante para, mediante alguns, se conjecturar os demais, direi neste capítulo algo do que acontecia nesta matéria, estando a Rainha na casa de sua prima Santa Isabel.

A criada pecadora

255. Havia naquela casa uma criada de péssimas inclinações, agitada, de temperamento iracundo, acostumada a jurar e maldizer. Com estes vícios, e outras desordens que fazia às escondidas de seus patrões, estava tão entregue ao demônio que este tirano facilmente a movia a qualquer miséria e desacerto. Fazia catorze anos que muitos demônios a escoltavam, sem deixá-la um momento para não perderem a presa. Somente quando ela se encontrava na presença da Senhora do céu, Maria santíssima, retiravam-se os inimigos. Como disse outras vezes (1), a virtude de nossa Rainha os atormentava, e ainda mais naquela ocasião em que levava no virginal relicário o poderoso Senhor e Deus das virtudes. Retirando-se aqueles cruéis algozes, a criada ficava livre dos maus efeitos de sua companhia. Por outra parte, a amável presença e trato com a Rainha ia-lhe obtendo novas graças. Começou a mulher a inclinar-se e afeiçoar-se muito à sua Reparadora. Procurava assisti-la afetuosamente; oferecia-se a servi-la, e reservava todo o tempo que podia, para ficar onde estava a Senhora, contemplando-a com reverência, pois ao lado de suas depravadas inclinações tinha uma boa qualidade: certa compaixão pelos humildes e necessitados, e natural piedade para lhes fazer bem.

1 - 1ª parte nº 285, 691, 695, 697

Maria lhe obtém a conversão

256. A divina Princesa que conhecia as inclinações daquela mulher, o estado de sua consciência, o perigo da perdição de sua alma e a malícia dos demônios contra ela, volveu-lhe seus misericordiosos olhos com piedade e afeto de mãe. Conheceu Maria santíssima que aquela sujeição aos demônios era justa pena dos pecados daquela mulher. Apesar disso, rezou por ela, e alcançou-lhe perdão, remédio e salvação. Com o poder de que dispunha, ordenou aos demônios que deixassem livre aquela criatura e não voltassem a maltratá-la. Não podendo resistir ao império de nossa grande Rainha, renderam-se e cheios de medo fugiram, ignorando a causa daquele poder de Maria santíssima. Com indignado espanto, perguntavam-se: Quem é esta mulher que tem tão extraordinário império sobre nós? Donde lhe vem tão singular poder para fazer tudo o que quer? E conceberam novo ódio e sanha contra Aquela que lhe esmagava a cabeça **(Gn 3, 15)**. A feliz pecadora, porém, ficou livre de suas unhas. Maria santíssima a admoestou, corrigiu e lhe ensinou o caminho da salvação e a transformou noutra mulher, de bom coração e correto procedimento. Nesta nova vida perseverou até a morte, reconhecendo que tudo lhe viera das mãos de nossa Rainha, ainda que não haja penetrado o mistério de sua dignidade. Humilde e agradecida, terminou a vida santamente.

Conversão de outra mulher

257. Não era de melhor índole que esta criada, outra mulher vizinha da casa de Zacarias. Costumava freqüentá-la, e conversar com os familiares de Santa Isabel. Vivia desonestamente, e tendo percebido a chegada de nossa grande Rainha

àquela cidade, sua compostura e recato, disse com leviana curiosidade: Quem será esta forasteira que veio ser nossa hóspede e vizinha, com tanta beatice? Com o desejo vão e curioso de bisbilhotar novidades, como tais pessoas costumam ter, procurou ver, que tal seria a cara e o traje da divina Senhora. Esta intenção era vã e impertinente, mas não o foi no resultado. Por ter olhado, embora só por curiosidade, a Mãe da pureza virginal, recebeu em troca a feliz mulher, a virtude da castidade, ficando livre dos hábitos e inclinações sensuais. Retirou-se para chorar dolorosamente sua má vida, e depois pediu para ver e falar com a Mãe da graça. Recebeu-a a Senhora para confirmá-la na conversão, pois sabia que o sucesso procedia daquela Graça que levava em seu seio.

Sabia que esta é que justifica e faz santos, e em sua virtude é que agia a Advogada dos pecadores. Atendeu a penitente com piedade maternal, aconselhou-a e

instruiu-a na virtude. Com isto deixou-a animada e disposta para perseverar.

Proceder de Maria em relação aos justos e aos réprobos

258. Por este modo, realizou nossa grande Senhora muitas coisas, e grande número de admiráveis conversões, ainda que sempre em silêncio e segredo. Toda a família de Isabel e Zacarias foi santificada na convivência com Ela. Aos que eram justos, aperfeiçoou com novos dons e favores. Aos que o não eram, sua intercessão os justificou e esclareceu. Todos se entregaram a seu reverencial amor, e à porfia lhe obedeciam e a tinham por Mãe, amparo e consolo em todas necessidades. Para isto bastava sua presença e poucas palavras, ainda que nunca recusava as necessárias para tais casos. Como penetrava o íntimo dos corações, e conhecia o estado da consciência de cada qual, aplicava-lhes o remédio mais eficaz. Algumas vezes, manifestava-lhe o Senhor, quais eram, entre as pessoas que via, os escolhidos e os réprobos. Um e outros suscitavam em seu coração, admiráveis atos de perfeitíssima virtude. Sobre os justos e predestinados derramava muitas bênçãos, como agora faz do céu. Por eles felicitava ao Senhor e lhe pedia os conservasse em sua graça e amizade, fazendo para isto incomparáveis diligências e rogativas.

Quando via alguém em pecado, clamava do fundo d'alma pela sua justificação, e ordinariamente o conseguia. Se fosse alguém do número dos réprobos, chorava amargamente e se humilhava na presença do Altíssimo, pela perda daquela imagem e obra de sua divindade. Para que outros não se condenassem fazia profundas orações, oferecimentos e humilhações. Toda ela era uma chama de amor divino que jamais sossegava, se não fizesse grandes coisas.

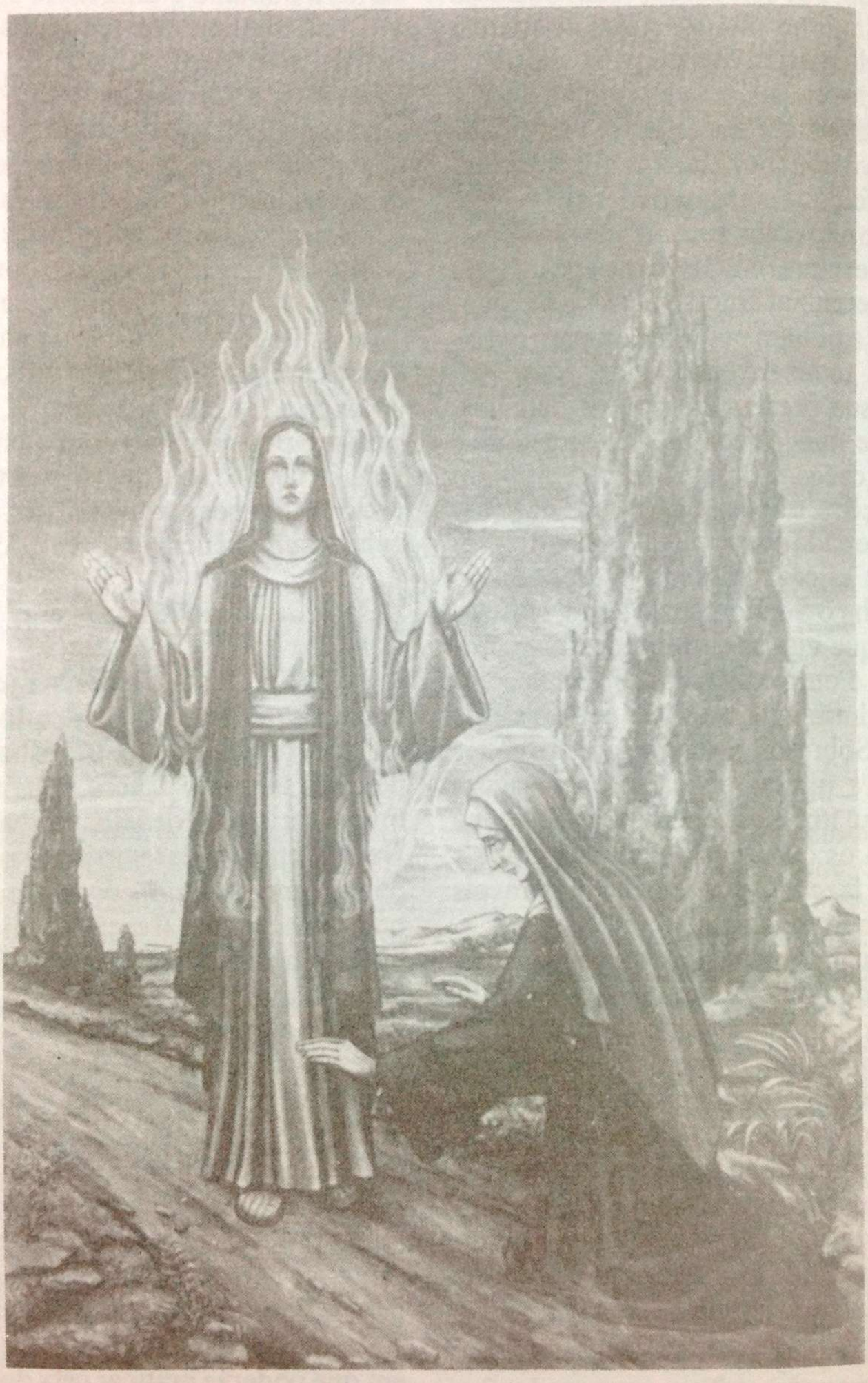
DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA E SENHORA

Conservar a graça divina, e obtê-la para outros

259. Minha querida filha, em torno de dois pontos como de dois polos, deve mover-se a harmonia de tuas potências e de tua solicitude: permanecer na amizade e graça do Altíssimo, e procurar o mesmo para outras almas. Nisto consista toda tua vida e trabalho. Para conseguir tão altos fins, se for necessário, quero que não te furtes a trabalho e diligência alguma. Suplica ao Senhor, oferece-te a sofrer até a morte, e padece realmente o que se apresentar e tuas forças forem capazes. A teu sexo não convém, para solicitar o bem das almas, fazer demonstrações extraordinárias diante das criaturas, mas procura e aplica prudentemente todos os meios ocultos e mais eficazes que conheces. Se és minha filha e esposa de meu Filho santíssimo, considera que o patrimônio de nossa casa são as criaturas racionais. Tendo-as criado e chamado para Si, comprou-as como ricas prendas com o preço de sua vida (**1 Cor 6, 20**), de sua morte e de seu próprio sangue, porque tinham se perdido pela desobediência (**1 Ped 1, 19**).

Zelo pela salvação das almas

260. Quando o Senhor te enviar alguma alma necessitada, dando-te conhecimento de seu estado, trabalha fielmente pela sua salvação. Chora e clama, com íntimo e fervoroso desejo, para alcançar de Deus o remédio de tanto mal e perigo. Não poupes meio algum, divino ou humano, para conseguir a salvação e a vida da alma que te for confiada. Com a prudência e moderação que tenho te ensinado, não te retraias a admoestar e rogar como entenderes que convém, e em segredo trabalha por beneficiá-la. Quero também que, quando for necessário, ordenes aos demônios, com todo o império, em nome do onipotente Deus e do meu, que se retirem das almas que vires dominadas por eles. Passando-se isto em segredo, bem podes mudar tua timidez em ousadia. Lembra-te que o Senhor te ofereceu e oferecerá ocasião em que poderás praticar esta doutrina (**Filip 4, 13**). Não a esqueças nem a inutilizes, porque estás obrigada a cuidar do patrimônio da casa de teu Pai, e não deves sossegar enquanto não empregares nisso toda a diligência. Não temas, tudo poderás naquele que te conforta (**Prov 31, 17**). O poder divino dar-te-á força para grandes coisas.



Santa Isabel recebe a visita de Maria

CAPÍTULO 21

SANTA ISABEL PEDE À RAINHA DO CÉU QUE ESPERE O NASCIMENTO DE JOÃO.

O sentimento de Santa Isabel prevendo a partida de Maria santíssima

261. Fazia mais de dois meses que a Princesa do céu chegara à casa de Santa Isabel, e a discreta matrona já estava a prever o sentimento que lhe causaria a partida e ausência da grande Senhora do mundo. Com razão, temia perder o gozo de tanta felicidade que reconhecia estar acima de qualquer merecimento humano. Santa e humilde, refletia também, em seu coração, se não seriam suas faltas o motivo para dela se retirarem a formosa lua com o sol de justiça encerrado em seu tálamo virginal. As vezes chorava a sós, porque não encontrava meios para deter o sol que tão claro dia de luz e graça lhe havia proporcionado. Com muitas lágrimas suplicava ao Senhor, inspirasse o coração de sua prima e senhora, a não deixá-la só, ou pelo menos, não a privar tão cedo de sua amável companhia. Servia-a com grande veneração, cuidado e atenção. Meditava o que faria para retê-la, e não era maravilha que tão grande santa e prudente mulher solicitasse o que os mesmos anjos poderiam cobiçar. Além da luz divina que, com grande plenitude, recebera do Espírito Santo para conhecer a suprema santidade e dignidade da Virgem Mãe, a divina e amabilíssima conversação com Ela, e os efeitos que sentia, lhe haviam cativado o coração. Por tudo isso, depois de A ter conhecido e convivido com Ela, sem especia graça não podia Santa Isabel ter continuado a viver sem sua presença.

Isabel pede que Maria permaneça em sua casa

262. Para se consolar desta pena, resolveu Santa Isabel confiá-la à divina Senhora que não a ignorava.

Com grande submissão e respeito lhe disse: Minha prima e Senhora, pela veneração e solicitude com que vos devo servir, não me atrevi até agora, a vos manifestar um desejo e uma pena que me oprime o coração. Com vossa permissão, procurarei aliviar-me confiando-vos meus cuidados e a esperança da qual vivo agora. Por sua divina condescendência, fez-me o Senhor a singular misericórdia de vos trazer onde eu tivesse a imerecida felicidade de conviver convosco os mistérios que em vós, Senhora minha, encerrou a divina Providência. Indigna deste benefício, eu o louvo eternamente **(Dan 3, 53)**. Vós sois o templo vivo da glória do Altíssimo, a arca do Testamento que guarda o maná **(Heb 9, 4)** do qual vivem os próprios anjos **(Sl 87, 25)**. Sois as tábuas da verdadeira lei **(Ex 31, 18)** gravada com o ser de Deus. Lembro-me de minha baixeza, e quão rica, de repente me tornou o Senhor tendo em minha casa, sem o merecer, o tesouro dos céus com aquela que, entre todas as mulheres, escolheu por Mãe. Temo, com razão, que por causa de meus pecados, desampareis esta pobre escrava, deixando-me só e despo-

jada do grande bem que agora desfruto. Ao Senhor não é impossível, se for também vossa vontade, conceder-me a felicidade de vos servir e não me separar de vós o resto de minha vida. Se, para ir à vossa casa houver dificuldade, mais fácil será ficardes na minha. Chamaremos vosso santo esposo José, para que ambos vivam nela como senhores a quem servirei com todo o afeto de meu desejo. Ainda que não mereço o que peço, vos suplico não desprezeis minha humilde petição, pois o Altíssimo com seus favores já tem excedido meus méritos e desejos.

Resposta de Maria Santíssima

263. Com amável satisfação ouviu Maria santíssima a proposta de sua prima, e respondeu-lhe: Caríssima amiga de minha alma, vosso santo e piedoso afeto serão aceitos pelo Altíssimo, e vossos desejos agradáveis a seus olhos. De coração os agradeço, mas toda nossa solicitude deve estar em conhecer a vontade divina e a ela submeter a nossa com inteira submissão. Se esta é a obrigação de todos, bem sabeis, amiga minha, que eu lhe devo mais que ninguém, pois com o poder de seu braço **(Lc 1, 51-48)**, me levantou do pó, e com imensa piedade olhou minha baixeza. Apresentaremos ao Senhor vosso desejo, e aquilo que ordenar, isso faremos. A meu esposo José também devo obedecer, e sem sua ordem e disposição não posso, caríssima, escolher minhas ocupações, lugar e casa para viver. É justo que obedeçamos **(Ef 5, 22)** aos que são nossos superiores.

Santa Isabel pede à Maria que fique até o nascimento de São João

264. A estas tão justas razões da Princesa do céu, sujeitou Santa Isabel seu parecer e vontade, e com humilde docilidade lhe disse: Senhora, quero obedecer à vossa vontade e venerar vossa doutrina. Apenas vos represento de novo o íntimo amor de meu coração pronto para vos servir. E, se o que propus não é conforme à vontade divina e não o posso obter, pelo menos se for possível, desejo, minha Rainha, que não me deixeis antes do nascimento do filho que trago em meu seio. Neste, ele conheceu e adorou seu Redentor no vosso. Goze então de sua presença e luz, antes do que de qualquer outra criatura. Receba vossa bênção para começar os passos de sua vida **(Prov 16, 9)** na presença daquele que os há de guiar retamente. Quero que Vós, a Mãe da graça, apresenteis meu filho a seu Criador, e lhe alcanceis de sua bondade imensa a perseverança daquela graça recebida por meio de vossa dulcíssima voz, quando sem merecer a ouviu. Permiti-me, pois meu amparo, ver meu filho em vossos braços, onde há de se reclinar o próprio Deus que formou e conserva o céu e a terra **(Is 42, 5)**. Não diminua nem se restrinja, por minhas culpas, a grandeza de vossa maternal piedade. Não me recuseis este consolo, e a meu filho tão grande felicidade que, como mãe solicito e desejo, embora não a mereça.

Ambas pedem a Deus o conhecimento de sua vontade

265. Não quis Maria santíssima recusar este pedido. Ofereceu-se para pedir ao Senhor o cumprimento de seu desejo, encarregou sua prima de orar para conhecer a divina vontade. Com este acordo, as duas mães dos melhores filhos que nasceram neste mundo, retiraram-se ao oratório da divina Princesa, e recolhidas em oração apresentaram ao Altíssimo suas súplicas. Num êxtase, conheceu Maria santíssima com nova luz, o mistério, vida e méritos do precursor São João, e o que realizaria **(Mt 3, 3; Mc 1, 3; Lc 3, 4; Jo 1, 23)** preparando com sua pregação os caminhos dos corações humanos, para receber seu Redentor e Mestre. Destes grandes sacramentos foi revelado a Santa Isabel apenas o que convinha que ela entendesse. Conheceu também a Senhora, a grande santidade de Santa Isabel e que sua morte seria em breve, precedida pela de Zacarias.

O amor de nossa piedosa Mãe pela sua prima, levou-a a apresentá-la ao Senhor pedindo-lhe a assistisse na morte. Expos-lhe também o que solicitara a res-

peito do nascimento de seu filho. Quanto a ficar na casa de Zacarias, nada disse a prudentíssima Virgem. Pela divina ciência que possuía, viu logo não ser conveniente, nem vontade do Altíssimo que vivesse sempre na casa da prima, conforme esta desejava.

Resposta divina

266. A esta petições respondeu o Senhor: Minha esposa e minha pomba, minha vontade é que faças companhia e consoles minha serva Isabel, pois seu parto já está muito próximo, faltando apenas oito dias. Depois que houverem circuncidado seu filho, voltarás para casa com teu esposo José. Depois que meu servo João nascer mo apresentareis, e será para Mim agradável sacrifício. E, continua, amiga minha, a me solicitar a eterna salvação das almas. Santa Isabel que estava a rezar com a Rainha do céu e terra, suplicava ao Senhor ordenar à sua Esposa e Mãe santíssima não a deixasse antes do parto. Foi-lhe também revelado que isto seria em breve, e outras coisas de grande consolo para seus cuidados.

Maria fica com Isabel até a circuncisão de S. João

267. Voltou Maria santíssima do êxtase, e terminada a oração, conferiram as duas mães como já se aproximava o parto de Santa Isabel, de acordo com o aviso que o Senhor dera a ambas. Com ardente desejo de sua felicidade, perguntou logo a santa matrona à nossa Rainha: Suplico-vos, Senhora, dizei-me se merecerei o bem que pedi, de vos ter junto a mim até meu parto, já tão próximo. Respondeu a Virgem Mãe: Minha prima, o Altíssimo atendeu nossas preces, e dignou-se mandar-me satisfazer vosso desejo e ficar convosco nessa ocasião. Esperarei, não só o nascimento de vosso filho, mas também que ele seja circuncidado segun-

do a lei. Tudo será feito dentro de quinze dias.

Com esta resposta de Maria santíssima, encheu-se de alegria Santa Isabel. Reconhecendo o grande favor que recebia, humildemente agradeceu ao Senhor e à santíssima Rainha. Havendo-se alegrado e instruído com seus avisos e advertências, tratou a santa matrona de se preparar para o nascimento do filho e para a partida de sua soberana prima.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA RAINHA E SENHORA, MARIA SANTÍSSIMA

Nossos pedidos não desagradam a Deus

268. Minha filha, quando o desejo da criatura nasce de piedoso e devoto afeto, dirigido com reta intenção a santos fins, não se desagrada o Altíssimo de que lhe seja proposto. Seja isso feito com submissão ao que mais lhe agradar, e com resignação para executar em tudo o que sua divina Providência dispuser. Quando as almas se põem na presença do Senhor com reta conformidade de ânimo **(Sl 33, 16)**, Ele as olha como piedoso Pai e sempre lhes concede o que é justo, recusando-lhes e afastando-os do que não é bom ou não lhes convém para seu verdadeiro bem. De zelo piedoso e bom nasceu o desejo de minha prima Isabel para me acompanhar toda a vida e não se separar de Mim. Isto, porém, não era conveniente em vista dos fatos e peregrinações que sucederiam comigo. Apesar de lhe ter recusado esse pedido, não se desagradou por ele, e lhe concedeu o que não ia de encontro aos decretos de sua santa vontade e infinita sabedoria, e resultava em benefício dela e de seu filho João. Pelo amor que filho e mãe tiveram a Mim, e por minha intercessão, o Todo-poderoso os enriqueceu de grandes bens e favores. Sempre é eficacíssimo suplicar a Deus, com boa vontade e reta intenção, por meio de minha intercessão.

A intercessão de Maria santíssima

269. Quero que ofereças todas tuas orações e súplicas em nome de meu Filho santíssimo e meu. Confia sem receios, que serão atendidos, se as fizeres com reta intenção tendo em vista o agrado de Deus. Considera-me amorosamente como tua Mãe, amparo e refúgio, e entrega-te à minha devoção e amor. Adverte, caríssima, que é o desejo de teu maior bem que me leva a ensinar-te o meio mais poderoso e eficaz para, com a divina graça, alcançares grandes tesouros e benefícios da liberalidade do Senhor.

Não te indisponhas para eles, nem os retardes por tua falta de confiança. Se queres que te ame como filha muito querida, esforça-te em imitar-me no que te manifesto e ensino. Emprega nisto tuas forças e cuidados, dando por bem empregado quanto fizeres por conseguir aprender e praticar meus ensinamentos e doutrinas.

CAPÍTULO 22

O NASCIMENTO DO PRECURSOR DE CRISTO; ATOS DA SOBERANA SENHORA, MARIA SANTÍSSIMA, NESSA OCASIÃO.

Nascimento de João Batista

270. Chegou a hora de surgir no mundo o astro **(Jo 5, 35)** que anunciava o claro sol de justiça e o desejado dia da lei da graça. Era tempo oportuno que viesse à luz o grande profeta, e mais que profeta, João. Prepararia os corações (1) e mostraria com o dedo o Cordeiro que salvaria e santificaria o mundo. Antes que deixasse o seio materno, manifestou o Senhor ao abençoado menino que se aproximava a hora de seu nascimento, para começar a pregação dos mortais sob a luz comum a todos. Dispunha o infante de perfeito uso da razão, elevado com a ciência infusa que recebera da presença do Verbo encarnado. Por ela compreendeu que iria aportar a uma terra maldita **(Gn 3, 17)**, cheia de perigosos espinhos: que iria colocar os pés num mundo cheio de laços e semeado de maldades, onde muitos naufragavam e pereciam.

Sentimentos do Precursor

271. Entre este conhecimento e a ordem divina e natural de nascer, estava o grande menino como perplexo. De um lado, percebia que haviam chegado ao termo as causas naturais que concorreram para a formação e desenvolvimento do seu corpo, e a própria natureza o compelia a nascer e a deixar o claustro materno. A força da natureza unia-se a vontade expressa do Senhor que assim o ordenava. Por outro lado, ponderava os riscos da perigosa carreira da vida mortal, e entre o temor e a obediência, detinha-se com medo, e movia-se com prontidão. Quisera resistir, sem deixar de obedecer, e dizia consigo: Onde irei, se vou cair no perigo de perder a Deus? Como me entregarei à convivência dos mortais onde tantos se obscurecem, perdem o sentido e o caminho da vida? No seio de minha mãe encontro-me em trevas, mas fora dele acharei outras de maior perigo. Desde que recebi a luz da razão senti-me oprimido, porém mais me aflige a expansão e liberdade dos mortais. Apesar de tudo, vamos, Senhor, ao mundo, que cumprir vossa vontade é sempre o melhor.

Se em vosso serviço, ó Rei altíssimo, minha vida e potências puderem se empregar, só isto me tornará fácil sair à luz e aceitar a peregrinação terrestre. Dai-me, Senhor, vossa bênção para entrar no mundo.

Deus abençoa o Precursor

272. Com esta súplica, mereceu o Precursor de Cristo, receber novamente, no momento de nascer a bênção e a graça de Deus, assim o entendeu o feliz menino: sentiu em sua mente a presença de Deus, e compreendeu que era por Ele enviado para grandes coisas em seu serviço, para cuja realização prometia sua graça. Antes

1 - Lc 1, 76; 7, 26; 1, 17; Jo 1, 29

de narrar o felicíssimo parto de Santa Isabel, para ajustar o tempo em que sucedeu, com o texto dos santos Evangelistas, advirto que a gestação desta admirável concepção, durou nove meses, menos nove dias. Em virtude do milagre que conferiu fecundidade à mãe estéril, o concebido desenvolveu-se nesse prazo e chegou ao estado de nascer. Quando São Gabriel disse a Maria santíssima **(Lc 1, 36)** que sua prima Isabel estava grávida de seis meses, deve-se entender que esse tempo não estava terminado, porque lhe faltavam de

oito a nove dias. Acima, Eu disse também (2), que no quarto dia da Encarnação do Verbo a divina Senhora partiu para visitar Santa Isabel. Por não ter ido imediatamente, é que São Lucas **(1, 39)** diz que Maria santíssima foi "naqueles dias" com diligência às montanhas. Além disso, como fica dito no número 207, a viagem levou quatro dias.

2 - nº 206

Data do nascimento de João Batista

273. Advirto também que, quando o mesmo Evangelista **(Lc 1, 56)** diz que Maria santíssima esteve três meses na casa de santa Isabel, faltavam apenas dois ou três dias para se completarem, pois o texto do Evangelho foi exato em tudo. De acordo com esta contagem, é forçoso que Maria santíssima, Senhora nossa, se encontrasse não só no nascimento de São João, como também em sua circuncisão, quando lhe impuseram o misterioso nome, conforme direi adiante. Oito dias depois da Encarnação do Verbo, chegou Nossa Senhora com S. José na casa de Zacarias a dois de Abril pela tarde, conforme a contagem de nossos meses solares. Acrescentando-se três meses a partir de três de Abril, chegamos a primeiro de Julho inclusive, que vem a ser o oitavo dia da natividade de São João, o mesmo de sua circuncisão. No dia seguinte, pela manhã voltou Maria santíssima a Nazaré. Ainda que o Evangelista São Lucas **(1, 56, 57)** refere a volta de nossa Rainha para sua casa antes de narrar o parto de Santa Isabel, a volta de Maria não foi antes, mas sim depois. O texto sagrado antecipou a narração da viagem da divina Rainha para terminar o que lhe dizia respeito e prosseguir a história do nascimento do Precursor, sem interromper novamente o fim de sua exposição. Assim me foi dado a entender para o escrever.

Nascimento do Precursor

274. Aproximando-se, pois, o momento do esperado parto, sentiu Santa Isabel, por efeito da natureza e da obediência do infante, que este se movia como para se erguer. Quando lhe sobrevieram as dores, mais leves do que ordinariamente nas outras mães, Isabel mandou avisar à princesa Maria. Não a chamou para assisti-la pessoalmente, pois a reverência pela dignidade de Maria pelo fruto que levava em seu seio, a deteve para não pedir o que não lhe parecia decente. Não foi a Senhora pessoalmente, mas enviou-lhe as mantilhas

e faixas que fizera para envolver o feliz recém-nascido. Nasceu o menino muito perfeito e robusto, manifestando a pureza da alma na do corpo, pois não teve tantas impurezas como as demais crianças

Envolveram-no nas mantilhas que mais eram grandes e veneráveis relíquias. Depois de Santa Isabel já estar composta, Maria santíssima, por ordem do Senhor, saiu de seu oratório e foi visitar e dar os parabéns a mãe e filho.

Maria oferece o recém-nascido a Deus

275. Tomou a Rainha ao recém-nascido em seus braços, à pedido de sua mãe, e ofereceu-o como oblação ao eterno Pai que a recebeu com agrado e como as primícias das obras do Verbo encarnado e execução de seus divinos decretos. O menino, felicíssimo e cheio do Espírito Santo, conheceu sua legítima Rainha e Senhora. Fez-lhe reverência, não só interior como também exteriormente, com leve inclinação de cabeça. Adorou novamente o Verbo divino feito homem no tálamo de sua Mãe puríssima, donde se lhe revelou com especialíssima luz. Conhecendo também os benefícios que, entre os mortais, recebera, fez o reconhecido infante muitos atos de agradecimento, amor, humildade e veneração a Deus-homem e à sua Virgem Mãe. A divina Senhora ao oferecê-lo ao Eterno Pai, fez por ele esta oração: Altíssimo Senhor e Pai nosso, recebei no vosso serviço as estreias e primeiro fruto de vosso Filho santíssimo e meu Senhor. Santificou-o resgatou-o do poder e efeitos do pecado e dos vossos antigos inimigos. Recebei este sacrifício matutino e infundi-lhe, com vossa santa bênção, vosso divino Espírito, para que seja fiel dispensador do mistério para o qual o destinais, para honra vossa e de vosso Unigênito. Esta oração foi em tudo eficiente, e nossa Rainha conheceu como o Altíssimo enriquecia ao menino escolhido e destinado para seu precursor. Ele também sentiu em seu espírito o efeito de tão admirável graça.

O Precursor recém-nascido nos braços de Maria

276. Enquanto a grande Rainha e Senhora do universo teve em seus braços o menino João, permaneceu em êxtase por alguns momentos. Durante eles fez a oração e oferecimento do menino, mantendo-o reclinado em seu peito, onde logo se reclinaria o Unigênito do Pai e seu. Esta foi a singularíssima prerrogativa e excelência do grande Precursor que nenhum outro dos santos pôde gozar. Não é muito que o anjo o chamasse grande **(Lc 1, 15)** na presença do Senhor, pois antes de nascer o visitou e santificou; nascido, foi colocado no trono da graça, estreando os braços que sustentariam o próprio Homem-Deus. Deste modo, o Batista foi ocasião para despertar na Mãe santíssima o desejo de nele receber seu Filho e Senhor, e nesta lembrança foi presenteado com deliciosos carinhos. Conheceu Santa Isabel estes divinos sacramentos porque o Senhor lhes revelava, enquanto contemplava seu miraculoso filho nos braços daquela que lhe era mais Mãe do que ela própria. A Santa Isabel ele devia o ser da natureza, e à Maria puríssima o ser de tão excelente graça. Tudo isto criava suavíssima consonância no coração das duas mães e do menino que também compreendia tão veneráveis mistérios. Com os pequenos gestos de seus tenros membros, manifestava o júbilo de seu espírito e se aconchegava à divina Senhora para receber seus carinhos e não deixá-la. Acarinhava-o a divina Senhora, mas com tanta majestade e moderação que jamais o beijou, como tal idade costuma permitir. Reservou seus castíssimos lábios intactos para seu Filho santíssimo. Tampouco fixou o rosto do menino, porque punha toda a atenção na santidade de sua alma, e olhou-o apenas para conhecê-lo. Tal era a prudência e modéstia da grande Rainha do céu.

Divulgação do nascimento do Batista

277. A notícia do nascimento de João divulgou-se rapidamente, como diz São Lucas **(1, 58)**, e toda a parentela e vi-

zinhança vieram felicitar Zacarias e Santa Isabel. Além de sua família ser rica, nobre e estimada em toda a região, a santidade de ambos tinha cativado o coração de quantos os conheciam. Durante tantos anos tinham-nos visto sem filhos, e sabiam que Isabel era estéril e de avançada idade. Estas razões aumentaram em todos a surpresa, admiração e alegria, não duvidando que aquele filho, o era mais do milagre do que da natureza. O santo sacerdote Zacarias continuava mudo, impossibilitado de expandir seu júbilo, porque ainda não chegara a hora em que tão misteriosamente se lhe soltaria a língua. Não deixava, porém, de manifestar, por sinais, seu gozo interior, e oferecia ao Altíssimo afetuosos louvores e repetidas graças pelo tão raro favor em que não acreditara, mas agora via realizado.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA E SENHORA DO CÉU

Antagonismo entre Deus e o mundo

278. Não te admires, filha caríssima, de que meu servo João encontrasse dificuldade e temesse entrar no mundo. Mais do que o amam os ignorantes filhos do século, aborrecem-no e temem seus perigos os sábios iluminados pela ciência divina e luz do alto. Isto possuía, em eminente grau, aquele que nasceu para precursor de meu Filho santíssimo, e daquele conhecimento procedia o seu receio. Foi-lhe útil, pois quem melhor conhece e detesta o mundo, com mais segurança navega suas encapeladas ondas e profundo golfo. Com tanta aversão à terra começou o feliz menino sua carreira mortal, que jamais deu tréguas à essa inimizade. Não fez as pazes (3) com a carne, nem aceitou suas venenosas lisonjas. Não empregou seus sentidos na vaidade, nem pôs nela seus olhos. Nesta firmeza em se opor ao mundo e a tudo o que é dele, deu a vida pela justiça. O cidadão da verdadeira Jerusalém não pode se confederar com Babilônia, nem é compatível pedir e estar na graça do Altíssimo e ao mesmo tempo entreter amizade com seus declarados inimigos. Ninguém pode servir a dois senhores contrários, nem unir a luz com as trevas **(2 Cor 6, 14)**, Cristo e Belial.

Evitar o contágio do espírito mundano

279. Guarda-te, caríssima, mais do que do fogo, dos que vivem nas trevas e são amadores do mundo, por que a sabedoria dos filhos do século **(Rom 8, 7)** é carnal e diabólica, e seus caminhos tenebrosos conduzem à morte. Quando for necessário trazer alguém para a verdadeira vida da alma, ainda que para isto devas oferecer a de teu corpo, sempre conserves a paz de teu interior. Três são os lugares em que desejo que vivas com tua mente, e se alguma vez o Senhor te mandar acudir as necessidades das criaturas, não retires a atenção desse refúgio. Quem vive num castelo rodeado de inimigos, sai à porta só quando isso for inevitável. Aí dispõe o que convém, com tanta cautela, que mais atende ao caminho para voltar a se esconder, do que aos negócios de fora, sempre cuidadoso e sobressaltado pelo perigo.

De igual modo deves proceder, se quiseres viver com segurança pois não tenhas dúvida: rodeiam-te cruéis inimigos mais venenosos que áspides e basiliscos.

O recolhimento preserva das quedas

280. Os lugares de tua morada devem ser a divindade do Altíssimo, a humanidade de meu Filho santíssimo e o teu interior. Na divindade hás de viver como a pérola na concha e o peixe no mar, e em seus intermináveis espaços dilatarás teus afetos e desejos. A humanidade santíssima será muro para te defender, e seu coração aberto o tálamo para te reclinares e descansares à sombra de suas asas **(Sl 16, 8)**. Encontrarás pacífica e íntima alegria no testemunho da consciência **(2 Cor 1, 12)**, e se a conservares pura, ela te facilitará o doce e amigável trato com teu Esposo. Para tudo isto, muito te ajudará o recolhimento exterior, e assim é de meu gosto e vontade que permaneças na tribuna ou na cela e somente a deixes obrigada pela obediência ou caridade. Vou revelar-te este segredo: há demônios, incumbidos por Lúcifer, de aguardarem os religiosos

3 - Mc 4, 17 e seg.; Tgo 4, 4; Mt 6, 24; Ecli 24

e religiosas quando saem do recolhimento, para investi-los e combatê-los com tentações a fim de os derrubar. Não entram facilmente nas celas, porque ali não há tanta ocasião de falar, ver e usar mal dos sentidos, pelos quais ordinariamente fazem presas que devoram como lobos carniceiros. O retiro dos religiosos os atormenta. Detestam-no, porque duvidam vencê-los enquanto não os surpreendem entretidos no perigo das conversações.

Tática diabólica contra as almas

281. Em geral, é certo que os demônios não têm poder sobre as almas, enquanto elas não lhes derem entrada e se lhes sujeitarem por alguma culpa mortal ou venial. O pecado mortal dá ao demônio expresso direito para induzir a alma a cometer outros. O venial, enfraquecendo as forças da alma, aumenta as do inimigo para tentá-la. As imperfeições diminuem o mérito, retardam o progresso para a virtude mais perfeita, e isto também anima o adversário. Quando vê que a alma tolera a própria tibieza, ou se põe leviana no perigo de ociosa negligência e esquecimento de seu mal, então a astuta serpente a espreita e rodeia para agredi-la com seu mortal veneno. Como à ingênua avezinha, a vai levando distraída, até fazê-la cair em algum dos muitos laços que arma para esse fim.

Loucura dos imprudentes

282. Admira-te, pois minha filha, do que a respeito conheces mediante a divina luz, e lamenta com íntima dor a ruína de tantas almas entorpecidas por este perigoso sono. Vivem obscurecidas por suas paixões e depravadas inclinações, descuidadas dos perigos, insensíveis ao mal, imprevidentes nas ocasiões. Em vez de evitá-las temendo-as, procuram-nas com cega ignorância. Seguem desenfreadamente suas transviadas inclinações para o deleite, não refreiam sua paixões e desejos, nem advertem onde põem os pés, atirando-se a qualquer perigo e precipício. Inumeráveis são os inimigos, insaciável sua diabólica astúcia, sem tréguas sua vigilância, sem descuido sua atividade.

Que muito se, de semelhantes, ou para melhor dizer, de tão dissemelhantes inimigos, sigam para os viventes tão irreparáveis danos? Que admira se, sendo infinito o número dos néscios **(Ecle 15)** e incontáveis os réprobos, o demônio se ensoberbeça com tantos triunfos que lhe dão os mortais, à custa da própria e tremenda perdição? Guarde-te o Deus eterno de tanta infelicidade. Chora e compadece-te da de teus irmãos, e suplica sempre, enquanto for possível, a sua salvação.

São João Batista

CAPÍTULO 23

INSTRUÇÕES DE MARIA SANTÍSSIMA À SANTA ISABEL. CIRCUNCISÃO DO BATISTA E PROFECIA DE ZACARIAS.

Santa Isabel pede orientação à Maria santíssima.

283. Após o nascimento do Precursor de Cristo era inevitável a volta de Maria santíssima para Nazaré. A sábia e prudente Santa Isabel procurava consolar-se na conformidade com as divinas disposições, mas ainda assim desejava compensar de algum modo sua soledade, querendo ficar com alguns ensinamentos da Mãe da sabedoria. Nesta intenção, disse-lhe: Minha Senhora e Mãe de meu Criador, vejo que vos preparais para partir e deixar-me na solidão, sem vossa amável presença, amparo e proteção. Suplico-vos, minha prima, que na vossa ausência mereça eu ficar com algumas instruções que me ajudem a orientar todos meus atos para o maior agrado do Altíssimo. Em vosso virginal seio tendes o mestre que emenda os sábios **(Sab 7, 15)** e a mesma fonte da luz, e por ele vindes comunicá-la a todos. Concedei à vossa serva algum dos seus raios, refletidos em vosso puríssimo espírito, para que o meu seja esclarecido e guiado pelas sendas retas da justiça, até chegar a ver o Deus dos deuses em Sião.

Maria satisfaz o pedido de sua prima

284. Estas palavras de Santa Isabel comoveram Maria santíssima. Com terna compaixão, deu à sua prima celestiais instruções para se governar durante o pouco tempo que lhe restava de vida. O Altíssimo cuidaria de seu filho, e a Rainha também rogaria por ele a Deus. Ainda que não é possível referir tudo o que a divina Senhora advertiu e aconselhou à santa Isabel, dessas afetuosas palestras de despedida, direi alguma coisa como me foi manifestado, ou como conseguirem meus limitados termos. Disse Maria santíssima: Minha prima e amiga, o Senhor nos escolheu para suas obras e altíssimos sacramentos, sobre os quais se dignou comunicar-vos tanta luz, revelando-vos meu coração. Nele vos levo para apresentar-vos ante sua grandeza. Não me esquecerei da humilde atenção que tivestes pela mais inútil das criaturas. Espero que de meu Filho e Senhor recebais copiosa recompensa.

Exortação ao amor de Deus e desapego das criaturas

285. Elevai sempre vossa mente e espírito às alturas e, com a luz da graça que tendes, não percais de vista o ser de Deus imutável, eterno e infinito. Lembrai-vos da imensa bondade com que se dignou criar do nada as criaturas, para elevá-las à sua glória e enriquecê-las de seus dons **(Ecli 22, 17)**. Esta dívida, comum a todas as criaturas, tornou-se maior para nós, quando a misericórdia do Altíssimo nos agraciou mais intensamente com essa luz e conhecimento. Cabe-nos fazer mais que os outros, até compensar, com nosso agradecimento, a cega ingratidão dos mortais que, por isso, estão mais distantes de conhecer e glorificar seu Criador. Este deve ser nosso ofício, desembaraçando o

coração, para que desprendido e livre caminhe para seu ditoso fim. Para isto, minha amiga, recomendo-vos muito apartar-vos das coisas terrenas, mesmo das que possuis, para que livre dos impedimentos da terra, vos ergais aos divinos chamamentos. À espera da vinda do Senhor **(Lc 12, 36)** possais, quando Ele chegar, responder com alegria e sem a dolorosa violência que a alma sente, quando chega o momento de se separar do corpo e de tudo o mais que ama com apego. Agora, no tempo de sofrer e conquistar a

coroa, procuremos merecê-la e caminhar com rapidez, para chegar à íntima união com nosso verdadeiro e sumo Bem.

Exortação sobre os deveres de esposa e mãe

286. A Zacarias, vosso marido e superior, durante o tempo que viver, procurai com particular docilidade, obedecer-lhe, amá-lo e servi-lo. Oferecei sempre ao Senhor o vosso miraculoso filho. Por Deus e para Deus, podeis amá-lo como mãe, porque será profeta **(Mal 4, 5; Lc 1, 17; Jo 1, 7)**, e com zelo de Elias que o Altíssimo lhe dará, defenderá sua lei e sua honra, procurando a exaltação de seu santo nome. Meu Filho santíssimo que o escolheu para precursor e embaixador de sua vinda e doutrina, o beneficiará como a seu favorito. Enche-lo-á dos dons de sua destra. **(Jo 3, 29; Lc 1, 15; Mt 11, 9)**, fá-lo-á grande e admirável entre os homens e manifestará ao mundo sua grandeza e santidade.

Exortação sobre os deveres com o próximo

287. Procurai, com ardente zelo, que por todos de vossa família seja temido, venerado e reverenciado o santo nome de nosso Deus e Senhor de Abraão, Isac e Jacó **(Tob 4, 7-8)**. Além disto, fazei grande empenho em beneficiar os pobres e necessitados, o quanto for possível. Enriquecei-os com os bens temporais que generosamente vos concedeu o Altíssimo, e com a mesma liberalidade distribui-os aos necessitados **(2 Cor 8, 14)**. Estes bens são mais deles que vossos, pois somos todos filhos do Pai que está nos céus, de Quem é toda a criação. Não é razão que este Pai tão rico queira um filho na abundância excessiva e seu irmão pobre e desamparado. Esta caridade vos fará muito agradável ao Deus imortal das misericórdias. A este respeito, continuai a fazer o que costumais e o que fordes inspirada, pois Zacarias o deixa à vossa disposição, e assim podeis ser liberal. As provações que o Senhor vos enviar, sirvam para vos fortificar a esperança. Com as criaturas sereis benigna, mansa, humilde, aprazível, muito paciente, e espiritualmente alegre, mesmo com aquelas que servirem de instrumento para exercício de vossa virtude e conquista de méritos. Pelos altíssimos mistérios que o Senhor vos revelou, bendizei-o eternamente e su-

plicai-lhe com incessante amor e zelo, a salvação das almas. Por Mim, rogareis à sua grandeza, me governe e dirija para Eu dispensar, dignamente e com seu agrado, o sacramento que a tão humilde e pobre serva confiou sua imensa bondade. Avisai meu Esposo para me vir buscar, e neste ínterim preparai a circuncisão de vosso menino **(Lc 1, 13)** e ponde-lhe o nome de João, porque lhe foi dado pelo Altíssimo, senda essa sua imutável vontade.

Agradecimento de Santa Isabel

288. Estas exortações de Maria santíssima, com outras palavras de vida eterna que disse, produziram no coração de Santa Isabel efeitos tão divinos que, por momentos arrebataram a santa matrona, deixando-a absorta e emudecida pela força do Espírito que a iluminava, instruía e elevava nos pensamentos de tão celestial doutrina. Através das palavras de sua Mãe, o Altíssimo vivificava e renovava o coração de sua serva. Quando pôde conter suas lágrimas, disse: Senhora minha, soberana de toda a criação, entre a dor e a consolação, não sei o que dizer. Ouvi vossas palavras do íntimo de meu coração, e ali nascem outras que não posso traduzir. Meus afetos dirão o que minha língua não pode expressar. Ao Todo-poderoso remeto a paga de quanto me proporcionais, Ele que é o remunerador do que nós, pobres, recebemos. Somente vos peço, já que sois todo meu amparo e causa de meu bem, me alcanceis graça e força para praticar vossa doutrina, e suportar a falta de vossa companhia que me será muito dolorosa.

A circuncisão do Batista

289. Em seguida, trataram da circuncisão do menino de Isabel **(Lc 1, 59)**, porque se aproximava o dia determinado pela lei. Conforme o uso dos judeus, especialmente dos nobres, reuniram-se na casa de Zacarias muitos parentes e conhecidos. Conferiram entre si qual o nome a dar ao infante, pois davam grande importância ao assunto. A escolha do nome dos filhos era muito estudada e discutida entre eles. Além deste costume, a ocasião era extraordinária, pela situação de Zacarias e Santa Isabel, e porque todos reconheciam que o fato de ter concebido sendo anciã e estéril, supunha algum grande mistério.

Zacarias continuava mudo, e assim foi necessário que sua mulher presidisse aquela assembléia. Todos tinham grande conceito e veneração por ela, mas depois da visita e da longa convivência com a Rainha do céu, estava tão renovada na santidade, que os parentes e vizinhos notaram a mudança. Seu semblante irradiava uma espécie de esplendor que inspirava admiração e respeito. Percebia-se nela o reflexo dos raios da Divindade, da qual tão próxima vivia.

Discussão sobre o nome do Batista

290. Nesta reunião esteve presente a divina Senhora, Maria santíssima. Santa Isabel lhe pedira com instância, e conseguiu seu assentimento, usando de certa autoridade muito reverente e humilde. Obedeceu a grande Senhora, mas obtendo primeiro do Altíssimo que não a fizesse notada, nem revelasse coisa alguma dos ocultos favores que lhe pudessem atrair aplausos e veneração. Conseguiu o que pedia a humilíssima entre todos os humildes. Como o mundo deixa na sombra aos que não se exibem com ostentação, não houve quem reparasse nela com particular atenção. Apenas Isabel a olhava com interior e exterior veneração, sabendo que, por sua direção, aquela assembléia chegaria à feliz conclusão. Desejavam dar ao menino o nome do pai, Zacarias. A prudente mãe, porém, assistida pela Mestra santíssima, disse: Meu filho deverá se chamar João **(Lc 1, 62-63)**. Replicaram os parentes que ninguém de sua linhagem tivera tal nome, porque sempre faziam grande estima dos nomes dos mais ilustres antecessores, para incitar à sua imitação. Santa Isabel, entretanto, insistiu que o menino chamar-se-ia João.

Zacarias recupera a fala

291. Ainda que Zacarias estivesse mudo, perguntaram-lhe os parentes, por

sinais, qual era sua opinião sobre o caso: Ele, pedindo-lhes uma pena, escreveu: João é seu nome **(Lc 1, 62-63)**. Ao mesmo tempo em que escrevia, usando Maria santíssima do poder que Deus lhe concedera sobre as coisas criadas, ordenou à mudez de Zacarias que o deixasse e que sua língua se desatasse, porque já era tempo de bendizer ao Senhor. A esta ordem, Zacarias começou a falar, com admiração e temor de todos os presentes, como diz o Evangelho **(Lc 1, 64-65)**. O mesmo Evangelho diz que o anjo São Gabriel declarou a Zacarias que, por sua incredulidade, ficaria mudo até se cumprir o que lhe anunciava.

Não há nisto contradição com o que vou narrando. Quando o Senhor revela algum decreto de sua divina vontade, ainda que seja eficaz e absoluto, nem sempre declara os meios pelos quais será executado, segundo os previu em sua ciência infinita. Assim, declarou o Anjo a Zacarias a pena de sua incredulidade, a mudez, mas não lhe disse que ficaria livre desse impedimento por intercessão de Maria santíssima, ainda que assim estava previsto e determinado.

Cântico de Zacarias

292. Tendo sido a voz de Maria santíssima instrumento para santificar o menino João e sua mãe Santa Isabel, de igual modo, o seu mandado e a sua oração foram instrumentos para o favor de Zacarias recuperar a fala, e encher-se da graça do Espírito Santo com o dom da profecia. Assim iluminado, falou:

1- Bendito o Senhor Deus de Israel **(Lc 1, 68 a 79)** porque visitou e redimiu o seu povo.

2- Suscitou para nós a força da salvação, na casa de seu servo Davi.

3- Assim como anunciara nos séculos passados, pela boca dos seus santos, os profetas.

4- Salva-nos dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam.

5- Para usar de sua misericórdia com nossos pais, e lembrar-se de sua santa aliança.

6- Jurou a nosso Pai Abraão que se daria a nós;

7- para que livres das mãos de nossos inimigos, sem temor, o sirvamos,

8- na sua presença, em santidade e justiça, por todos os dias de nossa vida.

9- E tu, menino, serás chamado o profeta do Altíssimo; porque irás diante de sua face preparando seus caminhos;

10- anunciando a seu povo a salvação e a remissão dos pecados.

11- Graças à compaixão de nosso Deus, com a qual nos visitou, vindo das alturas,

12- para iluminar aos que vivem nas trevas e sombras da morte; e guiar nossos passos no caminho da paz.

Sentido do cântico de Zacarias

293. Neste divino cântico, resumiu Zacarias os altíssimos mistérios que os antigos profetas haviam anunciado sobre a divindade, humanidade e redenção de Cristo. Encerrou muitos e grandes sacramentos em poucas palavras, e os entendeu com a copiosa graça que iluminou seu espírito e o arrebatou com ardentíssimo fervor, na presença de todos os que tinham vindo assistir ao ato da circuncisão de seu filho. Todos presenciaram o milagre de se lhe desatar a língua e profetizar tão divinos mistérios. Tal foi a inteligência que sobre eles recebeu o santo sacerdote, que não me é fácil explicar.

Comentário do Cântico de Zacarias

294. Diz: "Bendito seja o Senhor Deus de Israel **(Lc 1, 68)**," conhecendo que o Altíssimo teria podido operar a redenção de seu povo, apenas com uma palavra ou com um ato de sua vontade. Não quis, entretanto, usar só de seu poder, mas também de sua imensa bondade e miseri-

córdia: o próprio Filho do eterno Pai desce para visitar seu povo. Fez-se Irmão da natureza humana; Mestre na doutrina e exemplo; Redentor, por sua vida, paixão e morte. Conheceu, então, Zacarias a união das duas naturezas na pessoa do Verbo, e com luz sobrenatural viu este grande mistério já realizado no virginal tálamo de Maria santíssima **(Lc 1, 69)**. Entendeu ainda a exaltação da humanidade do Verbo pelo triunfo de Cristo, Deus e Homem, dando salvação eterna ao gênero humano, conforme as promessas feitas a Davi, seu pai e ascendente. **(2 Rs 7, 12; Sl 131, 11)**. Esta promessa fora anunciada desde o princípio do mundo pelas profecias **(Lc 1, 70)** dos santos profetas. Desde a criação, começou Deus a preparar a natureza e a graça para sua vinda ao mundo, e desde Adão, orientou todas as suas obras para este feliz desfecho.

295. Compreendeu como o Altíssimo ordenou que, por estes meios, alcançássemos a salvação **(Lc 1, 71)** da graça e vida eterna que nossos inimigos, os maus anjos, perderam por sua soberba e pertinaz desobediência. Precipitados, por isso, no abismo, os tronos a eles destinados foram transferidos aos mortais que praticassem a obediência que eles recusaram. Desde essa ocasião, tiveram os homens que sofrer da antiga serpente **(Ap 12, 17)** o ódio e inimizade que ela concebera contra o próprio Deus, em cuja mente divina nossa existência já estava prevista por sua eterna e santa vontade. Apesar de nossos primeiros pais, Adão e Eva, terem perdido sua amizade e graça, Ele os reergueu **(Lc 1, 72)** e os colocou em lugar **(Sab 10, 2)** e estado de esperança, e não os abandonou nem castigou, como aos anjos rebeldes. Para garantir sua misericórdia aos descendentes de Adão, dispos todos os vaticínios e figuras do Antigo Testamento, o qual havia de confirmar e realizar em o Novo pela vinda do Redentor. Para fortificar esta esperança, prometeu, com juramento, a nosso pai Abraão **(Lc 1, 73)**, fazê-lo pai de seu povo **(Gn 22, 16, 18)** e pai da fé. Certificados do admirável dom de seu Filho feito homem para nos reengendrar na liberdade de seus filhos adotivos, poderíamos servir a Deus **(Lc 1, 74)** sem temor de nossos inimigos vencidos e subjugados por nosso Redentor **(Gal 4, 5)**.

296. Para entendermos o que a vinda do Verbo eterno nos conquistara, para servir ao Altíssimo na liberdade, explica: foi a justiça e santidade **(Lc 1, 75)** com que renovou o mundo e fundou sua nova lei da graça, por todos os séculos e para cada um dos filhos da Igreja. Nela, todos poderiam viver em santidade e justiça. Conhecendo Zacarias que em seu filho João começaria a realização dos mistérios que a luz divina lhe revelava, voltou-se para ele **(Lc 1, 76)** e, felicitando-o, profetizou sua santidade, dignidade e ofício, dizendo: E tu, menino, te chamarás profeta do Altíssimo; irás diante de sua face (sua divindade), preparando-lhe os caminhos, anunciando a seu povo **(Lc 1, 77)** a vinda de seu Redentor. Por tua pregação receberão os judeus conhecimento de sua eterna salvação, Cristo nosso Senhor **(Mc 1, 4)**, o prometido Messias. Preparem-se a recebê-lo com o batismo de penitência e remissão dos pecados, e saibam que Ele virá perdoar os seus e os de todo o mundo **(Jo 1, 29)**. A isto foi movido pelas entranhas de sua misericórdia **(Lc 1, 78)**, e não por nossos merecimentos **(Tit 3, 5)**. Por ela, dignou-se visitar-nos descendo do seio de seu eterno Pai para iluminar **(Lc 1, 79)** os que, ignorando a verdade por tão longos séculos, estiveram, e no presente estão, sentados nas trevas e sombras da eterna morte; e para guiar os seus e nossos passos no caminho da verdadeira paz que esperamos.

297. Através da divina revelação, todos estes mistérios foram entendidos por Zacarias com grande plenitude e profundidade e encerrados em sua profecia. Alguns dos presentes que o ouviram, foram também iluminados com os raios da luz do Altíssimo, conhecendo que já chegara o tempo do Messias e cumprimento das antigas profecias. Diante de tantas maravilhas e prodígios, perguntavam admirados **(Lc 1, 66)**: que virá a ser este

menino, sobre o qual a mão do Senhor se manifesta tão poderosa e admirável? Foi o menino circuncidado e lhe puseram o nome de João que pai e mãe, miraculosamente, haviam proposto. Cumpriram tudo o mais que a lei ordenava, divulgando-se pelas montanhas da Judéia **(Lc 1, 65)** esses maravilhosos acontecimentos.

Pergunta da escritora

298. Rainha e Senhora de toda a criação, admirada destas maravilhosas obras que, por vossa intervenção, operou Deus em vossos servos Isabel, João e Zacarias, considero os diversos modos empregados pela divina Providência e vossa exímia discrição. Para o filho e a mãe, vossa dulcíssima palavra serviu de instrumento para serem santificados com a plenitude do Espírito Santo, e isso foi realizado secretamente. Para Zacarias recuperar a fala e ser também iluminado, interveio apenas vossa oração e ordem oculta, e o fato foi conhecido pelos circunstantes que viram a graça do Senhor no santo sacerdote. Ignoro a razão destes prodígios, e apresento à vossa benevolência minha ignorância, para me esclarecerdes, já que sois minha mestra.

RESPOSTA E DOUTRINA DA RAINHA E SENHORA DO MUNDO.

Os mistérios divinos são manifestados em tempos e por modos diversos

299. Minha filha, por dois motivos os divinos efeitos que meu Filho santíssimo operou, por meu intermédio, em São João e em sua mãe Isabel foram ocultos, enquanto em Zacarias se manifestaram. Isabel, minha serva, ergueu a voz e louvou claramente ao Verbo encarnado em meu seio, e a Mim sua Mãe. Convinha que, por então, não fosse manifestado tão claramente aquele mistério, nem minha dignidade. A vinda do Messias deveria se revelar por outros meios mais convenientes. Por outro lado, nem todos os corações estavam dispostos como o de Isabel para receber tão nova e preciosa semente, nem acolheriam tão elevados sacramentos com a devida veneração. A mais disto, para manifestar o que então convinha, era mais apropriado o sacerdote Zacarias. Por causa de sua dignidade, o princípio da luz seria recebida com mais aceitação do que de Santa Isabel e na presença do marido. O que ela disse ficou reservado para tempo oportuno. Não obstante, as palavras do Senhor levarem sua força intrínseca, era meio mais propício e acomodado aos ignorantes e pouco iniciados nos mistérios divinos, serem estes apresentados pelo sacerdote.

Dignidade dos sacerdotes

300. Era também conveniente acreditar e honrar a dignidade do sacerdote **(Sl 104, 15)** tão estimada pelo Altíssimo. Quando Ele encontra em seus ministros a devida disposição, sempre os engrandece, comunicando-lhes seu espírito, para que o mundo os venere como a seus prediletos e ungidos. Neles, as maravilhas do Senhor não correm tanto risco por mais que se manifestem. Se correspondessem à sua dignidade, suas obras entre as demais criaturas seriam de serafins e seu semblante de anjo.

A face lhes resplandeceria como a de Moisés **(Ex 34, 29)** quando saiu da presença e diálogo com o Senhor. Se não chegarem a tanto, pelo menos devem viver entre os demais homens de maneira a se fazerem respeitar e venerar depois de Deus. Desejo, caríssima, que saibas quanto o Altíssimo está indignado atualmente com o mundo, pelas ofensas que, entre outras, recebe sobre este ponto, quer dos sacerdotes, quer dos leigos. Dos sacerdotes, porque esquecidos de sua altíssima dignidade, a ultrajam com seu proceder vulgar, desprezível, desenvolto, e às vezes escandaloso, dando mau exemplo ao mundo com o negligente descaso da própria santificação. Dos leigos, porque são temerários e atrevidos com a pessoa dos cristos do Senhor. Ainda que estes sejam imperfeitos e de proceder pouco louvável, os leigos os devem respeitar e reverenciar, por estarem na terra em lugar de Cristo, meu Filho santíssimo.

Respeito de Maria pelos sacerdotes

301. Esta veneração pelo sacerdote, levou-me a proceder com Zacarias de modo diferente do que com Isabel, ainda que o Altíssimo tivesse ordenado que Eu fosse o canal para lhes comunicar seu divino Espírito.

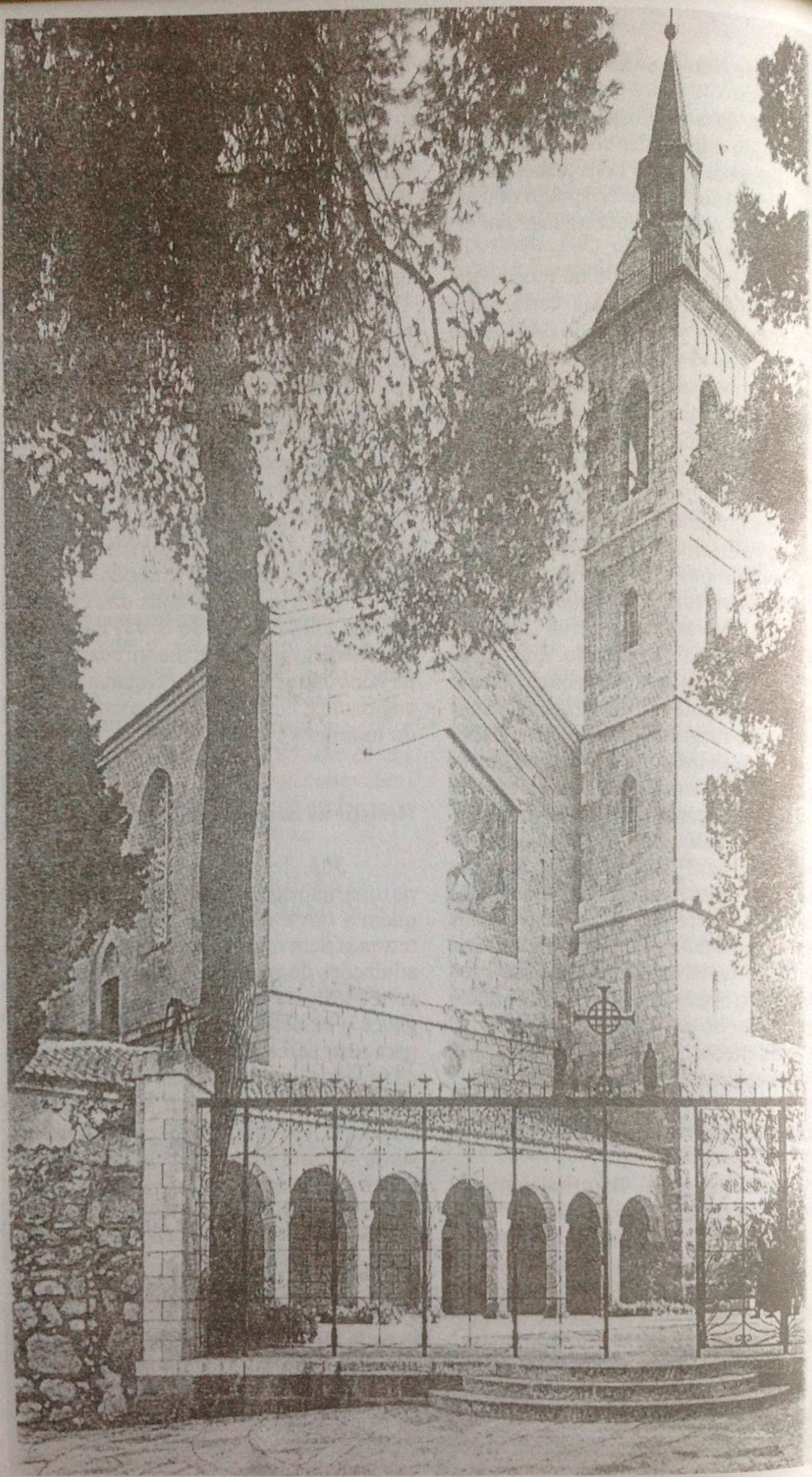
A Isabel saudei, de tal modo, que em minha voz transparecia certa autoridade para subjugar o pecado original de seu filho, que deveria ser apagado por meio de minha palavra, e em seguida deixar filho e mãe cheios do Espírito Santo. Como Eu não contraíra o pecado original, mas dele fui isenta, tive naquela ocasião sobre ele poder e domínio como Senhora que dele triunfara **(Gn 3, 5)** por preservação do Altíssimo. Não tinha a condição de escrava do pecado, como todos os filhos de Adão **(Rom 5, 12)** que nele pecaram. Para libertar meu servo João da servidão e cadeias do pecado, quis o Senhor que Eu imperasse como quem jamais lhe estivera sujeita. A Zacarias, não saudei com este modo de autoridade, mas rezei por ele, guardando-lhe a reverência exigida pelo decoro de sua dignidade e de meu recato. Mesmo o ordenar mental e secretamente à sua língua que se desatasse, nunca o faria se o Altíssimo não me ordenara. Deu-me também a entender que à pessoa do sacerdote não ficava bem aquele defeito da mudez, pois todas suas faculdades devem estar expeditas e preparadas para o serviço e louvor do Senhor. Sobre o respeito devido aos sacerdotes, te direi mais em outra ocasião. Por ora, basta isso para esclarecimento de tua dúvida.

Procurar conselho e fugir da lisonja

302. Quanto à doutrina para ti, seja que, ao tratares com qualquer pessoa, seja superior ou inferior, com todas procures te instruir no caminho da virtude e da vida eterna. Nisto imitarás o que fez comigo minha serva Isabel. Pede a todos, com o devido modo e prudência, que te ensinem e orientem. Por esta humildade, às vezes, dispõe o Senhor a boa direção e acerto concedendo sua luz divina; assim fará contigo se procederes com reta intenção e zelo pela virtude. Procura também expulsar de ti e não aceitar nenhuma espécie nem aparência de lisonjas de criaturas, e das conversações onde as podes ouvir. Elas fascinam, obscurecem a luz, pervertem a razão inadvertida. Tão ciumento é o Senhor com as almas que muito ama, que delas se retira no mesmo instante que aceitam louvores humanos e se comprazem em suas lisonjas **(Sab 4, 12)**, pois esta leviandade as torna indignas de seus favores. Não é possível subsistir numa alma a adulação do mundo e os carinhos do Altíssimo que são verdadeiros, santos, puros e estáveis. Eles produzem humildade, purificam, tranqüilizam e iluminam o coração. Ao contrário, as carícias e lisonjas das criaturas são vãs, **(Sl 1115, 11; Jo 8, 44)** inconstantes, falazes, impuras e mentirosas, saídas da boca daqueles que, ou enganam ou são enganados. E, tudo o que é mentira é obra do inimigo.

Resistir às adulações do mundo

303. Teu Esposo, minha filha caríssima, não quer que teus ouvidos se apliquem a ouvir e admitir falsas invenções terrenas nem que sejam manchados pelas adulações do mundo. Por isto, quero que os feches para todos estes venenosos enganos e os defendas, com forte custódia, para nem perceberes tais coisas. Se o Senhor se compraz em falar-te ao coração, razão será que para ouvir suas carícias e atender a seu amor, te faças insensível, surda e morta para as coisas da terra que devem ser tormento para ti. Lembra que lhe deves grande fidelidade, e que todo o inferno, valendo-se de teu temperamento afetuoso, quer pervertê-lo, tornando-o suave para as criaturas e ingrato para o Deus eterno. Vigia e cuida de lhe resistir forte **(1 Ped 5, 9)** na fé de teu amado Senhor e Esposo.



Santuário da Visitação: o mosaico da fachada da igreja superior representa a chegada da Virgem na casa de Isabel.

CAPÍTULO 24

VOLTA DE MARIA SANTÍSSIMA PARA NAZARÉ.

São José é avisado da volta de Maria santíssima

304. Para acompanhar Maria santíssima de volta à Nazaré, chamou Santa Isabel o felicíssimo esposo São José. Chegando este à casa de Zacarias foi recebido com incomparável devoção e reverência pelo venerando casal. Agora, também Zacarias era conhecedor de que o grande Patriarca tornara-se depositário dos sacramentos e tesouros do céu, embora o próprio José ainda o ignorasse. Recebeu-o sua Esposa com humilde e prudente alegria, e ajoelhando-se pediu a bênção como costumava e perdão por não o ter servido naqueles três meses que permanecera com sua prima Isabel. Verdade é que nisto não havia cometido falta nem imperfeição; pelo contrário, cumprira a vontade divina com grande agrado e beneplácito do Senhor e permissão de seu Esposo. Apesar disso, com aquela cortês e carinhosa humildade, a prudentíssima Senhora quis, de algum modo, dar a São José o consolo de que fora privado durante sua ausência. Respondeu-lhe São José que, só por vê-la, já ficava aliviado da pena que sofrera com sua falta. Depois de descansar alguns dias, dispuseram-se a partir.

Despedida de Maria a Zacarias

305. Foi despedir-se a Princesa Maria do sacerdote Zacarias. Ilustrado com a ciência do Senhor, conhecendo a dignidade de sua Virgem Mãe, falou-lhe Zacarias com suma reverência, como ao sacrário vivo da divindade e humanidade do Verbo eterno. Senhora minha-disse-lhe - louvai e bendizei eternamente a vosso Criador que se dignou, por sua infinita misericórdia, escolher-vos entre todas as criaturas para Mãe sua, depositária única de todos seus grandes bens e sacramentos. Lembrai-vos de mim, vosso servo, para pedir a vosso Deus e Senhor, me leve em paz deste desterro à segurança do verdadeiro bem que esperamos. Por Vós, mereça ser digno de chegar a ver sua divina face que é a glória dos santos. Lembrai-vos também, Senhora, de minha família, especialmente de meu filho João, e rogai ao Altíssimo por todo vosso povo.

Bênção de Zacarias à Maria santíssima

306. A grande Senhora pôs-se de joelhos diante do sacerdote e com profunda humildade pediu-lhe que a abençoasse. Esquivava-se Zacarias suplicando e dizendo que a Ela competia abençoá-lo. Ninguém, entretanto, podia vencer em humildade quem era mestra e Mãe desta virtude e de toda santidade. Deste modo, viu-se Zacarias obrigado a lhe dar sua bênção.

Inspirado por divina luz e usando expressões da sagrada Escritura, lhe disse: A destra do verdadeiro Deus todo-poderoso te assista sempre e te livre de todo mal (**Sl 120, 7, 5**): recebas a graça de sua eficaz proteção e sejas repleta do orvalho

do céu (**Gn 27, 28-29**), da fertilidade da terra, com abundância de pão e vinho: sirvam-te os povos e todas as tribos te venerem porque és o tabernáculo de Deus (**Ecli 24, 12**). Serás Senhora de teus irmãos e os filhos de tua mãe se ajoelharão em tua presença. Quem te exaltar e bendizer (**Gn 27, 29**) será bendito e engrandecido, e o que não te bendizer e louvar será maldito. Conheçam em ti o Deus das nações (**Jdt 13, 31**) e por ti seja glorificado o nome do Deus altíssimo de Jacó.

Simeão recebe a primeira notícia sobre o Messias

307. Em agradecimento desta profética bênção, Maria santíssima beijou a mão do sacerdote Zacarias, e lhe pediu perdão pelo que pudesse ter faltado durante a permanência em sua casa. Muito se enterneceu o santo ancião com a despedida e as palavras da mais pura e amável das criaturas, e guardou em seu íntimo o segredo dos mistérios que lhe haviam sido revelados na presença de Maria santíssima. Apenas uma vez, encontrando-se num grupo de sacerdotes que costumavam se reunir no templo, deixou transparecer alguma coisa. Sendo felicitado pelos colegas pelo nascimento de seu filho, e por haver terminado a provação de sua mudez, movido pela força do espírito, disse: Creio, com firmeza infalível, que o Altíssimo nos visitou, e já enviou ao mundo o Messias prometido para a redenção de seu povo. Ao ouvir estas palavras, o santo sacerdote Simeão que estava presente, foi tomado de viva emoção espiritual e exclamou: Não permitais, Senhor Deus de Israel que vosso servo deixe este vale de lágrimas, antes de ver vossa salvação e o Redentor de vosso povo. Destas palavras procederam as que, mais tarde, disse no templo (**Lc 1 desde o v. 28**) quando recebeu em seus braços o menino Deus na cerimônia da apresentação, como diremos adiante (1). Desde aquela primeira ocasião, foi-lhe sempre crescendo o desejo de ver o Verbo divino encarnado.

1 - Nº 599

Despedidas de Santa Isabel

308. Deixando Zacarias todo emocionado, foi Maria, Senhora nossa, despedir-se de sua prima santa Isabel. De coração feminino, mais terno e sensível, parente sua, tendo gozado tantos dias da suave convivência com a Mãe da graça, e recebido tantas graças do Senhor pela sua mediação, não era muito fosse vencida pela dor, ao ver ausentar-se a causa de tantos bens recebidos, e a presença e esperança de receber muitos outros. Partia-se o coração da santa matrona ao despedir-se da Senhora do céu e terra a quem amava mais que a própria vida. Afogavam-lhe as palavras as lágrimas e os soluços vindos do fundo do coração. A sereníssima Rainha, superior aos movimentos das paixões naturais, conservava-se com amável gravidade e inteiro domínio de si. Disse à Santa Isabel: - Prima e amiga minha, não vos aflijais tanto por minha partida, pois a caridade do Altíssimo, na qual verdadeiramente vos amo, não conhece separação nem distância de tempo e lugar. N'Ele vos vejo e sempre vos terei presente, e Vós também sempre me encontrareis no Senhor. Curto é o tempo em que ficamos corporalmente separadas, pois os dias da vida humana são tão breves (**Jo 14, 5**). Vencendo com a divina graça, nossos inimigos, bem depressa nos veremos felizes na celestial Jerusalém, onde não há dor, nem pranto (**Apoc 21, 4**) nem separação. Enquanto o esperamos caríssima, tereis todos os bens no Senhor, e a Mim também encontrareis n'Ele. Que Ele permaneça em vosso coração e vos conforte. Não continuou suas razões nossa prudentíssima Rainha, para não prolongar o pranto de Isabel. Ajoelhando-se, pediu-lhe a bênção e perdão pela moléstia que sua companhia lhe poderia ter dado, e insistiu até que Isabel a abençoou. A santa matrona, por sua vez, suplicou que a divina Senhora lhe retribuísse com outra bênção. Para não lhe recusar esta consolação, deu-lha Maria santíssima.

Despedidas do Batista

309. Foi a Rainha também ver o menino João. Recebeu-o nos braços e

lhe deu muitas bênçãos eficazes e misteriosas. O miraculoso infante, por divina disposição, falou à Virgem Mãe, ainda que em voz baixa e infantil, Disse-lhe: Mãe do mesmo Deus e Rainha de toda a criação; depositária do inestimável tesouro do céu, meu amparo e protetora; abençoai a vosso servo, e não me falte vossa graça e intercessão. Beijou três vezes a mão da Rainha, e adorou em seu virginal seio o Verbo humanado, pedindo-lhe sua bênção e graça, e oferecendo-se, com suma veneração, ao seu serviço. O menino Deus mostrou agrado e benevolência ao seu precursor. A feliz mãe, Maria santíssima tudo presenciava, agindo com plenitude de ciência divina e dando a cada um destes mistérios a veneração e apreço devidos, por que tratava magnificamente à sabedoria de Deus e suas obras (**2 Mac 2,9**).

Partida de Maria santíssima e São José

310. Com a presença de Maria santíssima e do Verbo humanado em seu seio, ficou a casa de Zacarias santificada, edificada com seu exemplo, instruída por sua conversação e doutrina, afeiçoada a seu dulcíssimo trato e modéstia. Levando-lhes o coração, deixou a todos daquela ditosa família, cheios de dons celestiais que lhes mereceu e obteve de seu Filho santíssimo. Seu santo esposo José conquistou a veneração de Zacarias, Isabel e João, conhecedores de sua dignidade, antes de que a ele mesmo fosse revelado. Despediu-se de todos o feliz Patriarca, alegre com a posse de seu tesouro, apesar de ainda não lhe conhecer toda a preciosidade. Partiram para Nazaré. O que sucedeu na viagem, direi no capítulo seguinte. Antes de começá-la Maria santíssima pediu a bên-

ção de joelhos a seu esposo, como em tais ocasiões costumava. Tendo-a ele dado, puseram-se a caminho.

DOUTRINA DA RAINHA MARIA SANTÍSSIMA

A alma perfeita deve ser disponível

311. Minha filha, a ditosa alma a quem Deus escolhe para sua intimidade e alta perfeição, deve ter o coração sempre preparado **(Ecli 2, 20)** e disponível para tudo o que o Senhor quer dispor e fazer com ela. Sem resistência, prontamente deve executá-lo. Assim procedi quando o Altíssimo ordenou-me sair de casa e deixar meu querido recolhimento para ir à de minha serva Isabel. Do mesmo modo me ordenou de lá voltar. Tudo executei com pronta alegria. Ainda que de Isabel e sua família recebi tantos benefícios, e fosse grande o meu amor e benevolência por eles, ao conhecer a vontade de Deus, renunciei a todo o desejo próprio, sem deixar de lhes ser agradecida. Fazendo o que era compatível com a caridade e compaixão, deixei tudo mais, para obedecer prontamente às divinas ordens.

O desprendimento é condição para o perfeito amor

312. Minha filha caríssima, como procurarias esta verdadeira e perfeita resignação, se conhecesses todo seu valor, quanto é agradável aos olhos do Senhor e útil e proveitosa para a alma! Trabalha, pois por adquiri-la, imitando-me, como tantas vezes te convido e procuro persuadir. O maior impedimento para chegar a este grau de perfeição é admitir afetos ou inclinações particulares a coisas terrenas, porque estas tornam a alma indigna de ser escolhida para o Senhor nela ter suas delícias e lhe manifestar sua vontade. Mesmo quando a conhece, a alma é embaraçada pelo amor vil que dedica a outras coisas, e este apego lhe impede a prontidão e alegria com que deve obedecer ao gosto do Senhor. Reconhece, minha filha, este perigo, e não admitas em teu coração afeto algum particular. Desejo-te muito perfeita e sábia nesta arte do amor divino, de tal modo que tua obediência seja de anjo e teu amor de serafim.

Quero que sejas assim em todas tuas ações, pois a isto te obriga meu amor e a ciência e luz com que és instruída.

Renúncia, obediência, veneração pelos sacerdotes, cumprimento do dever

313. Não quero dizer que hás de ser insensível, pois isto é naturalmente impossível à criatura. Mas, quando te acontecer qualquer adversidade, ou te faltar o que te parece útil, necessário ou apetecível, então com alegre conformidade abandona-te ao Senhor. Faze-lhe um sacrifício de louvor por se cumprir em ti sua santa vontade, preocupando-te somente com o beneplácito de sua divina disposição.

Lembrando-te que tudo o mais é momentâneo, achar-te-ás disposta para facilmente te venceres, e todas as ocasiões te servirão para te humilhares sob **(1 Ped 5, 6)** a mão do Senhor. Advirto-te também a me imitares no respeito e veneração pelos sacerdotes. Ao falares e despedir-te deles, pede-lhes sempre a bênção. O mesmo farás com o Altíssimo ao começares qualquer coisa. Com os superiores mostra-te sempre dócil e obediente. Às mulheres que vierem te pedir conselho, se forem casadas, admoesta-as para serem obedientes a seus maridos, **(Tit 2, 5)** dóceis e pacíficas na família, recolhidas em casa, cuidadosas no cumprimento de suas obrigações. Contudo, não se afoguem, nem se entreguem completamente às preocupações, com pretexto de necessidade. Mais lhes valerá a bondade e liberalidade do Altíssimo, do que sua demasiada atividade. Nos acontecimentos de minha vida durante essa época, encontrarás para isso verdadeiro exemplo e doutrina. Aliás, toda minha vida o é para as almas agirem com perfeição em qualquer estado de vida. Por isto, não te dou advertências para cada um em particular.

CAPÍTULO 25

VIAGEM DE MARIA SANTÍSSIMA AO VOLTAR DA CASA DE ZACARIAS PARA NAZARÉ.

Maria, o peregrino tabernáculo do Senhor

314. Para voltar da cidade de Judá à Nazaré, Maria santíssima, animado tabernáculo (**Apoc 21, 3**) do Deus vivo, tornou a percorrer as montanhas da Judéia em companhia de seu fiel esposo José. Não referem os Evangelistas a pressa com que fez esta viagem, como diz São Lucas da primeira (**Lc 1, 39**), na qual havia especial mistério. Mas, também na volta à Nazaré, caminhou a Princesa do céu com grande presteza para os sucessos que a esperavam em seu lar. Todas as peregrinações desta divina Senhora foram mística demonstração de seus progressos espirituais e interiores. Era o verdadeiro tabernáculo do Senhor (**1 Par 17, 5**) que nunca repousava definitivamente na peregrinação da vida mortal. Progredindo todos os dias, de alto estado de sabedoria e graça para outro mais elevado, sempre caminhava, e sempre era única e peregrina neste caminho para a terra prometida (**Nm 7, 89**). Transportava consigo o verdadeiro propiciatório e, ao mesmo tempo em que continuamente crescia nos próprios dons, solicitava e adquiria a salvação para nós.

A Virgem não quis ser isenta do sacrifício

315. Gastaram nesta jornada, nossa grande Rainha e S. José, outros quatro dias, como na vinda que descrevi no capítulo 16 nº 207. O modo como a fizeram, as divinas palestras que entretinham durante o caminho, foram da mesma forma como lá disse, e não é necessário repetir. Nas competições de humildade, sempre vencia nossa Rainha, salvo quando seu santo Esposo interpunha sua autoridade. Ainda assim vencia, pois submeter-se obediente, vinha a ser maior humildade. Estando no terceiro mês da gestação, caminhava mais atenta e cuidadosa. Não que sua gravidez lhe fosse onerosa, pelo contrário, era-lhe suavíssimo repouso. Mas, prudente e solícita Mãe, cuidava muito do tesouro que contemplava em seu seio, acompanhando o natural desenvolvimento do corpo santíssimo de seu Filho. Não obstante, algumas vezes se fatigava com a caminhada e o calor, porque não se valia dos privilégios de Rainha e Senhora para evitar o sofrimento. Desejava sentir o cansaço e os incômodos, para ser em tudo mestra de perfeição e fiel retrato de seu Filho santíssimo.

Apreensões de Maria

316. Sendo sua gravidez, por parte da natureza, tão perfeita, e sua pessoa elegantíssima e sem defeito algum, começavam a aparecer os primeiros indícios de seu estado. Reconhecia a discretíssima Esposa que seria impossível passar despercebida, por muito tempo, ao seu castíssimo e fiel Esposo. Esta consideração aumentava-lhe a ternura e compaixão por ele, prevendo o sobressalto que brevemente sofreria, e que lhe quisera evitar, se fosse vontade divina. O Senhor, porém, não lhe respondeu a este cuidado, porque

dispunha os acontecimentos por meios mais oportunos, para glória sua e méritos de São José e de sua Virgem Mãe. Apesar disso, em segredo, a grande Senhora pedia a Deus que preparasse o coração do santo Esposo com a paciência e sabedoria de que iria necessitar; que o assistisse com sua graça, para que nas circunstâncias que o esperavam, procedesse segundo o beneplácito e agrado da vontade divina. Não duvidava que ele sofreria grande desgosto ao vê-la grávida.

Benefícios operados pela caridade da Virgem

317. Prosseguindo a viagem, realizou a Senhora do mundo algumas obras admiráveis, ainda que sempre de modo oculto. Num lugar próximo de Jerusalém, no mesmo pouso em que se alojaram, aconteceu chegarem algumas pessoas de outro lugarejo. Iam à cidade santa, levando uma jovem enferma em busca de recursos para tratamento da saúde. Ignoravam a natureza e a causa de suas enfermidades. Fora aquela mulher muito virtuosa. Vendo-a o demônio tão adiantada na virtude, investiu contra ela, como sempre o faz contra os amigos de Deus e inimigos seus. Perseguindo-a, fê-la cair em algumas culpas, e para levá-la de um abismo a outro, tentou-a com falsas ilusões de desconfiança e com desordenado desgosto da própria desonra. Perturbando-lhe assim o espírito, conseguiu o dragão entrar na aflita mulher e possuí-la com muitos outros demônios. Já disse, na primeira parte (1), que o infernal dragão

1 - nº 132

concebeu grande ira contra todas as mulheres virtuosas, depois que viu no céu aquela mulher vestida do sol **(Apoc 12, 1)**, a cuja descendência pertencem as demais que a seguem, como se colige do capítulo doze do Apocalipse. Por causa deste ódio, sentia-se muito ufano **(Apoc 12, desde o v. 13)** com a posse do corpo e alma daquela aflita mulher a quem tiranizava cruelmente.

Cura de uma possessa

318. Viu nossa divina Princesa aquela doente e conheceu-lhe a enfermidade que os outros ignoravam. Movida por sua maternal misericórdia, orou pedindo a seu Filho lhe desse saúde de corpo e alma. Conhecendo que a vontade divina se inclinava à clemência, usou o poder de Rainha, e mandou aos demônios que saíssem imediatamente daquela mulher; que a deixassem livre sem voltar a molestá-la e se retirassem aos abismos, sua legítima residência. Este mandato de nossa grande Rainha e Senhora não foi vocal mas apenas mental. Sentiram-no os imundos espíritos, e foi tão poderoso que instantaneamente, Lúcifer e seus comparsas, saíram daquele corpo e se lançaram nas trevas infernais. Ficou a feliz mulher libertada e atônita com tão inesperado sucesso. Seu coração encheu-se de afeto pela puríssima e santíssima Senhora. Sentiu por Ela especial veneração e afeto que lhe obtiveram outras duas graças: a íntima contrição de seus pecados, e a libertação dos maus efeitos e vestígios que lhe haviam deixado no corpo aqueles injustos possuidores. Reconheceu que aquela divina forasteira que, para sua grande felicidade, encontrara no caminho, tinha parte no bem que recebera do céu. Dirigiu-lhe a palavra, e respondendo-lhe nossa Rainha tocou-lhe o coração, e não só a exortou ao bem, como também lhe alcançou a perseverança nele. Os parentes que acompanhavam a enferma viram o milagre, mas o atribuíram à promessa que iam cumprindo de levá-la ao templo de Jerusalém e ali oferecer alguma esmola. Assim o fizeram, louvando a Deus, mas sem saber quem havia sido o instrumento daquele favor.

Conversão de um pecador. Chegada à Nazaré

319. Grande e furiosa foi a perturbação de Lúcifer, vendo-se expulso e desalojado daquela mulher, apenas com o mandato de Maria santíssima. Admirado, raivoso e indignado dizia: Quem é esta mulherzinha que nos ordena e nos domina com tamanha força? Que novidade é esta, e como poderá suportá-la minha soberba? Convém não deixar isto passar, e cuidemos de a aniquilar. Como no capítulo seguinte falarei mais sobre este ponto, deixo-o agora. Chegaram nossos divinos viajantes a outra pousada, cujo dono era homem de mau gênio e costumes. Para começo de sua felicidade, dispos Deus que recebesse Maria santíssima e seu esposo José com ânimo benévolo e piedoso. Prodigalizou-lhes mais cortesia e atenções do que costumava fazer aos outros hóspedes. Para que a recompensa fosse mais generosa, a grande Rainha conheceu o estado corrompido da consciência de seu hospedeiro. Rezou por ele, e deixou-lhe o fruto desta oração como pagamento da hospedagem: a justificação de sua alma, a vida corrigida e até os bens materiais melhorados, pois Deus os aumentou dai em diante, por causa do pequeno benefício prestado aos dois soberanos hóspedes. Outras muitas maravilhas realizou a Mãe da graça nessa viagem, porque suas emissões **(Cant 4, 13)** eram divinas e tudo santificava nas almas bem dispostas. Chegados à Nazaré, a Princesa do céu limpou e arrumou sua casa, auxiliada pelos santos anjos que, nestas humildes tarefas, sempre a acompanhavam, como êmulos de sua humildade e zelosos de sua veneração e culto. São José desempenhava seu trabalho ordinário para sustentar a Esposa e Ela não decepcionava o coração do Santo. Cingia-se de nova fortaleza para os mistérios que aguardava, e empregava suas mãos em coisas árduas **(Prov 31, 11-17-19)**. Em seu interior gozava da visão contínua do tesouro que trazia no seio, e de incomparáveis favores, delícias e consolos. Conquistava grandiosos méritos e a indizível complacência de Deus.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

Exercícios da vida espiritual

320. Minha filha, as almas fiéis que conhecem a Deus pela luz da fé e são filhas da Igreja, não deviam fazer diferença de tempo, lugar ou ocupação, para exercitar essa virtude e as demais que, com a fé, lhes foram infundidas. Deus está presente em todas as coisas e as enche com seu ser infinito **(Jer 23, 24)**. Em qualquer lugar e ocasião pode-se praticar a fé para conhecê-lo em espírito e verdade **(Jo 4, 22-23)**. Na vida natural, após a criação pela qual se recebe o princípio do ser físico, segue-se a conservação. A vida e a respiração não admitem interrupção. Também a nutrição e o crescimento não podem cessar enquanto não chegam ao termo. De igual modo, a criatura racional, depois de ser gerada pela fé e pela graça, não devia jamais interromper o desenvolvimento desta vida espiritual. Cumpre alimentá-la com obras vivas **(Tgo 2, 26)** em todo tempo e lugar, pelo exercício da fé, esperança e amor. Por causa do esquecimento e descuido nisto, os homens em geral, e os próprios filhos da Igreja, vêm a ter a vida da fé como se não a tivessem, porque a deixam morrer e perdem a caridade. São estes que receberam em vão **(Sl 23, 4)** esta nova alma, como diz David, porque não usam dela, como se a não tivessem recebido.

Presença de Deus, zelo pelas almas

321. Desejo, caríssima, que em tua vida espiritual não haja intervalos e vazios como não os tem a natural. Deves exercitar a vida da graça e operar com os dons do Altíssimo, orando, amando, louvando, crendo, esperando e adorando este Senhor, em espírito e verdade **(Jo 4, 23)**, continuamente, sem diferença de tempo, ocupações ou lugar. Ele está presente em tudo, e quer ser amado e servido por todas as criaturas racionais. Quando vierem a ti almas esquecidas destas verdades, com outras culpas ou oprimidas pelo demônio, encarrego-te de pedires por elas, com viva fé e confiança. Se o Senhor não atender sempre como desejas e elas querem, fá-lo-á de outro modo, ocultamente, e tu lhe terás dado gosto, trabalhando como filha e esposa fiel. Se em tudo procederes conforme Ele quiser, asseguro-te que te concederá muitos privilégios de esposa, para o bem das almas. Atende ao que eu fazia quando via almas sem a graça do Senhor, e o cuidado e zelo com que trabalhava por todas, e em particular por algumas. À minha imitação, e para empenhar-me, quando o Altíssimo te manifestar o estado de algumas almas, ou elas te revelarem, trabalha e reza por elas, aconselha-as com prudência, humildade e recato. O Todo-poderoso não quer que trabalhes com ruído, nem que o resultado de teus esforços apareça, mas se conserve oculto. Nisto leva em consideração tua vontade e natural retraimento e dispõe para ti o mais seguro. Deverás pedir por todas as almas, mas com mais empenho por aquelas que conheceres ser da vontade de Deus que peças por elas.

CAPÍTULO 26

CONCILIÁBULO DOS DEMÔNIOS NO INFERNO CONTRA MARIA SANTÍSSIMA

Investigação dos demônios

322. No momento em que se realizou a Encarnação, - como disse acima, capítulo 11, número 140, - Lúcifer e todo o inferno sentiram a força do poder do Altíssimo que os lançou no mais profundo das cavernas infernais. Oprimidos, ali permaneceram alguns dias, até que o Senhor, com sua admirável providência, permitiu que saíssem daquela opressão cuja causa ignoravam. Levantou-se o grande dragão, e saiu para rodear a terra, investigando por toda ela, se haveria alguma novidade a que atribuir o que lhe sucedera. Não quis o soberbo príncipe das trevas confiar este cuidado só a seus aliados, mas acompanhou-os percorrendo todo o orbe. Com suma astúcia e malignidade, andou inquirindo e espreitando, por diversos modos, para apurar o que desejava. Nesta diligência gastou três meses, no fim dos quais voltou ao inferno, tão ignorante da verdade como dele saira. Não devia, por então, entender tão divinos mistérios. Sua tenebrosa maldade não gozaria de seus admiráveis efeitos, nem por eles glorificaria seu benfeitor e Criador, como nós a quem se destinou a Redenção.

Temores de Lúcifer

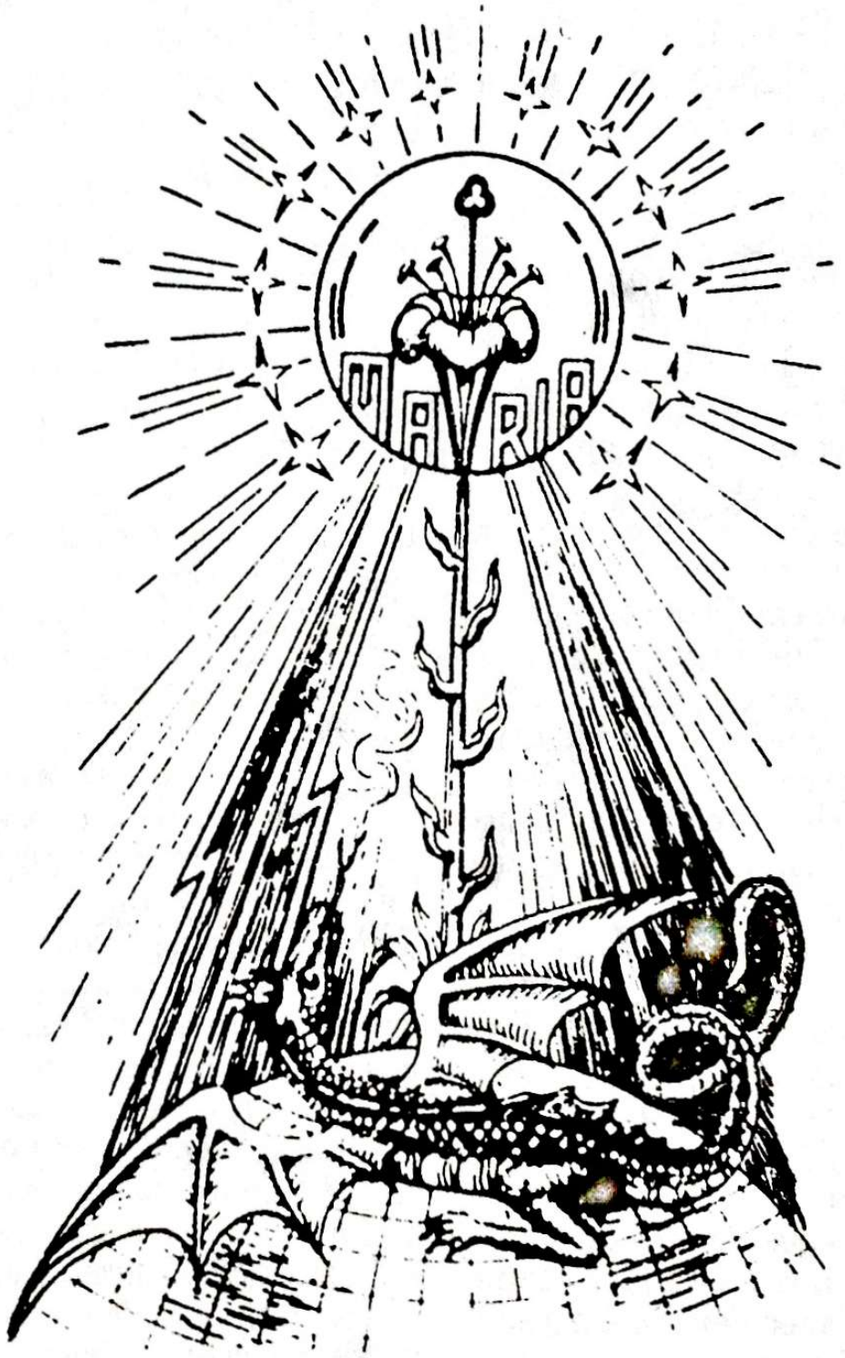
323. Confuso e angustiado, o inimigo de Deus não sabia a que atribuir sua nova desdita, e para resolver o caso convocou todas as quadrilhas infernais, sem faltar um só demônio. Presidindo o conciliábulo, lhes expos esta ponderação: Bem sabeis, súditos meus, que desde que Deus destruiu nosso poder e nos expulsou de sua casa, tenho empregado grande solicitude para me vingar e destruir o seu poder. E, ainda que a Ele não posso atingir, não tenho perdido tempo, nem ocasião, para conquistar ao meu dominio os homens que Ele ama. Com meu poder povoei meu reino (**Jo 41, 25**) e tenho muitos povos e nações que me seguem e obedecem (**Lc 4, 6**). Todos os dias ganho inumeráveis almas, afastando-as do conhecimento e obediência a Deus, para não chegarem a gozar o que nós perdemos.

Hei de trazê-las a estas penas eternas que padecemos, pois seguiram meus caminhos e minha doutrina. Nelas vingarei o ódio que concebi contra seu Criador. Todo o referido, porém, me parece pouco, e sinto-me sobressaltado por esta novidade que acabamos de sofrer. Desde que nos precipitaram do céu, nunca sucedeu coisa como esta, nem tão grande força oprimiu e aniquilou as minhas e vossas forças, como estamos verificando. Este efeito tão novo e extraordinário, sem dúvida, tem novas causas, e por vosso abatimento, sinto grande temor de que nosso império haja se arruinado.

O ódio de Lúcifer contra Maria

324. Este negócio exige particular atenção. Meu furor está firme e a ira de minha vingança insatisfeita. Saí e rodeei todo o orbe, fiz com grande cuidado o reconhecimento de todos seus moradores e nada encontrei de notável. Observei e per-

segui as mulheres virtuosas da espécie daquela nossa inimiga que vimos no céu, talvez a encontrasse entre elas. Não vejo indícios de que haja nascido, pois em nenhuma encontro as condições que, me parece, deve ter a Mãe do Messias. Uma donzela de grandes virtudes que eu temia e persegui no templo, já está casada. Assim, não pode ser aquela que procuramos, porque Isaias disse que Ela seria virgem **(Is 7, 14)**. Apesar disso, a temo e odeio



porque é possível que, sendo tão virtuosa, dela venha a nascer a Mãe do Messias ou algum grande profeta. Até agora não a pude vencer em coisa alguma, e de sua vida entendo menos do que das outras. Sempre me tem resistido invencivelmente. Facilmente dela me esqueço, e quando me lembro não lhe posso aproximar muito. Não acabo de compreender se esta dificuldade e esquecimento são misteriosos ou nascem de meu desprezo por essa mulherzinha. Vou, porém, prestar mais atenção, porque nestes dias, duas vezes nos ordenou e não pudemos resistir ao império e valor com que nos expulsou daquelas pessoas de que nos havíamos apossado. Isto é sério, e só pelas provas que deu nestas ocasiões, merece minha indignação. Estou resolvido a persegui-la e derrotá-la. Com todas vossas forças e malícia ajudai-me, e quem se distinguir nesta vitória, receberá grandes prêmios do meu grande poder.

Combate entre Maria e os demônios

325. A infernal canalha que, atenta, ouvia Lúcifer, louvou e aprovou suas decisões. Disseram-lhe que não se perturbasse, pois, por causa daquela mulher não seriam prejudicados e menos ainda perdi-

dos os seus triunfos, pois seu poder estava tão pujante e se estendia em quase todo o mundo (**Ef 2, 2; Jo 14, 30**). Foram logo cogitando os meios que usariam para perseguir Maria santíssima. Consideravam apenas suas singulares virtudes e santidade, e não sua condição de Mãe do Verbo humanado, dignidade e mistério que os demônios ainda ignoravam, como disse acima (1). Deste conciliábulo, seguiu-se prolongado combate entre a divina Princesa, Lúcifer e seus ministros de maldade, a fim de que muitas vezes Ela esmagasse a cabeça (**Gn 3, 15**) deste dragão infernal. Grande e singular foi esta batalha na vida da grande Senhora, mas travou outra ainda maior depois que seu Filho santíssimo subiu aos céus. Desta última falarei na terceira parte (2) desta História.

Muito misteriosa foi esta peleja, porque então Lúcifer já sabia que Ela era Mãe de Deus. Sobre este sucesso, falou São João no capítulo doze do Apocalipse, como direi em seu lugar.

Dúvida dos demônios

326. Admirável foi a providência do Altíssimo no ordenamento dos incomparáveis mistérios da Encarnação, assim como agora o é no governo da Igreja católica. Não há dúvida, que convinha a esta forte e suave providência esconder muitas coisas aos demônios. Indignos de conhecer estes mistérios, como disse acima (3), estes inimigos devem manifestar o poder divino permanecendo subjugados a ele. Além disto, quando ignoram os fatos que Deus lhes oculta, transcorre mais suavemente a ordem da Igreja e a realização dos mistérios divinos. A excessiva ira diabólica é assim melhor contida, quando Deus não lhe quer permitir a ação diabólica. Ainda que sempre o podia e pode reprimir o Altíssimo usa o modo mais conveniente à sua infinita bondade. Por esta razão, ocultou a estes inimigos a dignidade de Maria santíssima, a origem miraculosa de sua gravidez, como também sua integridade virginal antes e depois do parto. O fato dela se ter desposado encobria, muito naturalmente, seus privilégios.

Não tiveram também conhecimento certo da divindade de Cristo Senhor nosso, a não ser na hora de sua morte. A partir desse momento, é que entenderam muitos mistérios da Redenção, que antes os alucinaram. Se, então os tivessem compreendido, teriam procurado impedir a sua morte, como disse o Apóstolo (**1 Cor 2, 8**), antes do que incitar os judeus a lha tornarem tão cruel, como adiante narraremos (4). Teriam procurado impedir a Redenção, revelando ao mundo que Cristo era verdadeiro Deus. Por isto, quando São Pedro assim o compreendeu e declarou (**Mt 16, 20**) o Senhor ordenou a ele, e aos demais apóstolos, que não o dissessem a ninguém. Os milagres operados pelo Salvador, a expulsão dos demônios dos possessos, levavam os maus espíritos, como refere S. Lucas (**Lc 4, 28; 8, 34, 35**), a suspeitar que era o Messias, chamando-O Filho de Deus altíssimo, o que o Senhor não consentia que dissessem. Tampouco o afirmavam com certeza, porque ao verem Cristo, Senhor nosso, pobre, desprezado e sujeito à fadiga, logo se desvaneciam suas suposições.

Cegos pela soberba, nunca puderam penetrar o mistério da humildade do Salvador.

Perplexidade diabólica

327. Se, quando ainda desconhecia sua dignidade de Mãe de Deus esta perseguição preparada por Lúcifer contra Maria foi terrível, mais cruel seria a outra que lhe moveu quando já sabia quem era Ela. Se nesta ocasião, de que vou falando, a tivesse conhecido como aquela mulher que vira no céu, vestida de sol (**Apoc 12, 1**), destinada a lhe esmagar a cabeça (**Gn 3, 15**), ter-se-ia enfurecido de tal modo, a se transformar todo em raios de cólera. Se, considerando-a apenas mulher santa e perfeita, indignaram-se tanto, é indubitável que conhecendo sua excelência, teriam o quanto lhes fosse possível, alterado toda a natureza para a perseguir e aniqui-

1 - nº 130
2 - nº 451 a 457
3 - nº 318

4 - Abaixo nº 1228, 1251, 1259, 1273

lar. O dragão e seus aliados sentiam-se perplexos: se, por um lado desconheciam o oculto mistério da divina Senhora, por outro, experimentavam sua poderosa virtude e extrema santidade. Confusos, andavam observando e conjecturando entre eles: quem seria aquela mulher, contra quem suas forças eram tão fracas? Seria por ventura, aquela que entre as criaturas ocuparia a mais proeminente posição?

Lúcifer não compreende a sabedoria divina

328. Alguns respondiam achar impossível ser aquela mulher a Mãe do Messias esperado pelos fiéis. Além de ter marido, eram ambos pobres, humildes e pouco aplaudidos no mundo. Não se exibiam com milagres e prodígios, nem procuravam ser estimados e temidos pelos homens. Sendo Lúcifer, e seus ministros, tão soberbos, não podiam se persuadir ser compatível a grandeza e dignidade de Mãe de Deus com tão grande desprezo de si mesma e rara humildade. O que a ele, muito menor em excelência, tanto havia repugnado, julgavam que de modo algum o Poderoso escolheria para Si.

Finalmente, acabou enganado pela própria arrogância e pretenciosa soberba que são os mais tenebrosos vícios para cegar o entendimento e precipitar a vontade. Por isto, disse Salomão **(Sab 2, 21)**, que a própria malícia os cegou e não compreenderam que o Verbo eterno escolheria tais meios, justamente para destruir sua arrogância e altivez. Os pensamentos deste dragão se distanciam dos juízos do altíssimo Senhor **(Is 55, 9)** mais do que o céu da terra. Julgava que Deus desceria ao mundo para o vencer, com grande aparato e ruidosa ostentação; que humilharia com seu poder aos soberbos, e a muitos príncipes e monarcas que o demônio pervertera antes da vinda de Cristo nosso Senhor. Mostravam-se estes homens tão cheios de soberba e presunção, que pareciam ter perdido o juízo e a lembrança de serem terrenos e mortais. Tudo isto media Lúcifer por sua própria cabeça. Parecia-lhe que, em sua vinda, Deus procederia do mesmo modo que ele, quando com ódio e furor ataca as obras de nosso Senhor.

Deus age ao contrário dos demônios

329. Deus, porém, que é infinita sabedoria, fez tudo ao contrário do que julgou Lúcifer. Veio vencê-lo, não apenas com sua onipotência, mas com humildade, mansidão, obediência e pureza. Estas são as armas de sua milícia **(2 Cor 10, 4)**, e não a ostentação, fausto e vaidade mundana sustentadas pelas riquezas terrenas. Veio oculto, sem aparato. Escolheu Mãe pobre. Tudo quanto o mundo aprecia, veio desestimar, para ensinar a ciência da vida com doutrina e exemplo. Com isto, o demônio foi enganado e vencido pelos meios que mais o oprimem e atormentam.

Esforços de Lúcifer para vencer Maria

330. Ignorando todos estes mistérios, andou Lúcifer alguns dias sondando e examinando a condição natural de Maria: sua compleição, temperamento, inclinação, a serenidade de seus atos tão cheios de equilíbrio, pois este exterior não lhe era escondido. Percebeu e verificou que tal conjunto de perfeições constituía muralha invencível para seus ataques. Voltou a consultar os demônios, expondo-lhes a dificuldade que sentia para tentar aquela mulher. A empresa era muito séria. Fabricaram todos, grandes e diferentes máquinas de tentações para atacá-la, auxiliando-se mutuamente nessa batalha. Nos capítulos seguintes falarei sobre a execução desses projetos e do glorioso triunfo obtido pela soberana Princesa sobre todos estes inimigos e seus danados e malignos conselhos forjados na iniquidade.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

331. Minha filha, quero que tenhas muita advertência e atenção, para não seres dominada pela ignorância e trevas, que comumente, obscurecem os mortais esquecidos da eterna salvação. Não consideram o perigo que correm, na incessante perseguição que os demônios movem para perdê-los. Dormem os homens, descansam, e se descuidam, como se não ti-

vessem inimigos fortes e vigilantes. Este tremendo descuido tem duas causas: primeira, estarem os homens tão entregues ao que é terrestre (**1 Cor 2, 14**), animal e sensível, que não sabem sentir outras feridas senão as que lhes tocam nos sentidos corporais. Tudo o mais que é interior, pensam que não os atinge.

A segunda é porque os príncipes das trevas são invisíveis (**Ef 6, 12**) e inatingíveis pelos sentidos. Como os homens carnais não os tocam, nem os vêem nem os sentem, esquecem-se de os temer, quando por essa mesma razão é que deveriam estar mais atentos e acautelados. Os inimigos invisíveis são mais atentos e destros para atacar traiçoeiramente. O perigo é tanto maior, quanto menos percebido, e as feridas tanto mais mortais, quanto menos sensíveis e perceptíveis.

Sanha diabólica contra os homens

332. Ouve filha, as verdades mais importantes para a eterna e verdadeira vida. Atende a meus conselhos, pratica minha doutrina, recebe minhas admoestações, porque se te entregares ao descuido eu me calarei. Adverte, pois, o que até agora não compreendeste a respeito destes inimigos. Faço-te saber que nenhum entendimento e língua humana ou angélica, podem explicar a ira (**Apoc 12, 12**) e furibunda sanha que Lúcifer e seus demônios concebem contra os mortais, por serem estes imagens de Deus, com capacidade para d'Ele gozarem eternamente. Só o Senhor compreende a iniquidade e malvadeza daquele coração soberbo e rebelado contra sua adoração e santo nome. Se seu divino poder não contivesse estes inimigos, num momento destruiriam o mundo, e melhor do que dragões, feras e leões famintos, chacinariam todos os homens. O Pai das misericórdias, porém, como ternissimo Pai, contém essa ira e guarda nos braços seus filhinhos, para não serem vítimas do furor desses lobos infernais.

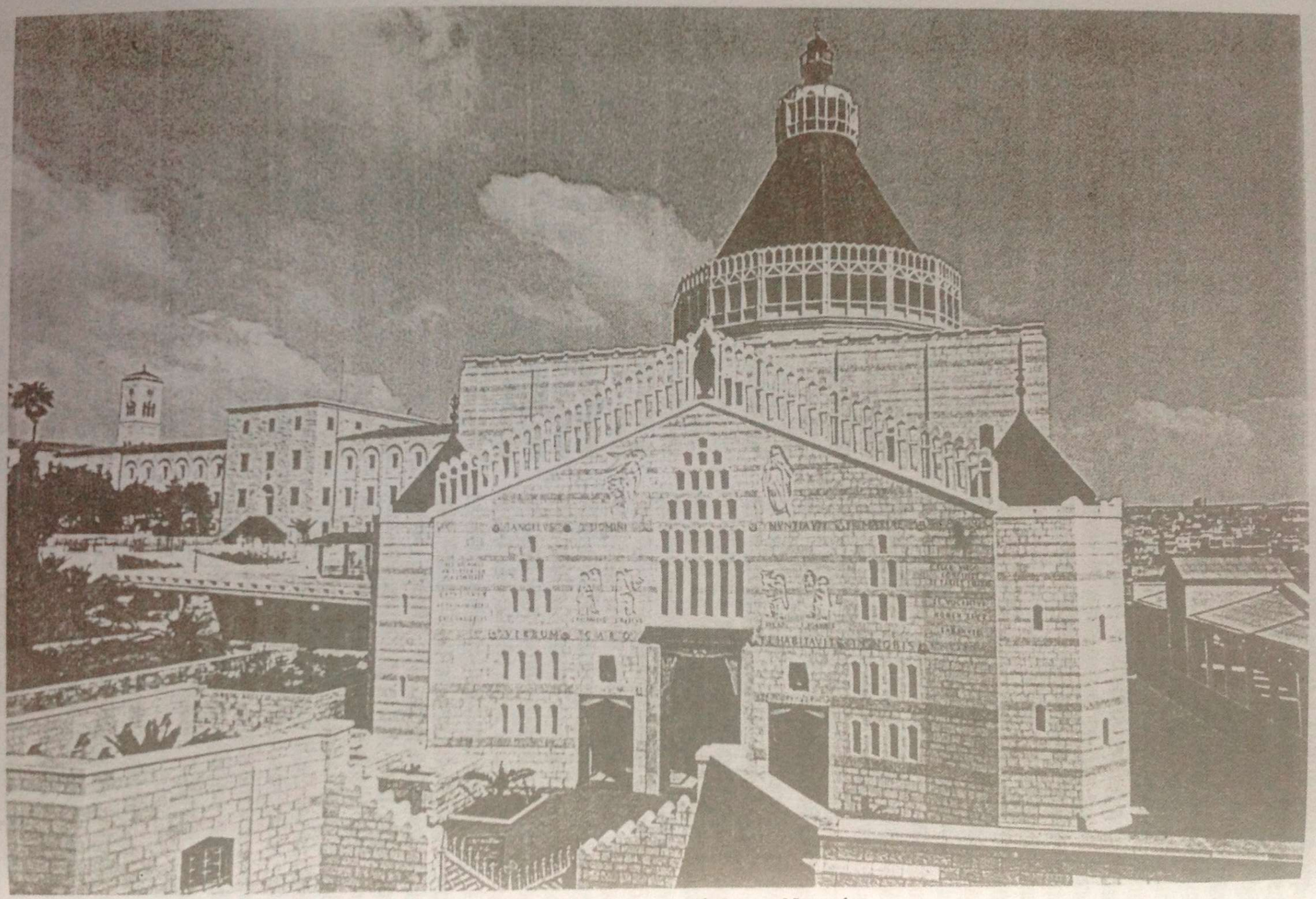
Loucura dos que se entregam à perdição

333 - Agora, considera com a ponderação de que és capaz, se há dor para mais se lamentar, do que ver tantos homens cegos e esquecidos de tal perigo. Uns, por leviandade e insignificantes motivos, ou por um deleite momentâneo; outros, por negligência ou por apetites desordenados; todos se atiram, voluntariamente, do abrigo onde os guarda o Altíssimo, às furiosas mãos de tão ímpios e cruéis inimigos. E isto, não para que durante uma hora, um dia, um mês ou um ano, neles executem o seu furor, mas sim para que o façam eternamente com indizíveis tormentos. Minha filha, teme ao ver tão horrenda e formidável estultice dos mortais impenitentes. Admira-te de que os fiéis, sabendo tudo isso pela fé, hajam perdido o juízo, e o demônio os mantenha tão loucos e cegos no meio da luz da verdadeira fé católica que, nem enxergam, nem conhecem, nem fogem do perigo.

Vigilância para não cair

334. Para mais o temeres e dele te guardares, fica sabendo que este dragão te observa e vigia desde a hora em que foste criada e nasceste no mundo. Sem descansar, te rodeia noite e dia, esperando ocasião para te atacar. Observa tuas inclinações naturais e até as graças que recebes do Senhor, para fazer-te guerra com tuas próprias armas. Estuda com outros demônios como te perder, e promete prêmios aos que nisto mais trabalharem. Com este fim, pesam teus atos com grande cuidado, medem teus passos, e todos trabalham para forjar laços e perigos em tudo quanto empreendes. Quero que vejas todas estas verdades no Senhor, onde conhecerás sua importância. Mede-as depois, pela tua própria experiência, e nesta comparação entenderás se é razoável dormires entre tantos perigos.

Ainda que a todos os nascidos é importante este cuidado, por especiais razões, mais do que a ninguém, o é para ti. Não as mostro todas agora, mas nem por isto duvides que te convém viver alerta e vigilantíssima. Basta lembrares de teu temperamento sensível e frágil, do qual se aproveitarão teus inimigos para te combaterem.



Santuário da Anunciação em Nazaré

CAPÍTULO 27

MARIA SSMA. É PREVENIDA PELO SENHOR PARA OS COMBATES COM LÚCIFER. PRINCÍPIO DAS PERSEGUIÇÕES DO DRAGÃO.

Oração de Cristo a favor de sua Mãe

335. Humanando-se no seio da Virgem Maria e consagrando-a mãe sua, estava o Verbo eterno atento para defender seu tabernáculo, o mais estimável entre todas as criaturas. Conhecia as intenções de Lúcifer, não apenas com a sabedoria incriada de sua divindade, mas também com a ciência criada que possuía enquanto Homem. Para revestir de nova fortaleza a invencível Senhora, contra a louca ousadia daquele altivo dragão e suas quadrilhas, a humanidade santíssima pôs-se em pé no tabernáculo virginal, em posição de quem toma defesa e se atira indignada contra os príncipes das trevas. Fez oração ao Pai eterno, pedindo-lhe renovasse os favores e graças de sua Mãe e a fortalecesse para esmagar a cabeça da antiga serpente. Assim, humilhado e dominado por uma mulher, fracassariam seus projetos, enfraqueceriam suas forças, e a Rainha das alturas sairia vitoriosa e triunfante do inferno, para glória de Deus e dela também.

O demônio começa a se opor à redenção

336. Concedeu e decretou a beatíssima Trindade tudo quanto pediu Cristo, Senhor nosso. Em seguida, recebeu a Virgem Mãe inefável visão do Filho que trazia no seio. Nesta manifestação lhe foi comunicada abundantíssima plenitude de bens, graças e indizíveis dons, e com nova sabedoria conheceu altíssimos e ocultos mistérios que não posso explicar. Em particular, entendeu que Lúcifer forjava insolentes planos contra a glória do Senhor, e que a arrogância deste inimigo pretendia tragar as águas puras do Jordão **(Job 40, 18)**. Dando o Altíssimo estas notícias à Maria, disse-lhe: Esposa e pomba minha, é tão insaciável o sedento furor do dragão infernal contra meu nome e os que o adoram, que pretende exterminar a todos sem exceção. Com formidável ousadia e presunção, deseja apagar meu nome da terra dos viventes.

Quero minha amada, que tomes a defesa de minha causa e honra, pelejando em meu nome, contra este cruel inimigo. Contigo estarei durante a batalha, pois encontro-me em teu seio. Quero, antes de nascer no mundo, que pela minha força os destruas e humilhes. Estão persuadidos que se aproxima a redenção dos homens, e por isto antes que Eu chegue, desejam a perdição de todas as almas que estão no mundo, sem excluir nenhuma. À tua fidelidade e amor confio esta vitória. Combaterás em meu nome, e Eu em Ti, contra este dragão e antiga serpente **(Apoc 12, 9)**.

Deus quer vencer o demônio através de Maria

337. Este aviso do Senhor e a notícia de tão ocultos sacramentos, produ-

ziram no coração da divina Mãe tais efeitos, que não encontro palavras para manifestar o que entendo. Sabendo ser vontade de seu Filho santíssimo que defendesse a honra do Altíssimo, Ela inflamou-se no seu divino amor e vestiu-se de invencível fortaleza. Se cada demônio fosse um inferno inteiro, com a fúria e malícia de todos reunidos, não passariam de insignificantes formigas contra a incomparável força de nossa capitã. Aniquilaria a todos, com a menor de suas virtudes e de seu zelo pela glória e honra do Senhor. Determinou este nosso divino Protetor, que sua Mãe santíssima seria a triunfante vencedora do inferno. Aniquilaria a arrogante soberba de seus inimigos, que tanto se apressavam para perder o mundo antes que lhe chegasse a redenção. A nós, os mortais, ficaria a obrigação de sermos reconhecidos, não só ao inestimável amor de seu Filho santíssimo, mas também à nossa divina reparadora e defensora. Afrontou estes inimigos, deteve-os, derrotou-os, e os manteve subjugados, para não serem obstáculo à linhagem humana de receber seu Redentor.

Ingratidão dos homens

338. Oh! insensível e tardo coração dos filhos dos homens! Como não consideramos tão admiráveis benefícios? Quem é o homem, ó Rei altíssimo, para assim o estimares e favoreceres? À tua própria Mãe expões à batalha e à luta para nos defender? Quem jamais ouviu semelhante coisa? Quem poderia imaginar tal indústria e intensidade de amor? Onde está nosso juízo? Quem nos privou do bom uso da razão? Quem nos levou a tal dureza de coração e a tão censurável ingratidão? Como não se confundem os homens, tão amantes e zelosos da própria honra, ao cometer tal vilania e detestável ingratidão, com o esquecimento desta obrigação? Verdadeira nobreza e honra seria para os mortais, filhos de Adão, agradecê-la e pagá-la ainda com a própria vida.

Maria oferece-se para o combate

339. Ofereceu-se a obediente Mãe, para este combate contra Lúcifer, pela honra de seu Filho santíssimo, seu e nosso Deus. À ordem que lhe era dada, respondeu: - Altíssimo Senhor e bem meu, de cuja infinita bondade recebi o ser, a graça e a luz. Sou toda vossa, e vós Senhor vos dignastes ser meu Filho. Fazei de vossa serva o que for da maior glória e agrado vosso. Se vós, Senhor, estais em Mim e Eu em vós, quem terá poder sobre a vossa vontade? Serei instrumento de vosso braço invencível. Dai-me vossa fortaleza, vinde comigo, e combatamos o inferno, lutando com o dragão e todos seus aliados. Enquanto a divina Rainha fazia esta oração, saiu Lúcifer de seus conciliábulos, tão arrogante e soberbo contra Ela, que de todas as demais almas, de cuja perdição está sedento, reputava por coisa de muito pouco apreço. Se se pudesse conhecer este furor, tal como era, entenderíamos bem o que disse Deus ao santo Jó **(Jo 41, 18)**: para o maligno o ferro é palha e o bronze pau podre. Assim era a raiva deste dragão contra Maria santíssima. Agora, não é menor, na devida proporção, contra as almas. À mais santa, invicta e forte, sua arrogância despreza como a uma folha seca. Que fará dos pecadores que, semelhantes a canas ocas e podres, não lhe resistem? **(Ef 6, 16)**. Somente a fé viva e a humildade de coração constituem armas infalíveis para gloriosamente o vencer.

A legião da soberba

340. Para iniciar a batalha, Lúcifer veio acompanhado pelas sete legiões e seus chefes que, ao cair do céu **(Ap 12, 3)**, organizara para tentar os homens aos sete pecados capitais. A cada um destes sete esquadrões confiou a luta contra a imaculada Princesa, recomendando-lhes empregar toda coragem. Encontrava-se a invencível Senhora em oração, quando permitiu o Senhor que entrasse a primeira legião para tentá-la de soberba, o especial atributo destes inimigos.

Para dispor as paixões e inclinações naturais, alterando os humores do corpo, conforme o modo comum de tentar as outras almas, procuraram aproximar-se da divina Senhora. Julgavam que Ela seria como as demais criaturas, de paixões des-

controladas pela culpa, mas não puderam chegar a Ela. Sentiam a irresistível força e irradiação de sua santidade que os atormentava mais do que o fogo que sofriam. Só olhar para Maria santíssima os transpassava de agudíssima dor. Apesar disso, tão desmedida e furiosa era sua raiva, que suportavam o tormento, porfiando e forcejando por se aproximarem com o intento de atacá-la.

Maria imaculada é inatingível à tentação

341. Maria santíssima, mulher e pura criatura, sozinha e contra o grande número de demônios, era mais terrível do que muitos exércitos bem ordenados **(Cant 6)**. Apresentavam-se os inimigos com iniquíssimas fabulações **(Sl 118, 85)**. Para nos ensinar a vence-los, a soberana Princesa não se moveu, não alterou sequer o semblante e sua cor. Não fez caso deles, nem lhes deu maior atenção do que se fossem debeis formigas. Com invicto e magnânimo coração os desprezou, porque esta guerra travada com armas de virtudes, não deve ser feita com espalhafato e barulho, mas sim com serenidade, sossego, paz interior e modéstia exterior. Tampouco puderam alterá-la mediante as paixões e apetites que, em nossa Rainha, estavam perfeitamente subordinados à razão e esta a Deus. A harmonia de suas potências não fora alterada pelo golpe do primeiro pecado, como aos demais filhos de Adão. Por isto, as flechas destes inimigos eram de crianças, como disse David **(Sl 63, 8)**, e seus disparos, tiros sem pólvora. Só eram fortes contra eles próprios, pois sua impotência lhes redundava em vivo tormento. Ignoravam a justiça original de Maria santíssima, e em conseqüência acreditavam que a poderiam atacar com tentações comuns. Contudo, da majestade de seu semblante e de sua constância, verificavam o desprezo em que os tinha, e que a atingiam muito pouco. Na verdade, não a atingiam absolutamente. Como diz o Evangelista no Apocalipse **(12, 16)**, e deixei descrito na primeira parte (1), a terra ajudou a mulher vestida de sol, quando o dragão lançou contra ela as impetuosas águas das tentações. O corpo terreno desta Senhora não estava ferido em suas potências e paixões, como os demais envolvidos no pecado.

Aparições diabólicas

342. Assumiram estes demônios figuras corpóreas terríveis e assustadoras. Uivando e berrando, fingiam grandes estrondos, tremores de terra e da casa, como se ameaçasse desabar, e outros desatinos semelhantes, para perturbar, assustar e alterar a Princesa do mundo. Dar-se-iam por vitoriosos se conseguissem apenas isso e retirá-la da oração. O inexpugnável e generoso coração de Maria santíssima, porém, não se alterou de forma alguma. É preciso saber que, para travar este combate, o Senhor deixou sua Mãe santíssima no estado comum da fé e de suas outras virtudes. Suspendeu o influxo de outros favores que Ela costumava continuamente receber fora dessas ocasiões.

Assim ordenou o Altíssimo, para que o triunfo de sua Mãe fosse mais glorioso e excelente, além de outras razões que Ele tem no modo de proceder com as almas. Seus desígnios e modo de agir com elas são inexcrutáveis e ocultos **(Rom 11, 33)**. Quem como Deus que vive nas alturas **(Sl 112, 5)** e olha os humildes no céu e na terra? Com estas palavras eliminava de sua presença aqueles espantalhos.

Tentações de soberba

343. Trocaram a pele estes lobos famintos, e vestiram a de ovelha. De monstros hediondos, transformaram-se em anjos de luz, muito resplandecentes e formosos. Aproximando-se da divina Senhora, disseram: venceste, venceste, és poderosa, viemos servir-te e recompensar teu invencível valor. Com estas mentirosas lisonjas rodearam-na oferecendo-lhe seu favor. A prudentíssima Senhora, porém, recolheu os sentidos, elevou o espírito **(Tren 3, 28)** e, por meio das virtudes infusas, adorou o Senhor em espírito e verdade **(Jo 4, 23)**.

1 - nº 129 e 130

Desprezando as ciladas daquelas línguas iníquas e mentirosas **(Ecli 51, 3)**, disse a seu Filho santíssimo: Senhor e fortaleza minha, luz da luz verdadeira, só em vosso auxílio está toda minha confiança e a exaltação do vosso santo nome. A todos os que o contradizem, anatematizo, aborreço e detesto. Persistiam os obradores da maldade em propor falsas insânias à Mestra da ciência, e com fingidos louvores enaltecer acima das estrelas a quem se humilhava mais do que as ínfimas criaturas. Disseram-lhe que desejavam distingui-la entre as mulheres, e lhe fazer singularíssimo privilégio: em nome do Senhor, eles a escolheriam para Mãe do Messias, e sua santidade elevar-se-ia acima dos patriarcas e profetas.

Procedimento da Virgem

344. O autor deste enredo foi o próprio Lúcifer, e por aqui, outras almas podem conjecturar sua malícia. Para a Rainha do céu, porém, era ridículo oferecer-lhe o que já possuía. No fim, eles é que ficavam enganados, não apenas por oferecer o que nem sabiam, nem podiam dar, mas também por ignorar os sacramentos do Rei do céu encerrados na bem-aventurada mulher que perseguiam. Apesar disso, grande foi a iniquidade do dragão, porque sabia que não poderia cumprir o que estava prometendo. Quis, porém, sondar se nossa divina Senhora o era, ou se daria algum indício de o saber. Não ignorou a prudência de Maria santíssima esta duplicidade de Lúcifer, e desprezando-a manteve admirável severidade e domínio. Durante as falsas adulações, continuou sua oração. Prostrando-se e declarando-se a mais desprezível das criaturas, até do que o pó que pisava. Com esta humildade e oração, degolou a presunçosa soberba de Lúcifer, durante todo o tempo que durou a tentação. Quanto ao mais que nela sucedeu, a sagacidade dos demônios, sua crueldade e as mentirosas fabulações que intentaram, não me parece conveniente referir. O que ficou dito basta para nosso ensinamento, porque nem tudo se pode confiar à ignorância de criaturas terrenas e frágeis.

Tentação de avareza

345. Desanimados e vencidos os inimigos da primeira legião, chegaram os da segunda para tentar de avareza à mais pobre do mundo. Ofereceram-lhe grandes riquezas, prata, ouro, jóias preciosas. E para que não parecessem apenas promessas abstratas, mostraram-lhe muitas dessas coisas, ainda que só aparentes. Conheciam que os sentidos têm muita força para incitar a vontade ao deleite. A esta ilusão acrescentaram outras muitas enganosas razões, dizendo-lhe que Deus lhe enviava tudo aquilo para ser distribuído aos pobres. Como a Senhora nada disso aceitasse, mudaram de tática e lhe disseram que, sendo tão santa, era coisa injusta viver em tanta pobreza. Era mais razoável que Ela fosse dona daquelas riquezas, em vez de pertencerem a outros maus e pecadores. Deixar pobres os justos, e ricos aos maus e inimigos, seria injustiça e desordem da providência divina.

Reação da Virgem

346. Em vão se lança a rede diz o sábio **(Prov 1, 17)**, diante das alígeras aves. Isto era realidade em todas as tentações lançadas contra nossa soberana Princesa. Nesta, da avareza, porém, ainda mais estulta era a malícia da serpente, pois atirava a rede das coisas terrenas e tão vis contra a fênix da pobreza que elevara o vôo acima dos próprios serafins. Ainda que, plena de sabedoria divina, nunca a prudentíssima Senhora se pôs a arrazoar com seus inimigos. Assim se deve proceder, pois eles combatem a verdade evidente, e não se darão por convencidos, ainda que a conheçam. Por isto, usou Maria santíssima de algumas palavras da Escritura, pronunciando-as com severa humildade. Disse aquelas do salmo 118: "escolhi por riquezas e herança guardar tuas leis e testemunhos, meu Senhor". Acrescentou outras, louvando e bendizendo ao Altíssimo, com ação de graças por tê-la criado, conservado e por continuar a sustentá-la sem Ela o merecer. Por este modo, tão cheio de sabedoria, venceu e confundiu a segunda tentação que só deixou atormentados e confusos os obradores da maldade.

Terceira legião: tentação da luxúria

347. Chegou a terceira legião, chefiada pelo imundo príncipe que tenta a fraqueza da carne. Esforçaram-se mais do que os outros, porque encontraram maior dificuldade para fazer alguma coisa das que desejavam. Deste modo, conseguiram menos, se é que pode haver diferença entre elas. Experimentaram lançar-lhe feias sugestões e representações, forjando outras indizíveis monstruosidades. Tudo, porém, permaneceu no ar, porque quando a puríssima Virgem reconheceu de que espécie era esse vício, recolheu-se toda interiormente e deixou suspenso o uso dos sentidos sem ato algum deles. Assim, não os pode tocar sugestão alguma, nem imagens entrar no seu pensamento, pois nada chegou a suas potências. Interiormente, com fervorosa vontade, renovou muitas vezes seu voto de castidade na presença do Senhor. Nesta ocasião, conquistou mais méritos que todas as virgens que existiram ou existirão no mundo. Nesta matéria, deu-lhe o Todo-poderoso tal virtude que, mais forte e rapidamente que uma explosão, eram os inimigos expulsos, quando tencionavam tocar a pureza de Maria santíssima com alguma tentação.

Quarta legião: tentação da ira

348. A quarta legião e tentação foi contra a mansidão e paciência, procurando incitar à ira a mansíssima pomba. Esta tentação foi mais molesta, porque os inimigos convulsionaram toda a casa. Quebraram tudo quanto havia nela, de tal modo, que pudesse irritar à mansíssima Senhora, mas os santos anjos logo puseram tudo em ordem. Vencidos nisso, os demônios se revestiram da figura de algumas mulheres conhecidas da sereníssima princesa. Dirigiram-se a Ela com maior indignação e furor do que se o fossem na realidade, e disseram-lhe exorbitantes contumélias, atrevendo-se a ameaçá-la e a lhe tirar de casa algumas coisas das mais necessárias. Todas estas maquinações, porém, eram inúteis, pois Maria santíssima os conhecia. Totalmente abstraída, sem se mover ou alterar, com majestade de Rainha os desprezava, sem se impressionar com nenhum de seus gestos ou ações.

Vendo-se desprezados, suspeitaram os malignos espíritos de que estavam sendo descobertos, e usaram de outro instrumento. Escolheram certa mulher de gênio acomodado a seu intento. Incitaram-na contra a Princesa do céu, com arte diabólica: assumiu o demônio a forma de outra sua amiga, e lhe disse que a Maria de José a havia desonrado em sua ausência, falando dela muitas coisas erradas, coisas inventadas pelo demônio.

Ataques do demônio e reação de Maria.

349. Enganada aquela mulher, muito propensa à ira, dirigiu-se furiosa à nossa mansíssima cordeira Maria santíssima, e lhe atirou em rosto execráveis injúrias e vitupérios. A Virgem deixou-a derramar toda a raiva, e depois lhe disse palavras tão humildes e doces, que lhe abrandou o coração e a mudou completamente. Quando se acalmou, consolou-a sossegou-a e a admoestou que se guardasse do demônio. Como era pobre, deu-lhe alguma esmola e a despediu em paz. Deste modo, desvaneceu-se esta intriga, como outras muitas fabricadas por Lúcifer, o pai da mentira, tanto para irritar a mansíssima Senhora, como também para procurar desacreditá-la.

O Altíssimo, porém, preveniu a defesa da honra de sua Mãe santíssima, por meio de sua própria perfeição, humildade e paciência, de modo que o demônio jamais pode desacreditá-la em coisa alguma. Com todos Ela procedia, tão mansa e sabiamente, que a multidão de enredos que o dragão forjava, se desfaziam e ficavam sem efeito. A impassível mansidão que, neste gênero de tentações, conservou a soberana Senhora, admirou os anjos. Os próprios demônios se admiraram, ainda que de outro modo, por ver uma criatura humana, e mulher, proceder daquele modo, porque jamais tinham encontrado outra semelhante.

Quinta legião: tentação da gula.

350. Entrou a quinta legião para tentar à gula. Não disse, a antiga serpente à nossa Rainha, que das pedras fizesse pão **(Mt 4, 3)**, como depois diria a seu Filho santíssimo, porque não a vira fazer milagres tão grandes.

Tentou-a, porém, à gula como à primeira mulher **(Gn 1 em diante)**. Puseram-lhe na frente deliciosos pratos cuja aparência lhe despertasse o apetite. Procuraram alterar-lhe os humores naturais para sentir alguma fome fitícia, e com outras sugestões cansaram-se em lhe atrair a atenção para o que lhe ofereciam. Todas estas diligências, porém. foram vãs e sem nenhum resultado, porque de todas estas coisas materiais e terrenas estava o elevado coração de nossa Princesa e Senhora tão distante como o céu da terra. Tampouco aplicou seus sentidos nas gulodices, nem as percebeu. Com isto ela ia anulando o que fizera nossa Mãe Eva que, descuidada e sem atender ao perigo, pôs olhos na beleza da árvore da ciência e de seu saboroso fruto. A esta imprudência seguiu-se estender a mão e comer, dando princípio ao nosso mal. Não agiu assim Maria Santíssima. Fechou e abstraiu os sentidos, ainda que não corresse o mesmo perigo que Eva. Deste modo, esta foi vencida para nossa perdição, enquanto a grande Rainha saiu vencedora pra nosso remédio e resgate.

Sexta legião: tentação de inveja.

351. Vendo o despeito das antecedentes legiões derrotadas, chegou bastante intimidada, a sexta tentação de inveja. Embora não conhecessem toda perfeição com que agia a Mãe da santidade, sentiam, entretanto, sua invencível força, e vendo-a tão inabalável desanimaram de poder derrubá-la em algum de seus depravados intentos. Com tudo isso, o implacável ódio do dragão, e sua nunca assás conhecida soberba, não desistiam. Fabricaram novos ardis para provocar Àquela, que tanto amava Deus e ao próximo, a invejar nos outros, o que Ela já possuía, ou o que desprezava como inútil e perigoso. Fizeram-lhe uma descrição muito longa de bens e graças naturais que outros possuíam, dizendo-lhe que a Ela Deus recusara. E, se os dons sobrenaturais lhe fossem mais cobiçáveis, referiam-lhe grandes favores e benefícios que a destra do Todo poderoso comunicara a outros, e a Ela não. Como poderiam estas mentirosas invenções embaraçar quem era Mãe de todas as graças e dons do céu?

Todas as criaturas, por muito beneficiadas que fossem, ficavam muito abaixo da grandeza de ser Mãe do Autor da graça. Além disto, por esta mesma graça que Deus lhe comunicara, mais o fogo da caridade que ardia em seu coração, desejava com vivas ânsias que a destra do Altíssimo a todos enriquecesse e favorecesse liberalmente. Como a inveja encontraria lugar onde abundava a caridade? **(1Cor 13, 4)**. Mas, não desistiam os cruéis inimigos. Apresentaram à divina Rainha a aparente felicidade de outros que, com riquezas e bens de fortuna, tinham-se por ditosos nesta vida e triunfavam no mundo. Moveram diversas pessoas a irem dizer-lhe como se sentiam felizes por serem ricas e de boa posição, como se esta falsa felicidade dos mortais não fosse tantas vezes reprovada pela sagrada Escritura (2). Esta mesma ciência e doutrina a Rainha do céu e seu Filho santíssimo vinham, com o exemplo, ensinar ao mundo.

As riquezas de Maria

352. A estas pessoas que assim se dirigiam à nossa divina Mestra, ela as aconselhava a usarem bem dos dons e riquezas temporais e a agradece-las ao seu Doador. Ela mesma dava graças, suprindo a ordinária falta de gratidão nos homens. Humilíssima, julgava-se indigna do menor benefício do Altíssimo. Na verdade, porém, sua dignidade e santidade eminentíssima afirmavam, o que, em seu nome, disseram os profetas: "*Comigo estão as riquezas* **(Prov 8, 19)**, *a glória, os tesouros e a justiça. Meu fruto é melhor que a*

2 - Sl 48; Ecle 5, 9; Jer 17, 11; Mat 19; 24; 1Tim 6, 9 etc

prata, o ouro, e as pedras mais preciosas. Em mim está toda a graça do caminho (**Ecli 24, 25**) *e da verdade, e toda a esperança da vida e da virtude.*"

Com esta excelência e superioridade vencia seus inimigos, deixando-os atônitos e confusos. Viam que, onde empregavam todas suas forças e astúcia, menos conseguiam e mais derrotados saiam.

Tentação do vício da preguiça

353. Não obstante, continuaram na porfia até chegar na sétima tentação, a preguiça. Pretenderam insuflá-la em Maria santíssima, despertando-lhe alguma indisposição corporal, moleza, cansaço e tristeza. Esta última é ardil pouco notado, graças à qual, o pecado da preguiça consegue impedir em muitas almas, o adiantamento na virtude. Acrescentaram más sugestões de que, estando cansada, adiasse alguns exercícios para quando estivesse mais bem disposta. Não é esta a menor astúcia com que nos engana, e nós não a percebemos, nem sabemos repeli-la. Além de toda esta malícia, procuraram estorvar os exercícios da santíssima Senhora por meio de criaturas humanas. Impeliram-nas a irem procurá-la em tempos inoportunos, obrigando-a retardar alguma de suas tantas ocupações que tinham horas marcadas. A prudente e diligentíssima Senhora, porém, desfazia todas as maquinações com sua sabedoria e solicitude. Jamais o inimigo conseguiu impedir-lhe alguma coisa, nem estorvá-la de tudo fazer com plenitude de perfeição. Ficaram os inimigos desesperados e enfraquecidos, e Lúcifer furioso contra si e contra eles. Recuperando, porém, sua danada soberba, determinaram atacar todos juntos, como direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Ao demônio, despreza-se

354. Minha filha, resumiste brevemente a prolongada batalha das tentações que sofri. Do que escreveste e do mais que conheceste, quero que tires as regras e doutrinas para resistir ao inferno e vencê-lo. Para tanto, o melhor modo de combater é desprezar o demônio, considerando-o inimigo do altíssimo Deus, e como tal, sem temor santo, sem esperança de bem algum, desesperado da salvação, obstinado em sua desgraça e sem arrependimento de sua maldade. Nesta indubitável verdade enfrenta-o, mostrando-te superior, magnânima e inabalável, tratando-o como desprezador da honra e culto de Deus. Sabendo que defendes tão justa causa (**Ecli 4, 33**), não te deves acovardar. Com coragem e valentia, opõe-te a ele, resistindo-lhe em tudo quanto intentar, como se estivesses ao lado do próprio Deus, em cujo nome pelejas.

Não há dúvida, o Senhor assiste a quem legitimamente combate. Tu te encontras em lugar e estado de esperança, destinada à glória eterna, se trabalhares com fidelidade por teu Deus e Senhor.

Com o demônio não se discute

355. Considera, pois, que os demônios aborrecem com implacável ódio o que tu amas e desejas: a honra de Deus e tua felicidade eterna. Querem privar-te daquilo que eles não podem recuperar. O demônio já está reprovado por Deus. Quanto a ti, oferece sua graça, virtude e fortaleza para vencer ao inimigo teu e d'Ele, e para conseguires o feliz fim do eterno descanso, se trabalhares fielmente e guardares os mandamentos do Senhor. Ainda que seja grande a arrogância desse dragão, sua fraqueza é maior (**Is 16, 6**) e em presença do poder divino não passa de fragilíssimo átomo. Como, porém, por sua engenhosa astúcia e malícia excede muito aos mortais (**Jo 41, 24**), não convém à alma entrar em palestra e raciocínios com ele, seja visível ou invisivelmente. De sua tenebrosa inteligência, como de um forno chamejante, saem trevas e confusão, que obscurecem o juízo dos mortais. Se o escutam, enche-os de enganos e trevas, para que não conheçam nem a verdade e beleza da virtude, nem a fealdade de suas venenosas fraudes. Acabam por não saber dis-

tinguir o precioso do vil (**Jer 15, 19**), a vida da morte, a verdade da mentira, e por fim caem nas mãos deste ímpio e cruel dragão.

Resistência às tentações

356. Nas tentações, seja para ti regra absoluta não prestar atenção ao que te propõem, nem ouvir nem arrazoar nisso. Se puderes desvencilhar-te e ficar alheia, de modo que nem percebas sua maldade, isto será mais seguro. Para o conseguires previne-te com muita antecedência. O demônio sempre manda em sua frente alguma prevenção para abrir a entrada a seus enganos, principalmente com as almas cuja resistência teme, se primeiro não facilitar o ataque. Costuma começar por tristeza, desânimo, ou outro motivo que desvia e distrai a alma da atenção e afeto pelo Senhor. Em seguida, apresenta o veneno em recipiente de ouro, para não causar tanto horror. No momento que perceber em ti algum destes sinais, quero que com asas de pomba levantes o vôo e fujas ao abrigo do Altíssimo (**Sl 54, 7-8**), chamando-o em teu socorro e apresentando-lhe os méritos de meu Filho santíssimo. Deves também recorrer à minha proteção de Mãe e Mestra, a dos anjos, principalmente os de tua devoção. Fecha prontamente teus sentidos e julga-te morta para eles, ou como alma da outra vida, onde não chega a jurisdição da serpente e do tirano exator. Exercita-te mais ainda nos atos das virtudes contrárias aos vícios que ele te propõe, especialmente a fé, esperança e amor. Estas virtudes expulsam o temor e covardia (**Jo 4, 18**) que enfraquecem a resistência da vontade.

Às tentações, opor as virtudes

357. Somente em Deus deves procurar as razões para vencer Lúcifer. Não conferencies com este inimigo, para que não te encha de fascinações confusas. Considera coisa indigna, além de perigosa, ouvir e discutir com o inimigo teu e d'Aquele a quem amas. Mostra-te superior e magnânima contra ele e oferece-te à prática das virtudes para sempre. Satisfeita com este tesouro, afasta-te do inimigo. A maior habilidade dos filhos de Deus nesta batalha é fugir para longe. O demônio é soberbo, sente o desprezo quando desejava que o ouvissem, confiado em sua arrogância e embustes. Daqui lhe nasce a teimosia para que lhe dêem alguma atenção. Sendo mentiroso e não podendo se apoiar na força da verdade que não diz, põe a confiança em ser molesto e em vestir o engano com aparência de bem e de verdade. Enquanto este ministro da maldade não se vê desprezado, não acredita que foi conhecido, e como importuna mosca volta a atacar pelo lado que lhe parece mais fraco e próximo da corrupção.

Tentações através das criaturas

358. Não menos avisada deverás ser, quando teu inimigo se valer contra ti de outras criaturas, como o fará por meio de um destes dois caminhos: ou inclinando-os a ti com exagerada afeição, ou pelo contrário, com aversão.

Quando conheceres que te tratam com desordenado afeto, guarda a mesma regra que em fugir do demônio, com esta diferença que a ele detestarás, enquanto às demais criaturas deves considerar como obras do Senhor, não lhes negando o que, por Deus e por si, lhes é devido. Em te retirares, porém, olha-os como inimigos. Para o que Deus quer de ti, de acordo com teu estado, fará as vezes do demônio quem quiser te desviar do Senhor e do que lhe deves. Se, pelo contrario, te perseguirem com aversão, retribue com amor e mansidão, rezando do íntimo do teu coração pelos que te odeiam e te perseguem (**Mt 5, 44**). Se for necessário aplacar a ira de alguém com palavras mansas, ou esclarecer algum equívoco a favor da verdade, o farás. Não seja isto para te justificares, mas para sossegar teus irmãos e promover seu bem e sua paz interior e exterior. Deste modo vencerás ao mesmo tempo, a ti mesma e aos que te desestimarem. Para conseguir isto é preciso cortar os vícios capitais pelas raízes e arrancá-las completamente, morrendo aos movimentos do apetite donde eles brotam. Estes vícios capitais são a matéria das tentações que o demônio semeia nas paixões e apetites desordenados e imortificados.

CAPÍTULO 28

CONTINUA LÚCIFER E SUAS SETE LEGIÕES A TENTAR MARIA SANTÍSSIMA. VENCIDO, É ESMAGADA A CABEÇA DO DRAGÃO.

O ódio do demônio por Jesus e Maria

359. Se o príncipe das trevas pudesse desistir de sua maldade, as vitórias que sobre ele obtivera a Rainha do céu, teriam destruído e humilhado aquela desmedida soberba. Como, porém, sempre se ergue contra Deus **(Sl 73, 23)**, e nunca se sacia de sua malícia, apesar de vencido não se submete. Refugia-se nas chamas de seu inextinguível furor, ao ser derrotado e tão arrasado por uma humilde e delicada mulher, quando ele e seus ministros infernais tinham derrubado tantos homens fortes e varonis mulheres.

Por disposição divina chegou a saber o inimigo que Maria santíssima estava grávida. Entendeu que era de um menino apenas, porque a divindade e outros seus mistérios lhe permaneceram ocultos. Persuadiram-se de que não era o Messias prometido, pois não passava de simples criatura como os demais homens. Este engano os persuadiu também que Maria santíssimo não era Mãe do Verbo, aqueles santíssimos Filho e Mãe que lhe esmagariam a cabeça **(Gn 3, 15)**. Apesar disso, julgaram que, de mulher tão forte e invencível, nasceria algum varão de santidade insigne. Nesta previsão, o grande dragão concebeu contra o fruto de Maria santíssima, aquele ódio que São João escreveu no capítulo 12 do Apocalipse (a quem me referi outras vezes: (1)), esperando devorá-lo quando Ele nascesse.

1 - 1° livro nº 105

Novos ataques do demônio

360. Sentiu Lúcifer uma força oculta que o oprimia, quando olhava aquele menino encerrado no seio da Mãe santíssima. Em sua presença sentia-se enfraquecido e como atado. Isto o enfurecia e maquinava todos os meios que podia para destruir aquele Filho de quem tanto suspeitava, e aquela Mãe tão forte nos combates. Apareceu à divina Senhora por muitos modos tomando figuras assustadoras: touro enfurecido, dragão horrendo, que tentavam aproximar-se dela sem o conseguir. Atacava e sentia-se repelido, sem saber como e por quem. Forcejava como fera amarrada e dava espantosos bramidos que, se Deus não os ocultasse aterrorizariam o mundo e muitos morreriam de susto. Lançava pela boca fogo e fumaça de enxofre com espumas. Tudo isto via e ouvia a divina Princesa Maria, sem alterar-se nem se mover, como se tudo não passasse de um mosquito. O demônio causou outras alterações pelo vento, na terra e na casa, convulcionando tudo, mas nem com isto perdeu Maria santíssima a tranqüilidade e calma interior e exterior. Sempre se manteve invicta e superior a tudo.

O gerador dos erros e heresias

361. Sentindo-se Lúcifer tão vencido, abriu a imundíssima boca e sua mentirosa e contaminada língua soltou a represa de sua maldade. Declarou na pre-

sença da divina Imperatriz, todas as heresias e seitas infernais que havia forjado com a ajuda de seus depravados ministros.

Desde que foram expulsos do céu, e conheceram que o Verbo divino assumiria carne humana para ser cabeça de um povo a quem beneficiaria com favores e doutrina celestial - desde aquela ocasião - determinou o dragão fabricar erros, seitas e heresias contra todas as verdades que ia sondando, referentes ao conhecimento, amor e culto do Altíssimo. Esta foi a ocupação dos demônios durante os muitos anos que se passaram até a vinda de Cristo, nosso Senhor ao mundo. Todo este veneno encontrava-se represado no peito de Lúcifer, a antiga serpente. Derramou-o todo contra a Mãe da verdade e pureza, e desejando contaminá-la, referiu todos os erros que contra Deus e sua verdade havia forjado até aquele dia.

Maria, a vencedora de todas heresias

362. Não convém referi-los aqui, como as tentações do capítulo precedente. É perigoso, não só para os fracos mas até para os muitos fortes que devem temer este pestífero hálito de Lúcifer. Nesta ocasião, vomitou-o todo, e pelo que conheci creio, sem duvidar, que não ficou erro, idolatria ou heresia de quantas se viram no mundo até hoje, que não a exibisse o dragão à soberana Maria. A santa Igreja, ao felicitá-la por suas vitórias poderia cantar que, verdadeiramente, Ela degolou e destruiu todas as heresias (2). Foi o que fez nossa triunfadora Sunamite (**Cant 7, 1**), em quem nada se encontrava senão coros de virtudes ordenadas em formas de esquadrões, para dominar, degolar e confundir os exércitos infernais. A todas e a cada uma de suas falsidades, Ela contradizia, detestava e anematizava com invencível fé.

Numa altíssima confissão, declarava as verdades contrárias. exaltando por elas ao Senhor como verdadeiro, justo e santo. Compunha cânticos de louvores interpretando as virtudes, e a doutrina verdadeira, santa, pura e louvável. Com fervorosa oração pediu ao Senhor que humilhasse essa altiva soberba dos demônios, e os refreasse para não derramarem tanta e tão venenosa doutrina no mundo; que não prevalecesse a que já havia derramado, e a que, no futuro, tentasse semear entre os homens.

Maria extirpará todas as heresias

363. Por esta grande vitória de nossa divina Rainha e pela oração que fez, entendi que o Altíssimo, com justiça impediu o demônio de semear no mundo toda a cizânia de erros como desejava, e os pecados dos homens mereciam. E, ainda que por causa desses pecados, foram tantas as heresias e seitas, como até hoje se viu, teriam sido muito mais, se Maria santíssima não houvesse quebrantado a cabeça do dragão, com tão insignes vitórias, orações e súplicas. O que nos pode consolar da amargura e dor ao ver a santa Igreja tão atribulada por tantos inimigos infieis, é um grande mistério que aqui me foi dado entender: foi neste triunfo de Maria e em outro depois da ascensão de seu Filho santíssimo ao céu (3), que Deus concedeu à nossa Rainha, em recompensa destes combates, alcançar, por suas virtudes e intercessão, a extinção das heresias e seitas falsas que o mundo suscita contra a santa Igreja. A época marcada para esta graça, não fiquei sabendo. Ainda que esta promessa do Senhor seja sob alguma condição tácita, estou certa: se os príncipes católicos e seus vassalos empenhassem esta grande Rainha do céu e terra, invocando-a como sua única Patrona: se aplicassem suas grandezas, poder e riquezas na exaltação da fé do nome de Deus e de Maria puríssima, (talvez seja esta a condição da promessa); seriam como instrumentos seus para debelar os infieis. Expulsariam as seitas e erros que tanto tem corrompido o mundo, e nesses combates alcançariam insignes e grandes vitórias.

Aos chefes cabe defender a Igreja

364. Antes do nascimento de Cristo nosso Redentor, conjecturou o demô-

2 - Ofício eclesiástico da B. V. Maria

3 - de que falarei na 3ª parte nº 528

nio que sua vinda se retardava por causa dos pecados do mundo (4). Para impedi-la completamente, pretendeu aumentar essa barreira, multiplicando mais erros e culpas entre os mortais. Esta iníqua soberba foi confundida pelo Senhor, através de sua Mãe santíssima e dos gloriosos triunfos que Ela alcançou. Depois que o Homem-Deus nasceu e por nós morreu, pretendeu o dragão impedir e malograr o fruto de seu sangue e o efeito de nossa Redenção. Para isto começou a forjar e semear os erros que, depois dos Apóstolos, afligiram e afligem a santa Igreja. A vitória contra esta maldade infernal, Cristo nosso Senhor remeteu-a também à sua Mãe santíssima, porque só Ela a pode merecer. Por Ela se extinguiu a idolatria mediante a pregação do Evangelho. Outras seitas antigas, como a de Ario, Nestório, Pelágio e outros, foram debeladas por Ela e o auxílio do esforço e solicitude dos Reis, Príncipes, Padres e Doutores da santa Igreja. Como duvidar, portanto, que o mesmo aconteceria agora? Se, com ardente zelo, os príncipes católicos, eclesiásticos e leigos, fizessem o esforço que lhes cabe, ajudando por assim dizer, esta divina Senhora, não deixaria Ela de protegê-los e torná-los felicíssimos nesta vida e na outra, e extinguiria todas as heresias do mundo.

Para este fim é que o Senhor enriqueceu sua Igreja e os reinos e monarquias católicas. Não fosse para isto, melhor seria deixá-las pobres. Não era conveniente fazer tudo por milagre, mas pelos meios naturais de que podiam se valer e adquirir pelas riquezas. Se cumprem ou não esta obrigação, não cabe a mim julgar. Só me toca dizer o que o Senhor me deu a conhecer: tornar-se-ão injustos possuidores dos títulos honrosos, e do poder supremo que lhes confere a Igreja, se não a ajudam e defendem, se não procuram com suas riquezas impedir que se perca o sangue de Cristo, nosso Senhor. É nisto que os príncipes cristãos se diferenciam dos príncipes infieis.

4 - como insinuei no capítulo passado nº 336

Deus vence o demônio por meio de Maria

365. Voltando a meu assunto, digo que o Altíssimo, com a previsão de sua ciência infinita, conheceu a iniquidade do infernal dragão. Viu que, se este executasse os planos de sua indignação contra a Igreja, semeando os erros que fabricara, enganaria muitos fiéis e arrastaria com sua cauda **(Apoc 12, 4)** as estrelas deste céu militante, os justos. Isto provocaria a justiça divina e o fruto da Redenção ficaria quase perdido. Com imensa piedade, determinou o Senhor acudir este dano que ameaçava o mundo. Para tudo dispor com maior equidade e glória de seu nome, ordenou que Maria santíssima o empenhasse, porque só Ela era digna dos privilégios, dons e prerrogativas com os quais deveria vencer o inferno. Só esta eminentíssima Senhora era capaz de empresa tão árdua, e de vencer o coração do próprio Deus, com sua santidade, pureza, méritos e oração. Resultava na maior exaltação da virtude divina que, eternamente, fosse manifesto que vencera a Lúcifer e seus sequazes por meio de uma pura criatura e mulher, como por meio de outra mulher ele derrubara o gênero humano. Para este fim, não havia outra mais idônea que sua Mãe, a quem a Igreja e todo o mundo ficassem devendo esta graça. Por estas e outras razões que conheceremos em Deus, colocou o Senhor a espada de seu poder na mão de nossa vitoriosa Capitã, para que degolasse o infernal dragão. Este poder jamais lhe seria retirado, para com ele defender e amparar, do céu, a Igreja militante nos trabalhos e necessidades que encontrasse nos tempos futuros.

Poder de Maria contra o demônio

366. Persistindo, pois, Lúcifer em sua infeliz contenda, como disse atrás, acompanhado de suas quadrilhas infernais em forma visível, a sereníssima Virgem jamais voltou para eles a vista, nem lhes deu atenção, ainda que os ouvia, porque assim convinha. Como não se pode impedir de fechar os ouvidos do mesmo modo que os olhos, procurava que não

chegasse ao seu interior o sentido do que diziam. Tampouco lhes disse palavra a não ser ordenar-lhes, às vezes, que calassem as blasfêmias. Este mandato era tão eficiente que os obrigava a colar a boca no solo, enquanto que a divina Senhora entoava grandes cânticos de louvor e glória ao Altíssimo. Só com seu falar a Deus e protestar as divinas verdades, sentiam-se os demônios tão atormentados, que se mordiam mutuamente como lobos carniceiros ou cães raivosos. Qualquer ato da Imperatriz Maria era para eles uma flecha de fogo, e qualquer de suas palavras um raio que os abrasava com maior tormento do que o inferno. Não é isto exagero, pois o dragão e seus sequazes pretenderam fugir da presença de Maria santíssima que os confundia e atormentava. O Senhor, porém, com oculta força os detinha. Queria engrandecer o glorioso triunfo de sua Mãe e Esposa, e mais humilhar e aniquilar a soberba de Lúcifer. Para este fim, ordenou que os próprios demônios se humilhassem a pedir à divina Senhora que os despedisse e os expulsasse de sua presença para onde Ela quisesse. Imperiosamente Ela os enviou ao inferno, onde ficaram algum tempo, enquanto a grande triunfadora permaneceu toda absorta nos divinos louvores e ação de graças.

Novos ataques do demônio

367. Quando o Senhor deu permissão para Lúcifer se levantar, este voltou à batalha, tomando por instrumento uns vizinhos da casa de São José. Semeou entre eles, e suas mulheres, uma diabólica cizânia de discórdias por causa de interesses temporais. Tomando a forma de uma pessoa conhecida de todos, disse-lhes que não se inquietassem mutuamente, porque a culpada daquela desavença era Maria de José. A mulher representada pelo demônio era de crédito e autoridade, e assim os persuadiu melhor. Não permitiu o Senhor que a reputação de sua Mãe santíssima fosse ofendida em matéria grave. Não obstante permitiu que nesta ocasião, para sua glória e maior coroa, fosse exercitada por essas pessoas enganadas.

De comum acordo foram à casa de São José, e na presença do santo Esposo chamaram Maria santíssima e lhe disseram asperamente que as perturbava em suas casas e não as deixava viver em paz. A inocentíssima Senhora sentiu um pouco este sucesso, por causa da pena de São José que já estava reparando nos indícios de sua gravidez. Apesar disso, sábia e prudente, procurou superar a provação com humildade, paciência e viva fé. Não se desculpou nem alegou sua inocência. Humilhou-se e, com doçura pediu àquelas iludidas vizinhas que, se as ofendera em alguma coisa, a perdoassem e se acalmassem. Com palavras cheias de suavidade e ciência, as esclareceu e apaziguou, fazendo-as entender que ninguém tinha culpa. Satisfeitas e edificadas com a humildade de suas respostas, voltaram em paz para suas casas, enquanto o demônio fugiu, não podendo suportar tanta santidade e celeste sabedoria.

Começa a perplexidade de São José

368. São José ficou tristonho e pensativo e começou a se preocupar, como direi adiante (5). O demônio, porém, que ignorava o principal motivo da tristeza de São José quis aproveitar a ocasião, pois não perde nenhuma, para inquietar. Conjecturou qual seria a causa: algum desgosto com sua Esposa, ou por se ver pobre e com tão pouca renda? Usou a ambas o demônio, ainda que se enganando. Enviou algumas sugestões de despeito a São José, para que se desgostasse com sua pobreza e a levasse com impaciência e tristeza. Representou-lhe também que Maria, sua esposa, em vez de trabalhar, estava muito tempo no recolhimento e na oração, o que, para gente tão pobre era muito ócio e descuido. São José, entretanto, tão perfeito, reto e magnânimo de coração, facilmente desprezou e afastou de si estas sugestões. Só a preocupação íntima que lhe suscitara a gravidez de sua Esposa, bastava para afogar quaisquer outras, se as tivera. Deixando-o o Senhor nestes receios, o aliviou da tentação do demônio, a pedido de Maria santíssima. Atenta a quanto se passava no coração de

5 - nº 375 a 394

seu fidelíssimo Esposo, pediu a seu Filho santíssimo se desse por satisfeito com a pena que lhe dava vê-la grávida, e o aliviasse das demais.

O inferno inteiro contra Maria

369. Foi disposição do Altíssimo que a Princesa do céu sustentasse este demorado combate com Lúcifer. Deu a este permissão para, juntamente com todas suas legiões, usar todas suas forças e malícia contra Ela. Deste modo, seriam completamente pisados, esmagados, vencidos, e a divina Senhora alcançaria sobre o inferno o maior triunfo que outra pura criatura jamais obteria. Chegaram todos juntos, estes esquadrões de maldade e seu caudilho infernal, e apresentaram-se diante da divina Rainha.

Com incrível fúria, renovaram, ao mesmo tempo, todas as tentações que antes tinham lançado separadamente, e acrescentaram o pouco mais que puderam. Parece-me inútil torná-las a dizer, pois quase todas já ficam descritas nos dois capítulos anteriores.

A Senhora permaneceu tão imóvel, superior e serena, como se fossem os supernos coros angélicos que estivessem ouvindo estas fabulações do inimigo. Nenhuma impressão estranha tocou nem alterou este céu de Maria santíssima. No entanto, foram sem medida os espantos, os temores, as ameaças, as lisonjas, as falsidades e fabulações, fruto de toda a malícia reunida do dragão cuja enxurrada ele derramou **(Apoc 12, 15)** contra esta forte e invicta mulher, Maria santíssima.

Maria vence e esmaga a cabeça de Lúcifer

370. Estando neste combate, a exercitar heróicos atos de todas as virtudes contra seus inimigos, teve conhecimento de que o Altíssimo ordenava que Ela humilhasse e abatesse a soberba do dragão, usando o poder e autoridade que lhe conferia a dignidade de mãe de Deus.

Levantando-se com ardorosa e invencível coragem, voltou-se para os demônios e disse: "*Quem como Deus que vive nas alturas* **(Sl 112, 15)**?" Repetindo este argumento, acrescentou em seguida: Príncipe das trevas, autor do pecado e da morte **(Ef 6, 12; 1Jo 3, 8; Sab 2, 24; Jud 5, 6)**, em nome do Altíssimo ordeno-te que tu te cales, e com teus ministros te precipito ao fundo das cavernas infernais, para onde sois destinados. Daí não saiais até que o Messias prometido vos quebrante e sujeite, ou vô-lo permita - Estava a Imperatriz divina cheia de luz e resplendor celeste. O dragão, soberbo, pretendeu resistir a este poder com a força do seu, mas só lucrou maior humilhação e pena pra si e para os outros. Caíram todos no abismo e ficaram prostrados no fundo do inferno, no modo que já descrevi ao falar do mistério da Encarnação (6) e direi adiante (7) na tentação e morte de Cristo nosso Senhor. Quando este dragão voltou para nova batalha com a Rainha do céu, a qual escreverei na 3ª parte (8), foi de tal modo que, por Ela e por seu Filho santíssimo, foi esmagada a cabeça de Lúcifer **(Gn 3, 15)**. Conheci que ele ficou incapaz, arrasado, de forças tão enfraquecidas que, se as criaturas humanas não lhas derem, por sua malícia, podem muito bem, com a divina graça, lhe resistir e vencer.

Deus recompensa a vitória da Virgem

371. Manifestou-se o Senhor à sua Mãe santíssima, e em prêmio de tão glorioso triunfo lhe comunicou novos dons e favores. Os mil anjos de sua guarda, com outros inumeráveis, apareceram-lhe corporalmente, entoando novos cânticos em louvor do Altíssimo e d'Ela. Com celestial harmonia e maravilhosa voz, cantaram-lhe aquele elogio de Judite **(Jud 15, 10)**, figura deste triunfo de Maria, conforme lhe aplica a santa Igreja (ofício da Imaculada Conceição).

- És toda bela, Maria Senhora nossa, e em ti não há mancha de pecado; És a glória da celeste Jerusalém; És a alegria de Israel, a honra do povo do Senhor; tu que exaltas seu santo nome; advogada dos pecadores que defendes do soberbo ini-

6 - acima nº 130
7 - nº 999, 1421
8 - nº 452 e seq.

migo. Ó Maria, és cheia de graça e de todas as perfeições! - Ficou a divina Senhora cheia de alegria, louvando ao Autor de todo o bem e referindo-lhe tudo o que recebia.

Voltou depois a se ocupar com a situação de seu Esposo, como direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A MESMA RAINHA E SENHORA NOSSA.

O poder da filiação divina

372. Minha filha, a reserva que a alma guarda para não se pôr a discorrer com os inimigos invisíveis, não a impede ordenar-lhes, em nome do Altíssimo, com firme autoridade, que se afastem e confundam.

Assim quero que procedas, nas ocasiões em que te perseguirem. Não existe arma tão poderosa contra a malícia do dragão, como se mostrar a criatura humana destemida e superior na fé e confiança de filha do verdadeiro Pai que está nos céus **(Mt 6, 9)**. É d'Ele que se recebe aquela confiança e força contra o demônio. A razão disto é porque, depois que caiu do céu, todo o empenho de Lúcifer é desviar as almas de seu Criador e semear cizânia **(Mt 13, 25)** e separação entre o Pai celeste e os filhos adotivos, entre a esposa e o Esposo das almas. Quando conhece que alguma está unida ao seu Criador, e é membro vivo de Cristo, assanha-se para persegui-la com furiosa raiva. Invejoso, emprega sua malícia e mentira para destruí-la.

Como, porém, vê que isso lhe é impossível, porque a proteção do Altíssimo **(Sl 17, 3)** é verdadeiro e inexpugnável refúgio para as almas, desfalece em seus esforços e sente-se oprimido com indizível tormento. E, se a esposa querida, com sabedoria e autoridade o despreza, não há formiga nem verme mais fraco do que este gigante soberbo.

As lutas provam o amor

373. Com a verdade desta doutrina, deves te animar e fortalecer quando o Todo-poderoso ordenar que a tribulação te assalte e te cerque as dores da morte **(Sl 17, 5)**, em grandes tentações como as que Eu sofri. Esta é a melhor ocasião para o Esposo fazer experiência da fidelidade da verdadeira esposa. O amor não deve se contentar em produzir apenas afetos, sem outros frutos. Só o desejo, que nada custa à alma, não é prova suficiente do amor e da estima que consagra ao bem que diz apreciar e amar.

A fortaleza e constância no padecer tribulações com grande e magnânimo coração, são testemunhos do verdadeiro amor. Se tu desejas tanto dar alguma prova dele e agradar o teu Esposo, a maior será está: quanto mais aflita e sem recursos humanos te encontrares, mostra-te, então, mais invencível e confiante em teu Deus e Senhor. Se for necessário, espera contra a esperança **(Rom 4, 18)**, pois não dorme nem cochila aquele que se chama o amparo de Israel **(Sl 120, 4)**. Quando chegar a hora oportuna, ordenará ao mar e aos ventos **(Mt 8, 26)** e se fará a tranqüilidade.

Resistir desde o princípio

374. Deves, minha filha, ser muito advertida no princípio das tentações. Há grande perigo, se a alma começa logo a se perturbar com elas, e solta a rédeas às paixões concupicível e irascível que obscurecem e ofuscam a luz da razão. Se o demônio percebe esta alteração e que levanta tão grande poeira e tempestade nas potências, adquire maior alento. Em sua crueldade tão implacável e insaciável, acrescenta fogo a mais fogo. Enfurece-se cada vez mais, julgando que a alma não tem quem a defenda **(Sl 70, 11)** e arranque de suas mãos. Aumentando a tentação, cresce também o perigo de não poder resistir ao mais forte, quem começou a se render desde o começo. De tudo isto te advirto, para temeres os riscos dos primeiros descuidos. Nunca facilites em coisa tão importante. Em qualquer tentação, persevera na calma de tuas ações, continuando interiormente o doce e devoto convívio com o Senhor. Com o próximo, não alteres a suavidade, caridade e prudente brandura que deves usar. Previne-te com a oração e a mortificação de tuas paixões, contra a desordem que o inimigo nelas quer incutir.

QUARTO LIVRO

desta divina história e segundo da segunda parte.

CONTÉM OS RECEIOS DE SÃO JOSÉ AO CONHECER A GRAVIDEZ DE MARIA SANTÍSSIMA - O NASCIMENTO DE CRISTO NOSSO SENHOR - SUA CIRCUNCISÃO - ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS - APRESENTAÇÃO DO MENINO JESUS NO TEMPLO - FUGA PARA O EGITO - MORTE DOS INOCENTES E VOLTA A NAZARÉ.

CAPÍTULO 1

SÃO JOSÉ NOTA A GRAVIDEZ DE SUA ESPOSA A VIRGEM MARIA, E ENTRA EM GRANDE PERPLEXIDADE, POIS NÃO TIVERA PARTE NELA.

Amor de São José por Maria

375. Corria já o quinto mês da sagrada gravidez da Princesa do céu, quando o castíssimo José, seu esposo, começou a reparar um tanto na diferença de seu corpo virginal. Na perfeição e elegância natural da divina Esposa, como acima disse (1) podia se ocultar menos e tornava-se mais visível qualquer alteração. Certo dia, ao sair Maria santíssima de seu oratório, São José, preocupado, a observou **(Mt 1, 18)** e verificou com maior certeza a novidade, sem que a razão pudesse negar o que aos olhos era tão evidente. Uma flecha dolorosa transpassou até o mais íntimo do coração do homem de Deus, sem encontrar alívio nos motivos que, ao mesmo tempo, concentraram-se em sua alma. O primeiro era o amor castíssimo, porém, muito intenso e verdadeiro que dedicava à sua fidelíssima Esposa, e que desde o princípio arrebatara seu coração. Daí em diante, a agradável convivência e inigualável santidade da grande Senhora havia estreitado sempre mais este laço que prendia a alma de São José ao devotamento por sua Esposa. Sendo Ela tão perfeita na modéstia e humilde reserva, com o respeitoso cuidado de servi-la, São José tinha o natural e afetuoso desejo de ser correspondido pelo amor da sua Esposa. Assim ordenou o Senhor para que este recíproco agrado mais estimulasse o Santo a servir e estimar a divina Senhora.

Sobressalto de São José

376. Como fidelíssimo esposo e depositário do sacramento que ainda lhe era oculto, cumpria São José esta obrigação. Quanto mais atento a servir e venerar sua Esposa; quanto mais puro, casto, santo e justo era seu amor; tanto maior era o desejo de que Ela lho correspondesse. É verdade que nunca o manifestou nem lhe falou sobre isso, tanto pela reverência que lhe inspirava a humilde majestade de sua Esposa, como porque seu trato, conversação e pureza mais do que angelical, nunca lhe suscitara qualquer dúvida a respeito. Quando, porém, se viu nessa perplexidade, entrando-lhe pelos olhos a novidade que não podia negar, partiu-se-lhe a alma pelo sobressalto. Apesar de ter certeza do estado de sua Esposa, não se permitiu maior raciocínio do que aos olhos era irrecusável. Sendo homem santo e reto **(Mt 1, 19)**, ainda que percebia o efeito, suspendia o julgamento da causa, pois se chegasse à convicção de que sua Esposa tinha culpa, sem dúvida morreria de dor.

Sofrimento de São José

377. A este motivo acrescentou-se a certeza de não ter participado naquela gravidez. Em conseqüência, a desonra seria inevitável quando se tornasse conhecida. Esta preocupação era tão mais penosa, quanto mais generoso e honrado

1 - nº 115

era seu coração. Sua grande prudência avaliava quão dolorosa seria a infâmia própria e de sua Esposa, se tivessem que sofrê-la.

A terceira causa que mais afligia o santo Esposo era o risco de entregar a Esposa, se fosse reconhecida culpada desse crime para ser apedrejada. Pela lei **(Lev 20, 10; Dt 22, 28)**, era este o castigo das adúlteras. Estas considerações punha o coração de São José sobre pontas de aço, ferindo-o de uma pena, ou de muitas reunidas. Não encontrava, no momento, outro alívio senão a confiança que depositava em sua Esposa. Entretanto, todos os sinais testemunhavam a nunca esperada novidade e não se ofe-

recia ao santo homem explicação satisfatória. Como não se atrevia a confiar sua dolorosa aflição a pessoa alguma, via-se cercado pelas dores da morte **(Sl 17, 5)**, e sentia, por experiência, que o ciúme é implacável como o inferno **(Cant 8, 6)**.

Perplexidade do santo

378. Queria refletir a sós, e a dor impedia-lhe o raciocínio. Se o pensamento desejava seguir a linha das suspeitas tudo se desvanecia como o gelo sob o sol, ou como a fumaça pelo vento, ao se lembrar da indiscutível santidade de sua recatada e prudente Esposa. Se queria cortar a afeição de seu castíssimo amor não podia, porque sempre a considerava digna de ser amada. A verdade, ainda que oculta, tinha mais força para atrair, do que o aparente engano de infidelidade para o afastar. Não era possível quebrar aquele vínculo fortalecido com fiadores tão abonados como a verdade, razão e justiça. Abrir-se com sua divina Esposa não achava conveniente, nem o permitia aquela seriedade divinamente humilde e inalterável que n'Ela se ostentava. Ainda que via a mudança de seu físico, o proceder tão puro e santo não correspondia ao descuido de que se pudera presumir. Tal culpa não se ajustava com tanta pureza equanimidade, discrição, santidade e todas as graças reunidas que, cada dia, cresciam mais em Maria santíssima.

Oração de São José

379. De suas penas, apelou o santo esposo José para o tribunal do Senhor, por meio da oração. Pondo-se em sua presença, disse: Altíssimo Senhor e Deus eterno, não são ocultos à vossa divina presença meus desejos e gemidos.

Encontro-me em combate com violentas ondas **(Sl 37, 11)** que, através dos sentidos feriram meu coração. Eu o entreguei com toda confiança à Esposa que recebi de vossa mão. Confiei em sua grande santidade **(Prov 31, 11)**; e os sinais que nela vejo me enchem de dor e medo de ver frustradas minhas esperanças. Ninguém, que até hoje a conheceu, pode duvidar de seu recato e excelentes virtudes, mas tampouco se pode negar que está grávida. Julgar que foi infiel e vos ofendeu, será temeridade em vista de tão peregrina pureza e santidade. Negar o que a vista me assegura, é impossível, mas não o será morrer pela força desta dor, se aqui não estiver escondido um mistério que não compreendo. A razão a desculpa, os sentidos a condenam. Ela me esconde a causa da gravidez que vejo. Que hei de fazer? Em nosso desposório concordamos mutuamente no voto de castidade que ambos prometemos para vossa glória. Se fosse

possível que houvesse violado esta promessa, eu defenderia vossa honra e por vosso amor renunciaria à minha. Como, porém, poderia Ela conservar tal pureza e santidade em tudo mais, se houvesse cometido tão grave delito? E, como, sendo tão santa e prudente me esconde este sucesso? Suspendo o juízo e me detenho, ignorando a causa do que vejo. Derramo em vossa presença (Sl 141, 3) meu aflito espírito, ó Deus de Abrãao, Isaac e Jacó, recebei minhas lágrimas como sacrifício aceitável, e se minhas culpas mereceram vossa indignação, obrigai-vos Senhor de vossa própria clemência e benignidade e não desprezeis tão vivas penas. Não julgo que Maria vos ofendeu, mas sendo eu seu esposo, tampouco posso presumir algum mistério de que não sou digno. Governai meu entendimento e coração com vossa divina luz, para que eu conheça e execute o mais aceito a vosso beneplácito.

Sofrimento: preparação para a graça

380. José perseverou nesta oração, com muitos outros afetos e súplicas. Apesar de haver pensado que na gravidez de Maria Santíssima encerrava-se algum mistério que ele ignorava, não podia ter disso certeza. Não tinha maiores provas das que se lhe ofereciam, para o presumir e se libertar da suspeita de haver culpa naquela gravidez, não obstante todo o respeito pela santidade da divina Senhora. Deste modo, não lhe veio o pensamento de que Ela podia ser a Mãe do Messias. Algumas vezes suspendia as dúvidas; outras vezes a evidência as reforçava. Flutuava, arrastado por impetuosas ondas de um lado para o outro: em seguida, como náufrago vencido, costumava quedar-se em penosa imobilidade; não se determinava a crer nem em uma, nem em outra coisa, para vencer a dúvida, aquietar o coração e agir com a certeza de alguma delas. Este grande sofrimento de São José é evidente prova de sua incomparável prudência e santidade. Essa provação tornou-o idôneo para a singular graça que Deus lhe preparava.

Atitude da Virgem

381. Quanto se passava, em segredo, no coração de São José, era conhecido pela Princesa do céu que tudo via pela ciência e luz divina que possuía. Ainda que seu santíssimo coração se enchia de ternura e compaixão pelo que seu Esposo sofria, não lhe dizia palavra sobre isso. Servia-o, porém com grande submissão e cuidado, enquanto o homem de Deus, a observava com a ansiedade que jamais homem algum sentiu. Servindo-o à mesa e em outras ocupações domésticas, a grande Senhora (ainda que sua gravidez não lhe dava incômodo algum) fazia alguns movimentos e tomava posições que a tornavam mais visível. São José tudo notava e mais se certificava da verdade, para maior aflição de sua alma. Não obstante ser santo e reto, desde que se desposara com Maria santíssima, deixava-se respeitar e servir por Ela, mantendo a autoridade de chefe, ainda que temperada com rara humildade e prudência. Enquanto ignorou o mistério da pessoa de sua Esposa, julgou que devia mostrar-se superior com a conveniente moderação. Não queria discordar dos antigos Pais e Patriarcas a quem as mulheres eram obedientes e submissas. Teria razão para proceder assim, se Maria santíssima, Senhora nossa, fosse como as demais mulheres. Mas apesar de tão diferente, não houve jamais alguma tão obediente, humilde e submissa ao marido, quanto o foi a eminentíssima Rainha a seu Esposo. Servia-o com incomparável respeito e pontualidade. Sabendo da inquietação que o preocupava a respeito de sua gravidez, nem por isso deixou de fazer todas as suas obrigações, nem procurou dissimular ou esconder o seu estado. Estes rodeios, artifícios e duplicidade não se harmonizavam com sua sinceridade e candidez angélica, nem com a generosidade e grandeza de seu nobilíssimo coração.

Maria não se justifica

382. Bem pudera a grande Senhora alegar a seu favor a verdade de sua absoluta inocência. Poderia recorrer ao testemunho de sua prima Santa Isabel e Zacarias, pois se São José suspeitasse de sua inocência, atribuiria sua culpa àqueles meses em que estivera ausente. Por esta

prova e outras, mesmo sem revelar o mistério, poderia se justificar e livrar São José daquela perplexidade. Nada disso fez a Mestra da prudência e humildade. Não concordava com estas virtudes o defender-se, nem abonar tão misteriosa verdade com seu testemunho pessoal. Com grande sabedoria, tudo remeteu às disposições divinas. A compaixão por seu Esposo, e o amor que lhe dedicava, inclinavam-na a consolá-lo e aliviá-lo, mas não o fez desculpando-se ou escondendo sua gravidez. Procurou confortá-lo servindo-o com maior carinho, perguntando-lhe o que desejava que Ela fizesse, e outras demonstrações de submissão e amor. Muitas vezes o servia de joelhos. Ainda que tudo isto desse algum consolo a São José, por outro lado mais o afligia, considerando as muitas razões que tinha para amar a quem não podia, com certeza, atribuir ofensa contra ele. A divina Senhora orava continuamente por ele, pedindo ao Altíssimo que o consolasse. Ao mesmo tempo, resignava-se inteiramente à vontade de Deus.

Maria e José, modelos de virtudes

383. Não podia São José ocultar, de todo, seu acerbo sofrimento. Muitas vezes ficava pensativo, triste, parado, e sob a influência desta dor falava à sua divina Esposa com um pouco mais de severidade do que antes. Isto era inevitável efeito de seu aflito coração e não indignação ou vingança, o que nunca chegou a seu pensamento, como se verá adiante (2). A prudentíssima Senhora, porém, nunca mudou o semblante, nem fez demonstrações alguma de ressentimento, mas ao contrário, cuidava melhor do bem-estar de seu Esposo. Servia-o à mesa, trazia-lhe o assento, a comida, servia-lhe a bebida. Depois de fazer tudo isso, com incomparável encanto, São José a mandava assentar-se, e a cada momento crescia-lhe a certeza de que se encontrava grávida. Não há dúvida de que esta ocasião foi uma das que mais provaram não só a São José como também à Princesa do céu. Revelou-se então a profundíssima humildade e sabedoria de sua alma santíssima, e teve o Senhor a oportunidade para exercitar e experimentar suas virtudes. Não lhe mandara guardar segredo sobre o mistério de sua gravidez, nem lhe manifestara sua divina vontade tão claramente como em outros casos. Parece que Deus tudo confiou à ciência e divinas virtudes de sua Esposa eleita, deixando-a agir por elas, sem outra especial iluminação. A Divina Providência proporcionava à Maria santíssima e a seu fidelíssimo esposo José, ocasião para que cada qual respectivamente, exercitasse com atos heróicos as virtudes que lhes havia infundido. A nosso modo de entender, Deus deleitava-se com a fé, esperança, amor, humildade, paciência, silêncio e serenidade daqueles cândidos corações no meio de tão dolorosa aflição. Exaltava sua glória, dava ao mundo este exemplo de santidade e prudência, e ouvia os doces clamores da Mãe santíssima e de seu castíssimo esposo, a Ele tão agradáveis. Fazia-se de surdo, a nosso modo de entender, para continuar a ouvi-los e protelando responder-lhes até o tempo oportuno e conveniente.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA RAINHA E SENHORA NOSSA.

Deus governa as criaturas

384. Minha filha caríssima, os pensamentos e desígnios do Senhor são altíssimos. Sua providência com as almas é forte, suave e admirável no governo de todas, especialmente de seus amigos escolhidos. Se os mortais acabassem por compreender o amoroso cuidado que este Pai das misericórdias emprega em dirigi-los e guiá-los, não seriam tão solícitos por si próprios **(Mt 6,25)**. Não se afogariam em tão molestas, inúteis e perigosas inquietações com as quais se criam dependências de outras criaturas. Entregar-se-iam seguros à sabedoria e amor infinitos que, com doçura e suavidade paternal cuidaria **(1Ped 5,7)** de todos seus pensamentos, palavras, ações, e de quanto lhes convém. Não quero apenas que conheças esta verdade, mas também que entendas como o Senhor, desde a eternidade, tem presentes em sua mente divina

2 - nº 388

todos os que, nas diversas épocas e idades serão predestinados. Com infalível força de sua infinita sabedoria e bondade, vai dispondo e encaminhando todos os bens que lhes convém, para finalmente ser conseguido o que para eles determinou.

Deixar-se governar por Deus

385. Por isto, é tão importante à criatura racional deixar-se dirigir pela mão do Senhor, entregando-se totalmente às suas disposições divinas. Os homens mortais ignoram os próprios caminhos **(Ecle 7, 1)** e onde irão acabar. Em sua insipiência não podem, só por si, escolhê-los sem grande temeridade e perigo de se perderem. Mas, quando se entregam de todo o coração à providência do Altíssimo, reconhecendo-o como Pai, de quem são filhos e criaturas, Ele se constitui seu protetor, amparo e governador. Fá-lo com tanto amor, que deseja que a terra e o céu conheçam pertencer-lhe o ofício de governar aos seus, e àqueles que se lhe entregam com confiança. Se Deus fosse capaz de sofrer, ou sentir ciúmes pelos homens, os teria de que outra criatura tomasse parte no cuidado das almas, e de que estas procurassem o que necessitam em alguém fora do mesmo Senhor que toma isso por sua conta **(Sab 10, 13)**. Não poderiam os homens ignorar esta verdade, se considerassem o que entre eles mesmos faz um pai por seus filhos, um esposo por sua esposa, um amigo pelo outro, um príncipe pelo favorito a quem ama e quer honrar.

Tudo isto nada é em comparação do amor de Deus pelos seus, e do que quer e pode fazer por eles.

Providência especial pelas almas fiéis

386. Ainda que, em geral, os homens creiam nesta verdade, ninguém pode compreender qual é o amor divino e seus particulares efeitos, pelas almas que totalmente se submetem e entregam à sua vontade. Mesmo o que tu compreendes, não é possível nem conveniente manifestar, mas não o percas de vista. Diz o Senhor (3) que não se perderá um cabelo de seus escolhidos, porque a todos tem contado.

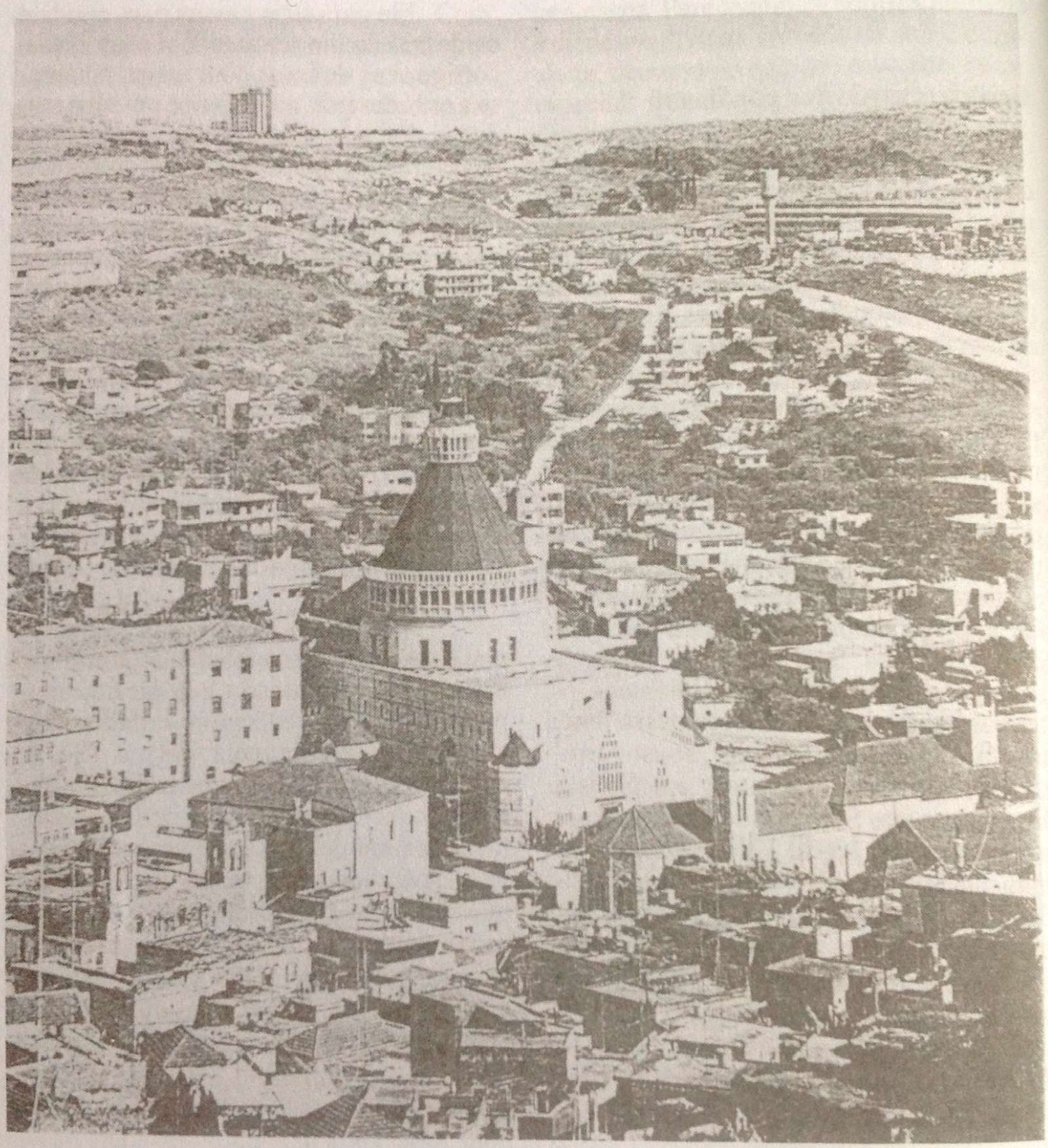
Ele guia seus passos para a vida e os desvia da morte; atende a suas obras, corrige seus defeitos com amor; adianta-se a seus desejos, antecipa-se em seus cuidados, defende-os nos perigos, consola-os na serenidade, conforta-os nos combates, assiste-os nas tribulações, preserva-os do erro com sua sabedoria; santifica-os com sua bondade; fortalece-os com seu poder. Sendo infinito, nada pode resistir **(Est 13, 9; Sl 113, 3)** nem impedir sua vontade; faz o que pode, pode tudo o que quer, e quer dar-se todo ao justo que está em sua graça e somente nele confia. Oxalá alguém pudesse ponderar quais e quantos bens derrama num coração assim disposto para recebê-los!

Resignação total

387. Se tu, minha amiga, queres que eu te alcance esta felicidade, imita-me com verdadeiro cuidado, e desde hoje emprega-o todo em conseguir verdadeira resignação à providência divina. Se te enviar tribulações, penas ou trabalhos, recebe-os e abraça-os com serenidade de coração, calma de espírito, paciência, viva fé e esperança na bondade do Altíssimo que sempre te dará o mais seguro e conveniente para tua salvação. Não escolhas coisa alguma, que Deus sabe e conhece teus caminhos. Confia em teu Pai e Esposo celestial que, com amor fidelíssimo, te protege e ampara. Considera minhas ações que não te são escondidas. Adverte que, fora dos sofrimentos de meu Filho santíssimo, o maior que padeci em minha vida foi o das tribulações de meu esposo José, e de suas penas na ocasião que estás descrevendo.

---

3 - Lc 20, 18; 11, 7; Sl 36, 23; Prov 3, 12; Sab 6, 14; 5, 17; Cant 8, 5; Sl 26, 3; Sl 90, 15



Nazaré atualmente

CAPÍTULO 2

CRESCEM OS RECEIOS DE SÃO JOSÉ. RESOLVE DEIXAR SUA ESPOSA E RECORRE À ORAÇÃO.

Grande sofrimento de São José

388. Naquela tempestade de inquietações, o retíssimo e prudente coração de São José procurava, por vezes, respirar e cobrar alento, refletindo a sós e procurando por em dúvida a gravidez de sua Esposa. Cada dia que passava, porém, o progresso da gravidez maior certeza dela lhe trazia, e o Santo não encontrava outra explicação a que recorrer, pois da dúvida passava à maior certeza. O adiantamento do estado da divina Princesa a tornava ainda mais cativante e isenta de qualquer achaque.

De todo o modo, aumentava sua perfeição na beleza, saúde e agilidade, e tudo se transformava em razões de maior suspeitas e maiores atrativos do castíssimo amor de José. Não podia afastar estes sentimentos que, ao mesmo tempo, o assaltavam como vagas que se entrechocavam. De tal maneira, o abateram, que chegou a persuadir-se completamente da evidência. Seu espírito se conformava com a vontade de Deus, mas a fraqueza da carne sentiu a imensa dor da alma que chegou ao auge e não encontrou mais nenhum conforto para sua tristeza. As forças do corpo declinaram, e ainda que não chegou a ser enfermidade, tornou-se abatido e macilento. Seu rosto cobriu-se com a profunda tristeza e melancolia que o afligia. Como sofria a sós, sem procurar o alívio do desabafo, (como ordinariamente fazem os outros homens) a tribulação do Santo se tornava mais dura e mais irreparável pelos caminhos normais.

Silêncio de Maria

389. O coração de Maria santíssima sofria igualmente mas, ainda que fosse muito grande sua dor, a capacidade de seu magnânimo espírito também era maior. Tão generoso ânimo diminuia-lhe o peso das próprias penas; não porém o cuidado que lhe davam as de São José, seu esposo. Por isto, propos interessar-se mais por ele e cuidar de sua saúde e bem estar. A prudentíssima Rainha, contudo, considerava lei inquebrantável agir sempre com plenitude de sabedoria e perfeição. Em virtude desta convicção, continuava a silenciar a verdade do mistério que não tinha ordem para revelar. Apesar de ser, por este meio, a única que poderia sossegar seu esposo José, não o fez para respeitar e guardar o sacramento (**Tob 12, 7**) do Rei celestial. O que dependia de si, fazia quanto lhe era possível: interessava-se por sua saúde, perguntando-lhe o que desejava que Ela fizesse para o servir e aliviar da indisposição que tanto o abatia. Rogava-lhe que tomasse algum repouso, pois era justo acudir à necessidade e reparar as forças do corpo para depois trabalhar pelo Senhor. Observava São José tudo quanto sua divina Esposa fazia. Ponderando, consigo mesmo, naquela virtude e discrição e sentindo a santa influência de seu trato e presença, pensava: Como é possível que

mulher de tais costumes, e em quem tanto se manifesta a graça do Senhor, me cause tal tribulação? Como esta prudência e santidade podem concordar com os indícios de haver sido infiel a Deus e a mim que tão cordialmente a amo? Se quero despedi-la, ou afastar-me perco todo meu consolo, meu lar e meu descanso. Se me retiro, que bem encontrarei semelhante a Ela? Que consolo se me faltar o seu? Tudo, porém, pesa menos que a infâmia de tão infeliz sorte, e que de mim se pense ter cumplicidade em algum delito. Esconder-se o sucesso é impossível, porque a seu tempo tudo aparecerá, ainda que agora o dissimule e cale. Dizer-me autor desta gravidez será mentira vil contra minha própria consciência e reputação. Não posso nem reconhecê-la minha, nem atribuí-la à causa que ignoro. Pois, que farei em tal apuro? O menor mal para mim será retirar-me e abandonar minha casa antes que chegue o parto, e me deixe mais confuso e aflito, sem saber que determinação tomar, vendo em minha casa filho que não é meu.

Os anjos inspiram a São José

390. A Princesa do céu, com grande angústia, vendo a resolução de seu esposo em deixá-la e retirar-se, voltou-se para seus anjos custódios e lhes disse: Espíritos bem-aventurados e ministros do supremo Rei que vos exaltou à felicidade que gozais, e por sua benignidade me acompanhais como fidelíssimos servos seus e meus guardas; peço-vos, meus amigos, que apresenteis à sua clemência as aflições de meu Esposo José. Suplicai-lhe que o conforte e olhe como verdadeiro Deus e Pai. E vós, que prontamente obedeceis a suas palavras, ouvi também meus rogos; por Aquele que, sendo infinito, quis se encarnar em mim, peço-vos e suplico que, sem demora, acudais à aflição em que se encontra o fidelíssimo coração de meu Esposo. Aliviai-o de suas penas e tirai-lhe do pensamento a resolução de partir.

Obedeceram à sua Rainha os anjos que ela destinou para isso, e ocultamente enviaram ao coração de São José muitas inspirações santas, persuadindo-o novamente de que sua Esposa Maria era santa e perfeitíssima e dela não se devia crer coisa indigna; que Deus era incompreensível em suas obras e impenetrável em seus retos juízos (**Tren 3, 25; Sl 33, 19**); sempre fidelíssimo para os que n'Ele confiam, a ninguém despreza nem desampara na tribulação.

Maria reza por São José

391. Com estas e outras santas inspirações sossegava um pouco o perturbado espírito de São José, ainda que não sabia donde elas procediam. Como o motivo de sua tristeza, porém, não desaparecia, logo voltava a ela sem encontrar saída com razões seguras. Retomou, pois, a intenção de se retirar e deixar a Esposa.

Conhecendo isto, a divina Senhora julgou necessário evitar esse perigo e suplicar o socorro de Deus com mais instância. Voltou-se ao Filho santíssimo que levava em si, e com íntimo afeto e fervor, lhe disse: Senhor e bem de minha alma, se me derdes licença, ainda que sou pó e cinza (**Gn 18, 27**), falarei em vossa real presença, e manifestarei meus gemidos que a vós não se podem esconder (**Sl 37, 10**). Justo é, Senhor meu, que eu não seja negligente em ajudar o Esposo que recebi de vossas mãos. Vejo a tribulação que sofre, por vossa permissão, e não será piedade deixá-lo assim. Se achei graça a vossos olhos (**Ex 34, 9**) suplico-vos, Senhor e Deus eterno, pelo amor que vos inclinou a descer ao seio de vossa escrava (**1 Jo 4, 9**) pela salvação dos homens, tenhais por bem consolar a vosso servo José, e dispô-lo para colaborar no cumprimento de vossos grandes desígnios. Vossa escrava não ficará bem sem esposo que a ampare e proteja. Não permitais, Deus e Senhor meu que execute sua determinação e retirando-se me abandone.

Resposta de Deus

392. A esta súplica respondeu o Altíssimo: Pomba e amiga minha, acudirei prontamente ao consolo de meu servo José. Revelando-lhe, por meu anjo, o mis-

tério que ignora, poderás lhe falar com clareza tudo o que realizei em Ti, não sendo mais necessário, daqui em diante, que guardes silêncio sobre isso. Enche-lo-ei de meu espírito e o instruirei como proceder nestes mistérios. Ele te ajudará neles e te assistirá em tudo o que te acontecer. - Com esta promessa de Deus ficou Maria santíssima confortada e consolada, dando humildes graças ao Senhor que, com tão admirável ordem (**Sab 11, 21**), dispunha todas as coisas com medida e peso. Pois, além do consolo em ficar livre daquela preocupação, conheceu a grande Senhora quão útil fora para seu esposo José ter sofrido aquela tribulação que provou e dilatou seu espírito, para as grandes coisas que lhe seriam confiadas.

São José decide partir

393. Neste ínterim, continuava São José a revolver suas dúvidas, havendo passado já dois meses nessa tribulação. Sentiu-se vencido pela dificuldade e disse: Não encontro para minha dor, meio mais oportuno do que ir-me embora. Confesso que minha Esposa é perfeitíssima e nada vejo nela que não prove sua santidade, mas afinal está grávida e não compreendo este mistério. Não quero ofender sua virtude entregando-a à justiça da lei; mas tampouco posso esperar o desfecho do parto. Partirei logo e me abandonarei à providência do Senhor - Resolveu partir naquela noite. Para a viagem preparou um pequeno fardo de roupas. Recebera algum dinheiro por trabalhos que fizera, e com esta bagagem se dispos a partir pela meia noite. Seja, porém, pela especial circunstância, seja pelo costume, ao se recolher fez esta oração ao Senhor: Altíssimo e eterno Deus de nossos pais Abraão, Isaac e Jacó, verdadeiro e único amparo dos pobres e aflitos, é manifesta à vossa clemência a dor e angústia de meu coração; conheceis também, Senhor, apesar de minha indignidade, que sou inocente de sua causa, e a infâmia e perigo que me ameaça o estado de minha Esposa. Não a julgo adúltera porque conheço suas grandes virtudes e perfeições, mas vejo sem dúvida, que está grávida. Ignoro o modo e a causa do fato, mas não encontro saída para me sossegar. Resolvo, como menor mal, retirar-me para onde ninguém me conheça e entregue à vossa providência terminarei minha vida num deserto. Não me desampareis, Senhor meu e Deus eterno, pois só desejo vossa maior honra e serviço.

Sofrimento e virtudes de José e Maria

394. Prostrou-se em terra e fez voto de oferecer ao templo de Jerusalém parte do dinheiro que levava para a viagem, para que Deus amparasse e defendesse sua Esposa Maria das calúnias dos homens e a livrasse de todo mal. Tanta era a retidão do homem de Deus e o apreço que fazia da divina Senhora. Depois desta oração recolheu-se para dormir um pouco, antes de sair à meia noite às escondidas de sua Esposa. Durante o sono aconteceu-lhe o que direi no capítulo seguinte. A grande Princesa do céu, segura da divina palavra, do seu retiro via tudo o que São José fazia e preparava, pois o Todo-poderoso lhe concedia essa visão. Conhecendo o voto que por Ela fizera, sua bagagem e pecúlio tão pobre, cheia de ternura e compaixão rezou novamente por ele, e com ação de graças louvou ao Senhor em suas obras e na ordem com que as dispõe acima de todo pensamento dos homens. Permitiu o Senhor que Maria santíssima e São José chegassem ao extremo da aflição para que, além dos méritos que adquiriam neste longo martírio, fosse depois o benefício da consolação divina mais admirável e estimável. A grande Senhora estava inabalável na fé e esperança de que o Altíssimo interviria oportunamente, e por isto silenciava o sacramento do Rei (**Tob 12, 7**) que não tinha permissão para revelar. Apesar de tudo, a resolução de São José a afligiu muitíssimo, porque se lhe representou os grandes inconvenientes de ficar só, sem arrimo e companhia que a amparasse e confortasse pela ordem comum e natural. Não pretendia receber tudo por modo milagroso e sobrenatural. Todas estas preocupações não a impediram, porém, de exercitar virtudes tão excelentes como: a magnanimidade, tolerando as aflições, suspeitas e decisões de São José; a pru-

dência, ponderando que o mistério era grande e que, por si, não convinha revelá-lo; o silêncio, calando como mulher forte, distinguindo-se entre todas, sabendo guardar segredo do que, tantas razões humanas aconselhariam a falar; a paciência, sofrendo; a humildade, tolerando as suspeitas de São José. Nesta provação praticou ainda muitas outras virtudes, e assim nos ensinou que nas maiores tribulações devemos esperar o socorro do Altíssimo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Discrição espiritual

395. Minha filha, a doutrina que hoje te dou com o exemplo de meu silêncio, seja de o tomares por modelo em teu proceder a respeito dos favores e sacramentos do Senhor, guardando-os no segredo de teu coração. Mesmo que te pareça conveniente manifestá-los para consolo de alguma alma, não deves tomar tal decisão só por ti, sem consultar a Deus e depois a obediência. Estas matérias espirituais não devem ser governadas por sentimentos humanos, nos quais interferem muito as paixões ou inclinações da criatura. Há grande perigo que elas levem a julgar conveniente o que é nocivo, e como serviço de Deus o que o ofende.

Discernir, interiormente, entre os movimentos divinos que nascem da graça e os gerados pelos afetos desordenados, não se consegue com o olhar da carne e do sangue **(1 Cor 2, 14)**. Apesar destas duas espécies de inspirações serem tão opostas, se a criatura não for muito esclarecida e morta às suas paixões, não conseguirá perceber a diferença, nem distinguir o precioso do vil **(Jer 15, 19)**. Este perigo é ainda maior se intervêm alguma razão temporal e humana. Neste caso, o amor próprio e natural costuma intrometer-se dispor e governar as coisas divinas e espirituais, com repetidos e desastrados erros.

Evitar os julgamentos

396. Seja, pois, regra geral que, sem minha ordem e a não ser com quem te governa, jamais reveles coisa alguma. Já que me constitui tua Mestra, não faltarei em te dar orientação e conselho nisto, como em tudo o mais, para não te desviares da vontade de meu Filho santíssimo. Tem grande apreço pelos favores e benefícios do Altíssimo. Trata-os com magnificência **(Ecli 39, 19 - 20)**, agradece-os e aproveita-os. Estima-os mais do que todas as coisas inferiores e principalmente às de tua inclinação. O temor reverencial pelo inestimável tesouro que em Mim estava depositado, inclinou-me muito ao silêncio. Não obstante a natural obrigação e amor que tinha a meu senhor e esposo São José a dor e compaixão pelas aflições, das quais desejava libertá-lo, dissimulei e calei. Antepus a tudo o gosto do Senhor, remetendo-lhe a causa que Ele reservara só para Si. Com isto, aprende a jamais te desculpares, por mais inocente que estejas do que te acusam. Empenha o Senhor confiando em seu amor. Deixa teu crédito por sua conta e, enquanto esperas, vence com paciência, humildade, ações e palavras mansas, à quem te ofende. Acima de tudo te advirto a nunca julgares mal de ninguém, ainda que tenhas indícios para isso. A caridade simples e perfeita te ensinará a encontrar prudente saída para tudo, e a desculpar as faltas alheias. Para isto Deus apresenta o exemplo de meu esposo São José. Ninguém mais do que Ele teve tantos indícios e ninguém foi mais prudente em suspender o julgamento. Pela lei da caridade discreta e santa é prudência, e não temeridade, remeter-se a causas superiores que não se alcançam, antes que julgar e culpar o próximo no que não é certamente culpa. Não te dou aqui doutrina particular para os unidos em matrimônio, porque a podem tirar do exemplo de toda minha vida. Desta que acabo de dar, todos podem se aproveitar, ainda que, agora, destino-a para teu aproveitamento que desejo com especial amor. Ouve-me, caríssima, e põe em prática meus conselhos e palavras de vida.

CAPÍTULO 3

O ANJO DO SENHOR FALA A SÃO JOSÉ, EM SONHOS, E LHE DECLARA O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO. RESULTADO DESTA EMBAIXADA.

O ciúme e seus efeitos

397. A dor do zelo é tão vigilante despertador que, muitas vezes, mais do que despertar, tira o repouso e o sono de quem o sofre. Ninguém padeceu este mal quanto São José, não obstante ser verdade, que ninguém teria menos motivo para isso, se na ocasião soubesse do que se tratava. Dotado de grande ciência e luz, penetrava a santidade e os inestimáveis dotes de sua divina Esposa. Conhecendo, por esta ciência, as razões que o obrigavam a renunciar à posse de tanto bem, forçosamente mais sentia a dor de o deixar. Por esta razão, o sofrimento de São José excedeu nesta matéria, tudo quanto padeceram outros homens, pois nenhum pôde conhecer, estimar e fazer maior conceito do que perdia. Não obstante, houve grande diferença entre o zelo deste fiel servo, e dos demais que costumam padecer este trabalho. Os ciúmes acrescentam ao veemente e ardoroso amor, uma grande apreensão de não perder o que ama. A este afeto, por natural conseqüência, segue-se o sentimento de o perder ou imaginar que alguém o possa tirar. Esta dor é comumente chamada zelo ou ciúme. Nas pessoas que têm paixões desordenadas, por falta de prudência e outras virtudes, tal dor costuma produzir ímpetos de ira e inveja, contra a própria pessoa amada ou contra o rival que disputa a correspondência do amor, seja este bem ou mal ordenado. Levantam-se as tempestades de imaginações e suspeitas temerárias geradas pelas mesmas paixões. Daqui se originam as veleidades de querer e odiar, de amar e se desinteressar. A paixão irascível e a concupiscível andam em contínua luta, sem haver raciocínio e prudência que as sujeite e domine, porque esta espécie de doença obscurece o entendimento, perverte a razão e repele a prudência.

Tal amor, tal zelo

398. Em São José não houve nem pôde haver estas desordens viciosas, não só por sua insigne santidade, como também pela de sua Esposa. Não via n'Ela culpa para o indignar, nem presumiu o Santo que Ela houvesse dado o amor a algum outro, de quem sentir inveja ou afastar com ira. O zelo de São José, na grandeza de seu amor, constituiu apenas na dúvida de sua Esposa não lhe haver correspondido a afeição. Não encontrava explicação para vencer esta dúvida, em vista dos indícios contrários que pareciam evidentes. Não foi necessária maior certeza para que sua dor fosse veemente, porque em prenda tão própria como Esposa, justo é não admitir concorrente. Para lhe despertar o zelo, bastava que o amor veemente e casto que enchia o coração do Santo se visse ameaçado pelo menor indício de infidelidade, e pela previsão de perder o mais perfeito, formoso e amável objeto de seu entendimento e vontade. Quando o

amor tem tão justos motivos, grandes e eficazes são os laços e cadeias que o prendem, fortíssimas suas prisões, tanto mais quando não existem imperfeições que as enfraqueçam ou quebrem. Assim acontecia com nossa Rainha que nada apresentava para diminuir o amor de seu santo Esposo, mas pelo contrário, por muitas razões e predicados só o fazia crescer.

José recebe a revelação do mistério

399. Nesta dor e tristeza adormeceu São José, depois da oração que fez, convencido de que acordaria a tempo para se retirar pela meia-noite, acreditando que não seria notado por sua Esposa. Estava a divina Senhora aguardando a intervenção divina e suplicando socorro, com suas humildes preces. Via que, tendo a tribulação de seu aflito Esposo chegado ao auge da dor, aproximava-se também o tempo da misericórdia e do alívio de seu aflito coração. O Altíssimo enviou o Arcanjo Gabriel para, durante o sono de São José, lhe manifestar, por divina revelação, o mistério da gravidez de sua esposa Maria. Cumprindo o Anjo esta embaixada, falou a São José em sonhos, como diz S. Mateus **(Mt 1, 20 - 23)**, e lhe declarou todo o mistério da Encarnação e Redenção com as palavras referidas pelo Evangelista. Pode suscitar alguma admiração, como a mim aconteceu, o fato do Santo Arcanjo ter falado a São José em sonhos, e não quando se achava acordado. O mistério que vinha revelar era sublime e nada fácil de entender; São José estava perturbado e angustiado. Além disso, o mesmo mistério foi revelado a outras pessoas despertas e não adormecidas.

A perturbação espiritual impede a comunicação sobrenatural

400. A suprema razão destas obras de Deus é sua divina vontade em tudo justa, santa, e perfeita; mas, do que cheguei a compreender, direi alguma coisa, conforme puder, para nossa instrução.

A primeira razão é que São José, sendo tão prudente e cheio da divina luz, tendo tão alto conceito de Maria santíssima Senhora nossa, não precisou de meios mais fortes, para se persuadir da dignidade da Esposa e dos mistérios da Encarnação. As inspirações divinas são bem acolhidas pelos corações bem dispostos.

A segunda razão, foi porque a perturbação de São José começara através dos sentidos, vendo a gravidez de sua Esposa. Era justo que, tendo sido ocasião para o engano e suspeita, eles fossem privados do gozo da visão angélica, e da honra de servir como instrumentos para receber a verdade.

A terceira razão é conseqüência da anterior: embora São José não haja cometido falta, aquela perturbação deixou seus sentidos mal impressionados, como que entorpecidos e pouco idôneos para a visão e comunicação com o santo Anjo. Deste modo era conveniente que, nesta ocasião, lhe fosse transmitida a mensagem quando suas operações sensitivas estivessem suspensas. Depois da revelação, o santo homem as purificou e se dispos com muitos atos, como direi, para receber o influxo do Espírito Santo, antes impedido pela perturbação.

Diferentes modos de revelação: suas razões

401. Destas razões se colige por que Deus falava em sonhos aos antigos pais, mais do que agora aos fiéis, filhos da lei evangélica. Para estes é menos ordinário o modo de revelações em sonhos, e mais frequente falarem os anjos com maior clareza e presença. A razão disto é porque, segundo a divina disposição, o maior impedimento e óbice para as almas se comunicarem familiarmente com Deus e seus anjos, são os pecados, ainda que leves, e também as imperfeições de nossas operações.

Depois que o Verbo divino se encarnou e conviveu com os homens, os sentidos se purificaram, e nossas potências se purificam todos os dias, santificadas com o bom uso dos sacramentos sensíveis. Por este modo se espiritualizam e elevam, se despertam e habilitam suas operações para a participação das influências divinas.

Esta vantagem que os antigos não tiveram, devemo-la ao sangue de Cristo nosso Senhor, em cuja virtude somos santificados pelos sacramentos. Por eles recebemos efeitos divinos de graças especiais, e alguns conferem caráter espiritual que nos fortalece e dispõe para mais altos fins. Quando, porém, o Senhor falava, ou fala agora em sonhos, é porque exclui as operações dos sentidos por inaptas ou despreparadas para sua comunicação e influxos espirituais.

São José recebe a revelação do mistério da Encarnação

402. Colige-se também desta doutrina que para a alma receber os ocultos favores do Senhor, não só se requer que esteja sem pecado, que tenha méritos e graça, mas também que esteja em paz e tranqüilidade. Se, em conjunto as potências, como em São José, estão perturbadas, não se encontram dispostas para os efeitos tão divinos e delicados que a alma recebe na visão e gozo do Senhor.

Esta condição é tão necessária que, embora a criatura esteja merecendo muito com o padecer tribulações, como estava o Esposo da Rainha, a intranqüilidade é impedimento. O sofrimento implica conflito com as trevas, enquanto o gozo é repouso na paz e na posse da luz. Daí não ser compatível com esta a presença das trevas, ainda que seja durante o combate para as repelir.

Na peleja das tentações, porém, em que se está como sonhando à noite, costuma-se sentir e perceber a voz do Senhor por intermédio dos Anjos, como aconteceu a São José. Ouviu e entendeu tudo o que dizia São Gabriel: que não temesse ficar com sua esposa Maria, porque ela concebera por obra do Espírito Santo **(Mt 1, 20-21)**; daria à luz um filho a quem poriam o nome de Jesus, e que seria o salvador de seu povo; que em todo este mistério seria realizada a profecia de Isaias **(Is 7, 14)** que disse: uma Virgem conceberá e dará à luz um filho que se chamará Emanuel, quer dizer, Deus conosco.

São José não viu o Anjo com espécies imaginárias, só ouviu a voz interior e nela compreendeu o mistério. Das palavras que lhe foram ditas se deduz que São José, na intenção, já deixara Maria santíssima, pois o Anjo lhe mandou que "sem temor a recebesse".

Arrependimento e oração de São José

403. Despertou São José, ciente do mistério revelado e de que sua Esposa era Mãe verdadeira do próprio Deus. Entre o gozo de sua felicidade e não esperada sorte e do arrependimento do que havia feito, prostrou-se em terra, e com outra humilde perturbação, temeroso e alegre ao mesmo tempo, fez heróicos atos de humildade e reconhecimento. Deu graças ao Senhor pelo mistério que lhe revelara, e por ter sido escolhido para esposo de sua Mãe, da qual não merecia ser escravo. Com esta certeza e atos de virtude, tranqüilizou-se o espírito de São José e se dispos para receber novos efeitos do Espírito Santo.

A dúvida e perturbação que sofreu aprofundaram-lhe a humildade que devia possuir, para ser o guarda dos mais altos desígnios do Senhor. A lembrança desta crise serviu-lhe de instrução durante toda a vida. Terminada esta oração a Deus, começou o santo homem a repreender-se, dizendo consigo: oh! minha Esposa, divina e mansíssima pomba, escolhida pelo Altíssimo para morada e Mãe sua! Como este indigno escravo teve a ousadia de duvidar de tua fidelidade? Como o pó e cinza permitiu ser servido pela Rainha do céu e terra, Senhora de toda a criação? Como não beijei o solo tocado por teus pés? Como não me entreguei todo a servir-te de joelhos? Como levantei meus olhos em tua presença, como me atreverei a estar em tua presença e a abrir meus lábios para te falar? Senhor, Deus eterno, dai-me graça e força para lhe pedir que me perdoe, e inclinai seu coração a usar de misericórdia e a não desprezar a este contrito servo, como o mereço. Ai de mim! Cheia de luz e graça, encerrando em Si o Autor da luz, lhe seriam conhecidos todos meus pensamentos! Tendo eu me resolvido deixá-la, atrevimento será aparecer diante de seus olhos! Reconheço meu grosseiro procedimento e grave engano: pois, diante de tanta santidade, admiti indignos pensamentos e dúvidas da fidelíssima correspondência que eu nem merecia. E, se para meu castigo, permitisse vossa justiça que eu executasse minha errada resolução? Qual seria agora, minha infelicidade? Eternamente agradecerei, altíssimo Senhor, tão incomparável benefício. Concedei-me, Rei poderosíssimo, dar-vos alguma digna retribuição. Irei à minha Senhora e Esposa, confiado na doçura de sua clemência e prostrado a seus pés lhe pedirei perdão, para que por Ela, vós meu Senhor e Deus eterno, me olheis como Pai e perdoeis meu desacerto.

São José aguarda o encontro com Maria

404. Assim transformado e feliz, saiu o santo Esposo de seu pobre aposento, completamente outro do que quando n'ele entrara. Como a Rainha do céu ainda se encontrava recolhida, não quis despertá-la **(Cant 2, 7)** da doçura de sua contemplação, até que Ela quisesse. Neste interim, o homem de Deus desmanchou o pequeno fardo que preparara, derramando copiosas lágrimas e com sentimentos absolutamente contrários do que quando o havia arrumado.

Começando a venerar sua Esposa, preparou a casa limpando o chão que seus sagrados pés haviam de pisar, e fazendo outras coisinhas que costumava deixar à divina Senhora, quando ainda não conhecia sua dignidade. Resolveu mudar de estilo no procedimento a seu respeito: ele faria o ofício de servo, e Ela de senhora. Sobre isto, desde aquele dia, tiveram os dois afetuosas contendas sobre quem deveria servir e se mostrar mais humilde.

Tudo o que se passava em São José era conhecido pela Rainha dos céus, sem que pensamento e movimento algum lhe fosse oculto. Ao chegar a hora, aproximou-se o santo do aposento de Maria santíssima que o esperava com a mansidão, gosto e agrado que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA MARIA SANTÍSSIMA

Necessidade da paz da alma

405. Minha filha, do que entendeste neste capítulo, podes tirar um aprazível motivo para louvar o Senhor, ao conhecer a ordem admirável de sua sabedoria **(1Reis 2, 6)** no afligir e no consolar a seus servos e escolhidos. Sapiente e piedosíssimo, fá-los sair tanto de uma como de outra situação, com maiores méritos e glória. Além desta advertência, quero que recebas outra muito importante para a íntima união que o Altíssimo deseja manter contigo: deves procurar, com toda atenção, conservar-te sempre em tranqüilidade e paz interior. Não consintas em nenhuma perturbação que te possa atrapalhar ou fazer perder esta paz, por nenhum sucesso desta vida mortal. Sirva-te de exemplo o que aconteceu a meu Esposo José na ocasião que descreveste. Não quer o Altíssimo que a criatura se perturbe com a tribulação, mas sim que por ela adquira méritos; que não desanime, mas que faça experiência de quanto pode com a graça.

Os fortes vendavais das tentações costumam atirar a alma ao porto de maior paz e conhecimento de Deus, e da mesma perturbação pode a criatura tirar conhecimento de si e humildade. Não obstante, se não recupera a tranqüilidade e sossego interior, não está disposta para que o Senhor a chame, visite e eleve até suas carícias. Deus não vem no torvelinho **(3Rs 19, 12)**, nem os raios daquele supremo sol de justiça são percebidos, enquanto não haja serenidade na alma.

Harmonia nas faculdades espirituais

406. Se esta falta de sossego impede tanto o íntimo trato com o Altíssimo, claro está que as culpas são maior óbice para se alcançar este grande benefício. Quero que atendas muito a esta doutrina, e não penses ter direito de usar tuas potências em desacordo com ela. Já que tantas vezes ofendeste ao Senhor, clama por sua misericórdia, chora e purifica-te sempre mais. Adverte que, sob pena de te condenares por infiel, tens obrigação de guardar tua alma e conservá-la para eterna morada do Todo-poderoso **(1Cor 3, 16)**, pura, limpa e serena para seu Dono possuí-la e dignamente nela habitar. A ordem de tuas potências e sentidos devem formar suavíssima e delicada harmonia como de instrumentos musicais. Quanto mais o forem, tanto maior é o perigo de se desafinarem, e por esta razão o cuidado há de ser maior em guardá-los e conservá-los intactos de todo o terrestre. Basta o ar infecto das coisas mundanas para alterar a harmonia, perturbar e infeccionar as potências assim consagradas a Deus. Trabalha, pois, e vive cuidadosa com domínio sobre tuas potências. Se alguma vez te alterares perturbando esta ordem, procura atender à divina luz recebendo-a sem confusão nem receios e praticando com ela o mais puro e perfeito. Para isto, mostro-te hoje o exemplo de meu santo Esposo José, que sem tardança nem suspeitas deu crédito ao santo Anjo, e imediatamente com pronta obediência, fez o que lhe foi mandado. Deste modo mereceu ser elevado a grandes recompensas e dignidade. Sem ter culpa no que fez, muito se humilhou, só por se haver perturbado, e com tanto fundamento, ainda que só aparente. Considera, pois, tu que não passas de um pobre vermezinho, quanto deves te apegar ao pó, chorando tuas culpas e negligências, até que o Altíssimo volte a te olhar como Pai e Esposo.

Maria reza por São José

CAPÍTULO 4

SÃO JOSÉ PEDE PERDÃO À MARIA SANTÍSSIMA SUA ESPOSA, E A DIVINA SENHORA O CONSOLA COM GRANDE PRUDÊNCIA.

São José pede perdão à Maria santíssima

407. Contrito, aguardava São José que Maria santíssima saísse de seu recolhimento. Chegada a hora, abriu a porta do pobre aposento da Mãe do Rei celestial, atirou-se a seus pés e com profunda humildade e veneração, lhe disse: Senhora e Esposa minha, Mãe verdadeira do eterno Verbo, aqui está vosso servo prostrado aos pés de vossa clemência. Pelo mesmo Deus e Senhor vosso, que trazeis em vosso seio virginal, peço-vos perdoar meu atrevimento. Estou certo, Senhora, que nenhum de meus pensamentos é oculto à vossa sabedoria e luz divina. Grande foi minha ousadia em querer vos deixar, e não menor tem sido a grosseria com que vos tratei até agora como inferior a mim, em vez de vos servir como à Mãe de meu Senhor e Deus. Sabeis, entretanto, que tudo fiz por ignorância, por não conhecer o sacramento do Rei celestial e a grandeza de vossa dignidade, ainda que venerasse em vós outros dons do Altíssimo. Não atendais, Senhora minha, à ignorância de uma vil criatura que, arrependida, oferece o coração e a vida à vosso obséquio e serviço. Não me levantarei de vossos pés, sem saber que me encontro em vossa graça, perdoado de minha falta, e obtida a vossa bênção e benevolência.

Resposta de Maria santíssima

408. Ouvindo Maria santíssima as palavras de São José, teve diferentes impressões. Com grande ternura alegrou-se no Senhor, ao ver seu Esposo informado dos mistérios da Encarnação, confessando-os com tão elevada fé e humildade.

Afligiu-a, porém, um tanto, a determinação de seu Esposo, em tratá-la para o futuro com o respeito e submissão que protestava. Acreditou a humilde Senhora que esta mudança lhe faria perder a ocasião de obedecer e humilhar-se como serva de seu Esposo. Como quem, de repente, se sente privado de alguma jóia ou tesouro que muito estimava, assim se contristou Maria santíssima ao ver que São José, por sabê-la Mãe do Senhor, não a trataria como inferior e sujeita em tudo.

Ergueu de seus pés o santo Esposo, e ajoelhou-se diante dele, sem que ele conseguisse impedir-lhe este gesto, porque na humildade ninguém podia vencer a Senhora.

Respondeu a São José: Meu Senhor e esposo, Eu sou quem vos deve pedir perdão e desculpas das penas e amarguras que lhe causei. A vossos pés suplico-vos que esqueçais vossas inquietações, pois o Altíssimo aceitou vossos desejos e as aflições que por ele padecestes.

Maria conforta São José

409. A divina Senhora achou que convinha consolar seu Esposo, e, para este fim, e não para se justificar, disse-lhe: o oculto mistério que o poder do Senhor em mim operou, não pude vos revelar só por minha inclinação pessoal, porque como

escrava do Altíssimo era justo aguardar sua vontade santa e perfeita. Calei, não porque não vos estimo como a meu senhor e esposo. Sempre serei vossa fiel serva e correspondo a vossos desejos e santos afetos. O que, porém, vos peço do fundo do coração, pelo Senhor que trago em Mim, é que em nosso convívio não mudeis o estilo que usastes até agora. O Senhor não me fez Mãe sua para ser servida como senhora neste mundo, mas para ser serva de todos, e de Vós escrava, obediente à vossa vontade. Este é, senhor, meu ofício, e fora dele viverei aflita e sem consolo. Justo é que me deis esse consolo, pois assim o ordenou o Altíssimo, dando-me vossa proteção e solicitude para estar protegida à vossa sombra, e com vossa ajuda possa criar o fruto de meu seio, o meu Deus e Senhor.

Com estas razões e outras cheias de suavidade, Maria santíssima consolou e sossegou São José, e o fez levantar-se do solo para continuarem a cuidar do que fosse necessário. Como a divina Senhora não estava apenas cheia do Espírito Santo, mas ainda trazia consigo o Verbo divino do qual, com o Pai, procede o Espírito, operou com especial modo a ilustração de São José. Recebeu o Santo grande plenitude das divinas influências, e todo renovado no fervor de espírito, disse:

Cânticos de São José e de Maria

410. Bendita sois, senhora, entre todas as mulheres, feliz e bem-aventurada em todas as nações e gerações. Seja enaltecido, com louvor eterno, o Criador do céu e terra, porque das alturas de seu trono real vos olhou e escolheu para sua habitação, e em vós cumpriu todas as antigas promessas que fez a nossos Pais e Profetas. Todas as gerações O bendigam, porque com nenhuma se exaltou tanto como o fez em vossa humildade, e comigo, o mais vil dos viventes, dignando-se escolher-me para servo vosso.

Estas palavras e bênçãos, São José as pronunciou pela iluminação do Espírito divino, ao modo como Santa Isabel respondeu à saudação de nossa Rainha e Senhora. A luz e ciência que o santíssimo Esposo recebeu foi admirável, como convinha para sua dignidade e ministério.

A divina Senhora ouvindo as palavras do Santo, respondeu com o cântico do Magnificat, repetindo-o como à Santa Isabel, e acrescentando outros novos. Ao cantá-los foi toda inflamada e transportada em altíssimo êxtase: elevou-se da terra cercada por um globo de refulgente luz, e ficou toda transformada e como revestida com os dotes da glória.

As grandezas de São José

411. À vista de tão divino quadro, ficou São José admirado e cheio de incomparável alegria, porque nunca vira sua abençoada esposa com semelhante glória e eminente excelência. Conheceu-a, então, com grande clareza: foi-lhe manifestada, ao mesmo tempo, a íntegra pureza da Princesa do céu e o mistério de sua dignidade; viu em seu virginal seio a humanidade santíssima do Menino Deus e a união das duas naturezas na pessoa do Verbo. Com profunda humildade e reverência o adorou e reconheceu por seu verdadeiro Redentor, e com heróicos atos de amor a Ele se ofereceu.

Olhou-o o Senhor com benignidade e clemência como a nenhuma outra criatura, pois o aceitou e lhe deu o nome de pai adotivo. Para estar à altura de tão sublime título, lhe deu a plenitude de ciência e dons celestiais, como a piedade cristã pode e deve presumir.

Não me detenho a falar sobre o muito que me foi mostrado a respeito das excelências de São José, porque então seria mister alongar-me além do que exige a finalidade desta História.

Maria, causa da santidade de José

412. Não morrer ou desfalecer pelo zelo de sua amada Esposa, foi prova da grandeza de espírito de São José e claro indício de sua insigne santidade. Maior admiração, porém, é que não fosse esmagado pelo inesperado gozo que recebeu quando a verdade se lhe revelou.

No primeiro caso mostrou sua santidade, mas para o segundo, recebeu tais aumentos nos dons do Senhor que, se Deus não lhe dilatara o coração, este não os poderia conter nem resistir ao júbilo de seu espírito.

Foi, em tudo, renovado e elevado para conviver dignamente com aquela que era Mãe do mesmo Deus e sua própria Esposa, e para juntamente com Ela, servir ao mistério da Encarnação na criação do Verbo humanado, como direi adiante.

A fim de se tornar mais idôneo para estas obrigações, e compreender o quanto devia à sua divina Esposa, foi-lhe dado conhecimento de que todos os dons e benefícios que recebera de Deus, lhe tinham sido outorgados em atenção a Ela.

Tanto os que precederam seu desposório - ao ser escolhido para a dignidade de esposo seu - como para os que então recebia, tudo lhe fora merecido e conquistado por Maria.

Compreendeu a incomparável prudência com que a grande Senhora procedera a seu respeito: servindo-o com tão inalterável obediência e profunda humildade; consolando-o em seu sofrimento; pedindo para ele a graça e assistência do Espírito Santo; guardando reserva com suma discrição, e depois tranqüilizando-o e preparando-o para receber as influências do Divino Espírito.

Assim como a Princesa do céu fora o instrumento da santificação do Batista e de sua mãe, santa Isabel, também o foi para a copiosa graça que São José recebeu.

O felicíssimo Esposo tudo compreendeu e correspondeu como fidelíssimo e agradecido servo.

Devoção a Maria; socorro para os males da Igreja

413. Estes grandes sacramentos, e outros muitos que se passaram entre nossa Rainha e seu esposo São José, não foram narrados pelos santos Evangelistas. A humilde Senhora e São José os guardaram para si, sem contá-los a ninguém. Também não foi necessário inserir estas maravilhas na vida de Cristo nosso Senhor, escrita para testemunhar na Igreja a lei da graça e sua fé. Poderia até ser pouco conveniente nos princípios da conversão dos gentios.

A admirável Providência, em seus ocultos desígnios e inescrutáveis segredos, guardou-as no seu tesouro de coisas antigas e novas **(Mt 13, 52)**. No tempo oportuno, previsto por sua divina sabedoria, já fundada a Igreja e estabelecida a fé católica, de lá as tiraria para os fiéis necessitados da intercessão, amparo e proteção de sua grande Rainha e Senhora.

Conhecendo com nova luz, quão amorosa mãe e poderosa advogada possuem no céu, junto de seu Filho santíssimo a quem o Pai deu todo o poder de julgar **(Jo 5, 52)**, acudiriam a Ela como a único e sagrado refúgio dos pecadores.

Se já chegou este aflitivo tempo para a Igreja, digam-no suas lágrimas e tribulações. Nunca foram maiores do que quando seus próprios filhos, criados em seu seio, a afligem **(Heb 10, 29)** e destroem, dissipando os tesouros do sangue de seu Esposo, com maior crueldade do que os mais conjurados inimigos.

Clama a necessidade, grita o sangue derramado dos filhos, e muito mais o de nosso pontífice Cristo **(Heb 12, 24)**, conculcado e profanado sob diversos pretextos de justiça. Enquanto isso, que fazem os mais fiéis, os mais católicos e perseverantes filhos desta aflita Mãe? Como ficam tão calados? Porque não chamam Maria santíssima? Porque não a invocam, não a empenham? Que muito, se o remédio tarda, uma vez que não nos resolvemos procurá-lo, conhecendo esta Senhora, Mãe verdadeira do mesmo Deus?

Confesso que nesta cidade de Deus **(Sl 86, 3)** se encerram magníficos mistérios que publicamos com viva fé. São tantos, que seu mais claro conhecimento fica reservado para depois da ressurreição geral, quando os santos os verão em Deus.

Neste interim, porém, atendam os corações piedosos e fiéis à benignidade desta amantíssima Rainha e Senhora, em descobrir alguns dos inúmeros e tão ocultos sacramentos, através deste vilíssimo instrumento. Em minha debilidade e temor, só poderia ser encorajada pela von-

tade e ordem da Mãe de piedade que, tantas e tão repetidas vezes, me intimou.

DOUTRINA DA DIVINA RAINHA E SENHORA NOSSA

Humildade obediente

414. Minha filha. Desejando que componhas tua vida pelo espelho da minha, e para que meus atos sejam o modelo dos teus, declaro-te nesta História, não apenas os mistérios que deixas escrito, mas outros muitos que não podes manifestar. Todos hão de ser gravados nas tábuas de teu coração, e por isto quero te lembrar da lição pela qual deves aprender a ciência da vida eterna, e assim cumpro o magistério de mestra. Sê pronta em obedecer e executar como submissa e solícita discípula. Sirva-te agora, de exemplo o humilde cuidado e desvelo de meu esposo São José, a submissão e apreço que fez da divina luz e sua orientação. Por achar seu coração preparado e bem disposto para cumprir com presteza a vontade divina, ela o transformou com tanta plenitude de graça como convinha para o ministério que o Altíssimo lhe destinava. Seja, pois, o conhecimento de tuas culpas motivo para humilhar-te com sujeição e não, com pretexto de indignidade, impedir o Senhor servir-se de ti para o que quiser.

Falta de caridade fraterna

415. Nesta ocasião, quero te manifestar uma justa queixa e grave indignação do Altíssimo contra os mortais. Entenderás melhor com a divina luz, e o exemplo da humildade e mansidão que usei com meu esposo José. Esta queixa do Senhor e minha é a desumana perversidade dos homens em se tratarem uns aos outros sem caridade e humildade.

Este proceder implica três pecados que desobrigam muito ao Altíssimo e a Mim de usar misericórdia com eles:

1° - Sabem os homens que todos são filhos de um mesmo Pai (1) que está no céu, obras de sua mão, formados da mesma natureza, conservados gratuitamente, vivificados por sua providência, criados à igual mesa dos divinos mistérios e sacramentos, especialmente o do seu próprio corpo e sangue. Tudo isto esquecem e põe de lado, ao surgir um leviano e terreno interesse. Como irracionais, alteram-se uns contra os outros, fomentam discórdias, rixas, traições, murmurações e até ímpias e desumanas vinganças e mortais ódios.

2° - Quando, por humana fragilidade e pouca mortificação, tentados pelo demônio, caem em alguma destas culpas, não procuram logo eliminá-las pela mútua reconciliação **(Mt 18, 35)**, como irmãos na presença do justo juiz. Deste modo, de pai de misericórdia, o fazem severo e rigoroso juiz de seus pecados, pois nenhum irrita mais sua justiça do que o ódio e a vingança.

3° - O terceiro pecado que muito o indigna é quando alguém, desejando reconciliar-se com seu irmão, não é aceito por aquele que se julga ofendido. Este exige mais satisfação do que aquela que contenta o Senhor, e da qual ele mesmo quer se valer diante de Deus **(Mt 32, 33)**. Todos querem, quando contritos e humilhados, ser atendidos e perdoados por Deus, que é sempre o mais ofendido. No entanto, os que são pó e cinza pedem vingança contra o irmão, e não se dão por satisfeitos com o que o Senhor se contenta para perdoá-los.

O mais grave pecado

416. De todos os pecados cometidos pelos filhos da Igreja, nenhum é mais detestável aos olhos do Altíssimo do que este. Assim entenderás em Deus e na força que pôs em sua divina lei mandando perdoar ao irmão ainda que este os ofenda setecentas vezes **(Mt 18, 22)**. Mesmo que, em cada dia o faça muitas vezes, se mostrar arrependimento, manda o Senhor que o ofendido lhe perdoe outras tantas vezes, sem limite **(Lc 17, 4)**. E contra quem não o fizer impõe terríveis penas, por que escandaliza os outros, como se colige daquela sua ameaça: "*Ai do escandaloso*

1 - Lc 64, 8; At 17, 26; Mt 6, av. 25; Sl 127, 3

*(***Mt 18, 7***), e daquele por quem vier escândalo! Melhor lhe fora cair no fundo do mar com pesada mó de moinho ao pescoço!*" (**Lc 17, 2**). Estas palavras representam a dificuldade para remediar estes pecados, como a teria quem caísse no mar com uma roda de moinho ao pescoço. Indica também o castigo que terá no profundo das penas eternas. Por isto, é são conselho para os fiéis o que mandou meu Filho santíssimo: Antes arrancar os próprios olhos (**Mt 18, 8 - 9**) e cortar as mãos, do que escandalizar aos pequenos com estes pecados.

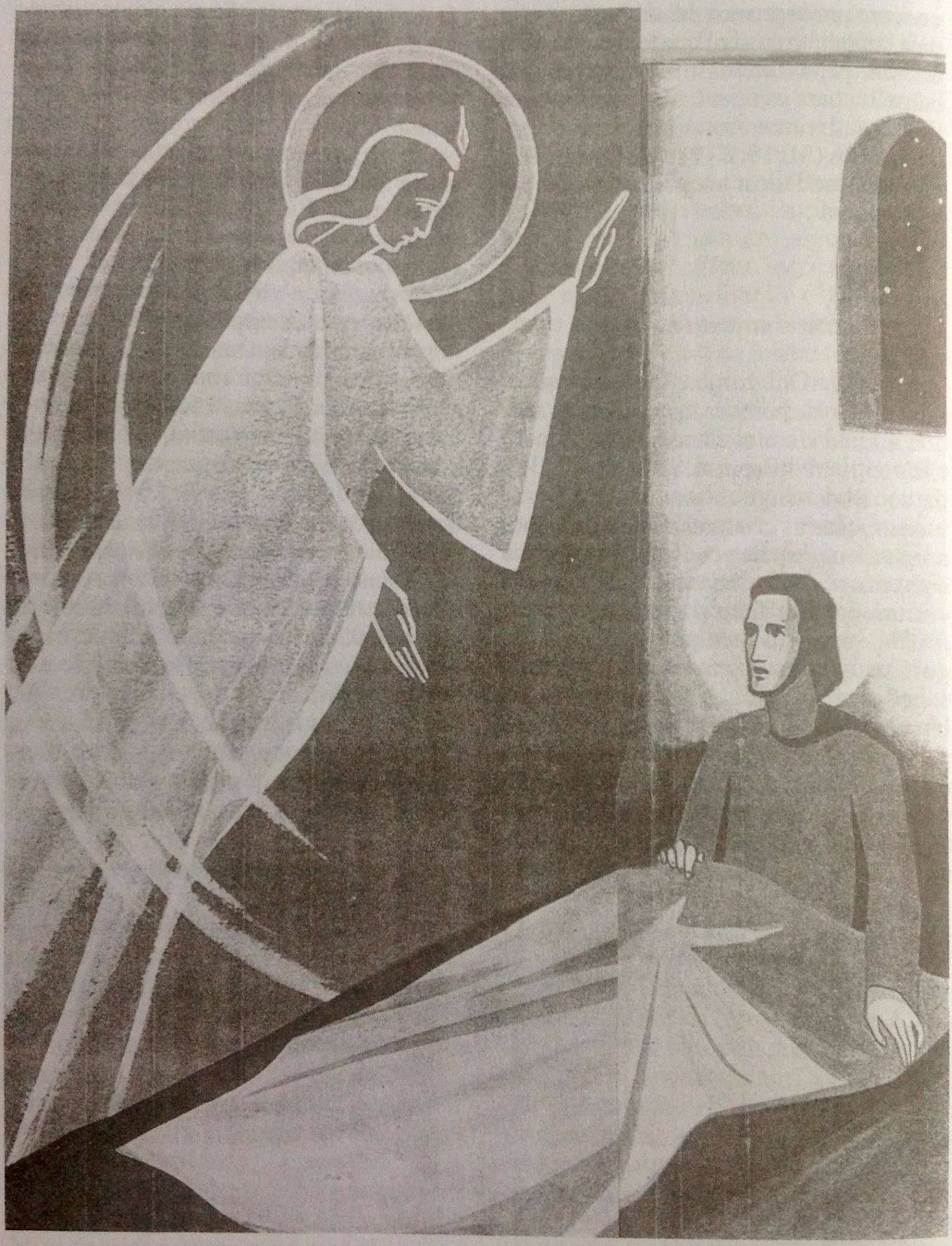
Rigor do mandamento novo

417. Oh! Minha filha caríssima, quanto deves chorar com lágrimas de sangue a fealdade e os danos deste pecado! Ele contrista o Espírito Santo (**Ef 4, 30**), dá soberbos triunfos ao demônio, torna monstruosas as criaturas racionais, e lhes apaga a imagem de seu Pai celestial! Que coisa mais feia, mais descabida e horrenda ver um homem feito da terra, que de si mesmo só possui corrupção e vermes, erguer-se contra seu semelhante com tanta soberba e arrogância! Não encontrarás palavras com que ponderar esta maldade e persuadir aos mortais temê-la e se guardar da ira do Senhor (**Mt 3, 7**). Quanto a ti, caríssima, protege teu coração deste contágio, e grava nele, para escutá-la, doutrina tão útil e proveitosa.

Emudece e põe sentinela (**Sl 140, 3 - 4**) forte em todas as tuas potências e sentidos, para observar rigorosamente a caridade com as criaturas, obras do Altíssimo.

Dá a Mim esta alegria, pois te quero perfeitíssima em tão excelente virtude. Imponho-a a ti com rigoroso preceito meu, para jamais pensares, falares, ou fazeres coisa alguma em ofensa do teu próximo. Também não consintas, sendo possível, por título algum, que em tua presença tuas súditas o façam nem qualquer outra pessoa. Reflete, caríssima, no que te peço, porque esta é a ciência mais divina e a menos entendida pelos mortais. Sirva-te de singular e eficaz remédio para tuas paixões, e de exemplo para te compelir, minha humildade e mansidão. Eram efeitos do sincero amor com que amava não só a meu Esposo, mas a todos os filhos de meu Senhor e Pai celestial, estimando-os como redimidos e comprados por tão alto preço (**Pe 1, 18; 1 Cor 6, 20**). Com verdade e fidelidade, com delicadeza e caridade adverte tuas religiosas do seguinte: A divina Majestade ofende-se gravemente com todos os que não observam este mandamento que meu Filho chamou novo e seu (2); mas sua indignação é incomparavelmente maior com os religiosos que o transgridem. Devendo ser os filhos perfeitos de seu Pai, Mestre desta virtude, quando a destroem como os mundanos, tornam-se mais odiosos do que esses.

2 - Jo 15, 12; 13, 34; Mt 5, 48



Revelação do Anjo a São José - desenho das Beneditinas de Cockfosters

CAPÍTULO 5

SÃO JOSÉ QUER SE CONSTITUIR REVERENTE SERVO DE MARIA SANTÍSSIMA. REAÇÃO DA VIRGEM E PROCEDER DE AMBOS.

José e a dignidade da Virgem

418. Depois que lhe foi revelado o mistério da Encarnação e a dignidade de Maria, o fidelíssimo José concebeu tão elevado conceito de sua Esposa, que se transformou em novo homem, apesar de, até aí, ter sido muito santo e perfeito. Tomou a resolução de mudar de estilo e usar de maior reverência no convívio com a divina Senhora.

Isto estava de acordo com a sabedoria do Santo e era devido à excelência de sua Esposa. Mediante a divina luz, São José compreendeu que, enquanto ela era a Senhora do céu e terra, ele não passava de servo.

Para satisfazer seu afeto e obrigação, honrando e venerando àquela que sabia ser Mãe do mesmo Deus, quando lhe falava a sós, ou quando lhe passava em sua frente, fazia-lhe genuflexão com grande reverência. Não queria consentir que Ela o servisse, nem se ocupasse em outros trabalhos humildes como, limpar a casa, os pratos e outros trabalhos semelhantes. Ele os faria, para Ela não descer da dignidade de Rainha.

Competições de humildade

419. A divina Senhora, porém, que entre todos os humildes foi humilíssima, e por ninguém podia ser vencida na humildade, dispos as coisas de tal modo, a sempre levar a palma nas virtudes.

Pediu a São José que não lhe fizesse aquela reverência de genufletir em sua presença. Aquela veneração era devida ao Senhor que levava em seu seio, mas enquanto assim se encontrava, não se poderia distinguir entre a pessoa de Cristo e a dela.

Persuadiu-se o Santo e fez o gosto da Rainha do céu. Só quando Ela não percebia, dava aquele culto ao Senhor e a Ela, Mãe que O levava em suas entranhas. A cada qual, respectivamente como lhes era devido.

A respeito dos demais trabalhos caseiros, tiveram humildes contendas. São José não podia se convencer em deixar a grande Senhora desempenhá-los, e procurava tomar-lhe a dianteira. Outro tanto fazia a divina Esposa, quanto lhe era possível. Enquanto, porém, Ela se mantinha recolhida, São José aproveitava e ia prevenindo tudo que podia. Deste modo frustrava-lhe os desejos de continuar o ofício de serva, e como tal de se incumbir de todos os afazeres domésticos. Sentida, recorreu a divina Senhora a Deus, e com humildes queixas lhe suplicou obrigar seu Esposo a não lhe impedir o exercício da humildade que Ela tanto desejava.

Como esta virtude é tão poderosa no tribunal divino, ao qual tem entrada franca (**Ecli 35, 21**), não há súplica acompanhada por ela que seja pequena, pois a todas torna grandes e inclina à clemência o ser imutável de Deus.

Ouviu este pedido e dispos que o anjo da guarda do abençoado Santo lhe falasse interiormente, dizendo-lhe, o seguinte: - Não recuses satisfazer os humildes desejos daquela que é superior à todas as criaturas do céu e da terra. Exteriormente, permite-lhe que te sirva, e interiormente guarda-lhe suma reverência. Em todo tempo e lugar presta culto ao Verbo encarnado cuja vontade, como a de sua divina Mãe, é de servir e não ser servido **(Mt 20, 28; 11, 29)**. Assim ensinarão ao mundo a ciência da vida e excelência da humildade. Em alguns trabalhos poderás ajudá-la, e n'Ela sempre reverencia ao Senhor de toda a criação.

Humildade de São José e Maria

420. Com esta instrução e ordem do Altíssimo, cedeu São José, deixando os trabalhos humildes à divina Princesa. Ambos tiveram ocasião para oferecer a Deus agradável sacrifício: Maria santíssima conservando profundíssima humildade e obediência a seu Esposo, em todos os atos destas virtudes que praticava com heróica perfeição, sem perder nenhum deles. São José, obedecendo ao Altíssimo com prudente e santa confusão de se ver servido por Aquela que reconhecia Senhora sua e de toda a criação, Mãe do próprio Deus e Criador. Com este sentimento compensava o Santo a humildade que não podia praticar em outros atos que deixava à sua Esposa. Isto humilhava-o mais, e obrigava-o abater-se na própria estima. Com o maior temor reverencial, olhava Maria santíssima e nela ao Senhor que levava em seu virginal tálamo, onde o adorava dando-lhe magnificência, e glória. Algumas vezes, em prêmio de sua santidade e reverência, ou para aumentá-las, recebia a visão do Menino Deus, por admirável modo. Via-o no seio de sua Mãe puríssima, como através de um cristal.

A soberana Rainha conversava familiarmente com o glorioso São José, a respeito dos mistérios da Encarnação. Não receava mais ter estas santas palestras, desde que o feliz Santo fora ilustrado sobre os magníficos sacramentos da união

hipostática das duas naturezas, divina e humana no virginal seio da Esposa.

Dignidade de São José

421. Nenhuma língua humana é capaz de reproduzir as celestiais conversações de Maria santíssima com o bem-aventurado São José. Direi alguma coisa delas nos capítulos seguintes, conforme puder.

Quem poderia explicar os sentimentos do felicíssimo e devoto coração deste Santo? Via-se, não apenas esposo da Mãe verdadeira de seu Criador, mas também servido por Ela. Parecia humilde escrava, quando ele sabia que ultrapassava, em dignidade e santidade aos supremos serafins, sendo inferior só a Deus.

A divina destra enriquecera de bênçãos a casa e a pessoa de Obededon **(1Par 13, 14)**, por haver hospedado, durante alguns meses, a figurativa arca do antigo testamento **(2Rs 6, 11)**. Que bênçãos daria a São José, a quem confiara a verdadeira Arca e o próprio Legislador nela encerrado?

Incomparável a felicidade deste Santo! Não só porque possuía em sua casa a arca viva e verdadeira do novo testamento, ao mesmo tempo altar, sacrifício e templo: mas também porque dignamente a guardou. Pelo mesmo Senhor foi constituído servo fiel e prudente **(Mt 24, 45)** sobre sua família para que, em tempo oportuno, a tudo acudisse como administrador fidelíssimo.

Todas as nações e gerações **(Sl 147, 20)** o conheçam, bendigam e publiquem seus louvores, pois a ninguém fez o Altíssimo o mesmo que a São José.

Eu, indigna e pobre bichinho, na luz de tão veneráveis sacramentos, engrandeço e glorifico a este Senhor Deus, confessando-o por santo, justo, misericordioso, sábio e admirável na disposição de todas suas grandes obras.

A casa dos santos Esposos

422. A modesta, porém, feliz casa de São José, consistia apenas em três aposentos. Nela habitavam apenas os dois esposos porque nunca tiveram criado ou criada.

Num dos aposentos dormia São José; no segundo trabalhava e conservava os instrumentos de seu ofício de carpinteiro. O terceiro era ocupado pela Rainha dos céus que ali também dormia numa tarimba feita por São José. Desde que se desposaram viviam assim.

Antes do santo Esposo conhecer a dignidade de sua soberana Esposa e Senhora, raras vezes ia ao aposento dela. Enquanto Ela ainda se mantinha recolhida em oração, ele já ia cuidar de seu trabalho, a não ser que houvesse grande necessidade de a consultar em alguma coisa.

Depois que lhe foi revelada a causa de sua felicidade, tornou-se mais solícito, e para seu consolo, dirigia-se freqüentemente ao retiro da soberana Senhora para visitá-la e saber o que desejava que ele fizesse. Aproximava-se sempre com extrema humildade e reverente temor, e antes de lhe falar observava o que a divina Rainha fazia. Muitas vezes a via em êxtase, elevada da terra, cheia de refulgente luz; noutras acompanhada de seus santos anjos e em divinos colóquios com eles; noutras, encontrava-a prostrada em terra, em posição de cruz, falando com o Senhor.

De todos estes favores foi participante o felicíssimo esposo José. Quando, porém, assim encontrava a grande Senhora, não se atrevia a fazer mais do que só olhá-la com profunda reverência. Às vezes ouvia a suavíssima harmonia da celestial música com que os Anjos recreavam sua Rainha, e sentia admirável fragrância que o confortava e enchia de espiritual júbilo.

Maria e José sempre viveram sós

423. Os dois santos Esposos viviam sós em sua casa. Não tinham criado algum, não só por grande humildade, como também por conveniência. Não convinha que estranhos fossem testemunhas das maravilhas que se passavam com ambos.

A princesa do céu também não saía de casa, a não ser por urgentíssima razão para o serviço de Deus e do próximo. Se

precisasse de outra coisa, trazia-lhe aquela feliz vizinha de que falei, e que servira a São José enquanto Maria santíssima esteve na casa de Zacarias. Recebeu tão boa recompensa de seus serviços que, não só foi santa e perfeita, mas ainda toda sua família foi beneficiada pela proteção da Rainha e Senhora do mundo. Sendo vizinhas, curou-a de algumas enfermidades e cumulou de bênçãos celestes a todos de sua casa.

Sono e alimentação de Maria santíssima

424. Nunca São José viu sua Esposa dormir nem chegou a saber se dormia realmente, apesar de que sempre, e principalmente durante a gravidez, o Santo lhe pedisse que tomasse algum descanso. A Princesa repousava na tarimba que São José fizera. Tinha duas cobertas e ali dormia muito pouco tempo.

Sua veste interior era uma túnica ou camisa de tecido semelhante ao de algodão, mais macia que o pano comum. Desde que saiu do Templo, jamais trocou esta túnica que não envelheceu nem se sujou. Nem São José, nem pessoa alguma a viu nem soube que a usava, porque só viam o vestido exterior. Este vestido era de cor cinza, e só ele e o toucado, a Senhora do céu os trocava de vez em quando. E isto, não porque se sujassem, mas para evitar o reparo de a verem sempre com a mesma roupa.

Tudo quanto seu puríssimo e virginal corpo usava, não se manchava nem sujava, porque não transpirava nem tinha outras excreções que padecem os corpos dos filhos de Adão, sujeitos ao pecado.

Em tudo era puríssima. Os trabalhos feitos por sua mão ostentavam sumo alinho e asseio, e do mesmo modo tratava da roupa e o mais necessário para São José. Sua alimentação era muito sóbria e a tomava sempre com o Santo. Nunca comeu carne, embora a preparasse para o santo Esposo que a comia. Seu sustento consistia em frutas, peixe, e comumente pão e ervas cozidas. De tudo tomava na exata medida que seu organismo exigia, sem que sobrasse coisa alguma que passasse a excesso e corrupção prejudicial. A mesma sobriedade usava na bebida, embora seus atos de fervor lhe produzissem algum calor preternatural. Sempre observou essa ordem na quantidade de alimentação e bebida, embora na qualidade tenha variado, de acordo com as diversas situações em que se encontrou, conforme direi adiante.

A Escritora desculpa-se

425. Em tudo foi Maria santíssima de sublime perfeição, sem lhe faltar graça alguma, e todas na plenitude de consumada perfeição natural e sobrenatural. Só minhas palavras é que não têm a graça de as explicar; sinto-me sempre insatisfeita vendo como ficam longe do que conheço. Quanto mais distantes ficarão da verdadeira realidade de tão soberano objeto!

Sempre me amedronto de minha incapacidade e me queixo de meus limitados termos e insuficientes razões. Temo ser mais audaz do que devo, continuando um trabalho que excede tanto minhas forças.

A obediência, porém, me impele com misteriosa e suave força que me arranca do retraimento e me faz contemplar em boa luz a grandeza da obra e a insignificância de minha explanação.

Por obediência trabalho, por ela encontro tantos bens, espero que ela também será minha justificação.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Humildade e soberba

426. Minha filha, quero-te aplicada e diligente na escola da humildade que toda minha vida te ensina. Este há de ser o primeiro e último de teus cuidados, se queres te dispor aos doces abraços do Senhor e gozar dos tesouros de luz escondidos aos soberbos (**Mt 11, 25**), porque sem o garantido penhor da humildade, a ne-

nhuma criatura se podem confiar tais riquezas. Todos teus esforços quero que empregues para te humilhares cada vez mais em tua própria estima, e nas ações exteriores, agindo de acordo com os próprios sentimentos.

Doutrina e confusão há de ser para ti e para todas as almas que tem o Senhor por Pai e Esposo, ver que a presunção e soberba podem mais com os filhos da sabedoria mundana, do que a humildade e verdadeiro conhecimento, com os filhos da luz.

Adverte no desvelo, indústria e solicitude infatigável dos homens altivos e arrogantes. Vê suas competições para valer no mundo; suas pretensões nunca satisfeitas apesar de vãs; como agem de acordo com o que enganosamente de si presumem; como presumem o que não são, e não obstante agem como se o fossem, para alcançar bens que não merecem, ainda que só materiais. Confusão e afronta para os escolhidos é poder mais o engano com os filhos da perdição, do que a verdade com eles. Que sejam tão raros no mundo os que desejam competir no serviço de Deus e seu Criador, e tantos os que servem à vaidade; e, deste modo, venham a ser poucos os escolhidos, apesar de todos serem chamados **(Mt 20, 16)**.

Deus ama a humildade

427. Procura, pois, minha filha, conquistar esta ciência, e com ela a palma sobre os filhos das trevas. Em contraposição de sua soberba, atende ao que Eu fiz para vencê-la no mundo com a prática da humildade. Nisto te queremos, o Senhor e Eu, muito sábia e competente.

Nunca percas a ocasião de praticar ações humildes, nem consintas que alguém te impeça. Se te faltar ocasiões para te humilhares ou não forem tão frequentes, procura-as e pede-as ao Senhor. Ele gosta desta solicitude e empenho por coisa que tanto deseja. Somente por este seu agrado, deverias ser muito industriosa e diligente, como esposa e filha de sua casa e família.

Também nisto, a ambição humana te ensinará a não ser negligente. Pensa em como se afana uma dona de casa para aumentar seus bens. Não perde ocasião de os ganhar. Nada lhe parece muito, e se perde alguma coisa, por pequena que seja **(Luc 15, 8)**, segue-a com o coração. Tudo isto ensina a cobiça humana, e não é razão que a sabedoria do céu seja mais estéril por negligência de quem a recebe. Assim, quero que não haja em ti descuido ou esquecimento no que tanto te importa, e não percas ocasião em que possas te humilhar e trabalhar pela glória de teu Senhor. Mais ainda, deves procurá-las e pedi-las, e como fidelíssima filha e esposa as aproveites, para encontrares graça aos olhos do Senhor e aos meus, conforme desejas.

CAPÍTULO 6

PALESTRAS ENTRE MARIA SANTÍSSIMA E JOSÉ SOBRE COISAS DIVINAS, E OUTROS ACONTECIMENTOS ADMIRÁVEIS.

Maria e José lêem a Sagrada Escritura

428. Antes de São José ter conhecimento do mistério da Encarnação, costumava a Princesa do céu ler-lhe, em momentos oportunos, trechos da Sagrada Escritura, em particular os Salmos e Profetas. A Mestra sapientíssima os explicava, e o Santo que também possuía capacidade para compreender, fazia-lhe muitas perguntas, admirando-se agradavelmente pelas divinas respostas de sua Esposa.

Assim, alternavam-se em bendizer e louvar o Senhor.

Depois que o abençoado Santo foi iluminado pela notícia do grande mistério, então nossa Rainha falava-lhe como ao escolhido para cooperador nas admiráveis obras de nossa redenção.

Com maior clareza e liberdade conferiam entre si as profecias e divinos oráculos da concepção do Verbo em Mãe Virgem, de seu nascimento, criação e santíssima vida.

Tudo lhe explicava a Senhora, e iam prevendo o que deveriam fazer quando chegasse o dia tão desejado do nascimento do Menino. Ela o receberia em seus braços, o alimentaria com seu virginal leite, e o santo Esposo seria entre todos os mortais, partícipe desta suma felicidade.

Só da paixão e morte do Senhor, e do que sobre elas escreveram Isaias e Jeremias (**Is 53, 7; Jer 11, 19**), falava menos.

Pareceu à prudentíssima Rainha, que não devia afligir o afetuoso e sensível coração de seu Esposo, antecipando esta memória, e dando-lhe maiores informações das que, naquela época, presumiam sobre o aparecimento e a vida do Messias.

A prudentíssima Virgem quis aguardar que o Senhor mesmo as manifestasse a São José, ou lhe fizesse conhecer sua divina vontade.

O Messias quis humildade e pobreza

429. Estas doces palestras inflamavam o fidelíssimo e ditoso São José que, com lágrimas de alegria, dizia à sua divina Esposa: - É possível, Senhora minha, que hei de ver meu Deus e Redentor em vossos castíssimos braços, e neles O adorarei? Ouvi-lo-ei e o tocarei, e meus olhos verão sua divina face, e meu suor terá a felicidade de se empregar em seu serviço e sustento?

Viverá conosco, comeremos à sua mesa, conversaremos com Ele? Donde me virá tão grande felicidade que ninguém pode merecer? Ah! Quem tivera ricos palácios para o receber e muitos tesouros para lhe ofertar!

Respondia-lhe a soberana Rainha: - Meu Senhor e Esposo, é bem que vosso solícito afeto deseje fazer o mais possível em obséquio de nosso Criador. Este grande Deus e Senhor nosso, porém, não quer vir ao mundo no meio de riquezas e de ostensiva majestade temporal. De nenhuma

destas coisas necessita (**Sl 15, 2**), nem para isso desceria do céu à terra. Vem só para salvar o mundo e guiar os homens pelos retos caminhos da vida eterna (**Jo 10, 10**), por meio da humildade e pobreza. Nelas quer nascer, viver e morrer para expelir dos corações mortais a pesada cobiça e orgulho que lhes impede a felicidade. Por esta razão escolheu nosso pobre e humilde lar, e não nos deseja ricos dos bens aparentes, falazes e transitórios que são vaidade das vaidades e aflição de espírito (**Ecli 1, 14**); oprimem e obscurecem o entendimento para conhecer e penetrar a luz.

Colaboração entre Maria e José

430. Outras vezes pedia o santo à puríssima Senhora que o instruísse sobre os predicados e exercícios das virtudes, principalmente do amor de Deus. Queria saber como tratar o Altíssimo feito homem, e não vir a ser reprovado como servo inútil, incapaz de servi-lo.

A Rainha e mestra das virtudes condescendia com estes pedidos, falava sobre as virtudes e o modo de as praticar com plenitude de perfeição. Nestas instruções procedia com tão rara discrição e humildade que, sendo mestra, não o parecia, nem de seu próprio Esposo. Dava a essas conferências a forma de palestras, ora dirigindo-se ao Senhor, ora fazendo perguntas a São José e instruindo-o através de suas respostas. Em tudo guardava profundíssima humildade, sem que um só de seus gestos fosse contrário a essa virtude.

Alternavam estas palestras e outras leituras da Sagrada Escritura com o trabalho manual de que não podiam se dispensar. A amabilíssima Senhora compadecia-se em ver São José afadigar-se tanto. Esta compreensão já servia de grande consolo ao Santo, mas além deste, usufruía São José o de sua doutrina celestial. Atento a esta, trabalhava mais com as virtudes do que com as mãos.

A mansíssima pomba, com prudência de Virgem sapientíssima, lhe ministrava este divino alimento, falando-lhe sobre o grande mérito do trabalho.

Na própria estima considerava-se indigna de que seu Esposo a sustentasse com seu trabalho. Esta consideração a conservava sempre humilhada, devedora a São José, cujo amparo recebia como grande esmola e liberal favor.

Todas estas razões levavam-na a se considerar como a criatura mais inútil da terra.

Não podia ajudar o santo Esposo no seu ofício, desproporcionado às forças de mulher, e ainda menos à modéstia e compostura da divina Rainha. Apesar disso, no que se ajustava a estas virtudes, ajudava-o como humilde servente. Seu nobilíssimo coração, e sua discreta humildade, não podiam deixar de serem gratos e serviçais a São José.

Os pássaros visitam Nossa Senhora

431. Entre outras coisas milagrosas e visíveis que São José presenciou durante as palestras com Maria santíssima, aconteceu um dia, na época de sua gravidez, virem muitas aves, de diversas espécies, festejar à Rainha e Senhora das criaturas. Rodeavam-na como em coro e lhe cantavam com admirável harmonia, sendo milagre tanto a melodia, como a visita à sua divina Senhora.

Nunca São José vira tal maravilha, e cheio de admiração e alegria, disse à sua soberana Esposa: É possível, Senhora minha, que estas simples criaturas irracionais cumpram suas obrigações melhor do que eu? Se elas vos reconhecem, servem e reverenciam o quanto lhes é possível, é razão que me permitais fazer o que devo por justiça.

Respondeu-lhe a prudentíssima Virgem: Meu Senhor, na ação destas avezinhas do céu, seu Criador nos oferece justo motivo para nós, que o conhecemos, empregarmos todas nossas forças e potências em seu louvor. Elas O veneram em meu seio, mas Eu sou criatura e por isto não me é devida veneração, nem é justo que a aceite. Devo, porém, procurar que todos louvem o Altíssimo porque olhou sua serva (**Lc 1, 48**) e me enriqueceu com os tesouros de sua divindade.

Pobreza de José e Maria

432. Não poucas vezes acontecia também a divina Senhora e seu esposo São José se encontrarem tão pobres que lhes faltava o necessário à vida.

Liberalíssimos com os pobres e nunca preocupados com o comer e vestir (**Mt 6, 25**) como os filhos do século, não se preveniam com diligências de cobiça e falta de confiança. De sua parte, o Senhor permitia tais situações para que a fé e a paciência de sua Mãe santíssima e de São José tivessem exercício. Estas privações eram de incomparável consolo para a divina Senhora, não apenas por amor da pobreza, como também por sua prodigiosa humildade. Julgava-se desmerecedora do necessário para viver e lhe parecia justíssimo que só a Ela faltasse o sustento.

Nesta convicção bendizia ao Senhor em sua pobreza e só para seu esposo São José, que considerava digno, santo e justo, pedia ao Altíssimo o socorro que de sua mão esperava.

O Todo-poderoso não se esquecia para sempre de seus pobres (**Sl 73, 19**). Depois de ter dado ocasião para o exercício e o mérito, dava também o alimento no tempo mais oportuno (**Sl 73, 15**).

Por diversos modos dispunha-o sua divina providência. Algumas vezes movia o coração dos vizinhos e conhecidos de Maria e José, para os acudirem com alguma dádiva gratuita ou que lhes deviam. Outras, e mais freqüentemente, socorria-os Santa Isabel, pois desde que a Rainha do céu esteve em sua casa, a devota matrona assumiu o cuidado de ajudá-los, de vez em quando com algumas ofertas. A humilde Princesa sempre lhe retribuía com algum trabalho de suas mãos.

Em determinadas ocasiões valia-se também, para maior glória do Altíssimo, do poder que como Senhora das criaturas tinha sobre elas. Mandava às aves que lhes trouxessem peixes do mar ou frutas dos campos, o que elas imediatamente faziam. Às vezes traziam-lhe pão donde o Senhor lhes indicava. O santo e

feliz esposo José, muitas vezes era testemunha desses prodígios.

Os anjos socorriam Maria e José

433. Por ministério dos santos anjos eram também socorridos em certas ocasiões, por modo admirável. Antes de referir um dos muitos milagres que eles operaram a favor de Maria santíssima e São José, deve-se lembrar que a fé e a liberalidade do Santo eram tão grandes, que nunca lhe passou pelo coração sentimento algum de cobiça ou de qualquer ansiedade. Tanto ele, como sua divina Esposa, jamais estipulavam o preço de seus trabalhos, nem diziam : "Isto vale tanto, ou me deveis tanto por isto".

Faziam os trabalhos, não por interesse, mas por obediência ou caridade de quem lhos encomendava. Deixavam à vontade dos donos pagar-lhes o que quisessem, e recebiam a retribuição, não tanto como pagamento, mas como oferta gratuita. Tal era a santidade e perfeição que São José aprendia na celeste escola de seu lar.

Em conseqüência deste sistema, e porque nem sempre lhe pagavam os trabalhos, chegavam a carecer mesmo da alimentação, até que o Senhor os provia.

Aconteceu um dia que, chegada a hora da refeição, nada tinham para comer. Para agradecer ao Senhor esta privação e esperar que lhes abrisse sua divina mão **(Sl 144, 16)**, permaneceram em oração até bem tarde. Neste interim os santos anjos lhes prepararam a refeição. Puseram-na à mesa, com frutas, pão alvíssimo, peixes, e principalmente uma espécie de guisado ou conserva de admirável sabor e substância.

Alguns dos anjos foram chamar sua Rainha e outros a São José.

Saíram de seu retiro, e vendo aquele presente do céu, com fervor e lágrimas, agradeceram ao Altíssimo, comeram e entoaram grandiosos cânticos de louvor.

Os cânticos de Maria santíssima

434. Outros numerosos casos semelhantes passavam-se, muito freqüentemente com Maria santíssima e seu Esposo. Encontrando-se a sós, sem testemunhas de quem ocultar estas maravilhas, não lhas regateava o Senhor, pois eram os dispenseiros da maior de suas maravilhas.

Apenas advirto que, quando digo que a divina Senhora fazia cânticos de louvor sozinha, ou com S. José e os Anjos, sempre se entenda que eram cânticos novos semelhantes ao de Ana, mãe de Samuel (1), aos de Moisés, Ezequias e outros profetas, quando recebiam algum grande benefício do Senhor.

Se tivessem sido escritos os compostos pela Rainha do céu, encheriam extenso volume que constituiria admiração para o mundo.

DOUTRINA QUE ME DEU A MESMA RAINHA E SENHORA NOSSA.

A cobiça

435. Minha queridíssima filha, quero que muitas vezes se renove em ti a ciência do Senhor, e recebas a ciência de voz **(Sab 1, 7)** para conheceres, e conhecerem os mortais amadores da mentira **(Sl 4, 3)**, o perigoso engano e falsa apreciação que fazem das coisas temporais e visíveis. Quem há entre os homens que não esteja envolvido na fascinação da monstruosa cobiça **(Sab 4, 12)**? Em geral, todos põem a confiança no ouro e nos bens temporais, e para aumentá-los empregam todo o cuidado das forças humanas. Neste afã gastam a vida e o tempo que lhes foi dado para merecerem a felicidade e descanso eterno. De tal modo se entregam a este penoso labirinto e solicitude, como se desconhecessem a Deus e sua providência. Não se lembram de lhe pedir e esperá-lo de sua mão. Assim tudo perdem, porque o esperam **(Sl 48, 7)** da solicitude mentirosa em que apóiam o resultado de seus desejos terrenos. Esta cega cobiça é a raiz de todos os males **(1Tim 6, 10)** porque o Senhor, indignado de tanta perversidade, em castigo deixa que os mortais se entreguem a tão feia e servil escravidão. A co-

1 - 1Rs 2, 1 e seg. Deut. 32, 1 e seg. Ex 15, 1; Is 12, 38, 10 e seg

biça cega-lhes o entendimento e endurece a vontade e, por fim, o Altíssimo deles afasta o olhar como de objetos detestáveis. Nega-lhes sua paternal proteção, o que vem a ser a máxima infelicidade da vida humana.

A cobiça humana e a providência divina

436. Verdade é que dos olhos do Senhor ninguém pode se esconder **(Sl 138)**. Quando, porém, os prevaricadores e inimigos de sua lei assim o constrangem, de tal modo retira deles a amorosa vista e atenção de sua providência, que acabam por ficar entregues ao próprio desejo **(Sl 80, 13)**. Não conseguem os efeitos do paternal cuidado que o Senhor dispensa àqueles que n'Ele põem toda a confiança **(Sl 48, 7)**. Os que a põem na própria solicitude e no ouro que tocam e sentem, colhem o efeito daquilo que esperam. A distância, porém, que existe entre o ser divino e o poder infinito, da fraqueza e limitação dos mortais, é a mesma entre os efeitos da cobiça humana e os da providência do Altíssimo **(Sl 17, 31; 32, 18; 9, 17)** que se constitui amparo e proteção dos humildes que nele confiam. A estes olha com amor e carinho, alegra-se com eles, guarda-os em seu coração e atende a todos os seus desejos e cuidados. Meu santo esposo José e Eu éramos pobres e, de vez em quando, passávamos grande necessidade. Nenhuma, entretanto, foi capaz de introduzir em nosso coração o contágio da avareza e cobiça. Cuidávamos apenas da glória do Altíssimo e nos entregávamos a seu fidelíssimo e amoroso cuidado. Como entendeste e escreveste, tanto se agradou disto que, pelos mais diversos modos, remediava nossa pobreza, ao ponto de mandar os espíritos angélicos que o assistem, prover e preparar nossa refeição.

Trabalhar e confiar

437. Não quero dizer com isto, que os mortais se entreguem à ociosidade e negligência. É justo que todos trabalhem **(Sl 48, 7)** e não o fazer é também vício muito repreensível. Nem o lazer, nem a preocupação devem ser desordenados, nem a criatura há de colocar sua confiança na própria solicitude **(Luc 8, 14; Prov 30, 8; Ecli 2, 11)**. Esta não deve afogar, nem ser impedimento ao amor divino. Não queira mais do que basta para viver com temperança, nem se persuada que para o conseguir lhe faltará a providência do Criador. E, quando esta parecer tardar, não se aflija nem desconfie. De igual modo, quem goza de fartura não confie nela **(Ecli 31, 8)**, nem se entregue à ociosidade, esquecendo que é homem sujeito à pena do trabalho.

Assim, tanto a abundância como a pobreza se hão de atribuir a Deus, para usá-las santa e ordenadamente para a glória do Criador e governador de tudo. Se os homens se guiassem por esta ciência, a ninguém faltaria a assistência do Senhor como de verdadeiro Pai. Não seria prejudicial a necessidade para o pobre, nem a prosperidade para o rico. De ti, minha filha, quero a prática desta doutrina. Ainda que por meio de ti dou-a a todos, deves ensiná-la especialmente a tuas súditas, para que não se perturbem nem percam a confiança nas necessidades que padecerem. Não sejam desordenadamente solícitas pela comida e pela roupa **(Mt 6, 25)**, mas confiem no Altíssimo e se entreguem à sua providência. Se elas corresponderem ao seu amor, garanto-lhes que jamais lhes faltará o necessário. Admoesta-as também a que suas conversações **(1Ped 1, 15)** sejam sobre as coisas santas e divinas em louvor e glória do Senhor. Terão matéria na doutrina de seus mestres, nas Sagradas Escrituras e outros livros santos. Deste modo, sua conversação esteja nos céus **(Fil 3, 20)** com o Altíssimo, comigo que sou sua Mãe e prelada, e com os anjos, para se assemelharem a eles no amor.

CAPÍTULO 7

MARIA SANTÍSSIMA PREPARA O ENXOVAL PARA O MENINO DEUS, COM ARDENTÍSSIMO DESEJO DE O VER NASCIDO.

Maria consulta São José, e ambos a Deus

438. Já ia bastante adiantada a divina gravidez da Mãe do eterno Verbo, Maria santíssima. Sendo necessário prevenir as roupinhas e o mais para o desejado parto, quis proceder em tudo com celestial prudência. Nada dispos sem a vontade e ordem do Senhor e de seu santo Esposo, para agir em tudo como serva obediente e fidelíssima.

Não obstante aquilo ser ofício só de mãe, e mãe singular de seu Filho santíssimo sem cooperação de qualquer criatura, não o quis fazer sem falar com seu santo Esposo, a quem disse: Meu senhor, já é tempo de preparar as coisas necessárias para o nascimento de meu Filho santíssimo. Ainda que sua Majestade infinita quer ser tratado como os filhos dos homens, humilhando-se a sofrer suas penalidades - de nossa parte, é justo que no cuidado e serviço de sua infância, mostremos que o reconhecemos por nosso Deus, verdadeiro Rei e Senhor. Se me permitis, começarei a preparar as faixas e mantilhas para o receber e criar. Tenho um tecido que fiei e servirá para os primeiros panos. Vós, senhor, procurareis outro de lã, leve, macia, de cor discreta, para as mantinhas. Mais tarde far-lhe-ei uma túnica tecida, sem costura, de acordo com sua idade. E, para em tudo acertarmos, façamos especial oração, pedindo à Sua Alteza nos guiar, e manifestar sua divina vontade, de modo a procedermos conforme seu maior agrado.

Resposta divina

439. Esposa e Senhora minha - respondeu São José - se com o sangue de meu coração fora possível servir a meu Senhor e Deus, fazendo o que me ordenais, sentir-me-ia feliz em derramá-lo em atrocíssimos tormentos. Na falta disto, quisera possuir grandes riquezas e brocados para vos servir nesta ocasião. Disponde o que for conveniente, que em tudo quero vos obedecer como vosso servo.

Fizeram oração, e a cada um em particular, o Altíssimo respondeu por igual voz, repetindo o mesmo que em outras muitas vezes havia manifestado à soberana Senhora. Disse sua Majestade a Ela e a São José: Desci do céu à terra para exaltar a humildade e humilhar a soberba; para desprezar as riquezas, destruir a vaidade e estabelecer a verdade, fazendo digno apreço dos trabalhos. Por isto, é minha vontade que na humanidade que assumi, me trateis exteriormente como se fosse filho de ambos, e interiormente me reconhecereis por Filho de meu eterno Pai, com a veneração e amor que me são devidos como Homem-Deus.

Maria começa o enxoval do Menino Jesus

440. Por esta divina voz, Maria santíssima e São José foram confirmados na sabedoria com que deviam proceder na criação do Menino Deus. Entre si combinaram o mais elevado e perfeito estilo, já visto em puras criaturas, de reverenciá-lo como a seu verdadeiro Deus infinito. Ao mesmo tempo, aos olhos do mundo, tratá-lo como se fora filho de ambos, pois assim pensariam os homens e também o queria o mesmo Senhor.

Com tanta plenitude cumpriram este acordo que foram admiração para o céu, e adiante falarei mais sobre isso.

Determinaram também que, no âmbito de sua pobreza, era justo fazer em obséquio do Menino Deus o quanto lhes fosse possível, sem exceder nem faltar. Assim, o segredo do Rei (**Tob 12, 7**) ficaria escondido sob o véu da humilde pobreza, e o inflamado amor de ambos não ficaria ocioso no que pudessem exercitá-lo.

Em troca de alguns trabalhos manuais, São José comprou duas telas de lã, como sua Esposa dissera: uma branca e outra mais lilás do que cinzenta, e ambas as maiores que pôde encontrar. Delas cortou a divina Rainha as primeiras mantinhas para seu Filho santíssimo, e do pano que Ela fiara e tecera, cortou as camisinhas e lençoisinhos para o envolver. Este pano era muito delicado como saído de tais mãos, e o começara a fazer desde que viera morar com São José, com intenção de o oferecer no templo. Comutou-se esta finalidade por outra muito melhor, mas assim mesmo, feitas as roupinhas do Menino Deus, levou o que sobrou, como oferenda, ao santo templo de Jerusalém.

Todos estes preparativos e a roupa necessária para o divino nascimento, fê-las a grande Senhora por suas próprias mãos. Coseu-as sempre de joelhos, com lágrimas de incomparável devoção. São José procurou flores, ervas e outras coisas aromáticas, e a diligente Mãe fez água perfumada, melhor do que feita por Anjos, e com ela orvalhou as faixas consagradas para a hóstia e sacrifício que esperava. Dobrou-as e arrumou-as numa caixa que depois levou consigo a Belém, como direi adiante.

Jesus, o verdadeiro templo da Divindade

441. Todas estas ações da princesa do céu, Maria santíssima, se hão de entender; não despidas e sem alma como as refiro, mas sim vestidas de formosura (**Sl 95, 6**), cheias de santidade e magnificência e com a máxima perfeição que a inteligência humana seja capaz de presumir.

Mãe da sabedoria (**2Mac 2, 9**) e Rainha das virtudes, tratava magnificamente as obras da sabedoria divina, e assim oferecia o sacrifício da dedicação do novo templo do Deus vivo na humanidade santíssima de seu Filho que havia de nascer no mundo. Mais do que todo o resto das criaturas, conhecia a soberana Senhora a grandeza do mistério de Deus se fazer homem e vir ao mundo.

Não incrédula mas admirada, com ardente amor e veneração, repetia muitas vezes o que dizia Salomão ao construir o templo (**2Par 6, 18**): Será possível que Deus habite na terra entre os homens? Se todo o céu, e os céus dos céus são insuficientes para O conter, quanto mais o será

esta habitação da humanidade que formou em meu seio?

Aquele templo que só serviu para Deus ouvir as orações que ali lhe ofereciam, foi construído e dedicado (**3Rs 6, 7 - 8**) com esplêndido aparato de ouro, prata, tesouros e sacrifícios. Que faria, então, a Mãe do verdadeiro Salomão na construção e dedicação do templo vivo (**Col 2, 9**) onde habitava corporalmente a verdadeira divindade, o Deus eterno e incomparável? Tudo o que em sombras continham aqueles sacrifícios, e as inumeráveis riquezas oferecidas ao templo figurativo, cumpriu-os Maria santíssima. Não com ouro, prata e brocados, pois nessa época Deus não procurava essas oferendas, mas com virtudes heróicas, com as riquezas da graça e dons do Altíssimo que celebrava com cânticos de louvor.

Oferecia holocaustos de seu ardentíssimo coração, percorria toda a Sagrada Escritura aplicando os seus hinos, salmos e cânticos a este mistério e acrescentando muito mais. Realizava verdadeira e misteriosamente as antigas figuras com atos interiores das virtudes. Convidava todas as criaturas para louvar e glorificar seu Criador, na espera de serem santificadas pela sua vinda ao mundo. Em muitos destes atos era acompanhada por seu felicíssimo esposo José.

Vida espiritual de Maria

442. Incapaz seria qualquer língua ou inteligência humana para explicar os altíssimos méritos que a Princesa do céu acumulava com estes atos e exercícios, e a complacência que neles encontrava o Senhor.

O menor grau de graça recebido por qualquer criatura, por um ato de virtude, vale mais que todo o universo criado. Que aumentos de graça alcançaria quem não só excedeu aos antigos sacrifícios, oferendas e holocaustos e merecimentos humanos, mas ainda ultrapassou de muito os supremos serafins?

Extremos eram os amorosos afetos da divina Senhora esperando seu Filho e Deus verdadeiro, desejando recebê-lo em seus braços, criá-lo com seu leite, alimentá-lo, servi-lo e adorá-lo feito homem de sua mesma carne e sangue. Neste dulcíssimo incêndio de amor teria exalado a vida se, com milagrosa assistência, Deus não a preservasse da morte, dando-lhe a necessária força.

Muitas vezes a teria perdido, se outras tantas seu Filho não a conservara. Freqüentemente contemplava-o em seu virginal seio e com claridade divina via sua humanidade unida à divindade e todos os atos interiores daquela santíssima alma. Via a posição de seu corpo e as orações que fazia por Ela, por São José e por todo o gênero humano, particularmente pelos predestinados.

No conhecimento, imitação e louvor destes e de outros mistérios inflamava-se como quem encerrava no peito o fogo abrasador que ilumina e não consome (**Ex 3, 2**).

Afetos de Maria

443. Entre tantos incêndios da divina chama, dizia algumas vezes a seu Filho santíssimo: Meu dulcíssimo amor, Criador do universo, quando verão meus olhos a vossa divina face? Quando serão meus braços consagrados por altar da hóstia que vosso eterno Pai aguarda? Quando, beijando como serva o solo tocado por vossos pés, chegarei como mãe ao desejado ósculo (**Cant 1, 1**) de minha alma, para participar com vosso divino alento, do vosso mesmo Espírito?

Quando se manifestará aos mortais a luz inacessível, vós, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro (**Jo 1, 9**) luz da luz, depois de ter estado oculta à nossa vista por tantos séculos?

Quando, os filhos de Adão, prisioneiros de suas culpas, conhecerão seu Redentor (1), verão sua salvação, terão entre eles seu Mestre, Irmão e Pai verdadeiro?

Oh! minha vida, luz de minha alma, minha força, meu amado por quem vivo morrendo! Filho de meu coração, como fará oficio de mãe quem não sabe fazer o de escrava, nem merece tal título? Como vos tratarei dignamente, sendo eu um vil e pobre vermezinho? Como vos servirei, sendo Vós a mesma santidade e

1 - Bar 3, 38; 1 Tim 3, 16; Is 52, 10; 30, 20

infinita bondade, e eu pó e cinza? Como ousarei falar e permanecer em vossa divina presença?

Pequena entre as demais filhas de Adão, vós que me escolhestes, Senhor de todo o meu ser, dirigi minhas ações, guiai meus desejos inflamai meus afetos, para que acerte vos agradar em tudo.

Se saís de meu seio ao mundo para sofrer afrontas e morrer pelo gênero humano, que farei se não morrer convosco e não vos acompanhar no sacrifício, pois sois meu ser e minha vida?

Tire a minha vida a causa e motivo que há de tirar a vossa, pois tão unidas estão. Para remir o mundo e milhares de mundos bastará muito menos que vossa morte. Morra eu por vós, sofra vossas ignomínias, e vós, com vosso amor e luz, santificai o mundo e iluminai as trevas dos mortais.

E, se não é possível revogar o decreto do eterno Pai, para que seja a redenção copiosa **(Sl 129, 7; Ef 2, 4)** e fique satisfeita vossa excessiva caridade, recebei meus afetos e tenha Eu parte em todos os trabalhos de vossa vida, pois sois meu Filho e Senhor.

Maria imitava os atos de Jesus

444. A diversidade destes e de outros carinhosos afetos tornavam a Rainha dos céus formosíssima aos olhos do Príncipe das eternidades **(Est 2, 9)** oculto no tálamo de seu virginal seio. Ela os formulava de acordo com os daquela santíssima e deificada humanidade que via para imitar.

Naquela sagrada prisão, às vezes o Menino Deus punha-se de joelhos para orar ao Pai, outras em forma de cruz como ensaiando-se para ela. Dali, como agora do supremo céu, via e conhecia com a ciência de sua alma santíssima tudo o que agora conhece. Criatura alguma, presente, passada ou futura, lhe foi oculta, com todos seus pensamentos e movimentos. De todas cuidava como Mestre e Redentor.

Todos estes mistérios eram manifestados à sua divina Mãe que, para corresponder a esta ciência, estava cheia de graças, e dons celestiais. Agia em tudo com tão alta perfeição e santidade que não há palavras para a humana capacidade poder explicar.

Se nossa razão não está pervertida, e nosso coração não for de pedra insensível e dura, não será possível que à vista e ao toque de tão eficazes como admiráveis obras, não se sinta ferido de amorosa dor e humilde gratidão.

DOUTRINA QUE ME DEU A SANTÍSSIMA RAINHA MARIA

Irreverência pelo sagrado

445. Minha filha, quero que por este capítulo fiques advertida sobre o decoro com que se hão de tratar as coisas consagradas e dedicadas ao culto divino. Ao mesmo tempo fique repreendida a irreverência com que os próprios ministros do Senhor o ofendem por este descuido. Não desprezem, nem esqueçam o desgosto que Deus sente por eles, por causa da grosseira descortesia e ingratidão com que tratam os ornamentos e coisas sagradas que ordinariamente manuseiam sem atenção nem respeito algum. Muito maior é a indignação do Altíssimo pelos que usam e consomem o fruto e estipêndio de seu preciosíssimo sangue em vaidades, coisas profanas e menos decentes. Procuram para seu conforto e comodidade o mais precioso e estimável, enquanto para o culto e honra do Altíssimo empregam o mais grosseiro, desprezível e sem valor. Quando isto acontece, principalmente com os panos que tocam o corpo e sangue de meu Filho santíssimo, como são os corporais e purificadores, quero fazer-te ciente que os santos anjos que assistem ao eminente e altíssimo sacrifício da missa, ficam como que corridos de vergonha. Desviam os olhos de semelhantes ministros e se admiram de que o Todo-poderoso mostre tanta paciência com eles, dissimulando sua ousadia e desacato. Embora não sejam todos assim, é a maior parte. Poucos são os que se distinguem em demonstrar zelo pelo culto divino e em tratar exteriormente as coisas sagradas com mais respeito. Mesmo estes, não são todos que assim procedem com reta intenção e pela reverência devida, mas por vaidade e outros fins terrenos. Em suma, são raros os

que pura e sinceramente adoram o Criador em espírito e verdade (**Jo 4, 24**).

Zelo do culto divino

446. Considera, caríssima, que poderemos sentir, nós que gozamos da visão do ser incompreensível do Altíssimo, e conhecemos que sua bondade imensa criou os homens para lhe darem adoração, culto e reverência. Gravou-lhes esta lei em sua própria natureza, e lhes entregou todo o resto das criaturas gratuitamente. Vemos agora a ingratidão com que correspondem a seu Criador imenso, pois para honrá-lo regateiam-lhe as coisas que receberam de suas próprias mãos. Escolhem para isso o mais vil e desprezível (**Mal 1, 8**), e para suas vaidades o mais precioso e estimável. Adverte-se pouco nesta falta, e por isso quero que a deplores com sincera dor, e a compenses no que for possível enquanto fores prelada. Admoesta tuas religiosas a se ocuparem com sincero e devoto coração na ordem e limpeza das coisas sagradas, não só nas de teu convento, mas também trabalhando para as igrejas pobres que tem falta de corporais e outras alfaias e paramentos. Tenham certeza que o Senhor lhes pagará este santo zelo do seu culto sagrado. Acudirá, como Pai, às necessidades do convento que nunca se tornará mais pobre por causa daquele trabalho. Este é o ofício mais próprio e legítimo das esposas de Cristo e nele deviam se ocupar no tempo que lhes sobra do coro e outras obrigações de obediência. Se todas as religiosas (2) fizessem questão de se empregar nestas ocupações tão honestas, louváveis e agradáveis a Deus, nada lhes faltaria para viver, e fornariam na terra um estado angélico e celestial. Por não quererem se dedicar a este obséquio do Senhor, muitas, perdendo sua assistência, voltam-se para perigosas leviandades e distrações. Sendo estas abomináveis a meus olhos, não quero que as descrevas nem penses nelas, a não ser para deplorá-las do fundo do coração, e pedir a Deus o remédio de pecados que tanto o irritam, ofendem e desagradam.

Devoção a Nossa Senhora

447. Já que, por especiais razões, inclino-me a velar amorosamente pelas monjas de teu convento, quero que em meu nome e de minha parte as admoestes e constranjas com amorosa energia, a viverem mortas para o mundo com absoluto esquecimento de tudo o que há nele. Que a conversação entre elas sejam no céu (**Fil 3, 20**) e em coisas divinas e que acima de tudo conservem intatas a paz e caridade que tantas vezes lhes recomendas. Se me obedecerem nisto, ofereço-lhes minha eterna proteção, e me constituo por sua Mãe, amparo e proteção como sou de ti. De igual modo ofereço-lhes minha contínua e eficaz intercessão junto ao meu Filho santíssimo, se disso não me desobrigarem. Para tudo isto, incentiva-as sempre à especial devoção e amor por Mim, gravando-os em seu coração. Com esta fidelidade de sua parte, alcançarão tudo o que tu desejas e mais ainda que farei por elas. Para se dedicarem com alegria e prontidão nas coisas do culto divino, e tomarem por sua conta tudo o que a ele pertence, lembra-lhes o que eu fazia a serviço de meu Filho santíssimo e do Templo. Quero que saibas que os santos anjos se admiravam do zelo, cuidado, atenção e asseio com que tratava todas as coisas que haveriam de servir a meu Filho e Senhor. Esta amorosa e reverente solicitude fez-me prevenir tudo o que era necessário para sua criação. Jamais me faltou, como alguns pensaram, com que cobri-lo e servi-lo, conforme entenderás em toda esta História. Não cabia em minha prudência e amor, ser negligente ou inadvertida nisso.

2 - Nossa Senhora fala numa época em que só existiam conventos contemplativos. O mesmo não se aplica às religiosas que em nosso tempo se ocupam nos mais diversos trabalhos, desde que tenham finalidades religiosas. (Nota da Tradutora)

Nascimento de Jesus Cristo

CAPÍTULO 8

O EDITO DO IMPERADOR CÉSAR AUGUSTO PARA RECENSEAR O IMPÉRIO. O QUE FEZ SÃO JOSÉ.

O edito de César Augusto

448. Estava determinado pela vontade imutável do Altíssimo, que o Unigênito do Pai nascesse em Belém (**Miq 5, 2**). Em virtude deste decreto, assim o profetizaram santos e antigos Profetas (**Jer 30, 9; Ez 34, 24**) muito antes de se realizar, porque a decisão absoluta da vontade de Deus é sempre infalível. Faltarão os céus e a terra (**Mt 24, 35**), antes que falte seu cumprimento, pois ninguém a pode impedir (**Est 13, 9**).

Dispos o Senhor a execução desse imutável decreto por meio de um edito publicado pelo imperador romano César Augusto, como refere São Lucas (**2, 1**), ordenando o recenseamento de todo o orbe. Estendia-se então o império romano à maior parte da terra conhecida, pelo que intitulavam-se senhores do mundo, não fazendo caso do resto.

Este recenseamento valia por uma declaração de vassalagem ao Imperador e para lhe pagar certo tributo como a senhor temporal. Para este fim, cada um ia inscrever-se no registro público de sua própria cidade (**Lc 2, 3**).

Chegou este edito a Nazaré e foi ouvido por São José, estando fora de casa. Voltou para ela aflito e entristecido, referindo à Esposa o que se passava.

A prudentíssima Virgem lhe respondeu: Não se preocupe, meu senhor e esposo, com o edito do imperador deste mundo, pois todos nossos interesses correm por conta do Senhor e Rei do céu e da terra, e sua providência nos assistirá e governará em qualquer circunstância (**Ecli 17, 28**). Confiemos n'Ele e não seremos decepcionados.

Preocupação de São José

449. Estava Maria santíssima instruída de todos os mistérios de seu Filho santíssimo. Conhecia as profecias e seu cumprimento, e que o Unigênito do Pai e seu deveria nascer em Belém como pobre e peregrino. Todavia, nada revelava a São José, pois sem ordem do Senhor não manifestava seu segredo. O que não lhe era mandado dizer, calava com admirável prudência, não obstante o desejo de consolar seu fidelíssimo e santo esposo José. Queria submeter-se ao seu governo e obediência, e não proceder como prudente e sábia consigo mesma (**Prov 3, 7**), em desacordo com o conselho do Sábio.

Trataram logo do que deveriam fazer, pois já se aproximava o parto da divina Senhora. Disse-lhe São José: Rainha do céu e terra, minha senhora, se não tendes diferente ordem do Altíssimo parece-me forçoso ir cumprir este edito do Imperador. Ainda que bastaria ir sozinho, porque isto incumbe aos chefes de família, não me atreverei a vos deixar sem minha assistência. Tampouco poderia viver sem vossa presença; não terei um momento de sossego, e não é possível que meu coração se tranqüilize sem vos ver.

Para irdes comigo à nossa cidade de Belém, onde devemos cumprir a ordem do Imperador, vejo que vosso divino parto está muito próximo, e por minha grande pobreza temo vos colocar em evidente perigo. Se o parto sobreviesse no caminho, com descomodidade, sem eu nada poder fazer, seria para mim enorme desconsolo. Este cuidado me aflige. Rogo-vos, Senhora minha, o apresenteis ao Altíssimo, e lhe supliqueis ouça meus desejos de não me separar de vossa companhia.

Deus ordena que Maria acompanhe São José a Belém

450. Obedeceu a humilde Esposa à ordem de São José, e ainda que não ignorava a vontade divina, não quis omitir este ato de pura obediência, como súdita extremamente dócil. Apresentou ao Senhor a vontade e desejo de seu fidelíssimo Esposo, e obteve esta resposta: Amiga e pomba minha, obedece a meu servo José no que te propos e deseja. Acompanha-o na viagem. Eu estarei contigo e te assistirei com meu paternal amor e proteção nas tribulações que por Mim sofrerás; ainda que serão grandes, meu poder as fará reverter em tua glória. Teus passos serão formosos aos meus olhos **(Cant 7, 1)**; não temas e parte, porque esta é minha vontade.

O Senhor logo mandou - à vista da divina Mãe - aos santos anjos de sua guarda, com novo preceito, que a servissem naquela viagem com especial assistência e cuidadosa solicitude, segundo os magníficos e misteriosos sucessos que nela ocorreriam. Além dos mil anjos que ordinariamente a guardavam, mandou o Senhor outros nove mil para assistirem sua Rainha e Senhora, de modo que seria acompanhada pelos dez mil anjos desde que se pusesse em viagem.

Assim o fizeram todos, como fidelíssimos ministros do Senhor, e a serviram como direi adiante.

A grande Rainha foi preparada com nova luz divina, na qual conheceu novos mistérios sobre as provações que sofreria após o nascimento do Menino Deus a perseguição de Herodes **(Mt 2, 16)** e outras tribulações que sobreviriam.

Para tudo ofereceu seu coração preparado **(Sl 107, 2)** e não perturbado, agradecendo ao Senhor por tudo o que com Ela fazia e dispunha.

Alegria e solicitude de São José

451. Voltou a grande Rainha do céu e deu a São José a resposta do Altíssimo: era sua vontade que Ela obedecesse e o acompanhasse a Belém.

Encheu-se o Santo de alegria e consolação, e reconhecendo este grande favor, deu graças ao Senhor com atos de profunda humildade e reverência.

Disse à sua Esposa: Senhora minha e causa de minha alegria e felicidade, só me resta sentir nesta viagem os trabalhos que nela padecereis, por eu não ter recursos para vos levar com a comodidade que eu quisera vos proporcionar nesta peregrinação. Mas em Belém encontraremos amigos e conhecidos de nossa família. Espero que nos receberão com carinho, e então repousareis da fadiga do caminho, se Deus o permitir, assim como eu, vosso servo, o desejo.

O santo Esposo realmente assim o desejava, mas o Senhor tinha disposto o que então ele ignorava. Quando, depois, viu que não se realizavam suas esperanças, maior amargura e pena sofreu, como se verá.

Não revelou Maria Santíssima a José o que no Senhor havia previsto sobre o mistério de seu divino parto, e que não aconteceria o que ele pensava. Pelo contrário, animando-o, lhe disse: Meu Senhor e esposo, irei com muito prazer em vossa companhia, e faremos a viagem como pobres em nome do Altíssimo, pois Sua Alteza não despreza a pobreza que veio procurar com tanto amor. Contando com sua proteção **(Sl 17, 31; Sl 54, 23)** e amparo nos trabalhos e necessidades, ponhamos nele a nossa confiança. Vós, meu Senhor, deixai por sua conta todos vossos cuidados.

Preparativos da viagem

452. Marcaram o dia da partida e o santo Esposo, com diligência, andou por Nazaré à procura de um animalzinho para levar a Senhora do mundo. Não foi fácil encontrá-lo por causa dos muitos viajantes que partiam para diferentes cidades, com o mesmo fim de cumprir o edito do Imperador.

Depois de muitas diligências e penoso cuidado, achou um humilde jumentinho que poderíamos chamar feliz entre todos os animais irracionais. Não só transportou a Rainha da criação, e com Ela o Rei dos reis e Senhor dos senhores, mas também esteve presente ao nascimento do Menino **(Is 1, 3)**, e rendeu a seu Criador a homenagem que os homens lhe negaram, como adiante se dirá.

Prepararam o necessário para a viagem de cinco dias, e a equipagem dos divinos caminhantes era a mesma da primeira viagem que fizeram à casa de Zacarias, como disse acima (1).

Levaram apenas pão, frutas e alguns peixes, sua costumeira alimentação.

Como a Virgem santíssima tinha conhecimento de que tardariam muito a voltar para casa, não só levou consigo as faixas e panos preparados para seu divino Filho, mas também, com discrição, dispos tudo de acordo com os desígnios do Senhor e os acontecimentos que Ela esperava. Deixaram sua casa aos cuidados de alguém até que pudessem voltar.

Partida para Belém

453. Chegou o dia e a hora de partir para Belém. O fidelíssimo e ditoso José, que tratava sua soberana Esposa com suma reverência, andava como vigilante e cuidadoso servo, indagando e procurando em que lhe dar gosto e servir. Pediu-lhe, com grande carinho, que o advertisse de quanto desejasse para seu agrado, descanso e comodidade, e para dar prazer ao Senhor que levava em seu virginal seio.

Agradeceu a humilde Rainha os santos desejos de seu Esposo, e remetendo-os à glória e obséquio de seu Filho Santíssimo, consolou-o e encorajou-o para os trabalhos do caminho, assegurando-lhe do agrado que sentia o Senhor pela sua solicitude.

Quanto a eles deveriam receber com paz e alegria de coração as penalidades que, em virtude de sua pobreza, encontrariam na viagem.

Para começá-la, pôs-se de joelhos a Imperatriz das alturas e pediu a bênção de São José. O homem de Deus se escusou de lhe dar e fez muita dificuldade, em consideração da dignidade da Esposa, cuja humildade acabou por vencê-lo. Abençoou-a José com grande temor e reverência, e em seguida, com abundantes lágrimas, prostrado em terra, lhe pediu o oferecesse novamente a seu Filho santíssimo, alcançando-lhe o perdão e a divina graça.

Assim preparados, partiram de Nazaré para Belém, em meio do inverno, o que tornava a viagem mais penosa e desconfortável. A Mãe da vida, porém, que a levava em seu seio, atendia somente a seus divinos afetos e colóquios, contemplando-o em seu tálamo virginal, imitando seus atos, e dando-lhe maior agrado e glória que todo o resto das criaturas reunidas.

DOUTRINA QUE ME DEU MARIA A RAINHA SANTÍSSIMA

A admirável providência divina

454. Minha filha, em todo o decurso de minha vida e em cada um dos capítulos e mistérios que vais descrevendo, conhecerás a divina e admirável providência do Altíssimo e seu paternal amor para comigo, sua humilde serva. Ainda que a capacidade humana não pode dignamente penetrar e avaliar estas obras admiráveis e de tão alta sabedoria, deve porém, venerá-las quanto puder e dispor-se para imitar-me e participar dos favores que o Senhor me fez. Não devem os mortais pensar que só a Mim e para Mim, Deus se quis mostrar santo, poderoso e infinitamente bom. É certo que se alguma, ou todas as almas se entregassem totalmente à disposição e governo deste Senhor, conheceriam logo, por experiência, aquela mesma fidelidade, pontualidade e suavíssima eficácia com que Ele dispunha todas as coisas que tocavam à sua glória e serviço. Além disso, haveriam de saborear aqueles doces efeitos e influências divinas que Eu sentia na submissão à sua santíssima vontade. E, na devida proporção, receberiam a abundância de seus dons, que como num oceano infinito, encontram-se quase como represados em sua divindade. Se às águas do mar se desse algum canal para sua inclinação ter saída, correriam com impetuosa força impossível de conter. Assim se derramariam a graça e os benefícios do Senhor sobre as criaturas racionais, se lhe dessem lugar e não impedissem sua correnteza. Esta ciência é ignorada pelos mortais porque não se detêm a considerar as obras do Altíssimo.

Discrição, silêncio, obediência

455. Quanto a ti quero que a estudes e graves em teu peito. Aprende também de meu exemplo o segredo que deves guardar a respeito de teu interior, do que nele se passa e a pronta obediência e condescendência com todos, preferindo sempre o parecer alheio ao teu próprio ditame. Isto há de ser de tal modo que, para obedecer a teus superiores e pai espiritual, deves fechar os olhos, não obstante saberes que em alguma coisa que te mandam acontecerá o contrário. Assim, Eu sabia que, na viagem a Belém não sucederia o que meu santo esposo José esperava. E, se coisa semelhante te for mandado por um igual ou inferior a ti, cala, deixa passar e faz tudo o que não for culpa ou imperfeição. Ouve a todos com silêncio e atenção para aprenderes. No falar sê muito lenta e comedida, pois isto é prudência. Lembro-te, novamente, de pedires a bênção do Senhor para tudo quanto fizeres, a fim de não te afastares de seu divino beneplácito. Quando tiveres oportunidade, pede também a bênção e licença de teu pai e mestre espiritual, para não ficar sem o grande mérito e perfeição destes atos, e a Mim dar o agrado que de ti desejo.

CAPÍTULO 9

VIAGEM DE MARIA SANTÍSSIMA DE NAZARÉ A BELÉM, EM COMPANHIA DE SEU SANTO ESPOSO JOSÉ E DOS ANJOS QUE A ASSISTIAM.

O séquito angélico de Maria e José

456. A sós, partiram de Nazaré para Belém Maria puríssima e o glorioso São José, como pobres e humildes peregrinos aos olhos do mundo, sem que nenhum dos mortais lhes desse maior consideração e estima do que costumam conceder à pobreza e à humildade.

No entanto - oh! admiráveis mistérios do Altíssimo, escondidos aos soberbos e imperscrutáveis à prudência carnal! Não caminhavam sozinhos, pobres e desprezados, mas sim prósperos, ricos e magníficos. Eram o objeto mais digno do eterno Pai e de seu amor imenso, o mais estimável a seus olhos. Levavam consigo o tesouro do céu e da mesma divindade, venerados por toda a corte dos cidadãos celestes. As criaturas insensíveis reconheciam a viva e verdadeira arca do testamento **(Jos 3, 16)**, mais do que as águas do Jordão quando, cortesmente, se abriram para dar franca passagem a ela e aos que a seguiam. Iam acompanhados pelos dez mil anjos de que falei acima, (1), designados por Deus para servirem a Filho e Mãe durante a viagem. Iam estes esquadrões em forma humana, visível para a divina Senhora. Mais refulgentes que muitos sóis, faziam-lhe escolta, Ela ia no meio de todos, mais guardada e protegida do que o leito de Salomão, rodeado pelos sessenta valentíssimos de Israel armados de espadas **(Cant 3, 7)**. Além destes dez mil anjos, assistiam muitos outros que desciam e subiam aos céus, trazendo e levando mensagens entre o eterno Pai, seu Filho Unigênito humanado e sua Mãe santíssima.

Proteção dos anjos a Maria e José

457. Com este real aparato, invisível aos mortais, caminhavam Maria santíssima e São José, seguros de que não lhes ofenderia os pés a pedra da tribulação **(Sl 40, 12)**, porque o Senhor mandara seus anjos que os levassem nas mãos de sua custódia e proteção.

Cumpriram esta ordem os fidelíssimos ministros, servindo como vassalos à sua grande Rainha. Com admiração, louvor e gozo viam numa pura criatura reunidas tantas perfeições, sacramentos, grandezas e tesouros da Divindade, e com tal dignidade que excedia à sua própria capacidade angélica.

Entoavam novos cânticos ao Senhor, enquanto contemplavam o sumo Rei da glória repousando em seu reclinatório de ouro **(Cant 3, 9)**. A divina Mãe era a carruagem viva e incorruptível; espiga fértil da terra prometida **(Lev 23, 10)** que encerrava o grão vivo; rica embarcação de mercador **(Prov 31, 14)** levando-o para

1 - nº 450

nascer na casa do pão, a fim de um dia morrer na terra (**Jo 12, 24**) e ser multiplicado no céu.

A viagem durou cinco dias. Por causa do estado da Virgem Mãe, seu Esposo conduzia-a devagar. Para a soberana Rainha não houve noite nesta viagem. Em alguns dias em que caminhavam parte dela, projetavam os anjos tão grande resplendor como se todas as luminárias do céu estivessem juntas ao meio dia, na sua maior atividade e na mais clara transparência atmosférica.

Naquelas horas noturnas gozava São José desta visão angélica. Formava-se então um coral celeste, no qual a grande Senhora e seu Esposo alternavam com os soberanos espíritos, admiráveis cânticos e hinos de louvor, transformando aqueles campos em novos céus. Gozou a Rainha, durante toda a viagem, da visão e fulgor de seus ministros e vassalos, mantendo com eles dulcíssimos colóquios interiores.

Vicissitudes da viagem

458. Com estes admiráveis favores e consolações, mesclava o Senhor algumas penalidades e incômodos que ocorriam na viagem de sua divina Mãe. Sendo muitos os viajantes que se deslocavam por causa do edito imperial, a aglomeração nos pousos era muito penosa e incômoda para o recato e modéstia da puríssima Virgem Mãe e seu Esposo. Pobres e reservados, eram menos atendidos que outros, e com isto lhes cabia maior descomodidade do que aos mais ricos. O mundo, julgando pela aparência, geralmente distribui seus favores ao revés, fazendo acepção de pessoas.

Muitas vezes, ouviam nossos santos peregrinos palavras ásperas, nas pousadas onde chegavam cansados, e de algumas eram despedidos como gente inútil e sem consideração. Outras vezes instalavam a Senhora do céu e terra num canto de vestíbulo, quando não lhe recusavam até isso.

Neste caso, retirava-se com seu Esposo a outros lugares mais humildes e menos aceitos pela estima do mundo. Mas em qualquer lugar, por desprezível que fosse, encontravam-se acompanhados pela corte dos cidadãos do céu. Rodeavam seu supremo Rei e soberana Rainha, cercando-os como de um impenetrável muro, com que o tálamo de Salomão ficava em segurança, defendido dos temores noturnos (**Cant 3, 7**). O fidelíssimo Esposo José vendo a Senhora dos céus tão bem guardada por seus exércitos angélicos, descansava e dormia, pois Ela também cuidava disso para aliviá-lo da fadiga do caminho. Enquanto ele repousava, Ela permanecia em colóquios com os dez mil anjos que a assistiam.

O capítulo 3º dos Cânticos

459. No seu livro dos Cânticos, descreveu Salomão grandes mistérios da Rainha do céu, sob diversas metáforas e alegorias. No capítulo terceiro, porém, falou mais expressamente do que se passou com a divina Mãe na gestação de seu Filho santíssimo, e desta sua viagem antes do parto. Nesta circunstância cumpriu-se à letra tudo o que ali se diz do leito de Salomão, de sua carruagem e reclinatório de ouro, da sua guarda formada pelos fortíssimos de Israel que gozam da visão divina, e tudo o mais contido naquela profecia.

Bastou-me começar a entendê-la nas poucas frases que deixo indicadas, para me arrebatar de admiração pelo mistério da sabedoria infinita, nestes fatos tão veneráveis para as criaturas. Quem haverá, entre os mortais, tão endurecido que não se lhe comova o coração? Ou tão soberbo que não se confunda? Ou tão indiferente que não se admire da maravilha resultante de tão distantes e contrários extremos?

Deus infinito, e ao mesmo tempo verdadeiramente escondido e encerrado no tálamo virginal de uma delicada donzela, cheia de formosura e graça, inocente, pura, suave, doce, amável aos olhos de Deus e dos homens, mais do que tudo quanto o Senhor criou e jamais criará!

Esta grande Senhora, possuidora do tesouro da divindade, desprezada, sofredora, desestimada e repelida pela cega ignorância e soberba mundana!

Por outro lado, nos lugares mais desprezíveis, amada pela beatíssima Trin-

dade, afagada por suas carícias, servida pelos anjos, defendida e amparada por sua grande e vigilante custódia!

Oh! filhos dos homens, ignorantes e insensíveis de coração (**Sl 4, 3; 61, 10**), que erradas são vossas medidas e julgamentos, como diz David: estimais os ricos e desprezais os pobres (**Tgo 2, 2**); elevais os soberbos e abateis os humildes; rejeitais os justos e aplaudis aos insensatos! Cego é o vosso ditame, errada vossa escolha, com que acabareis frustrando os vossos próprios desejos.

Ambiciosos que procurais riquezas e tesouros, e vos achais pobres agarrados ao ar. Se recebesses a verdadeira Arca de Deus, receberieis muitas bênçãos divinas, como Obededom (**2Rs 6, 11; 7**). Mas, porque a desprezastes, vos sucede a muitos o mesmo castigo de Oza.

Favores espirituais prodigalizados por Maria

460. - Na diversidade das almas dos que iam e vinham, a divina Senhora conhecia e penetrava os pensamentos mais ocultos. Via se estavam em estado de graça ou de pecado, e seus respectivos graus. De muitas sabia se eram predestinadas ou réprobras, se haviam de perseverar, cair, ou levantar.

Esta variedade dava-lhe motivo para heróicos atos de virtudes por uns e outros. Para muitos alcançava a perseverança, para outros eficaz auxílio para sair do pecado e recuperar a graça. Por outros chorava e suplicava ao Senhor do íntimo do coração e pelos réprobos sentia intensíssima dor de sua perdição final.

Muitas vezes, mais fatigada por estas penas do que pelo cansaço da viagem, sentia certo desfalecimento no corpo. Os santos anjos, cheios de refulgente luz e beleza a amparavam nos braços, para que Ela repousasse e recebesse algum alívio.

Aos doentes, aflitos e necessitados consolava rezando e pedindo por eles ao seu Filho santíssimo, o remédio de seus sofrimentos e necessidades. Não lhes falava por causa do grande concurso de pessoas, e também por seu estado de gravidez a todos visível.

Esta era a retribuição que a Mãe de misericórdia dava aos mortais, pela má hospedagem que deles recebia.

Penalidades da viagem

461. Sendo inverno, às vezes chegavam ao pouso com muito frio entre neve e chuvas, pois não quis o Senhor que lhes faltasse esta penalidade.

Para maior confusão da ingratidão humana, precisavam retirar-se aos abrigos do gado, porque melhor não lhes davam os homens.

A cortesia e humanidade que faltava a estes, tinham-nas os animais que se retiravam, respeitando seu Criador e a Mãe que o trazia em seu virginal seio.

Bem poderia a Senhora das criaturas mandar aos ventos e ao gelo que não a ofendessem. Não o fazia, porém, para não se privar da imitação de Cristo seu Filho santíssimo que já começava a sofrer antes de deixar seu virginal ventre.

Estas inclemências a fatigavam um tanto, mas o solícito e fiel esposo São José cuidava muito em abrigá-la. Mais ainda o faziam os espíritos angélicos, principalmente São Miguel que sempre permaneceu ao lado direito de sua Rainha, sem deixá-la um instante. Freqüentemente a servia, levando-a nos braços quando estava cansada; quando era vontade do Senhor, a resguardava das intempéries e prestava outros muitos obséquios à divina Senhora e ao bendito fruto de seu ventre, Jesus.

Chegada a Belém. Não encontram pousada

462. Com a alternada vicissitude destes prodígios, chegaram nossos peregrinos, Maria santíssima e José à cidade de Belém, no quinto dia de viagem. Eram quatro horas da tarde, num sábado, no solstício invernal, quando àquela hora já se põe o sol e se aproxima a noite.

Entraram na cidade procurando pousada. Percorreram muitas ruas não só pelas estalagens, mas também em casas de conhecidos e de parentes mais próxi-

mos. Ninguém os recebeu, e por muitos foram despedidos com grosseria e desprezo. Prosseguiram a honestíssima Rainha e seu Esposo, batendo de casa em casa e de porta em porta, entre o tumulto da multidão.

Não ignorava a Senhora que os corações e as casas dos homens estariam fechados para eles. Não obstante, por obedecer a São José, quis sofrer aquele vexame. Para seu recato, estado e idade, o sacrifício daquela andança foi mais penoso do que não encontrar hospedagem.

Passando pela casa do registro público inscreveram-se, pagaram o fisco e a moeda do tributo real, e assim ficaram livres desta preocupação e de precisar voltar ao registro.

Prosseguiram em busca de pouso, e havendo procurado em mais de cinquenta casas, em nenhuma foram acolhidos. Admiravam-se os espíritos angélicos dos altíssimos mistérios do Senhor, da paciência e mansidão de sua virgem Mãe, e da insensível dureza dos homens. Nesta admiração bendiziam ao Altíssimo em suas obras e ocultos desígnios que, desde aquele dia, exaltava a tanta glória a humildade e pobreza desprezadas pelos mortais.

Dirigem-se para a Gruta

463. Eram nove da noite quando o fidelíssimo José, cheio de amargura e íntima dor, voltou-se para sua prudentíssima Esposa, e lhe disse: Minha dulcíssima Senhora, meu coração desfalece de dor vendo que não vos posso acomodar não só como Vós mereceis e meu afeto deseja, mas nem com o abrigo e descanso que, raras vezes ou nunca se recusa ainda ao mais pobre e desprezado do mundo. Sem dúvida há mistério nesta permissão do céu, que não se movam os corações dos homens para nos receberem em suas casas. Lembro-me, Senhora, que fora dos muros da cidade existe uma gruta que costuma servir de albergue aos pastores e seu gado. Vamos até lá, e se, por felicidade, estiver desocupada, tereis algum amparo do céu quando nos falta o da terra.

Respondeu-lhe a prudentíssima Virgem: Meu esposo e Senhor, não se aflija vosso piedosíssimo coração por não se realizarem os ardentíssimos desejos de vosso afeto pelo Senhor. Já que o tenho em minhas entranhas, suplico-vos, por seu amor, que lhe agradeçamos suas disposições. O lugar de que me falais será muito de acordo com meu desejo. Mudem-se vossas lágrimas em alegria pelo amor e posse da pobreza, que é o rico e inestimável tesouro de meu Filho santíssimo (**Mc 10, 21; 2 Cor 8, 9**).

Ele vem dos céus procurá-lo, preparemo-lo com júbilo da alma, pois a minha não tem outro consolo, e o mesmo possa eu receber de vós. Vamos contentes onde o Senhor nos conduz.

Os anjos encaminharam os divinos Esposos para lá, servindo-lhes de luminosas tochas, e chegando à gruta encontraram-na desocupada.

Cheios de celestial consolo, louvaram ao Senhor por este benefício, e aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Desprezo das vaidades

464. Minha caríssima filha, se teu coração é sensível e dócil ao Senhor, os mistérios divinos que entendeste e descreveste, serão capazes de despertar em ti doces e amorosos afetos pelo Autor de tantas maravilhas. Por amor d'Ele

quero que, desde hoje, faças novo e grande apreço em te veres esquecida e desprezada pelo mundo.

Dize-me, amiga, se em troca deste esquecimento e menosprezo aceito de boa vontade, Deus inclina para ti o olhar e a força de seu amor suavíssimo, porque não comprarás tão barato o que é de preço infinito? Que te darão os homens quando mais te estimarem e aplaudirem? E que perderás por desprezá-los? Não é tudo mentira **(Sl 4, 3; Sab 5, 9)** e vaidade?

Não é uma sombra fugaz que se desvanece entre as mãos dos que lutam por apanhá-la? Quando tudo tivesses nas tuas nada farias em desprezá-lo. Considera bem quanto menos farás em recusá-lo para ganhar o amor de Deus, o meu e o de seus anjos. De coração, renuncia a tudo, caríssima. Se o mundo não te desprezar tanto como deves desejar, despreza-o tu a ele. Permanece livre, desembaraçada e solitária, para gozar da companhia do sumo Bem, receber com plenitude os felicíssimos efeitos de seu amor, e poder corresponder-lhe com liberdade.

O caminho direto para Deus

465. Meu Filho santíssimo é tão fiel amante das almas, que me constituiu Mestra e modelo vivo para lhes ensinar o amor da humildade e o eficaz desprezo da vaidade e soberba. Foi também permissão sua que para Si, Deus e homem, e para Mim, sua serva e Mãe, faltasse abrigo e acolhimento entre os homens.

Queria, por este desamparo, dar motivo para que depois as almas amantes e afetuosas lhe oferecessem hospedagem e assim se visse obrigado, por tal fineza, a vir permanecer com elas.

Também procurou soledade e pobreza, não porque tivesse necessidade destes meios para praticar as virtudes em grau perfeitíssimo, mas sim para ensinar aos mortais que este é o caminho mais curto e seguro para chegar às alturas do amor divino e união com Deus.

A imitação de Cristo e Maria

466. Bem sabes, caríssima, que és incessantemente instruída e admoestada com a luz do alto para, esquecendo a terra e as coisas visíveis, te cingires de fortaleza **(Prov 31, 17)** a fim de me imitar, copiando conforme tuas forças, os atos e virtudes que de minha vida te manifesto. Esta é a primeira finalidade da ciência que recebes para escreve-la: teres em mim modelo e dele te valeres para ordenar tua vida e obras do modo como Eu imitava as de meu dulcíssimo Filho. O temor que este preceito te causou, por imaginá-lo superior às tuas forças, deves moderá-lo e cobrar ânimo com o que diz meu Filho santíssimo pelo Evangelista S. Mateus **(5, 48)**: Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celestial - Esta vontade do Altíssimo, proposta à sua santa Igreja, não é impossível a seus filhos. Se de sua parte se dispõem, a ninguém negará a graça de alcançar a semelhança com o Pai celeste, porque isto lhes foi merecido por meu Filho santíssimo.

O ingrato esquecimento, porém, e o desprezo que os homens fazem de sua redenção é o que lhes impede conseguir eficazmente seus frutos.

Zelo por si e pelo próximo

467. De ti, particularmente, minha filha, quero esta perfeição e convido-te para ela por meio da suave lei de amor, ao qual encaminho minha doutrina. Pondera com a divina luz, a obrigação que te confio e trabalha para corresponder a ela com prudência de filha solícita e fiel. Não te embarace nenhuma dificuldade e trabalho, nem omitas virtude ou ato de perfeição por árduo que seja. Nem te deves contentar em solicitar a própria salvação e amizade com Deus. Se quiseres ser perfeita à minha imitação, e praticar o que ensina o Evangelho, deves procurar a salvação de outras almas e a exaltação do santo nome de meu Filho. Em suas mãos poderosas sê instrumento para coisas grandes e de seu maior agrado e glória.

BELÉM: *Basílica da Natividade (fachada)*

CAPÍTULO 10

CRISTO NASCE DA VIRGEM MARIA EM BELÉM DA JUDÉIA.

A gruta, primeiro templo de Cristo na terra

468. O palácio que o supremo Rei dos reis e Senhor dos senhores tinha preparado para hospedar no mundo seu eterno Filho feito homem, para o bem dos homens, era a mais pobre e humilde choupana ou gruta. Ali Maria e José se retiraram, despedidos das hospedarias e da natural piedade dos mesmos homens, como ficou descrito no capítulo passado.

Era este lugar tão desprezível que, estando a cidade de Belém repleta de forasteiros e com insuficiente alojamento, ninguém se dignou procurá-lo e muito menos nele se abrigar. Realmente, ele só convinha e ficava bem aos mestres da humildade e pobreza, Cristo, nosso bem, e sua Mãe puríssima. Através dos acontecimentos, reservou-o para Eles a sabedoria do eterno Pai. Ornado com a desnudez, solidão e pobreza, consagrou-o primeiro templo da luz (**Mal 4, 2; Sl 111, 4**) e casa do verdadeiro sol de justiça. Para os retos de coração, nasceria da cândida aurora Maria, no meio das trevas da noite, símbolo das do pecado que cobriam o mundo todo.

Maria e José agradecem a Deus

469. Entraram Maria Ssma, e José neste alojamento. Com o resplendor dos dez mil anjos que os acompanhavam puderam facilmente ver que era pobre e desocupado, como o desejavam.

Com grande consolação e lágrimas de alegria, os dois santos Peregrinos ajoelharam-se louvando o Senhor e dando-lhe graças por aquele benefício que, não ignoravam, era disposto pelos ocultos desígnios da eterna Sabedoria.

Este grande mistério foi mais compreendido pela divina princesa Maria, pois ao santificar com seus pés aquela felicíssima choupanazinha, sentiu grande júbilo interior que a elevou e vivificou toda.

Pediu ao Senhor recompensasse generosamente a todos os moradores da cidade que, despedindo-a de suas casas, lhe proporcionaram tanto bem como naquela humilde cabana a esperava.

Era formada de pedras naturais e toscas sem nenhum acabamento, de tal modo que os homens julgaram-na conveniente apenas para estábulo de animais. O eterno Pai, entretanto, a destinara para abrigo e morada de seu próprio Filho.

Os anjos montam guarda real

470. Os espíritos angélicos que guardavam sua Rainha e Senhora, ordenaram-se na forma de esquadrões, como fazendo guarda ao palácio real. Na forma corpórea e humana em que vinham, eram vistos também pelo santo esposo José. Era conveniente que, naquela ocasião, para aliviar sua pena ele gozasse desse favor,

vendo tão adornado e aformoseado com as riquezas do céu aquele pobre alojamento. Além de se consolar, seu coração devia ser elevado para os acontecimentos que o Senhor preparara para aquela noite, em tão abjeto lugar.

A grande Rainha e Imperatriz do céu, já informada do mistério que se realizaria, resolveu limpar com suas próprias mãos aquela gruta, que logo serviria de trono real e sagrado propiciatório. Queria que não faltasse a Ela aquele exercício de humildade, e nem a seu Filho unigênito o culto e reverência que, em tal ocasião, era possível oferecer-lhe como adorno de seu templo.

Maria, José e os anjos limpam a gruta

471. O santo esposo José, atento à majestade de sua divina Esposa, e que Ela parecia esquecer por amor da humildade, suplicou-lhe não se encarregasse daquele ofício que a ele pertencia. Adiantando-se, começou a limpar o chão e os cantos da gruta, ainda que nem por isso deixou de o acompanhar a humilde Senhora.

Estando os santos anjos em forma humana visível, pareceu, a nosso modo de entender, que ficaram envergonhados de não participar naquela tão devota porfia de humildade. Imediatamente, em santa competição, ajudaram, ou para melhor dizer, em brevíssimo tempo limparam toda a gruta, deixando-a em ordem e cheia de fragrância.

São José acendeu fogo com o dispositivo que para isso trazia, e porque estava muito frio, aproximaram-se dele para se aquecer um pouco.

Com incomparável alegria espiritual cearam do pobre farnel que levavam. A Rainha do céu e terra nada teria comido, se não fosse para obedecer a São José, pois aproximando-se o divino parto, achava-se toda absorta no mistério.

Êxtase de São José

472. Depois de comer deram graças ao Senhor, como costumavam, e ficaram por momentos conversando sobre os mistérios do Verbo encarnado.

Sentindo a prudentíssima Virgem que se aproximava o feliz nascimento, rogou a seu esposo José que se recolhesse para dormir e descansar um pouco, pois a noite já ia bastante adiantada. Obedeceu o santo homem à sua Esposa, pedindo-lhe que fizesse o mesmo. Para tanto, com as roupas que traziam, arrumou a manjedoura bastante ampla que se encontrava no chão da gruta e servia aos animais que lá se recolhiam.

Deixando Maria Ssma. acomodada nesse leito, retirou-se São José para um canto da choupana, onde se pôs em oração. Foi logo visitado pelo divino Espírito e arrebatado por uma força extraordinária e suavíssima. Elevado em altíssimo êxtase, foi-lhe mostrado tudo o que, naquela noite, aconteceu na ditosa gruta, e só voltou a seus sentidos quando o chamou a divina Esposa. Este foi o sono de São José ali na gruta, mais sublime e feliz do que o de Adão no paraíso **(Gen 2, 21)**.

Êxtase de Maria santíssima

473. No lugar onde se encontrava foi a Rainha das criaturas movida por intensa atração do Altíssimo, com eficaz e doce transformação, que a elevou acima de toda a criação. Sentindo novos efeitos do poder divino, entrou num dos êxtases mais raros e admiráveis de sua vida santíssima. Gradualmente foi sendo elevada pelo Altíssimo, com as luzes e disposições, que noutras ocasiões descrevi, para chegar à clara visão da divindade.

Assim preparada, se lhe correu a cortina e viu intuitivamente o próprio Deus, com tanta glória e plenitude de ciência, que todo o entendimento angélico e humano não o pode explicar nem adequadamente compreender.

Foi-lhe renovada a notícia dos mistérios da divindade e humanidade santíssima de seu Filho, que recebera em outras visões, e novamente lhe foram manifestados outros segredos encerrados no inexausto arquivo do peito divino.

Não tenho suficientes e adequados termos para manifestar o que destes sacramentos conheci na luz divina. Sua abundância e riqueza me tornam pobre de razões.

Precedentes do nascimento de Cristo

474. Declarou o Altíssimo à sua Virgem Mãe que chegara o momento de deixar seu virginal seio e aparecer no mundo, e o modo como isso seria realizado.

Conheceu a prudentíssima Senhora nesta visão, as razões e fins altíssimos de tão admiráveis obras, tanto da parte do Senhor, como do que se referia às criaturas, para as quais se ordenavam.

Prostrou-se ante o trono real da divindade, dando-lhe a glória, a magnificência, a ação de graças e louvores, que Ela e todas as criaturas deviam a Deus, por misericórdia e dignação tão inefáveis de seu imenso amor.

Ao mesmo tempo, pediu nova luz e graça para dignamente servir e educar o Verbo humanado que receberia nos braços e alimentaria com seu virginal leite.

Fez a divina Mãe esta súplica com profundíssima humildade, como quem entendia a grandeza de tão novo sacramento: criar e tratar como mãe a Deus feito homem. Julgava-se indigna de tal ofício, para cujo cumprimento seriam insuficientes os supremos serafins.

Prudente e humildemente o pensava e pesava a Mãe da Sabedoria (**Ecli 24, 24**): e porque se humilhou até o pó (**Lc 1, 48**) e se aniquilou na presença do Altíssimo, foi por Ele elevada e confirmada no título de Mãe sua.

Ordenou-lhe que, como legítima e verdadeira Mãe, exercitasse esse ofício e ministério; que o tratasse como a Filho do eterno Pai e juntamente Filho de suas entranhas.

Tudo isto pôde ser confiado a tal Mãe. Mais, não posso explicar com palavras.

Nascimento de Cristo

475. Esteve Maria santíssima neste rapto e visão beatífica mais de uma hora imediata a seu divino parto. Ao mesmo tempo que dele voltava percebeu e viu que o corpo do Menino Deus movia-se em seu virginal seio, para deixar aquele sagrado tálamo onde permanecera nove meses.

Este movimento do Menino não produziu dores à Virgem Mãe, como acontece às demais filhas de Adão e Eva em seus partos (**Gn 3, 16**). Pelo contrário, transportou-a de júbilo incomparável, causando em sua alma e virginal corpo efeitos tão divinos e elevados que ultrapassam a todo pensamento criado.

Corporalmente, tornou-se tão espiritualizada, formosa e refulgente que não parecia criatura humana e terrena. O rosto desprendia raios de luz como belíssimo e rosado sol; sua expressão era grave, de admirável majestade e inflamado de ardente amor.

Estava ajoelhada na manjedoura, os olhos elevados para o céu, as mãos juntas sobre o peito, o espírito absorto na divindade, toda deificada. Nesta posição, no termo de seu êxtase, e a eminentíssima Senhora deu ao mundo o Unigênito do Pai (**Lc 2, 7**) e seu, nosso Salvador Jesus, Deus e homem verdadeiro.

Era a meia-noite de um domingo, no ano 5.199 desde a criação do mundo, como ensina a Igreja romana. Este cômputo é certo e verdadeiro, conforme me foi declarado.

476. Outras circunstâncias e particularidades deste diviníssimo parto, todos os fiéis podem supô-las miraculosas. Como não tiveram outras testemunhas além da Rainha do céu e dos anjos, não se podem conhecer todas em particular, salvo as que Deus mesmo revelou à sua Igreja em comum, ou a determinadas pessoas, por diversos modos.

Estas revelações diferem um pouco entre si.

O assunto é altíssimo e em tudo venerável. Por isto, expus aos superiores que me governam o que conheci sobre estes mistérios para os escrever. Ordenou-me, então, a obediência que os consultasse novamente na divina luz, e pedisse à Imperatriz do céu, minha mãe e mestra, e aos santos anjos que me assistem, esclarecessem algumas dúvidas que me ocorreram, sobre pormenores que convinham ser explicados, para mais clara exposição do parto sacratíssimo de Maria, Mãe de Jesus, nosso Redentor.

Tendo eu essa ordem, foi-me declarado que o nascimento sucedeu na forma seguinte:

Pormenores do nascimento de Cristo

477. Ao terminar o rapto e visão beatífica da Mãe sempre Virgem, que descrevi (1), d'Ela nasceu o sol de justiça, o Filho do eterno Pai e seu, limpo, belíssimo, refulgente e puro, deixando sua pureza e virginal integridade mais divinizada e consagrada. Não dividiu, mas atravessou o virginal claustro, como os raios do sol que, sem quebrar a vidraça de cristal, penetra-a e deixa-a mais bela e luminosa.

Antes de explicar o modo miraculoso como isto se deu, digo que o Menino Deus nasceu só e puro, sem aquela membrana chamada secundina e na qual comumente nascem enredados as outras crianças, tendo estado envolvidos nela no seio materno.

Não me detenho em declarar a causa donde pôde originar-se o erro de se dizer o contrário.

Bast a saber e supor qu e na geração do Verbo humanado, e em seu nascimento, o poder do Altíssimo tomou da natureza só aquilo que pertencia à realidade e essência da geração humana, para que o Verbo feito homem verdadeiro, verdadeiramente fosse concebido, gerado e nascido como filho da substância de sua Mãe sempre Virgem.

As demais condições que não são essenciais, mas tão somente acidentais à geração e nascimento, e são conseqüências da culpa original ou atual, devem ser afastadas de Cristo nosso Senhor e de sua Mãe santíssima. Outras muitas particularidades que não atingem à substância da geração e nascimento, e mesmo quanto à natureza, contêm alguma impureza e superfluidade, não eram necessárias para que a Rainha do céu fosse verdadeira Mãe, e Cristo, Senhor nosso, filho seu, d'Ela nascido.

Aqueles efeitos, quer do pecado, quer da natureza, não eram necessários para a realidade da Humanidade santíssima e de seu ofício de Redentor e Mestre. O que não foi necessário para estes fins não se deve atribuir a Cristo e à sua Mãe santíssima, considerando-se ainda que esta falta redunda na maior excelência de ambos.

Os milagres que para isso teriam sido necessários não devem ser regateados ao Autor da natureza e da graça, e à sua digna Mãe, preparada, adornada e sempre favorecida e aformoseada.

Em todos os tempos a divina destra a enriqueceu de graças e dons, e seu poder nela operou tudo quanto foi possível uma pura criatura receber.

A virginal integridade de Maria

478. Conforme a esta verdade, não ficava derrogada a qualidade de verdadeira mãe, o ser virgem ao conceber por obra do Espírito Santo e o dar à luz permanecendo sempre virgem. Ainda que sem culpa, poderia ter perdido este privilégio da natureza, ficaria faltando à divina Mãe esta tão rara e singular excelência que o poder de seu Filho lhe quis outorgar.

Também pudera nascer o Menino Deus com aquela túnica ou membrana dos demais. Mas como isto não era necessário para nascer filho de sua verdadeira Mãe, não quis extraí-la do seio virginal e materno.

Este parto não esteve também sujeito a outras condições de menos pureza que atingem os demais, no modo comum de nascer.

Não era justo que o Verbo humanado passasse pelas leis comuns dos filhos de Adão. Já que nasceu milagrosamente, era coerente que fosse privilegiado e livre de tudo o que pudesse ser matéria de corrupção e menos pureza.

Aquela túnica *secundina* não deveria se corromper por ter estado em contato direto com seu corpo santíssimo, e por ser parte do sangue e substâncias materna. Guardá-la ou conservá-la não era conveniente, nem o era receber os privilégios dos dotes da glória para sair do corpo da Mãe, do mesmo modo que saiu o corpo de seu Filho santíssimo, como logo direi.

1 - nº 473

O milagre que seria preciso para conservar esta membrana sagrada fora do seio da Mãe, foi melhor operado permanecendo nele.

O corpo glorioso do Menino Deus

479. Nasceu, pois, o Menino Deus do tálamo virginal, só, sem qualquer outra coisa material e corporal, glorioso e transfigurado. A sabedoria infinita ordenou que a glória da alma santíssima se comunicasse ao corpo do Menino Deus no momento de nascer, participando dos dotes da glória, como aconteceu mais tarde no Tabor **(Mt 17, 2)** na presença dos três apóstolos.

Não teria sido necessário este prodígio para atravessar o claustro materno deixando-o ileso em sua virginal integridade. Sem estes dotes, poderia Deus fazer outros milagres para o Menino nascer deixando virgem a Mãe. Assim o dizem os santos (2) que não conheceram outro mistério.

Foi vontade divina, porém, que a beatíssima Mãe visse, pela primeira vez, a seu Filho homem-Deus, com o corpo glorioso, para dois fins: primeiro, para que a visão daquele objeto divino despertasse na prudente Mãe a altíssima reverência com que devia tratar seu filho, Deus e Homem verdadeiro. Não obstante, já ter sido instruída nisso, ordenou o Senhor que, por esse meio sensível, lhe fosse infundida nova graça correspondente à experiência que recebia da divina excelência, majestade e grandeza de seu dulcíssimo Filho.

A segunda finalidade dessa maravilha, foi para recompensar a fidelidade e santidade da divina Mãe. Seus puríssimos e castíssimos olhos, por amor de seu Filho santíssimo, se haviam fechado para tudo o que era terrestre. Mereciam vê-lo, logo ao nascer, com tanta glória, recebendo aquele gozo e prêmio de sua lealdade e delicadeza.

Primeiro colóquio entre Filho e Mãe

480. O sagrado Evangelista São Lucas diz **(Lc 2,7)** que a Virgem Mãe havendo dado a luz a seu filho primogênito, envolveu-o em panos e o reclinou num presépio.

Não declara quem o colocou em suas mãos, porque isto não pertencia a seu intento. Foram ministros deste gesto os dois príncipes soberanos São Miguel e São Gabriel. Assistindo ao mistério em forma corpórea, no momento em que o Verbo humanado transpos o claustro materno e veio à luz, em devida distância, o receberam em suas mãos com incomparável reverência. Em seguida, no modo como o sacerdote mostra ao povo a sagrada hóstia para que a adore, os dois celestiais ministros apresentaram aos olhos da divina Mãe o seu Filho glorioso e refulgente.

Tudo se passou em breves instantes. No momento em que os santos Anjos apresentaram o Menino Deus à sua Mãe, olharam-se Filho e Mãe, ferindo Ela o coração do doce Menino, e ficando ao mesmo tempo transformada n'Ele.

Das mãos dos santos Anjos, disse o Príncipe celestial à sua feliz Mãe: Mãe, assemelha-te a Mim. Pelo ser humano que me deste quero, desde hoje, dar-te outro ser de graça mais elevado que, sendo de pura criatura, assemelhe-se, por imitação perfeita, ao meu que sou Deus e homem.

Respondeu a prudentíssima Mãe: Atrai-me após ti, e correremos ao odor de teus perfumes **(Cant 1, 3)**. Aqui se cumpriram muitos dos ocultos mistérios dos Cânticos. Entre o Menino Deus e sua Virgem Mãe se passaram muitos dos divinos diálogos ali referidos, como: Meu amado é para mim, eu sou para ele, e ele se volta para mim. Oh! Como és formosa, minha amiga, teus olhos são como os da pomba! Oh! Como és belo meu dileto! **(Cant 2, 16; 7, 10; 1, 14 - 15)**.

Outros muitos sacramentos então se realizaram, mas para referi-los seria necessário alongar este capítulo mais do que é preciso.

Diálogo com o Eterno Pai

481. Ao mesmo tempo que ouviu as palavras de seu Filho diletíssimo, foram à Maria santíssima revelados os atos interiores da alma santíssima unida à divindade, para que imitando-os se assemelhasse a Ele.

2 - S. Tomas, Summa III, q 28a. 2 ad2 - Nota da Escritora

Esta graça foi a maior que a fidelíssima e ditosa Mãe recebeu de seu Filho, homem e Deus verdadeiro. Não só por ter sido contínua, durante toda a vida dele, mas também porque foi o modelo vivo por onde Ela copiou a sua, com a maior semelhança possível entre uma pura criatura e Cristo, homem e Deus verdadeiro.

Sentiu a divina Senhora a presença da Santíssima Trindade, e ouviu a voz do Eterno Pai, dizendo: Este é meu Filho amado de quem recebo grande agrado e complacência **(Mt 17, 5)**.

A prudentíssima Mãe, toda divinizada entre tão sublimes sacramentos, respondeu: Eterno Pai e Deus Altíssimo, Senhor e Criador do universo, dai-me novamente vossa bênção e permissão, para com ela receber em meus braços o desejado das nações **(Ag 2, 8)**; e ensinai-me a cumprir vossa divina vontade no ministério de mãe, ainda que indigna, e de escrava fiel.

Ouviu uma voz que lhe dizia: Recebe a teu unigênito Filho, imita-o, cria-o e lembra que mo hás de sacrificar quando Eu te pedir. Alimenta-o como mãe e venera-o como a teu verdadeiro Deus.

Respondeu a divina Mãe: Aqui está a obra de vossas divinas mãos; adornai-me com vossa divina graça para que vosso Filho e meu Deus me aceite por sua escrava. Dai-me a suficiência de vosso grande poder a fim de que Eu acerte em seu serviço. Não seja ousadia que a humilde criatura tenha em suas mãos e alimente com seu leite a seu próprio Senhor e Criador.

Oração de Maria

482. Terminados estes colóquios tão cheios de divinos mistérios, o Menino Deus interrompeu o milagre, ou voltou a continuar aquele que suspendia os dotes da glória de seu corpo santíssimo, ficando represados só na alma, e se mostrou sem eles, em seu ser natural e passível.

Sua Mãe puríssima, com profunda humildade e reverência o adorou, na posição de joelhos como estava, e o recebeu das mãos dos santos anjos. Tendo-o nas suas lhe disse: Dulcíssimo amor meu, luz de meus olhos e vida de minha alma; sede benvindo ao mundo, sol de justiça **(Mal 4, 2)**, para desterrar as trevas do pecado e da morte. Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, redimi a vossos servos e toda a carne veja quem lhe traz a salvação **(Is 9, 2; Sl 33, 23; Is 40, 5; 52, 10)**. Recebei vossa escrava para vosso obséquio e supri minha insuficiência para vos servir. Fazei-me, Filho meu, tal como quereis que eu seja para vós.

Em seguida, ofereceu a prudentíssima Mãe seu Unigênito ao Eterno Pai, dizendo: Altíssimo Criador de todo o universo, aqui está o altar e o sacrifício aceitável a vossos olhos **(Mal 3, 4)**. Desde agora, Senhor meu, olhai a raça humana com misericórdia, e quando merecermos vossa indignação, aplacai-vos com vosso Filho e meu. Descanse a justiça e exalte-se vossa misericórdia, pois para tanto vestiu o Verbo divino a semelhança da carne do pecado **(Rom 8, 3)**, e se fez irmão dos mortais **(Filp 2, 7)** e pecadores.

Por este título reconheço-os por meus filhos, e do fundo do coração vos peço por eles. Vós, Senhor poderoso, me fizestes, sem o merecer, Mãe do vosso Unigênito, pois esta dignidade ultrapassa todos os merecimentos das criaturas. De certo modo, porém, devo aos homens a causa de minha incomparável felicidade, pois é para eles que sou Mãe do Verbo humanado passível e Redentor de todos. Não lhes recusarei meu amor, cuidado e solicitude por sua salvação. Recebei, eterno Deus, meus desejos e súplicas para o que é de vosso mesmo agrado e vontade.

Convite de Maria aos homens

483. Dirigiu-se também a Mãe de misericórdia a todos os mortais, dizendo-lhes: Consolem-se os aflitos, alegrem-se os tristes, ergam-se os caídos, tranqüilizem-se os angustiados, ressuscitem os mortos, gozem os justos, alegrem-se os santos, recebam novo júbilo os espíritos celestiais, confortem-se os Profetas e Patriarcas do Limbo e todas as gerações louvem e exaltem ao Senhor que renovou suas maravilhas.

Vinde, vinde, pobres, chegai sem temor, pequenos, pois em minhas mãos está transformado em manso cordeiro

Aquele que é chamado leão; o poderoso - fraco; e o invencível - entregue. Vinde à vida, aproximai-vos da salvação e do repouso eterno, que para todos o tenho, servos-á dado gratuitamente e sem ciúmes. Não sejais duros e insensíveis de coração, filhos dos homens! E vós, doce bem de minha alma, permite-me receber de vós aquele ósculo desejado por todas as criaturas. - Com isto a felicíssima Mãe aplicou seus divinos e castíssimos lábios ao Menino Deus que, como seu Filho verdadeiro, esperava essas ternas e amorosas carícias. (3)

Adoração e cântico dos anjos

484. Seus braços serviram de altar e sacrário onde os dez mil anjos, em forma humana, adoraram seu Criador feito homem. Como a Santíssima Trindade assistia por especial modo ao nascimento do Verbo encarnado, ficou o céu como que deserto de seus moradores. Toda aquela corte invisível transladou-se à feliz gruta de Belém, e também adorou (**Filip 2, 7**) a seu Criador vestido de novo e peregrino traje.

Em seu louvor entoaram os anjos aquele novo cântico: Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade (**Lc 2, 14**). Com doce e sonora harmonia o repetiam, admirados com a realização de tantos prodígios e com a indizível prudência, graça, humildade e beleza de uma tenra jovem de quinze anos, depositária e digna ministra de tais e tantos sacramentos.

Adoração de São José

485. Já era tempo que a prudentíssima e advertida Senhora chamasse a seu fidelíssimo esposo São José. Como acima disse (4), encontrava-se em divino êxtase, onde conheceu, por revelação, todos os mistérios do sagrado parto naquela noite celebrados.

Convinha, todavia, que também com os sentidos corporais visse, tratasse, adorasse e reverenciasse o Verbo humanado, antes que qualquer outro mortal. Entre todos, ele era o único escolhido para fiel despenseiro de tão alto sacramento.

Mediante vontade de sua divina Esposa, voltou do êxtase, e restituído a seus sentidos, foi o primeiro que viu o Menino Deus nos braços de sua Virgem Mãe, reclinado em seu sagrado regaço.

Ali o adorou com lágrimas e profundíssima humildade. Beijou-lhe os pés com tal gozo e admiração que teria perdido a vida, se a virtude Divina não a conservara. Perderia também os sentidos, se naquela ocasião não fora necessário usar deles.

Depois que São José adorou o Menino, a prudentíssima Mãe pediu licença a seu Filho para se assentar, pois até aquele momento estivera de joelhos. Dando-lhe São José as faixas e panos que trouxeram, envolveu-o (**Lc 2, 7**) com a incomparável reverência, devoção e alinho.

Assim envolto em panos e faixas, com divina sabedoria a Mãe o deitou no presépio, como diz o Evangelista São Lucas (**2, 7**). Sobre uma pedra arrumou algumas palhas e capim, para acomodar o Deus homem no primeiro leito que Ele teve na terra, fora dos braços de sua Mãe.

3 - As frases acima são de Is. 61, 1 - 3; Mt 11,5; Sl 95; 11; Is 9, 2; Sl 71, 17; Ecli 36, 6; Lc 4, 18; Is 16, 1; 21,8; 55, 1; Sab 7, 13; Cant 1, 1)

4 - nº 472

Por vontade Divina, acorreu logo, daqueles campos, um boi que entrou no estábulo e se reuniu ao jumentinho que a Rainha havia trazido. Ela lhes ordenou que, no modo que pudessem, com reverência reconhecessem e adorassem a seu Criador. Obedeceram os humildes animais, prostraram-se diante do Menino e com seu bafejar deram-lhe o calor e obséquio que os homens lhe recusaram.

Deste modo, Deus feito homem foi visto envolto em panos, reclinado num presépio entre dois animais. Cumpriu-se milagrosamente a profecia **(Is 1, 3)** que o boi conheceu seu dono, e o jumento o presépio de seu senhor, Israel, porém não o conheceu, nem seu povo teve inteligência.

DOUTRINA DA RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Frutos da meditação do presépio

486. Minha filha, se os mortais tivessem o coração livre e são juízo para considerar dignamente este grande sacramento de piedade que o Altíssimo operou por eles, sua lembrança teria força para reduzi-los ao caminho da vida e rende-los ao amor de seu Criador e Redentor. Sendo os homens capazes de razão, se dela usassem com a dignidade e liberdade que devem, quem seria tão insensível e endurecido para não se enternecer à vista de seu Deus humanado e humilhado? Nascendo pobre, desprezado, desconhecido, num presépio entre animais irracionais, abrigado apenas pela mãe pobre e repelida pela estulta arrogância do mundo? Na presença de tão alta sabedoria e mistério, quem se atrevera amar a vaidade e soberba que o Criador do céu e terra condena com seu exemplo? Tampouco poderá aborrecer a humildade, pobreza e despojamento que o mesmo Senhor amou e escolheu para Si, ensinando o verdadeiro caminho da vida eterna. Poucos são os que se detêm a considerar esta verdade e exemplo. Por causa desta feia ingratidão, também são poucos os que recebem o fruto de tão grandes sacramentos.

A Comunhão faz Cristo nascer na alma

487. Se a dignação de meu Filho se mostrou tão liberal contigo, na ciência e luz tão clara que te deu sobre estes admiráveis benefícios feitos à linhagem humana, considera bem caríssima, como deves aproveitar a luz que recebes. Para bem corresponderes a tais graças, exorto-te novamente a esquecer e perder de vista todas as coisas da terra. Não aceites do mundo senão o que pode te afastar e esconder dele e de seus moradores.

Com o coração vazio de qualquer afeição terrestre, dispõe-te para nele celebrar os mistérios da pobreza, humildade e amor de teu Deus encarnado.

Do meu exemplo aprende a reverência, temor e respeito com que deves tratá-lo, conforme Eu o fazia quando o tinha em meus braços. Praticarás esta doutrina quando o receberes em teu peito no venerável sacramento da Eucaristia que contém o mesmo Deus e homem verdadeiro que de mim nasceu. Neste sacramento o recebes e o tens tão próximo e dentro de ti, com a mesma realidade com que Eu o tinha e tratava, embora por outro modo.

Imitação de Cristo

488. Nesta reverência e temor santo quero que ponhas todo cuidado. Adverte também que entrando o sacramento em teu peito, te fala o mesmo que disse a Mim naquelas palavras: "*Assemelha-te a Mim*", conforme escreveste. Descer do céu à terra, nascer em pobreza e humildade, nela viver e morrer com tão raro exemplo de desprezo pelo mundo e seus enganos; dar-te conhecimento destas obras, distinguindo-te com tão elevada e profunda inteligência, tudo isto há de ser para ti uma pregação viva que deves ouvir com íntima atenção de tua alma e gravar em teu coração. Com discernimento, faz pessoais os benefícios comuns. Entende que meu Senhor e Filho santíssimo quer que os agradeças e recebas, como se por ti somente **(Gal 7, 20)** tivesse descido do céu, para te redimir e realizar todas as maravilhas e doutrina que deixou em sua santa Igreja.

CAPÍTULO 11

OS SANTOS ANJOS ANUNCIAM O NASCIMENTO DO SALVADOR EM DIVERSAS PARTES. ADORAÇÃO DOS PASTORES.

O nascimento de Cristo é anunciado ao Limbo

489. Havendo celebrado os cortezãos do céu, na choupana de Belém, o nascimento de seu Deus humanado, nosso Redentor, foram logo enviados alguns deles a diversas partes, para anunciar a feliz notícia aos que, segundo a divina vontade, estavam preparados para recebê-la.

O príncipe São Miguel dirigiu-se aos santos Pais do limbo e lhes participou que o Unigênito do Pai eterno já nascera feito homem, e se encontrava no mundo, num presépio entre animais, manso e humilde como eles haviam profetizado. Falou, em particular, aos santos Joaquim e Ana, conforme lhe ordenara a ditosa Mãe. Deu-lhes a boa-nova de que ela já tinha nos braços o desejado das nações, o prenunciado por todos os patriarcas e Profetas (1).

Foi o dia de maior consolo e alegria no prolongado exílio daquela grande congregação de justos e santos. Reconhecendo o verdadeiro Homem-Deus por autor da salvação eterna, fizeram novos cânticos em seu louvor, dando-lhe culto e adoração.

Por intermédio do celeste embaixador, São Joaquim e Sant'Ana pediram à sua santíssima filha Maria que, em nome de ambos, reverenciasse ao Menino Deus, bendito fruto de seu virginal seio (**Lc 1, 42**). Assim o fez imediatamente a grande Rainha do mundo, ouvindo, com grande alegria, tudo o que o Santo Príncipe lhe referiu sobre os Pais do Limbo.

Participação à Santa Isabel e João Batista

490. Outro anjo dos que guardavam e assistiam à divina Mãe, foi enviado à santa Isabel e seu filho João. Ao receberem a notícia do nascimento do Redentor, a prudente matrona e seu filho, ainda que tão pequenino, prostraram-se em terra, e adoraram a seu Deus humanado em espírito e verdade (**Jo 4, 23**).

O menino, já consagrado para seu precursor, foi interiormente renovado com espírito mais inflamado que o de Elias. Estes mistérios produziram aos próprios anjos nova admiração e louvor.

São João e sua mãe também pediram à nossa Rainha, por meio dos anjos, que em nome de ambos adorasse seu Filho santíssimo e os oferecesse novamente para seu serviço. A Rainha celeste logo lhes satisfez o pedido.

Santa Isabel envia presentes à sagrada família

491. Santa Isabel enviou prontamente a Belém, à feliz Mãe do Menino

1 - Is 7, 14; 1, 4; 9, 7; Miq 5, 2; Jer 23, 6; Ez 34, 10 - 23; Dan 9, 24; Ag 2, 8; At 10, 43; Jo 5, 39

Deus, um portador com presentes: algum dinheiro, roupas e outras coisas para o abrigo do recém-nascido, de sua pobre Mãe e Esposo. O mensageiro foi com a ordem de que só visitasse à sua prima e a José, e trouxesse notícias certas de sua saúde e precisões.

Não teve este homem maior conhecimento do mistério. Viu apenas o exterior, mas admirado e tocado por uma força divina voltou interiormente mudado. Com admirável júbilo, narrou à Santa Isabel a pobreza e amabilidade de sua prima, do Menino, de José, e os efeitos que sentiu ao vê-los. Esta sincera relação produziu outros admiráveis no bem disposto coração da piedosa matrona. Se não interviesse a vontade divina, ter-lhe-ia sido impossível resistir ao desejo de ir visitar a Virgem Mãe e o Menino Deus recém-nascido.

Das coisas que lhes enviou, a Rainha ficou com uma parte para acudir a pobreza em que se encontravam, e o mais distribuiu pelos pobres. Não quis privar-se da companhia destes, nos dias em que permaneceu na gruta do nascimento.

Os Reis magos recebem revelação do nascimento de Cristo

492. Outros anjos foram participar as mesmas notícias a Zacarias, a Simeão, à profetisa Ana, e a alguns outros justos e Santos a quem pôde ser confiado o novo mistério de nossa Redenção. Encontrando-os o Senhor dignamente preparados para recebê-lo com louvor e fruto, parecia justo não se lhes ocultar o benefício concedido ao gênero humano.

Embora, nem todos os justos da terra conheceram então o mistério, todos sentiram divinas moções na hora em que nasceu o Salvador do mundo. Todos os que se acharam em graça, sentiram interiormente novo e sobrenatural júbilo, apesar de ignorar a causa.

Estas mutações não se operaram só nos anjos e justos, mas também nas criaturas insensíveis, pois todas as influências dos planetas se renovaram e melhoraram: o sol apressou muito o seu curso; as estrelas deram maior brilho; e para os Reis magos formou-se naquela noite a milagrosa estrela (**Mt 2, 2**) que os conduziu a Belém. Muitas árvores floresceram e outras deram frutos. Alguns templos pagãos desabaram, ídolos ruíram e os demônios que neles estavam puseram-se em fuga.

Para estes e outros milagres presenciados pelo mundo naquele dia, os homens atribuíram diferentes causas, não atinando com a verdade. Só entre os justos houve muitos que, com inspiração divina, suspeitaram e acreditaram que Deus viera ao mundo, ainda que certeza ninguém a teve, a não ser aqueles a quem Ele mesmo revelou.

Entre estes estiveram os três Reis magos, a quem foram enviados outros anjos dentre os custódios da Rainha. Nos respectivos lugares do Oriente onde se encontravam, a cada um em particular, revelaram os anjos por voz interior, que o Redentor da linhagem humana nascera em pobreza e humildade.

Com esta revelação lhes foram infundidos novos desejos de o irem procurar e adorar. Em seguida viram a mencionada estrela que os guiou a Belém, como direi adiante.

Revelação aos pastores

493. Entre todos os favorecidos foram muito felizes os pastores (**Lc 2, 8**) daquela região que, acordados, guardavam seus rebanhos na mesma hora do nascimento. Velavam naquele honesto trabalho aceito das mãos de Deus; pobres , humildes e desprezados pelo mundo; justos, simples de coração, eram dos que entre o povo de Israel esperavam e desejavam fervorosamente a vinda do Messias, dela falando freqüentemente.

Tinham maior semelhança com o Autor da vida, na medida em que mais distantes se achavam do fausto, vaidade, ostentação mundana e sua diabólica astúcia. Em suas nobres qualidades representavam o bom Pastor (**Jo 10, 14**) das almas, que vinha reconhecer suas ovelhas e ser por elas reconhecido.

Por se encontrarem em tão boas disposições mereceram ser convidados pelo próprio Senhor, como primícias dos

Santos. Foram os primeiros, dentre os mortais, a receberem a revelação do eterno Verbo humanado, e a lhe darem louvor, obséquio e adoração.

Foi-lhes enviado o arcanjo São Gabriel **(Lc 2, 9)** que lhes apareceu em forma humana, visível, com grande resplendor de puríssima luz.

Cântico dos anjos

494. Repentinamente, viram-se os pastores rodeados de celestial resplendor, e pouco habituados a tais revelações, encheram-se de grande medo com a visão do anjo.

Animou-os o santo Príncipe: Não tenhais medo **(Lc 10, 11 - 12)**, bons homens. Anuncio-vos uma grande alegria: Hoje nasceu para vós o Salvador, Cristo Senhor, na cidade de Davi. Por sinal desta verdade, achareis o menino envolto em panos num presépio.

A estas palavras do Anjo, sobreveio de improviso grande multidão da celestial milícia **(Lc 13, 14)** que, com doce e harmoniosa voz, louvaram ao Altíssimo, cantando: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade. E, repetindo este divino cântico tão novo no mundo, foram desaparecendo os santos anjos.

Tudo isto sucedeu na quarta vigília da noite. Com esta visão angélica, ficaram os humildes e ditosos pastores cheios de luz divina, abrasados de fervor, e ansiosos pela felicidade de ver, pelos olhos, o mistério altíssimo que já haviam percebido pelo ouvido.

Os pastores no presépio

495. Aos olhos humanos, os sinais dados pelo santo Anjo, não pareciam muito de acordo com a grandeza do recém-nascido. Estar num presépio, envolto em humildes e pobre panos, não seriam indícios para conhecer a majestade real, se não a contemplassem na divina luz com a qual foram iluminados e instruídos. Por estarem despidos da arrogância da sabedoria mundana, puderam rapidamente ser instruídos na divina.

Discutindo entre si o que cada qual pensava da surpreendente notícia, resolveram ir, sem tardar, a Belém para ver o prodígio que o Senhor lhes havia participado.

Partiram logo, sem demora, e entrando na choupana, encontraram, como diz o evangelista São Lucas **(2, 16)**, Maria, José e o Menino reclinado no presépio. Vendo tudo isso, conheceram a verdade do que lhes haviam dito sobre o Menino **(Lc 2, 19)**. A esta experiência visual, seguiu-se uma iluminação interior, porque quando os pastores pousaram os olhos no Verbo Humanado, o divino Menino, com o rosto resplandecente, também os olhou. Seus raios luminosos feriram o coração simples daqueles pobres e felizes homens, e a graça divina os renovou em novo ser de graça e santidade. Foram elevados, cheios de ciência divina sobre os mistérios altíssimos da Encarnação e Redenção do gênero humano.

Adoração dos pastores

496. Prostraram-se por terra e adoraram ao Verbo humanado, não já como homens rústicos e ignorantes, mas como sábios e prudentes.

Louvaram-no, confessaram-no e o exaltaram por verdadeiro Deus e homem, Reparador e Redentor da linhagem humana.

A divina Mãe do Deus Infante estava atenta a quanto diziam e faziam os pastores, quer interior, quer exteriormente, pois penetrava o íntimo de seus corações. Com altíssima sabedoria e prudência, guardava todas estas coisas em seu peito, conferindo-as com os mistérios que nele guardava e com as santas Escrituras e profecias.

Sendo Ela, nessa ocasião, órgão do Espírito Santo e língua do Infante, falou aos pastores, os instruiu e exortou à perseverança no amor divino e serviço do Altíssimo. A seu modo, eles também lhe fizeram perguntas e disseram muitas coisas dos mistérios que haviam conhecido.

Ficaram na gruta desde o momento que amanheceu até depois de meio-dia. Deu-lhes de comer, nossa grande Rainha

e os despediu cheios de graça e consolação celestial.

Os pastores publicam o nascimento de Cristo

497. Nos dias em que Maria santíssima, o Menino e São José permaneceram na gruta, estes pastores voltaram algumas vezes a visitá-los, trazendo-lhes alguns presentes, conforme lhes permitia a sua pobreza.

Diz o evangelista São Lucas **(2, 18)** que aqueles que ouviram os pastores narrar o que tinha visto, se admiraram. Isto aconteceu só depois que a Rainha, o Menino e São José, deixaram Belém. Assim o dispos a divina Sabedoria, impedindo os pastores de o publicarem antes.

Nem todos os que os ouviram lhes deram crédito. Tomaram-nos por gente rústica e ignorante, quando, pelo contrário, foram santos e cheios de ciência divina até a morte.

Herodes foi um dos que acreditaram, não por fé ou piedade santa, mas pelo péssimo temor mundano de perder o reino. Entre os meninos que ele mandou matar, alguns eram filhos destes santos homens que mereceram também essa grande felicidade, e os ofereceram com alegria ao martírio que desejavam sofrer pelo Senhor que já conheciam.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Esquecimento dos mistérios da redenção

498. Tão repreensível quão frequente é o esquecimento e pouca advertência dos mortais pelas obras de seu Redentor, tendo elas sido tão misteriosas, cheias de amor, misericórdia e ensinamentos para eles. Tu foste chamada e distinguida com ciência e luz para não incorrer nesta perigosa ignorância e grosseria. Quero que nos mistérios que escreveste agora, atendas e ponderes o ardente amor de meu Filho santíssimo em comunicar-se aos homens, logo que nasceu no mundo, para sem demora faze-los participantes do fruto e da alegria de sua vinda. Não reconhecem os homens esta dívida, porque são poucos os que compreendem quanto devem a tão singulares benefícios, assim como foi pequeno o número dos que viram o Verbo humanado ao nascer e lhe agradeceram a vinda. Ignoram, porém, a causa de sua infeliz cegueira que não procedeu, nem procede do Senhor e de seu amor, mas sim dos pecados e más disposição dos homens. Se este mau estado não desmerecesse e não servisse de impedimento, a todos ou a muitos seria concedida a mesma luz que foi dada aos justos, aos pastores e aos Reis. Tendo sido tão poucos, entenderás quão infeliz era o estado do mundo quando o Verbo nele nasceu, e o desditoso de agora. Apesar de possuir maior conhecimento, tem tão pouca lembrança para a devida correspondência.

Falta de fervor na Igreja

499. Reflete, agora, na indisposição dos mortais atualmente, quando a luz do Evangelho se encontra tão clara e confirmada com as maravilhas que Deus tem operado em sua Igreja. Apesar de tudo isso, são tão poucos os perfeitos que se querem dispor para maior participação dos frutos da Redenção. E, não obstante, ser tão vasto o número dos néscios **(Ecle 1, 15)** e tão desmedidos os vícios, pensam alguns que são muitos os perfeitos, só por não os ver tão atrevidos contra Deus. Não são tantos como se pensa, e muito menos do que deveriam ser, quando Deus é tão ofendido pelos infieis, e tão desejoso de comunicar os tesouros de sua graça à santa Igreja, pelos méritos de seu Unigênito feito Homem. Adverte, pois, caríssima, a que te obriga a notícia tão clara que recebes destas verdades.

Vive atenta, cuidadosa e solícita para corresponder a quem tanto te beneficia. Não percas oportunidade, lugar e ocasião de praticar o mais santo e perfeito que conheceres, pois com menos não cumprirás tua obrigação. Vê que te admoesto, mando e constranjo a não receberes em vão **(2Cor 6, 1)** favor tão singular. Não guardes ociosa a graça e a luz, mas age com plenitude de perfeição e agradecimento.

CAPÍTULO 12

O DEMÔNIO E O MISTÉRIO DO NASCIMENTO DE CRISTO. OUTROS FATOS ATÉ A CIRCUNCISÃO.

A malícia do demônio

500. Ditosa e felicíssima para todos os mortais, foi a vinda do Verbo eterno humanado ao mundo, o quanto dependia do mesmo Senhor. Veio para dar vida e luz a todos nós que estávamos nas trevas **(Lc 1, 79)** e sombras da morte.

Só os prescitos e incrédulos tropeçaram, ferindo-se nesta pedra angular **(Rom 9, 33; Mt 21, 44; Ped 2, 8)**, encontrando a ruína onde podiam e deviam achar a ressurreição e a vida eterna; isto não foi culpa da pedra mas sim de quem a tornou pedra de escândalo, chocando-se nela.

Só para o inferno foi terrível a natividade do Menino Deus, o forte e invencível que vinha despojar de seu tirano domínio **(Lc 11, 21)** àquele forte da mentira **(Sl 23, 8; Jo 12, 31)** que, armado, guardava há tanto tempo sua fortaleza com pacífica, porém, injusta posse. Foi justo que se ocultasse o mistério da vinda do Verbo, para derribar este príncipe do mundo e das trevas. Não só era indigno, por sua malícia, de conhecer os mistérios da sabedoria infinita **(Sab 2, 21 - 24; Rom 5, 12)**; como também convinha à divina Providência permitir que a própria malícia deste inimigo o cegasse, pois com ela introduzira no mundo a cegueira da culpa, derrubando toda a raça humana, pela queda de Adão.

Coisas que o demônio não conheceu

501. Por esta disposição divina, ocultaram-se a Lúcifer e seus ministros muitas coisas que normalmente teriam podido saber, tanto sobre a Natividade do Verbo, como no decurso de sua vida santíssima, como nesta História será forçoso repetir algumas vezes.

Se conhecesse, com evidência, que Cristo era Deus verdadeiro, é certo que não lhe procuraria a morte **(1Cor 2, 8)**, antes tê-la-ia impedido, como direi melhor em seu lugar.

Do mistério da Natividade, só conheceu que Maria santíssima, dera à luz um filho, na pobreza de uma gruta abandonada, por não ter encontrado outro abrigo e hospedagem. Depois conheceu a Circuncisão do Menino e outras coisas que, suposta sua soberba, mais podiam lhe esconder, do que revelar a verdade.

Não conheceu o modo do nascimento, nem que a feliz Mãe permaneceu virgem, nem que o era antes. Não viu as embaixadas dos anjos aos pastores, não ouviu o que disseram, nem a adoração que prestaram ao Menino Deus. Não viu a estrela miraculosa dos Magos, nem soube a causa de sua vinda. Ainda que os viu fazer viagem, julgou que era por outras finalidades temporais. Percebeu as mudanças havidas nos elementos, astros e planetas, mas não chegou a compreender sua causa.

De igual modo se lhe ocultou o motivo do encontro dos Magos com Herodes, da vinda dos Reis à gruta, da adoração e presentes que ofereceram.

Conheceu e ajudou o furor de Herodes contra os meninos, mas não entendeu sua depravada intenção, e assim estimulou sua crueldade.

Lúcifer conjecturou que Herodes procurava o Messias, mas em tais circunstâncias pareceu-lhe disparate e zombava de Herodes. Para seu soberbo juízo, era loucura que o Verbo, quando viesse conquistar o mundo, o fizesse de modo tão escondido e humilde.

Deveria vir com grande ostentação de majestade e poder, e nada disso havia no Menino Deus, nascido de Mãe pobre e desestimada pelos homens.

Engano de Lúcifer

502. Ciente das novidades que notou, mas enganado, Lúcifer reuniu seus ministros no inferno e lhes disse: Não encontro motivo para temer pelo que temos visto no mundo. A mulher, a quem temos perseguido, teve um filho em tanta pobreza e tão desconhecido que não achou pouso onde se recolher. Sabemos, quão longe estão estas condições do poder e da grandeza de Deus. Se Ele tem que vir nos combater, como nos foi mostrado e entendemos, não há que temer que este seja o Messias, pois as suas, não são forças para enfrentar nosso poderio. Além disso, estão tratando de circuncidá-lo como aos demais homens; logo não pode ser o salvador do mundo, pois está necessitando do remédio da culpa. Estes sinais não indicam a vinda de Deus ao mundo, e me parece podemos ficar certos de que, por enquanto, não veio.

Aprovaram os ministros da maldade este julgamento de sua danada cabeça, e ficaram satisfeitos de que o Messias não houvesse nascido, obscurecidos pela malícia da qual eram cúmplices. **(Sab 2, 21)**. Não cabia na implacável soberba e vaidade de Lúcifer, que a majestade e grandeza se humilhasse.

Ambicionava o aplauso, ostentação, reverência e exaltação, e se pudesse conseguir, obrigaria todas as criaturas a o adorarem. Por isto, não chegava a admitir que Deus, sendo poderoso para obter tudo aquilo, consentisse no contrário e se sujeitasse à humildade que ele, o demônio, tanto detestava.

Grandeza da humildade

503. Oh! Filhos da vaidade! Que exemplo este para nossos enganos! Muito nos deve atrair e estimular a humildade de Cristo, nosso bem e nosso mestre. Mas se esta não nos comove, detenha-nos e nos amedronte a soberba de Lúcifer.

Oh! vício e pecado horrendo, acima de qualquer ponderação humana! Pois, a um anjo repleto de ciência, de tal modo obscureceu, que da bondade infinita de Deus não pode fazer outro juízo senão o mesmo que de si e de sua malícia fazia.

O que então pensará o homem, se à sua própria ignorância acrescenta a soberba e o pecado? Oh! infeliz e estultíssimo Lúcifer! Como desatinaste de uma coisa tão razoável e bela? Que há mais amável do que a humildade e mansidão reunidas à majestade e ao poder? Por que ignoras, vil criatura, que o não saber humilhar-se é fraqueza de juízo e mesquinhez de coração?

O magnânimo e verdadeiramente grande não aceita o suborno da vaidade, não apetece o que é tão vil, nem lhe pode satisfazer o falaz e aparente.

Claramente se vê que és tenebroso e cego para a verdade e guia obscuríssimo dos cegos **(Mt 15, 14)**. Não chegaste a compreender que a grandeza e bondade **(Rom 5, 8)** do amor divino se manifestava e engrandecia com a humildade e com a obediência até a morte de cruz **(Filip 2, 8)**.

Oração de Maria

504. A Mãe da Sabedoria e Senhora nossa via todos os erros e loucuras de Lúcifer. Com digna ponderação de tão altos mistérios, louvava e bendizia o Senhor porque os escondia aos soberbos e arrogantes, e os revelava aos pobres e humildes **(Mt 11, 25)**, começando a vencer a tirania do demônio.

Fazia a piedosa Mãe fervorosas orações e súplicas por todos os mortais que, pelas próprias culpas, eram indignos de já conhecer a luz **(Jo 1, 9 - 10)** que para sua salvação nascera no mundo. Tudo oferecia a seu Filho dulcíssimo, com incomparável amor e compaixão dos pecadores,

e nestas preces empregava a maior parte do tempo em que esteve na gruta.

Sendo aquele lugar tão desacomodado e exposto às inclemências da atmosfera, tinha a grande Senhora grande cuidado em abrigar seu delicado e querido Infante. Além das faixas costumeiras, havia trazido um cobertorzinho para o agasalhar. Cobrindo-o com ele, levava-o continuamente no sagrado tabernáculo de seus braços, a não ser quando o dava a São José. Quis que seu Esposo a ajudasse nisso para lhe dar a felicidade de servir a Deus humanado no ofício de pai.

Maria dá o Menino a São José

505. A primeira vez que o santo Esposo recebeu o Menino Deus nos braços, disse-lhe Maria santíssima: Esposo e amparo meu, recebei em vossos braços o Criador do céu e da terra e gozai de sua amável companhia e doçura; e tenha meu Senhor e Deus sua delícias **(Prov 8, 31)** em vosso carinho. Tomai o tesouro do eterno Pai e participai do benefício da linhagem humana.

Falando interiormente com o Menino Deus, lhe disse: Dulcíssimo amor de minha alma e luz de meus olhos, descansai nos braços de vosso servo e amigo José, meu esposo; tende com ele vosso prazer e por ele esquecei minhas rudezas. Sinto muito ficar sem Vós um só instante, mas a quem merece, quero comunicar sem inveja **(Sab 7, 13)** o bem que verdadeiramente recebo.

O fidelíssimo Esposo, compreendendo sua nova felicidade, humilhou-se até a terra, e respondeu: Senhora e Rainha do mundo, minha esposa, como eu, indigno, me atreverei a ter em meus braços o mesmo Deus em cuja presença tremem as colunas do céu **(Job 26, 11)**? Como este vil bichinho terá coragem de aceitar tão insigne favor? Sou pó e cinza **(Gn 18, 27)**, mas vós, Senhora, supri minha insuficiência e pedi à sua Alteza me olhe com clemência e me disponha com sua graça.

Culto de Maria e José ao Menino Deus

506. Entre o desejo de receber o Menino Deus e o temor reverencial que o detinha, fez o santo Esposo heróicos atos de amor, fé, humildade e profunda reverência. Cheio de emoção, de joelhos, o recebeu das mãos da Mãe santíssima, derramando copiosas e doces lágrimas de alegria tão singular quanto o benefício que gozava.

O Menino Deus o olhou com semblante carinhoso e ao mesmo tempo o renovou interiormente com tão divinos efeitos, que é impossível explicar com palavras. Fez o santo Esposo novos cânticos de louvor por se encontrar enriquecido com tão magníficos favores. Depois de seu espírito ter gozado, por algum tempo, os dulcíssimos efeitos de ter nas mãos o mesmo Senhor, que nas suas sustenta os céus e a terra **(Is 40, 12; 48, 13)**, o devolveu à feliz Mãe, estando ambos de joelhos. Era com esta reverência que sempre o davam e recebiam um do outro. Antes de o tomarem, faziam três genuflexões, beijando a terra, com heróicos atos de humildade, culto e reverência.

Maria e os anjos servem ao Menino Deus

507. Quando a divina Mãe julgou que já era tempo de o aleitar, com humilde reverência pediu licença a seu Filho. Se bem que o devia alimentar como a Filho e homem verdadeiro, olhava-o juntamen-

te como verdadeiro Deus e Senhor, conhecendo a distância do ser infinito e divino ao de pura criatura como era Ela. Na prudentíssima Virgem esta ciência era impecável, sem falha nem interrupção, de modo que jamais cometeu inadvertência. Sempre atendia a tudo, compreendendo e praticando plenamente o mais elevado e perfeito.

Assim, cuidava de alimentar, servir e guardar o seu Menino Deus, não com inquieta solicitude, mas com incessante atenção, reverência e prudência. Causava admiração aos próprios anjos, cuja ciência não chegava a compreender as heróicas obras de uma jovenzinha.

Como sempre a assistiam corporalmente, desde que chegaram à gruta do nascimento, serviam-na em todas as coisas necessárias ao cuidado do Menino Deus e d'Ela.

Todos estes mistérios são de tal modo comovedores, admiráveis, e dignos de nossa atenção e memória, que não podemos negar quão censurável é nossa grosseria em esquecê-los. Como somos inimigos de nós mesmos, privando-nos de sua lembrança e dos divinos efeitos que produzem nos filhos fiéis e agradecidos!

O sono de Maria

508. Pela inteligência que me foi dada sobre a veneração com que Maria santíssima, o glorioso São José e os coros angélicos tratavam ao Menino Deus humanado, eu poderia alongar muito esta descrição. Embora não o faça, quero confessar que, no meio desta luz, sinto-me envergonhada e repreendida, vendo a pouca veneração com que ousadamente tenho tratado com Deus até agora. As muitas culpas que nisto tenho cometido me aparecem claramente.

Na assistência e serviço da Rainha, todos os santos anjos que a acompanhavam estiveram em forma humana visível, desde o nascimento até a fuga para o Egito, como adiante direi.

O cuidado da humilde e amorosa Mãe por seu Menino Deus era tão incessante que, só para tomar algum alimento o deixava nos braços de São José, ou nos dos santos príncipes Miguel e Gabriel. Estes dois Arcanjos lhe pediram que, enquanto trabalhava São José, ou com ele comia, lhes desse o Menino. Deixava-os então nas Mãos dos anjos, cumprindo-se admiravelmente o que disse David, **(Sl 90, 12)**: Em suas mãos te levarão, etc.

A diligente Mãe, por guardar seu Filho santíssimo, não dormia até que Ele a mandou dormir e descansar. Em recompensa de sua solicitude, deu-lhe uma espécie de sono ainda mais miraculoso. Até esta ocasião, ao mesmo tempo que dormia, seu coração velava, não interrompendo a contemplação divina. Desde esse dia, acrescentou o Senhor outro milagre: enquanto a Senhora dormia, tinha força nos braços para sustentar o Menino, como se velasse. Contemplava-o com o entendimento como se o visse com os olhos corporais, conhecendo intelectualmente tudo o que Ela e o Menino faziam. Com este prodígio realizou-se o que diz os Cânticos **(Cant 5, 2)**: Durmo mas meu coração vela.

Consolos de São José

509. Os cânticos de louvor e glória do Senhor que nossa celestial Rainha fazia ao Menino, alternando com os santos anjos e também com seu esposo José, não os posso explicar com meus limitados termos. Só sobre isto haveria muito que escrever, pois eram muito freqüentes.

Seu conhecimento, porém, está reservado para especial gozo dos escolhidos.

Neste ponto, foi privilegiado e feliz, entre todos os mortais, o fidelíssimo São José que muitas vezes os entendia e deles participava.

Além deste favor, sua prudentíssima Esposa lhe proporcionava outro de singular apreço e consolo para sua alma: falando com ele a respeito do Menino, nomeava-o nosso filho **(Lc 2, 48)**, não porque fosse filho natural de São José, quem o era unicamente do eterno Pai e da Virgem Mãe; mas porque, no julgamento dos homens, era reputado por filho de José.

Este favor e privilégio do Santo era de incomparável gozo e estima para ele, e por este motivo a divina Senhora gostava de o dizer.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA E SENHORA DO CÉU.

Vocação à perfeição

510. Minha filha, vejo-te santamente invejosa da felicidade que meu Esposo, os anjos e Eu gozamos na companhia de meu Filho santíssimo, porque o víamos corporalmente, como tu desejaras se fosse possível. Quero consolar-te e orientar teus afetos no que podes fazer, dentro de tua condição, para conseguir no grau possível, a felicidade que consideras em nós e te arrebata o coração. Adverte, pois, caríssima o que tens conhecido a respeito dos diferentes caminhos pelos quais Deus chamou à sua Igreja, as almas que ama e procura com paternal amor.

Aprendeste esta ciência pela experiência de tantos convites e luz particular como tens recebido. Sempre encontras o Senhor às portas do teu coração **(Sab 6, 15; Apoc 3, 20)**, chamando e esperando tanto tempo, solicitando-te com repetidos favores e altíssima doutrina. Tudo isto para saberes e teres certeza de que sua dignação te preparou e escolheu para estreita união de seu trato e amor **(Col 3, 14)**. De tua parte, procura adquirir a atentíssima solicitude e grande pureza requeridas para esta vocação.

A posse de Deus na fé

511. Sabes também, como te ensina a fé, que Deus está em todo lugar, por essência, presença e poder de sua divindade, e lhe são manifestos todos teus pensamentos, desejos e gemidos, sem que nenhum se lhe oculte. Se, com esta fé, trabalhas, como fiel serva, para conservar a graça que recebes por meio dos santos sacramentos e por outros canais da ação divina, o Senhor ainda estará contigo, por outro modo de especial assistência pelo qual te amará e acariciará como dileta esposa sua. Pois, se isto conheces e entendes, dize-me, que te falta para desejar e invejar quando tens a plena realidade que anseias e suspiras? O que te resta e de ti quero é que, com esta santa emulação, trabalhes por imitar a conversação e condição dos anjos, a pureza de meu Esposo, e copiar a forma de minha vida, quanto te for possível, para seres digna morada do Altíssimo **(1Cor 3, 17)**. Na prática desta doutrina deves empregar todo o esforço, desejo e porfia, com que desejarias ter estado presente para ver e adorar meu Filho santíssimo em seu nascimento e infância. Se me imitares, tem certeza que me terás por mestra e amparo e o Senhor em tua alma com segura posse.

Nesta certeza lhe podes falar. alegrando-te com Ele e abraçando-o como quem o tem consigo. Para trocar estas carícias com as almas cândidas e puras é que assumiu carne humana e se fez criança. Não obstante, olha-o sempre na grandeza de sua divindade, apesar de menino, para que os carinhos sejam reverentes e o amor não exclua o santo temor. A reverência sempre lhe é devida, ainda quando em sua imensa bondade e magnífica misericórdia se digna descer tanto.

Vida contemplativa

512. Neste trato com o Senhor deves te exercitar continuamente, sem intervalos de tibieza que lhe cause fastio. Tua legítima e própria ocupação deve ser o amor e o louvor de seu ser infinito. Tudo o mais quero que tomes muito de passagem, de modo que as coisas visíveis e terrenas te ocupem apenas por momentos.

Deves permanecer neste vôo e pensar que não tens outra coisa para atender de veras, fora do sumo e verdadeiro bem que buscas. A mim somente deves imitar e só para Deus viver. Tudo o mais não deve ser para ti, nem tu para o que quer que seja.

Os dons e bens que recebes, porém, quero que uses e comuniques para o bem do próximo, na ordem da perfeita caridade que, por isso não se esgota **(Cor 13, 8)**, mas pelo contrário, aumenta. Nisto observarás o modo que convém à tua condição e estado, como em outras vezes te mostrei e ensinei.

Deus e os patriarcas do Antigo Testamento

CAPÍTULO 13

MARIA SANTÍSSIMA CONHECE SER VONTADE DE DEUS A CIRCUNCISÃO DE SEU UNIGÊNITO FILHO. TRATA DO ASSUNTO COM SÃO JOSÉ. VEM DO CÉU O SANTÍSSIMO NOME DE JESUS.

Martírio de Maria

513. Logo que a prudentíssima Virgem se tornou Mãe pela Encarnação do Verbo divino em seu seio, começou a meditar nos trabalhos e penalidades que seu amantíssimo Filho vinha sofrer.

Pelo seu profundo conhecimento das Escrituras, penetrava-lhe todos os mistérios, e ia prevendo e considerando, com incomparável compaixão, o que Ele teria de padecer pela redenção humana.

Esta dor, prevista com tanta ciência, foi um prolongado martírio para a mansíssima Mãe do Cordeiro (**Jer 11, 19**) que seria sacrificado.

Contudo, quanto ao mistério da circuncisão que deveria ser feita após o nascimento, não tinha a divina Senhora ordem expressa, nem conhecimento da vontade do eterno Pai.

Nesta incerteza, a compaixão fazia valer seus direitos e pretendia vencer a terna e amorosa Mãe.

Considerava Ela, com prudência, que seu Filho santíssimo vinha honrar a lei, creditando-a com observá-la (**Mt 5, 17; 20, 28**) e confirmando-a no cumpri-la. Além disto, vinha sofrer pelos homens e seu ardentíssimo amor não recusaria a dor da Circuncisão que, ainda por outros fins, poderia ser conveniente aceitá-la.

Dúvidas de Maria

514. Por outra parte, o maternal amor e compaixão inclinavam-na a evitar, se fosse possível, esta penalidade a seu doce Menino.

A Circuncisão era prática religiosa para purificar do pecado original, que o Menino Deus não contraíra em Adão.

Vacilando entre o amor de seu Filho santíssimo e a obediência ao eterno Pai, fez a prudentíssima Senhora muitos atos heróicos de virtudes de incomparável agrado a Deus.

Poderia ter resolvido a dúvida, perguntado logo ao Senhor o que deveria fazer, mas como era tão prudente quanto humilde, detinha-se. Tampouco perguntou a seus anjos, porque, com admirável sabedoria, aguardava a ocasião e o tempo oportuno, determinado pela divina Providência em todas as coisas. Jamais se adiantava, com pressa e curiosidade, a inquirir as coisas por ordem sobrenatural e extraordinária, muito menos para se aliviar de alguma pena.

Quando ocorria motivo grave e duvidoso, no qual podia haver ofensa do Senhor; ou algum urgente sucesso para o bem das criaturas, em que era necessário saber a vontade divina, pedia primeiro licença para lhe suplicar a manifestação de seu agrado e beneplácito.

Discrição de Maria

515. Isto não contradiz o que deixo escrito no primeiro tomo, segundo livro, capítulo dez, que Maria santíssima nada fazia sem pedir a licença e o parecer do Senhor. Este recurso para reconhecer o beneplácito divino não consistia em perguntar e esperar resposta por meio de revelação extraordinária, pois nisto, como fica dito, era reservada e prudentíssima, e só em casos raros as pedia.

Sem pretender revelações, consultava a luz habitual e sobrenatural do Espírito Santo que a governava e guiava em todas suas ações. Elevando o olhar interior, conhecia nessa luz a maior perfeição e santidade para fazer todas as coisas e ações comuns.

É verdade que a Rainha do céu tinha especiais razões e direito para pedir a Deus o conhecimento de sua vontade por qualquer modo. Sendo, porém, a grande Senhora modelo e norma de santidade e discrição, não se valia deste caminho, salvo nos casos que convinha.

Nos demais, regia-se praticando à letra o que disse David **(Sl 122,2)**: Como os olhos da escrava estão nas mãos de sua Senhora, assim estão os meus olhos nas do Senhor, até que nos envie sua misericórdia.

Todavia, na Senhora do mundo, esta luz ordinária era maior que a de todos os mortais reunidos. Nesta luz, pedia o cumprimento da vontade divina.

Meditação de Maria

516. O mistério da Circuncisão era particular e único e pedia especial explicação do Senhor, que a prudente Mãe esperava oportunamente. Enquanto isso, dialogava interiormente com a lei, dizendo: Oh! Lei, como regra geral és justa e santa, porém muito dura para meu coração se hás de ferir a quem é sua vida e senhor verdadeiro! Que sejas rigorosa para limpar da culpa quem a tem, é justo; mas que executes tua severidade em quem não pôde ter delito **(Heb 7, 26 - 27)**, parece excesso de rigor, se não te desculpasse o seu amor! Oh! se aprouvesse a meu Amado dispensar-se desta pena! Como a recusará, porém, quem vêm procurá-las, abraçar-se com a cruz e cumprir e aperfeiçoar a lei? Oh! cruel instrumento, se golpeasses minha própria vida e não a quem ma deu! Oh! meu Filho, doce amor e luz de minha alma, como é possível que tão logo derrameis o sangue que vale mais que o céu e a terra? Minha amorosa pena me inclina a evitar a vós, e vos dispensar da lei geral que, como seu autor, não vos atinge, mas, o desejo de a cumprir obriga-me a entregar-vos a seu rigor, se vós, vida minha, não a comutardes fazendo que eu a padeça. O ser humano que tendes de Adão, fui eu que vô-lo dei, mas sem mácula de culpa, pois para isso, vossa onipotência isentou-me da lei comum de contraí-la.

Pela geração eterna de Filho do eterno Pai e figura de sua substância vos distanciais infinitamente do pecado. Pois, como, Senhor meu, quereis vos sujeitar à lei de seu remédio? Já vejo, meu Filho que, Mestre e Redentor dos homens, confirmais o ensino com vosso exemplo, e nisto não faltareis no mínimo.

Oh! Pai eterno, se é possível perca o cutelo agora o seu rigor, e a carne sua sensibilidade! Que a dor seja para este vil bichinho. Cumpra a lei com vosso unigênito Filho e só eu sinta a dolorosa pena.

Oh! cruel e desumana culpa, que tão cedo fazes experimentar tua amargura a quem não te pôde cometer! Oh! filhos de Adão, aborrecei e temei o pecado que, para o apagar, o mesmo Deus e Senhor necessita sofrer e derramar sangue!

Maria consulta a Deus

517. Esta dor da piedosa Mãe mesclava-se com a alegria de ver nascido e ter nos braços o Unigênito do Pai, e assim passaram os dias até a Circuncisão. Seu castíssimo esposo José a acompanhava, porque só com ele falou sobre o mistério, e com poucas palavras, pois ambos ficavam invadidos pela compaixão e pelas lágrimas.

Antes de chegar o oitavo dia do nascimento, pôs-se a prudentíssima Rainha na presença do Senhor e lhe expos sua dúvida, dizendo: Altíssimo Rei, Pai de

meu Senhor (**Ef 5, 2**) aqui está vossa escrava trazendo nas mãos a verdadeira hóstia do sacrifício. Meus gemidos (**Sl 37, 10**) e sua causa não são ocultos à vossa sabedoria. Conheça Eu, Senhor, vosso divino beneplácito, a respeito do que devo fazer com vosso Filho e meu para cumprir a lei. E, se sofrendo em seu lugar posso resgatar meu dulcíssimo Menino e Deus verdadeiro, pronto está meu coração (**Sl 56, 8**), como também para entregá-lo se for vossa vontade circuncidá-lo.

Resposta do Altíssimo

518. Respondeu-lhe o Altíssimo: Minha filha e minha pomba, não se aflija teu coração por entregar teu filho ao cutelo e à dor da Circuncisão; enviei-o ao mundo para encerrar à lei de Moisés, cumprindo-a inteiramente (**Mt 5, 17**). A veste humana, que tu lhe deste, como mãe natural, deve ser rasgada pela ferida de sua carne e de tua alma. Sua honra também será atingida, pois sendo meu filho (**Sl 2, 7**) por natureza e eterna geração, imagem de minha substância (**Heb 1, 3**) com a mesma glória e majestade; entrego-o à lei e sacramento que tira o pecado (**Jo 10, 30**), sem revelar aos homens que não o pode ter (**2Cor 2, 21**).

Já sabes, minha filha, que para este e outros maiores trabalhos hás de me entregar o teu e meu Unigênito. Deixa, pois, que derrame seu sangue e me ofereça as primícias da salvação dos homens.

Maria oferece seu Filho

519. Conformou-se a divina Senhora, como cooperadora de nossa salvação, com esta determinação do eterno Pai, com tanta plenitude de santidade que não cabe em razões humanas.

Prontamente, com submissa obediência e ardentíssimo amor, ofereceu seu Filho unigênito, dizendo: Senhor e Deus altíssimo, ofereço a vítima e hóstia (**Ef 5, 2**) de vosso aceitável sacrifício, de todo meu coração, ainda que cheio de compaixão e dor de que os homens hajam ofendido vossa bondade imensa, de tal modo que seja necessária a reparação de uma pessoa divina. Bendigo-vos eternamente por olhardes a criatura com tão infinito amor que, para seu remédio, não perdoais (**Rom 8, 32**) a vosso próprio Filho.

Eu, que por vossa dignação sou sua Mãe, devo mais do que todos os mortais e outras criaturas estar sujeita a vosso beneplácito, e assim vos entrego o mansíssimo Cordeiro (**Jo 1, 29**) que por sua inocência há de tirar os pecados do mundo.

Se, porém, for possível, modere-se o rigor deste cutelo para meu doce Menino, e sinta-o meu peito, pois tendes poder para fazer esta comutação.

Parecer de São José

520. Depois desta oração, e sem manifestar o que nela havia entendido, Maria santíssima preveniu São José, com rara prudência e afáveis razões para preparar a Circuncisão (**Lc 2, 21**) do Menino Deus.

Como a pedir-lhe o parecer, disse que, chegando o tempo marcado pela Lei (**Gn 17, 12**) para a Circuncisão do divino Infante, parecia obrigatório cumpri-la, pois não tinham ordem para fazer o contrário.

Sendo ambos mais devedores ao Altíssimo do que todas as criaturas juntas, deviam ser mais pontuais na observância de seus preceitos, e mais prontos em padecer por seu amor. Seria retribuição de tão imensa dívida, permanecerem dependentes de seu divino beneplácito em tudo o que se referia ao serviço de seu Filho santíssimo.

A estas reflexões respondeu o santo Esposo, com suma veneração e sabedoria, que se conformaria totalmente com a manifestação da divina vontade na lei comum. O Verbo humanado, enquanto Deus não estava sujeito à Lei. Mas, vestido da humanidade, sendo em tudo Mestre perfeitíssimo e Redentor, gostaria de se assemelhar aos demais homens na sua observância.

Em seguida, perguntou à sua divina Esposa como seria feita a Circuncisão.

Preparativos da Circuncisão

521. Respondeu Maria santíssima que, sendo a lei cumprida no essencial, quanto ao modo poderia ser como nos outros meninos que se circuncidavam. Ela, porém, não devia entregá-lo a outra pessoa, mas o conservaria nos braços.

E, como a compleição e natural delicadeza do Menino seria a causa para sentir a dor mais do que os outros, deveriam prevenir o curativo que se costumava aplicar em tal caso. Além disso, pediu a José que procurasse um pequeno vasilhame de cristal ou vidro para receber a sagrada relíquia da Circuncisão e guarda-la consigo.

Enquanto isso, a solícita Mãe preparou panos onde recolher o sangue que começaria a se derramar em preço de nosso resgate. Nem uma gota deveria se perder nem, por então, cair em terra. Estando tudo preparado, a divina Senhora disse a São José que avisasse o sacerdote, pedindo-lhe que viesse à gruta e por suas mãos circuncidasse o menino, como ministro mais apropriado e digno de tão grande e oculto mistério.

O nome de Jesus

522. A respeito do nome que deveriam dar ao Menino Deus na Circuncisão, disse São José à Maria santíssima: Minha Senhora, quando o Anjo do Altíssimo me revelou este grande mistério, ordenou-me também que a vosso sagrado Filho déssemos o nome de Jesus.

Respondeu a Virgem Mãe: O mesmo nome declarou a Mim quando se encarnou em meu seio. Sabendo-o pelo próprio Altíssimo e por seus ministros, os anjos, é justo que com humilde reverência veneremos os ocultos e imperscrutáveis desígnios de sua infinita sabedoria em escolher este nome, e o imponhamos a meu Filho e Senhor. Assim o diremos ao sacerdote para que o inscreva no registro dos demais meninos circuncisos.

Os anjos e o nome de Jesus

523. Estando a grande Senhora do céu e São José neste colóquio, desceram das alturas inumeráveis anjos em forma humana, de vestes brancas e refulgentes com ornamentações encarnadas, todos de admirável beleza.

Traziam palmas nas mãos e coroas na cabeça, cada qual mais luminosa que muitos sóis. Todo visível e formoso da natureza, comparado à beleza destes santos príncipes, mais parece fealdade.

O que, porém, mais sobressaia em sua formosura, era o nome de Jesus que traziam gravado no peito, em letras como de metal translúcido. O brilho que se desprendia deste nome, em cada um dos anjos, era maior que a luz natural de todos eles reunidos. Esta múltipla e intensa refulgência era tão singular e extraordinária que não se pode explicar com palavras, nem sequer imaginar.

Colocaram-se em dois coros, de frente para seu Rei e Senhor nos virginais braços da feliz Mãe. Os chefes desse exército eram os dois grandes príncipes São Miguel e São Gabriel revestidos de maior brilho que os demais. Ambos traziam nas mãos o nome santíssimo de Jesus escrito com letras maiores, numa espécie de cartaz de incomparável resplendor e beleza.

São Miguel e São Gabriel

524. Apresentaram-se os dois príncipes à sua Rainha e cada qual por sua vez, lhe disseram: Senhora, este é o nome de vosso Filho **(Mt 1, 21)** que, *ab-aeterno* (desde toda a eternidade) está gravado na mente de Deus, dado pela santíssima Trindade a vosso Unigênito e Senhor nosso, com o poder de salvar a linhagem humana. Foi lhe dado o trono de David, reinará castigando seus inimigos, e vitorioso os humilhará até colocá-los por escabelo de seus pés. Julgando com equidade, elevará seus amigos até a glória de sua destra, mas à custa de sofrimento e sangue. Agora o derramará com esse nome pois significa Salvador e Redentor. Serão as primícias do que há de padecer em obediência ao eterno Pai.

Nós, ministros e espíritos do Altíssimo, que aqui viemos, fomos destinados pela divina Trindade para servir ao Unigênito do Pai e vosso. Estaremos pre-

sentes a todos os mistérios e sacramentos da lei da graça, acompanhando-o e servindo-o até que suba triunfante à celestial Jerusalém, quando abrir suas portas ao gênero humano. E, ali gozaremos especial glória acidental, mais do que os outros bem-aventurados não distinguidos por esta feliz missão.

Tudo isto foi visto e ouvido pelo ditoso esposo São José com a Rainha do céu. A compreensão, porém, não foi igual em ambos, porque a Mãe da sabedoria entendeu e penetrou altíssimos mistérios da Redenção. Embora São José tenha conhecido muitos deles, não foi quanto sua divina Esposa. Contudo, ambos foram repletos de júbilo e admiração, e com novos cânticos glorificaram ao Senhor.

O mais que se passou com eles, em outros diversos e admiráveis sucessos, não é possível descreve-los com palavras, nem existem termos adequados para manifestar meu conceito.

DOUTRINA QUE ME DEU MARIA SANTÍSSIMA SENHORA NOSSA.

O trato com as criaturas e com Deus

525. Minha filha, quero renovar em ti a doutrina e luz que recebeste, para tratar com suma reverência a teu Senhor e Esposo. Na medida em que as almas recebem mais particulares e extraordinários favores, devem crescer na humildade e temor reverencial. Por lhes faltar esta ciência, há almas que se fazem indignas e inaptas para grandes favores. Outras que os recebem, chegam a incorrer em perigosa e rude grosseria que ofende muito ao Senhor. Da doce e amorosa suavidade com que sua divina condescendência muitas vezes as recreia e acaricia, costumam tomar uma espécie de ousadia, ou presunçosa ingenuidade, no tratar a majestade infinita sem a devida reverência. Com vã curiosidade se põem a perguntar e investigar, por caminhos sobrenaturais, o que excede seu entendimento e não lhes convém saber. Este atrevimento lhes nasce de julgar e praticar com ignorância terrena o trato familiar com o Altíssimo. Parece-lhes que pode ser ao modo que as criaturas humanas costumam usar com seus iguais.

Amor e respeito são inseparáveis

526. Muito se engana a alma com esta idéia, medindo a reverência e respeito que se deve à Majestade infinita com a familiaridade e nivelamento que o amor humano produz entre os mortais. Nas criaturas racionais a natureza é igual, ainda que sejam diversas as condições. O amor e a amizade íntima podem esquecer estas diferenças e proceder segundo o modo do trato amigável humano. O amor divino, porém, nunca deve esquecer a inestimável excelência do objeto divino. Assim como o amor se refere à bondade infinita, e por isto nada tem para o limitar, assim a reverência considera a majestade do ser divino. Como em Deus são inseparáveis a bondade e a majestade, também na criatura o amor não se deve apartar da reverência. A luz da fé sempre deve ir à frente para manifestar ao amante a essência do Objeto que ama. Esta fé despertará e alimentará o temor reverencial, dará peso e medida aos afetos indiscretos que o amor cego e imprudente costuma criar, quando não se lembra da excelência e superioridade do amado.

Curiosidade reprovável

527. Quando a criatura tem coração generoso e está habituada ao exercício da ciência do temor santo e reverencial, não corre o perigo de se esquecer da reverência devida ao Altíssimo, mesmo que sejam grandes e frequentes os favores que dele recebe. Não se entrega inadvertidamente aos gostos espirituais, nem por eles perde a prudente atenção à Majestade suprema. Quanto mais a ama e conhece, tanto mais a respeita e reverencia, e com estas almas o Senhor trata como um amigo com outro **(Ex 33, 11)**. Seja, pois, regra inviolável para ti, minha filha, que quando gozares dos mais estreitos abraços e mimos do Altíssimo, sejas tanto mais atenta em respeitar a grandeza de seu ser infinito e imutável, para juntamente exaltá-lo e amá-lo. Com esta ciência conhecerás e apreciarás melhor o benefício que recebes e não incorrerás no perigo e audácia dos que levianamente querem, em qualquer

sucesso, pequeno ou grande, inquirir e saber os segredos do Senhor. Pretendem que sua prudentíssima providência se abaixe a satisfazer à vã curiosidade, fruto de alguma paixão e desordem. Não são movidas pelo santo zelo e amor, mas sim por sentimentos humanos e repreensíveis.

Circunspecção espiritual

528. A este respeito, lembra a discrição com que Eu procedia e me detinha nas dúvidas, apesar de que nenhuma criatura quanto eu poderia encontrar graça aos olhos do Senhor. Sendo isto assim, tendo em meus braços o próprio Deus, como sua verdadeira Mãe, nunca me atrevi a pedir-lhe revelar-me, por modo extraordinário, coisa alguma, quer para sabê-la, quer para aliviar-me de alguma pena ou por quaisquer outros fins humanos. Tudo isto é imperfeição natural, curiosidade vã e vício reprovável, e semelhantes defeitos não podiam caber em mim. Quando, porém, via-me obrigada para a glória do Senhor, ou em circunstâncias inevitáveis, pedia licença a Deus para lhe propor meu desejo. Ainda que se mostrava sempre mui propício, perguntando-me com carinho o que desejava de sua misericórdia, Eu me aniquilava humilhando-me até o pó e apenas pedia que me ensinasse o mais aceito e agradável a seus olhos.

Perigo da curiosidade espiritual

529. Grava, minha filha, em teu coração este ensinamento, e jamais procures, com desejo desordenado e curioso, inquirir nem saber coisa alguma superior à razão humana. Além do Senhor não responder a tal insipiência que o desgosta, o demônio está muito atento a este vício das pessoas que cultivam vida espiritual. Como, ordinariamente, é ele o autor desta viciosa curiosidade, e a desperta com sua astúcia, com ela mesma costuma responder-lhes, transfigurado em anjo de luz **(2Cor 11, 14)** e enganando os imperfeitos e incautos. Mesmo que estas perguntas fossem suscitadas apenas pela natureza e inclinação, não devem ser levadas em conta. Em coisa tão elevada como é o convívio com o Senhor, o ditame e a razão não devem se guiar pelos apetites e paixões. A natureza infecta e depravada pelo pecado ficou muito desordenada e tem impulsos sem controle e medida. Não é justo segui-los e governar-se por eles. Tampouco se deve recorrer às divinas revelações para se aliviar nas penas e trabalhos.

A esposa de Cristo, e seu verdadeiro servo, não devem usar de seus favores para fugir da cruz, mas sim para procurá-la e carregá-la com o Senhor **(Mt 16, 24)** e permanecer naquela que sua divina disposição lhe der. Tudo isto quero eu de ti, com o retraimento do temor, inclinando-te a este extremo para fugir de seu contrário. Desde hoje, quero que purifiques mais tua intenção e faças tudo por amor **(Fil 1, 9)**, o mais perfeito dos fins. O amor não tem medida, e assim quero que ames excessivamente e temas com moderação o quanto basta para não transgredir a lei do Altíssimo e ordenar retamente todos os teus atos, interiores e exteriores. Nisto sê atenta e diligente, ainda que te custe muito sofrimento, como o que eu padeci na circuncisão de meu Filho santíssimo A ele me submeti, porque na santa lei **(Gn 17,12)** estava declarada a vontade do Senhor, a quem em tudo e por tudo devemos obedecer.

CAPÍTULO 14

O MENINO DEUS É CIRCUNCIDADO E RECEBE O NOME DE JESUS.

O ministro da circuncisão

530. A cidade de Belém possuía sinagoga, como outras cidades de Israel **(Jdt 6, 21; At 13, 15)**, onde o povo se reunia para orar (e por isto se chamava também casa de oração), e igualmente para ouvir a lei de Moisés. Esta era lida e explicada por um sacerdote, do púlpito, em voz alta para o povo entender seus preceitos. Nestas sinagogas particulares não se ofereciam sacrifícios, pois estes eram reservados ao templo de Jerusalém, a não ser que Deus ordenasse outra coisa. Segundo consta do Deuteronômio **(5, 6)**, Deus não deixou ao povo essa liberdade, para lhes evitar o perigo da idolatria.

O sacerdote, mestre e ministro da lei, costumava ser também o da circuncisão. Nenhum preceito impunha esta obrigação, porque qualquer um podia circuncidar, mesmo não sendo sacerdote. A especial devoção das mães é que acreditava evitar a seus meninos riscos e perigos, quando circuncidados pelos sacerdotes.

Não por temor, mas pela dignidade do Menino, quis nossa grande Rainha que o ministro de sua circuncisão fosse o sacerdote que se encontrava em Belém e, para este fim, São José foi chamá-lo.

O sacerdote de Belém

531. Veio o sacerdote à gruta do nascimento, onde o esperava o Verbo humanado nos braços de sua Virgem Mãe. Com o sacerdote vieram outros dois ministros, que costumavam ajudá-lo no ministério da circuncisão.

A rusticidade do local admirou e desgostou um pouco o sacerdote. A prudentíssima Rainha, porém, recebeu-o com tal modéstia e afabilidade que transformou seu desagrado em devoção. Sem conhecer a causa, foi tomado de respeito, reverência e admiração pela honestíssima compostura e majestade da Senhora. Quando pousou os olhos no semblante da Mãe e do Menino, sentiu no coração grande ternura e devoção, admirando-se do que via entre tanta pobreza e em tão humilde e desprezível lugar. Ao entrar em contato com a carne deificada do Deus infante, foi todo renovado com uma oculta virtude que o transformou e santificou. Deu-lhe novo ser de graça, com que veio a ser santo e muito agradável ao altíssimo Senhor.

Maria, altar do sacrifício

532. Para fazer a circuncisão com a reverência exterior possível naquele lugar, São José acendeu duas velas de cera. O sacerdote disse à virgem Mãe que se afastasse um pouco e entregasse o Menino aos ministros, para que a vista do sacrifício não a afligisse. Esta ordem causou alguma dúvida à grande Senhora: pela humildade, inclinava-se a obedecer ao sacerdote, enquanto o amor e reverência a

seu Unigênito lhe solicitavam que permanecesse com Ele. Para não faltar a nenhuma destas virtudes, pediu ao sacerdote, com humilde submissão, permitisse a Ela assistir ao sacramento da circuncisão. Venerava-o e se sentia com ânimo de sustentar seu Filho nos braços, pois ali não havia comodidade para deixá-lo e afastar-se. Somente lhe suplicava fizesse a circuncisão com a possível piedade, em vista da delicadeza do Menino. O sacerdote prontificou-se a isso e permitiu que a Mãe sustentasse o Menino em sua mãos. Deste modo, Ela foi o sagrado altar, onde começaram a se realizar as realidade figuradas nos antigos sacrifícios **(Hb 9, 6)**. Ofereceu em seus braços este novo e matutino sacrifício, com todas as condições para ser aceito ao eterno Pai.

As três ofertas do Menino Jesus

533. A divina Mãe descobriu o Menino dos panos em que estava envolto e tirou do peito uma toalha aquecida com seu calor, pois o frio era rigoroso. Sustentou o Menino sobre esta toalha, para nela recolher a relíquia e o sangue da circuncisão. O sacerdote circuncidou o Menino, Deus e homem verdadeiro que, com imensa caridade, fez ao eterno Pai três ofertas de tanto valor, que cada uma era suficiente para a redenção de mil mundos.

A primeira foi aceitar forma de pecador **(Filp 2, 7)**, sendo inocente e Filho do Deus vivo, recebendo o sacramento **(2Cor 5, 21)** que era aplicado para purificar do pecado original, e sujeitando-se à lei que não o atingia. A segunda, foi a dor que sentiu, como verdadeiro homem. A terceira, o amor ardentíssimo com que começara derramar seu sangue pela redenção do gênero humano, agradecendo ao Pai que lhe dera forma humana, na qual podia sofrer por sua glória e exaltação.

As lágrimas de Jesus e Maria

534. O Pai aceitou esta oração e sacrifício de Jesus, nosso bem, e começou (a nosso modo de entender) a se dar por satisfeiro e paga a dívida da linhagem humana. O Verbo ofereceu estas primícias de seu sangue **(1Cor 2, 14)** em penhor de que o daria todo, ao consumar a redenção, pagando a dívida dos filhos de Adão.

A Mãe santíssima via todos estes atos interiores de seu Unigênito. Com profunda sabedoria compreendia o mistério e acompanhava os atos de seu Filho e Senhor, na respectiva medida e modo que a Ela competia. Chorou o Menino Deus como verdadeiro homem. A dor foi agudíssima, assim pela sensibilidade de sua compleição, como pela crueza da faca de pedra. A causa de suas lágrimas, porém, não foi tanto a dor natural, como a ciência sobrenatural com que via a dureza dos mortais. Mais insensíveis e duros que a pedra, resistem a seu benignissimo amor e à chama que vinha acender **(Lc 12, 49)** nos corações dos seguidores da fé.

Chorou também a terna e amorosa Mãe, como cândida ovelha que une o balido ao do seu inocente cordeiro. Com recíproco amor e compaixão, Ele aconchegou-se à Mãe que carinhosamente o reclinou sobre seu peito. Recolheu a sagrada relíquia e sangue e no momento a entregou a São José, para cuidar do Menino Deus e o envolver novamente nos panos. O sacerdote estranhou um pouco as

lágrimas da Mãe. Ignorando o mistério, julgou que a beleza do Menino é que poderia ter causado tanta amargura e dor naquela que o havia dado à luz.

A santidade de Maria

535. Em todos estes sucessos foi a Rainha do céu tão prudente, atenta e magnânima, que admirou os coros angélicos e deu sumo prazer ao Criador. Em tudo resplandeceu a divina sabedoria que a guiava, dando a cada ato a plenitude da perfeição, como se fosse o único a praticar. Foi corajosa para ficar com o Menino na circuncisão, cuidadosa para recolher a relíquia, compassiva para sentir e chorar com Ele, amorosa para acariciá-lo, diligente para abrigá-lo, fervorosa para imitar seus atos interiores, e sempre religiosa para o tratar com suma reverência. Todos estes atos não se estorvavam mutuamente, nem a intensidade de uns diminuía a dos outros.

Admirável espetáculo numa jovem de quinze anos que, para os anjos, servia de singular ensinamento e nova admiração. Perguntou o sacerdote que nome iam dar ao Menino circuncidado. A grande Senhora, sempre atenta em respeitar seu esposo, pediu-lhe que o dissesse. São José, com veneração, voltou-se para Ela, dando-lhe a entender que saísse de sua boca tão doce nome. Por disposição de Deus, ambos disseram ao mesmo tempo: Jesus é o seu nome **(Lc 2, 21)**. - Estão de pleno acordo os pais - ajuntou o sacerdote - e grande é o nome que dão ao Menino. E o escreveu no registro. Ao escrevê-lo sentiu grande emoção que o obrigou a derramar muitas lágrimas. Admirado pelo que sentia, disse: Tende grande cuidado em sua criação e dizei-me em que posso acudir a vossas necessidades. Maria Ssma. e São José agradeceram-lhe humildemente e ofertaram-lhe as velas e mais algumas coisas, com que o sacerdote se retirou.

Maria e José celebram a circuncisão

536. Maria Ssma, e São José, ficando a sós com o Menino Jesus, celebraram o mistério da circuncisão, comentando-o com afetuosas lágrimas e cânticos que fizeram ao nome de Jesus. O conhecimento deste fatos, assim como de outros prodígios que tenho escrito, é reservado para a glória acidental dos Santos. A prudentíssima Mãe curou o ferimento do Menino Deus com os remédios usados para o caso. Durante todo o tempo da cura, não o deixou de seus braços um momento sequer, tanto de dia como de noite. Não é possível à compreensão e capacidade humana explicar o cuidadoso amor da divina Mãe. Nela, a afeição natural foi maior do que a de qualquer mãe por seus filhos, e o amor sobrenatural excedia ao de todos os anjos e santos reunidos. Sua reverência e culto não tem comparação com qualquer coisa criada. Estas eram as delícias que o Verbo humanado **(Prov 8, 31)** desejava ter com os filhos dos homens. Entre as dores, seu amoroso coração gozava o conforto proporcionado pela eminente santidade de sua virgem Mãe.

Só Ela o agradava mais do que todos os mortais e O repousava com seu amor. Apesar disto, a humilde Rainha procurava aliviá-lo por todos os meios ao seu alcance. Pediu aos santos anjos que ali assistiam, tocassem e cantassem a seu Deus humanado, pequenino e sofredor. Obedeceram à sua Rainha e Senhora, e com voz sensível entoaram-lhe, com celestial harmonia, os mesmos cânticos que Ela e São José haviam composto em louvor do suave nome de Jesus.

Música dos anjos

537. Com esta música tão maviosa, em cuja comparação a dos homens não passaria de confuso e desagradável barulho, entretinha a divina Senhora a seu amabilíssimo Filho. A harmonia, porém, das heróicas virtudes que em sua alma santíssima formavam esplêndido coral, era muito maior conforto para Ele, como o disse nos Cânticos **(7, 1)**.

Duro é o coração humano, mais que tardo e pesado para conhecer e agradecer tão veneráveis sacramentos, ordenados para sua eterna salvação, pelo imenso amor de seu Criador e Redentor. Oh! doce bem e vida de minha alma, que

má retribuição te damos pelas finezas de teu amor eterno! Oh! caridade sem termos nem limites, pois não te extingues **(Cant 8, 7)** com as muitas águas de nossas ingratidões tão desleais e grosseiras! Não pôde a bondade e santidade por essência descer mais por nosso amor, nem fazer maior fineza do que tomar a forma de pecador **(Flp 2, 7)** e, sendo a inocência, receber o remédio da culpa que não o podia tocar **(2Cor 5, 21)**. Se os homens desprezam este exemplo, e esquecem este benefício, como se atrevem a dizer que têm juízo? Como presumem e se gloriam de sábios, prudentes e entendidos? Se não te comovem, homem ingrato, tais obras de Deus, seria prudência afligir-te e chorar tão lastimável estultice e dureza, pois nem o fogo do amor divino derrete o gelo de teu coração.

DOUTRINA DA SANTÍSSIMA RAINHA MARIA SENHORA NOSSA

Memória e gratidão

538. Minha filha, quero que consideres, com atenção, o favor que recebes conhecendo o cuidado, solicitude e amorosa devoção com que eu servia meu santíssimo e querido Filho, nos mistérios que escreveste. O Altíssimo te concede esta luz tão especial, não apenas para saboreares o gozo que dela sentes, mas também para me imitar em tudo como fiel serva. Assim como és distinguida pelo conhecimento dos mistérios de meu Filho, sê também na gratidão por suas obras. Considera, pois, caríssima, quão mal é correspondido pelos mortais o amor de seu Filho, e até pelos justos é esquecido e pouco agradecido. Toma por tua conta, o quanto for possível a tuas fracas forças, compensar este agravo amando-o, agradecendo-lhe e servindo-o por ti e por todos os que não o fazem. Para isto deves ser pronta como os anjos, fervorosa no zelo, fiel nas ocasiões. Em todos os pontos deves morrer às coisas da terra, quebrando as prisões das inclinações humanas e libertando-te para elevar o vôo onde o Senhor te chama.

Esquecimento e ingratidão

539. Não ignoras, minha filha, a suave eficácia que tem a viva memória das obras que meu Filho santíssimo realizou pelos homens. Ainda que muito podes te valer desta luz para seres grata, contudo, para mais temer o perigo do esquecimento, advirto-te que os bem-aventurados no céu, conhecendo na luz divina estes mistérios, admiram-se de os terem meditado tão pouco quando eram viadores. Se pudessem sofrer alguma pena, lastimariam profundamente a tardança e descuido que tiveram em apreciar as obras da Redenção e imitação de Cristo. Os anjos e santos, com ponderação desconhecida pelos mortais, admiram-se da crueldade destes, contra si próprios e contra seu Criador Salvador. Não sentem compaixão, tanto do que o Senhor padeceu como do que eles mesmos hão de padecer. Quando, com irremediável amargura, os réprobos conhecerem seu descaso tremendo **(Sab 5, 4 e seg)** e que não consideraram as obras de Cristo seu Redentor, esta confusão e remorso lhes será pena intolerável. Só este remorso será castigo jamais pensado, quando virem a copiosa Redenção **(Sl 129, 7)** que desprezaram. Ouve, minha filha, **(Sl 144, 11)** e inclina teu ouvido a meus conselhos e doutrina de vida eterna. Expulsa de tuas potências qualquer imagem e afeto de criatura e converte toda tua mente e coração aos mistérios e benefícios da Redenção. Entrega-te toda a eles; medita-os, reflete sobre eles, pondera-os, agradece-os como se só tu existisses e eles fossem só para ti **(Gal 2, 20)** e para cada um dos homens em particular. Neles acharás a vida, a verdade e o caminho da eternidade no qual não poderás errar, e onde encontrarás a luz e a paz **(Bar 3, 14)**.

CAPÍTULO 15

MARIA SANTÍSSIMA PERMANECE COM O MENINO DEUS NA GRUTA, DESDE O NASCIMENTO ATÉ A VINDA DOS REIS.

São José pensa em deixar a gruta

540. Pela ciência infusa da Sagrada Escritura (**Sl 71, 10; Is 60, 6**) que nossa grande Rainha possuía, e por elevadas e divinas revelações, Ela sabia que os Reis Magos do Oriente viriam reconhecer e adorar seu Filho santíssimo, por verdadeiro Deus. Além disso, tivera conhecimento mais próximo desse mistério, quando o anjo levou aos Magos a notícia do nascimento do Verbo humanado, como ficou dito no capítulo II, nº 492.

São José não estava ao par desse mistério, porque não recebera dele revelação, nem a prudentíssima Esposa o havia informado.

Em tudo era sábia e aguardava a atuação da vontade divina e suas disposições suaves (**Sab 8, 1**) e oportunas.

Celebrada a circuncisão, o santo Esposo propos à Senhora do céu que lhe parecia necessário deixar aquele lugar tão rústico e pobre, pela descomodidade de abrigar ao Menino Deus e a Ela também.

Em Belém já se encontraria pouso onde pudessem se recolher, até o tempo de fazer a apresentação do Menino no templo de Jerusalém.

O fidelíssimo Esposo fez esta proposta, cuidadoso de não deixar faltar ao Menino e à sua Mãe o conforto que desejava lhes proporcionar, mas tudo submetia à vontade de sua divina Esposa.

Os anjos participam a vinda dos Reis

541. Sem lhe revelar o mistério, respondeu a humilde Rainha: Meu senhor e Esposo, estou pronta para vos obedecer e vos seguir, com muito gosto, aonde quiserdes. Fazei como vos parecer melhor.

Sentia a divina Senhora certa afeição pela gruta, tanto pela humildade e pobreza do lugar, como por ter sido consagrada pelos mistérios do Verbo humanado: o nascimento, a circuncisão e dos Reis que esperava, embora não soubesse quando viriam.

Piedoso era este afeto, cheio de devota veneração. Apesar disso, lhe antepos a obediência a seu Esposo e se conformou a ele, para em tudo ser exemplo e modelo de altíssima perfeição.

Esta submissão pôs São José em maior dúvida e cuidado, pois desejava que sua Esposa determinasse o que devia fazer.

Estando ambos a tratar disso, o Senhor resolveu-lhes a dúvida por meio dos arcanjos São Miguel e São Gabriel que, corporalmente, assistiam ao serviço de seu Deus e Senhor e da grande Rainha.

Disseram eles: A vontade divina ordenou que, neste mesmo lugar, o Verbo divino humanado seja adorado pelos três Reis da terra (**Sl 71, 10; Is 60, 6**) que do Oriente vêm em busca do Rei do céu. Faz dias que estão em viagem, porque logo que foram avisados do nascimento puseram-se a caminho, e em breve chegarão

aqui. Assim serão cumpridos os vaticínios dos profetas que, à grande distância no tempo, os viram e profetizaram.

Permanecem na gruta

542. Este aviso alegrou São José por ficar informado da vontade do Senhor.

Disse-lhe sua esposa Maria Santíssima: Meu senhor, este lugar escolhido pelo Altíssimo para tão magníficos mistérios, ainda que pobre e desconfortável aos olhos do mundo, aos da sabedoria divina é rico, precioso, estimável e o melhor da terra, pois o Senhor dos céus escolheu-o para consagrá-lo com sua real presença. Ele é poderoso para que neste lugar, verdadeira terra da promissão, gozemos de sua presença. Se for sua vontade, nos dará algum alívio e abrigo contra o rigor da temperatura, nos poucos dias que aqui ficarmos.

Consolou-se e muito se animou São José com estas razões da prudentíssima Rainha. Respondeu-lhe que, como o Menino Deus cumpriria a lei da apresentação assim como fizera com a circuncisão, até chegar o dia daquela, poderiam ficar naquele lugar sagrado, sem voltar à Nazaré, por ser longe e o tempo desfavorável. No caso de serem obrigados a se retirar, por causa do rigor da temperatura, poderiam ir a Jerusalém que distava de Belém apenas duas léguas.

Maria protege o Menino Jesus

543. Em tudo concordou Maria santíssima com a vontade de seu solícito esposo. Desejava também não deixar aquele sagrado tabernáculo, mais santo e venerável que o *Sancta Sanctorum* do templo. Ali ficaria até que chegasse o tempo de nele apresentar seu Unigênito, procurando-lhe todo o abrigo possível, a fim de o proteger do rigoroso frio.

Preparou a gruta para a chegada dos Reis, limpando-a novamente, o quanto permitiu sua tosca e humilde pobreza. O maior cuidado, porém, que teve pelo Menino, foi conservá-lo sempre nos braços, quando não era forçoso deixá-lo. Além disso, usou do poder de Senhora e rainha das criaturas, quando recrudeciam as intempéries: ordenava ao frio, ao vento, à neve e às geadas que não ofendessem ao seu Criador, mas somente com Ela usassem de seu rigor e aspereza natural.

Dizia a divina Senhora: Detende vossa ira, diante de vosso Criador, Autor, Senhor e Conservador que vos deu o ser, força e atividade.

Adverti, criaturas de meu Amado, que vosso rigor **(Sab 5, 18)** existe em razão da culpa e se ordena em castigar a desobediência do primeiro Adão e de sua descendência. Com o segundo, porém, que vem reparar a queda e nela não pôde ter parte, deveis ser corteses, respeitando e não ofendendo a quem deveis obséquio e submissão. Em seu nome, mando-vos não o incomodardes.

Obediência dos elementos

544. Admirável e digna de ser imitada, era a pronta obediência das criaturas irracionais à vontade divina, intimada pela Mãe do próprio Deus. Acontecia que, quando Ela assim ordenava, a neve e a água mantinham-se à distância de mais de dez varas (11 metros); os ventos se detinham e o ar ambiente se temperava e aquecia.

A este prodígio acrescentava-se outro: enquanto o Menino Deus em seus braços recebia esse conforto dos elementos, a Virgem Mãe sentia o frio e a natural aspereza atmosférica. Isto acontecia porque lhe obedeciam perfeitamente, e Ela não queria se dispensar do sacrifício que poupava a seu terno menino e Deus magnífico, como Mãe amorosa dele e Senhora das criaturas a quem dominava.

Ao santo e feliz José chegava o mesmo privilégio que para o Menino. Sentia a mudança da temperatura, mas não sabia que aqueles efeitos procediam do poder e mandado de sua divina Esposa. Sem ordem do Altíssimo, Ela não lhe revelava esse privilégio.

Reverência de José e Maria pelo Menino Deus

545. A grande Rainha do céu alimentava o menino Jesus, dando-lhe seu

virginal leite três vezes ao dia. Com grande reverência pedia-lhe licença e que lhe perdoasse a indignidade, humilhando-se com o reconhecimento de sua inferioridade. Muitas vezes, quando o tinha nos braços permanecia de joelhos adorando-o, e se precisava sentar pedia-lhe permissão. Com a mesma reverência dava o menino a José e dele o recebia, como disse acima (1).

Muitas vezes beijava-lhe os pés, e quando queria beijar-lhe o rosto pedia-lhe interiormente sua benevolência e consentimento. O afetuoso Filho correspondia-lhe as carícias maternas, recebendo-as com agradável semblante, embora conservando a majestade, e com outros gestos, à maneira das outras crianças, ainda que com diferente gravidade. O mais frequente era reclinar-se amorosamente ao peito da Mãe puríssima ou no ombro, abraçando-lhe o pescoço com seus divinos bracinhos. Tão atenta e advertida era a imperatriz Maria nestas carícias, que nem com criancices as provocava, como as outras mães, nem com temor as recusava. Em tudo era prudentíssima e perfeita, sem falha nem excesso repreensível.

Estas demonstrações de amor de seu Filho santíssimo levavam-na a se apegar com o pó, em profunda reverência. Com esta regulava seus afetos, dando-lhes maior realce de magnificência.

Maria, a mais bela e santa das criaturas

546. Entre o Menino Deus e a Virgem Mãe havia outro mais elevado gênero de carinho. Já ficou dito (2) que Ela via continuamente os atos interiores da alma santíssima de seu Unigênito.

Além desta graça acontecia, muitas vezes, tendo-o nos braços, que se lhe revelava a humanidade como um cristal transparente, e por ele, ou nele, via a união hipostática e a alma do Menino Deus orando ao eterno Pai pela linhagem humana, e todos os seus demais atos.

A divina Senhora ia imitando estes atos e orações, ficando toda absorta e transformada em seu Filho. E Deus a olhava com gozo e delícia, como recreando-se na pureza de tal criatura e se alegrando por tê-la criado.

Comprazia-se em se ter encarnado, para formar em Maria uma tão viva imagem, tanto de sua divindade como da humanidade que de sua virginal substância assumira.

Neste mistério ocorreu-me o que disseram a Holofernes os seus capitães, quando viram a formosa Judite nos campos de Betúlia **(Jdt 10, 18)**: Quem desprezará o povo hebreu e não julgará grande vantagem fazer-lhe guerra, possuindo ele tão belas mulheres?

Misterioso e verdadeiro parece este argumento para o Verbo humanado. Ele pode dizer o mesmo, e com maior razão, a seu eterno Pai e a todas as criaturas: Quem não achará acertado e bem empregado Eu ter vindo do céu assumir carne humana para degolar o demônio, o mundo e a carne, vencendo-os e aniquilando-os, se entre os filhos de Adão se encontra tal mulher como minha Mãe?

Oh! meu suave amor, virtude de minha virtude, vida de minha alma, Jesus amável, vede que Maria santíssima é a única da natureza humana que possui tal formosura! Mas é singular e escolhida **(Cant 6, 8)** e tão perfeita para vosso agrado, Deus e Senhor meu, que não só equivale, mas ainda excede sem limites a todo o resto de vosso povo. Só Ela compensa a fealdade de toda a raça de Adão.

Maria, mártir de amor

547. Sentia a afetuosa Mãe tais efeitos nestas delícias de seu unigênito, verdadeiro Homem e Deus, que a deixavam toda espiritualizada e deificada. Os vôos de seu espírito puríssimo teriam, muitas vezes, quebrado os ligames do corpo terreno. A alma tê-lo-ia abandonado pelo incêndio do amor e perderia a vida, se não fosse milagrosamente fortalecida e conservada.

Falava a seu Filho santíssimo, interior e exteriormente, com palavras tão

1 - nº 506
2 - nº 481, 534

dignas e ponderadas que não cabem em nossa tosca linguagem. Tudo o que posso expressar, resulta muito diferente do que me foi manifestado.

Dizia-lhe: Oh! Amor meu, doce vida de minha alma, quem sois vós e quem sou Eu? Que desejais fazer de mim, abaixando tanto vossa grandeza para favorecer o inútil pó? Que fará vossa escrava, por vosso amor e por tudo quanto vos deve? Que vos retribuirei, por tudo que me haveis dado? **(Sl 115, 12)**. Meu ser, minha vida, potências e sentidos; meus desejos e anseios tudo é vosso.

Confortai a esta serva, Mãe vossa, para que não desfaleça com os desejos de vos servir, vendo-se tão incapaz, e que não morre por vos amar! Oh! que limitada é a capacidade humana! Que insignificante seu poder! Que insuficientes os afetos, pois não podem chegar a satisfazer, com equidade, a vosso amor!

É justo, porém, que a vitória sempre seja vossa, em ser magnífico e misericordioso com vossas criaturas, cantando triunfos de amor. A nós cumpre nos rendermos agradecidos, e nos declarar vencidos por vosso poder.

Ficaremos humilhados e apegados ao pó, enquanto vossa grandeza será exaltada e enaltecida por todas as eternidades.

Às vezes, a divina Senhora conhecia, na ciência de seu Filho Santíssimo, as almas que, no decurso da lei da graça, iriam se distinguir no amor divino, as obras que iriam empreender e os martírios que sofreriam à imitação do Senhor. Esta ciência inflamava-a em aspirações tão fortes de amor, que o martírio de desejo da Rainha superava os de todos os mártires que corporalmente os sofreriam.

Acontecia-lhe o que disse o Esposo nos Cânticos **(8, 6)**: A ânsia do amor é forte como a morte e dura como o inferno. A estes afetos que a amorosa Mãe sentia de morrer porque não morria, respondia o Filho santíssimo com as palavras que ali se referem **(Cant 8, 6)**: Põe-me por selo em teu coração e em teu braço, - dando-lhe ao mesmo tempo a compreensão e o efeito dessas palavras.

Por este divino martírio, Maria Santíssima foi mártir antes de todos os mártires. Entre estes lírios e açucenas **(Cant 2, 16 - 17)** apascentava-se o mansíssimo cordeiro Jesus, enquanto o dia da graça ia despontando e as sombras da lei antiga iam declinando.

O leite da virgem Mãe

548. Enquanto recebeu o virginal peito de sua Mãe santíssima, o Menino Deus não se alimentou de outra coisa, a não ser do leite materno. Era este suave e substancial, como elaborado em organismo puro, perfeito e de funcionamento exatíssimo na medida e qualidade, sem desordens e desigualdades. Não houve corpo e saúde semelhante ao de Maria, e seu sagrado leite, ainda que fosse guardado por muito tempo não se corrompia, graças às suas naturais qualidades. Por especial privilégio, nunca se alteraria, como acontece com o das outras mulhe-

res, tão fácil de se decompor, como a experiência mostra.

A relíquia da Circuncisão

549. Presenciando as carícias entre Mãe e Filho santíssimos, o feliz esposo São José não só participava do seu gozo, mas também foi digno de as receber pessoalmente do Menino Jesus.

Muitas vezes, a divina Esposa lho dava a carregar, quando por algum trabalho não podia tê-lo nos braços, como para preparar a comida, cuidar das roupinhas do Menino, varrer a casa. Nestas ocasiões, São José ficava com Ele e sempre sentia divinos efeitos na alma.

Exteriormente, o Menino Deus mostrava-lhe agradável semblante, reclinava-se ao peito do Santo e com grave majestade de Rei lhe fazia alguns afagos, como costumam fazer as crianças com o pai.

Todavia, não era isto tão frequente e com o mesmo carinho que usava com sua verdadeira Virgem Mãe.

Quando Ela o deixava, conservava a relíquia da Circuncisão que, ordinariamente estava com São José para lhe servir de consolo. Deste modo, ambos se viam sempre enriquecidos: Ela com o Filho santíssimo e ele com o sagrado sangue e carne deificados.

Conservavam-na num frasquinho de cristal que São José comprou com o dinheiro oferecido por Santa Isabel. Nele, a grande Senhora colocou o prepúcio e o sangue derramado na circuncisão, cortando a parte do pano em que caíra. Para maior segurança, sendo o frasquinho rematado por um gargalo de prata, soldou-o com seu miraculoso poder, melhor do que se fosse ajustado pelo artífice que o fabricara. Deste modo, a prudentíssima Mãe guardou estas relíquias durante toda a vida. Entregou depois, o precioso tesouro aos Apóstolos, ficando vinculadas à santa Igreja.

No mar imenso destes mistérios, sinto-me afogada e incapaz de os explicar com os limitados termos de ignorante mulher. Por esta causa remeto muitos deles à fé e piedade cristã.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SANTÍSSIMA

Desapego da própria vontade

550. Minha filha, ficas advertida pela doutrina anterior, a não inquirir coisa alguma por ordem sobrenatural, quer para aliviar-te no padecer, quer por natural inclinação e muito menos por vã curiosidade. Agora te advirto que por semelhantes motivos, tampouco deves cobiçar e fazer coisa alguma natural ou exterior. Em todas as operações das faculdades e atos dos sentidos, deves moderar e dominar tuas inclinações, sem lhes dar o que pedem, ainda que seja com aparência de virtude ou piedade. Por minha perfeita inocência, Eu não corria perigo de exceder nestes afetos, nem faltava piedade ao meu desejo de ficar na gruta onde meu Filho nascera e fora circuncidado. Apesar disso, não quis manifestar minha vontade, mesmo quando meu Esposo me perguntou. À piedade antepus a obediência e compreendi que era mais seguro para as almas e de maior agrado ao Senhor, procurar sua santa vontade por conselho e parecer alheio, do que pela própria inclinação. Em Mim isto foi maior mérito e perfeição. Em ti e nas demais almas, que correm perigo de errar pelo próprio ditame, esta lei deve ser mais rigorosa para, com discrição e diligência, prevenir seus desvios.

A criatura ignorante e de coração tão estreito, facilmente apega-se com afeto e infantis inclinações a coisas pequenas. Chega a se ocupar toda com o pouco, como com o muito, e o que é nada lhe parece algo.

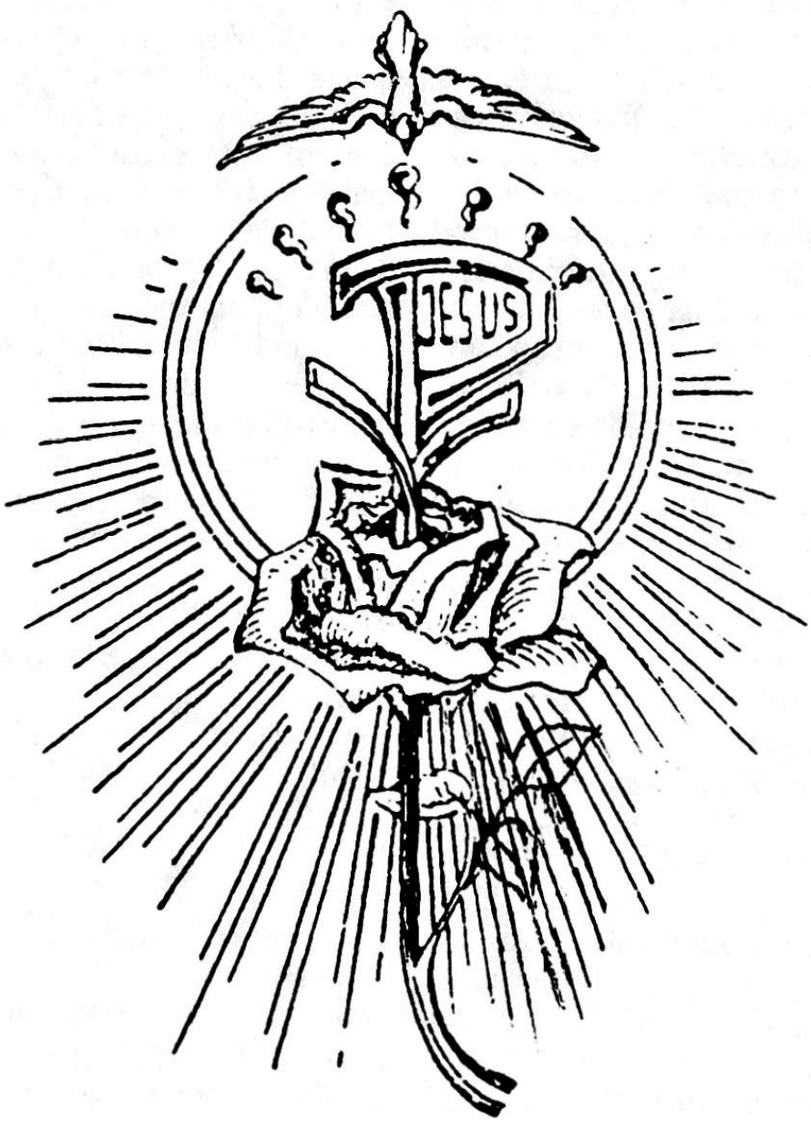
Tudo isto a inabilita e priva de grandes bens espirituais de graça, luz e merecimento.

Desprendimento das coisas naturais

551. Gravarás no coração esta doutrina e toda a que eu te der, procurando fazer um memorial de tudo o que Eu praticava, para assim o conhecer, entender e executar. Lembra a reverência, amor, cuidado, o temor santo e circunspecto com que Eu tratava meu Filho santíssimo.

Sempre tive essa atenção, mas depois que O concebi em meu seio jamais o perdi de vista, nem fui lenta no amor que então me foi comunicado. Não descansava meu coração no ardor de mais lhe agradar, até que unida e absorta na participação daquele sumo Bem e último fim, repousava por momentos como em meu centro. Logo, porém, voltava à minha contínua solicitude, como quem prossegue seu caminho, sem parar no que não o ajuda, mas retarda seu desejo.

Tão longe estava meu coração de se apegar a qualquer coisa da terra e seguir a inclinação sensível que, neste ponto, vivia como se não fosse da comum natureza terrena. Se as demais criaturas não se libertam das paixões, ou não as vencem no grau que lhes é possível, não se queixem da natureza, mas sim da própria vontade. Mais poderia a fraca natureza queixar-se delas, pois, podendo com o domínio da razão, regê-la e orientá-la, não o fazem. Deixam-na seguir suas desordens e a ajudam nisso com a vontade livre procurando, com a inteligência, mais objetos, perigos e ocasiões em que se perca. Por estes precipícios que a vida natural pode oferecer, advirto-te minha caríssima, a não apetecer nem procurar coisa alguma visível, ainda que te pareça necessária e muito justa. Tudo o que usas por necessidade, a cela, o vestuário, a alimentação e o mais, seja por obediência, com licença dos prelados, porque o Senhor o quer e Eu o aprovo para usares de tudo a serviço do Todo-poderoso. Por tantos testes como os que te indiquei, há de passar tudo o que fizeres.



CAPÍTULO 16

VINDA DOS TRÊS REIS MAGOS DO ORIENTE A BELÉM PARA ADORAR AO VERBO ENCARNADO.

Os Reis magos

552. Os três Reis magos que vieram à procura do Menino Deus recém-nascido, eram naturais da Pérsia, Arábia e Sabbá (**Sl 71, 10; Nm 23, 24**), regiões orientais à Palestina. Sua vinda foi profetizada principalmente por David, e antes dele por Balaão.

Este profeta foi chamado por Balaac, rei dos moabitas, para amaldiçoar o povo de Israel (**Nm 24, 17**) mas, por vontade divina, só pôde abençoá-lo. Nestas bênçãos, disse Balaão, que o Cristo viria, ainda que não logo, e o contemplaria, ainda que não de perto. De fato, não o viu pessoalmente, mas pelos Magos seus descendentes, e não em sua época, mas depois de muitos séculos. Disse também que apareceria a estrela de Jacó, sinal d'Aquele que nascia para reinar eternamente na casa de Jacó (**Lc 1, 32**).

Virtudes e amizade dos Magos

553. Eram estes Reis muito sábios nas ciências naturais e lidos nas Escrituras do povo de Deus; e, por sua erudição, foram chamados Magos.

Pelo conhecimento das Escrituras e contatos com os hebreus, chegaram a ter alguma crença na vinda do Messias que aquele povo esperava.

Além disso, eram retos, leais e muito justos no governo de seus Estados. Não sendo estes tão extensos como os de nossos tempos, os governavam pessoalmente e administravam a justiça como reis sábios e prudentes.

Este é o legítimo ofício real. Para isto, diz o Espírito Santo (**Prov 21, 1**) Deus tem o coração do rei nas mãos para o guiar conforme sua santa vontade, assim como são distribuídas as águas.

Possuíam aqueles Reis coração grande e magnânimo, sem a avareza e cobiça que tanto avilta, oprime e amesquinha o espírito dos príncipes.

Por serem vizinhos, e próximos os seus Estados, estes Magos conheciam-se e se comunicavam, tanto nas ciências que professavam, como nas virtudes morais que praticavam. Participavam mutuamente as coisas mais importantes que descobriam, e em tudo eram fiéis amigos e correspondentes.

Revelação aos Magos

554. Já ficou dito no capítulo 11, número 492, como na mesma noite em que nasceu o Verbo humanado, foram eles avisados, por ministério dos santos anjos, do seguinte modo:

Um dos custódios da nossa Rainha, superior aos anjos dos reis, foi enviado da gruta do nascimento. Como superior, iluminou os três anjos dos reis, declarando-lhes a vontade e mensagem do Senhor: Deveriam manifestar a seus protegidos o mistério da Encarnação e Nascimento de Cristo nosso Redentor. Imediatamente os três anjos falaram em

sonhos, na mesma hora, ao Mago do qual cada um era custódio.

Esta é a ordem comum das revelações angélicas: passarem do Senhor às almas, através dos anjos.

Muito copiosa e clara foi esta ilustração sobre o mistério da Encarnação, feita aos Reis. Foram informados que o Rei dos judeus havia nascido, Deus e homem verdadeiro, o Messias e Redentor esperado, prometido pelas Escrituras e profecias (1) e como sinal para o encontrar, lhes seria mostrada a estrela profetizada por Balaão.

Entenderam também, cada um dos três Reis, que o mesmo aviso era dado aos dois outros, e que tal prodígio e favor não devia ser negligenciado, mas cumpria-lhes atender ao que a luz divina lhes inspirava. Sentiram-se elevados e invadidos por grande amor e desejo de conhecer a Deus feito homem, de adorá-lo por seu Criador e Redentor e de servi-lo com a mais alta perfeição.

Para tanto, muito os ajudaram as excelentes virtudes morais que haviam adquirido, e com as quais se achavam bem dispostos para receber a luz divina.

Os Magos preparam a viagem

555. Despertando do sono, durante o qual receberam esta revelação, os Magos prostraram-se no solo e, apegados ao pó, adoraram em espírito ao ser imutável de Deus. Exaltaram sua infinita bondade e misericórdia por ter o Verbo divino tomado carne humana de uma Virgem (**Is 7, 14; 35, 4**), a fim de redimir o mundo e trazer a eterna salvação aos homens.

Impelidos pelo mesmo espírito, resolveram partir sem demora à Judéia em busca do Menino Deus para o adorar. Prepararam os três dons para lhe oferecer: ouro, incenso e mirra em igual quantidade. Em tudo eram misteriosamente inspirados e sem se haverem comunicado, tomaram as mesmas decisões e fizeram os mesmos preparativos.

A fim de partir o mais depressa possível, no mesmo dia prepararam os camelos, criados e bagagens necessárias para a viagem. Não se preocuparam com o que o povo pensaria de tal novidade; nem que iam a reino estrangeiro sem o aparato de praxe, com insuficiente indicação do lugar e de outras informações para encontrar e conhecer o Menino. Com fervoroso amor e ardente zelo, resolveram partir assim mesmo e logo.

1 - Gn 3, 10; 28, 14 - 2 hrs 7, 13 - Is 9, 6 - Jr 23, 5 - Ez 34, 23 - Nm 24, 17 etc

A estrela

556. Neste interim, o santo anjo enviado de Belém aos reis, formou da matéria do ar uma estrela fulgurante, ainda que menor que as do firmamento. Permaneceu na altura necessária para a finalidade de sua formação, e na região aérea guiaria os santos reis até a gruta do Menino Deus.

Sua claridade era nova e diferente da do sol e das outras estrelas. De luz belíssima, à noite brilhava como tocha claríssima, e de dia, mesmo ao esplendor do sol, podia ser vista.

Ao sair de casa, cada um dos reis viu a estrela (**Mt 2, 2**), por que se encontrava em posição e altitude que os três, em diferentes lugares, puderam vê-la. Dirigindo-se pela estrela, logo se encontraram e quando se reuniram, ela desceu consideravelmente na região do ar, de modo que gozavam mais de perto de sua refulgência. Juntos, conferiram as revelações que haviam recebido, suas resoluções e viram que todos tinham o mesmo propósito. Esta palestra aumentou-lhes o entusiasmo, devoção e desejos de adorar ao Menino Deus recém-nascido. Encheram-se de admiração e enaltecendo o Todo-poderoso em suas obras e sublimes mistérios.

Chegada a Jerusalém

557. Prosseguiram os Magos a viagem, guiados pela estrela, e sem perdê-la de vista chegaram a Jerusalém. Tanto por este motivo, como porque aquela grande cidade era a metrópole dos judeus, suspeitaram que ali deveria ter nascido seu legítimo e verdadeiro Rei.

Entraram na cidade e foram publicamente perguntando (**Mt 1, 2**): Onde está o Rei dos judeus que nasceu? Vimos no Oriente sua estrela e viemos adorá-lo.

Chegou esta novidade aos ouvidos de Herodes que, naquela época, ainda que injustamente, reinava na Judéia e residia em Jerusalém. Ao ouvir que nascera outro rei mais legítimo, o iníquo monarca se perturbou muito, e toda Jerusalém se inquietou; uns por lisonja, outros por temor da novidade.

Segundo refere São Mateus (**2, 3 - 5**), Herodes reuniu os príncipes dos sacerdotes e escribas e lhes perguntou onde deveria nascer o Cristo que esperavam, conforme suas escrituras e profecias.

Responderam-lhe que, de acordo com o vaticínio do profeta Miquéias (**5, 2**), nasceria em Belém, pois deixara escrito que dela sairia o chefe que ia reger o povo de Israel.

O rei Herodes

558. Informado Herodes do lugar do nascimento do novo Rei de Israel e meditando, desde já, liquidá-lo traiçoeiramente, despediu os sacerdotes e chamou secretamente os reis magos (**Mt 2, 7 - 8**), para informar-se do tempo em que tinham visto a estrela pregoeira do nascimento do Menino.

Respondendo-lhe eles com sinceridade, remeteu-os a Belém, dizendo com dissimulada malícia: Ide, informai-vos do Menino, e tendo-o encontrado avisai-me, para que eu também o vá adorar.

Partiram os Magos, ficando o hipócrita rei inseguro e desgostoso com os indícios tão claros do nascimento do legítimo Senhor dos judeus.

Poderia sossegar-se com o pensamento de que, tão logo, um menino recém-nascido não iria privá-lo de sua grandeza. Tão frágil e ilusória, porém, é a prosperidade humana que uma criancinha a derruba, e uma ameaça, ainda que longínqua, a abala. E, só o pensamento disso tira-lhe todo o gosto e alegria.

Os Magos chegam a Belém

559. Ao sair de Jerusalém, os Ma-

gos avistaram novamente a estrela que desaparecera ao ali entrarem **(Mt 9)**. Seguindo sua luz chegaram a Belém, na gruta do nascimento. Ali a estrela desceu, entrou, pousou sobre a cabeça do Menino Jesus iluminando-o com seu brilho, em seguida, se desintegrou na matéria de que havia sido formada e desapareceu.

Fora nossa grande Rainha avisada pelo Senhor da vinda dos três reis. Quando se aproximavam da gruta, Ela avisou São José, pedindo-lhe que não saísse e permanecesse ao seu lado.

O texto do santo Evangelho não refere este pormenor, como outros tantos que passaram em silêncio, mas é certo que São José esteve presente quando os reis adoraram o infante Jesus.

Não era necessário acautelar-se disso, porque os Magos vinham instruídos de que a Mãe do recém-nascido era Virgem e Ele Deus verdadeiro e não filho de São José. Deus não traria os reis para o adorarem **(Is 7, 14; 9, 6)** sem estarem suficientemente catequizados. Não deveriam errar em coisa tão importante, julgando-o por filho de José e de Mãe não virgem. De tudo vinham instruídos, com altíssima compreensão do que pertencia a tão magníficos e sublimes sacramentos.

Chegada dos Magos à gruta

560. Com o Menino Deus nos braços, esperava a divina Mãe a chegada dos piedosos reis. A incomparável modéstia e beleza de seu rosto iluminado, irradiava sobre-humana majestade no meio daquela humilde pobreza exterior. O Menino estava muito mais refulgente e desprendia tal luminosidade que transformou a gruta em brilhante céu.

Os três reis entraram **(Mt 2, 11)** e à vista de Filho e Mãe quedaram-se longamente suspensos e admirados. Prostraram-se em terra e nesta posição adoraram o Infante, reconhecendo-o por verdadeiro Deus e homem, reparador da linhagem humana. Na visão e presença do amabilíssimo Jesus, foram de novo ilustrados interiormente pelo poder divino. Viram também a multidão de anjos que, como servos e ministros do grande Rei dos reis **(Heb 1, 14; Apoc 19, 16)** e Senhor dos senhores, o assistiam com temor e reverência.

Levantaram-se os visitantes e felicitaram a sua e nossa Rainha por ser Mãe do Filho do eterno Pai, e a reverenciaram de joelhos.

Pediram-lhe a mão para beijar, como costumavam fazer às rainhas em suas terras. A prudentíssima Senhora, porém, retirou a sua e ofereceu a do Redentor do mundo, dizendo: Meu espírito se alegra no Senhor e minha alma o bendiz porque, entre todas as nações, vos escolheu e chamou, para que com vossos olhos contempleis o Verbo feito homem, o que muitos reis e profetas **(Lc 10, 24)** desejaram e não alcançaram. Exaltemos e bendigamos seu nome pelas misericórdias que derrama sobre seu povo. Beijemos a terra que santifica com sua real presença.

Humildade dos Magos

561. A estas palavras de Maria santíssima, os três reis humilharam-se novamente adorando o Infante Jesus, e reconhecendo a grande graça de lhes haver nascido tão cedo o sol de justiça **(Mal 4, 2; Lc 1, 78)** para iluminar suas trevas.

Depois disso, falaram com São José, felicitando-o por ser esposo da Mãe do próprio Deus.

Compadeceram-se da pobreza em que se encontravam, admirando-se de que os maiores mistérios do céu e da terra estivessem por ela velados.

Tendo assim passado três horas, os reis pediram licença à Maria santíssima para ir à cidade arranjar hospedagem, pois na gruta não havia lugar para se alojarem.

Algumas pessoas os seguiam, mas só os Magos receberam os efeitos de luz e graça. Os outros só viam o exterior, a situação pobre e desprezível da Mãe e de seu Esposo; ainda que se admiraram da novidade, não conheceram o mistério.

Despediram-se os reis. Maria e José com o Menino, ficaram glorificando a Deus com novos cânticos de louvor, porque seu nome começava a ser conhecido **(Sl 85, 9)** e adorado pelas nações.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

Cada qual colhe o que semeia

562. Minha filha, os sucessos con-

tidos neste capítulo, constituem para os reis, príncipes e demais filhos da santa Igreja, grande lição para imitarem a pronta devoção e humildade dos Magos, e temerem a iníqua dureza de Herodes. Cada qual colheu o fruto de suas obras: os Reis colheram o fruto das muitas virtudes e justiça que praticavam, e Herodes o de sua cega ambição e soberba com que injustamente reinava, e de outros pecados em que o precipitou sua desenfreada inclinação. Isto, e as demais doutrinas da santa Igreja, basta para os que vivem no mundo. Quanto a ti, deves aplicar o ensinamento do que escreveste. Toda a perfeição da vida cristã se há de fundar nas verdades católicas e no seu conhecimento constante e firme, segundo a santa fé da Igreja. Para melhor gravá-las no coração, aproveita-te de tudo o que leres e ouvires da sagrada Escritura e de outros livros devotos e doutrinais das virtudes.

Esta santa fé deve ser acompanhada pela prática dessas virtudes, com abundância de todas as boas obras, esperando a visita **(Tito 2, 13)** e chegada do Altíssimo.

Docilidade às inspirações

563. Nesta disposição, tua vontade estará pronta, como Eu a quero, para o Todo-poderoso encontrar em ti a necessária docilidade e submissão de não resistir ao que te manifestar; e que, em o conhecendo, o executes, sem respeito humano. Se agires assim, ofereço-me para ser tua estrela e te guiar pelas sendas do Senhor **(Prov 4, 11)**, a fim de caminhares com rapidez, até ver e gozar em Sião **(Sl 83, 8)** da face de teu Deus e sumo bem. Nesta doutrina e no que sucedeu aos reis do Oriente, encerra-se uma verdade essencialíssima para a salvação das almas, e no entanto, conhecida por muito poucos e advertida por menor número ainda. É a seguinte: as inspirações e convites que Deus envia às criaturas, normalmente seguem esta ordem: as primeiras estimulam à prática de algumas virtudes; se a alma corresponde a estas, o Altíssimo envia outras maiores para ela praticar atos mais excelentes. Aproveitando-se de umas, dispõe-se para outras, e recebe novos e maiores auxílios. Por esta ordem vão crescendo os favores do Senhor, conforme a resposta da criatura. Daqui entenderás duas coisas: primeira - quão grave dano é desprezar os atos de qualquer virtude, e não praticá-los conforme pedem as divinas inspirações. Segunda: muitas vezes Deus concederia grandes auxílios às almas, se elas começassem por corresponder aos menores. Ele está preparado e como que aguardando que lhe dêem oportunidade **(Apoc 6, 20)**, para agir segundo a equidade de seus juízos e justiça.

Quando desprezam esta ordem no corresponder aos chamamentos divinos, Deus suspende a correnteza de sua divindade e não concede o que desejaria que as almas recebessem, se não lhe criassem óbice e impedimento. Com isto, vão caindo de abismo em abismo **(Sl 41, 8)**.

Os caminhos do bem e do mal

564. Os Magos e Herodes seguiram caminhos opostos. Os Magos corresponderam com boas obras aos primeiros auxílios e inspirações; deste modo se dispuseram, com muitas virtudes, para serem chamados e trazidos, por revelação divina, ao conhecimento dos mistérios da Encarnação, nascimento do Verbo divino e redenção do gênero humano. Desta felicidade, receberam a de serem santos e perfeitos no caminho do céu.

O contrário aconteceu a Herodes. Sua dureza e desprezo pelo bem que poderia ter feito com o auxílio do Senhor, levou-a à desmedida soberba e ambição. Estes vícios o arrastaram até ao fundo do abismo da crueldade, sendo o primeiro dentre os homens que tencionou tirar a vida ao Redentor do mundo, fingindo-se, para isso, piedoso e devoto. Por fim, não o encontrando, sua furiosa indignação explodiu na matança dos meninos inocentes, acreditando que assim não se frustrariam seus diabólicos e perversos planos.

Adoração dos Magos

CAPÍTULO 17

SEGUNDA ADORAÇÃO DOS REIS - OFERECEM OS SEUS PRESENTES E VOLTAM A SUAS TERRAS.

Sentimentos dos Magos

565. Da gruta do nascimento, onde tinham vindo diretamente, os três Reis foram pousar na cidade de Belém.

Retirando-se a sós num aposento, estiveram grande parte daquela noite conversando, com grande emoção sobre o que tinham visto, nos efeitos que cada qual havia sentido e no que notaram no Menino Deus e em sua Mãe santíssima.

Nesta conferência inflamaram-se mais no amor divino, admirando-se da majestade e resplendor do infante Jesus; da prudência, gravidade e modéstia da Mãe; da santidade do Esposo José; da pobreza dos três e da humildade do lugar onde quis nascer o Senhor do céu e da terra.

Sentiam os devotos Reis a chama do divino incêndio abrasar-lhes o coração, e sem se poderem conter faziam exclamações de grande doçura e atos de muita veneração e amor.

Diziam: Que fogo é este que sentimos? Que força a deste grande Rei que nos suscita tais desejos e afetos? Que faremos para tratar com os homens? Como poderemos conter nossos gemidos e suspiros? Que farão os que conheceram tão oculto, novo e soberano mistério? Oh! grandeza do Onipotente, escondida **(Is 45, 15)** aos homens e velada com tanta pobreza! Oh! humildade nunca imaginada pelos mortais! Quem pudera vos trazer a todos para que ninguém ficasse privado desta felicidade!

Os primeiros presentes dos Magos

566. Nestas piedosas conversas, lembraram-se os Magos da pobreza de Jesus, Maria e José na gruta, e determinaram mandar-lhes logo alguns presentes. Aquele auxílio lhes demonstraria sua afeição e o desejo que tinham de os servir, enquanto não pudessem fazer outra coisa.

Enviaram-lhes pelos seus criados, muitos comestíveis que tinham prevenido para si e ainda outros que compraram.

Maria santíssima e José os receberam com humilde reconhecimento e retribuíram, não com agradecimentos vazios como fazem os outros, mas sim com muitas bênçãos de consolo espiritual para os três reis.

Este presente proporcionou à nossa grande Rainha e Senhora com que dar a seus costumeiros convidados, os pobres, opulenta refeição. Acostumados a suas esmolas e mais afeiçoados ainda à suavidade de suas palavras, visitavam-na freqüentemente.

Cheios de incomparável júbilo no Senhor, os Reis se recolheram para dormir e, em sonhos, o anjo deu-lhe o aviso para a viagem de volta.

Oferta do ouro, incenso e mirra. Maria instrui os Magos.

567. No dia seguinte, ao amanhecer, voltaram à gruta para oferecer ao Rei celestial os dons que tinham preparado.

Chegaram e, prostrados em terra, o adoraram com nova e profundíssima humildade. Abrindo seus tesouros, como diz o Evangelho (**Mt 2, 11**), ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra.

Falaram com a divina Mãe, consultando-a sobre dúvidas e assuntos referentes aos mistérios da fé, às suas consciências e ao governo de seus Estados. Desejavam voltar instruídos em tudo e capazes para se orientarem santa e perfeitamente.

A grande Senhora ouviu-os com suma afabilidade, e quando a interrogavam, consultava interiormente o divino Infante para saber o que deveria responder e ensinar àqueles novos filhos de sua santa lei.

Como instrumento e mestra da Sabedoria divina, solucionou todas as dúvidas que lhe propuseram, de modo tão elevado, que os instruiu e santificou. Deixou-os tão encantados e atraídos por sua ciência e suavidade que não podiam separar-se d'Ela.

Foi preciso que um dos anjos lhes dissesse ser vontade do Senhor que voltassem a suas pátrias.

Não é extraordinário que isto acontecesse, porque mediante as palavras de Maria santíssima foram ilustrados pelo Espírito Santo e cheios de ciência infusa sobre quanto perguntaram e ainda em outras muitas matérias.

Maria presenteia os Magos

568. Recebeu a divina Mãe os dons dos reis e, em nome deles, os ofereceu ao infante Jesus. Este, com agradável semblante, demonstrou que os aceitava. Abençoou-os, de maneira que os reis compreenderam que retribuía os dons oferecidos, com abundância de graças celestes, mais do que cem por um (**Mt 19, 29**).

À divina Princesa ofereceram algumas jóias de grande valor, segundo o costume de suas terras. Como, porém, isto não se referia ao mistério, não as aceitou, e só ficou com os três dons de ouro, incenso e mirra.

Para enviá-los mais consolados, deu-lhes alguns panos nos quais envolvera o Menino Deus. Não tinha, nem podia ter, prendas mais ricas para lhes ofertar. Receberam os três reis estas relíquias, com tanta veneração e apreço, que as guardaram guarnecendo-as com ouro e pedras preciosas.

Em testemunho de sua grandeza, estas relíquias exalavam tanta fragrância que era percebida de quase uma légua de distância.

Este perfume, todavia, era sentido só pelos que tinham fé na vinda de Deus ao mundo. Os incrédulos não participavam dessa graça e nada sentiam.

Com estas preciosas relíquias, operaram os reis grandes milagres em suas pátrias.

Volta dos Reis

569. Ofereceram-se os reis à Mãe de Jesus para servi-la com suas posses e terras. Mas, se Ela queria permanecer no lugar do nascimento de seu Filho santíssimo, lhe edificariam ali uma casa para ficar com mais comodidade.

A prudentíssima Mãe agradeceu o oferecimento sem o aceitar.

Ao despedir-se, os reis suplicaram de todo o coração a Ela e a São José que jamais se esquecessem deles, o que ambos lhes prometeram e cumpriram.

Com a bênção da sagrada família despediram-se com tal emoção e ternura, que pareciam deixar ali seus corações desfeitos em lágrimas e suspiros.

Tomaram outro caminho para não voltar a Herodes em Jerusalém, assim como o anjo os avisara em sonhos naquela noite.

Ao sair de Belém, foram guiados para outro caminho pela mesma ou outra estrela que os conduziu até o ponto em que se haviam reunido, e dali cada qual voltou à sua pátria.

Santidade dos Magos

570. O resto da vida destes felizes reis correspondeu à sua divina vocação. Em seus Estados viveram e procederam como discípulos da Mestra da santidade, por cuja doutrina governaram suas almas e seus reinos.

Com sua vida, seu exemplo, e pela notícia que deram do Salvador do mundo, converteram grande número de almas ao conhecimento de Deus e ao caminho da salvação. Depois, cheios de dias e merecimentos, terminaram sua carreira em santidade e justiça, sendo beneficiados, na morte, pela Mãe de misericórdia.

Tendo os reis partido, ficaram a divina Senhora e São José louvando as maravilhas do Altíssimo com novos cânticos. Percorriam as sagradas Escrituras (1) e as profecias dos Patriarcas e verificavam como se iam cumprindo no infante Jesus.

A Mãe prudentíssima, que penetrava profundamente estes altíssimos sacramentos, tudo guardava e meditava em seu coração **(Lc 2, 19; Sl 85, 9)**.

Os santos anjos que assistiam a estes mistérios, felicitaram sua Rainha, por seu Filho santíssimo, Deus humanado, ser conhecido e adorado pelos homens.

Cantaram novos cânticos, exaltando-o pelas misericórdias que concedia aos homens.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA

Riqueza e pobreza

571. Minha filha, valiosos foram os dons oferecidos pelos Reis a meu Filho santíssimo, porém, maior foi o amor com que os davam e o mistério que significavam. Por estes motivos foram muito aceitos e agradáveis ao Senhor. O mesmo quero que lhe ofereças, agradecendo-lhe por te fazer pobre no estado e profissão. Asseguro-te, amiga, que não há para o Altíssimo oferenda ou dom mais precioso do que a pobreza voluntária. São muito poucos os que hoje no mundo usam bem das riquezas temporais e as oferecem a seu Deus e Senhor, com a generosidade e amor dos santos reis. O grande número dos pobres do Senhor o experimentam bem e são a prova de quão cruel e avarenta se tornou a natureza humana. Existindo tantos necessitados, são tão poucos os socorridos pelos ricos. Esta impiedade tão descortês dos homens ofende aos anjos e contrista o Espírito Santo, vendo a nobreza das almas tão decaída, a servir com suas energias e faculdades à torpe cobiça do dinheiro **(Ecle 10, 20)**. Como se as riquezas tivessem sido criadas só para eles, apoderam-se delas e as recusam aos pobres, seus irmãos da mesma carne e natureza. Negam dá-las ao próprio Deus que as criou, sendo quem as conserva e pode dá-las e tirá-las como quiser **(1Rs 2, 7)**. O mais lamentável é que, podendo os ricos comprar a vida eterna **(Lc 16, 9)** com as riquezas, com elas mesmas granjeiam sua perdição, como homens insensatos e estultos.

Ouro, incenso e mirra

572. Este dano é geral entre os filhos de Adão. Por isto, é tão excelente e segura a voluntária pobreza. E, quando, nela se partilha o pouco com o pobre, se faz grande oferenda ao Senhor de todos. Tu podes fazê-la dando parte de teu sustento ao pobre e desejando socorrer a todos se, com teu trabalho e suor, fosse possível. Tua contínua oferta, porém, devem ser os atos de amor que são o ouro; a oração contínua que é o incenso; e a paciência nos trabalhos, e a verdadeira mortificação em tudo, que é a mirra. O que fizeres pelo Senhor, oferece-o com fervoroso afeto e prontidão, sem tibieza e temor, porque as obras remissas ou mortas não são sacrifício aceitável aos seus olhos. Para oferecer incessantemente estes dons de teus próprios atos, é mister que a fé e a luz divina estejam sempre acesas em teu coração. São elas que te apresentam o objeto que deves louvar, enaltecer, e o estímulo de amor que sempre deves ao Altíssimo.

Não cesses este suave exercício tão próprio das esposas do Senhor, pois este título significa amor e compromisso de contínua afeição.

1 - Sl 71, 18; Is 60, 6; Km 24, 17; Tob 13, 14

A gruta de Belém guardada pelo Anjo

CAPÍTULO 18

MARIA E JOSÉ DISTRIBUEM OS DONS DOS REIS MAGOS. PERMANECEM EM BELÉM ATÉ A APRESENTAÇÃO DO MENINO JESUS NO TEMPLO.

Maria e José distribuem a oferta dos magos

573. Havendo partido os três reis magos, e celebrado na gruta o grande mistério da adoração do infante Jesus, não havia mais o que esperar naquele pobre e sagrado lugar. A prudente Mãe disse a São José: Meu senhor e esposo, esta oferta que os reis deixaram a nosso Menino Deus não deve ficar sem destino, mas deve ser empregada em seu serviço, no que for de sua vontade. Eu nada mereço, mesmo das coisas temporais; disponde de tudo como coisa de meu Filho e vossa. Respondeu o fidelíssimo esposo, com sua habitual humildade e cortesia, que Ela distribuísse conforme sua vontade. Insistiu a Virgem: Meu senhor, se por humildade quereis vos escusar, fazei-o por caridade com os pobres que pedem a parte que lhes cabe. Tem direito às coisas que seu Pai celestial criou para seu sustento.

Combinaram ambos distribuir os dons em três partes: O incenso, mirra e parte do ouro seriam levados ao templo de Jerusalém; outra parte ofereceriam ao sacerdote que circuncidou o Menino, para empregá-la para si e para a sinagoga que havia em Belém; a terceira parte seria distribuída aos pobres. Assim fizeram, com liberal e fervoroso coração.

Maria e José resolvem deixar a gruta

574. Para saírem da gruta, ordenou o Todo-poderoso que uma pobre, honrada e piedosa mulher fosse algumas vezes visitar nossa Rainha, pois morava numa casa junto aos muros da cidade, não longe daquele sagrado lugar. Esta devota mulher, sabendo da vinda dos reis e ignorando o que haviam feito, foi no dia seguinte falar com Maria Ssma. Perguntou-lhe se sabia o que se passava a respeito de uns reis magos, vindos de longe à procura do Messias. Aproveitando a oportunidade e conhecendo a boa índole da mulher, Maria instruiu-a na fé, sem lhe revelar o segredo do Rei **(Tob 12, 7)** escondido n'Ela e no encantador Menino que levava em seus divinos braços. Deu-lhe também um pouco do ouro destinado aos pobres. Com estes benefícios, a sorte da feliz mulher ficou melhorada em todos os sentidos. Afeiçoada à sua Mestra e benfeitora, ofereceu-lhe sua casa que, sendo pobre, era bem apropriada para hospedar os artífices e fundadores da santa pobreza. Insistiu muito a pobre mulher, vendo a descomodidade da gruta onde se encontrava a sagrada Família. Não desprezou o oferecimento a Rainha, e com interesse respondeu à mulher que a avisaria do que resolvesse. Falando com São José a respeito, resolveram ir à casa da devota mulher e esperar ali até a Purificação e Apresentação no templo. O que mais contribuiu para esta decisão foi a proximidade da gruta do nascimento, como também porque muita gente começava a afluir ali, atraída pelo rumor que se ia espalhando a respeito da visita dos reis.

Devoção à Terra Santa

575. Por necessidade, ainda que com sentimento, Maria Ssma., São José e o Menino deixaram a gruta. Foram hospedar-se na casa da feliz mulher, que os recebeu com grande caridade e lhes ofereceu a melhor parte de sua habitação. Acompanharam-nos todos os anjos, ministros do Altíssimo, na forma humana em que sempre os assistiam. Iam e voltavam com a divina Mãe e seu esposo, quando visitavam a gruta. Além disso, quando o Menino e sua Mãe saíram de lá, Deus colocou, como no paraíso **(Gn 3, 24)**, um dos anjos para guardá-la. Ali sempre permanece até agora, com uma espada, e nunca mais entrou nenhum animal naquele lugar santo. E, se o santo anjo não impede a entrada dos infieis, em cujo poder se encontra aquele e os outros santos lugares (1), é pelos juízos do Altíssimo, que deixa os homens agirem, para os fins de sua sabedoria e justiça. Não seriam necessários milagres, se os príncipes cristãos tivessem fervoroso zelo da honra e glória de Cristo. Procurariam a restauração daqueles santos lugares, consagrados com o sangue e os pés do Senhor e de sua Mãe Ssma., e com as obras de nossa redenção. Se tanto não fosse possível, não há desculpa de, pelo menos, contribuírem para o decoro daqueles misteriosos lugares, com toda diligência e fé. Quem tem esta virtude transportará grandes montes **(Mt 17, 19; Mc 9, 22)**, pois tudo é possível ao que crê. Foi-me dado a entender que a piedosa devoção e veneração à Terra Santa é um dos meios mais eficazes para o estabelecimento e conservação das monarquias católicas. Estas não podem negar que poupar muitos gastos excessivos e supérfluos para serem empregados em tão piedosa empresa, seria grato a Deus e aos homens, nem precisaria aduzir extraordinárias razões para justificar tais despesas.

Maria prepara-se para a apresentação

576. Permaneceu Maria puríssima e seu Filho naquela casa próxima da gruta até o dia em que, de acordo com a lei, deveria se apresentar purificada ao templo com o seu Primogênito. A mais santa das criaturas quis se dispor dignamente para este mistério, com fervorosos desejos de apresentar ao eterno Pai, no templo, seu

1 - No século XVIII, época da Escritora, os lugares santos estavam sob a dominação dos muçulmanos. Atualmente a situação é diversa.

infante Jesus. Juntamente com Ele, queria apresentar-se adornada com grandes obras, que a tornassem digna hóstia e oferenda para o Altíssimo. Nesta intenção, fez a divina Senhora naqueles dias até o da Purificação, tais e tão heróicos atos de amor e de todas as virtudes, que língua humana nem angélica podem explicar. Muito menos o poderá uma mulher de todo inútil e ignorante. A piedade e devoção cristã fará sentir estes mistérios, àqueles que se dispuserem à sua contemplação e veneração. Por alguns favores mais inteligíveis, recebidos pela Virgem Mãe, poder-se-ão deduzir e imaginar outros que não cabem em palavras.

Convívio entre o Menino Jesus e sua Mãe

577. O infante Jesus falou com sua amorosa Mãe, com voz inteligível, desde que nasceu quando lhe disse: Imita-me, Esposa minha, e assemelha-te a Mim - conforme escrevi em seu lugar, no capítulo 10. Falava com perfeita dicção, mas apenas quando estava a sós com a divina Mãe. O santo esposo José nunca o ouviu falar antes de um ano, quando então o Menino falou a ele. A divina Senhora tampouco lhe revelou este favor, porque entendeu que era só para Ela. As palavras do Menino Deus eram cheias de majestade, digna de sua grandeza; traziam a eficácia de seu poder divino, e estavam à altura de sua verdadeira Mãe, a mais pura, santa, sábia e prudente das criaturas. Às vezes dizia: Minha querida pomba, minha Mãe caríssima **(Cant 2, 10; 7, 6)**. Nestes colóquios amorosos, descritos pelos Cânticos de Salomão, e em outros mais íntimos e contínuos, viviam Filho e Mãe santíssimos. Os favores recebidos pela divina Princesa, as palavras de carinho e doçura que ouviu, ultrapassaram ao dos Cânticos de Salomão e a todas as que foram ditas ou pensadas por todas as almas justas e santas, desde o princípio até o fim do mundo. Nestes amáveis mistérios, muitas vezes o infante repetia aquelas palavras: Minha pomba e minha Mãe, assemelha-te a Mim. Sendo palavras de vida e virtude infinita, recebidas com a ciência divina que Maria santíssima tinha dos atos interiores da alma de seu Filho unigênito - não há língua que possa explicar, nem pensamento que chegue a perceber, os efeitos que essas íntimas influências produziam no cândido e inflamado coração da Mãe daquele Filho que era Homem e Deus.

Prerrogativas de Maria

578. Entre as mais elevadas prerrogativas de Maria puríssima, a primeira é ser Mãe de Deus, fundamento das demais. A segunda, ser concebida sem pecado. A terceira, gozar durante esta vida muitas vezes, de passagem, a visão beatífica. A quarta que gozava continuamente, era ver com claridade a alma santíssima de seu Filho e todos os seus atos, para imitá-los. Era-lhe como um espelho claro e puríssimo no qual se olhava constantemente, adornando-se com as preciosas jóias d'aquela alma santíssima, que copiava em si mesma. Via-a unida ao Verbo divino a quem, com profunda humildade, se reconhecia inferior quanto à humanidade. Conhecia com visão claríssima seus atos de agradecimento e louvor por ter sido criada do nada, como as demais almas, e pelos dons e favores que, mais do que todas, recebera enquanto criatura, especialmente por sua natureza humana ter sido sublimada à união inseparável com a Divindade. A divina Mãe entendia as súplicas, orações e pedidos incessantes que o Filho apresentava ao eterno Pai pela raça humana e que, em tudo quanto fazia, ia preparando e realizando sua Redenção e doutrina, como único Reparador e mestre de vida eterna.

Maria, perfeita discípula de Cristo

579. Estes atos da santíssima humanidade de Cristo, nosso bem, eram reproduzidos pela Mãe puríssima. Em toda esta História haverá muito que dizer sobre tão grande mistério. Este exemplar esteve sempre ante seus olhos, e por ele modelou todas suas ações e operações, desde a Encarnação e Nascimento de seu Filho. Como industriosa abelha foi compondo o favo dulcíssimo, no qual o Verbo humanado encontrava suas delícias. Descendo do céu para ser nosso Redentor e Mestre,

quis que sua Mãe santíssima, de quem recebeu o ser humano, participasse por altíssimo e singular modo, dos frutos da redenção. Ela seria a única e singular discípula em quem imprimiria ao vivo sua doutrina, formando-a tão semelhante a Si mesmo, quanto era possível em pura criatura. Por estes favores e desígnios do Verbo humanado, se há de coligir a grandeza dos atos de sua Mãe Ssma., e as delícias que sentia em seus braços. Neles, e em seu peito, reclinava-se como em leito florido **(Cant 1, 15)** o verdadeiro Esposo.

Maria, primeira catequista

580. Durante os dias que a Rainha santíssima permaneceu em Belém até a Purificação, vieram algumas pessoas visitá-la. Quase todas eram das mais pobres. Umas, por causa das esmolas que d'Ela recebiam; outras por terem sabido que os magos tinham estado na gruta. Todas comentavam a novidade, e falavam da vinda do Messias. Naqueles dias (não sem disposição divina) falava-se muito, entre os judeus, que chegara o tempo de seu aparecimento no mundo. Estas conversas davam à Mãe prudentíssima muitas ocasiões para agir de modo grandioso. Tanto em guardar no coração para meditar **(Lc 2, 19)** tudo o que via e ouvia, como também para encaminhar muitas almas ao conhecimento de Deus e confirmá-las na fé. Instruía-as nas virtudes, esclarecia-as sobre os mistérios do Messias que esperavam e libertava-as da grande ignorância em que estavam, como gente rústica e de pouca capacidade para as coisas divinas. Nesta matéria, contavam-lhe tantas invenções e histórias de mulheres, que o santo e singelo esposo José costumava sorrir e se admirar das respostas cheias de sabedoria e eficácia com que a grande Senhora instruía a todos; da paciência com que os tolerava, da profunda humildade e doce gravidade com que os levava ao conhecimento da verdade e da luz. Deixava a todos satisfeitos, consolados e instruídos de quanto precisavam, porque dirigia-lhes palavras de vida eterna **(Jo 6, 68)** que lhes penetrava o coração, afervorando-os e animando-os.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SSMA. SENHORA NOSSA

Desapropriação

581. Minha filha, na clara visão da luz divina recebi, mais do que todas as criaturas, o conhecimento do baixo preço e estimação que os bens e riquezas da terra têm diante do Altíssimo. Por isto, foi penoso e cansativo à minha santa liberdade, ver-me onerada com os tesouros que os reis ofereceram a meu Filho santíssimo. Como em todas minhas obras, porém, deveria resplandecer a humildade e obediência, não quis me apropriar nem dispor deles por minha vontade pessoal, senão pela de meu esposo José. Assim procedi, como se fosse sua serva e como se nada tivesse com aqueles bens temporais. Para vós, criaturas fracas, é feio e perigoso apropriar-vos de qualquer bem terreno, tanto de coisas materiais como de honra, porque nisso entra a cobiça, ambição e vã ostentação.

Acautelar-se da cobiça

582. Quis dizer-te tudo isto, caríssima, para que em todas as matérias fiques instruída a não aceitar, nem te apropriares de ofertas e honras mundanas, como se algo te fosse devido, ainda menos quando as recebes de pessoas de posição. Guarda tua liberdade interior e não faças ostentação do que nada vale, nem pode te justificar diante de Deus. Se receberes algum presente, não digas: Deram-me ou trouxeram-me isto, mas sim: O Senhor envia isto para a comunidade, e rezem por quem foi instrumento de sua misericórdia. Nomeia o ofertante para que rezem por suas intenções em particular, e não se frustre o fim para o qual a esmola foi oferecida. Não as recebas pessoalmente, pois poderia dar ocasião à cobiça, mas deixa às oficiais disso encarregadas. Se, pelo ofício de prelada, for necessário que as recebas, depois que estiver dentro do convento entrega-as a quem compete, para ser distribuída à comunidade. Procede sempre com desprendimento, mostrando que não pões teu afeto nessas coisas. Não obstante, deves

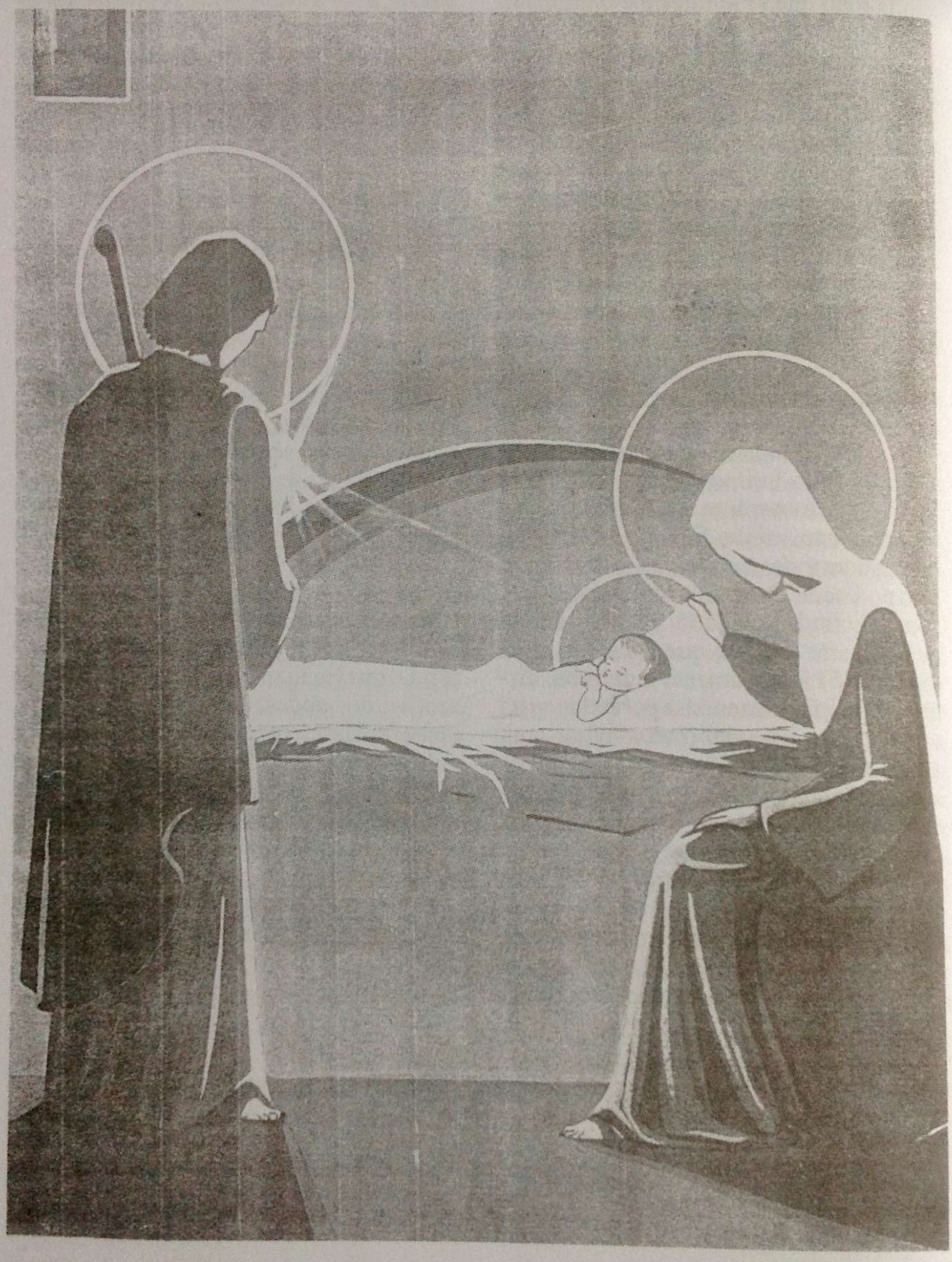
agradecer ao Altíssimo e a quem te beneficiou, e reconhecer que nada mereces. O que trouxerem às demais religiosas, agradece como superiora, e com solicitude cuida logo que se aplique à comunidade, sem tomar coisa alguma para ti. Nem olhes com curiosidade o que vem ao convento, para que não se deleitem os sentidos, nem se inclinem a apetecê-los e a desejar que te façam tais benefícios. A natureza, frágil e cheia de paixões, incorre freqüentemente em muitos defeitos que não se consideram bastante. Nada se pode fiar da natureza contaminada, que sempre quer mais do que tem, nunca diz basta, e quanto mais recebe mais sede tem de receber.

Cautelas na vida interior

583. Ainda mais atenta quero que sejas no trato íntimo e frequente com o Senhor por incessante amor, reverência e louvor. Nisto, minha filha, quero que trabalhes com todas tuas forças, que apliques tuas potências e sentidos sem interrupção, com solicitude e cuidado. Sem este empenho, a parte inferior que agrava a alma **(Sab 9, 15)** forçosamente a derruba, distrai e precipita, fazendo-a perder de vista o sumo Bem. Este amoroso convívio com o Senhor é tão delicado, que se perde apenas por dar atenção em ouvir as fabulações do inimigo. Por isto, ele insiste tanto para ser ouvido, pois sabe que o castigo de o terem escutado será esconder-se **(Cant 5, 6)** à alma o objeto de seu amor. Assim, aquela que ignorou sua formosura **(Cant 1, 7; 5, 7)** vai atrás das pegadas de seus descuidos, privada da suavidade divina. Quando, mau grado seu, experimenta a dor de seu mal e quer voltar a encontrá-la, nem sempre a acha **(Cant 3, 1 - 2)**, nem lhe é restituída. Aqui, o demônio que a enganou lhe oferece outros deleites tão vis e diferentes daqueles a que seu gosto interior estava acostumado, que a alma se enche de tristeza, perturbação, desânimo, tibieza e fastio, ficando em perigosa confusão.

Por Maria a Jesus

584. Desta verdade tens tu, caríssima, alguma experiência, por tua negligência e lentidão em crer nos benefícios do Senhor. Já é tempo que sejas prudente em teu discernimento e perseverante em conservar o fogo do santuário **(Lev 6, 12)**, sem perder de vista um momento o mesmo objeto a que eu sempre estive atenta, com todas as forças de minha alma e potências. Verdade é que há grande distância entre ti, vil bichinho, e o que em Mim desejo que imites; nem podes gozar do bem verdadeiro tão imediato como Eu o tinha e tampouco agir nas mesmas condições que Eu. No entanto, já que te ensino e manifesto o que Eu fazia, imitando a meu Filho santíssimo, podes, segundo tuas forças, imitar a Mim, entendendo que o vês por outro prisma. Eu olhava-O através de sua humanidade santíssima, e tu através de minha alma e pessoa. Se o Todo-poderoso a todos chama **(Mt 11, 28)** e convida a esta alta perfeição, se a quiserem seguir, considera tu o que deves fazer por ela, pois tão larga e poderosa se mostra contigo a destra do Altíssimo para te atrair **(Cant 1, 3)** após Si.



Nascimento de Jesus - desenho das Beneditinas de Cockfosters

CAPÍTULO 19

MARIA E JOSÉ VÃO A JERUSALÉM PARA APRESENTAR O MENINO JESUS NO TEMPLO, EM CUMPRIMENTO DA LEI.

A lei da Purificação

585. Já estava terminando o prazo dos quarenta dias em que, conforme a lei **(Lc 12, 4)**, a mulher que dava à luz era considerada impura. Depois desses quarenta dias de purificação, apresentava-se ao templo. Para observar esta lei, e ao mesmo tempo a outra do Êxodo **(13, 12)** em que Deus ordenava lhe fossem oferecidos os primogênitos, a Mãe da mesma pureza quis ir a Jerusalém. Ali apresentar-se-ia no templo com o Unigênito do eterno Pai e seu, e seria purificada como as outras mães.

No que lhe dizia respeito, não teve dúvida alguma em obedecer a estas leis como qualquer mãe. Não ignorava sua inocência e pureza da qual, desde a Encarnação do Verbo, teve certeza, como também que não contraíra o pecado original, comum a todos os mortais. Não esquecia que concebera por obra do Espírito Santo **(Lc 1, 15)** e dera à luz sem dor, permanecendo sempre virgem e mais pura que o sol. Não obstante, sua prudência não duvidava submeter-se à lei comum, impelida pelo contínuo e ardente desejo de seu coração a se humilhar e apegar-se ao pó.

A lei da Apresentação

586. Quanto à apresentação de seu Filho santíssimo pôde ter alguma incerteza, como aconteceu na circuncisão, porque sabia que Ele era Deus verdadeiro e estava acima das leis que Ele mesmo decretara. Foi, porém, informada da vontade do Senhor por luz divina e pelos atos da alma santíssima do Verbo humanado. Nesta luz viu os desejos d'Ele em se oferecer como hóstia viva **(Ef 5, 2)** ao eterno Pai. Com esta oferenda queria agradecer-lhe a formação de seu corpo puríssimo e a criação de sua alma santíssima, destinados ao sacrifício que ofereceria pela raça humana e salvação dos mortais. Estes atos foram sempre atuais na humanidade santíssima do Verbo, não só como compreensor, conformando-se com a vontade divina, mas também como viador e Redentor.

Apesar disto quis, observando a lei, fazer esta oferenda ao Pai no seu santo templo **(Deut 12, 5)**, onde todos o adoravam e enalteciam, como em casa de oração, expiação e sacrifício.

Partida para Jerusalém

587. A grande Senhora com seu esposo organizaram a viagem, para estar em Jerusalém no dia marcado pela lei. Prevenindo o necessário, despediram-se da piedosa mulher que os hospedara. Deixaram-na cheia de bênçãos celestes, cujos frutos colheu copiosamente, embora ignorasse o mistério de seus divinos hóspedes.

A sagrada Família dirigiu-se à gruta do nascimento, para dali começar a viagem com uma última veneração àquele sacrário humilde, mas tão rico de feli-

cidade ainda desconhecida. Maria entregou o Menino Jesus a São José, para se prostrar em terra e adorar o solo, testemunha de tão veneráveis mistérios. Havendo-o feito, com incomparável devoção e ternura, disse a seu esposo: Senhor, daime a bênção para esta viagem, como sempre me dais quando saio de vossa casa. Peço-vos também permissão para fazê-la a pé e descalça, pois levarei em meus braços a hóstia que será oferecida ao eterno Pai. Este ato é misterioso, e desejo fazê-lo, o quanto me for possível, nas condições que sua grandeza exige.

Usava nossa Rainha, por modéstia, um calçado que lhe cobria os pés e quase lhe servia de meias. Era de fibra vegetal, como usavam os pobres, semelhante ao cânhamo, trabalhado e tecido toscamente, mas forte, limpo e em ordem.

Obediência de Maria

588. São José pediu-lhe que se levantasse, pois ela estava de joelhos, e lhe respondeu: O altíssimo Filho do eterno Pai, que tenho em meu braços, vos dê sua bênção. Ide feliz, à pé, levando-o em vossos braços, mas não descalça, porque o tempo não o permite. O Altíssimo aceitará o desejo que Ele próprio vos inspirou. Com grande respeito, usava São José a autoridade de superior com Maria Ssma., para não privá-la do prazer que a grande Rainha experimentava em se humilhar e obedecer. Como o santo esposo também assim fazia por obedecer, humilhando-se e mortificando-se em mandá-la, ambos vinham a ser obedientes e humildes. Não permitiu que fosse descalça a Jerusalém, porque temia que o frio lhe prejudicasse a saúde. Ele não estava a par da admirável constituição do perfeitíssimo corpo virginal, nem de outros privilégios com que a divina destra o havia dotado.

A obediente Rainha não replicou, e obedeceu à ordem do santo esposo. Para receber das mãos dele o Menino Jesus, prostrou-se em terra, deu-lhe graças e o adorou pelo benefício que, naquela sagrada gruta, havia concedido a Ela e a todo o gênero humano. Pediu ao Senhor conservasse aquele sacrário venerado entre os católicos, e recomendou-o de novo ao santo Anjo destinado a guardá-lo. Vestiu o manto de viagem, e recebeu em seus braços o tesouro do céu. Reclinou-o em seu peito virginal, cobrindo-o com grande cuidado para o defender do mau tempo invernal.

Procissão admirável

589. Partiram da gruta, pedindo ambos a bênção do Menino Deus, que a deu visivelmente. São José acomodou no jumentinho a caixa das roupinhas do divino Infante, e a parte dos presentes dos reis, que reservavam para oferecer no templo. Assim se ordenou de Belém a Jerusalém a mais solene procissão, jamais vista no templo. Acompanhando o Príncipe das eternidades, Jesus, a Rainha sua Mãe com José seu esposo, iam os dez mil anjos que haviam assistido os mistérios operados na gruta, e ainda outros muitos anjos que tinham descido do céu, trazendo o santo e amável nome de Jesus na circuncisão. Todos estes celestes cortezãos iam em forma humana visível, tão formosos e refulgentes que em comparação de sua beleza, todo o precioso e deleitável do mundo pareceria menos que barro e escória comparados com ouro finíssimo.

Quando o sol era ardente faziam-lhe sombra, e as noites transformavam em dias claríssimos. A divina Rainha e seu esposo José gozavam de sua vista e celebravam com eles o mistério da apresentação do Menino Deus ao templo. Cantando-lhe novos e sublimes hinos de louvor, caminharam as duas léguas de Belém a Jerusalém.

Rigor da temperatura

590. Naquela ocasião, o que não seria sem determinação divina, o frio e a geada, não perdoando a seu próprio Criador humanado, afligia o tenro Menino. Tremendo como verdadeiro homem, chorava nos braços de sua amorosa Mãe, que mais sofria no coração pela compaixão e amor, do que no corpo pela intempérie. A poderosa Imperatriz dirigiu-se aos elementos, e como Senhora deles repreendeu-os com santa indignação, por ofenderem seu Criador. Ordenou-lhes que

moderassem seu rigor com o Menino Deus, mas não com Ela. Obedeceram os elementos à ordem de sua legítima e verdadeira Senhora: o ar frio tornou-se branda e aquecida viração para o infante, enquanto para a Mãe continuou em sua rigorosa temperatura. Deste modo, Ela sentia o frio, mas seu meigo Filho ficava abrigado, como em outras ocasiões tenho dito, e repetirei adiante. Voltou-se também contra o pecado, Aquela que não o contraiu dizendo: Ó monstruosa culpa, totalmente desumana, pois para teu remédio é necessário que o próprio Criador seja afligido pelas criaturas às quais deu e conserva a existência! Monstro horrendo, és a ofensa a Deus e a destruição das criaturas; transforma-as em abominação e lhes arrebatas a maior felicidade que consiste em serem amigas de Deus. Ó filhos dos homens, até quando sereis de coração duro, amando a vaidade e a mentira **(Sl 4, 3)**? Não sejais tão ingratos para com o altíssimo Deus, e tão cruéis convosco mesmos. Abri os olhos e vede vosso perigo. Não desprezeis os preceitos de vosso Pai celestial, nem esqueçais **(Prov 1, 8)** os ensinamentos da Mãe que vos gerou pela caridade. Tomando o Unigênito do Pai carne humana em minhas entranhas, me fez Mãe de toda a natureza. Como tal vos amo, e se fosse vontade do Altíssimo que eu sofresse todas as penas que existem desde Adão até agora, aceitá-las-ia com gosto, pela vossa salvação, se me fosse possível.

Revelação a Simeão e Ana

591. Enquanto a divina Senhora e seu Menino Deus dirigiam-se para Jerusalém, aconteceu que o sumo sacerdote Simeão, iluminado pelo Espírito Santo foi ali e recebeu a revelação de que o Verbo humanado, nos braços de sua Mãe, vinha apresentar-se no Templo. A santa viúva Ana teve a mesma revelação, sabendo também que vinham acompanhados do esposo José, com desconforto e pobreza. Conferindo os dois santos esta revelação, chamaram o mordomo do Templo que administrava as coisas temporais. Informando-o sobre os viajantes, mandaram-no à porta que dava para a estrada de Belém, a fim de os receber e hospedar em sua casa, com toda benevolência e caridade. Assim o fez o mordomo, o que muito confortou a Rainha e seu esposo, pois vinham preocupados em achar hospedaria conveniente a seu divino Infante. Deixando-os em sua casa, o feliz hospedeiro foi participar ao sumo sacerdote tudo o que se passara.

Pobreza e humildade

592. Naquela tarde, antes de se recolherem, combinaram Maria e José o que deviam fazer. A prudentíssima Senhora foi de parecer que José levasse ao Templo, na mesma tarde, os dons dos reis, para oferecê-los sem dar na vista, como devem ser feitas, as esmolas e ofertas. Ao voltar, o santo esposo traria as duas rolas **(Lc 2, 24)** que, no outro dia, ofereceriam publicamente com o Menino Jesus. José concordou. Levou a mirra, o incenso e o ouro e, sendo forasteiro e desconhecido, não foi notado como o ofertante de tão grande esmola. Teria podido, com aquele haver, comprar o cordeiro **(Lev 12, 6)** que os mais abastados ofereciam com os primogênitos. Não o fez, porque estaria em desacordo com a aparência humilde e pobre da Mãe, Filho e esposo, oferecerem ricas ofertas publicamente. Não convinha se afastarem da pobreza **(Mt 8, 20)** e humildade, ainda que fosse com motivo piedoso e honesto. A Mãe da Sabedoria foi, em tudo, mestra de perfeição, e seu Filho santíssimo mestre da pobreza em que nasceu, viveu e morreu.

Simeão e Ana

593. Conforme disse São Lucas, era Simeão homem justo, temente a Deus e esperava a consolação de Israel **(Lc 2, 25 - 27)**. O Espírito Santo que estava nele, lhe revelara que não morreria sem antes ver o Cristo do Senhor. Movido pelo Espírito Santo veio ao Templo. Além do que já entendera, foi naquela noite novamente ilustrado pela divina luz. Nela conheceu, com maior clareza, os mistérios da Encarnação e Redenção humana: - Que em Maria Ssma. se haviam cumprido as profecias de Isaias **(7, 14; 11, 1)**, de que uma Virgem

conceberia e teria um filho; que da vara de José desabrocharia uma flor, Cristo, e tudo o mais destas e de outras profecias. Recebeu luz muito clara sobre a união das duas naturezas na Pessoa do Verbo, e dos mistérios da Paixão e Morte do Redentor. Com a inteligência de coisas tão sublimes, ficou o santo homem todo elevado e fervoroso, com desejos de ver o Redentor do mundo. Como já recebera notícia de que viria apresentar-se ao Pai, Simeão foi no dia seguinte ao Templo **(Lc 2, 27)** levado em espírito, quer dizer, pela força da divina luz. No capítulo seguinte direi o que aconteceu.

Ana, santa mulher, também teve na mesma noite a revelação de muitos desses mistérios. Grande foi a alegria de seu espírito porque, como disse na primeira parte desta História (1), ela havia sido mestra de nossa Rainha, quando esta viveu no Templo. Diz o Evangelista **(Lc 2, 37)** que Ana não se afastava do Templo, servindo dia e noite, com orações e jejuns; que era profetiza, filha de Fanuel, da tribo de Aser; que vivera sete anos com seu marido **(Lc 2, 36)**, já contava oitenta e quatro anos de idade, e falou profeticamente do Menino Deus, como se verá.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

Amor fervoroso

594. Minha filha, uma das misérias que torna pouco felizes, ou de todo infeliz, as almas é se contentarem em praticar as virtudes com negligência e sem fervor, como se fossem coisa de pouca importância e casual. Por esta ignorância e mesquinhez de coração, são poucas as que chegam ao íntimo trato e amizade com o Senhor, o que só se alcança com amor fervoroso. Chama-se fervente ou fervoroso porque, semelhante à água que ferve no fogo, assim este amor com a suave violência do divino incêndio do Espírito Santo, eleva a alma acima de si mesma, de suas obras e de toda a criação. Amando, mais se acende, e do mesmo amor lhe nasce insaciável desejo, pelo qual não só despreza e esquece as coisas terrenas, mas tudo quanto é bom ainda não chega a satisfazê-la. E, como o coração humano, quando não consegue o que muito ama, mais se inflama no desejo de o alcançar por novos meios, assim se a alma tem fervente caridade, sempre acha o que desejar e fazer pelo amado, e tudo quanto faz lhe parece pouco. Deste modo, procura e progride da boa à perfeita **(Rom 12, 2)** vontade, e desta à de maior conformidade com o Senhor, até chegar à perfeitíssima e íntima união e transformação em Deus.

Progressos do amor

595. Daqui entenderás, caríssima, a razão por que eu desejava ir descalça ao Templo, para ali apresentar meu Filho santíssimo e cumprir a lei da Purificação. Dava a meus atos a plenitude possível de perfeição, pela força do amor, que sempre me pedia o mais perfeito e agradável ao Senhor. A isto era movida pela fervorosa ânsia de praticar as virtudes no mais perfeito grau. Trabalha por imitar, com toda diligência, o que vês em Mim, porque te advirto, minha amiga: esta maneira de amar e de agir é o que o Altíssimo está desejando e esperando **(Cant 2, 9)** por trás das cancelas (2), como falou à esposa. Ele fica a olhá-la como faz todas as coisas, tão próximo, que medeia apenas uma grade para ela gozar de sua visão. Atraído e enamorado, acompanha as almas que assim o amam e servem, enquanto se desvia das tíbias e negligentes, ou as acode apenas com uma comum e geral providência. Aspira tu, sempre o mais perfeito e puro das virtudes. Nelas, estuda e inventa sempre novos modos e indústrias de amar, de modo que todas tuas forças e potências interiores e exteriores estejam continuamente ocupadas no mais elevado e excelente, para o prazer do Senhor.

Comunica e submete todos estes desejos à obediência e conselho de teu mestre e pai espiritual, para fazer o que ele mandar, porque isto é o principal e mais seguro.

1 - 1ª parte nº 423

2 - Cancela: Porta gradeada. A grade é sugestiva figura de fé, a um tempo clara e obscura. (Nota da Tradutora)

CAPÍTULO 20

A APRESENTAÇÃO DO MENINO JESUS NO TEMPLO.

Razões da apresentação de Jesus

596. Pela razão de ser criada, a humanidade santíssima de Cristo era propriedade do eterno Pai, como as demais criaturas. Por especial modo e direito, pertencia-lhe também em virtude da união hipostática com a pessoa do Verbo, gerada de sua mesma substância, seu Filho unigênito, verdadeiro Deus de Deus verdadeiro. Apesar de tudo isto, determinou o Pai que seu Filho lhe fosse apresentado no templo, tanto pelo mistério como para cumprir sua santa lei, estabelecida em vista de Cristo nosso Senhor **(Rom 10, 4)**.

Fôra ordenado aos judeus a consagração dos primogênitos **(Ex 13, 2; Heb 1, 6)**, na expectativa daquele que seria o primogênito do Pai eterno e da Virgem Mãe. A nosso modo de entender, Deus procedeu como acontece entre os homens que gostam de repetir o que lhes agrada e compraz. Ainda que o Pai, com infinita sabedoria, tudo sabia e conhecia, sentia gosto na oferenda do Verbo humanado que, por tantos títulos, lhe pertencia.

Oração de Maria

597. A Mãe da vida, Maria Ssma., conhecia esta vontade do eterno Pai, que era a mesma de seu Filho santíssimo, enquanto Deus igual ao Pai. Conhecia também a vontade da humanidade de seu Unigênito, cuja alma e operações via inteiramente conforme à vontade do Pai. Com esta ciência, a grande Princesa passou em divinos colóquios aquela noite em que chegaram em Jerusalém, antes da apresentação. Dirigindo-se ao Pai, dizia: Senhor e Deus altíssimo, Pai de meu Senhor, festivo será para o céu e a terra este dia, no qual vos ofereço, em vosso sagrado templo, a hóstia viva, o tesouro de vossa mesma divindade. Preciosa é a oblação, Senhor e Deus meu, e por ela bem podeis franquear vossas misericórdias ao gênero humano; perdoai aos pecadores que desviaram os retos caminhos; consolai aos tristes; socorrei os necessitados; enriquecei aos pobres; favorecei os desamparados; alumiai os cegos; guiai os transviados. É o que vos peço ao vos oferecer vosso Unigênito e também meu Filho, por vossa dignação e clemência. Vós mo destes Deus, eu vô-lo apresento Deus e Homem juntamente. A oferta é de valor infinito, e o que peço é de muito menor valor. Volto enriquecida a vosso templo santo, donde saí pobre. Minha alma vos exaltará eternamente, porque vossa destra divina se mostrou poderosa e liberal para comigo.

Chegada ao templo

598. Pela manhã, - para que o sol divino aparecesse ao mundo nos braços da puríssima aurora - a divina Senhora, tomando as rolinhas e duas velas, envolveu o infante Jesus, e com o santo esposo José saíram em direção ao templo.

Ordenou-se a procissão dos santos anjos que tinham vindo de Belém, na mesma forma corpórea e belíssima, como disse acima. Desta vez, estes santos espíritos

entoavam ao Menino Deus melodiosos cânticos, com suavíssima e harmoniosa música que só Maria ouvia. Além dos dez mil que iam nesta forma, desceram do céu outros inumeráveis. Unidos aos que levavam o dístico do santo nome de Jesus, acompanharam o Verbo divino feito homem em sua Apresentação. Estes anjos iam sem forma corpórea, em sua própria natureza espiritual, e só a divina Princesa os podia ver.

Chegando à porta do templo, sentiu a feliz Mãe novos e altíssimos efeitos interiores de suave devoção. Prosseguiu até o lugar das outras mães. Inclinou-se **(Jo 4, 23)** e de joelhos adorou o Senhor, em espírito e verdade, em seu santo templo, apresentando-se com seu Filho nos braços, ante sua altíssima e magnífica Majestade. Logo se manifestou, em visão intelectual, a santíssima Trindade. Ouviu a voz do Pai que dizia: Este é meu Filho bem-amado, em quem tenho minha complacência **(Mt 17, 5)**. Só Maria puríssima ouviu esta voz, mas o feliz São José sentiu suave influência do Espírito que o encheu de gozo e luz divina.

Cântico de Simeão

599. O sumo sacerdote Simeão, conduzido também pelo Espírito Santo, como foi dito no capítulo precedente, entrou no templo **(Lc 2, 27)**. Dirigindo-se ao lugar onde se encontrava a Rainha com o infante Jesus nos braços, viu Filho e Mãe envoltos em resplendor e glória. Era este sacerdote avançado em anos e muito venerando. Igualmente a profetisa Ana que, como diz o Evangelho, veio ali à mesma hora **(Lc 2, 38)**, e viu a Mãe com o Filho banhados de admirável e divina luz. Cheios de alegria celeste, aproximaram-se da Rainha do céu, e o sacerdote recebeu das mãos dela o Menino Jesus **(Lc 2, 28)**. Tendo-o nas suas, levantou os olhos ao céu, ofereceu-o ao eterno Pai e proferiu aquele cântico cheio de mistérios **(Lc 2, 29- 32)**: Agora, Senhor, deixa teu servo partir em paz, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram aquele que é a tua salvação; aquele que enviaste diante de todos os povos; luz para revelação das nações e glória de Israel teu povo. Foi como se dissesse: Agora, Senhor, solta-me e deixa-me ir em paz, libertado das cadeias deste corpo mortal, onde me prendia a esperança de tua promessa e o desejo de ver teu Unigênito feito carne. Já gozo de paz segura e verdadeira, pois meus olhos viram a tua salvação, teu Filho unigênito feito homem. Vem unido à nossa natureza para dar-lhe a salvação eterna, decretada antes dos séculos no segredo de tua divina sabedoria e misericórdia infinita. Já, Senhor, o preparaste e o puseste diante dos mortais, à luz do mundo. Todos dele poderão gozar, se o quiserem, e receber d'Ele a salvação e a luz que iluminará todo homem no universo; porque Ele é a luz que se há de revelar às nações para glória de Israel, teu povo escolhido.

Testemunho de Ana

600. Maria Ssma. e José ouviram o cântico de Simeão, admirando-se do que dizia, e com tanto espírito. Nesta passagem o Evangelista **(Lc 2, 33)** chama-os pais do menino Deus, porque o fato sucedeu em público, e essa era a opinião do povo. Dirigindo-se atentamente à Mãe santíssima do infante Jesus, prosseguiu Simeão: Adverti, Senhora, que este Menino foi posto para ruína e salvação de muitos em Israel, e como alvo de grandes contradições; vossa alma, toda d'Ele, será transpassada por uma espada, para que se manifestem os pensamentos de muitos corações **(Lc 2, 33 - 34)**.

Até aqui falou Simeão. Sendo sacerdote, abençoou os felizes Pais do Menino. A profetisa Ana também reconheceu o Verbo humanado **(Lc 2, 38)**, e com luz do Espírito Santo falou de seus mistérios aos que esperavam a redenção de Israel. Deste modo, os dois santos anciãos deram público testemunho da chegada do Messias para redimir seu povo.

Os mistérios encerrados na profecia de Simeão

601. Quando o sacerdote Simeão pronunciava as palavras proféticas da paixão e morte do Senhor, subentendidas nas expressões de "espada" e "sinal de contradição", o Menino inclinou a ca-

beça. Com esta reverência e muitos atos interiores de obediência, aceitou a profecia do sacerdote como sentença do eterno Pai, declarada por seu ministro. A amorosa Mãe tudo viu, e com a inteligência de tão dolorosos mistérios, começou desde já a sentir o cumprimento da profecia de Simeão. Desde aquele momento, seu coração já foi transpassado pela espada que a esperava no futuro. Viu como num espelho todos os mistérios encerrados na profecia: Seu Filho santíssimo seria pedra de tropeço e ruína para os incrédulos (**Is 8, 14; 1 Ped 2, 8**), enquanto seria vida para os fiéis; a queda da Sinagoga e a formação da Igreja entre os gentios (**Mt 21, 43**); a vitória de Cristo sobre os demônios e a morte (**Col 2, 15**), à custa, porém, do sacrifício de sua vida nas ignomínias e dores da cruz; a contradição que o infante Jesus, pessoalmente (**Jo 15, 20**) e em sua Igreja, teria de sofrer por parte da multidão dos precitos; por fim, viu também a excelência dos predestinados.

A alma puríssima de Maria, entre o gozo e a dor deste conhecimento, foi elevada em operações perfeitíssimas sobre os mistérios encerrados na profecia de Simeão. Fez eminentes atos, e tudo lhe ficou gravado na memória, sem esquecer um só momento. À vista de seu Filho santíssimo sempre lhe renovava a viva dor e amargura. Mãe, e Mãe de Filho Deus e homem, só Ela sabia realmente sentir o que nós criaturas humanas, de coração ingrato, não o sabemos.

O santo esposo José, ao ouvir estas profecias, também compreendeu muitos dos mistérios da redenção e sofrimentos do amável Jesus. Não lhe foram, porém, manifestados tão copiosa e expressamente como à sua divina Esposa. Diferentes razões havia, e o Santo não presenciaria tudo durante sua vida neste mundo.

Visitas ao Templo

602. Terminada a cerimônia, a grande Senhora beijou a mão do sacerdote e lhe pediu a bênção. O mesmo fez com Ana, sua antiga mestra. O fato de ser Mãe de Deus, dignidade sublime que jamais houve, nem haverá entre todas as mulheres, anjos e homens, não a impedia de fazer atos de profunda humildade.

Voltaram à sua hospedaria com o mesmo acompanhamento dos catorze mil anjos. Como adiante direi, ficaram, por devoção, alguns dias em Jerusalém. Algumas vezes, Maria Ssma. falou com Simeão sobre os mistérios da redenção e das profecias que o sacerdote anunciara. As palavras da prudentíssima Mãe eram poucas, medidas e graves. Ponderadas e cheias de sabedoria, deixaram o sacerdote admirado e com a alma repleta de altíssima e doce consolação. O mesmo aconteceu à santa profetisa Ana, e ambos morreram no Senhor dentro de pouco tempo.

A hospedagem fôra custeada pelo sacerdote, e durante aqueles dias, nossa Rainha freqüentava o templo, nele recebendo novos favores para a consolar da mágoa que lhe causara a profecia do sacerdote. Para que as consolações fossem mais doces, uma vez falou-lhe seu Filho santíssimo: - Mãe caríssima e pomba minha, enxugai vossas lágrimas e dilatai vosso cândido coração, pois é vontade de meu Pai que eu sofra a morte de cruz. Quer que sejais companheira em meus trabalhos e penas. Eu as quero padecer pelas almas, obras de minhas mãos (**Ef 2, 10; Gn 1, 27**), criadas à minha imagem e semelhança. Triunfando de meus inimigos (**Col 2, 15**) quero levá-las a meu reino, para viverem comigo eternamente (**Rom 6, 8**). E tudo isto, vós o desejais também como Eu.

Respondeu a Mãe: Oh! benignísimo amor meu e filho de minhas entranhas, se eu vos acompanhasse, não só para vos assistir com minha presença e compaixão, mas para morrer convosco, sentiria maior alívio. Maior dor me será ficar vivendo, vendo-vos morrer. Nestes exercícios, amorosos e compassivos sentimentos, passaram-se alguns dias, até que São José foi avisado para fugir ao Egito, como direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SSMA.

Aversão pelo sofrimento

603. Minha filha, o exemplo e doutrina do que escreveste te ensina a cons-

tância e magnanimidade de coração, estando preparada para receber o próspero e o adverso, o doce e o amargo com igual semblante. Oh! caríssima, que estreito e mesquinho é o coração humano para aceitar o penoso e contrário a suas terrenas inclinações! Como se rebela com os trabalhos! Com que impaciência os recebe! Como julga insuportável tudo o que se opõe a seu gosto! E como se esquece que seu Mestre e Senhor os sofreu antes (**1Ped 2, 21**), os valorizou e santificou em Si mesmo! É grande vergonha e presunção terem os fiéis aversão ao sofrimento, depois que meu Filho padeceu por eles, pois antes de haver morrido, muitos santos, sem o terem visto, abraçaram a cruz só pela esperança de que nela padeceria o Cristo. Se em todos é tão feia esta falta de correspondência, pondera bem, caríssima, quanto o seria em ti. Tu te mostras ansiosa por alcançar a amizade e graça do Altíssimo e merecer o título de esposa e amiga sua, sendo toda para Ele e Ele para ti. Anelas também ser minha discípula e ter-me como tua mestra, seguindo-me e imitando-me como filha fiel à sua mãe (**Mt 7, 21**). Este desejo não há de consistir só em afetos e palavras, dizendo muitas vezes: Senhor, Senhor, e ao chegar a ocasião de beber o cálice e carregar a cruz dos trabalhos, contristar-te, afligir-te e fugir das penas. São estas que provam a sinceridade do coração afeiçoado e amoroso.

Fortaleza na adversidade

604. Proceder assim, seria negar com as obras o que protestas com promessas, e desviar-te do caminho da vida eterna. Não podes seguir a Cristo se não abraças a cruz (**Mc 8, 34**), e por outro caminho tampouco me acharás. Se as criaturas te faltam, se a tentação te ameaça, se a tribulação te aflige e as dores da morte (**Sl 17, 5**) te cercam, por nenhuma destas coisas te deves perturbar e se mostrar covarde. A meu Filho santíssimo e a mim, muito desagrada que inutilizes sua poderosa graça para defender-te, desperdiçando-a e recebendo-a em vão. Além disto, darás grande triunfo ao demônio, que muito se gloria de perturbar e sujeitar a quem se diz discípula de Cristo e minha. Se começares a fraquejar no pouco, virá a te vencer no muito. Confia, pois, na proteção do Altíssimo e lembra-te que estás por minha conta. Com esta fé, quando chegar a tribulação, responde corajosamente: O Senhor é minha luz e salvação, a quem temerei? (**Sl 26, 1**). É meu protetor, porque andarei flutuando? Tenho Mãe, Mestra, Rainha e Senhora que me ampara e cuidará de minha aflição.

Frutos do sacrifício

605. Nesta segurança, procura conservar a paz interior e não me percas de vista, imitando meu proceder e seguindo minhas pegadas. Lembra a dor que transpassou meu coração nas profecias de Simeão. Nesta pena permaneci sem me alterar, apesar de que a alma e o coração foram transpassados de dor. Em tudo achava motivo para glorificar e reverenciar sua admirável sabedoria. Se com alegre e sereno coração se aceitam os trabalhos e penas transitórias, elas espiritualizam a criatura, elevam-na e lhe comunicam divina ciência da escola do Redentor, escondida aos habitantes da Babilônia, amadores da vaidade (**Mt 11, 25**). Quero também que me imites no respeito pelos sacerdotes e ministros do Senhor, pois agora são investidos de maior excelência e dignidade que na antiga lei, depois que o Verbo divino se uniu à natureza humana e se fez sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque (**Sl 109, 4**). Ouve sua doutrina e ensinamento, dimanados do Senhor em cujo lugar estão. Adverte o poder e autoridade que lhes confere o Evangelho, dizendo: Quem vos ouve a mim ouve, e quem vos obedece a mim obedece (**Lc 10, 16**). Pratica o mais perfeito, como te ensinarão. Tua contínua memória seja meditar o que padeceu meu Filho santíssimo, de tal maneira que tua alma participe de suas dores e te causem tal desgosto e amargura pelas alegrias terrenas, que esqueças e afastes todas as coisas visíveis (**Mt 19, 27**), para seguir o Autor da vida eterna.

CAPÍTULO 21

DEUS PREVINE MARIA SSMA. PARA A FUGA PARA O EGITO, E O ANJO COMUNICA A SÃO JOSÉ.

Novena no templo

606. Quando Maria Ssma. e o glorioso São José voltaram da cerimônia da apresentação do Menino Jesus no templo, resolveram permanecer em Jerusalém por nove dias. Cada dia visitariam o templo e renovariam nove vezes a oferenda da sagrada hóstia de seu Filho santíssimo, que possuíam como em depósito. Seria uma ação de graças pelo singular favor que, entre todas as criaturas, haviam recebido. Com especial devoção, a divina Senhora venerava o número nove, em memória dos nove dias durante os quais foi preparada para a Encarnação do Verbo divino, como ficou dito nos dez primeiros capítulos desta segunda parte. Também pelos nove meses em que O trouxe no seu virginal seio, e assim desejava fazer a novena com seu Menino Deus, oferecendo-o ao eterno Pai como oblação aceitável, pelas elevadas intenções que a grande Senhora tinha em vista.

Começaram a novena, e cada dia iam ao templo antes da hora tércia (8 horas) e ficavam em oração até a tarde. Escolhiam os últimos lugares para receberem aquela merecida honra que o dono do banquete, no Evangelho, ofereceu ao convidado humilde, quando lhe disse: Amigo, sobe mais para cima (**Lc 14, 10**). Assim a mereceu nossa humilíssima Rainha, e assim fez com Ela o eterno Pai, em cuja presença derramava seu espírito (**Sl 141, 3**). Em um daqueles dias, dizia em sua oração.

Oração de Maria

607. Altíssimo Rei, Senhor e Criador universal de tudo o que tem ser. Aqui está em vossa presença divina o pó inútil e cinza a quem unicamente a vossa dignação inefável elevou à graça que ele nem soube, nem pôde merecer. Vejo-me, Senhor, obrigada e compelida pela caudalosa torrente de vossos benefícios, a vos ser agradecida. Mas, que digna retribuição vos poderá oferecer quem, do nada, recebeu de vossa liberalíssima destra o ser e a vida, cumulada de tão incomparáveis misericórdias e favores? Que pode dar em troca, para obséquio de vossa imensa grandeza? Qual a reverência que esteja à altura de vossa majestade? Que dádiva oferecerá à vossa divindade infinita, quem é criatura limitada? Minha alma, meu ser, minhas potências, tudo recebi e recebo de vossas mãos; muitas vezes tudo tenho oferecido e sacrificado à vossa glória. Confesso minha dívida, não só porque tudo me destes, mas ainda mais por causa do amor com que me destes. Principalmente porque, entre todas as criaturas, vossa bondade infinita me preservou do contágio da culpa e me escolheu para dar forma humana a vosso Unigênito. Ele a recebeu de meu seio, sendo Eu filha de Adão, de matéria vil e terrena. Conheço, altíssimo Senhor, esta vossa inefável dignação; a gratidão liquefaz-me o coração, e minha vida se dissolve em afetos de vosso divino amor. Nada tenho para retribuir a tudo o que vosso grande poder realizou com vos-

sa serva. Anima-se, porém, meu coração e se alegra, porque tem para oferecer à vossa grandeza quem é um convosco na mesma substância (**Jo 10, 30**), igual na majestade, perfeições e atributos; é a geração de vosso entendimento, a imagem de vosso mesmo ser, a plenitude de vossa complacência, vosso Filho unigênito e diletíssimo. É esta, eterno Pai e Deus altíssimo, a dádiva que vos ofereço, a hóstia que vos trago, certa de que a aceitareis. Tendo-o recebido Deus, devolvo-o Deus e homem (**Jo 11; Col 1, 15; Mt 17, 5**). Não tenho, Senhor, nem terão as demais

criaturas, outra coisa mais que dar, nem vossa Majestade outro dom mais precioso que lhes pedir. É tão grande que basta para compensar tudo o que tenho recebido. Em seu nome e no meu, ofereço-o e apresento-o à vossa grandeza. Sendo Mãe de vosso Unigênito e tendo-lhe dado carne humana, tornei-o irmão dos mortais. Ele quis ser seu Redentor, a Mim cabe interceder por eles, tomar sua causa por minha conta e suplicar seu remédio.

Ofereço-o, pois, de todo meu coração, a Vós, Pai de meu Unigênito e Deus das misericórdias. Com Ele e por Ele, peço que perdoeis aos pecadores, que derrameis sobre a raça humana vossas antigas misericórdias e renoveis novos prodígios na realização de vossas maravilhas (**Ecli 36, 6**). Eis o leão de Judá transformado em cordeiro, para tirar os pecados do mundo (**Ap 5, 5; Jo 1, 29**). Ele é o tesouro de vossa divindade.

Deus concede a Maria grandes privilégios

608. Estas e outras semelhantes orações e súplicas, fez a Mãe de piedade e misericórdia nos primeiros dias da novena que começou a fazer no templo. A todas respondeu o eterno Pai aceitando-as com a oferenda de seu Unigênito. Recebia-as como agradável sacrifício, enamorando-se sempre mais da pureza de sua Filha única e dileta, em cuja santidade se comprazia.

Em retorno destas súplicas, concedeu-lhe o Senhor grandes e novos privilégios: Tudo quanto pedisse para seus devotos, até o fim do mundo, Ela o obteria; os grandes pecadores, que se valessem de sua intercessão, encontrariam a salvação, na lei evangélica e nova Igreja de Cristo, seu Filho santíssimo; seria sua cooperadora e Mestra, principalmente depois da Ascensão de Jesus ao céu; Ela ficaria seu amparo e o instrumento do poder divino, como direi na terceira parte desta História (1). Outros muitos favores e mistérios comunicou o Altíssimo à divina Mãe, nessa ocasião, os quais não podem ser manifestados com meus limitados termos.

Novos sofrimentos

609. Ao chegar o quinto dia depois da Apresentação, estando a divina Senhora no templo com seu Menino Deus nos braços, revelou-se-lhe a Divindade, ainda que não intuitivamente. Foi toda elevada e cheia do Espírito Santo. Embora já o possuísse, como Deus é infinito em poder e riqueza, nunca dá tanto que não fique ainda o que dar às criaturas.

1 - nº 29

Nesta visão abstrativa quis o Altíssimo preparar sua Esposa para os trabalhos que a esperavam. Confortou-a, dizendo-lhe: Esposa e pomba minha, tuas intenções e desejos são gratos a meus olhos, e neles sempre me deleito. Não podes, contudo, prosseguir os nove dias da devoção que começaste, pois quero que padeças, por meu amor, de outro modo. Para criar teu Filho e salvar sua vida, deixarás teu lar e tua pátria e irás com Ele e José, teu esposo, para o Egito. Lá ficarás

até que Eu ordene outra coisa, porque Herodes planeja a morte do Menino. A viagem será longa, trabalhosa e de muitas incomodidades. Padece-as por Mim, e Eu sempre estarei contigo.

Aceitação de Maria

610. Qualquer outra santidade ou fé poderia se perturbar (como tem acontecido com incrédulos), vendo o Deus poderoso fugir de um homem mísero e terreno, e que para salvar a sua vida humana se afastasse, como se tivesse medo e não fosse Deus.

A prudentíssima e obediente Mãe, todavia, não replicou nem duvidou; não se perturbou, nem se alterou com a impensada novidade. Respondeu: Senhor e dono meu, aqui está vossa serva, de coração preparado para morrer por vosso amor, se for necessário. Disponde de Mim conforme quiserdes. Apenas peço à vossa bondade imensa, que não olhando meus deméritos e ingratidão, não permitais que meu Filho e Senhor seja afligido, mas os trabalhos sejam só para Mim, pois os devo padecer.

Respondeu-lhe o Senhor que, na viagem, obedecesse em tudo a São José. Com isto, saiu da visão durante a qual não perdera o uso dos sentidos, pois tinha nos braços o Menino Jesus. Só a parte superior da alma foi elevada, mas dela redundaram efeitos nos sentidos, deixando-os espiritualizados, indicando que a alma estava mais no que amava, do que onde animava.

O anjo avisa São José para fugir ao Egito

611. Apesar de tudo, o incomparável amor da grande Rainha pelo seu Filho santíssimo, enterneceu-lhe o materno e compassivo coração. Considerando os sofrimentos que, na visão, havia previsto para o Menino Deus, saiu do templo a chorar, mas sem revelar a seu esposo a causa de sua dor. O santo julgou que o motivo era a profecia de Simeão, mas como a amava tanto, e era de temperamento solícito e carinhoso, perturbou-se um pouco, vendo a Esposa tão chorosa e aflita, e que não lhe dizia a causa de sua tristeza. Esta perturbação foi uma razão, entre outras, para que o anjo lhe falasse em sonhos, como acontecera na gravidez da Rainha. Naquela mesma noite, estando São José adormecido, o mesmo anjo lhe apareceu em sonhos, dizendo-lhe o que refere São Mateus **(2, 13)**: Levanta-te, toma o Menino e sua Mãe, e foge para o Egito. Ali ficarás até eu te avisar novamente, pois Herodes procura o Menino para lhe tirar a vida.

No mesmo instante levantou-se o santo esposo, cheio de apreensão e dor, e foi prevenir sua amantíssima Esposa. Aproximando-se donde Ela se encontrava recolhida, disse-lhe: Senhora minha, é vontade do Altíssimo que estejamos aflitos. Seu santo anjo me falou que Sua Majestade ordena fugirmos para o Egito

com o Menino, porque Herodes pretende tirar-lhe a vida. Animai-vos, Senhora, para este sacrifício, e dizei-me o que posso fazer para vosso conforto, pois minha vida pertence ao serviço de nosso querido Menino.

Maria desperta o Menino Jesus

612. Esposo e Senhor meu - respondeu a Rainha - se da mão liberal do Altíssimo recebemos tantos bens de graça, é razão que, com alegria, recebamos os trabalhos temporais (**Jó 2, 10; 17, 3**). Levaremos conosco o Criador do céu e terra. Se Ele nos colocou tão junto a si, que mão terá o poder de nos fazer mal, ainda que seja a de Herodes? (**Jó 27, 3**). Não pode ser desterro onde levamos todo nosso bem, o sumo bem, o tesouro do céu, nosso Senhor, nosso guia e verdadeira luz; Ele é nosso descanso, nossa herança e nossa pátria. Com sua companhia temos tudo, cumpramos sua vontade. Aproximaram-se Maria e José do berço do Menino Jesus adormecido. A divina Mãe descobriu-o mas não o despertou, lembrando-se daquelas ternas e sentidas palavras de sua amada: - Foge, meu querido, sê como o veadinho e o cabrito pelos montes aromáticos. Vem, meu amado, saiamos fora, vamos viver nas vilas (**Cant 7, 11; 8, 14**). Meu doce amor - acrescentou a amorosa Mãe - cordeiro mansíssimo, vosso poder não é limitado pelo dos reis da terra, mas quereis encobri-lo por amor dos mesmos homens. Quem dos mortais pode pensar, bem meu, que vos tirará a vida, pois vosso poder aniquila o deles? Se vós a dais a todos, porque vô-la tirar? (**Jo 10, 10**). Se os procurais para lhes dar a vida eterna, como querem vos dar a morte? Mas quem compreenderá os ocultos segredos de vossa Providência? (**Rom 11, 34**). Senhor e luz de minha alma, permiti-me vos despertar, pois enquanto dormis, vosso coração vela (**Cant 5, 2**).

Partida da Sagrada Família

613. Algumas razões semelhantes a estas, disse também São José. A divina Mãe, de joelhos, despertou e tomou nos braços o divino Infante. Ele, para mais enternecê-la e mostrar-se verdadeiro homem, chorou um pouco, mas logo se calou. Oh! maravilhas do Altíssimo em coisas, por nosso fraco juízo, consideradas sem importância! Maria e José pediram a bênção ao Menino, e este a deu visivelmente. Ajuntando suas pobres roupinhas na caixa em que as tinha trazido, partiram sem demora, um pouco depois de meia-noite. Levaram o jumentinho, no qual a Rainha viera de Nazaré, e apressadamente caminharam para o Egito, como direi no capítulo seguinte.

Concordância dos Evangelhos de S. Mateus e S. Lucas

614. Para concluir este capítulo, foi-me dada a entender a concordância entre os evangelistas São Mateus e São Lucas, sobre este mistério. Como os quatro evangelistas escreveram com a assistência e luz do Espírito Santo, cada qual sabia o que os outros três escreviam, ou deixavam de escrever. Daqui procede que, por divina vontade, determinadas partes e fatos da vida de Cristo, Senhor nosso, e da história evangélica foram escritas por todos. Em outras passagens, uns escreviam o que outros omitiam, como consta do Evangelho de São João e dos demais.

São Mateus escreveu a adoração dos Reis e a fuga para o Egito (**2, 1 e seg.**) que não foi escrito por São Lucas. Este escreveu a Circuncisão, a Apresentação e Purificação (**2, 22 e seg.**), omitidas por São Mateus. Deste modo, São Mateus narra a despedida dos Reis magos e logo em seguida conta que o anjo falou a São José para fugirem ao Egito (**Mt 2, 13**), sem se referir à Apresentação. Disto, porém, não se conclui que não tenham antes apresentado o Menino Deus, pois é certo que assim aconteceu, conforme a narração de São Lucas (**2, 22 e seg.**). De igual modo, em seguida à Apresentação, São Lucas escreve que foram para Nazaré (**2, 39**). Nem por isto se colige que não hajam fugido para o Egito. É indubitável que foram, de acordo com a descrição de São Mateus, embora omitida por São Lucas, que nem antes nem depois falou sobre a fuga, porque já estava escrita por São Mateus (**2, 14**).

Esta aconteceu logo depois da Apresentação, sem que Maria e José tivessem voltado antes à Nazaré. Como São Lucas não ia narrar a fuga, para continuar o fio de sua história, era forçoso referir em seguida à Apresentação a volta a Nazaré. Dizendo que, terminado o que ordenava a lei, voltaram à Galiléia, não negou que foram ao Egito; apenas omitiu o fato e continuou a narração. Do mesmo texto de São Lucas **(2, 39)** se colige que a ida a Nazaré foi depois da volta do Egito, porque diz que o Menino crescia em sabedoria e graça **(Lc 2, 40)**. Isto não podia ser dito antes de terminada a primeira infância, mas só depois dela, quando nos meninos começa a se revelar o uso da razão, época que para Jesus correspondeu à volta do Egito.

A liberdade humana e o mal

615. Também me foi dado a entender, quão estulto tem sido o escândalo dos infieis e incrédulos que começaram a tropeçar nesta pedra angular **(1Ped 2, 8)**, Cristo nosso bem, desde sua infância, por vê-lo fugir ao Egito para se defender de Herodes, como se isto fôra falta de poder e não mistério para fins mais elevados do que apenas defender sua vida da crueldade de um homem pecador. Para aquietar o ânimo bem disposto, bastaria lembrar o que diz o Evangelista: Que se havia de cumprir a profecia de Oséias, que diz em nome do Pai eterno: Do Egito chamei meu Filho **(Mt 2, 15; Os 11, 1)**. Os fins que teve para lá O enviar são muito misteriosos, e sobre isto falarei alguma coisa adiante (2).

Mesmo prescindindo de que todas as obras do Verbo humanado foram admiráveis e cheias de mistérios, ninguém que tenha são juízo pode redargüir ou ignorar a suave providência com que Deus governa as causas segundas, deixando a vontade humana agir segundo sua liberdade **(Ecli 15, 14)**. Por esta razão, e não por falta de poder, permite no mundo tantas injúrias, ofensas, idolatrias, heresias e outros pecados que não são menores que o de Herodes. Consentiu no de Judas e no dos que, pessoalmente, maltrataram e crucificaram o Senhor. Claro está que teria podido impedir tudo isso, mas não o fez. Não só para realizar a Redenção, mas porque operou este bem para nós, deixando os homens agirem com a liberdade da própria vontade. Não lhes recusou a graça e auxílios que convinham à sua divina Providência, para que eles praticassem o bem. Se quisessem, teriam usado a liberdade para o bem, assim como a empregaram para o mal.

Milagres não estão na ordem normal

616. Com esta mesma suavidade de sua providência, dá tempo e espera a conversão dos pecadores, como fez com Herodes. Se Deus usasse de seu poder absoluto, e fizesse grandes milagres para evitar os efeitos das causas segundas, a ordem da natureza seria alterada, e de certo modo se contradiria, pois Ele é o Autor tanto da natureza como da graça. Por este motivo, os milagres são raros, e só para quando existem razões especiais. Deus reservou-os a tempos oportunos, para manifestar seu poder e para que se conheça que é o Autor de tudo, sem dependência das coisas a que deu o ser e dá a conservação. Tampouco se deve admirar que consentisse na morte dos meninos inocentes, degolados por Herodes **(Mt 2, 16)**. Não foi conveniente defendê-los por meio de milagres, pois aquela morte lhes conquistou a vida eterna com abundante prêmio. Esta vale, sem comparação, mais do que a vida temporal que se há de pospor e, se preciso for, perder por aquela. Se todos aqueles meninos vivessem e morressem de morte natural, talvez nem todos se salvariam. As obras do Senhor são justas e santas em tudo, ainda que, de imediato, não compreendamos as razões de sua equidade. Compreenderemos em Deus, quando O virmos face a face.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU, MARIA SSMA.

Gratidão e humildade

617. Minha filha, entre as coisas que, para tua instrução, deves advertir

2 - nº 641

neste capítulo, a primeira seja a humilde gratidão pelos benefícios que recebes, já que sem o mereceres és tão privilegiada e enriquecida com o que meu Filho e Eu fazemos contigo. Muitas vezes Eu repetia o verso de Davi: Que retribuirei ao Senhor por tudo o que me tem dado? **(Sl 115, 12)**. Este sentimento de gratidão inclinava-me a humilhar-me até o pó, julgando-me inútil entre todas as criaturas. Sabendo tu que Eu procedia assim, não obstante ser verdadeira Mãe de Deus, pondera bem qual será tua obrigação quando, com tanta verdade, te deves reconhecer indigna e desmerecedora do que recebes, pobre para o agradecer e pagar. Deves suprir esta insuficiência de tua miséria e fraqueza, oferecendo ao eterno Pai a hóstia de seu Unigênito humanado, especialmente quando o recebes sacramentado em teu peito. Nisto também imitarás a Davi, que depois de perguntar o que daria ao Senhor pelos favores que d'Ele recebera respondia: Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor **(Sl 115, 13)**. Deves operar a salvação **(Filip 2, 12)** fazendo o que a ela conduz: retribuindo com o perfeito proceder, invocando o nome do Senhor **(Sl 73, 12)**, oferecendo-lhe seu Unigênito. Ele é que operou a virtude e a salvação, Ele que a mereceu e pôde ser digna retribuição de tudo quanto o gênero humano e tu, particularmente, recebestes de sua poderosa mão. Eu lhe dei forma humana para conviver com os homens **(Bar 3, 38)** e ser como que propriedade de todos. Por sua vez, Ele se pôs sob as espécies de pão e vinho **(Jo 6, 57)** para se dar mais em particular a cada um. As almas podem com ele se alegrar como coisa sua, e oferecê-lo ao Pai, suprindo por esta oblação o que, sem ela, não lhe poderiam dar. E o Altíssimo se satisfaz com ela, pois não pode querer nem pedir às criaturas outra coisa que lhe seja mais aceitável.

Generosidade no sacrifício

618. Depois desta oblação, lhe é muito aceitável a que as almas lhe oferecem, ao abraçar e tolerar, com igualdade de ânimo, os trabalhos e adversidades da vida mortal **(Sl 87, 16)**. Desta doutrina, meu Filho santíssimo e Eu fomos mestres eminentes. Desde que o concebi em meu seio, Ele começou a ensiná-la, pois logo começamos a peregrinar e sofrer. Quando nasceu, sofremos a perseguição e o exílio a que nos obrigou Herodes, e o sofrimento perdurou até o Senhor morrer na cruz. Depois disto Eu trabalhei até o fim de minha vida, como ao descrevê-la irás conhecendo. Já que tanto padecemos pela salvação das criaturas, quero que nos imites nesta conformidade, como esposa sua e filha minha. Padece com generoso coração e trabalha em aumentar para o Senhor o patrimônio das almas, que lhe é tão precioso por tê-lo comprado com sua vida e sangue. Nunca regateies trabalho, dificuldade, amargura ou dores **(1Cor 6, 20)**, se com isso puderes ganhar para Deus alguma alma, ajudá-la a sair do pecado e melhorar a conduta. Não te amedronte o fato de seres tão inútil e pobre, ou que teu desejo e trabalho tem tão pouco resultado. Tu não sabes como o aceita o Altíssimo e se satisfaz com ele. Pelo menos, deves trabalhar com dedicação e não comer ociosa o pão em sua casa **(Prov 31, 27)**.

CAPÍTULO 22

JESUS, MARIA E JOSÉ PARTEM PARA O EGITO ACOMPANHADOS PELOS ANJOS E CHEGAM À CIDADE DE GAZA.

Partida de Jerusalém

619. Saíram de Jerusalém para seu desterro nossos santos peregrinos, ocultos pela obscuridade e silêncio da noite, mas cheios de cuidado pela prenda do céu que levavam consigo à terra estranha e para eles desconhecida. Se bem, a fé e a esperança os confortassem - pois não podia haver mais firmes e elevadas do que as de nossa Rainha e seu fiel esposo - não lhes evitava o sofrimento, pelo grande amor que tinham ao infante Jesus. Além disso, não sabiam o que poderia acontecer durante tão longa viagem, nem quando terminaria. Como seriam recebidos no Egito? Teriam ali recursos para criar o Menino? E, desde já, não faltariam penalidades para levá-lo tão longe. Apreensões e receios assaltaram o coração dos amantíssimos pais, ao partir tão apressadamente de sua pousada. Consolaram-se, porém, com a assistência dos espíritos celestes; os dez mil, de que falamos acima, apareceram em forma humana visível, com sua beleza e resplendor. Transformaram a noite em claríssimo dia para os divinos caminhantes, e ao saírem das portas das cidades, humilharam-se e adoraram o Verbo humanado nos braços de sua Virgem Mãe. Animaram-na, oferecendo-se para servi-la, e dizendo-lhe que a guiariam no caminho, por onde fosse a vontade do Senhor.

Maria deseja venerar a gruta

620. Ao coração aflito, qualquer alívio parece estimável e este, por ser grande, confortou muito nossa Rainha e seu esposo José. Com grande energia começaram sua caminhada, saindo de Jerusalém pela porta e estrada que ia para Nazaré. A divina Mãe sentiu algum desejo de chegar à gruta do Nascimento, para venerar aquele sagrado lugar e o presépio, o primeiro pouso de seu Filho santíssimo no mundo. Os santos anjos, porém, responderam-lhe ao pensamento, antes d'Ela o manifestar, dizendo-lhe: Rainha e Senhora nossa, Mãe de nosso Criador, convém apressar a viagem e prosseguir o caminho, sem desviá-lo. A partida dos Reis magos, sem voltar a Jerusalém; as palavras do sacerdote Simeão e de Ana, causaram impressão no povo e alguns começaram a dizer que sois a Mãe do Messias; outros que tendes notícias d'Ele; e outros, que vosso Filho é profeta. A respeito dos Reis, que vos visitaram em Belém, correm muitos boatos, e Herodes anda informado de tudo. Mandou que vos procurem e isto será feito com extrema diligência. Por este motivo, o Altíssimo vos ordenou partir à noite e com toda a pressa.

Apressam a viagem

621. Obedeceu a Rainha do céu à vontade do Todo-poderoso, expressa por

seus ministros, os santos anjos. De passagem, fez reverência ao sagrado lugar do nascimento de seu Unigênito, renovando a lembrança dos mistérios que ali se haviam realizado, e dos favores que então recebera. O santo anjo que guardava a gruta, veio-lhe ao encontro em forma visível; adorou o Verbo humanado nos braços da divina Mãe, o que lhe deu novo consolo e alegria. Viu o anjo e com ele falou. Inclinou-se também o afeto da piedosa Senhora a passar por Hebron, pois se desviava muito pouco da direção em que caminhava, e naquela ocasião lá se encontrava sua nossa viagem, e para pôr em seguro seu menino João, porque a crueldade de Herodes não os poupará.

Maria avisa Santa Isabel

622. A Rainha do céu tinha conhecimento da intenção de Herodes para degolar os meninos, embora não a tivesse manifestado. O que neste passo muito me admira é a humildade e obediência de Maria Ssma., tão rara e atenta a tudo: não só obedeceu a São José no que ele ordenava,

prima e amiga Santa Isabel, com seu filho João. São José, porém, mais preocupado e receoso, quis evitar também este desvio e retardamento, e disse à divina Esposa: - Senhora minha, acho muito importante não nos atrasarmos nem um momento, mas sim nos apressarmos o mais possível, para nos afastarmos do perigo. Convém, portanto, que não passemos por Hebron, onde nos procurarão mais facilmente do que em outra parte. - Seja como quereis - respondeu a humilde Rainha. Permiti-me, então, pedir a um destes espíritos celestes, ir avisar minha prima Isabel do motivo de mas também no que dizia respeito somente a Ela, em mandar o anjo a Santa Isabel. Não quis fazer isso sem a vontade e obediência de seu esposo, ainda que podia comunicar-se e ordenar ao anjo mentalmente.

Confesso minha confusão e negligência, pois na fonte puríssima das águas que contemplo, não sacio minha sede, nem me aproveito da luz e exemplo que n'Ela me é apresentado. Exemplo vivo, forte, suave e doce para atrair e obrigar a todos a renunciar sua própria e imperfeita vontade.

Com permissão de seu esposo, nossa grande Mestra enviou um dos principais anjos que os assistiam, para levar à Santa Isabel notícia do que se passava. Superior aos anjos, nesta ocasião informou mentalmente a seu mensageiro o que deveria dizer à santa matrona e ao menino João.

Santa Isabel auxilia a sagrada Família

623. Foi o santo anjo à feliz e bendita Isabel e, conforme as ordens de sua Rainha, informou-a de tudo o que convinha. Contou-lhe como a Mãe do Senhor ia com seu Filho, fugindo para o Egito da perseguição de Herodes que o procurava para tirar-lhe a vida; disse-lhe que assegurasse a vida de João e o escondesse; declarou-lhe ainda outros mistérios do Verbo humanado, como lhe ordenara a divina Mãe.

Encheu-se Santa Isabel de admiração e gozo por esta embaixada, e perguntou ao santo anjo se alcançaria os viajantes no caminho, para adorar o infante Jesus e ver sua ditosa Mãe. O santo anjo desvaneceu-lhe a esperança, dizendo que seu Rei e Senhor e sua feliz Mãe já estavam longe de Hebron, e não convinha retardá-los. A Santa, sentida e cheia de ternura, enviou muitas lembranças para Filho e Mãe, e o mensageiro voltou com a resposta à Rainha. Sem tardar, Santa Isabel despachou um portador, com toda diligência, ao encalço dos divinos caminhantes. Enviou-lhes dinheiro, víveres e pano para roupinhas do Menino, prevenindo as necessidades que iriam encontrar em terra desconhecida. Alcançou-os o portador na cidade de Gaza, que dista de Jerusalém, mais ou menos, vinte horas de caminhada. Encontra-se às margens do rio Besor, na estrada que vai da Palestina para o Egito, não longe do mar Mediterrâneo.

A sagrada Família descansa em Gaza

624. Em Gaza, descansaram dois dias, pois São José fatigara-se bastante, como também o jumentinho que conduzia a Rainha. Dali despediram o criado de Santa Isabel. José o advertiu que não dissesse a ninguém onde os havia encontrado. Com maior cuidado, preveniu Deus esse perigo: tirou da memória daquele homem o que São José lhe recomendou calar, e só se lembrou da resposta que devia dar a Santa Isabel.

Com o presente recebido, Maria Ssma. preparou um banquete aos pobres, pois, sendo sua Mãe, não os podia esquecer. Com os tecidos fez uma cobertinha para agasalhar o Menino Deus, e para São José outra capa apropriada para a viagem e o tempo. Preveniu ainda outras coisas que podiam levar em sua pobre bagagem. O que a prudentíssima Senhora podia fazer com sua previdência e trabalho, para o sustento de seu Filho e São José, não pretendia obter por milagres. Agia de acordo com a ordem natural e comum, até onde chegavam suas possibilidades.

Durante os dias que permaneceram naquela cidade, Maria Ssma. operou alguns prodígios, para não a deixar sem grandes bens. Livrou dois enfermos do perigo de morte, dando-lhes saúde; curou uma paralítica; nas almas de muitos que a viram e com Ela falaram, comunicou santas influências para conhecerem a Deus e mudarem de vida. Todos sentiram grandes impulsos de louvar ao Criador, mas a ninguém revelou sua pátria e a razão de sua viagem. Se isto, mais a notícia de seus milagres ficassem conhecidos, poderia acontecer que as diligências de Herodes os descobrissem.

Maria contempla a divindade de seu Filho

625. Para manifestar o que me foi dado a conhecer sobre os atos praticados pelo infante Jesus e sua Virgem Mãe durante a viagem, faltam-me dignas palavras e ainda mais a devoção e peso que pedem tão admiráveis e ocultos sacramentos.

Os braços de Maria puríssima sempre serviam de delicioso leito ao novo e verdadeiro rei Salomão (**Cant 3, 7**). Contemplando Ela os segredos daquela humanidade e alma santíssima, acontecia às vezes alternarem Mãe e Filho doces colóquios e cânticos de louvor. Ele começava, e ambos prosseguiam exaltando o

infinito ser de Deus, com seus atributos e perfeições. Para isto, dava sua Majestade à Mãe Rainha nova luz e visões intelectuais. Por elas conhecia o mistério altíssimo da unidade de essência da trindade das Pessoas; as operações ad-intra da geração do Verbo engendrado por obra do entendimento, e o Espírito Santo inspirado por obra da vontade. Não há ali sucessão de antes ou depois; tudo é atual na eternidade, embora nós o descrevamos segundo nosso modo de conhecer, pela duração sucessiva do tempo. Entendia também a grande Senhora como as três Pessoas se compreendem reciprocamente com um mesmo entender, e como conhecem a pessoa do Verbo unida à humanidade, e os efeitos que nela resultam da união com a divindade.

Maria contempla a Humanidade de seu Filho

626. Com esta ciência elevada, descia da divindade à humanidade. Compunha novos cânticos em louvor e agradecimento à divindade, por haver criado aquela humanidade santíssima com alma e corpo perfeitíssimos: a alma cheia de sabedoria, graça e dons do Espírito Santo na maior plenitude e abundância possíveis; o corpo puríssimo, de compleição e proporções perfeitas em sumo grau. Em seguida, contemplava os excelentes e heróicos atos de suas potências. Reproduzia-os pela imitação, e passava a bendizê-lo e dar-lhe graças por tê-la feito Mãe sua, concebida sem pecado, escolhida entre milhares, exaltada e enriquecida com todos os favores e dons de sua destra poderosa, cabíveis em pura criatura. Na exaltação e glória destes e de outros sacramentos neles encerrados, Filho e Mãe falavam o que não pode ser traduzido por língua de anjo, nem pode ser cogitado por pensamento de nenhuma criatura. A tudo atendia a divina Senhora, sem faltar ao cuidado de abrigar o Menino, dar-lhe o leite três vezes ao dia e de afagá-lo como Mãe, mais amorosa e solícita do que todas as mães reunidas.

Colóquios entre Mãe e Filho

627. Outras vezes lhe dizia: Meu querido Filho, dai-me licença para vos perguntar e manifestar meu desejo, ainda que vós, Senhor meu, o conheceis. Para eu ter o consolo de ouvir vossas palavras, dizei-me, vida de minha alma e luz de meus olhos, se vos cansa a viagem e se vos afligem as inclemências da atmosfera. Que posso fazer para vos servir e aliviar de vossas penas? Respondeu o Menino Deus: - Os sacrifícios, minha Mãe, e o cansar-me por amor de meu Pai eterno e dos homens, a quem venho ensinar e redimir, se me tornam fáceis e muito agradáveis, e mais ainda em vossa companhia.

Algumas vezes o Menino chorava, com serena gravidade de adulto. Aflita, a amorosa Mãe logo procurava o motivo e contemplando o íntimo de seu Filho, entendia que eram lágrimas de amor e compaixão, pela salvação dos homens e pelas suas ingratidões. Acompanhava-o nessa dor e pranto, como compassiva rola, e como piedosa Mãe o afagava e beijava com incomparável reverência. O feliz José, muitas vezes participava nestes divinos mistérios e sua luz aliviava-lhe o cansaço do caminho. Outras vezes falava com sua Esposa, perguntando-lhe como se sentia, e se desejava alguma coisa para si ou para o Menino. Aproximando-se deste, beijava-lhe os pés adorando-o, e algumas vezes tomava-o nos braços. Com estas doces consolações, o grande Patriarca se confortava dos incômodos da caminhada. Sua divina Esposa o encorajava, atendendo a tudo com magnânimo coração. Sua vida interior não se embaraçava com o cuidado das coisas visíveis, nem estas impediam seus elevados pensamentos e frequentes afetos, porque em tudo era perfeitíssima.

DOUTRINA DA DIVINA MÃE E SENHORA

Rezar pelos que nos perseguem

628. Minha caríssima filha, para exercitares, como quero de ti, a ciência e imitação do que escreveste, sirvam-te de exemplo os afetos que a luz divina produ-

zia em mim, quando via meu Filho santíssimo sujeitar-se voluntariamente ao furor desumano dos maus. Assim aconteceu com Herodes, na ocasião em que tivemos que fugir de sua ira, e mais tarde aos brutais ministros dos pontífices e magistrados. Em todas as obras do Altíssimo resplandece sua grandeza, bondade e sabedoria infinita. O que, porém, mais admirava meu entendimento, era quando conhecia ao mesmo tempo, com luz altíssima, o ser de Deus na pessoa do Verbo unida à humanidade, e que meu Filho santíssimo era o Deus eterno, poderoso, infinito, criador e conservador de tudo. Dele dependia a vida e o ser daquele iníquo rei e, no entanto, a humanidade santíssima pedia e rogava ao Pai para que desse, ao mesmo tempo, inspirações, auxílios e muitos bens ao seu perseguidor. Sendo-lhe tão fácil castigá-lo, não só não o fez, mas com súplicas alcançou que não fosse punido quanto merecia sua malícia. Não obstante haver-se finalmente perdido, como reprovado e obstinado, recebeu menor pena que lhe dariam, se meu Filho santíssimo não tivesse rogado por ele. Quanto aqui se encerra de incomparável misericórdia e mansidão de meu Filho santíssimo, Eu procurei imitar, pois me ensinava com obras o que depois admoestaria com exemplo, palavras e prática do amor aos inimigos (**Mt 5, 44; Lc 23, 34**). Quando eu via que escondia e dissimulava seu poder infinito e, sendo leão invencível (**Is 5, 29**), se abandonava como cordeiro humilde e mansíssimo (**Jer 11, 19**) ao furor de lobos carniceiros, meu coração se desfazia (**Sl 72, 26**) e minhas forças desfaleciam pelo desejo de amá-lo, imitá-lo e segui-lo em seu amor, caridade, paciência e mansidão.

Exemplo de Cristo e Maria

629. Proponho-te este exemplo, para o teres sempre presente e entenderes como e até onde deves sofrer, perdoar e amar a quem te ofender, pois nem tu nem as demais criaturas são inocentes; pelo contrário, tendes muitas e graves culpas para merecer tais ofensas. Se, por meio das perseguições consegues o grande bem desta imitação, que razão haverá para não as apreciares por grande felicidade? E porque não amarás a quem te proporciona praticar a suma perfeição? Não serás agradecida a este favor, julgando teu benfeitor e não inimigo, a quem te dá oportunidade do que tanto te importa? Com o exemplo que te foi proposto, não terás desculpa de nisto faltar, pois a divina luz te permite contemplá-lo, entender e penetrar como se fosse presente.

Fuga para o Egito

CAPÍTULO 23

JESUS, MARIA E JOSÉ PROSSEGUEM A VIAGEM DE GAZA ATÉ HELIÓPOLIS, NO EGITO.

A sagrada Família parte de Gaza para Heliópolis

630. Em Gaza permaneceram nossos peregrinos três dias e, desta cidade, partiram para o Egito. Deixando os povoados da Palestina, adentraram-se pelo arenoso deserto de Bersabé, tendo que percorrer sessenta léguas, ou mais, em região desabitada, até chegar na cidade de Heliópolis, agora Cairo, do Egito. Neste deserto andaram alguns dias em caminhadas mais curtas, tanto pela dificuldade de se locomoverem em terreno tão arenoso, como por falta de abrigo e sustento. Entre os muitos fatos que lhes ocorreram nesta solidão, referirei alguns, e por estes se fará idéia dos outros, não sendo preciso falar de todos. Para se entender o muito que Maria, José e o infante Jesus padeceram nessa viagem, deve-se saber que o Altíssimo não lhes evitou as penalidades desse desterro. A divina Senhora padecia-as com serenidade, mas apesar de não perder a paz, muito sofreu. O mesmo se diga de seu fidelíssimo esposo. Ambos suportaram, fisicamente, muitas incomodidades. Maiores, porém, foram as do coração: Maria sofrendo por seu Filho e São José, e este pelo Menino e pela Esposa, sem meios de os poder remediar.

A travessia do deserto

631. Nas sessenta léguas daquele deserto desabitado, era forçoso passar as noites ao relento. Era inverno, no mês de fevereiro, pois começaram a viagem seis dias depois da Purificação, conforme se disse no capítulo passado, (1). Na primeira noite que passaram naqueles descampados, o único recurso que encontraram foi encostar-se na falda de um montículo. A Rainha do céu, com seu Menino nos braços, sentou-se no chão, descansaram um pouco e cearam o que tinham trazido de Gaza. A Imperatriz do céu amamentou seu Filhinho que, com aprazível semblante, consolou a Mãe e seu esposo. São José, com sua capa e uns paus, improvisou uma pequena e humilde tenda de campo, para abrigar do sereno o Verbo divino e Maria Ssma.

Nessa noite, os dez mil anjos que, admirados, assistiam aos santos peregrinos, formaram corpo de guarda a seu Rei e Rainha. Em forma humana e visível, rodearam-nos num círculo. Viu a grande Senhora que seu Filho santíssimo oferecia ao eterno Pai aquele sofrimento e desamparo, por Si, pela divina Mãe e por São José. Acompanhou-o a Rainha nessa oração e noutros atos, a maior parte da noite. O Menino Deus dormiu um pouco em seus braços, mas Ela permaneceu em colóquios com o Altíssimo e seus anjos. São José recostou-se no chão, com a cabeça sobre a pequena caixa da pobre roupa que levavam.

Falta de alimento

632. No dia seguinte prosseguiram o caminho, mas logo veio a terminar o far-

1 - Acima nros. 609, 613

nel de pão e algumas frutas que traziam. A Senhora do céu e terra, e ainda mais seu santo esposo, chegaram à extrema necessidade de padecer fome. Num dos primeiros dias, ao chegar às nove da noite, ainda não tinham tomado nenhum alimento, depois do cansaço da caminhada, quando a natureza mais necessitava de se restaurar. Como era humanamente impossível acudir esta necessidade, a divina Senhora dirigiu-se ao Altíssimo dizendo: Deus eterno, grande e poderoso, dou-vos graças e vos bendigo pelas magníficas obras de vosso beneplácito. Sem que o tenha merecido, só por vossa benignidade, destes-me o ser e a vida, e me tendes conservado e elevado, sendo Eu pó e inútil criatura. Por todos estes benefícios, não vos dei digna retribuição. Como pedirei para mim o que não posso retribuir? Mas, Senhor e Pai meu, olhai vosso Unigênito e concedei-me com que alimentar sua vida natural, e também a de meu esposo, para que ele sirva a Vossa Majestade, e Eu à vossa Palavra **(Jo 1, 14)** encarnada pela salvação humana.

Tempestade e proteção dos anjos

633. Para que estes clamores da amorosa Mãe procedessem de maior tribulação, permitiu o Altíssimo aos elementos que a afligissem, além da fome, cansaço e desamparo. Desabou um temporal com chuva e vento, que os cegava e fatigava muito. A piedosa Mãe se afligia mais pelo cuidado de seu Menino Deus, tão delicado e tenro, que ainda não contava cinquenta dias. Cobriu-o e abrigou-o o quanto pôde, mas não pôde evitar que, como verdadeiro

homem, ele sentisse a inclemência da atmosfera. Pôs-se a chorar e tiritar de frio, como o faria qualquer criança. Usando, então, o poder de Rainha das criaturas, a solícita Mãe ordenou aos elementos que não ofendessem seu Criador. Que lhe servissem de abrigo e refrigério, enquanto com Ela podiam continuar seu rigor.

Assim aconteceu, como nas outras vezes que acima relatei (2), por ocasião do nascimento e da viagem a Jerusalém. Logo o vento se amainou e cessou a borrasca, deixando de atingir Filho e Mãe. Em recompensa deste amoroso cuidado, o Menino Jesus mandou os anjos que abrigassem à sua Mãe amantíssima e lhe servissem de cortina para a abrigar do rigor da atmosfera. Imediatamente obedeceram e formando um globo de resplendor muito denso e extremamente belo, nele encerraram seu Deus humanado, à Mãe e seu esposo. Ficaram assim mais guarnecidos e abrigados do que se estivessem nos ricos palácios e com os agasalhos dos grandes do mundo. Desta milagrosa proteção gozaram outras vezes naquele deserto.

Manjares milagrosos

634. Faltava-lhes, entretanto, a comida, e com humanos meios era impossível prover essa necessidade. Deixou-os o Senhor chegar a esse extremo, mas atendendo às justas súplicas de sua Esposa, os acudiu por mãos dos anjos. Trouxeram-lhes pão suavíssimo, belas e maduras frutas, e um dulcíssimo licor. Serviram-nos e depois, todos juntos, entoaram cânticos de ação de graças, louvando ao Senhor que dá alimento a toda criatura **(Sl 135, 25)** em tempo oportuno, para que os pobres comam e fiquem saciados **(Sl 21, 27)**, pois os olhos e esperança deles repousam sobre sua real providência e prodigalidade **(Sl 144, 15)**. Estes foram os delicados manjares da mesa do Senhor, com os quais Ele regalou seus três peregrinos, no deserto de Bersabé **(3Rs 19, 3 - 6)**. Neste mesmo deserto, Elias, fugindo de Jezabel, foi confortado com o pão subcinerício, que lhe trouxe o anjo do Senhor, a fim de poder chegar até o monte Horeb. Mas, nem este pão, nem o que antes, milagrosamente, lhe fôra servido, com carne, pelos corvos, de manhã e à tarde, junto à torrente de Carith; nem o maná caído do céu para os israelitas **(Ex 16, 13; Sl 77, 24 - 25)**, ainda que foi chamado pão dos anjos; nem as codornizes a eles trazidas pelo vento áfrico **(Ex 13, 26)**; nem o pavilhão de nuvem **(Nm 10, 34)** com que eram refrigerados; - nenhum destes alimentos e favores se podem comparar com tudo o que fez o Senhor, nesta viagem, pelo seu Unigênito humanado e por sua divina Mãe e esposo.

Estes benefícios não eram para alimentar um profeta e um povo ingrato, mas sim para sustentar ao próprio Deus feito homem e à sua verdadeira Mãe. Tinha a finalidade de conservar a vida natural, da qual dependia a vida eterna de toda a raça humana. Se este manjar divino era de acordo com a excelência dos convidados, o agradecimento também correspondia à grandeza do benefício. - Para que tudo fosse mais oportuno, sempre permitia o Senhor que a necessidade chegasse ao extremo e exigisse o socorro do céu.

Deus não desampara seus filhos

635. Alegrem-se com este exemplo os pobres, não se desanimem os famintos e tenham esperança os desamparados. Ninguém se queixe da divina Providência, por aflito e necessitado que se encontre. Quando o Senhor faltou a quem n'Ele espera **(Sl 17, 31)**? Quando virou seu paternal rosto a seus filhos pobres e sofredores? Somos irmãos de seu Unigênito humanado **(Rom 8, 29)**, filhos e herdeiros **(idem v. 17)** de seus bens, e também filhos de sua Mãe piedosíssima. Ó filhos de Deus e de Maria Ssma., como desconfiais de tais pais em vossa pobreza? Porque recusais a eles essa glória, e a vós o direito de que vos alimentem e socorram? Ide, ide com humildade e confiança, que os olhos de vosso Pai vos olham **(Sl 10, 5)**, seus ouvidos ouvem o clamor de vossa necessidade, e as mãos desta Senhora estão estendidas para o pobre **(Prov 31, 20)** e abertas ao necessitado. E vós, ricos do mundo, porque confiais apenas em

2 - nº 543, 544, 590

vossas riquezas incertas (**1Tim 6, 17, 9, 10**), com perigo de perder a fé e comprar, à vista, gravíssimos cuidados e dores, como vos ameaça o Apóstolo? Em vossa cobiça, não vos mostrais nem vos considerais filhos de Deus e de sua Mãe. Ao contrário, negais essa filiação pelas vossas obras e vos reputais filhos bastardos de outros pais. O filho legítimo só confia no cuidado e amor de seus verdadeiros pais. Ofende-los-ia se pusesse sua esperança em outros estranhos, quanto mais nos inimigos! Na divina luz vejo esta verdade que a caridade me obriga a dizer.

A homenagem das aves

636. O Altíssimo Pai não cuidava só de alimentar nossos peregrinos, mas também de recreá-los sensivelmente para lhes aliviar o sacrifício da caminhada e a prolongada solidão. Algumas vezes, quando a divina Mãe sentava-se no solo para descansar com seu Menino Deus, acontecia que vinham das montanhas numerosas aves, como em outra ocasião eu disse (3). Recreavam-na com a variedade de suas plumagens e com a suavidade de seus gorjeios, enquanto pousavam nos ombros e nas mãos da Senhora, alegrando-se com Ela. A prudentíssima Rainha as acolhia e convidava a reconhecerem seu Criador, entoando-lhe cânticos de reverência e agradecimento por tê-las criado tão belas, vestidas de plumas, podendo gozar do ar e da terra, cujos frutos lhes serviam de alimento e conservação da vida. Obedeciam as aves, com meneios e alegre canto. Mais doce e sonora para o Menino Jesus era a voz da amorosa Mãe que o louvava, bendizia-o e reconhecia por seu Deus, seu Filho e Autor de todas as maravilhas. Nestes colóquios, tão cheios de suavidade, participavam também os santos anjos, alternando com a grande Senhora e as singelas avezinhas. O conjunto produzia uma harmonia mais espiritual do que sensível, e de admirável sintonia para a criatura racional.

Colóquios entre Mãe e Filho

637. Outras vezes a divina Princesa conversava com o Menino e lhe dizia: Amor meu e luz de minha alma, como poderei aliviar vosso cansaço? Que farei para vos tornar menos penoso este caminho tão árduo? Como quisera vos levar, não em meus braços mas em meu coração, como em macio leito onde não sentísseis desconforto! Respondia o doce Jesus: Minha Mãe querida, vou muito bem em vossos braços, descansado em vosso peito, deliciado com vossos afetos e acariciado por vossas palavras.

Noutras ocasiões, Filho e Mãe mantinham, interiormente, colóquios tão elevados e divinos que não cabem em nossas palavras. O santo esposo José participava em muitos destes mistérios e consolações. Com isto o caminho se lhe tornava fácil, esquecendo sua fadiga. Sentia a suavidade e doçura daquela presença, ainda que não sabia nem ouvia o Menino falar com a Mãe. Este privilégio era somente para Ela, conforme eu disse acima (4). Deste modo, prosseguiam nossos exilados a viagem para o Egito.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SSMA., SENHORA NOSSA

A confiança gera o amor

638. Minha filha, assim como os que conhecem o Senhor sabem esperar n'Ele (**Sl 9, 11**), os que não esperam em sua bondade e amor imenso não o conhecem perfeitamente. À falta de fé e esperança segue-se a falta do amor. Em conseqüência, amam aquilo em que confiam com alto conceito e estimação (**Mt 6, 21**). Neste erro consiste todo dano e ruína dos mortais, pois da bondade infinita que lhes deu e conserva a existência fazem tão baixo conceito que não sabem pôr em Deus toda sua confiança. Faltando-lhes esta, falta-lhes também o amor a Deus. Põem-no nas criaturas, apreciando nelas o que apetecem: o poder, as riquezas, o fausto e a vaidade. Poderiam os fiéis corrigir este

3 - nº 185

4 - nº 577

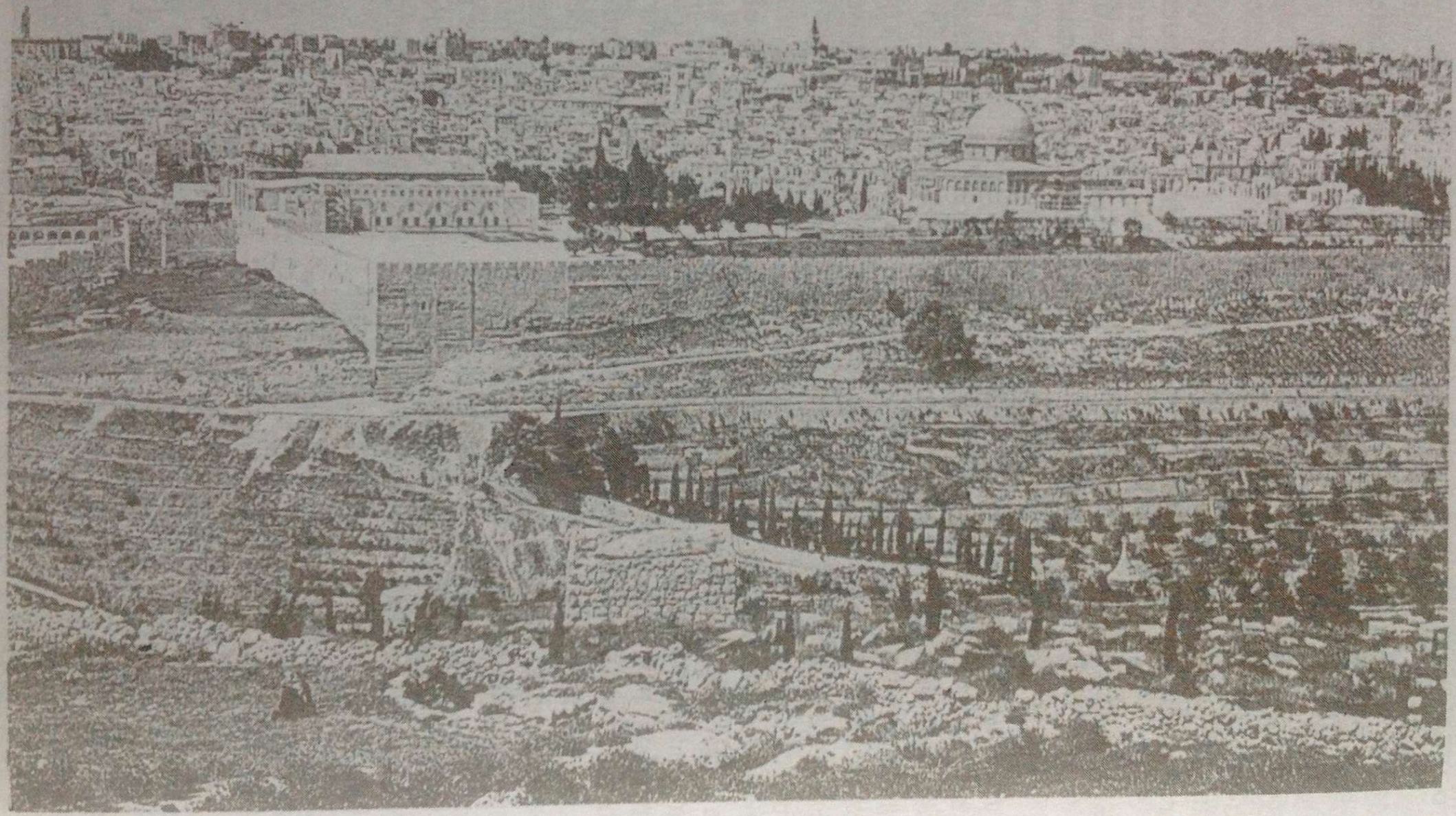
engano, mediante a fé e esperança infusas, porém deixam-nas mortas e inativas e sem usá-las rebaixam-se à coisas vis. Uns esperam nas riquezas, se as tem (**Sl 51, 9; Ecle 5, 9; Prov 28, 8**). Outros as cobiçam, se não as possuem. Há os que as procuram por caminhos e meios perversos, e os que confiam nos poderosos (**Sl 145, 3**), bajulando-os com lisonjas e aplausos. Assim, vem a ser mui poucos os que ficam para merecer a cuidadosa providência do Senhor, confiando n'Ele, tendo-o por Pai que vela pelos filhos, alimenta-os e conserva-os sem desamparar a nenhum na necessidade.

Bajulação e cobiça

639. Este engano tenebroso deu ao mundo tantos amadores e o encheu de avareza e concupiscência, contra a vontade e gosto do Criador. Fez os homens desatinarem naquilo que desejam, ou pelo menos deviam desejar. Todos afirmam que desejam as riquezas e bens temporais para prover suas necessidades, e falam assim porque não deveriam querer senão isso. Na realidade, porém, muitos mentem, porque apetecem não o necessário mas o supérfluo, não para servir à natural precisão, mas para satisfazer a soberba do mundo. E, quando desejassem apenas aquilo que realmente necessitam, seria desatino pôr a confiança nas criaturas e não em Deus que, com inefável providência, acode até aos filhos dos corvos (**Sl 146, 9**), como se seus grasnidos fossem clamores dirigidos ao Criador. Com esta segurança, não tive o que temer em meu desterro e prolongada peregrinação e, porque confiava no Senhor, sua providência acudia no momento do aperto. Tu, minha filha, que conheces esta grande providência, não te aflijas demasiado nas necessidades. Não faltes a tuas obrigações para procurar os meios de socorrê-las, não confies em diligências humanas, nem em criaturas. Tendo feito o que te compete, o meio eficaz é confiar no Senhor, sem te alterar ou perturbar. Espera com paciência, pois ainda que tarde um pouco, o socorro sempre chegará no tempo mais conveniente e oportuno (**Sl 144, 15**), quando melhor se manifeste o paternal amor do Senhor. Assim sucedeu comigo e meu esposo, em nossa necessidade e pobreza.

Avareza

640. Os que não sofrem com paciência e não querem padecer necessidade; os que recorrem a cisternas rachadas (**Jer 2, 13**), confiando na mentira e nos poderosos; os que não se satisfazem com o moderado e apetecem, com ardente cobiça, o que não lhes é necessário para a vida; os que tenazmente guardam o que tem para que não lhes falte, negando aos pobres a esmola que lhes é devida - todos estes podem temer, com razão, que lhes faltará aquilo que não podem pretender da Providência divina, se ela fosse tão escassa em dar, como eles em esperar dela e em ajudar, por seu amor, ao necessitado. O verdadeiro Pai que está nos céus faz nascer o sol sobre os justos e injustos (**Mt 5, 45**), manda a chuva para os bons e maus, e acode a todos dando-lhes vida e alimento. Os benefícios são comuns a bons e maus, mas dar maiores bens temporais a uns e recusá-los a outros não é regra do amor que Deus lhes tem, porque para seus escolhidos e predestinados prefere a pobreza (**Tg 2, 5**). Isto para que adquiram maiores merecimentos e recompensa, e não se enredem no amor dos bens temporais, pois são poucos os que sabem usá-los bem e possui-los sem desordenada cobiça. Não havia este perigo para Mim e meu Filho santíssimo e, não obstante, quis o Senhor, pelo exemplo, ensinar aos homens esta divina ciência, da qual depende a vida eterna.



Jerusalem atualmente

CAPÍTULO 24

JESUS, MARIA E JOSÉ CHEGAM À CIDADE DE HELIÓPOLIS NO EGITO, E OS PRODÍGIOS QUE ENTÃO ACONTECERAM.

Chegada ao Egito

641. Já aludi acima (1) que a fuga do Verbo humanado teve outros mistérios e mais altos fins, do que apenas escapar de Herodes e defender-se de sua crueldade. O fato serviu de ocasião para o Senhor ir ao Egito e aí operar os prodígios vaticinados pelos antigos Profetas **(Ez 30, 13; Os 11, 1; Is 19, 4)**, principalmente Isaias. Disse este que o Senhor, sobre uma leve nuvem, entraria no Egito; ante sua face se abalariam os ídolos desse país; o coração dos egípcios se perturbaria, e outras coisas contidas naquela profecia, e que sucederam na época do nascimento de Cristo, nosso Senhor.

Omitindo o que não pertence a meu intento, digo que Jesus, Maria e José, prosseguindo a peregrinação no modo que fica descrito, chegaram às terras do Egito. Guiados pelos anjos, por ordem do Senhor, antes de se estabelecerem em Heliópolis, fizeram algumas voltas por outros muitos lugares, onde o Senhor queria realizar prodígios e benefícios a favor do Egito. Por este motivo, gastaram mais de cinquenta dias nessas caminhadas e, desde Belém ou de Jerusalém, percorreram mais de duzentas léguas. Por outro caminho mais direto, não teria sido necessário caminhar tanto até chegar a seu novo domicílio.

1 - nº 615

Idolatria no Egito

642. Eram os egípcios muito dados à idolatria e às superstições que a acompanham, e até os pequenos lugares daquele país se encontravam cheios de ídolos. Para muitos destes, havia templos onde se estabeleciam diversos demônios. Os infelizes moradores vinham adorá-los, com sacrifícios e cerimônias inspiradas pelos mesmos demônios. Estes davam respostas e oráculos às perguntas e consultas que aquela gente, estulta e supersticiosa, seguia cegamente. Com estes enganos, viviam tão iludidos e presos à adoração do demônio que era necessário o braço forte do Senhor **(Lc 1, 51; Is 51, 9)**, o Verbo feito homem, para libertar aquele povo desamparado e tirá-lo da opressão em que Lúcifer os mantinha, opressão mais dura e perigosa do que a que os próprios egípcios tinham imposto ao povo de Deus **(Ex 1, 11)**. Para vencer o demônio, para iluminar os que viviam na região e sombras da morte **(Lc 1, 79)** e para que aquele povo visse a grande luz, descrita por Isaias **(9, 2)**, determinou o Altíssimo que o sol de justiça, Cristo **(Ml 4, 2)**, após alguns dias de seu nascimento, aparecesse no Egito nos braços de sua felicíssima Mãe. Por este motivo foi peregrinando e rodeando a terra, a fim de clareá-la toda com a virtude de sua divina luz.

Os templos dos ídolos não resistem à presença de Cristo

643. Chegaram, pois, o infante Jesus com sua Mãe e São José, às povoações do Egito. Quando nelas entrava o Menino Deus, nos braços de sua Mãe, elevava os olhos ao céu e, de mãos juntas, rezava ao Pai pela salvação daqueles habitantes escravizados ao demônio. Usando de seu real poder divino, expulsava os que estavam nos ídolos e os precipitava ao abismo. Semelhantes aos raios quando faíscam nas nuvens, fugiam descendo até o mais fundo das tenebrosas cavernas infernais

(Lc 10, 18). Ao mesmo tempo, com grande fragor caíam os ídolos, desmoronavam os templos e se destruíam os altares da idolatria. A divina Senhora sabia a procedência da causa de tão prodigiosos efeitos e acompanhava as orações do Filho, em tudo cooperando com Ele na salvação humana. São José também conhecia que eram obras do Verbo feito homem, e com santa admiração o bendizia e louvava. Os demônios, porém, apesar de sentirem a força do poder divino, não sabiam donde partia aquela virtude.

Maria instrui os pagãos

644. Tão inesperada novidade espantava os pagãos. Entre os mais sábios existia certa tradição, desde o tempo em que Jeremias esteve no Egito **(Jer 43, 8 - 13)**, de que um Rei dos judeus viria a este país, e então seriam destruídos os templos dos ídolos do Egito. Desta vinda, porém, o povo nada sabia e os sábios também ignoravam como iria acontecer. O medo e a confusão assaltou a todos, e o temor e a perturbação era geral, conforme profetizara Isaias **(Is 9, 1)**. Indagavam uns aos outros o motivo de tal ocorrência, e alguns se dirigiam à nossa grande Rainha e a São José. Curiosos por ver os forasteiros, falavam-lhes da ruína dos templos e dos deuses que adoravam. Aproveitando a oportunidade, a Mãe da sabedoria começou a instruir aqueles povos, dando-lhes notícias do verdadeiro Deus. Ensinou-lhes que só Ele era Deus, Criador do céu

e da terra (**Ecli 1, 8; Is 37, 16**), o único que devia ser adorado e reconhecido como Deus (**Deut 6, 13**). Os outros deuses eram falsos e mentirosos (**Bar 6, 44**) e não se distinguiam da madeira, do barro ou do metal de que eram feitos; não tinham olhos, ouvidos nem poder algum. Seus fabricantes, assim como os fizeram, podiam destruí-los, e qualquer homem era mais nobre e tinha mais poder do que eles. As respostas que davam eram dos demônios que neles estavam, mentirosos, enganadores, sem verdadeiro poder, porque só Deus é verdadeiro.

A Virgem curava doenças e expulsava demônios

645. Como a divina Senhora era tão suave e doce em suas palavras, e estas tão vivas e eficazes; como seu semblante era tão aprazível e amável, e o efeito de suas instruções tão salutar - a fama dos peregrinos se divulgava e, nos lugares em que chegavam, acorria muita gente para vê-los e ouvi-los. Como, ao mesmo tempo que atuava a oração do Verbo humanado para lhes obter grandes auxílios, sucedia a ruína dos ídolos, era incrível a comoção do povo. Os corações transformavam-se, convertendo-se ao conhecimento do verdadeiro Deus e fazendo penitência dos pecados, sem saber donde e por que meios lhes vinha este bem.

Prosseguiram Jesus e Maria por muitos povoados do Egito, operando estes prodígios e outros muitos. Expulsavam os demônios, não só dos ídolos, mas também de muitos corpos dos quais se haviam apossado. Curavam muitos enfermos de graves e perigosas enfermidades. Iluminavam os corações, e a divina Senhora com São José ensinavam o caminho da verdade e da vida eterna. Com estes benefícios temporais, e outros que tanto atraem o povo ignorante e terreno, muitos tinham oportunidade de ouvir ensinamento e doutrina para a vida e salvação de suas almas.

Tradições da passagem de Maria e Jesus pelo Egito

646. Chegaram à cidade de Hermópolis, na direção da Tebaida que, por alguns, é chamada cidade de Mercúrio. Havia ali muitos ídolos e poderosos demônios. Um deles vivia numa árvore à entrada da cidade. Por ser a árvore muito grande e bela, os moradores vizinhos começaram a venerá-la e o demônio aproveitou a ocasião para usurpar aquela adoração, ali se instalando. Quando avistou o Verbo humanado fugiu, precipitando-se nos abismos, e a árvore, agradecida, inclinou-se até o solo. Até as criaturas insensíveis testificaram quão tirano é o domínio desse inimigo. O milagre das árvores se inclinarem aconteceu outras vezes, no caminho por onde passava seu Criador, ainda que não haja ficado memória de todos. Este prodígio da árvore de Hermópolis foi lembrado por muitos séculos, porque suas folhas e frutos adquiriram propriedades para curar diversas enfermidades. Alguns autores (Nicéforo, Sozômeno, Brocardo) escreveram sobre este milagre, como também de outro, entre os muitos que se deram naquelas cidades, por onde passaram, ou habitaram, o Verbo encarnado e sua Mãe Ssma. Trata-se de uma fonte próxima ao Cairo; dela, a divina Senhora tirou água para beberem e para lavar as roupinhas do Menino Jesus. Tudo isto foi verdadeiro, e até agora permanece a tradição e veneração daquelas maravilhas, não só entre os fiéis que visitam os lugares Santos, mas também entre os próprios infieis. Até estes, de vez em quando, recebem favores temporais que Deus concede, ou para melhor justificar sua causa com eles, ou para conservar aquela memória. Iguais tradições existem em outros lugares onde Jesus e Maria estiveram e operaram grandes prodígios. Não é, porém, necessário fazer aqui menção delas, porque sua principal residência, enquanto estiveram no Egito, foi a cidade de Heliópolis. Não foi sem mistério que se chamou cidade do sol. Agora é chamada Grande Cairo.

Imenso amor pelas almas

647. Escrevendo estas maravilhas, admirada, perguntei à Rainha do céu porque havia percorrido com o Menino Deus tantas terras e lugares desconhecidos. Parecia-me que isto teria sido causa de au-

mentarem muito seus trabalhos e penalidades.

Respondeu-me: Não te admires de que meu Filho santíssimo e Eu tivéssemos viajado para conquistar tantas almas. Por uma só, se fosse necessário, teríamos rodeado todo o mundo, se não houvesse outro recurso.

Realmente, se nos parece muito o que fizeram pela salvação humana, é porque ignoramos o imenso amor com que nos amaram e também porque não os sabemos amar à altura do quanto lhes devemos.

Surpresa de Lúcifer

648. No inferno, a novidade de serem lá precipitados tantos demônios, por estranha força que não conheciam, alterou muito a Lúcifer. Abrasado no fogo de seu furor, percorreu o mundo para investigar a causa de tão novos sucessos. Andou por todo o Egito e passou nos lugares onde haviam desabado os templos e altares com seus ídolos. Chegou a Heliópolis, que era a cidade maior, e onde havia sido mais notável a destruição de seu império. Com grande atenção a examinou, procurando saber que espécie de gente lá havia. Não encontrou outra novidade, além da chegada de Maria Ssma. àquela terra. Ao Menino Jesus não deu nenhuma importância, porque não o conhecia e o julgava uma criança qualquer. Como tantas vezes tinha sido vencido pelas virtudes e santidade da Virgem Mãe, sentiu novos receios. Apesar de lhe parecer que tão grandes façanhas não poderiam partir de uma mulher, resolveu persegui-la novamente, com o auxílio de seus ministros de maldade.

Conciliábulo no inferno

649. Voltou logo ao inferno e convocando um conciliábulo com os príncipes das trevas, contou-lhes a ruína dos ídolos e templos do Egito. Ao saírem deles, os demônios tinham sido expulsos com tanta rapidez, confusão e pena que não perceberam o que acontecera aos ídolos e lugares que abandonavam. Lúcifer informou-os de tudo o que se passara e de que seu império estava se destruindo em todo Egito. Disse-lhes que não encontrava, nem compreendia a causa de tal ruína. Naquela terra havia encontrado apenas aquela Mulher, sua inimiga. Assim ele denominava Maria Ssma. Ainda que sabia ser sua virtude muito notável, não podia presumir que tivesse tanto poder, como naquela ocasião haviam experimentado. Não obstante, resolvera fazer-lhe nova guerra, e que todos se preparassem para ela. Responderam os ministros de Lúcifer que estavam prontos para lhe obedecer. Como consolo de seu desesperado furor, prometeram-lhe a vitória, como se suas forças igualassem à sua arrogância **(Is 16, 6)**.

O demônio é detido

650. Saíram do inferno muitas legiões e, reunidas, se dirigiram ao Egito, onde se encontrava a Rainha dos céus. Parecia-lhes que se a vencessem, só com este triunfo compensavam sua perda e recuperavam tudo quanto, naquele miserável reino, lhes arrebatara o poder de Deus, de quem suspeitavam ser instrumento Maria Ssma. Pretenderam aproximar-se para tentá-la, conforme seus planos diabólicos mas, coisa maravilhosa: não puderam chegar além de dois mil passos à distância d'Ela. Detinha-os, ocultamente, a virtude divina que reconheciam sair da mesma Senhora. Ainda que Lúcifer e os demais forcejavam e porfiavam, eram enfraquecidos e detidos, como em fortes prisões que os atormentavam. Era-lhes impossível avançar até onde se encontrava a invicta Rainha que tudo presenciava, pelo poder do próprio Deus em seus braços. Como Lúcifer persistia, foi repentinamente lançado às profundezas, com todos seus esquadrões de maldade. Esta opressão e derrota produziu grande tormento e cuidado ao dragão. E, como nos dias após a Encarnação lhe havia acontecido o mesmo, diversas vezes, começou a suspeitar de que o Messias viera ao mundo. O mistério, porém, lhe estava oculto. Como ele o esperava muito ostensivo e ruidoso, ficava sempre em dúvida, equivocado,

cheio de furor e raiva que o atormentava. Consumia-se na procura da causa de seu mal estar, mas quanto mais arrazoava, menos a encontrava.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SSMA.

Alegrar-se com as perfeições divinas

651. Minha filha, inestimável é o consolo das almas fiéis e amigas de meu Filho santíssimo quando, com fé viva, consideram que servem um Senhor que é o Deus dos deuses, o Senhor dos senhores, Aquele que tem o império, o poder, o domínio sobre toda a criação, Aquele que reina e triunfa de seus inimigos.

Nesta verdade se deleita o entendimento, se recreia a memória, goza a vontade. Todas as faculdades da alma devota se entregam, sem receio, à suavidade produzida por tão nobres operações, ao contemplar aquele Ser de bondade, santidade e poder infinito **(1Tim 6, 15 - 16)** que de ninguém tem necessidade **(2Mac 14, 35)** e de cuja vontade **(Apoc 4, 11)** depende toda a criação. Oh! quantos bens perdem as criaturas que, esquecidas de sua felicidade, empregam sua alma e todo o tempo da vida em atender ao visível!

Com a ciência e luz que tens, Eu desejaria, minha filha, que te libertasses deste perigo e que teu entendimento e memória sempre se ocupassem com a verdade do Ser divino. Mergulha neste mar interminável, repetindo continuamente: Quem como nosso Deus que habita nas alturas, e do céu olha aos humildes da terra? **(Sl 112, 5)**. Quem, como o Todo-poderoso que não depende de ninguém, Aquele que humilha aos soberbos e derruba os que o mundo cego chama poderosos? Aquele que vence o demônio e o subjuga até aos abismos?

Colaborar para os triunfos de Deus

652. Para mais dilatar teu coração nestas verdades, e por elas obter maior superioridade sobre os inimigos do Altíssimo e teus, quero que me imites, na medida que te for possível. Como Eu, gloria-te pelas vitórias e triunfos de seu poderoso braço, e procura ter alguma parte nos que Ele quer sempre obter sobre este cruel dragão. Não é possível à língua de criatura, ainda que seja de serafins, explicar o que minha alma sentia, quando via meu Filho santíssimo, de meus braços, realizar tantas maravilhas contra seus inimigos. Sendo a favor daquelas almas cegas e sob a tirania do erro, crescia e se propagava a exaltação do nome do Altíssimo, por meio de seu Unigênito humanado. Com este júbilo, minha alma enaltecia o Senhor, e com meu Filho santíssimo fazia novos cânticos de louvor, como Mãe santíssima sua e Esposa do divino Espírito.

Tu és filha da santa Igreja e esposa de meu Filho, favorecida por sua graça; é justo que sejas diligente e zelosa em conquistar-lhe esta glória e exaltação, pelejando contra seus inimigos, obtendo triunfos para teu Esposo.

Os santos mártires inocentes

CAPÍTULO 25

JESUS, MARIA E JOSÉ SE ESTABELECEM NA CIDADE DE HELIÓPOLIS.

Diferentes opiniões sobre o assunto

653. Em muitos lugares do Egito, conservou-se memória dos prodígios que neles operou o Verbo humanado. Isto deu ocasião a diversos Santos escreverem que os desterrados estiveram em certas cidades, enquanto outros autores afirmaram que estiveram em outras. Todos podem dizer a verdade, falando das diferentes ocasiões em que permaneceram, ora em Hermópolis, ora em Mênfis, na Babilônia do Egito, ou em Mataria. Passaram, realmente, não só nestas cidades, como também em outras. O que entendi é que, tendo-as percorrido, chegaram a Heliópolis, e ali se estabeleceram. Os santos anjos que os guiavam, disseram à divina Rainha e a São José que deveriam parar naquela cidade. Além da ruína dos ídolos e de seus templos acontecida à sua chegada, determinara o Senhor operar aí outras maravilhas para sua glória e resgate de muitas almas. Aos moradores daquela cidade - segundo o feliz prognóstico de seu nome, cidade do sol - iria despontar o Sol de justiça (**Mal 4, 2**) com mais copiosa graça para os iluminar. Com este aviso, ali se fixaram. São José procurou uma casa, oferecendo o justo pagamento, e o Senhor dispos que a encontrasse: uma casa humilde e pobre, mas acomodada, e um pouco retirada da cidade, conforme desejava a Rainha do céu.

A Sagrada Família em sua nova residência

654. Encontrado domicílio em Heliópolis, ali permaneceram. Assim que a divina Senhora entrou na casa, com seu Filho santíssimo e seu esposo José, prostrou-se em terra beijando-a com profunda humildade e afetuosa gratidão. Deu graças ao Altíssimo por haver achado aquele descanso, depois de tão penosa e prolongada peregrinação. Agradeceu também à terra e aos elementos por sustentá-la, pois, em sua incomparável humildade, sempre se julgava indigna de tudo o que recebia. Adorou o Ser imutável de Deus, naquele lugar, dirigindo a seu culto e reverência, tudo quanto ali teria de fazer. Interiormente, ofereceu-lhe em sacrifício suas potências e sentidos, prontificando-se a sofrer, com alegria, quantos trabalhos fosse servido a Deus enviar-lhe naquele desterro. Em sua prudência os previa e afetuosamente os aceitava. Apreciava seu valor na luz da ciência divina, pela qual conhecera que, além de serem bem aceitos no tribunal divino, seu Filho santíssimo os considerava por herança e tesouro riquíssimo. Depois desta sublime elevação espiritual, desceu ao humano mister de limpar e arrumar a pobre casinha, com a ajuda dos santos anjos, e pedindo emprestado até o utensílio com que limpá-la.

Sentiram-se nossos forasteiros bem acomodados entre as pobres paredes

da casa, mas faltava-lhes tudo o mais: alimento e objetos necessários à vida.

Como já se encontravam em lugar povoado, não receberam mais o miraculoso alimento com que, no deserto, eram socorridos pelos anjos. Aqui remeteu-os o Senhor à mesa dos mais pobres, a esmola mendigada.

Chegando a fome, São José saiu para pedi-la por amor de Deus.

Com tal exemplo, não se queixem os pobres em suas aflições, nem se envergonhem de remediá-la por este meio, quando não houver outro. Vejam que tão cedo foi praticada a mendicância para sustentar a vida do próprio Senhor de toda a criação, que se comprometeu desde já a pagá-la centuplicadamente **(Mt 19, 29)** e à vista.

São José pediu de esmola, até que com seu trabalho começou a ter algum recurso.

Assim que pôde, fez uma tarimba para o repouso da Mãe e um berço para o Filho. Quanto a ele, o santo Esposo, não tinha outro leito mais que a terra nua. A casa ainda não tinha móveis, até que com seu suor adquiriu os indispensáveis para os três viverem.

Não quero passar em silêncio o que me foi dado a conhecer: em tão extrema pobreza e necessidade, Maria e José não pensaram em sua casa de Nazaré, nos parentes e amigos, nem nos presentes dos Reis que distribuíram em vez de os guardar. Nada disto alegaram, nem se queixaram de se encontrar em tanto desamparo, fazendo comparações com o passado e criando temores para o futuro. Em tudo se conservavam inalteráveis, alegres e serenos, entregues à divina Providência.

Pobreza e desapego

655. Nos três primeiros dias que passaram em Heliópolis (como também em outros lugares do Egito) não teve a Rainha do céu, para Si e para seu Unigênito, outra alimentação, a não ser a que

Oh! mesquinhez de nossos infieis corações! Que de ansiedades tão inquietas e penosas costumam sofrer, ao se verem na pobreza ou com alguma necessidade! Logo nos lamentamos que perdemos oportunidades; que poderíamos ter prevenido ou arranjado este ou aquele recurso; que se

tivéssemos feito isto ou aquilo, não nos encontraríamos neste ou naquele apuro.

Todas estas tristezas são vãs e estultíssimas, pois nada remedeiam.

Seria bom não termos dado motivo às dificuldades com nossas culpas, pois muitas vezes são com estas que as atraímos. Geralmente, porém, sentimos o prejuízo temporal e não o pecado que nô-lo mereceu.

Somos tardos e estultos de coração **(Lc 24, 25; 1Cor 2, 14)** para perceber as coisas espirituais de nossa justificação e crescimento na graça, mas sensíveis, terrenos e animosos para entregar-nos às coisas terrenas e seus cuidados.

Severa é a repreensão de nossos Exilados à nossa grosseria e materialismo.

Maria ajuda São José

656. A prudentíssima Senhora e seu Esposo acomodaram-se alegremente, embora sós e privados de todas coisas temporais, na pobre casinha que encontraram.

Constava ela de três aposentos. Um consagrado como templo ou sacrário para o Menino Jesus e sua Mãe. Ali colocaram a tarimba e o berço sem coberta alguma, até que depois de alguns dias, com o trabalho do santo Esposo e a piedade de algumas devotas mulheres que se afeiçoaram à Rainha, conseguiram a roupa para os três se agasalharem.

Outro aposento foi destinado ao santo Esposo, onde dormia e rezava. O terceiro lhe servia de oficina onde desempenhava seu ofício.

Vendo a grande Senhora a extrema pobreza em que se encontravam, e que o trabalho de São José tinha que ser maior para se sustentarem em lugar onde não eram conhecidos, resolveu ajudá-lo e aliviá-lo no que pudesse.

Procurou trabalhos manuais por intermédio daquelas piedosas mulheres que começaram a freqüentar sua casa, atraídas por sua modéstia e suavidade.

Como tudo quanto saia de suas mãos era tão perfeito, logo se espalhou a fama de seus trabalhos, nunca lhe faltando serviço para ganhar o sustento de seu Filho, Deus e homem Verdadeiro.

Cooperar com a Providência divina

657. Para ganhar todo o necessário para comer, para São José se vestir, para mobiliar a casa, ainda que pobremente, pagar seus aluguéis, pareceu bem à nossa Rainha gastar todo o dia no trabalho e velar toda a noite nos exercícios espirituais.

Não tomou esta resolução por alguma cobiça, nem tampouco porque durante o dia deixasse um momento a contemplação, pois sempre se encontrava nela e na presença do Menino Deus, como tantas vezes tenho dito e ainda repetirei.

Algumas horas, porém, que empregava durante o dia em exercícios especiais, quis transladá-las para a noite, a fim de trabalhar mais.

Não pretendia que Deus operasse milagres para o que, com sua diligência e trabalho, podia conseguir. Em tais casos, pedir milagres seria mais comodismo do que necessidade.

Pedia a prudentíssima Rainha ao eterno Pai que, por sua misericórdia os provesse do necessário para alimentar seu Filho unigênito, mas ao mesmo tempo trabalhava. E, como quem não confia em si e na própria diligência, trabalhando, pedia o que por esse meio o Senhor concede às demais criaturas.

Ordem do dia da Virgem Mãe

658. Muito se agradou o Menino Deus desta prudência de sua Mãe e de sua conformidade em tão grande pobreza. Em recompensa desta fidelidade, quis aliviá-la um pouco do trabalho. Certo dia, do berço, assim lhe falou: Minha mãe, quero organizar a ordem de vossa vida e trabalho corporal.

A divina Mãe pôs-se logo de joelhos, e respondeu: dulcíssimo amor meu, dono de todo meu ser, exalto-vos e vos louvo por que condescendentes com meu desejo e pensamento. Que vossa divina vontade dirija meus passos **(Sl 118, 133)**, oriente minhas obras segundo vosso beneplácito e disponha minhas tarefas para cada hora do dia, de acordo com vosso prazer. Já que vossa deidade se humanou e vossa grandeza se dignou condescender com meu desejos, falai luz de meus olhos,

que vossa serva ouve (**1Rs 3, 10**). Disse o Senhor: Minha Mãe caríssima, ao começar a noite (9 horas) dormireis e descansareis um pouco. De meia noite até o amanhecer, fareis vossos exercícios de contemplação comigo, e falaremos com meu eterno Pai.

Em seguida, preparai o necessário para vossa refeição e de José. Depois me alimentareis e me levareis nos braços até a hora de tércia (8 da manhã); então me entregareis a vosso Esposo para que descanse de seu trabalho. Enquanto isso, ficareis recolhida até a hora de lhe servir a comida, depois da qual voltareis ao trabalho.

Como aqui não tendes a sagrada Escritura, cuja leitura vos confortava, lereis em minha ciência a doutrina de vida eterna, para me seguirdes em tudo com perfeita imitação. Rezai sempre ao eterno Pai pelos pecadores.

Colóquios entre Maria e Jesus

659. Observou este horário Maria santíssima todo o tempo em que esteve no Egito.

Aleitava o Menino Deus três vezes por dia, como desde seu nascimento, pois se Ele determinou que o alimentasse uma vez, também não proibiu que o fizesse mais vezes.

Quando a divina Mãe fazia seus trabalhos manuais, permanecia sempre na presença do Menino Jesus e de joelhos. Era frequente entre seus colóquios, o Rei em seu berço e a Rainha em seu trabalho, comporem misteriosos cânticos de louvor.

Se tivessem ficado escritos, seriam mais numerosos que todos os salmos, cânticos e o mais que se tem escrito na Igreja. Não há dúvida que o Menino Deus, através de sua humanidade e de sua Mãe santíssima, falaria com maior elevação do que por meio de Davi, Moisés, Maria sua irmã, Ana e todos os Profetas.

Estes cânticos sempre deixavam a divina Mãe renovada, repleta de novo amor pela divindade e de ardentes anseios pela união com o seu ser imutável. Só Ela era a fênix que renascia desse incêndio e a águia real que podia fitar o sol, tão de frente e de perto, como nenhuma outra criatura.

Entre todas, Ela era a única que não apresentava o óbice do pecado, seus efeitos, paixões e apetites. Livre do gravame terreno da natureza, voava após seu amado, elevava-se aos cumes e não parava até chegar ao seu centro, a divindade.

Tendo sempre diante dos olhos o caminho e a luz (**Jo 16, 6; 8, 12**), o Verbo encarnado; com o desejo sempre orientado para o ser imutável do Altíssimo, corria fervorosa para Ele. Encontrava-se mais no fim do que nos meios, mais onde amava do que onde animava.

O sono do Menino Deus

660. Algumas vezes o Menino Deus adormecia na presença da feliz Mãe, e então se realizava o que disse: Durmo, mas meu coração vela (**Cant 5, 2**).

Para Maria, o corpo santíssimo de seu Filho era como um cristal puríssimo e claro, através do qual ela via e penetrava o íntimo de sua alma deificada e suas operações (**Sab 7, 26**). Olhando-se e tornando a se olhar naquele espelho imaculado, a divina Senhora sentia especial consolo em contemplar a atividade da parte superior da alma santíssima de seu Filho, ocupada em atos heróicos de viador e compreensor, enquanto seus sentidos dormiam com tanta tranqüilidade e encanto. E tudo se operava, subsistindo a união hipostática da humanidade com a divindade.

Para falar sobre os amorosos sentimentos, inflamadas elevações e heróicos atos da Rainha do céu nestas ocasiões, nossas palavras seriam insuficientes e só ofenderiam o assunto. Supram-nas a fé e o coração.

As refeições da Sagrada Família

661. Quando chegava o momento de São José receber o consolo de carregar o infante Jesus, dizia-lhe a divina Mãe: Filho e Senhor meu, olhai vosso fiel servo com amor de filho e pai, e tende vossas delícias na pureza de sua alma tão simples e agradável aos vossos olhos.

Dirigia-se, então, ao Santo dizendo: Recebei, meu Esposo, em vossos braços o Senhor que sustenta na mão todos os orbes do céu e terra **(Is 40, 12)** que criou só por sua bondade. Aliviai vosso cansaço com aquele que é a glória de toda a criação.

Com profunda humildade, o Santo agradecia este favor, e costumava perguntar à sua Esposa se poderia tomar a liberdade de acariciar o Menino. Concordando Ela, recreava-se com o Menino, e este alívio fazia-o esquecer a fadiga do trabalho e qualquer sacrifício se lhe tornava fácil e agradável.

Sempre que Maria santíssima e São José comiam estavam com o Menino. Tendo servido à mesa, a divina Rainha o recebia nos braços e enquanto comiam com grande compostura o alimento do corpo, dava à sua alma puríssima outro mais agradável e substancial, reverenciando-o, adorando-o e amando-o como Deus eterno.

Sustentando o Menino em seus braços, afagava-o com carinho de afetuosa mãe a seu querido filho.

Não é possível ponderar a atenção com que desempenhava ambos ofícios: de criatura para seu Criador, considerando sua divindade, Filho do eterno Pai, Rei e Senhor dos senhores **(Apoc 19, 16)**, Criador e conservador de todo o universo; e de Mãe para seu filho, servindo-o e criando-o como verdadeiro homem.

Nestes dois extremos, abrasava-se toda em atos heróicos de admiração, louvor e profundo amor.

Quanto ao mais que faziam os dois Esposos, só posso dizer que constituíam admiração para os anjos, agindo com plenitude de santidade e complacência do Senhor.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Sofrer com paz e alegria

662. Minha filha, sendo verdade que cheguei ao Egito com meu Esposo e Filho santíssimo, onde não conheciamos nem amigos nem parentes, em terra de religião estranha, sem abrigo, amparo nem socorro humano para sustentar um Filho que tanto amava: bem se pode compreender a tribulação que padecemos, pois permitia o Senhor que esta aflição nos atingisse.

Não pode caber em consideração humana a paciência com que sofremos e nem os anjos são capazes de avaliar a recompensa que o Altíssimo me concedeu pelo amor e conformidade com que tudo levei, melhor do que se estivesse na maior prosperidade. Verdade é que muito me doía ver meu Esposo em tanta necessidade e apuro, mas nesta mesma pena bendizia o Senhor com alegria de a padecer. Nesta nobilíssima paciência e serenidade de ânimo quero, minha filha, que me imites nas ocasiões em que te puser o Senhor, e saibas atender ao interior e exterior com prudência, dando a cada qual o que deves pela ação e contemplação, sem que uma impeça a outra.

Não pretender milagres

663. Quando faltar a tuas súditas o necessário para a vida, trabalha em o procurar devidamente. Deixa alguma vez, a própria quietude, pois por esse motivo, não é perde-la. Muitas vezes já te adverti a não perderes a presença de Deus por nenhuma ocupação pois, com sua divina luz e graça, tudo podes fazer sem perturbação, se fores cuidadosa. Quando, por meios humanos se pode conseguir devidamente o que é preciso, não se devem esperar milagres, nem se dispensar do trabalho, com o argumento que Deus proverá e acudirá sobrenaturalmente. Deus concorre com os meios suaves, normais e convenientes, e o trabalho é meio oportuno para o corpo servir com a alma, fazer sacrifício ao Senhor e adquirir merecimentos na forma que pode. Trabalhando, a criatura racional pode louvar a Deus e adorá-lo em espírito e verdade **(Jo 4, 23)**. Para procederes assim, ordena todas tuas ações pela vontade divina; pesa-as na balança do santuário, fitando atentamente a divina luz que te infunde o Todo-poderoso.

A Sagrada Família no Egito - desenho das Beneditinas de Cockfosters

CAPÍTULO 26

PRODÍGIOS QUE MARIA SANTÍSSIMA, SÃO JOSÉ E O INFANTE JESUS REALIZARAM EM HELIÓPOLIS NO EGITO.

Maria, nuvem fecunda de santidade

664. Disse Isaias que o Senhor entraria no Egito sobre uma leve nuvem **(Is 19, 1)**, para aí operar maravilhas. Chamou nuvem à Mãe santíssima, ou segundo outros, à humanidade que dela tomou.

Não há dúvida que, com esta metáfora, quis significar que por meio desta nuvem divina, havia de fertilizar e fecundar a terra estéril do coração de seus habitantes. Daí em diante produziriam novos frutos de santidade e conhecimento de Deus, como aconteceu depois que nela entrou esta nuvem celestial.

Propagou-se no Egito a fé do verdadeiro Deus, destruiu-se a idolatria, abriu-se caminho para a vida eterna até então fechado pelo demônio. Quando aí chegou o Verbo Humanado, quase não havia quem conhecesse a verdadeira divindade.

Alguns tinham tido este conhecimento, pelo contato com os hebreus que ali residiam **(4Rs 17, 24)**, mas misturavam-lhe grandes erros, superstições e cultos ao demônio, como em outra época haviam feito os babilônios emigrados para a Samaria.

Depois que o Sol de justiça iluminou o Egito, e que Maria santíssima, a leve nuvem sem peso de qualquer culpa, a fertilizou, essa terra se tornou tão fecunda em santidade e graça que produziu copioso fruto durante muitos séculos. Provaram-no os santos e solitários tão numerosos, que fizeram aqueles montes destilar o mel **(Joel 3, 18)** dulcíssimo da santidade e perfeição cristã.

Apostolado de Maria

665. Para proporcionar este favor aos egípcios, o Senhor estabeleceu residência na cidade de Heliópolis, como já dissemos.

Era esta cidade bastante povoada, repleta de ídolos, templos e altares do demônio. Ao entrar nela o Senhor, todos desabaram com grande fragor. A inesperada novidade apavorou os habitantes e produziu grande perturbação e movimento em toda a cidade **(Is 19, 1)**.

Aturdidos, fora de si e também curiosos de ver os forasteiros recém-chegados, foram muitos homens e mulheres falar com nossa grande Rainha e com o glorioso São José.

A divina Mãe conhecedora do mistério e da vontade do Altíssimo atendeu a todos. Falou-lhes ao coração, prudente, sábia e docemente, deixando-os admirados com sua incomparável simpatia, esclarecidos com a altíssima doutrina que lhes ensinava e com a verdade para deixarem seus erros.

Curou, de passagem, alguns enfermos entre os que iam procurá-la, e assim os auxiliava e consolava de todos os modos.

Estes milagres foram-se divulgando de tal maneira que, dentro de pouco

tempo, acorreu muita gente procurando a divina forasteira. A prudentíssima Senhora viu-se obrigada a pedir ao seu Filho santíssimo lhe ordenasse o que desejava que Ela fizesse àquelas pessoas.

O Menino Deus lhe respondeu que os informasse da verdade e conhecimento da divindade, que lhes ensinasse a cultuá-lo e a maneira de saírem do pecado.

Maria instrui os pagãos

666. Nossa celestial Princesa exerceu este ofício de pregadora e mestra dos egípcios, como instrumento de seu Filho santíssimo que comunicava virtude às suas palavras.

Tanto foi o fruto produzido naquelas almas, que seriam necessários muitos livros para referir as maravilhas que então sucederam, e as almas que se converteram à verdade, durante os sete anos que permaneceram naquela província, deixando-a santificada e repleta de bênçãos de doçura (**Sl 20, 4**).

Sempre que a divina Senhora ouvia e respondia aos que vinham procurá-la tomava nos braços o infante Jesus, autor daquela graça e de todas as que recebiam os pecadores. Falava com todos e a cada um, conforme a capacidade que tinham para entender a doutrina da vida eterna.

Deu-lhes conhecimento e luz sobre a divindade e que Deus era um só e impossível haver muitos deuses. Ensinou-lhes os artigos e verdades sobre a divindade e a criação do mundo, e lhes declarou como o próprio Deus o haveria de redimir. Ensinou-lhes os mandamentos do Decálogo, que são a própria lei natural; o modo como deviam adorar e cultuar a Deus; e que deviam aguardar a Redenção do gênero humano.

Obras de caridade

667. Explicou-lhes a existência de demônios, inimigos do verdadeiro Deus e dos homens e esclareceu as idéias erradas que tinham sobre seus ídolos. As respostas que eles davam eram falsas, feíssimos os

pecados a que os induziam e provocavam por irem consultá-los; e como, depois, ocultamente os tentavam com sugestões e sensações desordenadas.

Apesar da Senhora do céu ser tão pura e isenta de qualquer imperfeição, para a glória do Altíssimo e salvação daquelas almas, não se dedignava de os dissuadir dos pecados impuros e torpíssimos em que todo o Egito estava atolado.

Revelou-lhes que o Reparador de tantos males, o vencedor do demônio, o prometido pelas Escrituras já tinha vindo, embora não lhes dissesse que o levava nos braços.

Para melhor aceitarem toda esta doutrina e se afeiçoarem à verdade, confirmava-a com grandes milagres, curando todo gênero de enfermidades e libertando endemoninhados vindos de diversos lugares.

Algumas vezes, ia pessoalmente aos hospitais e ali fazia admiráveis benefícios aos enfermos.

Em toda parte consolava os tristes, aliviava os aflitos, socorria os necessitados. A todos atraía com suave amor, admoestava com aprazível severidade e os empenhava com seus favores.

Recato de Maria

668. Na cura dos enfermos e chagados, a divina Senhora ficou em dúvida entre dois sentimentos: A caridade que a impelia curar as chagas com as próprias mãos, e o recato para não tocar em ninguém.

Para que satisfizesse a ambos, convenientemente, disse-lhe seu Filho santíssimo, que aos homens curasse apenas com palavras e advertências, enquanto as mulheres poderia curar com as mãos, tocando e limpando-lhes as chagas.

Assim o fez dai em diante, exercitando os ofícios de mãe e enfermeira, até que depois de dois anos, São José também começou a curar os doentes, conforme direi.

Das mulheres, porém, a Rainha cuidava mais, com admirável caridade. Sendo a mesma pureza, tão delicada e livre de doenças e suas conseqüências, curava as chagas por ulceradas que fossem e lhes punha as ataduras necessárias. Compadecia-se como se sofresse os males de cada doente.

Acontecia, às vezes, que para curá-las, pedia licença a seu Filho santíssimo para de seus braços recliná-lo no berço **(Mt 25, 40)**. Assim, a caritativa e humilde Senhora, por outro modo, continuava a estar com o Senhor dos pobres.

Nestas ações, coisa admirável, a modestíssima Senhora jamais fitava o rosto de ninguém, fosse homem ou mulher. Ainda que a chaga se encontrasse nele, era tão extremo seu recato que, pela fisionomia jamais poderia conhecer alguém. Conhecia-os por outro modo, pela luz interior.

São José, mestre e taumaturgo

669. O clima quente do Egito, as muitas desordens morais daquela mísera gente, eram causa de frequentes e graves doenças naquela terra. Em alguns dos anos em que ali estiveram o Menino Jesus e sua Mãe santíssima, grassou a peste em Heliópolis e noutros lugares.

Por este motivo, e pela fama de seus milagres, vinha muita gente de todo o país procurá-los, voltando sãos no corpo e na alma.

Para que a graça do Senhor se derramasse sobre eles com maior abundância, e a piedosa Mãe tivesse auxiliar nas misericórdias que praticava como instrumento vivo de seu Unigênito, acedeu o Senhor ao pedido da divina Senhora, determinando que São José também se dedicasse ao ensino e à cura dos enfermos.

Para este fim, alcançou-lhe a Senhora nova luz interior e a graça de comunicar saúde.

No terceiro ano em que se encontravam no Egito, começou o santo Esposo a exercer esses dons do céu. Catequizava e curava os homens, e a grande Senhora às mulheres.

Com estes benefícios tão contínuos, com a graça e eficácia derramada nos lábios de nossa Rainha **(Sl 44, 3)**, era incrível o bem que faziam, pela afeição que despertavam em todos, cativados por

sua modéstia e atraídos pela virtude de sua santidade.

Ofereciam-lhes muitas ofertas e presentes, mas a Senhora jamais aceitou ou guardou alguma coisa para si.

Sempre se sustentavam com seu trabalho e o de São José.

Se, às vezes, aceitava alguma dádiva por atenção a quem a fazia, logo distribuía tudo aos pobres e necessitados.

Só para este fim e consolo de seus devotos, aceitava suas dádivas, e mesmo a esses, as retribuía com algum trabalho de suas mãos.

Destas extraordinárias obras pode-se coligir quais e quantas teriam sido as que fizeram no Egito, durante os sete anos que estiveram em Heliópolis. Impossível calcular seu número ou descrever cada uma.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Cooperar para o bem do próximo

670. Minha filha, ficaste admirada ao conhecer as obras de misericórdia que Eu pratiquei no Egito, acudindo a curar pobres e enfermos de tantas doenças, para lhes dar saúde ao corpo e à alma. Entenderás que isso não contradizia meu recato e inclinação para o retiro, se pensares no imenso amor com que meu Filho santíssimo, logo depois de nascer, quis ir àquele país, estrear em seus moradores o fogo da caridade que ardia em seu coração pela salvação dos mortais. Comunicou-me e fez-me instrumento desta caridade e de seu poder, sem os quais não me atreveria, de própria iniciativa, a tantas obras. Sempre me inclinava a não falar nem ter contato com ninguém, mas a vontade de meu Filho e Senhor era meu regime em tudo. De ti, minha amiga, quero que imitando-me, trabalhes no bem e salvação do próximo, com a perfeição e condições que eu trabalhava. Não procures as ocasiões porque o Senhor as enviará, salvo se houver grande necessidade de tomares a iniciativa. De qualquer modo, trabalha, admoesta e esclarece com a luz que tens aos que puderes.

Não procedas como quem assume ofício de mestra, mas como quem consola e se compadece das dificuldades dos irmãos e quer aprender com eles a paciência, usando de muita humildade, prudente reserva e caridade.

Obras de misericórdia corporais e espirituais

671. A tuas súditas admoesta, corrige e governa, animando-as à maior virtude e agrado do Senhor. Depois de praticares a perfeição, o melhor que podes fazer é ensiná-la aos outros, encorajando-os segundo tuas forças e a graça que recebeste. Para aqueles a quem não podes falar, reza e suplica incessantemente por sua salvação, e assim estenderás a todos a caridade. Como não podes servir aos enfermos de fora, compensa servindo as de tua casa, acudindo pessoalmente a seu alívio e asseio. Não te julgues superior a tal trabalho por causa de teu ofício de Prelada, pois por ele és mãe e o deves mostrar no cuidado e amor por todas. De resto, sempre te hás de considerar a menor. Ordinariamente, o mundo emprega no serviço dos enfermos os mais pobres e desprezados porque, ignorante, não conhece a grandeza deste ministério. Por isso, dou a ti, como à mais pobre e última de todas, o ofício de enfermeira, para o exercitares e seres semelhante a Mim.

CAPÍTULO 27

HERODES MANDA MATAR OS INOCENTES. MARIA TEM CONHECIMENTO DO FATO. SÃO JOÃO FOI ESCONDIDO.

Herodes procura a sagrada Família

672. Deixemos agora no Egito o infante Jesus com sua Mãe santíssima e São José, santificando aquele reino com sua presença e demais benefícios que a Judéia não mereceu.

Voltemos a saber no que deu a diabólica astúcia e hipocrisia de Herodes. Aguardou o iníquo rei a volta dos Magos, e a relação que lhe fariam de haverem encontrado e adorado o novo e recém-nascido Rei dos Judeus. Mandaria, então, tirar-lhe a vida, mas foi logrado.

Enganado por sua própria astúcia, esperou alguns dias pela volta dos Reis orientais. Quando viu que tardavam, o cuidado de sua ambição obrigou-o a perguntar por eles.

Soube que os Magos tinham estado em Belém com Maria e José e que, tomando outro caminho, já estariam fora dos limites da Palestina. Foi informado também do que acontecera no templo.

Consultou novamente alguns doutores da lei e todos concordaram sobre o que as Escrituras diziam de Belém. Pelo que ali havia se passado, mandou investigadores para encontrarem nossa Rainha com seu divino Infante e o glorioso São José.

O Senhor, porém, que os mandara sair de noite de Jerusalém, providenciou também para que ninguém percebesse a fuga, nem encontrasse rastro algum deles.

Sem poder descobri-los, os servos de Herodes lhe responderam que não se encontrava tal homem, mulher e menino em toda a terra.

A matança dos inocentes

673. Herodes inflamou-se de indignação **(Mt 2, 16)**, sem sossegar um momento, a procura de um meio para se livrar da ameaça daquele novo Rei.

O demônio, vendo-o disposto para qualquer maldade, lançou-lhe ao pensamento toda espécie de sugestões. À guisa de consolação propos-lhe que, usando de seu real poder, mandasse degolar todos os meninos daquela comarca que não passassem de dois anos.

Entre eles, infalivelmente se encontraria o Rei dos judeus que havia nascido dentro daquele prazo.

Alegrou-se o tirano com esta idéia que jamais surgira a outro bárbaro e aceitou-a, sem o temor e horror que tão cruenta ação poderia causar a qualquer homem racional.

Refletindo como executá-la para satisfação de sua ira, chamou algumas tropas de soldados. Dando-lhes como chefes aos de sua maior confiança ordenou-lhes, sob graves penas que degolassem todos os meninos até dois anos de idade, encontrados em Belém e sua comarca.

Como o mandou Herodes, assim foi executado. Toda a terra encheu-se de confusão, pranto e lágrimas dos pais e parentes dos inocentes condenados à morte, sem que ninguém pudesse se opor e remediar.

Privilégios concedidos aos inocentes

674. Esta ímpia ordem de Herodes foi dada aos seis meses do nascimento de nosso Redentor.

No dia em que começou a ser executada, estava nossa grande Rainha com seu Filho santíssimo nos braços. Contemplando sua alma, conheceu nela, como em claro espelho, tudo o que se passava em Belém, melhor do que se estivesse presente aos clamores dos meninos e de seus pais.

Viu a divina Senhora, como seu Filho santíssimo pedia ao eterno Pai pelos pais e mães dos inocentes, oferecendo os pequenos mártires como primícias de sua morte. **(Apoc 14, 4)**. Como eram sacrifi-

cados no lugar do Redentor, pedia que lhes fosse dado uso da razão para que, consciente e livremente, oferecessem a vida e aceitassem a morte pela glória do Senhor. Suplicou também que os recompensasse com o prêmio e coroa de mártires.

Tudo lhe concedeu o Pai eterno. Nossa Rainha que tudo presenciava em seu Filho unigênito, acompanhou-o e imitou-o no oferecimento e oração que fazia. Participou também na dor e compaixão dos pais dos meninos mártires, e foi a verdadeira e primeira Raquel a chorar pelos filhos de Belém e seus **(Jer 31, 15)**. Nenhuma outra mãe soube chorá-los quanto Ela, porque nenhuma soube ser mãe como o era nossa Rainha e Senhora.

Santa Isabel esconde seu filho João

675. Por então, a Virgem não tinha conhecimento do que Santa Isabel fizera para esconder seu filho João, conforme o aviso que a Rainha lhe dera pelo anjo, ao partir de Jerusalém para o Egito (1).

Não duvidava que se cumpririam todos os mistérios que, de seu ofício de precursor, havia conhecido por divina luz. Apesar disso, não sabia as dificuldades que mãe e filho teriam passado por causa da crueldade de Herodes, nem por que meios dela se teriam defendido.

Não se atreveu a prudente Mãe indagar a seu Filho santíssimo, pela reverência com que tratava estas revelações. Com humildade e paciência se humilhava e retraia.

Seu Filho, porém, lhe satisfez o piedoso e compassivo desejo. Declarou-lhe como Zacarias, pai de São João, morrera quatro meses depois de seu virginal parto, quase três depois que haviam saído de Jerusalém. Santa Isabel, viúva, não tinha outra companhia senão a de seu filho João. Com ele vivia solitária, retirada em lugar isolado.

Avisada pelo anjo, vendo a crueldade que Herodes começara a executar, resolvera fugir ao deserto com seu filho, habitando entre os animais para se defender da perseguição de Herodes. Tomara esta resolução, inspirada e aprovada pelo Altíssimo. Encontrava-se escondida numa gruta onde, com sacrifício e desconforto, sustentava-se com seu menino João.

Maria socorre Santa Isabel e São João no deserto

676. Conheceu também a divina Senhora que, depois de três anos Santa Isabel morreria no Senhor. João ficaria naquele lugar deserto levando vida angélica e solitária, e não sairia dai até que o Altíssimo lhe ordenasse ir pregar penitência como seu precursor.

---

1 - nº 623, cap. 22

Todos estes mistérios o infante Jesus manifestou à sua Mãe santíssima, com outros ocultos e profundos favores recebidos por Isabel e seu filho naquele deserto. Recebeu essas comunicações no modo como conhecera a morte dos inocentes.

Esta notícia deixou a divina Rainha cheia de gozo e compaixão. Gozo, por saber que o menino João e sua mãe estavam salvos; compaixão, pelo que sofriam naquela solidão. Pediu licença a seu Filho santíssimo para dali cuidar deles, e desde esse momento, com permissão do Senhor, mandava os anjos que a serviam visitá-los freqüentemente. Pelos mesmos remetia-lhes alguns alimentos, sendo este o maior conforto que mãe e filho solitários tiveram naquele ermo.

Através dos anjos manteve com eles, do Egito, contínua e oculta comunicação.

Ao chegar a hora da morte de Santa Isabel, enviou muitos de seus anjos para a assistirem, e ajudarem seu menino João que então contava quatro anos. Auxiliado por eles sepultou sua falecida mãe naquele deserto.

Dai em diante, todos os dias, a Rainha mandou comida para São João, até ele chegar à idade de poder se sustentar por si com ervas, raízes e mel silvestre **(Mc 1, 6)** (2), vivendo em tão admirável abstinência, como se dirá adiante.

Maria e o martírio dos inocentes

677. Nem língua, nem pensamento de criaturas, podem calcular os méritos e aumentos de santidade e graça que Maria santíssima acumulava com tais atos, porque sempre agia com prudência mais do que angélica.

Despertou-lhe grande admiração, ternura e louvor ao Todo-poderoso, quando Ela e seu Filho santíssimo fizeram súplicas ao eterno Pai pelos meninos inocentes. Conheceu quão liberal foi a divina Providência com eles.

Como se estivera presente, a Senhora conheceu o grande número dos que morreram, cuja idade variava de oito dias a dois anos. A todos foi concedido o uso da razão e altíssimo conhecimento infuso do ser divino, perfeita caridade, fé e esperança. Com tal graça, fizeram heróicos atos de fé, culto e reverência a Deus, amor e compaixão de seus pais. Pediram por eles que, em recompensa de sua dor, lhes desse o Senhor luz e graça para procurarem os bens eternos.

Aceitavam o martírio de livre vontade, e não se modificando a fraqueza de seu físico infantil, sentiam-no mais, o que aumentava seu mérito.

Multidão de anjos os assistiam e os levavam ao limbo ou seio de Abraão. Sua presença alegrou os santos Pais, pois lhes confirmaram a esperança de sua breve libertação.

Estas graças foram efeito das petições do Menino Deus e das orações de Maria santíssima.

Ao conhecer estes prodígios, absorta em amor, disse: Louvai, meninos, ao Senhor **(Sl 112, 1)**; e acompanhando-os louvou ao Autor de tão magníficas obras, dignas de sua bondade e onipotência.

Somente Maria puríssima as conhecia e tratava com a sabedoria e apreciação que mereciam, porque só Ela era quem, sem semelhante, sendo tão próxima a Deus, conheceu e possuiu a perfeição da humildade.

Mãe da pureza, inocência e santidade, humilhou-se mais **(Sl 115, 12)** do que todas as criaturas já profundamente humilhadas pelas próprias culpas. Só Maria santíssima, entre todas as criaturas, conseguiu este gênero de humildade unida aos mais elevados favores e dons que jamais receberam todas as outras reunidas.

Só Ela compreendeu perfeitamente que a criatura não pode retribuir adequadamente os benefícios que recebe, e ainda menos ao amor infinito de Deus onde se originam. Humilhando-se a divina Senhora com esta ciência, media por ela seu amor, gratidão e humildade. Tudo fazia com a plenitude possível a uma pura criatura, e dava digna retribuição, conhecendo não haver outro modo para a criatura agradecer a Deus.

Esclarecimentos da Escritora

678. No fim deste capítulo quero advertir que, em muitas coisas que vou es-

2 - abaixo nº 943

crevendo, consta-me haver grande diversidade de opiniões entre os santos Padres e outros autores.

Por exemplo: o tempo em que Herodes executou a cruel matança dos inocentes; se foram os recém-nascidos, ou os que tinham alguns dias, ou os que não passavam de dois anos, e outras dúvidas em que não me detenho, por não ser necessário ao meu objetivo.

Escrevo apenas o que me vão ensinando e ditando, ou o que, às vezes, me é ordenado perguntar para melhor compor esta divina História. Não convinha introduzir controvérsias nas coisas que escrevo, porque conforme já disse (3), entendi que o Senhor queria que eu escrevesse toda esta obra sem conjecturas, mas só com a verdade que a divina luz me ensinaria.

Julgar se o que escrevo concorda com a verdade da Escritura e com a majestade e grandeza do assunto que trato, e se as coisas têm entre si conveniente conexão: tudo isto remeto à doutrina de meus mestres e prelados e ao juízo dos sábios e devotos.

A diversidade de opiniões é quase inevitável entre os que escrevem. Uns seguem estes autores, outros aos que melhor os satisfazem entre os antigos.

Fora das histórias canônicas, tanto uns como outros se baseiam em suposições ou em autores duvidosos, e eu não poderia escrever por esta ordem, porque sou mulher ignorante.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Ódio e crueldade

679. Minha filha, neste capítulo, quero que te sirva como doutrina a pena e o escarmento com que o escreveste. A pena, por ver que a criatura nobre criada por Deus à sua imagem e semelhança (**Sab 2, 23**), com tão excelentes dotes como conhecer a Deus, amá-lo e ser capaz de vê-lo e goza-lo eternamente, se esqueça tanto desta dignidade e se deixe aviltar e rebaixar a brutais e horríveis apetites como derramar o sangue inocente de quem não poderia fazer injúria a ninguém.

Esta compaixão te há de obrigar a prantear a ruína de tantas almas, principalmente no século em que vives. Igual ambição à de Herodes tem acendido cruéis inimizades e ódios entre os filhos da Igreja. Inumeráveis almas se perdem, e o sangue de meu Filho santíssimo, derramado por seu preço e resgate (**Ef 1, 7**), se perde. Chora amargamente esta infelicidade.

Tirania das paixões consentidas

680. Por outro lado, sirva-te de lição, e pondera o que pode uma paixão cega acolhida pela concupiscência. Quando se apodera do coração, abrasa-o no fogo da concupiscência se alcança seu desejo, ou no da ira se não o pode conseguir. Teme, minha filha, este perigo não só pelo que aconteceu a Herodes, mas também pelo que vês a toda a hora, em outras pessoas.

Toma muito cuidado em não te afeiçoares a coisa alguma, por pequena que te pareça, pois para atear grande incêndio basta pequenina faísca. Nesta matéria de mortificação das inclinações, te repito muitas vezes a mesma doutrina e o irei repetindo no que ainda falta. A maior dificuldade da virtude está em morrer a todo o deleitável e sensível.

Não poderás ser nas mãos do Senhor o instrumento que Ele quer, se não apagares de tuas faculdades até a imagem das criaturas, para não encontrarem entrada em tua vontade.

Para ti quero que seja lei rigorosa: tudo o que tem ser, fora de Deus, de seus anjos e santos, seja para ti como se não existisse. Esta há de ser tua profissão, e para isto o Senhor te revela seus segredos e te convida a seu trato íntimo e familiar. O mesmo convite te faço Eu, para só viveres em Deus, e fora d'Ele nada desejares.

CAPÍTULO 28

O MENINO JESUS COMPLETA UM ANO DE IDADE, FALA A SÃO JOSÉ E COMEÇA A ANDAR. MARIA CELEBRA O DIA DA ENCARNAÇÃO E DO NATAL.

O Menino Jesus começa a falar com S. José

681. Ao completar um ano de idade, o menino Jesus determinou quebrar o silêncio e falar em voz clara ao fidelíssimo José que lhe fazia o ofício de cuidadoso pai, assim como falara com a divina Mãe desde que nascera, conforme escrevi acima (1).

Estavam os santos Esposos falando sobre o ser infinito de Deus, da bondade e do tão excessivo amor com que enviara do céu seu Unigênito **(Jo 3, 16)** para Mestre e Redentor dos homens **(Is 55, 4)**, dando-lhe forma humana **(Filp 2, 7)** em que convivesse com eles **(Bar 3, 38)** tolerando as penalidades da natureza pecadora.

Nesta ocasião, encontrava-se o Menino Deus nos braços de sua Mãe. Deles fazendo sua primeira cátedra de mestre, com voz inteligível, falou a São José: Pai, vim do céu à terra **(Jo 18, 34)** para ser a luz do mundo **(idem 8, 12)** e resgatá-lo das trevas do pecado **(Is 9, 2)**. Vim procurar e conhecer minhas ovelhas como bom pastor **(Jo 10, 14)**, dar-lhes pastagens e alimento de vida eterna **(Idem 6, 69)**, ensinar-lhes o caminho para ela **(Ibid 10, 4)** e abrir as portas **(Sl 23, 7)** que por seus pecados estavam fechadas. Quero que sejais dos filhos da luz **(Jo 12, 36)** pois a tendes tão perto.

O amor paterno de São José

682. Estas palavras do infante Jesus, cheias de vida e de eficácia divina, infundiram no coração do patriarca São José novo amor, reverência e alegria.

Ajoelhou-se aos pés do Menino Deus com profundíssima humildade, e agradeceu-lhe porque a primeira palavra que o ouviu pronunciar foi chamá-lo com o nome de Pai.

Com muitas lágrimas, pediu que sua divina luz o iluminasse e conduzisse ao cumprimento de sua perfeita vontade, ensinando-o a ser agradecido aos incomparáveis benefícios que recebia de sua generosa mão.

Os pais que muito amam seus filhos, sentem grande consolo e alegria quando neles descobrem algum sinal prenunciador de que serão sábios ou notáveis nas virtudes. Mesmo que não o sejam, costumam encarecer muito as infantilidades que seus filhos fazem ou dizem, fruto do terno amor pelos seus pequeninos.

Ainda que São José não era pai natural do Menino Deus, mas sim putativo, o amor que lhe dedicava excedia, sem medida, ao que os pais naturais poderiam ter a seus filhos. Nele a graça, e mesmo a natureza, foram mais fortes que em outros pais e ainda que em todos juntos.

Por este amor e apreço que sentia em ser pai nutrício do Menino Jesus, deve-se medir o júbilo de sua alma puríssima

---

1 - capítulo 18, nº 577

ouvindo-se chamar pai do Filho do próprio Deus e Pai eterno.

Além disto, via-o tão belo, cheio de graça, começando a falar com tão elevada doutrina e sabedoria.

Pobreza do Menino Deus

683. Durante o primeiro ano do Menino Deus, sua carinhosa Mãe o havia conservado envolto em faixas e mantilhas conforme costumam ficar as outras crianças. Não quis Ele ser diferente, para provar sua verdadeira humanidade e seu amor pelos mortais, pelos quais sofria aquela mortificação que poderia ter evitado.

Julgou a Mãe prudentíssima que já era tempo de lhe tirar as faixas e pô-lo de pé. De joelhos, junto ao berço do Menino Deus, disse-lhe: meu Filho, doce amor de minha alma e meu Senhor, como vossa escrava quero sempre vos agradar. Já ficastes muito tempo oprimido pelas faixas, mostrando tão grande amor pelos homens. Já será tempo que mudeis de traje. Dizei-me, Senhor, que farei para começardes a andar?

A pobreza de Cristo

684. Minha Mãe, respondeu o infante Jesus, pelo amor que tenho às almas que criei e venho redimir, não me pareceram penosas as faixas de minha infância, pois em minha idade adulta serei atado, preso e entregue a meus inimigos que me darão a morte **(Mt 20, 18)**. Se esta lembrança é doce para Mim, por ser a vontade de meu Eterno Pai **(Heb 10, 7)**, tudo o mais me será fácil.

Minha veste neste mundo será apenas uma, pois dele só quero o necessário para me cobrir. Ainda que tudo quanto é criado é meu **(Sl 23, 1)**, pois dei-lhe a existência, tudo entrego aos homens para que mais me devam. Ensinar-lhes-ei também como, pelo meu exemplo e por meu amor, deverão renunciar e desprezar a tudo o que é supérfluo para a vida natural.

Vestir-me-eis, minha Mãe, uma túnica talar (2), de cor comum e simples. Só esta usarei e irá crescendo comigo.

Quando morrer, será sorteada **(Sl 21, 19)**, porque até ela não ficará à minha disposição, mas sim para os outros. Os homens verão que Eu quis nascer e viver pobre, despojado das coisas visíveis e terrenas que oprimem e obscurecem o coração humano.

No momento em que fui concebido em vosso virginal seio, fiz este abandono e renúncia de quanto o mundo contém, apesar de tudo ser meu **(Jo 3, 35)**, pela união de minha natureza humana à pessoa divina. Não usei de outro poder sobre as coisas visíveis, senão para oferecer tudo a meu eterno Pai, renunciando-o por seu amor e aceitando apenas o indispensável para a vida natural que depois darei pelos homens **(Jo 10, 15)**.

Com este exemplo, quero repreender e ensinar o mundo a não desprezar a pobreza e sim a amá-la. Se Eu, que sou o Senhor de tudo, a tudo renuncio e afasto, será confusão para os que me conhecerem pela fé, cobiçar o que Eu ensinei a desprezar.

Sentimentos da Virgem Mãe

685. Estas palavras do Menino Deus produziram na divina Mãe admiráveis e diferentes sentimentos: o pensamento da morte e prisão de seu Filho santíssimo transpassou-lhe o cândido e compassivo coração, enquanto a doutrina e exemplo de tão extrema pobreza e despojamento incitou-a novamente à sua imitação.

---

2 - túnica talar - longa até o tornozelo (talão). Nota da Tradutora.

O imenso amor pelos mortais inflamou-a também, para agradecer ao Senhor, em nome de todos, com heróicos atos de muitas virtudes.

Contudo, vendo que o Menino Jesus pedia tão pouco, disse-lhe: Filho e Senhor meu, vossa Mãe não terá coração para, em idade tão tenra, vos colocar descalço no chão. Aceitai, amor meu, alguma proteção para os pés. Sei também que a veste que me pedis, sem usar por baixo outra mais fina, há de magoar muito vosso delicado corpo. O infante Jesus respondeu: minha Mãe, aceito para os pés, algum calçado pobre até chegar o tempo de minha pregação que, então, farei descalço. Quanto à túnica interior não a quero usar porque é estímulo da carne e de muitos vícios para os homens. Com meu exemplo quero ensinar muitos a não a usarem por meu amor e imitação.(3)

Maria confecciona a túnica e sandálias do Menino

686. A celestial Rainha se dispos a cumprir logo a vontade de seu santíssimo Filho. Procurou lã natural, sem tingir, e a fiou bem fina com suas próprias mãos. Teceu uma pequena túnica toda inteira sem costura, do modo como se faz com agulha (4). Mais propriamente se parecia com o que chamam "terliz" (5) porque tinha o relevo de um cordãozinho e não era como pano liso.

Teceu-a num tearzinho como os trabalhos que chamam "ponto", numa só peça, misteriosamente inconsútil **(Jo 19, 23)**.

Essa túnica teve duas coisas milagrosas: saiu uniforme, sem rugas, e pela vontade e piedade da divina Senhora, a cor natural da lã mudou-se num belo roxo prateado e furta-cor. Não se podia dizer se era roxa, prateada ou cinzenta, mas apresentava matizes dessas diversas cores.

De fio forte fez também umas sandálias no estilo de alparcatas. Fez ainda uma túnica mais curta para lhe servir de calções (6).

No capítulo seguinte direi o que aconteceu ao vestir o infante Jesus.

Maria celebrava os mistérios de Cristo

687. Quando se encontravam no Egito, completou-se o primeiro aniversário dos mistérios da Encarnação e Natividade do Verbo divino.

Desde o primeiro ano, a celestial Rainha começou a celebrar esses dias festivos para Ela, como também os dos demais mistérios que depois foram sucedendo. Guardou este costume durante toda a vida, como se verá na terceira parte (7).

Para celebrar a Encarnação, começava nove dias antes com muitas devoções. Correspondiam aos nove que precederam esse mistério, durante os quais foi preparada com tão admiráveis favores, como fica dito no princípio desta segunda parte.

No dia aniversário da Anunciação e Encarnação, convidava aos santos anjos do céu mais os de sua guarda, para a ajudarem a celebrar esses magníficos mistérios e a tributar dignas graças ao Altíssimo.

Prostrada em terra, na forma de cruz, pedia ao Menino Jesus louvar por Ela, ao eterno Pai; que lhe agradecesse os favores feitos a Ela, e o concedido ao gênero humano dando-lhe seu Unigênito **(Jo 3, 16)**. Fazia o mesmo no aniversário de seu virginal parto. Nestes dias, a divina Senhora era muito agraciada pelo Altíssimo, porque renovava a contínua memória e gratidão por mistérios tão sublimes.

Tinha compreendido que muito comprazia ao eterno Pai o penoso sacrifício que fazia quando se prostrava em terra, na forma de cruz, como antecipada memória de que nesta haveria de ser cravado

3 - A lã fiada e tecida pelos métodos primitivos do tempo de Jesus, resultava um tecido grosso e áspero. Compreende-se que usá-lo sobre a pele, vinha ser não pouca mortificação. Uma roupa interior mais fina e macia abrandaria muito, ou mesmo neutralizaria de todo essa aspereza. Exemplo dessa austeridade temos em João Batista que se vestia de pele de camelo (Mc 1, 6), e que Jesus apresentou como um dos sinais da santidade do Batista. "Que fostes ver no deserto? Um homem vestido de roupas delicadas? Os que vestem roupas preciosas, e vivem entre delícias são os que vivem nos palácios dos reis (Lc 7, 25)". Para transpor o ensinamento de Jesus à nossa época, dir-se-ia: usar roupa de baixo de tecido grosseiro.

4 - Seria talvez um trabalho semelhante ao crochê, tricô ou malha.

5 - Terliz; linho grosseiro.

6 - No original: panos de honestidade. (Nota da Tradutora)

7 - nº 642 e seg.

seu divino Cordeiro. Por isto, em todas as festividades praticava este exercício, pedindo se aplacasse a divina justiça, e solicitando misericórdia para os pecadores.

Inflamada no fogo da caridade levantava-se e terminava a celebração da festa com admiráveis cânticos que alternava com os santos anjos. Estes diziam suas partes, em coro de celestial e sonora música. A Rainha respondia, mais docemente para os ouvidos de Deus (**Cant 2, 14**) do que todos os coros dos supremos serafins e bem-aventurados.

Seu canto era-lhe aceitável, porque ressoava o eco de suas excelentes virtudes, e subia até o consistório da Santíssima Trindade e tribunal do Deus eterno.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA E SENHORA DO CÉU

Espírito de pobreza

688. Minha filha, nem tua capacidade, nem a de todas as criaturas juntas, são capazes de compreender perfeitamente qual foi o espírito de pobreza de meu Filho santíssimo e como o ensinou a Mim. Pelo que te manifestei, podes conhecer muito da excelência desta virtude tão amada por seu Autor e Mestre (**Sab 11, 25**), e quanto detestou o vício da cobiça. Não podia o Criador odiar as mesmas coisas a que deu o ser, mas conheceu, com sua imensa sabedoria, o incomensurável prejuízo que os mortais sofriam por causa da avareza e desordenada cobiça das coisas visíveis. Este insano amor perderia a maior parte da natureza humana, e de acordo com o conhecimento que teve do número dos que se perderiam pelo vício da avareza e cobiça, assim foi a aversão que nutriu por esse vício.

Pobreza, fundamento da Igreja

689. Para acudir a este dano e lhe prevenir algum antídoto e remédio, escolheu meu Filho santíssimo a pobreza, e a ensinou por palavras e pelo exemplo de tão admirável despojamento. Se os mortais não se aproveitassem desta medicação, o médico teria justificado sua causa, uma vez que lhes ofereceu a saúde e o remédio. Esta mesma doutrina Eu ensinei e pratiquei durante minha vida, e sobre ela a Igreja foi edificada pelos Apóstolos. O mesmo fizeram e ensinaram os Patriarcas e Santos que a tem reformado e sustentam. Todos amaram a pobreza como meio essencial da santidade e desprezaram as riquezas, incentivos de todo os males e raiz dos vícios (**1Tim 6, 10**).

Quero que ames e procures esta pobreza com todo empenho. Ela é o ornato das Esposas de meu Filho dulcíssimo, e quando nelas não a encontra, asseguro-te caríssima, que as desconhece e repudia por estranhas e monstruosamente dissemelhantes a Ele. De fato, não há proporção entre a esposa rica e cheia de coisas supérfluas, com o Esposo paupérrimo e totalmente despojado. Em tanta desigualdade não pode haver amor recíproco.

Pobreza e gratidão

690. Se, como filha legítima, queres imitar-me perfeitamente o quanto puderes, como é tua obrigação, claro está que Eu, pobre, não te reconhecerei por filha se não o fores, nem amarei em ti o que não quis para Mim.

Também te advirto a não esqueceres os benefícios que do Altíssimo recebes tão generosamente. Se não fores mui atenta e agradecida, com o peso e lentidão da natureza virás facilmente a cair no esquecimento e grosseria. Cada dia, relembra isto muitas vezes, dando sempre graças ao Senhor com amor e humildade. Entre todos os benefícios é estimável o ter-te chamado, esperado, suportado, perdoado tuas faltas e, não obstante tudo isto, ter multiplicado seus frequentes favores. Esta lembrança produzirá em teu coração doces impulsos de amor e energia para trabalhar com dedicação. No Senhor encontrarás graça e novas recompensas porque Ele sente grande complacência pelo coração fiel e agradecido. Ao contrário, ofende-se grandemente de que seus benefícios não sejam estimados e agradecidos. Fazendo-os com plenitude de amor, deseja ser correspondido com dedicação leal e afetuosa.

CAPÍTULO 29

A MÃE SANTÍSSIMA VESTE E CALÇA O INFANTE JESUS. ATOS DO MESMO SENHOR NESSA IDADE.

Maria veste o Menino Deus

691. Para vestir o Menino Deus com a pequena túnica que tecera e com as outras peças e sandálias que fizera com suas próprias mãos, a prudentíssima Senhora pôs-se de joelhos na presença de seu querido Filho, e lhe falou deste modo: Senhor altíssimo, Criador dos céus e da terra, Eu desejara vestir-vos, se fosse possível, de acordo com a dignidade de vossa divina pessoa. Quisera também, ter podido fazer a veste que vos trago, com o sangue de meu coração; julgo, porém, que vos agradará por ser pobre e humilde. Perdoai, Senhor meu, as faltas, recebei o afeto deste inútil pó e cinza e dai-me licença para vos vestir.

Aceitou o infante Jesus o obséquio de sua Mãe puríssima que logo o vestiu, calçou e pôs em pé.

A túnica serviu-lhe perfeitamente, apesar de não terem sido tiradas as medidas antes de fazer. Chegava até os pés, mas sem arrastar, e as mangas cobriam-lhe metade das mãos.

O decote era redondo, sem abertura, ajustado ao pescoço. Apesar disso, a divina Mãe vestiu-a pela cabeça do Menino. Não precisou abrir a peça porque a veste obedecia-lhe e se acomodava graciosamente segundo sua vontade.

Jesus nunca a despiu, até quando os verdugos o desnudaram para açoitá-lo e depois crucificar. Ela foi crescendo com o sagrado corpo, o mesmo acontecendo com as sandálias e demais peças que lhe pôs a cuidadosa Mãe.

Nada se gastou, nem envelheceu em trinta e dois anos. A túnica não perdeu a cor e brilho com que saiu das mãos da Senhora, e muito menos se manchou ou sujou. A veste que o Redentor do mundo depôs para lavar os pés dos Apóstolos **(Jo 13, 4)** era um manto que levava sobre os ombros. Fora feito também pela Virgem depois que voltaram para Nazaré. Foi crescendo como a túnica e era de sua mesma cor, um pouco mais escura, e tecido com o mesmo ponto.

O Menino Jesus começa a andar

692. O Menino, Senhor das eternidades, que desde seu nascimento havia estado envolto em panos e ordinariamente nos braços de sua Mãe santíssima, ficou em pé. Era belíssimo, mais do que todos os filhos dos homens **(Sl 44, 3)**.

Admiraram-se os Anjos de ter escolhido tão humilde e pobre trage, Aquele que veste os céus de luz e os campos de formosura.

Começou a andar perfeitamente na presença de seus Pais. Para os estranhos dissimulou um pouco este prodígio, e quando chegavam pessoas de fora a Rainha o recebia nos braços.

Incomparável foi o júbilo da divina Senhora e do santo Esposo José vendo seu Menino andar, e com tão rara beleza.

Até um ano e meio recebeu o leite de sua Mãe puríssima.

Depois comeu sempre pouco, tanto na quantidade como na qualidade.

A princípio, sua comida eram umas sopinhas de frutas ou peixe, temperadas com azeite. Enquanto foi crescendo dava-lhe a Virgem Mãe três refeições, como antes o seu leite: Pela manhã, à tarde e à noite.

O Menino jamais lhe pediu, mas a amorosa Mãe, com rara advertência, cuidava de lhe dar alimento no devido tempo, até que, já crescido, comia nas mesmas horas que os divinos Esposos, e não mais. Assim procedeu até a idade perfeita, conforme falarei adiante.

Quando comia com os Pais, estes sempre esperavam que o divino Menino desse a bênção no começo da refeição e a ação de graças no fim.

Maria recebeu o que todos os outros perderam

693. Depois que o infante Jesus principiou a andar, começou a retirar-se ao oratório de sua Mãe, e aí ficar por algum tempo. A prudentíssima Senhora desejava saber qual seria a vontade de seu Filho santíssimo: se estar só ou ficar com Ela.

Respondeu o Senhor ao seu pensamento, e lhe disse: Entrai, minha mãe, e ficai sempre comigo para me imitar e copiar minhas ações. Quero que em vós se cumpra e seja gravada a mais elevada perfeição que Eu tinha desejado para as almas.

Se elas não houvessem resistido à minha primeira vontade (**Tim 2, 4**), seriam repletas de santidade e receberiam copiosíssimos dons. Como entretanto, toda a linhagem humana se tornou inidônea para isso, quero que em Vós unicamente, se cumpra totalmente meu beneplácito. Em vossa alma serão depositados os tesouros e bens que as demais criaturas perderam. Atende, pois, às minhas ações para nelas me imitar.

Maria, discípula de Cristo

694. Por este mandato, a divina Senhora constituiu-se novamente discípula

de seu Filho santíssimo. Desde esse momento, passaram-se entre ambos tantos e tão ocultos mistérios, que não é possível descreve-los e só serão conhecidos na eternidade.

O Menino Deus, muitas vezes, prostrava-se no solo, outras ficava elevado da terra em posição de cruz, e sempre orava ao Pai pela salvação dos mortais. Em tudo era acompanhado e imitado por sua querida Mãe que via, não só os atos exteriores corporais de seu amado Filho, mas também as operações interiores de sua alma santíssima.

Sobre esta ciência e conhecimento de Maria puríssima, falei algumas vezes nesta História (1), e será forçoso repetir ainda, porque foi a luz e modelo por onde copiou a própria santidade. Este privilégio foi tão singular graça que não pode ser compreendido nem explicado por todas as criaturas reunidas.

Nem sempre gozava a grande Senhora da visão da divindade, mas sempre a teve da humanidade e alma santíssima de seu Filho e de todos os seus atos. Por especial modo contemplava os efeitos resultantes das uniões hipostática e beatífica. Ainda que, em substância, nem sempre via a glória e a união, era-lhe permanente a visão dos atos interiores com que a humanidade reverenciava, enaltecia e amava a divindade a que estava unida. Este favor foi singular prerrogativa para a Virgem Mãe.

A oração do Menino Deus

695. Acontecia em muitas dessas ocasiões, que o infante Jesus chorava e suava sangue na presença de sua Mãe santíssima; pois isto aconteceu muitas vezes, antes de sua agonia no horto. A divina Senhora limpava-lhe o rosto e no seu interior via a causa daquela angústia: a perdição dos réprobos, ingratos aos benefícios de seu Criador e Redentor, perdendo-se neles as obras do poder e da infinita bondade do Senhor.

Noutras vezes, sua feliz Mãe encontrava-o todo refulgente de luz, com os anjos a lhe cantarem suaves harmonias de louvor, enquanto o eterno Pai se comprazia em seu único e dileto Filho **(Mt 17, 5).**

Estes prodígios começaram quando o Menino Deus completou um ano e começou a andar. Apenas Maria santíssima foi testemunha deles, pois deviam ser depositados só no coração **(Lc 2, 19)** daquela que era a única e escolhida por seu Filho e Criador.

Os atos de amor, gratidão, louvor e reverência com que acompanhava o Menino Jesus; as súplicas que fazia pelo gênero humano; tudo excede minha capacidade para dizer o que conheço. Assim, remeto-me à fé e piedade cristã.

Jesus honra sua Mãe

696. O Menino Jesus ia crescendo, com admiração e agrado de todos os que o conheciam **(Cant 6, 18)**. Aos seis anos começou a sair de casa, algumas vezes, para ir aos hospitais, onde visitava os enfermos e necessitados, consolando-os em seus sofrimentos.

Em Heliópolis era bastante conhecido. A força de sua divindade e santidade atraia os corações, e muitas pessoas lhe ofereciam dádivas. Por razões que sua ciência conhecia, recusava algumas, outras aceitava e distribuía pelos pobres.

Suas palavras cheias de sabedoria, seu porte modestíssimo e grave despertava admiração, e muitos iam felicitar seus Pais por possuírem tal Filho.

Embora o mundo ignorasse os mistérios e dignidade de Filho e Mãe, o Senhor do mundo dava ocasião para sua Mãe santíssima ser honrada. N'Ele e por Ele era venerada, o quanto era possível então, sem conhecerem os homens a razão particular de lhes dar maior reverência.

O Menino Jesus e as crianças

697. Muitos meninos de Heliópolis aproximavam-se do infante Jesus, como costuma acontecer aos da mesma idade e semelhança exterior.

Como neles, a ingenuidade não ia investigar e julgar se era mais do que homem, e não tendo malícia que lhes impedisse a luz, o Mestre da verdade dava-a como lhes convinha. Informava-os da

1 - acima nº 481, 534, 546

existência da divindade e das virtudes, instruía-os no caminho da vida eterna, mais do que aos adultos. Sendo suas palavras vivas e eficazes (**Heb 4, 12**), atraia-os, imprimindo-as em seus corações, e todos os que tiveram esta felicidade, foram grandes santos. Com a passagem do tempo deram o fruto daquela celestial semente (**Lc 8, 8**) tão cedo semeada em suas almas.

Reverência de Maria pelo Menino Jesus

698. A divina Mãe tinha conhecimento destas admiráveis obras. Quando seu Filho santíssimo voltava de cumprir a vontade de seu eterno Pai (**Jo 4, 38 - 39**), cuidando das ovelhas que lhe confiara, estando ambos a sós, a Rainha dos anjos prostrava-se em terra para lhe agradecer os benefícios que fazia aos pequenos inocentes que não o conheciam por seu Deus verdadeiro. Em seguida beijava-lhe os pés como ao sumo Pontífice dos céus e da terra (**Heb 4, 14**). O mesmo fazia quando o Menino saia de casa, e Jesus, com agrado e benevolência filial mandava-a erguer-se do solo.

A Mãe pedia-lhe também a bênção para tudo quanto fazia. Jamais perdia ocasião de exercitar todos os atos de virtude com o afeto e a força da graça. A esta jamais deixou ociosa, mas empregava-a plenamente fazendo-a crescer.

A grande Senhora procurava meios e modos para praticar a humildade: adorava ao Verbo humanado com genuflexões profundas, amorosas prostrações e outras reverências cheias de santidade e prudência. Punha em tudo tanta sabedoria, que causava admiração aos próprios anjos que a assistiam.

Alternando divinos louvores, diziam uns aos outros: quem é esta criatura que flui tantas delícias (**Cant 8, 5**) para nosso Criador e seu Filho? Tão advertida e sábia em dar honra e reverência ao Altíssimo, que na atenção e presteza nos ultrapassa a todos com incomparável afeto?

Jesus Deus e Homem

699. Depois que o admirável e formoso Menino começou a andar, mostrava maior gravidade no trato e conversação com seus Pais, do que quando menor. Cessaram os afagos mais carinhosos, ainda que sempre tinham sido na medida que acima disse.

De seu semblante transparecia tanta majestade de sua oculta deidade que, se não o amenizasse com certa suavidade e agrado, muitas vezes causaria tão grande temor reverencial que não se atreviam a lhe falar.

Sua presença produzia na divina Mãe e também em São José, eficazes e divinos efeitos nos quais manifestava-se, tanto a força da divindade e seu poder, como a benignidade de piedosíssimo Pai.

Com esta grave majestade tratava a divina Mãe como filho, e a São José como a quem tinha o ofício de Pai; deste modo obedecia-lhes (**Lc 2, 51**) como filho humilíssimo a seus pais.

Com infinita sabedoria, conciliava a severidade com a obediência a majestade com a humildade, a gravidade divina com a afabilidade humana. Dava a cada virtude o que lhe competia, sem que se confundissem, e sem que a grandeza excluísse a simplicidade.

A celestial Senhora era atentíssima a todos estes mistérios e só Ela penetrava dignamente, quanto era possível à pura criatura, os atos de seu Filho santíssimo e o modo como com sua imensa sabedoria os praticava.

Seria intentar o impossível querer, com palavras, explicar os efeitos que tudo isso produzia em seu puríssimo espírito, e como imitava seu querido Filho, reproduzindo em si mesma a viva imagem de sua inefável santidade.

Não se pode contar as almas que converteram e salvaram em Heliópolis e no resto do Egito; os enfermos curados; os prodígios que operaram em sete anos que ali residiram.

Assim feliz para o Egito foi a culpa de Herodes e tanta é a força da bondade e sabedoria infinitas, que dirige os próprios males e pecados, deles tirando grandes bens. Se num lugar o recusam e fecham a porta para suas misericórdias, bate em outras e faz que lhas abram e dêem entrada (**Job 34, 24**).

As muitas águas de nossas culpas e ingratidões (**Cant 8, 7**) não conseguem extinguir sua ardente caridade e a propensão que sente para beneficiar a linhagem humana.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DOS CÉUS, MARIA SANTÍSSIMA.

A copiosa Redenção

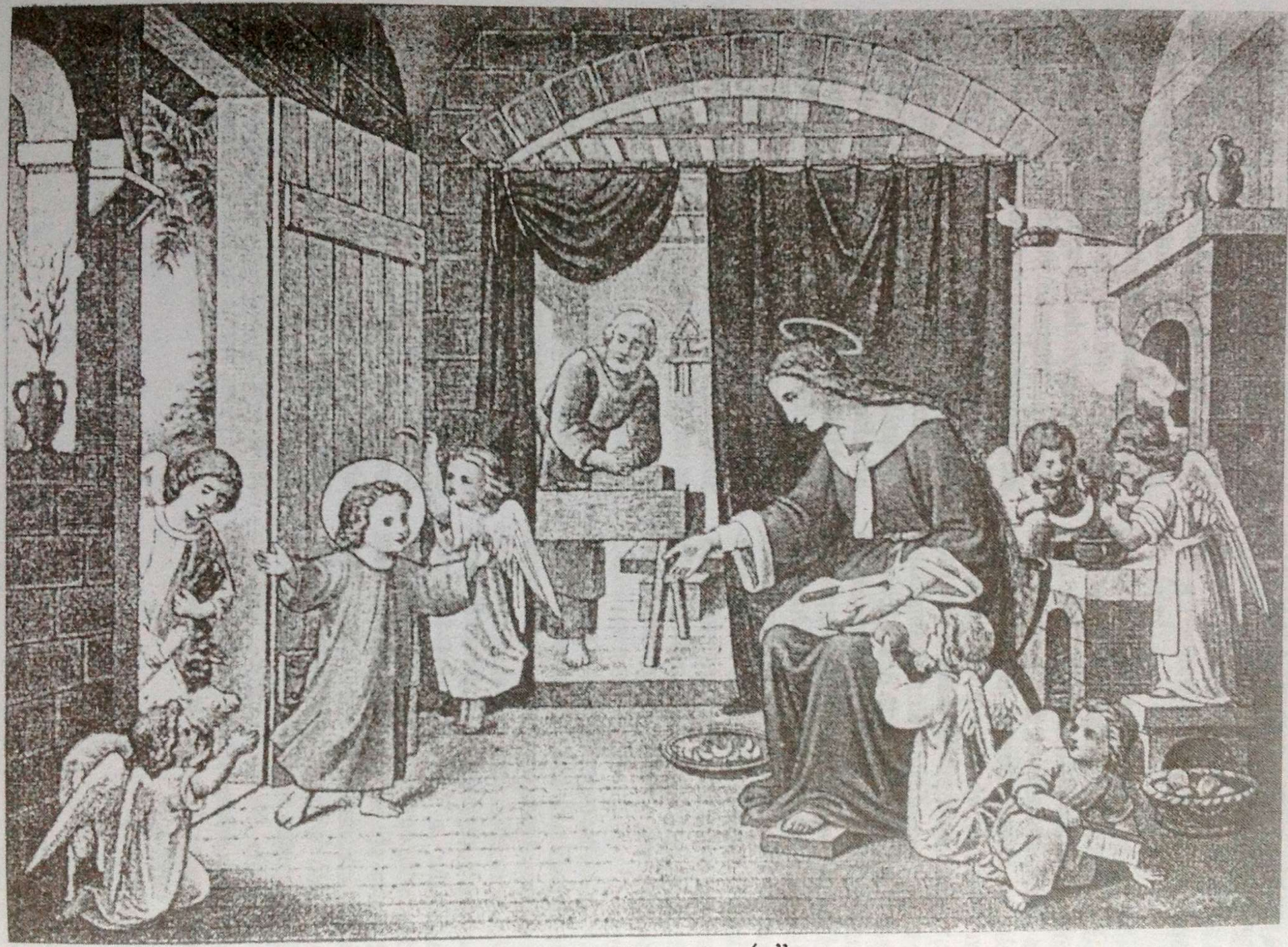
700. Minha filha, desde o primeiro mandato que recebeste para escrever esta História de minha vida, conheceste que, entre outras finalidades, desejava o senhor revelar ao mundo quanto os mortais, tão insensíveis e esquecidos, devem ao seu divino amor e ao meu. Verdade é que tudo se resume e manifesta em os ter amado até morrer por eles na cruz (**Jo 3, 16**), o ápice a que pôde chegar o efeito de sua imensa caridade. A muitos ingratíssimos, porém, causa fastio a lembrança deste benefício. Para estes, e para todos os mais, seria novo incentivo conhecer um pouco do que o Senhor fez por eles durante trinta e três anos, pois qualquer uma de suas obras foi de infinito preço e merece agradecimento eterno.

A Mim, o poder divino constituiu por testemunha de tudo, e asseguro-te, caríssima, que desde o primeiro instante em que foi concebido no meu seio, não descansou nem cessou de clamar ao Pai, suplicando-lhe a salvação dos homens. Desde aquela ocasião abraçou a cruz (**Heb 10, 5**) não só pelo afeto, mas também efetivamente, no modo que lhe era possível, usando a posição de crucificado. Prosseguiu estes exercícios no decorrer de toda sua vida. Neles O imitei, acompanhando-O nos atos e petições pelos homens, em seguida ao primeiro desses atos que foi o agradecimento pelos dons de sua humanidade santíssima.

No juízo não haverá misericórdia

701. Saibam agora os mortais que Eu, testemunha e cooperadora em sua salvação, sê-lo-ei também no dia do juízo, no qual a causa de Deus será plenamente justificada. Então, justissimamente negarei minha intercessão aos que desprezaram, e estultamente esqueceram, tantos e tão suficientes favores e benefícios, frutos do divino amor de meu Filho santíssimo e do meu. Que resposta, que desculpa alegarão, tendo sido tão avisados, advertidos e instruídos na verdade? Como os ingratos e obstinados hão de esperar misericórdia de um Deus justíssimo que lhes deu tempo abundante e propício, no qual os convidou, chamou, esperou e beneficiou com imensos favores que eles inutilizaram e perderam para seguir a vaidade? Teme, minha filha, esta cegueira e perigo, o maior que possa existir. Revive, em tua memória, as obras de meu Filho santíssimo e as minhas e com todo fervor as imita. Continua os exercícios na cruz, com licença da obediência, para neles atualizar o que deves imitar e agradecer.

Adverte que meu Filho e Senhor poderia, sem padecer tanto, redimir o gênero humano, mas por causa de seu imenso amor pelas almas quis aumentar suas penas. Para corresponder devidamente a tal dignação, as criaturas não devem contentar-se com pouco, como o fazem ordinariamente por infeliz ignorância. Quanto a ti, acrescenta uma virtude e sacrifício a outros, para satisfazer tua obrigação e acompanhar ao Senhor e a Mim no que trabalhamos no mundo. Oferece tudo pelas almas, apresentando ao Pai em união com os merecimentos do seu Filho.



"O VERBO se fez homem, e habitou entre nós."

CAPÍTULO 30

JESUS, MARIA E JOSÉ VOLTAM DO EGITO POR VONTADE DO ALTÍSSIMO.

O Pai eterno ordena a volta de seu Filho do Egito

702. O Menino Jesus ainda se encontrava no Egito ao completar sete anos de idade. Era este o prazo que a eterna Sabedoria destinara para aquele misterioso exílio, e, para se cumprirem as profecias, devia voltar a Nazaré.

O eterno Pai intimou sua vontade à humanidade de seu Filho santíssimo num dia em que, com a divina Mãe, fazia seus exercícios de oração. No espelho daquela alma deificada Ela conheceu como aceitou a vontade do Pai para cumpri-la. O mesmo fez a grande Senhora, ainda que no Egito já tinha mais conhecidos e devotos do que em Nazaré.

Filho e Mãe nada disseram a São José sobre aquela ordem recebida do céu, mas naquela noite um anjo do Senhor lhe falou em sonhos, como diz São Mateus **(2, 19)**. Avisou-o que tomasse o Menino e sua Mãe e voltasse à terra de Israel, pois Herodes, e os que procuravam matar o Menino, já tinham morrido.

Tanto desejava o Altíssimo a boa ordem de todas as coisas criadas que, sendo o Menino Jesus, Deus verdadeiro e sua Mãe tão superior em santidade a São José, não quis que a iniciativa da viagem à Galiléia partisse do Filho ou da Mãe santíssima, mas tudo remeteu a São José que, naquela divina família, tinha o ofício de chefe.

Quis dar exemplo e provar aos mortais que é do agrado de Deus que todas as coisas se organizem pela ordem natural estabelecida por sua providência. Os inferiores e súditos em seu corpo místico, ainda que sejam mais excelentes nas virtudes e outras qualidades, deverão obedecer e submeter-se aos seus superiores por ofício.

A sagrada Família obedece prontamente

703. Foi logo São José participar ao infante e a sua Mãe puríssima o mandato do Senhor, e ambos responderam que fosse cumprida a vontade do Pai celestial.

Sem demora dispuseram-se para a viagem. Distribuíram pelos pobres os poucos objetos que tinham em casa. O Menino Deus encarregou-se disso, pois muitas vezes a divina Mãe dava-lhe as ofertas para levar aos necessitados, conhecendo que o Menino, como Deus de misericórdias, queria fazer as esmolas por suas próprias mãos **(Mt 25, 40)**.

Quando a Mãe santíssima dava-lhe estas esmolas, punha-se de joelhos e dizia: tomai, Filho e Senhor meu, o que desejais para repartir com os pobres, nossos amigos e vossos irmãos.

Aquela feliz casa ficou santificada e consagrada em templo pelo sumo sacerdote Jesus que nela habitou sete anos. Nela passaram a viver umas pessoas das mais devotas e piedosas de Heliópolis. Sua santidade e virtudes lhes mereceram a felicidade que ainda não conheciam, embora, pelo que haviam visto e experimen-

tado, se julgassem afortunados de viver onde seus devotos forasteiros haviam permanecido tantos anos. Esta piedade e devoção lhes foi paga com abundante luz e auxílios para conseguirem a felicidade eterna.

Partida de Jesus, Maria e José

704. Partiram de Heliópolis para a Palestina com o mesmo acompanhamento dos anjos, como na vinda.

A grande Rainha montava um burrico com o Menino Deus ao seu lado, e São José caminhava à pé perto da Mãe e do Filho.

A despedida dos amigos e conhecidos foi muito dolorosa para todos os que perdiam tão grandes benfeitores. Com incríveis lágrimas e soluços despediam-se deles, confessando que perdiam todo seu consolo, amparo e remédio de suas necessidades.

Pelo amor que os egípcios tinham aos três, seria muito difícil que os deixassem sair de Heliópolis, sem a intervenção do poder divino.

Em seus corações sentiam descer a noite de suas misérias, com a ausência do sol que os iluminava e consolava **(Jo 1, 9)**.

Antes de entrarem na região desabitada, passaram por alguns lugares do Egito, e em todos foram derramando graças e benefícios.

Os prodígios que tinham operado até então, já não eram tão ocultos, e sua notícia chegara a todo aquele território. Por causa desta fama vieram muitos aflitos e necessitados em busca de cura, e todos a recebiam na alma e no corpo. Curaram muitos doentes e expulsaram multidões de demônios. Estes não sabiam quem os lançava nos abismos, ainda que sentiam a virtude divina que os oprimia, enquanto aos homens fazia tantos bens.

Efeitos da presença de Jesus, Maria e José

705. Não me detenho a referir os pormenores desta viagem de volta, pois não é necessário, nem seria possível sem alongar demais esta História. Basta dizer que todos os que se aproximaram de Jesus, Maria e José com alguma devoção, saíram de sua presença mais ou menos esclarecidos na verdade, socorridos pela graça e tocados pelo divino amor. Sentiam uma secreta força que os inclinava a seguir o bem, a deixar o caminho da morte e procurar o da vida.

Vinham ao Filho atraídos pelo Pai **(Jo 6, 44; 14, 6)**; voltavam ao Pai enviados pelo Filho, com a divina luz que fazia brilhar em seus entendimentos **(Jo 1, 9)** para conhecerem a divindade do Pai. Ainda que também a possuísse em Si, embora não fosse tempo de se revelar, sempre e em todo tempo estava em ação aquele divino fogo que viera acender no mundo **(Lc 12, 49)**.

Chegada à Palestina

706. Cumpridos no Egito os mistérios determinados pela divina vontade, nossos divinos peregrinos deixaram aquele país repleto de milagres e prodígios. Saíram da região habitada e entraram nos desertos por onde tinham vindo.

Sofreram trabalhos semelhantes aos que sucederam quando vieram da Palestina, pois o Senhor permitia que so-

breviesse a necessidade e tribulação para oferecer o remédio oportuno (**Sl 144, 15**).

Nesses apuros, enviava-lhes o necessário pelos santos anjos. Algumas vezes, como na primeira viagem (1); noutras era o Menino Jesus que lhes ordenava trazerem alimentos para sua Mãe santíssima e seu Esposo. Para que este gozasse mais desse favor, ouvia a ordem que dava aos ministros angélicos e via como obedeciam prontamente e o que traziam. Com isto, se animava e consolava o santo Patriarca na pena de não ter o sustento necessário para o Rei e Rainha dos céus.

Noutras ocasiões, o Menino Deus usava de seu poder divino e fazia um pedaço de pão multiplicar-se na quantidade necessária. O mais desta viagem passou-se como falei no capítulo 22 da primeira parte, pelo que não julgo necessário repetir.

Ao chegar nas fronteiras da Palestina, o cuidadoso Esposo teve notícia de que Arquelau sucedera Herodes, seu pai, no reino da Judéia (**Mt 2, 22**). Temendo que, com o reino, tivesse herdado o ódio pelo infante Jesus, desviou o caminho. Sem subir a Jerusalém, nem pisar na Judéia, atravessou a terra da tribo de Dan e Issacar em direção à Galiléia inferior, caminhando pela costa do mar Mediterrâneo e deixando Jerusalém à direita.

Chegada à Nazaré

707. Dirigiram-se à Nazaré, sua terra, pois o Menino deveria ser chamado Nazareno (**Mt 2, 23**). Ali encontraram sua antiga e pobre casa aos cuidados daquela santa mulher, prima de São José em terceiro grau. Como disse no terceiro livro, capítulo 17, nº 227, era a mesma que o servira, enquanto nossa Rainha esteve ausente, na casa de Santa Isabel. Quando partiram ao Egito, antes de sair da Judéia, o santo Esposo escrevera-lhe recomendando-lhe cuidar da casa e do que nela havia deixado.

Encontraram tudo em muita ordem, e a prima que os recebeu com grande alegria pelo amor que dedicava à nossa grande Rainha, embora não conhecesse sua dignidade.

Entrou a divina Senhora com seu Filho santíssimo e seu Esposo José. Prostrou-se em terra, adorou o Senhor, dando-lhe graças por tê-los trazido em paz, livres da crueldade de Herodes, defendidos dos perigos de seu desterro e de tão longas e cansativas caminhadas; acima de tudo de trazer seu Filho santíssimo tão crescido e cheio de graça e virtude (**Lc 2, 40**).

O trabalho de São José

708. A divina Mãe organizou logo sua vida e exercícios pelas disposições do Menino Deus. Não quer dizer que durante a viagem tenha descuidado coisa alguma, pois a prudentíssima Senhora constantemente imitava as ações perfeitíssimas de seu Filho santíssimo. Estando, porém, na quietude de sua casa, poderia fazer muitas coisas, que fora dela não era possível, ainda que, em qualquer parte seu principal exercício era colaborar com seu Filho santíssimo na salvação das almas, missão a eles confiada pelo eterno Pai.

Para esta altíssima finalidade, ordenou nossa Rainha seus exercícios junto com o Redentor, e neles se ocupou, como veremos no decorrer desta parte.

O santo esposo José também dispôs o que se referia ao seu trabalho para ganhar o sustento do Menino Deus, de sua Mãe e dele próprio.

Tanta foi a felicidade deste santo Patriarca que, se para os demais filhos de Adão, trabalhar, ganhar o sustento com o suor do rosto (**Gn 3, 16**) foi pena e castigo, - para São José foi bênção e consolo sem igual ser escolhido para, com seu trabalho e suor alimentar o próprio Deus e sua Mãe a quem pertencia o céu, a terra e tudo quanto contém (**Est 13, 10 - 11**).

Gratidão e humildade da Senhora

709. A Rainha dos anjos tomou por sua conta agradecer a solicitude de São José. Retribuía-lhe com seu serviço, cuidava de sua frugal alimentação e bem estar com incomparável atenção, cuidado, gratidão e benevolência.

Era-lhe obediente em tudo, humilde na própria estima, como se fôra serva

1 - Nº 534

e não esposa, e acima de tudo Mãe do mesmo Criador e Senhor de tudo. Julgava-se indigna de tudo o que existia e da própria terra que a sustentava, pois achava que, por justiça, tudo lhe devia faltar.

No conhecimento de ter sido criada do nada, sem ter podido obrigar a Deus para este favor, nem depois para qualquer outro, conforme julgava, fundamentou tão rara humildade. Sempre vivia apegada ao pó e mais aniquilada que ele em sua própria estimação.

Qualquer benefício, por pequeno que fosse, com admirável sabedoria, agradecia ao Senhor como primeira origem e causa de todo o bem, e às criaturas como instrumentos de seu poder e bondade. A uns agradecia por lhe fazer benefícios; a outros porque lhos negavam; a outros porque a suportavam. A todos se reconhecia devedora, enchendo-os de bênçãos de doçura.

Colocava-se aos pés de todos, procurando meios, artifícios, idéias e indústrias para não perder oportunidade alguma de praticar o mais santo, perfeito elevado das virtudes, com admiração dos anjos, agrado e beneplácito do Altíssimo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU

Espírito de fé

710. Minha filha, nos sucessos que Deus dispôs para mim, mandando-me peregrinar de uns lugares para outros, nunca se perturbou meu coração, nem se contristou meu espírito, porque sempre o tive preparado para cumprir em tudo a vontade divina. Às vezes, o Senhor me dava conhecimento das altíssimas razões de suas obras, mas não era sempre no princípio, para que Eu mais padecesse. A submissão da criatura não deve procurar outras justificações além da autoridade e disposições do Criador. Este conhecimento é suficiente para as almas que aprenderam a comprazer o Senhor.

Não fazem distinção entre sucessos prósperos e adversos e não seguem o sentimento das próprias inclinações. Quero que progridas nesta sabedoria. Imitando-me, e pelo que deves a meu Filho santíssimo, recebe o próspero e o adverso da vida mortal com igual semblante e serenidade de ânimo. Que o adverso não te contriste e o próspero não te desvaneça em vã alegria; vê apenas que tudo é ordenado pelo beneplácito do Altíssimo.

Despredimento e paz

711. A vida humana é tecida com diversidade de sucessos: uns agradáveis, outros penosos; uns que desgostam, outros que se desejam. Sendo a criatura de coração limitado e estreito, daqui lhe nasce a diferença com que se inclina aos extremos de aceitar com demasiado gosto o que ama e deseja, e se desconsolar e entristecer com o que aborrece e não deseja. Estas mudanças e vai-e-vens fazem perigar todas ou muitas virtudes. O amor desordenado por alguma coisa que não consegue move logo a apetecer outras, procurando com novos desejos compensar a pena das que não obteve. Se as consegue se embriaga e descontrola no gosto de ter o que apetecia. Com tais veleidades desliza para maiores desordens de diferentes movimentos e paixões. Adverte, pois, caríssima, este perigo e corta-o pela raiz conservando livre o teu coração. Atende somente à divina Providência sem o deixar prender-se ao que apeteces e te dá gosto, nem se contrariar com o que te for penoso. Alegra-te e deleita-te somente na vontade de teu Senhor. Não te agitem os desejos, nem te acovardem os temores de qualquer sucesso. As ocupações exteriores não sejam impedimento nem distração para teus santos exercícios, e muito menos o respeito humano. Em tudo recorda como Eu fazia e, afetuosa e deligente segue minhas pegadas.

ÍNDICE

2ª PARTE

CONTÉM OS MISTÉRIOS DESDE A ENCARNAÇÃO DO VERBO DIVINO EM SEU VIRGINAL SEIO, ATÉ A ASCENÇÃO AO CÉU.

TERCEIRO LIVRO

Contém a altíssima disposição que o Todo-Poderoso operou em Maria Ssma. para a Encarnação do Verbo; o que se refere a este mistério; o eminentíssimo estado em que ficou a feliz Mãe; a visitação a Sta. Isabel e santificação do Batista; a volta a Nazaré e uma grande batalha que travou com Lúcifer.

CAPÍTULOS	Nºs	PAG.
Introdução		I a X
CAPÍTULO 1 Durante nove dias precedentes, começa o Altíssimo a dispor Maria Ssma. para o mistério da Encarnação. Declara-se o que sucedeu no primeiro dia	001 a 015	3
CAPÍTULO 2 Continua o Senhor o segundo dia de preparação de Maria Ssma. para a Encarnação do Verbo	16 a 26	9
CAPÍTULO 3 Prossegue sobre o que o Altíssimo concedeu à Maria Ssma. no terceiro dia dos nove que precederam a Encarnação	27 a 37	13
CAPÍTULO 4 Graças concedidas pelo Altíssimo à Maria Ssma. no quarto dia da novena	38 a 46	17

CAPÍTULOS	Nºs	PAG.
CAPÍTULO 5		
Manifesta o Altíssimo à Maria Ssma. os mistérios e obras do quinto dia da criação. Sua Alteza pede novamente a Encarnação do Verbo.	47 a 58	21
CAPÍTULO 6		
O Altíssimo manifesta à Maria, Senhora nossa, as obras do sexto dia da criação e outros mistérios	59 a 69	25
CAPÍTULO 7		
Celebra o Altíssimo novo desposório com a Princesa do céu, a fim de prepará-la para as bodas da Encarnação	70 a 86	29
CAPÍTULO 8		
É atendida a súplica que nossa grade Rainha faz, diante do Senhor, para a realização do mistério da Encarnação e da Redenção humana	87 a 98	35
CAPÍTULO 9		
Preparação final de Maria Ssma. para a Encarnação. Concedendo-lhe novas graças e dons, o Altíssimo confirma-a no título de Rainha de toda a criação	99 a 108	39
CAPÍTULO 10		
O arcanjo S. Gabriel é enviado pela beatíssima Trindade para anunciar à Maria Ssma. que fora escolhida para Mãe de Deus	109 a 122	43
CAPÍTULO 11		
Maria Ssma. recebe a anunciação do Anjo. Realiza-se o mistério da Encarnação	123 a 143	47
CAPÍTULO 12		
Operações realizadas pela alma santíssima de Cristo, Senhor nosso, no primeiro instante de sua conceição, e o que então realizou sua Mãe puríssima	144 a 157	55
CAPÍTULO 13		
Estado de Maria Ssma. depois da Encarnação do Verbo divino em seu virginal seio	158 a 179	61
CAPÍTULO 14		
Procedimento de Maria Ssma. durante o período de sua gestação e alguns fatos desse tempo	180 a 189	69
CAPÍTULO 15		
Maria ssma. conhece ser vontade do Senhor que ela visite Sta. Isabel pede permissão a S. José, sem nada lhe manifestar	190 a 199	73
CAPÍTULO 16		
Viagem de Maria em visita a Sta. Isabel e sua chegada à casa de Zacarias	200 a 214	77

CAPÍTULOS	Nºs	PAG.
CAPÍTULO 17		
A saudação da Rainha do céu a Sta. Isabel e a santificação de S. João	215 a 230	83
CAPÍTULO 18		
Modo de vida que Maria Ssma. seguiu na casa de Zacarias e alguns fatos com Sta. Isabel	231 a 242	89
CAPÍTULO 19		
Colóquios de Maria Ssma. com os anjos e com Sta. Isabel	243 a 253	95
CAPÍTULO 20		
Alguns singulares favores feitos por Maria Ssma., na casa de Zacarias, a determinadas pessoas	254 a 260	99
CAPÍTULO 21		
Sta. Isabel pede à Rainha do céu que espere o nascimento de João	261 a 269	103
CAPÍTULO 22		
O nascimento do Precursor de Cristo. Atos da soberana Senhora, Maria Ssma. nessa ocasião	270 a 282	107
CAPÍTULO 23		
Instruções de Maria Ssma. à Sta Isabel. Circuncisão do Batista e profecia de Zacarias	283 a 303	113
CAPÍTULO 24		
Volta de Maria Ssma. para Nazaré	304 a 313	121
CAPÍTULO 25		
Viagem de Maria Ssma. ao voltar da casa de Zacarias pra Nazaré	314 a 321	125
CAPÍTULO 26		
Conciliábulo dos demônios no inferno contra Maria Ssma.	322 a 334	129
CAPÍTULO 27		
Maria Ssma. é prevenida pelo Senhor para os combates com Lúcifer. Princípio das perseguições do dragão	335 a 358	135
CAPÍTULO 28		
Continua Lúcifer e suas sete legiões a tentar Maria Ssma.. Vencido é esmagada a cabeça do dragão	359 a 374	143

QUARTO LIVRO

Contém os receios de S. José ao conhecer a gravidez de Maria ssma. - O nascimento de Cristo, nosso Senhor - Sua circuncisão - Adoração dos Reis magos - Apresentação do Menino Jesus no templo - Fuga para o Egito - Morte dos inocentes e volta a Nazaré.

CAPÍTULOS	Nºs	PAG.
CAPÍTULO 1 S. José nota a gravidez de sua Esposa, a virgem Maria e entra em grande perplexidade, pois não tivera parte nela.....	375 a 387	151
CAPÍTULO 2 Crescem os receios de S. José. Resolve deixar sua esposa e recorre à oração.....	388 a 396	157
CAPÍTULO 3 O anjo do Senhor fala a S. José, em sonhos, e lhe declara o mistério da Encarnação. O que resulta desta embaixada.....	397 a 406	161
CAPÍTULO 4 S. José pede perdão a Maria Ssma. sua esposa, e a divina Senhora o consola com grande prudência.....	407 a 417	167
CAPÍTULO 5 S. José quer se constituir reverente servo de Maria Ssma. Reação da Virgem e proceder de ambos.....	418 a 427	173
CAPÍTULO 6 Palestras entre Maria Ssma. sobre coisas divinas e outros acontecimentos admiráveis.....	428 a 437	179
CAPÍTULO 7 Maria Ssma. prepara o enxoval para o Menino Deus, com ardentíssimo desejo de o ver nascido.....	438 a 447	185
CAPÍTULO 8 O edito do imperador Cesar Augusto para recensear o Império. O que fez S. José.....	448 a 455	191
CAPÍTULO 9 Viagem de Maria Ssma. de Nazaré a Belém, em companhia de seu santo esposo José, e dos anjos que a assistiam...	456 a 467	195
CAPÍTULO 10 Cristo nasce da Virgem Maria, em Belém da Judéia.....	468 a 488	201
CAPÍTULO 11 Os santos anjos anunciam o nascimento do Salvador em diversas partes. Adoração dos pastores.....	489 a 499	209
CAPÍTULO 12 O demônio e o mistério do nascimento de Cristo. Outros fatos até a circuncisão.....	500 a 512	213

CAPÍTULOS **Nºs** **PAG.**

CAPÍTULO 13
Maria Ssma. conhece ser vontade de Deus a circuncisão de seu Unigênito Filho. Trata do assunto com S. José. Vem do céu o ssmo. nome de Jesus. . . . . 513 a 529 219

CAPÍTULO 14
O Menino Deus é circuncidado e recebe o nome de Jesus. . . . . 530 a 539 225

CAPÍTULO 15
Maria Ssma. permanece com o Menino Deus na gruta, desde o nascimento até a vinda dos Reis. . . . . 540 a 551 229

CAPÍTULO 16
Vinda dos três Reis magos do oriente para adorar o Verbo encarnado. . . . . 552 a 564 235

CAPÍTULO 17
Segunda adoração dos Reis. Oferecem os seus presente e voltam a suas terras. . . . . 565 a 572 241

CAPÍTULO 18
Maria e José distribuem os dons dos Reis magos. Permanecem em Belém até a apresentação do menino Jesus no Templo. . . . . 573 a 584 245

CAPÍTULO 19
Maria e José vão a Jerusalém para apresentar o Menino Jesus no Templo, em cumprimento da Lei. . . . . 585 a 595 251

CAPÍTULO 20
A apresentação do Menino Jesus no Templo. . . . . 596 a 605 255

CAPÍTULO 21
Deus previne Maria Ssma. para a fuga ao Egito, e o anjo comunica a S, José. . . . . 606 a 618 259

CAPÍTULO 22
Jesus, Maria e José partem para o Egito acompanhados pelos anjos e chegam à cidade de Gaza. . . . . 619 a 629 265

CAPÍTULO 23
Jesus, Maria e José prosseguem a viagem de Gaza até Heliópolis no Egito. . . . . 630 a 640 271

CAPÍTULO 24
Jesus, Maria e José chegam à cidade de Heliópolis no Egito, e os prodígios que então acontecem. . . . . 641 a 652 277

CAPÍTULO 25
Jesus, Maria e José se estabelecem na cidade de Heliópolis. . . 653 a 663 283

CAPÍTULOS	Nºs	PAG.
CAPÍTULO 26		
Prodígios que Maria Ssma., S. José e o infante Jesus realizaram em Heliópolis, no Egito.	664 a 671	289
CAPÍTULO 27		
Herodes manda matar os inocentes. Maria tem conhecimento do fato. São João foi escondido.	672 a 680	293
CAPÍTULO 28		
O Menino Jesus completa um ano de idade, fala a S. José e começa a andar. Maria celebra o dia da Encarnação e do Natal..	681 a 690	297
CAPÍTULO 29		
A Mãe Ssma. veste e calça o infante Jesus. Atos do mesmo Senhor nessa idade.	691 a 701	301
CAPÍTULO 30		
Jesus, Maria e José voltam do Egito por vontade do Altíssimo.	702 a 711	307